

***A WORLD OF EUPHEMISM.***  
**REPRESENTAÇÕES DE MACAU**  
**NA OBRA DE AUSTIN COATES:**  
***CITY OF BROKEN PROMISES***  
**ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO**  
**E *BILDUNGSROMAN* FEMININO**



TEXTOS UNIVERSITÁRIOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

***A WORLD OF EUPHEMISM.***  
**REPRESENTAÇÕES DE MACAU**  
**NA OBRA DE AUSTIN COATES:**  
***CITY OF BROKEN PROMISES***  
**ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO**  
**E *BILDUNGSROMAN* FEMININO**

ROGÉRIO MIGUEL PUGA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

Título – *A WORLD OF EUPHEMISM*. REPRESENTAÇÕES DE MACAU  
NA OBRA DE AUSTIN COATES: *CITY OF BROKEN PROMISES*  
ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO E *BILDUNGSROMAN* FEMININO

Autor – ROGÉRIO MIGUEL PUGA

Gravura da capa – George Chinnery (1774-1852). *Gouache*. Macau.  
Fotografia (Photograph courtesy): Peabody Essex Museum

Edição – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Tiragem – 500 exemplares

Paginação, impressão e acabamentos – BARBOSA & XAVIER, LDA. - Artes Gráficas  
Braga

© FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Maio de 2009

Depósito legal n.º 292069/09

ISBN: 978-972-31-1290-0



*À minha mãe, Maria da Conceição Nunes do Deserto de Puga.  
Por tudo.*



## AGRADECIMENTOS

Um trabalho de investigação é sempre o resultado de uma convergência de esforços de pessoas e instituições, pelo que gostaríamos de agradecer a todos os Mestres, amigos e colegas que contribuíram para a consecução dos objectivos a que nos propusemos durante a preparação da presente tese, enriquecendo os seus resultados.

As primeiras palavras de profunda gratidão vão para o Professor Doutor João Paulo Ascenso Pereira da Silva, orientador do presente estudo, cujos saber, empenho, amizade, permanente disponibilidade e apoio humano, científico e pedagógico tornaram as tarefas de investigação e redacção um agradável percurso de aprendizagem e de viagem rumo à Macau anglo-portuguesa de outros tempos. Queremos manifestar também o nosso agradecimento à Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa por todo o saber e entusiasmo que nos transmite desde os tempos da nossa licenciatura. Agradecemos ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa (Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), orientador do nosso projecto «Macau e o Extremo Oriente nas Fontes Inglesas dos Séculos XVII-XVIII», cujos saber, amizade e sugestões, ao longo de três anos (2000-2003), enriqueceram o nosso conhecimento no que diz respeito às expansões portuguesa e inglesa. Esse mesmo projecto foi possível graças a uma bolsa da Fundação Oriente, a quem agradecemos a possibilidade de, durante três anos, termos podido desenvolver investigação na British Library (India Office Records); na School of Oriental and African Studies; na Wellcome Library; na Universidade de Cambridge; no Public Record Office; no Institute of Historical Research (Senate House, Londres) e no National Maritime Museum (Greenwich). Agradecemos o apoio financeiro da Fundação Luso-Americana que nos possibilitou investigar na Biblioteca do Congresso (Washington D.C.), na Massachusetts Historical Society (Boston) e na New York Historical Society, em 2005. Pela bolsa de estudo que nos proporcionou duas desloca-

ções a Macau e Hong Kong para investigação, agradecemos à Fundação Macau e ao Instituto Ricci de Macau.

A nível particular, muitos foram os que contribuíram para a elaboração desta tese. O Dr. Jin Guo Ping, amigo com quem nos familiarizámos com inúmeros termos, conceitos e especificidades da cultura chinesa e conversámos longamente sobre a História de Macau. Agradecemos ao embaixador Gabriel Mesquita de Brito, amigo de Austin Coates, o apoio que facilitou à pesquisa em torno das vivências orientais do escritor; ao Sr. Fung Kwai-yim, herdeiro de Coates, a cedência de documentos e artigos e as conversas sobre o escritor, que enriqueceram o nosso conhecimento da vida do mesmo. Recordamos com gratidão as longas e agradáveis trocas de ideias sobre Austin Coates que mantivemos com o Professor Doutor John Villiers (King's College, Londres) e com o Professor Doutor James Cummins (Universidade de Londres), que nos forneceu artigos sobre Coates e documentação que recolheu do espólio pessoal do autor, em Colares (18-05-1997), material que se encontra ainda inédito. Agradecemos ainda ao Professor Doutor Paul Rule (Austrália) as informações inéditas recolhidas no espólio pessoal de Jack M. Braga, na Biblioteca Nacional de Canberra, instituição que nos enviou e autorizou a publicar o poema inédito de Coates, «Macau»; ao Prof. Doutor António Martins do Vale, a indicação de referências quer à figura histórica de Marta Van Mierop, em fontes portuguesas e do Arquivo da *Propaganda Fide* (Vaticano), quer aos ingleses nas fontes lusas relativas a Macau, e ao padre Manuel Teixeira, que nos enviou, de Macau (2001), duas cartas nas quais respondeu a algumas questões que lhe colocámos sobre o romance e a sua recepção no enclave. Pela ajuda na transcrição do testamento inédito de Thomas Kuyck Van Mierop, agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Mafalda Moura Pereira (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra). Ao Dr. Jorge Prieto agradecemos os arranjos gráficos do texto original; à mestre Catarina Crespo de Castro, a leitura atenta de parte do manuscrito numa primeira fase do trabalho, à Dr.<sup>a</sup> Eugénia Aires, a amizade e a oferta oportuna de vários romances portugueses sobre Macau que enriqueceram a nossa interpretação de *City of Broken Promises*, e à Isilda, ao Francisco, e ao Gabriel Cunha, a amizade e as inúmeras semanas durante as quais partilharam connosco o seu lar em Londres.

Aqui fica também uma palavra de agradecimento aos técnicos e responsáveis das várias instituições a que recorremos frequentemente, entre as quais: o Arquivo Histórico de Macau; a Santa Casa da Misericórdia de Macau; o Arquivo Histórico Ultramarino; o Instituto de Arquivos Nacionais/Torre do Tombo; o Centro Científico e Cultural de Macau; a Biblioteca Nacional; a Sociedade de Geografia de Lisboa; a British Library; a Wellcome Library; o Public Record Office; a Biblioteca da Universidade de Hong

Kong; a Biblioteca da School of Oriental and African Studies; a Caird Library do National Maritime Museum e as bibliotecas das Universidades de Cambridge e de Londres (Senate House).

Gostaríamos também de expressar a nossa profunda gratidão aos membros do júri que avaliaram e discutiram connosco o presente trabalho em Fevereiro de 2007, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, as Professoras Doutoras Adelaide Meira Serras, Fátima Marinho, Luísa Flora, Maria Leonor Machado de Sousa, e os Professores Doutores Carlos Ceia, João Paulo A. Pereira da Silva e João Paulo Oliveira e Costa, cujas recomendações enriqueceram esta versão agora publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, a quem também agradecemos a honra de poder partilhar com uma comunidade de leitores mais alargada a nossa tese de doutoramento.

*Last but not least*, não queremos deixar de agradecer o apoio manifestado pela ‘minha’ mãe, bem como o extremo carinho e a preocupação constante quando «as horas ao computador» se estendiam, e aos familiares e amigos cujos apoio e amizade nos acalentaram, mesmo durante as longas ausências a que um trabalho de investigação nos força, e que nos souberam afastar dos livros e do computador nos momentos certos.



## *SUMÁRIO*

Data do século XVI o início da representação de Macau na literatura inglesa, fenómeno que se acentua no romance inglês a partir da fundação de Hong Kong (1841). A obra literária de Austin Coates (1922-1997), pouco estudada até à data, presta-se a uma análise no âmbito dos estudos anglo-portugueses, sobretudo no que diz respeito à imagem do referido enclave no poema inédito «Macao» (1950) e no romance *City of Broken Promises* (1967), que classificamos simultaneamente como romance histórico e *Bildungsroman* feminino. As imagens de cariz realista da Cidade do Santo Nome de Deus de Macau presentes nessas obras, bem como na literatura inglesa em geral, aproximam-se de referentes extratextuais que o leitor informado reconhece como específicos desse espaço histórico, como revelamos através da análise da documentação da East India Company (1600-1793) e de inúmeros relatos de viagem, de forma a estudar quer a ficcionalização das relações anglo-portuguesas e a presença inglesa no Sul da China entre os séculos XVII-XVIII, quer a inter-relação entre história e literatura na obra de Austin Coates.

O presente trabalho tem, assim, como objectos de estudo a história da presença inglesa em Macau (1635-1793) e a representação dessa cidade na obra literária de Coates através da comparação da mesma com os estudos historiográficos do autor sobre o território, do cruzamento de fontes portuguesas, inglesas e chinesas e de uma abordagem pluridisciplinar (estudos literários, história, antropologia, estudos urbanos, sociolinguística), pois a natureza híbrida de *City of Broken Promises* enquanto romance histórico assim o exige. A representação da cidade histórica no texto de que nos ocupamos é conseguida, como comprovamos, através do recurso a temáticas e estratégias literárias como: o diário (ficcional) de Thomas Van Mierop, a descrição do contexto da acção (tempo e espaço históricos e simbólicos) e do processo de formação (*Bildung*) de Martha da Silva Van Mierop, figura histórica recuperada pelo romance;

a toponímia; as figuras históricas; as fontes de arquivo; o exercício da intertextualidade; a dimensão etno-histórica e exótica do cronótopo urbano; a condição feminina e a vivência e as relações de classe, género e etnia, abordando o presente estudo também a recepção do romance em Macau e no espaço anglófono. A estrutura da cidade histórica associa-se à estrutura do processo de aprendizagem de Martha, enquanto as esferas doméstica e pública se abrem ao longo do processo de socialização da protagonista. A história pessoal, local e nacional, bem como a memória e a formação da jovem concorrem para a descrição da Macau setecentista, urbe, por sua vez, apresentada como intemporal no poema «Macao».

Enquanto a referida composição poética remete para os Descobrimentos portugueses e para a dimensão luso-chinesa do enclave, *City of Broken Promises* assume-se como um romance inovador, na medida em que representa a estada dos sobrecargas da East India Company em Macau entre os intervalos das *trading seasons* de Cantão na segunda metade do século XVIII, sendo a primeira narrativa ficcional a ocupar-se da presença britânica no território sob administração portuguesa. O estudo desta última temática permite-nos, assim, contextualizar a representação realista da cidade na literatura anglófona e sobretudo na obra de Coates, nas quais o enclave se assume como um espaço histórico e simbólico da convivência secular de lusos, chineses e britânicos no Extremo Oriente, até onde se estende a aliança anglo-portuguesa.



## ***ABSTRACT***

Although the first depiction of Macao in English literature dates from the 16<sup>th</sup> century, it appeared more widely in English novels after Hong Kong was founded in 1841. The little studied works of Austin Coates (1922-1997) allow an analysis within the field of Anglo-Portuguese studies. More particularly, his work focuses on the enclave's image through the unpublished poem "Macao" (1950) and the novel *City of Broken Promises* (1967), which I would classify as both a historical novel and a female *Bildungsroman*. The realistic images of the City of the Holy Name of God of Macao shown in these works, and in English literature in general, are similar to extra-textual references that the informed reader will recognise as specific to that historical location. This will be demonstrated through analysis of documents from the East India Company (1600-1793) and countless travel reports, used to study the fictionalisation of Anglo-Portuguese relations and the English presence in Southern China in the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries, and the relations interrelating History and Literature in the work of Austin Coates.

The aim of this work is to study the history of the British presence in Macao (1635-1793) and the representation of Macao in the literary work of Coates by comparing it with his historiographic studies on the territory, cross-referencing Portuguese, English and Chinese sources and adopting a multidisciplinary approach (embracing Literary Studies, History, Anthropology, Urban Studies and Sociolinguistics), as required by the hybrid nature of the text as a historical novel. The portrayal of the historical city in *City of Broken Promises* is achieved by using literary themes and strategies such as: the (fictional) diary of Thomas Van Mierop, the description of the context of the action (historical and symbolic time and space) and of the process of the personal development (*Bildung*) of Martha da Silva Van Mierop, a historical character who is portrayed in the novel; the place-names; the historical figures; the

archival sources; the use of intertextuality; the ethno-historical and exotic aspect of the urban chronotope; the female condition and experience and the relationships involving class, gender and ethnicity. This study also considers the reception of the novel in Macao and in the Anglophone space in general. The structure of the historical city is linked to the process of Martha's development, as the domestic and public spheres open up throughout the process of the character's socialisation. The personal, local and national history and the young woman's memory and development combine to produce a description of 18<sup>th</sup> century Macao, a city that is in turn depicted as timeless in the poem "Macao".

While the poem refers to the Portuguese discoveries and the Luso-Chinese nature of the enclave, *City of Broken Promises* appears as an innovative novel in that it represents the period when the supercargoes from the East India Company were in Macao during the time between the Cantonese trading seasons in the second half of the 18<sup>th</sup> century. The former is the first English fictional narrative that deals with the British presence in the Portuguese-ruled territory. The study of this theme allows us to contextualise the realistic portrayal of the city in Anglophone literature and especially in Coates' work, where the enclave is depicted both as a historical and symbolic place for the long-established links between the Portuguese, Chinese and British in the Far East.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### Parte Primeira

1. «Austin Coates e Mickey (1933)». Fonte: Eric Coates, *Suite in Four Moments: An Autobiography*, William Heinemann, Londres, 1953, s./p. (foto do autor) ..... 41
2. «Coates nos Novos Territórios de Hong Kong (1954)». Fonte: Austin Coates, *Myself a Mandarin*, Oxford University Press, Oxford, 1990 (capa) ..... 43
3. «Austin Coates em Hong Kong (anos 60)». Fonte: Anónimo [obituário], «Austin Coates: Composer's Son who Explored the Islands of the South Seas», *Daily Telegraph*, vol. 44, n.º 994, 26-03-1997 (p. 27) ..... 46
4. «Austin Coates (anos 80)». Fonte: reprodução gentilmente cedida pelo Sr. Fung way yim ..... 49
5. «Austin Coates em Colares (1996)». Fonte: João Guedes, «The Gentleman of Colares», *MacaU*, edição especial inglesa, 1997 (p. 139) ..... 50
6. «Austin Coates na Rua das Horas da Paz, Colares (1996)». Fonte: João Guedes, «The Gentleman of Colares», *MacaU*, edição especial inglesa, 1997 (p. 135) ..... 51

### Parte Terceira

1. «Capa da terceira edição de *City of Broken Promises* (1990)». Reprodução do retrato de corpo inteiro de Marta da Silva Van Mierop (c. 1815), que se encontra no Museu da Santa Casa da Misericórdia de Macau ..... 209

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADM.	Admiralty (Public Record Office)
A.H.G.	Arquivo Histórico de Goa
<i>A.M.</i>	<i>Arquivos de Macau</i>
A.H.M.	Arquivo Histórico de Macau, Macau
A.H.U.	Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa
B.A.	Biblioteca da Ajuda
B.L.	British Library, Londres
B.L.-O.I.O.C.	British Library/Oriental and Indian Office Collections (India Office Records)
cap.	capítulo
<i>CSP</i>	<i>Calendar of State Papers Colonial</i>
<i>CBP</i>	<i>City of Broken Promises</i>
C.C.C.M.	Centro Cultural e Científico de Macau, Lisboa
cx.	caixa
cód.	código
doc./docs.	documento, documentos
E.I.C.	East India Company
fl./fls.	folha, folhas
F.O.	Foreign Office (P. R. O.)
F.U.P.	Filmoteca Ultramarina Portuguesa
I.A.N./T.T.	Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa
l./ls.	linha, linhas
liv.	livro
Mç.	maço
Mans. Liv.	Manuscritos da Livraria
n.	nota de rodapé
par.	parágrafo
P.R.O.	Public Record Office, Londres
<i>R.H.</i>	<i>Right Hand</i>
<i>SP</i>	<i>State Papers</i> (P.R.O.)
subcap.	subcapítulo

## ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA .....	7
AGRADECIMENTOS .....	9
SUMÁRIO .....	13
ABSTRACT .....	15
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES .....	17
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....	18
ÍNDICE GERAL .....	19
INTRODUÇÃO .....	25

### PARTE PRIMEIRA

#### ***HIMSELF A MANDARIN: BIOBIBLIOGRAFIA DE AUSTIN COATES***

1. A descoberta de Macau: a viagem oriental de um diplomata romancista .....	41
2. Quatro obras de Coates em torno de Macau: <i>Macao and the British 1637-1842. Prelude to Hong Kong, A Macao Narrative, «Macao» e City of Broken Promises</i> .....	53
3. <i>The Road</i> : o primeiro romance de Austin Coates .....	55
3.1 <i>The Road e City of Broken Promises</i> : uma abordagem comparatista .....	57
4. «Macao»: poema inédito de Austin Coates. Transcrição e estudo .....	63

## PARTE SEGUNDA

**THE VOYAGE EAST. A PRESENÇA INGLESA  
E AS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS EM MACAU (1635-1793):  
HISTÓRIA E FICÇÃO EM *CBP* E NA LITERATURA INGLESA**

<b>1. A Inglaterra isabelina na senda das rotas comerciais do Oriente português e a fundação da East India Company .....</b>	<b>77</b>
<b>2. A caminho do Extremo Oriente. O início das relações anglo-portuguesas nas Índias Orientais .....</b>	<b>80</b>
2.1 A Convenção de Goa (1635) e as primeiras viagens inglesas a Macau .....	83
<b>3. O início do comércio regular com a China e o estabelecimento da E.I.C. em Cantão e Macau .....</b>	<b>95</b>
3.1 Os primeiros frutos do <i>China trade</i> . A influência da presença inglesa em Macau .....	97
3.2 O aumento gradual da presença inglesa em Macau .....	103
3.3 Macau como centro de controlo chinês dos ‘bárbaros’ europeus .....	104
<b>4. A relação dos ingleses com as autoridades luso-chinesas na segunda metade do século XVIII e o <i>background</i> histórico de <i>CBP</i> .....</b>	<b>107</b>
4.1 O incidente do <i>Lady Hughes</i> .....	113
4.2 O <i>Chinese Pidgin English</i> como símbolo da crescente influência inglesa em Macau e Cantão .....	116
<b>5. <i>The scramble for the use of Macao</i>: os interesses da E.I.C. e dos mercadores independentes no Sul da China .....</b>	<b>117</b>
5.1 A proibição imperial do comércio de ópio e o tráfico através de Macau .....	118
<b>6. «Hospedes e antigos Aliados»: a actividade e o estatuto do Comité Selecto em Macau .....</b>	<b>126</b>
<b>7. A importância de Macau para o <i>China trade</i> inglês .....</b>	<b>132</b>
<b>8. As relações anglo-portuguesas na Macau setecentista e o contexto histórico ficcionalizado em <i>City of Broken Promises</i> .....</b>	<b>138</b>
<b>9. A representação de Macau na literatura inglesa .....</b>	<b>144</b>

## PARTE TERCEIRA

**CITY OF BROKEN PROMISES ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO:  
A REPRESENTAÇÃO DA MACAU SETECENTISTA**

<b>1. Para uma definição de romance histórico .....</b>	<b>167</b>
<b>2. As especificidades de <i>City of Broken Promises</i> enquanto romance histórico .....</b>	<b>176</b>
2.1. A acção histórica de <i>City of Broken Promises</i> .....	180
<b>3. As fontes de arquivo como suporte de construção do romance .....</b>	<b>192</b>
3.1 As figuras históricas por detrás das personagens principais .....	196
3.1.1 Thomas Kuyck Van Mierop .....	196
3.1.2 Marta da Silva Van Mierop (1766-1828).....	200
3.1.2.1 O legado de Marta da Silva Van Mierop à cidade de Macau (1828) ..	202
<b>4. O diário (ficcional) de Thomas Kuyck Van Mierop .....</b>	<b>210</b>
<b>5. A intertextualidade como estratégia de construção do romance .....</b>	<b>215</b>
5.1 Relação intertextual entre <i>City of Broken Promises</i> e a restante obra de Austin Coates	216
5.2 A intertextualidade e o acontecimento histórico ficcionalizado enquanto estratégias narrativas .....	224
5.2.1 Intertextualidade temática entre <i>City of Broken Promises</i> , <i>Tai-Pan</i> (1966), de James Clavell, e <i>An Insular Possession</i> (1986), de Timothy Mo .....	227
<b>6. O paratexto e o contexto histórico da acção .....</b>	<b>234</b>
6.1 O índice e os (inter)títulos como suportes interpretativos do romance-biombo .....	236
<b>7. A (re)construção ficcional do tempo histórico .....</b>	<b>239</b>
7.1 Efabulação anacrónica do tempo histórico .....	241
7.2 O tempo cronológico e as especificidades de um espaço multicultural .....	245
<b>8. O espaço histórico-simbólico de um território-fronteira .....</b>	<b>251</b>
8.1 Simbolizar o espaço através de artefactos culturais .....	254
8.2 A toponímia: <i>locus</i> de memórias e modos de vida .....	258
8.3 «A city like no other in the world»: a dimensão etno-histórica de um mundo possível	263
8.3.1 Caracterização multicultural da Macau setecentista .....	278
8.3.1.1 «All things China fashion»: a tradição e o conservadorismo chineses face aos interesses ocidentais .....	287
8.3.1.2 «To risk loss of face»: salvar a face e defender interesses pessoais ...	289

9. A poética da alteridade .....	291
10. «The babel of the Chinese market»: as dimensões polifónica e poliglota do romance .....	297
10.1 O <i>Chinese Pidgin English</i> como símbolo do intercâmbio multicultural fruto do <i>China trade</i> .....	306
11. O falatório e a má-língua como discursos (anti)oficiais e ‘armas’ sociais .....	310
12. A (polémica) recepção inicial de <i>City of Broken Promises</i> em Macau: a «autópsia» da autoria do Padre Manuel Teixeira .....	315
13. A recepção do romance e a sua adaptação ao teatro no mundo anglófono .....	325

#### PARTE QUARTA

#### **CITY OF BROKEN PROMISES ENQUANTO BILDUNGSROMAN FEMININO: O ESPAÇO SIMBÓLICO DA FORMAÇÃO DE MARTHA VAN MIEROP**

1. <i>A bundle of rags</i> : as especificidades do <i>Bildungsroman</i> feminino e a formação de Martha Mierop .....	331
1.1 O <i>Bildungsroman</i> tradicional e <i>City of Broken Promises</i> enquanto romance de formação feminino .....	339
2. O carácter biográfico de <i>City of Broken Promises</i> e a condição feminina da Macau setecentista .....	343
3. O espaço simbólico da formação de Martha .....	356
3.1 A determinação singular de Martha .....	359
3.2 A educação formal da protagonista face às pressões sociais .....	364
4. Em demanda de um nome .....	371
5. «A woman alone»: o género e o espaço simbólico da <i>Bildung</i> .....	377
5.1 «I shall find the means»: a vitória de Martha e a sua posição andrógina numa sociedade patriarcal .....	390
5.2 O género e a paisagem urbana .....	393
5.3 <i>Englishness</i> e <i>A Room of Her Own</i> .....	396
5.4 Os símbolos domésticos como materialização do género e do espaço cerrado do <i>Bildungsroman</i> .....	398



<b>6. «Men who come in ships also go in ships»: a conotação do título e a vivência feminina de Macau .....</b>	<b>401</b>
<b>7. A vitória de Martha e a sua viagem por entre comunidades e tradições populares ....</b>	<b>407</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>417</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>429</b>
ANEXO N.º 1: «Application for Appointment in Divisions I & II» (Serviços de Turismo de Singapura) .....	431
ANEXO N.º 2: Currículo de Austin Coates dactilografado pelo próprio (do espólio do autor) .....	434
ANEXO N.º 3: Panfleto publicitário da editora Frederick Muller quando da primeira edição de <i>CBP</i> .....	435
ANEXO N.º 4: Carta de J. M. Braga para Austin Coates (24-05-1951) .....	436
ANEXO N.º 5: Original do poema «Macao» .....	437
ANEXO N.º 6: Transcrição do traslado do testamento inédito de Thomas Kuyck Van Mierop .....	438
ANEXO N.º 7: Testamento de Marta da Silva Van Mierop .....	446
ANEXO N.º 8: Quadro-síntese das inexactidões históricas identificadas e corrigidas pelo padre Manuel Teixeira em <i>CBP</i> .....	448
ANEXO N.º 9: Excerto de dois fólios das <i>consultations</i> do Comité Selecto da East India Company: assinatura de Thomas Kuyck Van Mierop .....	452
ANEXO N.º 10: Excerto do texto e da pauta da adaptação de <i>CBP</i> para musical ( <i>musical play</i> ) em Hong Kong e nos Estados Unidos da América: «City of Broken Promises: A Musical Play in Two Acts» .....	453
ANEXO N.º 11: <i>Current Diary</i> relativo ao ano de 1781, fls. de abertura e 1 .....	457
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>459</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>465</b>



## INTRODUÇÃO

O diplomata, historiador e romancista inglês Austin Francis Harrison Coates (16/04/1922-16/03/1997) dedica uma parte significativa dos seus estudos às relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente, tendo vivido os seus últimos anos em Portugal, país em que decidiu estabelecer-se ao abandonar Hong Kong no início dos anos 90. Das 18 obras publicadas do autor, duas são monografias sobre as pre-senças britânica e portuguesa em Macau [*Macao and the British. Prelude to Hong Kong* (1966), *A Macao Narrative* (1978)], e uma outra, *City of Broken Promises (CBP)*, um romance histórico sobre a relação amorosa do sobrecarga da East India Company (*E.I.C.*) Thomas Kuyck Van Mierop e da órfã chinesa Marta da Silva, que se torna, graças à herança do primeiro, a mulher mais rica do enclave luso-chinês e cujo processo de formação é ficcionalizado na narrativa que se assume também como *Bildungsroman* feminino. Já o poema inédito «Macao», redigido em 1950, apresenta-se como uma descrição lírica da cidade que lhe dá título e que ecoa imagens estereotipadas<sup>1</sup> dos espaços simbólicos da mesma.

---

<sup>1</sup> Olavi K. Fält, «Introduction», in Kari Alenius, Olavi K. Fält e Seija Jalagin (eds.), *Looking at the Other: Historical Study of Images in Theory and Practise*, 2002, pp. 8-9, define imagem como “[...] an intellectual heritage handed down to us, which we carry with us [...], which depicts reality but is not itself real by comparison with the object which it represents. [...] Historical image research draws attention to what an image is like, how we have formed a particular image of a certain thing, why we have this image, what purpose it serves, what changes have taken place in it, and what all this tells us of the creators of the image”. Ao analisar a representação ou imagem literária de Macau na obra de Austin Coates, seguimos de perto esta definição, respondendo às questões levantadas por Olavi K. Fält.

Ou Mun<sup>2</sup> é um tema recorrente na literatura inglesa sobretudo a partir da fundação de Hong Kong<sup>3</sup> e a imagem do território em *CBP* (1967) apresenta-se como uma justaposição de diferentes microcosmos constituídos pelas comunidades ocidentais e orientais que aí residem. O tempo da acção do romance relaciona-se fortemente com as condições históricas da urbe setecentista, remetendo para a aproximação que Bakhtin estabelece entre o romance histórico e o *Bildungsroman* de cariz realista<sup>4</sup>, que seguiremos de perto, adoptando uma posição pluralista<sup>5</sup> ao classificar *CBP* simultaneamente como romance de formação feminino e histórico, uma vez que o processo formativo de Martha revela as especificidades do local histórico em que a acção tem lugar.

A representação<sup>6</sup> da Cidade do Nome de Deus de Macau na obra literária de Coates, “[a] Macau enthusiast”<sup>7</sup>, presta-se a uma investigação detalhada no âmbito dos estudos anglo-portugueses sobretudo no que diz respeito às relações luso-britânicas no Extremo Oriente, sendo esse um dos objectivos deste nosso trabalho. À partida, levantam-se várias questões em torno do nosso objecto de estudo, tais como: qual a importância dos textos de cariz anglo-português na obra de Austin Coates? De que forma comunicam as temáticas de «Macao» e *CBP* entre si? Que estratégias literárias apoiam a representação de Macau nessas obras? Até que ponto a representação ficcional da presença inglesa na cidade ecoa a realidade histórica? De que modo são caracterizados o tempo e o espaço históricos, bem com as personagens referenciais e o processo de formação de Martha Merop em *CBP*? Como é que a história é apropriada enquanto estratégia narrativa e como se misturam os enunciados ficcionais e referenciais no romance? De que forma é este último recebido pelo público de Macau e do mundo anglófono quando das suas publicação e transformação em musical?

<sup>2</sup> Macau em cantonense.

<sup>3</sup> Cf. Rogério Miguel Puga, «Macau enquanto Cronótopo Exótico na Literatura Inglesa», in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *Actas do I Congresso de Estudos Anglo-Portugueses*, 2001, pp. 705-723.

<sup>4</sup> Mikhail Bakhtin, «O Romance de Educação na História do Realismo», in *Estética da Criação Verbal*, 1997, pp. 229, 234.

<sup>5</sup> Posição defendida por Geoffrey N. Leech e Michael H. Short, *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*, 1981, pp. 30-31; David Lodge, *Language of Fiction*, 1984, p. 277, e Wolfgang Iser, *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*, 1993, pp. ix-xix.

<sup>6</sup> Seguimos de perto o conceito de ‘representação’ de Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, 1994, p. 11: “Este vocábulo, de uma grande generalidade, engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”.

<sup>7</sup> Bradley Winterton, *A Season in Macau*, 1999, p. 10.

Face à inexistência de uma biografia do autor, reconstituimos, no início da primeira parte, a sua vida e o seu processo de ‘descoberta’ de Macau, apresentando de forma sumária os seus textos historiográficos de síntese sobre o enclave e as presenças portuguesa e inglesa no Extremo Oriente. A biobibliografia de Coates, autor relativamente desconhecido em Portugal, interessa-nos quer para um maior conhecimento das suas vivência e obra de cariz anglo-português, quer enquanto informação acerca da vida do autor implicado<sup>8</sup> dos romances e do poema de que nos ocupamos. Agrupando a obra geral do autor em seis secções (viagens, ficção, história, biografia, memórias e numerologia), abordamos, para além das obras literárias, sobretudo os seus dois textos de cariz historiográfico dedicados a Macau, que, de acordo com o próprio, são estudos de síntese sobre as presenças inglesa e lusa no território (cap. 2).

Analizamos também o poema inédito «Macao» e o primeiro romance de Coates, *The Road*, comparativamente a *CBP* (caps. 3-4), de forma a estabelecer paralelismos intertextuais entre os três textos, exercício que se estende ao último capítulo da primeira parte e ao quarto capítulo da terceira parte, nos quais comparamos as temáticas e as estratégias narrativas de *CBP* com as de outros romances ingleses em que Macau é um dos espaços da acção.

Como veremos no terceiro capítulo da primeira parte, a acção de *The Road* desenrola-se na sociedade colonial da Hong Kong dos anos 60 do século XX, pelo que não o analisamos de forma aprofundada, por não se integrar na obra de cariz anglo-português do autor, essa sim objecto do nosso estudo. A análise do seu primeiro texto ficcional é, portanto, sobretudo comparatista em relação a *CBP*, que goza de elevada projecção entre o público em geral e os estudiosos da história de Macau e Hong Kong<sup>9</sup>, como veremos na terceira parte. Comparamos as estratégias narrativas e temáticas partilhadas por *CBP*, «Macao» e *The Road*, estabelecendo também, na terceira parte, relações de intertextualidade ao nível imagístico entre estas obras.

A segunda parte consiste no historial representativo da presença inglesa em Macau, permitindo-nos analisar o jogo entre a história e a ficção, e a representação do enclave em *CBP* e na literatura inglesa em geral, sobretudo enquanto cidade histó-

---

<sup>8</sup> Entendemos o polémico conceito de ‘autor implicado’ tal como o define David Lodge, *After Bakhtin: Essays on Fiction and Criticism*, 1990, p. 144: “[...] the creative mind implied by the existence of the text, to whose original activity we attribute the effects and values we, as readers, discover in it”.

<sup>9</sup> Vejam-se, a título de exemplo, Susanna Hoe e Derek Roebuck, *The Taking of Hong Kong: Charles and Clara Elliot in China Waters*, 1999, p. 40; Patrícia Drumond Borges Ferreira, *As Relações Luso-Britânicas na China Meridional (Século XVII)*, 2002, p. xv, e Kingsley Bolton, *Chinese Englishes: A Sociolinguistic History*, 2003, pp. 123-126, 146, 303.

rica e espaço simbólico das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente desde o século XVII. Ao longo de nove capítulos estudamos o contexto económico, político, social e histórico da região do delta do rio das Pérolas, bem como a importância de Macau quer para o comércio da E.I.C. e dos mercadores independentes ingleses em Cantão desde 1700, quer para as relações sino-ocidentais até final do século XVIII. Por razões metodológicas torna-se imperativo definir os limites cronológicos do período histórico a estudar, optando nós como critério para o fazer não apenas o tempo da acção do romance (1766-1796), baliza temporal que se impõe por si mesma, mas também acontecimentos determinantes no âmbito da presença dos ingleses no Sul da China, nomeadamente a primeira viagem de uma embarcação da E.I.C. a Macau (1635) e a primeira embaixada britânica ao Império do Meio (1793). Esta periodização permite, assim, uma análise mais aprofundada da documentação portuguesa, inglesa e chinesa. Se o ponto fulcral do período de que nos ocupamos é a segunda metade do século XVIII, seria incorrecto, do ponto de vista metodológico, partir exactamente dessa data; daí a incursão prévia pelas primeiras viagens da E.I.C. a Macau e pelo estabelecimento dos sobrecargas na China, bem como pelo início do comércio regular em Cantão (1700), de forma a contextualizar a vivência inglesa no enclave antes do período da acção de *CBP*. A reconstituição histórica tem início com o interesse isabelino nos lucros e nas rotas orientais portuguesas, com a fundação da Companhia das Índias inglesa (cap. 1) e, mais especificamente, com a Convenção de Goa (1635) e a chegada do primeiro navio inglês, o *London*, ao enclave nesse mesmo ano (cap. 2), terminando em 1793, ano em que tem lugar a embaixada de Lord Macartney à China, que constitui a primeira tentativa diplomática da Grã-Bretanha, embora sem frutos, para institucionalizar as relações políticas entre os dois países.

O estudo das relações anglo-chinesas e do *China trade* da E.I.C. (séculos XVII-XIX) tem incidido sobretudo no comércio de Cantão, sendo Macau encarado como o primeiro porto de chegada na China e local de descanso dos sobrecargas. Para além da obra de Austin Coates *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hongkong* (1966), cujo subtítulo remete para a História de Hong Kong, não conhecemos qualquer outro estudo sobre a presença inglesa em Macau e a importância do enclave para o comércio da Companhia das Índias no Império do Meio, sendo, no entanto, *Macao and the British* um estudo de síntese, sem qualquer aparato crítico que remeta para as fontes utilizadas, apresentando apenas uma bibliografia geral. A revisão bibliográfica acerca da presença inglesa na China, do romance histórico e do *Bildungsroman* feminino é realizada no início de cada uma das três partes do presente estudo que se ocupam dessas temáticas, bem como ao longo do texto, sendo as leituras das obras em análise a desencadear reflexões críticas e a decorrente necessidade de verificar a pertinência das mesmas.

Encontrando-se a história da presença inglesa em Macau por fazer e uma vez que o conhecimento da mesma é essencial para a compreensão de *CBP*, que ficcionaliza alguns episódios e especificidades das relações anglo-portuguesas na cidade entre 1766 e 1796, a segunda parte é dedicada ao estudo dessa temática e à representação de Macau na literatura inglesa, antes de entrarmos propriamente na análise do romance. A contextualização histórica é um resumo do texto inicialmente por nós elaborado que, ocupando cerca de duas centenas e meia de páginas, se encontra no prelo e pretende ser uma história da presença britânica no enclave até 1793. A recolha de dados no arquivo da E.I.C. (British Library) revelou-se morosa, pois a informação sobre Macau é relativamente escassa, uma vez que, como é sabido, o *China trade* tem lugar em Cantão, destino principal dos mercadores que apenas residem no enclave por serem proibidos de permanecer na China profunda durante todo o ano. As referências a episódios e à vivência britânica no estabelecimento luso-chinês nos *Oriental and India Records* observam-se sobretudo na documentação redigida entre as *trading seasons* (Março-Setembro), período em que os sobrecargas aí permanecem, consistindo maioritariamente na descrição, quer para Londres, quer para as presidências inglesas na Índia, de conflitos entre o Comité Selecto da E.I.C. e as autoridades lusas e chinesas, principalmente na segunda metade do século XVIII, como veremos na segunda parte. Consultámos sobretudo as séries R/10 e G/12 da documentação da companhia na China e no Japão (1600-1800), sendo a maioria dos documentos transcrita, em duplicado, nas duas colecções. Os volumes R/10/3-7 preenchem o vazio de documentação na série G/12 para o período entre 1754 e 1774, e a maioria da informação existente na colecção prende-se com questões económicas e comerciais, ou seja, com a chegada e a partida de barcos, as cargas e transacções efectuadas em Cantão.

Dado que, como já afirmámos, a história da presença inglesa em Macau se encontra por fazer e uma vez que esta serve de *background* ao enredo de *CBP*, optámos por incluir neste estudo uma contextualização histórica relativamente longa da acção do romance em comparação com o que aconteceria se a obra em análise tivesse como pano de fundo apenas a presença portuguesa no Sul da China, cuja história se encontra já estudada. Uma vez que o sistema comercial e o *modus vivendi* dos ocidentais em Cantão e na Cidade do Santo Nome de Deus se mantêm relativamente inalterados até à Primeira Guerra do Ópio e à consequente fundação de Hong Kong (1841), recorreremos também a narrativas de viagem e diários de residentes norte-americanos e europeus da primeira metade do século XIX para reconstituir a vivência quotidiana da comunidade estrangeira na urbe.

O estudo das primeiras viagens da companhia à China Meridional tem como objectivo apresentar exemplos dos primeiros contactos entre portugueses e sobrecargas,

pautados por interesses comerciais e estratégias diplomáticas que antecedem o início do trato regular inglês no eixo Macau-Cantão e o sistema comercial que serve de contexto histórico à acção do romance de Coates (cap. 3). A segunda parte, como demonstra o subtítulo da mesma, “Ficção e História em *CBP* e na Literatura Inglesa”, analisa os episódios/factos históricos representados ficcionalmente em *CBP*, por sua vez abordados como estratégias narrativas nas duas últimas partes da tese. Do cruzamento de um amplo conjunto de fontes inglesas, portuguesas e chinesas existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, no Centro Cultural e Científico de Macau, na Biblioteca Nacional, no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, no Oriental and India Office da British Library, no Public Record Office, no National Maritime Museum e na School of Oriental and African Studies, em Londres, e nos Arquivos de Macau surge uma imagem tridimensional da presença britânica nesse território durante os séculos XVII e XVIII. Cruzamos a informação de fontes históricas inglesas, portuguesas e, embora em menor número, chinesas, sumariadas e traduzidas para línguas europeias, optando por actualizar a grafia dos documentos manuscritos e manter a grafia utilizada nas fontes publicadas. Os materiais de arquivo estudados na segunda parte permitem-nos, assim, reconstruir os primeiros frutos do *China trade* e o conseqüente aumento da influência inglesa em Macau, que se torna o centro de controlo chinês dos ocidentais (caps. 3-4). Relativamente ao *background* histórico de *CBP*, abordamos ainda as relações dos sobrecargas da companhia com as autoridades portuguesas e chinesas na segunda metade do século XVIII, através de episódios como o do barco *Lady Hughes*, representado no romance (subcap. 4.1); do desenvolvimento do *Chinese Pidgin English* (*C.P.E.*) como símbolo da crescente influência da E.I.C. no Sul da China (subcap. 4.2), tema aprofundado na terceira parte (cap. 10); do tráfico de ópio; da actividade do Comité Selecto em Macau e da importância da cidade para o comércio inglês (caps. 8-10). O penúltimo capítulo da segunda parte faz a síntese da história da presença inglesa e das relações anglo-portuguesas no enclave durante o século XVIII, bem como do seu reflexo ficcional em *CBP*, permitindo uma imagem de conjunto sobre esses temas antes de passarmos à análise literária do romance. O capítulo final aborda a representação de Macau na literatura inglesa e retoma temas, obras e imagens já explorados, detendo-se nos principais motivos literários que compõem o imaginário da cidade no mundo anglófono, devendo-se, portanto, a sua localização no final da segunda parte ao facto de o contexto histórico e os interesses ingleses influenciarem essa mesma imagem, da qual partimos para analisar a representação do enclave em *CBP* nas terceira e quarta partes.

Num trabalho de investigação em Estudos Anglo-Portugueses, campo de investigação interdisciplinar que tem privilegiado o estudo das relações culturais e literá-



rias entre Portugal e o Reino Unido<sup>10</sup>, para além de nos debruçarmos sobre a obra de Austin Coates, é também nosso objectivo preencher um ‘vazio’ no âmbito desta área de investigação – o estudo das relações luso-britânicas em Macau até ao final do século XVIII –, continuando e complementando, assim, a obra de cariz historiográfico do autor que estudamos como romancista e poeta. A interpretação com base em conceitos e metodologias dos estudos literários (primeira, segunda e terceira partes), da história (primeira parte), da sociolinguística (terceira parte) e da antropologia (terceira e quarta partes) possibilita uma abordagem interdisciplinar da obra de Coates, da história da presença britânica em Macau e da representação dessa cidade na literatura inglesa, bem como um estudo mais aprofundado das estratégias de negociação de significados de «Macao» e *CBP*. A variedade metodológica e os diversos conceitos interdisciplinares permitem revelar um passado e um espaço urbano históricos reais e ficcionalizados e esclarecem a forma como a obra do autor de que nos ocupamos adquire um cariz anglo-português.

O conceito de literatura, enquanto fenómeno social e construção ou *poiesis* histórico-antropológica<sup>11</sup>, bem como as complexas relações entre a história e a literatura, são cada vez mais estudados de forma interdisciplinar<sup>12</sup>. Maria de Fátima Marinho estuda as relações entre o passado e a sua transposição para a escrita, afirmando que estas são “sempre difíceis mas também sempre sedutoras”, sobretudo devido ao facto de a história ter tomado consciência da impossibilidade de produzir um discurso único e definitivo sobre acontecimentos reais e de o romance não ser um género estável nem coerente<sup>13</sup>. Maria Alzira Seixo, ao abordar a questão, resume essas relações a partir de

---

<sup>10</sup> Maria Leonor Machado de Sousa, «Editorial», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 1, 1990, p. 7, e Carlos Ceia, «Para a Definição do Conceito de Estudos Anglo-Portugueses», in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *op. cit.*, p. 97, referem a perspectiva interdisciplinar dos Estudos Anglo-Portugueses.

<sup>11</sup> *Vide* Manuel Gusmão, «Da Literatura enquanto Construção Histórica», in Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão (org.), *Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada*, 2001, pp. 181-224.

<sup>12</sup> Sobre a relação entre literatura e história, veja-se Lionel Gossman, *Between History and Literature*, 1990, pp. 227-256; Dirce Côrtes Riedel (ed.), *Narrativa, Ficção e História*, 1998; Luiz Eugénio Vêscio e Pedro Brum (org.), *Literatura e História*, 1999; David Der-wei Wang, *The Monster that Is History: History, Violence, and Fictional Writing in Twentieth-Century China*, 2004, pp. 1-40, 183-223; Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, 2 vols., 2004, e Maria de Fátima Marinho, *Um Poço sem Fundo: Novas Reflexões sobre Literatura e História*, 2005.

<sup>13</sup> *Idem*, *ibidem*, pp. 9-20.

quatro perspectivas de trabalho, a saber: 1) através da história literária (captação do sentido evolutivo dos modos de escrever, ler, ensinar e difundir a literatura); 2) através da interdisciplinaridade que convoca o conhecimento da história e da literatura, entendendo os estudos literários como intersecção do espaço das ciências da linguagem e dos estudos de estética com o das ciências históricas, ou seja, o estudo do relacionamento entre a poética (cenários de efabulação) e a historicidade (cenários de convocação histórica); 3) através do estudo da história em geral entendida como memória de um passado humano colectivo passível de ser reconstituída e alterada verbalmente e, portanto, tema ou motivo de textualização literária; e 4) através da aceção da história como movimento accional de um texto, como intrincado de problemas e actuações, e como intriga ou efabulação, pois contar uma história é remeter para situações idênticas que se reportam a um mundo “real” (circunstancial) e ao imaginário da memória comum<sup>14</sup>. Relativamente ao estudo da obra literária de Coates, e como veremos nas segunda e terceira partes, interessam-nos sobretudo estas três últimas relações entre literatura e história, ou seja a história quer como efabulação quer como estratégia, tema ou motivo literário. A presente tese tem também, assim, como objectivo contribuir para o estudo da inter-relação entre história e literatura, sobretudo ao nível das segunda e terceira perspectivas apresentadas por Maria Alzira Seixo, ao analisarmos de que forma a literatura e a história se questionam mutuamente em *CBP* e no poema «Macao», de que modo a história se assume como elemento estruturante desses textos e quais os limites da representação da ideologia e da história no romance em geral, ou seja, da história romanceada (segunda e terceira partes). Só conhecendo a história, de que o romance e o poema se apropriam, podemos estudar os géneros literários em questão e a sua relação com a representação da mesma, nomeadamente através da abordagem de temáticas como a paródia e a ‘romancização’ da história, a construção do espaço e do tempo históricos e a recepção das dimensões literária e histórica dos textos em questão (parte terceira). A abordagem de temas comuns à história e aos estudos literários (partes terceira e quarta), como o género (*gender*), a nacionalidade e o sentimento de pertença, os grupos/papéis sociais e a representação do discurso, permite estudar simultaneamente quer a relação de ambas as ciências, quer o aproveitamento que *CBP* faz dessas temáticas ao representar a Macau setecentista.

---

<sup>14</sup> Síntese elaborada a partir de Maria Alzira Seixo, «Literatura e História: Poética da Descoincidência em *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário de Carvalho», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *op. cit.*, vol. 2, pp. 231-241.

Na terceira parte, partimos da definição de romance histórico como subgénero híbrido (cap. 1) para estudar as características específicas de *CBP* enquanto tal, sobretudo no que diz respeito ao espaço e ao tempo históricos, bem como às estratégias narrativas que servem o propósito de os caracterizar, nomeadamente a utilização de fontes históricas e do diário ficcional de Thomas (caps. 2-4). Na senda do último capítulo da segunda parte, estabelecemos ainda paralelismos intertextuais, sobretudo ao nível temático, entre *CBP* e outros romances ingleses cuja acção tem lugar em Macau [*Tai-Pan* (1966), de James Clavell, e *An Insular Possession* (1986), de Timothy Mo] e ainda relativamente a diversos textos ficcionais portugueses que representam vivências ou experiências semelhantes às dos viajantes/residentes ingleses na China Meridional (cap. 5). Este exercício comparatista não tem a pretensão de ser exaustivo, funcionando o romance de Coates como uma placa giratória de confronto para elucidar determinados aspectos essenciais das suas próprias estrutura e temáticas no contexto da representação de Macau nas literaturas de língua inglesa e portuguesa no que diz respeito aos pontos de contacto e aos modos diversos de ficcionar o enclave enquanto espaço das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente. A metodologia que adoptamos no que diz respeito ao estudo comparatista de obras inglesas e portuguesas faz, assim, eco das palavras de Helena Carvalhão Buescu ao afirmar que a literatura comparada surge como espaço reflexivo privilegiado para a tomada de consciência do carácter histórico, teórico e cultural do fenómeno literário<sup>15</sup>.

Os elementos paratextuais, como a capa, o índice e as notas de rodapé, complementam a reconstrução ficcional e anacrónica do tempo histórico em que a formação de Martha Merop tem lugar (cap. 6), apoiando-se a sequência cronológica não linear nas inúmeras elipses e analepses externas do romance, que exigem um leitor interventivo e informado, capaz de descodificar as diferentes dimensões do espaço-fronteira em que a acção tem lugar, por sua vez repleto de memórias, artefactos culturais e motivos literários simbólicos das civilizações e comunidades que interagem em Macau (caps. 7-8). Daí que abordemos, na terceira parte, a dimensão etno-histórica do mundo possível ficcionalizado que aproxima *CBP* do chamado romance etnográfico, temática que dá lugar ao estudo quer de conceitos chineses utilizados na narrativa como a ‘face’ e o conservadorismo (*China fashion*, cap. 8), quer da representação da alteridade, pois Macau é simultaneamente um território familiar e exótico devido às suas dimensões portuguesa e chinesa (cap. 9). Como veremos, a retórica do exotismo é um

---

<sup>15</sup> Helena Carvalhão Buescu, *Grande Angular: Comparatismo e Práticas de Comparação*, 2001, p. 14.

discurso dirigido não apenas para o exterior, mas também para o interior das personagens perante o espectáculo da diversidade.

*CBP* assume-se como um romance polifónico e, tal como a sua protagonista, poliglota, no qual marcam presença, para além das línguas das nacionalidades das personagens, o *patois* de Macau e o *C.P.E.*, este último por nós interpretado como símbolo do intercâmbio multicultural do *China trade* no capítulo 10, que retoma a temática estudada no subcapítulo 4.1 da segunda parte. Já o fenómeno da má-língua, utilizado como arma social e contra-discurso pelas personagens, é transversal aos espaços chinês, português e inglês da acção (cap. 11), caracterizando o ambiente quotidiano da Cidade do Santo Nome de Deus.

A nossa abordagem de *CBP* centra-se tanto no texto como nos contextos das suas produção (primeira parte) e recepção (terceira e quarta partes), ou seja, na dinâmica do processo de leitura e nos tipos de reacção que a obra suscita em Macau, no final dos anos 60, e posteriormente no mundo anglófono (Hong Kong e Estados Unidos da América) ao ser adaptada como musical (caps. 12-13). Como veremos, apesar de a acção do romance constituir um ‘mundo possível’ representado a partir dos poucos dados históricos disponíveis sobre a vida de Thomas e Marta Van Mierop no Sul da China, alguns autores portugueses, como o padre Manuel Teixeira, Graciete Nogueira Batalha, Benjamim Videira Pires e Patrícia Drumond Borges Ferreira, encaram *CBP* como referente quase absoluto da realidade extraliterária, fenómeno a que o romance histórico se presta frequentemente; daí que apresentemos, no terceiro capítulo, os escassos dados biográficos existentes sobre as figuras históricas Thomas e Marta, com base na investigação que levámos a cabo em fontes portuguesas, inglesas e italianas, nomeadamente na imprensa inglesa setecentista, dedicando um subcapítulo ao legado que faz de Marta da Silva Van Mierop uma das maiores benfeitoras de Macau.

Na quarta parte, após o estudo do espaço e do tempo históricos da acção ficcional, detemo-nos nas especificidades quer de Macau como local da formação de Martha, quer de *CBP* enquanto *Bildungsroman* feminino, a partir das características do romance de formação tradicional. Definimos o conceito de *Bildung* (cap. 1), estudando de seguida o processo formativo da protagonista e a sua relevância histórica; o papel e o poder sociais da personagem; o carácter biográfico do romance (caps. 1-2); a relação entre género, etnia, grupo social e espaço simbólico no subgénero (caps. 2, 5); a condição feminina na Macau setecentista, e a singularidade do percurso e da determinação de Martha numa sociedade patriarcal, temáticas para as quais remete o exercício de auto-reflexividade, relacionado sobretudo com o registo da história no romance (caps. 2-3). No sexto capítulo abordamos uma das temáticas centrais da obra, a busca de um

nome (apelido) e da identidade cultural de Martha, sinónimos da sua segurança que são materializados, por excelência, no momento do baptismo do barco *Merope*.

Como veremos, a educação informal da jovem, um dos temas mais importantes do romance de formação, prende-se com temáticas como a vivência e o espaço multi-culturais, levando-nos a abordar os subgéneros *Bildungsroman* feminino e romance histórico a partir da representação do género e do tempo pretérito ao longo do qual a aprendizagem tem lugar (cap. 5), pois, como afirma Alfred J. Lopez:

Crucial to the narrative structure of the *Bildungsroman*, then, is the intertwining or interpenetration of historicizing discourses – or more precisely, between the narrative of the subject’s personal history and that of the cultural and historical context, in which that life story unfolds, the latter of which constantly acts as a mediating factor upon the former, with or without the subject’s knowledge<sup>16</sup>.

A análise de *CBP*, obra até à data nunca estudada como *Bildungsroman*, permite identificar e salientar os padrões e as especificidades da experiência e do processo de formação da protagonista no contexto histórico da Macau setecentista, defendendo Susan Fraiman<sup>17</sup> que a formação dos protagonistas não é una, mas sim plural, tendo essas educações pluridimensionais de ser vistas à luz de diversos elementos sociais determinantes como o grupo social, a etnia, a localização geográfica e temporal da acção, bem como o género, pressuposto que seguimos para o estudo de *CBP*, também na senda de Jacqueline Banerjee<sup>18</sup>, que aborda a representação da infância/adolescência em termos do género das personagens.

Se na terceira parte estudamos o espaço histórico e etnográfico da acção, no quinto capítulo da quarta parte abordamos o espaço urbano da intriga enquanto dimensão simbólica da *Bildung* de Martha, servindo o estudo de *CBP* enquanto *Bildungsroman* também o propósito de caracterizar quer a cidade, quer a protagonista através da análise do processo formativo e da vitória final desta última, que, por sua vez, a distinguem das demais personagens femininas; daí que algumas das temáticas históricas da segunda parte sejam retomadas nas terceira e quarta partes, nomeadamente a vivência quotidiana, o comércio e a condição feminina da Macau setecentista.

---

<sup>16</sup> Alfred J. Lopez, *Posts and Pasts: A Theory of Postcolonialism*, 2001, p. 97.

<sup>17</sup> Susan Fraiman, *Unbecoming Women: British Women Writers and the Novel of Development*, 1993, pp. 13-31.

<sup>18</sup> Jacqueline Banerjee, *Through the Northern Gate: Childhood and Growing up in British Fiction 1719-1901*, 1996, pp. 109-178, 205-210.

Terminamos o nosso estudo com uma análise da conotação do título da obra face à vivência da *Bildungsheldin*, e do diálogo irónico que esse elemento paratextual estabelece com o conteúdo do romance que comparamos quer com o poema anónimo *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao* (1842), quer com narrativas de autores macaenses e portugueses como Henrique de Senna Fernandes e Deolinda Conceição, nos quais a mulher chinesa é uma presença constante (cap. 8). O capítulo final reúne as várias temáticas abordadas ao longo da quarta parte, relacionando-as com a vivência histórica da Macau setecentista estudada nas segunda e terceira partes, obtendo-se, desta forma, uma imagem clara do contexto social e do espaço histórico em que a viagem interior e a vitória de Martha têm lugar.

Face ao exposto, torna-se claro que *CBP* permite uma enorme possibilidade de leituras, facto que nos recorda as palavras de François Jost: “[...] several genres or modes [...] usually characterize a single book [...]. Indeed the art of the contemporary novel is one of infinite hybridization [...]”<sup>19</sup>. Esta é, portanto, uma das características da narrativa em questão, uma vez que, como veremos (terceira e quarta partes), para além de romance histórico, a obra é também um *Bildungsroman* feminino e, logo, impossível de ser integrada numa só classificação tipológica, partilhando ainda características com os chamados romances regional e etnográfico (terceira parte). As nossas dupla classificação e análise de *CBP* devem-se, portanto, ao facto de o seu estudo apenas como romance histórico ou *Bildungsroman* não abranger de forma informada todos os seus temas e estratégias narrativas, sendo o conhecimento dos mesmos necessário para a compreensão da pluralidade de possibilidades de representação de Macau quer no texto em si, quer na literatura inglesa em geral.

Relativamente à descrição de espaços e tempos históricos, bem como à caracterização das personagens, *CBP* pertence, como veremos no início da terceira parte, à tradição realista, entendendo nós o conceito de realismo tal como David Lodge o define: “[...] the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture”<sup>20</sup>. Para a sensação de realismo concorrem o diário ficcional de Thomas Van Mierop, que o narrador incorpora no seu texto, e diversos documentos, como missivas, atestados médicos e testamentos, a que também o historiador recorre para reconstruir o passado. Tivemos este conceito de realismo presente ao estabelecer, na segunda parte, paralelismos entre

---

<sup>19</sup> François Jost, *Introduction to Comparative Literature*, 1974, pp. 134 e 135, respectivamente. Randolph P. Shaffner, *The Apprenticeship Novel*, 1984, p. 14, afirma que o *Bildungsroman* partilha características com o romance histórico, nomeadamente as referências históricas.

<sup>20</sup> David Lodge, *Modes of Modern Writing*, 1977, p. 25.

o romance e as fontes históricas, verificando até que ponto e de que forma este ficcionaliza a história de forma premeditada. Se uma abordagem apenas ou demasiado historicista da obra em questão não será a mais apropriada, ignorar que o contexto histórico representado pelo narrador aponta para uma realidade extratextual (as presenças portuguesa e inglesa na Macau setecentista) seria retirar ao texto muito do seu valor e do seu poder de significação; daí também a necessidade da contextualização histórica que constitui a segunda parte deste estudo. A estética de cariz realista de *CBP* poderá, assim, ser melhor entendida se tivermos em mente a rejeição das inovações do romance modernista na Grã-Bretanha do pós-guerra. De acordo com Steven Connor:

[...] postwar novel in Britain is characterised by a conscious recoil from the stylistic and formal artifice of modernist fiction, and by a return to the demands and responsibilities of realism. [...] Margaret Drabble's sentiments in a radio broadcast of 1967 are often taken as representative: 'I didn't want to write an experimental novel to be read by people in fifty years who will say, ah, well, she foresaw what was coming... I'd rather be at the end of a dying tradition, which I admire, than at the beginning of a tradition which I deplore'<sup>21</sup>.

*CBP* poderá assim também ser situado neste momento de transição do romance inglês referido por Margaret Drabble, revelando a referida obra de Coates, como veremos, também características associadas ao paradigma pós-moderno, como a fragmentação narrativa, a auto-reflexividade e a recuperação ficcional de figuras históricas menores. Brian W. Shaffer, ao estudar o romance inglês entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início do actual milénio, também analisa a chamada reacção inglesa ao modernismo literário, que tomou dois rumos, o realismo antimodernista e as inovações/experiências pós-modernas, interessando-nos sobretudo o primeiro fenómeno. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, o romance inglês parece rejeitar, embora, como é óbvio, não totalmente, as inovações (narrativas e estilísticas) modernistas, como a focalização múltipla, as experiências radicais no campo da representação do tempo e do espaço da acção; o destronar do poder do narrador onisciente; e a fragmentação narrativa, entre outras, como acontece em romances de, por exemplo, Kingsley Amis (*Lucky Jim*), Iris Murdoch (*Under the Net*), John Braine (*Room at the Top*), Angus Wilson (*Hemlock and After*), John Wain (*Hurry on down*), Margaret Drabble (*A Summer Bird-cage*), John McGahern (*The Dark*) e Muriel Spark (*The Comforters*)<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Steve Connor, *English Novel in History, 1950-1995*, 2003, p. 45.

<sup>22</sup> Cf. Brian W. Shaffner, *Reading the Novel in English 1950-2000*, 2006, pp. 4-6.

O presente trabalho tem como principal objectivo analisar de que forma Macau é representada na literatura inglesa e sobretudo na obra de cariz anglo-português de Austin Coates, quais as estratégias narrativas utilizadas, as temáticas recorrentes e a forma como a história é apropriada para o fazer, tendo sempre como referente comparativo outras obras literárias inglesas e portuguesas que partilham características e motivos literários ‘macaenses’ com *CBP*. O relativo desconhecimento da vida e da obra literária de Coates e o facto de a representação de Macau na literatura inglesa não ter ainda sido estudada validam, assim, a oportunidade de abordar essas questões no âmbito dos estudos anglo-portugueses.



**PARTE PRIMEIRA**

***HIMSELF A MANDARIN:***  
**BIOBIBLIOGRAFIA DE AUSTIN COATES**



## 1. A DESCOBERTA DE MACAU: A VIAGEM ORIENTAL DE UM DIPLOMATA ROMANCISTA

I was born in Asia's largest and most important capital city – London.

Austin Coates, *China, India and the Ruins of Washington*, 1972, p. vii

Austin Francis Harrison Coates, diplomata, historiador, romancista e membro da Royal Asiatic Society, de ‘nome’ chinês *Gao Ze* (elevada responsabilidade), nasce em Londres (16-04-1922), durante o nono ano de casamento do compositor Eric Coates (1886-1957)<sup>1</sup> e da actriz Phyllis Black Coates (1894-1982), sendo filho único do casal<sup>2</sup>.



*Austin Coates e Mickey (1933)*

<sup>1</sup> Née Frank Harrison Coates [cf. Geoffrey Self, s.v. «Coates, Eric», in H. C. G. Mathew e Brian Harrison (eds.), *Oxford Dictionary of National Biography*, vol. 12, 2004, p. 252].

<sup>2</sup> Eric Coates e Phyllis Black casam a 2 de Fevereiro de 1913 (cf. *idem, ibidem*). Em 1953, Eric Coates, na sua autobiografia *Suite in Four Movements: An Autobiography*, pp. 199 e 202, respectivamente,

Após uma infância e uma adolescência vividas entre Londres e Sussex, aos 17 anos de idade Coates decide tornar-se dramaturgo e parte para Paris com o objectivo de estudar teatro<sup>3</sup>, ingressando posteriormente na Royal Academy of Dramatic Art.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o jovem viaja, pela primeira vez, rumo à Ásia, desempenhando, entre 1942 e 1947, o cargo de oficial da British Royal Air Force Intelligence na Índia, em Rangum, capital da então recém-fundada Birmânia, em Singapura (1945-1946), e em Jacarta, onde em 1947 se torna observador inglês do processo de descolonização holandesa. As sucessivas viagens do autor pelo Oriente levam a que o contacto com realidades diversas de espaços-Outros se torne um tema recorrente na sua obra literária<sup>4</sup>.

Na Índia em guerra pela independência, o então soldado inglês conhece e acompanha Gandhi em viagem<sup>5</sup>, pouco tempo antes do assassinato deste último, em 1948. De regresso a Inglaterra, no ano seguinte, Coates, com 27 anos de idade, alista-se no British Colonial Civil Service e inicia a sua carreira diplomática, sendo nomeado secretário-assistente colonial até 1956<sup>6</sup>, na Hong Kong conturbada pelas transformações políticas na China<sup>7</sup>. Durante as suas funções no governo da colónia britânica o diplo-

---

descreve o efeito que o nascimento de Austin provoca no lar dos “Coateses”, bem como a educação literária e musical do filho: “[...] a happier, cheerier, more affectionately disposed person I have never known. It was unfortunate for Phyl that Austin took it into his head to arrive at the time when she had made a ‘hit’ in a production in the West End and offers were pouring in [...]. He was an unusual little boy [...] and very determined, from the first showing a marked inclination towards independence [...]”.

<sup>3</sup> Cf. «Application for Appointment in Divisions I & II» (Serviços de Turismo de Singapura), formulário manuscrito por Coates que apresenta o seu percurso escolar [“Preparatory School (1929-36); Stowe (Public School: 1936-38—School Certificate); Private Student in Paris (1939)”]. Documento gentilmente cedido pelo Professor Doutor James Cummins (do espólio pessoal de Austin Coates, nosso anexo n.º 1).

<sup>4</sup> Cf. Austin Coates, em entrevista a João Guedes, «The Gentleman of Colares», *MacaU*, 1997, p. 134: “[...] I was called up to do my military service with the RAF. I need hardly tell you I was very disappointed. However, now with hindsight, I realise that it was a good thing otherwise I would have ended up forever writing scripts and I would never have led the life I have led.”

<sup>5</sup> Vide esboço biográfico do autor na badana da contracapa de Austin Coates, *China, India and the Ruins of Washington*, 1972.

<sup>6</sup> Cf. «Coates, Austin 1922-», in Frances C. Locher (ed.), *Contemporary Authors: A Bio-Bibliographical Guide to Current Writers in Fiction*, vol. 102, 1981, p. 113.

<sup>7</sup> O próprio autor refere essa decisão e a sua chegada à colónia inglesa cercada por tropas chinesas após a Segunda Grande Guerra nas suas memórias de ‘mandarim’ rural (*Myself a Mandarin: Memoirs of a Special Magistrate*, 1990, p. 15), estabelecendo uma relação causal entre a colonização vitoriana do enclave e a típica “distância mental” inglesa relativamente aos acontecimentos políticos na China profunda (vide G. B. Endacott, *A History of Hong Kong*, 1977, p. 310), período que o romancista descreve



*Coates nos Novos Territórios de Hong Kong (1954), quarto a contar da direita.*

mata torna-se assistente do então governador Sir Alexander Grantham (1899-1978), auxilia os refugiados políticos chineses e escreve *Invitation to the Eastern Feast* (1953)<sup>8</sup> e *Personal and Oriental* (1957)<sup>9</sup>, as suas primeiras obras, publicadas simultaneamente em Londres e Nova Iorque. Entre Maio de 1953 e Julho de 1955 Coates desempenha as funções de magistrado e *district officer* nos Novos Territórios da Hong Kong rural<sup>10</sup>, experiência que descreve 13 anos mais tarde numa das suas obras mais famosas, *Myself a Mandarin*, através de 16 casos resolvidos no seu ‘tribunal’.

---

também em entrevista a Mandie Appleyard, «Coates Captures Colonial Spirit», *Hong Kong Standard*, 11-04-1988, p. 15: “My first nine or 10 months were very exciting, but we had one million refugees to cope with. The streets were littered with people sleeping and living on the pavements. They were building houses frantically all over the place and shanty towns were going up.”

<sup>8</sup> De acordo com o obituário do *Times*, n.º 65, 850, 29-03-1997, p. 23, *Invitation to the Eastern Feast* é redigido durante a estada do autor em Bengal, classificando-o Jane Lanigen, s.v. «Burma/Myanmar», in Jennifer Speake (ed.), *Literature of Travel and Exploration: An Encyclopedia*, vol. 1, 2003, p. 145, como um “interesting travelogue”.

<sup>9</sup> Neste relato de viagem entre o Japão e Londres, Coates aborda as relações entre o Ocidente e o Oriente, originando a estada em Hong Kong algumas breves referências a Macau, “[...] Hong Kong’s Portuguese neighbour [...], a very jolly place, excellent for crabs [...where] there are no doctors [...]” (Austin Coates, *Personal and Oriental*, 1957, pp. 79 e 80, respetivamente).

<sup>10</sup> Vide James W. Hayes, «The Old Popular Culture of China and its Contribution to Stability in Tsuen Wan», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, 1990, pp. 4, 23, e

Durante o primeiro ano em Hong Kong, o romancista visita Macau e deixa-se desde logo seduzir pela exótica vivência do primeiro e último entreposto europeu na China, como descreve em 1993:

[...] logo depois de ter assumido funções no governo colonial de Hong Kong, em 1949, [...] vim pela primeira vez a Macau. Por sorte. No *ferry* em que viajei estava José Guterres e a mulher, Maria (que eram de Xangai). Ele era muito interessado em história, na história da comunidade portuguesa do Extremo Oriente, e mostrou-me pessoalmente Macau. Guiou-me num *tour* interessantíssimo em que vimos todos os monumentos históricos durante um fim-de-semana inteiro. [...] Fiquei imediatamente fascinado desde os primeiros contactos com a presença portuguesa no Oriente. O primeiro encontro aconteceu casualmente em Bombaim com a comunidade goesa, em 1944, e o que mais me fascinou foi a beleza da música popular que resultava de uma simbiose entre os ritmos indiano e português. Depois, numa localidade a norte de Calcutá, onde estive destacado como oficial britânico, vi no interior de templos hindus representações de portugueses, com os seus chapéus típicos, e de caravelas portuguesas. [...] Mais tarde em Malaca, conheci muitos portugueses. [...] Macau foi sempre melhor governado que os outros territórios portugueses [...]. Os britânicos impuseram a sua presença pela força [em Hong Kong] enquanto os portugueses foram convidados para se estabelecer em Macau<sup>11</sup>.

Em 1957, Austin Coates é transferido, a seu pedido e até 1959, para Sarawak, na Malásia Oriental, como magistrado, conselheiro para os assuntos chineses e administrador do distrito de Kuching, assessorando, entre 1958 e 1959, o governador Sir Anthony Abell. Entre 1959 e 1962 o diplomata é primeiro secretário da British High Commission em Kuala Lumpur e Penang (George Town), na Malásia Peninsular<sup>12</sup>, e durante a

---

Allen Chun, *Unstructuring Chinese Society: The Fictions of Colonial Practice and Changing Realities of "Land" in the New Territories of Hong Kong*, 2002, pp. 77-84, 104, n.º 44.

<sup>11</sup> Austin Coates, em entrevista a Paulo Coutinho, «Austin Coates: As Calçadas do Futuro», *Ponto Final*, ano 2, 2.ª série, n.º 67, 14-01-1994, pp. 18-19. Este artigo descreve o curioso episódio que serve de cartão de visita a Coates em Macau, enquanto membro do governo de Hong Kong, na sua primeira noite no território: “[Coates] fica hospedado no corredor da hospedaria de Carmen da Silva, uma *female tiger*, ali à Praia Grande. Foi com ela – «uma cozinheira estupenda» – que afinou o gosto para os paladares lusitanos... com toque oriental. Afirma aliás, sem sombra de dúvida, que o melhor da cozinha portuguesa são os pratos macaenses. É por essa altura que trava conhecimento com alguns *filhos da terra*, ligados sobretudo aos meios jornalísticos e intelectuais” (*idem, ibidem*, p. 19).

<sup>12</sup> Cf. «Currículo Dactilografado por Coates», cedido por Fung Kwai-yim (do espólio pessoal de Austin Coates, nossos anexos n.º 1 e 2).

sua permanência no Oriente assiste à descolonização do Império Britânico<sup>13</sup> antes de se tornar “free-lance travel writer”<sup>14</sup>.

O seu primeiro romance, *The Road*, é publicado nos Estados Unidos da América em 1959 e representa a experiência de Sylvia e Richard, este último *district officer* dos Novos Territórios de Hong Kong, durante a construção da nova estrada de Lantau. Numa entrevista a Mandle Appleyard, Coates refere Graham Greene como um dos seus escritores favoritos, antes de explicar a sua atitude para com a ficção em geral e como surgiu o seu primeiro romance: “I don’t feel at ease with fiction somehow. I only wrote *The Road* because my publishers went on and on at me [...]”<sup>15</sup>. Aliás, Appleyard identifica esse texto como a única obra ficcional do romancista, esquecendo o romance histórico *CBP*.

Em 1962, aos 40 anos de idade, Coates abandona a carreira diplomática, estabelece-se em Londres e dedica-se inteiramente à escrita, tendo visitado África, em 1964, para escrever *Basutoland*<sup>16</sup>. Dois anos depois, o autor publica o seu primeiro estudo sobre Macau e as presenças portuguesa e inglesa no delta do rio das Pérolas, *Prelude to Hong Kong*, mais tarde reeditado com o título *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* (1988), apresentando também comunicações sobre a história local na Royal Asiatic Society de Hong Kong<sup>17</sup>, área de estudos actualmente associada ao autor nesse mesmo território<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Sobre o fim do Império Britânico no Oriente, nomeadamente o contexto político dos anos 1950-1960, veja-se Nicholas J. White, *Decolonisation: The British Experience Since 1945*, 1999, pp. 24-50, 131.

<sup>14</sup> Cf. «Currículo Dactilografado por Coates».

<sup>15</sup> Mandle Appleyard, *op. cit.*, p. 15.

<sup>16</sup> Cf. *Frederick Muller Ltd. Announce of the Forthcoming Publication of a New Novel by Austin Coates City of Broken Promises*, 1967 (folheto publicitário anterior à publicação de *CBP*, p. 4, nosso anexo n.º 3). O texto informa que é durante a estada de Coates em Joanesburgo que a Anglo-American Corporation of South Africa lhe comissiona um estudo sobre as províncias portuguesas de Angola e Moçambique («Portuguese Roots in Africa», *Optima: A Quarterly Review*, vol. 15, n.º 1, Março de 1965, pp. 1-15).

<sup>17</sup> De acordo com J. R. Jones, «President’s Report for 1966», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 7, Outubro de 1967, p. 6, Coates apresenta, em 1966, nessa instituição, a comunicação “Charles Elliot and Hong Kong”.

<sup>18</sup> Elizabeth Sinn, «The Study of Local History in Hong Kong: A Review», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 34, 1994, p. 166, n.º 7, e p. 168, n.º 28, refere, respectivamente, *Myself a Mandarin*, de Austin Coates, enquanto repositório de experiências pessoais do cargo de *district officer* de Coates em Hong Kong, e *A Mountain of Light: The Story of the Hong Kong Electric*

Em 1967, Coates publica *CBP*, cujas preparação e investigação histórica haviam sido iniciadas em Hong Kong e Macau anos antes, e um ano depois o estudo que mais tarde viria a considerar a sua mais importante obra<sup>19</sup>, *Rizal Philippine Nationalist and Martyr* (1968)<sup>20</sup>, uma biografia do poeta e herói filipino José Rizal (1861-1896), figura que despertara o interesse do autor quando da sua primeira visita a Manila, em 1950, na qualidade de coordenador da delegação de Hong Kong ao congresso mundial da organização Jaycee, levando-o posteriormente a efectuar diversas entrevistas junto de naturais de Hong Kong que haviam conhecido Rizal durante a estada deste último na colónia inglesa, entre 1891 e 1892, processo idêntico ao que leva a cabo em Macau



*Austin Coates em Hong Kong (anos 60).*

---

*Company*, 1977, como exemplo de um estudo de instituições locais. Veja-se também Dan Waters, «Hong Kong Hongs with Long Histories and British Connections», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, 1990, pp. 233, 254.

<sup>19</sup> Cf. Bradley Winterton, *op. cit.*, p. 15.

<sup>20</sup> O Professor Doutor James Cummins cedeu-nos em Londres (2002), uma carta que enviara a Coates (09-04-1968), na qual refere a polémica que antecede a publicação da biografia de Rizal, envolvendo a Companhia de Jesus, que ameaça processar Coates e a sua editora devido a afirmações sobre o duvidoso processo de conversão de Rizal. O apoio de Charles Boxer a Coates fica também implícito na missiva (carta dactilografada, espólio pessoal do Professor Doutor James Cummins, Departamento de Espanhol-Universidade de Londres). A biografia de Rizal, considerada “[...] the standard work on him in English [...]” (*Times*, 850, n.º 65, 29-03-1997, p. 23) leva, mais tarde, o Governo das Filipinas a condecorar Coates com o título de Cavaleiro e Grande Oficial da Ordem de Rizal.



durante a recolha de dados da tradição oral sobre Marta da Silva Van Mierop (1766-1828)<sup>21</sup> para a redacção de *CBP*, como informa a contracapa desse romance histórico.

Em Julho de 1965 o romancista é opositor ao concurso para o cargo de director dos Serviços de Turismo de Singapura<sup>22</sup>, função que desempenha até 1966<sup>23</sup>, ano em que regressa à China para aí viver e escrever durante 27 anos, sendo-lhe comissionadas diversas obras quer pelo governo de Hong Kong, quer por companhias privadas, como por exemplo *Western Pacific Islands* (1970), que o leva em viagem durante cinco meses pelo Oriente, e *Islands of the South* (1974), sobre o período pré-histórico do Pacífico e a influência dos seus povos na Ásia Oriental. É durante a segunda estada em Hong Kong que Coates se deixa envolver de forma mais profunda e pessoal pela Macau pitoresca, que descreve como:

[...] a fascinating place. Without question another world, charmingly peaceful and quiet. We could picnic in the middle of the *Avenida da Praia Grande* without getting in the way of the traffic. I think there were 27 cars in the whole town at the time. Nothing ever happened in Macao before eleven in the morning. The local intelligentsia would then gather at the Hotel Riviera for cups of strong coffee. [...] Just the six of them! The group became seven when I joined them<sup>24</sup>.

A representação do *modus vivendi* e da sonolência da urbe é recorrente na literatura inglesa, nomeadamente num breve texto de Shann Davies que descreve a procrastinação como característica de Macau: “The Portuguese have a word for progress in

---

<sup>21</sup> Data de nascimento avançada por Austin Coates, «Millionairess ‘Pensioner’ of Macau», *South China Morning Post*, vol. 33, n.º 335, 04-12-1977, p. 16, e John Clemens, *Discovering Macau: A Visitor’s Guide*, 1977, pp. 59-78.

<sup>22</sup> Cf. «Application (23-07-1965, Singapura)», e currículo dactilografado por Coates (anexos n.º 1 e 2).

<sup>23</sup> Cf. Chan Kwee Sung, «Mr Lion Dance: Late Austin Coates Helped to Promote Chinese Lion Dance», *The Straits Times*, 26-03-1997, sem n.º e sem vol., p. 30.

<sup>24</sup> Coates, em entrevista a João Guedes, *op. cit.*, p. 138. Numa entrevista a Bradley Winterton, *op. cit.*, p. 14, o autor repete a mesma ideia em forma de exclamação: “I first went to Macau in the 1949, when I began working for the Hong Kong government. My goodness, it was a charming place then! So peaceful, so quiet. You could stand and look at a traffic light – I think they had *one* in those days – and it would change from green to red and green again, and not a single vehicle would have passed. What a difference from today! [...] When you arrived, there was only one hotel where Europeans could reasonably stay in”. Philippe Pons, *Macao*, 2002, p. 102, descreve os encontros dos “aficionados of Macao” no bar do Hotel Boa Vista, entre os quais se encontra Coates, “[...] a tall, white-haired writer [...], who was both quintessentially British and very rude about his compatriots. Having fled Hong Kong, where he’d based for many years, he went on to write several books relaxing on the Bela Vista’s terrace”.

Macau: *amanhã* [...], the day when plans will be implemented, projects finalised and action taken”<sup>25</sup>.

Numa outra ocasião, no final dos anos 80, Coates enfatiza as dimensões histórica e portuguesa do enclave:

Macau is an extremely interesting place, quite unique, quite unique. There’s nowhere like it anywhere else in Asia, and probably not in the world. The problem for a historian is that they don’t have records, or at least not very many. You see, in former centuries the Portuguese didn’t write things down as a rule – they considered themselves gentlemen, and some of them were gentlemen, and they simply trusted each other’s word<sup>26</sup>.

O romancista conclui que o território é considerado um local único no mundo não apenas por turistas, mas também por historiadores de renome mundial como Charles Ralph Boxer, seu conhecido:

For historians of a place that is unique in the world as an international trading centre it [the lack of historical sources] is a disaster! My old friend the historian Jack Braga used to say ‘If only I could find a bill of lading, just *one*...’ Well, Charles Boxer found one – *one*, I may say – in Lisbon. But the lack of records is the primary problem for Macau historians, particularly records of trading transactions<sup>27</sup>.

Essa ausência de fontes relativamente às vidas de Marta e Thomas Kuyck Van Mierop leva o Autor, impossibilitado de redigir um estudo biográfico ou historiográfico sobre essas figuras, a publicar o romance histórico *CBP*.

Durante os passeios e estadas no Hotel Bela Vista os amigos portugueses e macaenses descrevem a Coates a vivência e a presença inglesas na cidade, bem como episódios históricos que o autor investiga e incorpora em obras como *Macao and the British*, *A Macao Narrative* e *CBP*, enquanto viaja em busca de informação por diversas paragens do Oriente e conhece estudiosos e diplomatas portugueses, como o embaixador Gabriel Mesquita de Brito.

Em 1974 Coates decide abandonar Hong Kong e viver na Europa, escolhendo o seu país favorito, Portugal, para se estabelecer. Essa mesma relação, que dura até à

---

<sup>25</sup> Shann Davies, *Macau*, 1986, p. 19.

<sup>26</sup> Austin Coates, em entrevista a Bradley Winterton, *op. cit.*, pp. 13-14.

<sup>27</sup> Austin Coates, em entrevista a Bradley Winterton, *op. cit.*, p. 14.



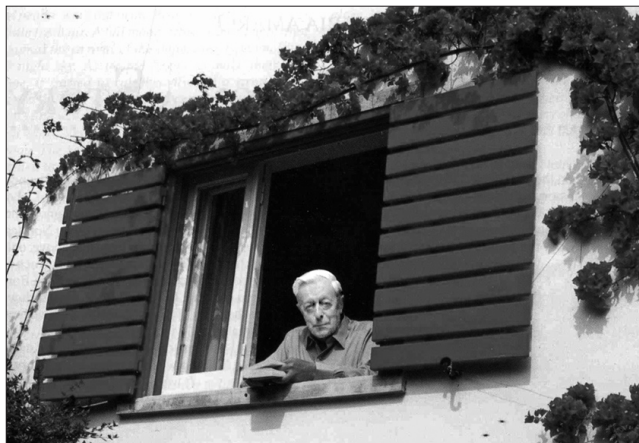
*Austin Coates (anos 80).*

morte do autor, tem início em Macau, através de amizades como as que mantém com os historiadores macaenses Luís Gonzaga Gomes<sup>28</sup> e Jack Maria Braga, tendo este último colaborado na investigação do romancista sobre o enclave, nomeadamente para redigir *CBP*<sup>29</sup>. No décimo dia da estada do escritor em Lisboa, a revolução de Abril e um contrato para um novo livro levam-no de novo a Hong Kong, adiando este a sua decisão de se estabelecer em Portugal durante mais 18 anos, até que em 1992, após mais

---

<sup>28</sup> Sobre Luís Gonzaga Gomes, veja-se António Aresta, «O Professor Luís Gonzaga Gomes e a Divulgação Pedagógica da Cultura Chinesa», *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 14, n.º 54, Dezembro de 2001, pp. 1535-1558.

<sup>29</sup> A colaboração e a amizade entre os dois historiadores surgem em Macau. Em 1951, Braga convida Coates para apresentar uma comunicação no Sino-British Club e no Instituto Português de Hong Kong sobre a presença inglesa em Macau e envia-lhe apontamentos para futura discussão [cf. Jack M. Braga, carta dactilografada dirigida a Austin Coates (24-05-1951), 1 p. (espólio pessoal de Austin Coates), cedida por Fung Kwai-yim, anexo n.º 4]. O Professor Doutor Paul Rule, com base em investigação levada a cabo no espólio de Jack M. Braga na Biblioteca Nacional da Austrália, informou-nos de que Coates mantém uma intensa troca de correspondência com o historiador macaense nos anos 50 e 60, intercedendo junto do governador de Macau, em 1954, pois o seu amigo Coates “[...] is deeply immersed in preparing a book on the “British in Macao”, and I am doing all I can to help him. His book is coming along nicely. One thing good about this gentleman is that he does not hesitate to criticize his own countrymen for their misdeeds in Macao” [Biblioteca Nacional de Camberra, *Braga Papers*, carta «JB [Jack Braga] to AO [Albano Rodrigues Oliveira]», 16-03-1954; transcrição de Paul Rule num dos *emails* que nos enviou (30-04-2002).



*Austin Coates em Colares (1996).*

de 50 anos de aventuras asiáticas, o projecto finalmente se concretiza, data a partir da qual Coates passa a residir em Colares, numa casa adquirida em 1985. Próximo de Sintra, o romancista dedica-se à escrita e à reedição da obra musical do seu pai<sup>30</sup>, rodeado por uma exótica ambiência que o seu jardim ainda hoje reproduz, falecendo, conforme noticia a imprensa portuguesa<sup>31</sup>, vítima de cancro, a 16 de Março de 1997, aos 74 anos de idade, na Rua das Horas da Paz, ligado a Macau por uma profunda nostalgia que as vozes lusas dos seus vizinhos adensam<sup>32</sup>. O próprio autor resume o seu estado de espírito, pouco tempo antes de falecer: “I must stick to my field [of study], the Far East. After all, I did leave this continent more than fifty years ago. I feel a foreigner here nowadays, though I do feel profoundly European”<sup>33</sup>. Os seus restos

---

<sup>30</sup> Sobre a vida e a obra de Eric Coates, vejam-se Eric Coates, *op. cit.*; Stuart Upton, *Eric Coates: A Biographical Discography Covering All Known 78 Recordings, plus a Listing of All Important LP Releases*, 1980, e Geoffrey Self, *In Town Tonight: A Centenary Study of Eric Coates*, 1986.

<sup>31</sup> Anónimo, «Morreu Austin Coates», *A Capital*, 2.ª série, ano 30, n.º 9102, 18-03-1997, p. 40.

<sup>32</sup> Cf. João Guedes, *op. cit.*, p. 133. Em 1999, o escritor australiano Bradley Winterton, *op. cit.*, p. 20, que conhece o autor em Macau, afirma: “When Austin Coates died [...] Macau lost one of its most loving and knowledge admirers. He was a man who combined the clear-minded objectivity of the scholar with the experience of the man involved for many years in practical administration. He both loved Macau, and knew the special place, historically speaking, it was.” Winterton confessa recordar imediatamente a atmosfera de *CBP* ao visitar Macau: “[...] The whole of Macao for me still bore the flavour of that wonderful book [...]” (*idem, ibidem*, p. 22).

<sup>33</sup> Austin Coates, em entrevista a João Guedes, *op. cit.*, p. 139.

mortais encontram-se no jazigo da família Coates, no Golders Green Crematorium, em Londres.

Coates caracteriza a sua forma de ‘escrever História’ como “[...] light and easy to read [...]”<sup>34</sup>, e a sua obra de cariz historiográfico e biográfico torna-o uma referência recorrente nos estudos e bibliografias de orientalistas e sinólogos mundiais. O diplomata-romancista é autor de 18 obras publicadas e 14 ainda inéditas sobre o Oriente<sup>35</sup>, assumindo-se como um nome proeminente no estudo da história e da etnografia (em língua inglesa) de Macau a quem não foi prestada a mais que merecida homenagem em Portugal, onde apenas um dos seus estudos foi traduzido.



*Austin Coates na Rua das Horas da Paz, Colares (1996).*

De seguida apresentamos um quadro com as obras publicadas de Austin Coates, a temática e o ano da primeira edição das mesmas.

<sup>34</sup> *Idem*, em entrevista a Mandy Appleyard, *op. cit.*, p. 15.

<sup>35</sup> Relativamente às obras inéditas de Coates, não podendo consultar o seu espólio pessoal, recorremos ao inventário dos seus manuscritos e textos dactilografados elaborado em 1997 por James Cummins, no qual se encontram listados os vários volumes do diário do autor (1942-1997), bem como relatos de viagem pela Indonésia e por Timor; 32 poemas e contos; memórias da sua adolescência (“not for publication”); 25 páginas do projecto (abandonado) de uma História de Portugal; a tradução inglesa de *História Alegre de Portugal* (1880), de Pinheiro Chagas, levada a cabo em Janeiro de 1990, em Hong Kong (“not for publication”), e o manuscrito do musical «Knight of Malta. A Mediterranean Romance with Music», que, de acordo com o obituário do *Daily Telegraph*, «Austin Coates: Composer’s Son who Explored the Islands of the South Seas», n.º 44, 994, 23-03-1997, p. 27, é fruto da colaboração do romancista com o seu pai interrompida pela Segunda Guerra Mundial.

Quadro n.º 1 – A obra publicada de Austin Coates<sup>36</sup>

Título	Tema *	Ano da 1.ª edição
<i>Invitation to an Eastern Feast</i>	VH	1953
<i>Personal and Oriental</i>	VH	1957
<i>The Road</i>	F	1959
<i>Basutoland</i>	VH	1966
<i>Prelude to Hong Kong/Macao and the British</i>	H	1966/1988
<i>City of Broken Promises</i>	F	1967
<i>Rizal, Philippine Nationalist and Martyr</i>	B	1968
<i>Myself a Mandarin: Memoirs of a Special Magistrate</i>	M	1968
<i>Western Pacific Islands</i>	VH	1970
<i>China, India and the Ruins of Washington</i>	VH	1972
<i>Islands of the South</i> <sup>37</sup>	VH	1974
<i>Numerology</i> <sup>38</sup>	N	1974
<i>A Mountain of Light: The Story of the Hong Kong Electric Company</i>	H	1977
<i>A Macao Narrative</i>	H	1978
<i>Whampoa, Ships on the Shore</i>	H	1980
<i>China Races</i> <sup>39</sup>	H	1983
<i>The Commerce in Rubber: The First 250 Years</i> <sup>40</sup>	H	1987
<i>Quick Tidings of Hong Kong</i> <sup>41</sup>	H	1990

\* **Legenda:** VH: Viagens e História; F: Ficção; H: História; B: Biografia; M: Memórias; N: Numerologia.

<sup>36</sup> Para além destas obras, Coates traduz para inglês os três volumes autobiográficos do seu assistente pessoal, Tan Kok Seng (1939-): *Song of Singapore: The Autobiography of a Coolie* (1972); *Man of Malaysia: Tan Kok Seng* (1974); *Eye on the World* (1975), e ainda *Three Sisters of Sz* (1979).

<sup>37</sup> A recolha de informação de Coates nas ilhas do Pacífico e as suas conclusões nessa obra são referidas em estudos recentes como Stephen Cairns, *Drifting: Architecture and Migrancy*, 2004, p. 230.

<sup>38</sup> Esta obra é considerada essencial para o estudo dos números por Bill Whitcomb, *The Magician's Companion: A Practical Encyclopedic Guide to Magical & Religious Symbolism*, 2004, p. 439.

<sup>39</sup> A obra é encomendada a Austin Coates pelo Hong Kong Jockey Club para marcar o centenário da instituição em 1984 [cf. Leo Ou-fan Lee, «Shanghai Modern: Reflections on Urban Culture in China in the 1930s», in Dilip Parameshawar Gaonkar (ed.), *Alternative Modernities*, 2001, pp. 104-105]

<sup>40</sup> O estudo confere a Coates o título de “rubber historian” (Charles Slack, *Charles Goodyear, Thomas Hancock, and the Race to Unlock the Greatest Industrial Secret of the Nineteenth Century*, 2002, p. 57). Veja-se também Robert Bud, *The Uses of Life: A History of Biotechnology*, 1994, pp. 230 (n.º 48), 268.

<sup>41</sup> A obra é referida em estudos sobre a modernização da China, como Erik Baark, *Lighting Wires: The Telegraph and China's Technological Modernization, 1860-1890*, 1997, pp. 67, 187.

**2. QUATRO OBRAS DE COATES EM TORNO DE MACAU:  
*MACAO AND THE BRITISH 1637-1842, PRELUDE TO HONG KONG.*  
*A MACAO NARRATIVE, «MACAO» E CITY OF BROKEN PROMISES***

I always associate Macao with Venice. Whichever one I am in, I always wake up wondering which one it is [...].

Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 1

Austin Coates publica dois estudos ilustrados sobre Macau – *Macao and the British 1637-1842: Prelude to Hong Kong* (1966) e *A Macao Narrative* (1978) –, bem como o romance histórico *CBP* (1967), mantendo-se o poema «Macao» (1950), que aborda-remos no quarto capítulo desta primeira parte, inédito até à data.

O primeiro destes estudos, dedicado a Jack M. Braga, sintetiza a presença britânica no Sul da China desde a chegada da frota de John Weddell, em 1637, até às Guerras do Ópio e à fundação de Hong Kong, tendo como fio condutor a importância de Macau para o *China trade*. Os 14 capítulos da obra abordam, sumariamente e sem recurso directo a fontes históricas, a presença europeia na China Meridional; o estabelecimento e os interesses da E.I.C. em Cantão e Macau, sobretudo a partir de 1700; o *country trade* entre a Índia e a China; a embaixada de Lord Macartney; a chegada dos humanitários e das primeiras mulheres inglesas ao enclave; as várias crises comerciais em torno do tráfico de anfião através de Macau e Lintim; a primeira Guerra do Ópio, e a acção de figuras históricas como Thomas Beale, Robert Morrison e Charles Elliot. Como o título da obra indica, a compreensão da presença inglesa no Império do Meio, nomeadamente em Macau desde meados do século XVII, é essencial para o estudo dos acontecimentos que precedem a Guerra do Ópio e a fundação de Hong Kong em 1841. Na bibliografia final, o autor afirma que a maioria da informação utilizada advém da “tradição oral” de Macau, de jornais como *The Canton Register* e *The Chinese Repository*, de documentos europeus e chineses cedidos por Jack M. Braga e da lista de estudos que apresenta no final, sem que essa bibliografia secundária seja citada ao longo do texto.

*A Macao Narrative*, traduzida para português por Luísa Guedes com o título *Macau: Calçadas da História* (1991), é um esboço geral da história do enclave que contempla a chegada dos portugueses ao Oriente no século XVI, nomeadamente à Índia e à China, de forma a contextualizar o comércio da Nau do Trato entre Macau e o Japão,



bem como a ofensiva anglo-holandesa contra os interesses e domínios portugueses; o início da presença inglesa na China; o poderio inglês no século XVIII; a Guerra do Ópio; a fundação de Hong Kong; o governo de Ferreira do Amaral e o tratado sino-português de 1862. Na bibliografia final Coates agradece, mais uma vez, a valiosa colaboração do historiador macaense Jack M. Braga, afirmando:

A great deal about Macao's early history went unrecorded and is unknown. [...] It was not until the last hundred years that the past was brought gradually to reveal its secrets, thanks to the work of modern scholars, of whom the most notable are the Marques Pereiras, Montalto de Jesus, J. M. Braga, Professor Charles Boxer, Father Gervais, Jordão de Freitas, Dr. Armando Cortesão, Luís Gonzaga Gomes, and father Manuel Teixeira. [...] Appart from various minor points arising from my own investigations, the present work follows these authorities. Any unattributed quotation in the text is from one or other of the works of J. M. Braga, whose magnificent collection of printed works on the Portuguese in the Far East is accessible to the public in the National Library of Australia, Canberra<sup>42</sup>.

Através destas afirmações podemos concluir que o próprio autor define ambas as obras como estudos de síntese realizados a partir de publicações de historiadores por ele referidos e, por essa razão, Coates é considerado, no meio académico inglês e de Hong Kong, um estudioso ‘pouco académico’<sup>43</sup>, gozando, no entanto, os seus textos de algum sucesso editorial em todo o mundo. O próprio autor agradece, nestes estudos, a amigos e investigadores em cujas obras se baseia para formular a sua síntese e confessa a natureza pouco académica dos mesmos, opinião também veiculada por A. E. Brown, num verbete dedicado a Macau no *International Dictionary of Historic Places* (1996), ao reconhecer a importância de *A Macao Narrative* e *The British in Macao* como os principais estudos sobre a história do enclave em língua inglesa: “the standard history of Macau in English is by Carlos Augusto Montalto Jesus, *Historic Macao* (1902) [...]. A shorter, more popular history is *A Macao Narrative* by Austin Coates [...]. The same

---

<sup>42</sup> Austin Coates, *A Macao Narrative*, 1993, p. 108.

<sup>43</sup> Kingsley Bolton, *op. cit.*, p. 124, n.º 1, afirma, ao remeter e citar recorrentemente *A Macao Narrative* (1978): “The accuracy in detail of Coates’ vivid, almost literary, narrative of Macao cited here has been questioned by professional historians”. O autor talvez se refira a comentários como os de Kenneth R. Maxwell, *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues*, 2003, que, ao apresentar um resumo da história de Macau, refere sumariamente a presença inglesa no século XVIII e remete, na nota 16 da página 265, para a obra de Coates: “This period has been skillfully evoked in the romanticized history of Austin Coates’s *City of Broken Promises* [...] and *A Macao Narrative* [...]”.



author's *Prelude to Hong Kong* [...] deals with Macau's role in the eighteenth and nineteenth centuries"<sup>44</sup>.

Quanto à obra literária de Coates, de seguida analisaremos *The Road* através da comparação com *CBP*, abordando o poema «Macao» no quarto capítulo desta primeira parte, enquanto o romance cuja acção tem lugar na Macau setecentista será por nós estudado como a principal obra de cariz anglo-português do autor.

### 3. *THE ROAD*: O PRIMEIRO ROMANCE DE AUSTIN COATES

This piece of world's offal [Hong Kong] to which Great Britain attached so much importance, this final place, this end of all hope: pitiful rocks meaninglessly defying the ocean.

Austin Coates, *The Road*, 1987, p. 145

Em 1959 Coates publica, por proposta da sua editora norte-americana, a Harper & Brothers, o seu primeiro romance, *The Road*, narrativa dividida em três partes que representa o quotidiano privado da romancista Sylvia e do marido Richard, bem como a vida pública/política de Hong Kong nos anos (19)40 e 50, esta última dimensão, de acordo com o Autor, bastante próxima da realidade<sup>45</sup>. Se atentarmos também em «Macao» e *CBP*, concluímos que a obra literária de Coates se assume premedi-

---

<sup>44</sup> A. E. Brown, s. v. «Macao», in Trudy Ring et alii (eds.), *International Dictionary of Historic Places*, 1996, p. 546 (itálico nosso). Também Iêda Siqueira Wiarda (ed.), *Handbook of Portuguese Studies*, 2000, p. 201, e Robert Aldrich e John Connell, *Last Colonies*, 2005, p. 269, listam *A Macao Narrative* como bibliografia essencial sobre a história de Macau.

<sup>45</sup> Cf. Austin Coates, «Foreword», in *The Road*, 1987, p. 4: "By accident, one sees quite a lot of Hongkong in the book, as it was in those times. It was much more 'British colonial' than now, although never unbearably so; one could live outside it, as Sylvia and Richard did. [...] The clearest moment comes at the music party towards the end of the book; that is absolutely Hongkong as it used to be". No prefácio da edição da Oxford University Press, redigido em Macau e Hong Kong (1986), Coates descreve o episódio que dá origem à narrativa ficcional: a construção de uma estrada em Hong Kong, na ilha de Lantau, projecto que o diplomata supervisiona enquanto *civil administrator* e *magistrate* do governo da colónia inglesa.

tadamente como uma representação ficcional de cariz realista da história dos espaços descritos na mesma.

De acordo com o romancista, *The Road*, não tendo nenhum herói ou heroína, é um anti-romance no qual as personagens parecem pertencer a histórias diferentes, não “[...] indo a lado nenhum [...]”<sup>46</sup>. O tema principal da narrativa escrita ao longo de três meses em Sarawak são os aspectos humano e económico da construção de uma estrada na Hong Kong rural, ao qual se junta um outro tema por sugestão de um amigo europeu do autor: “[...] a book about a woman who is cleverer than her husband”<sup>47</sup>. O casamento de Sylvia e Richard encontra-se em perigo, situação agravada pela construção da estrada e pelos efeitos da representação próxima da realidade colonial nas narrativas ficcionais da romancista. A estrada é um desafio quer para Richard, *district officer*, quer para a população chinesa rural do enclave a quem o indesejado progresso que a via de comunicação acarreta prova que os “foreign devils”<sup>48</sup> são estranhos, acabando a construção e inauguração da mesma por levar a um certo desenraizamento e à expropriação de terras dos habitantes locais. A vida pública e os interesses políticos dos *colonial servants* e dos *social climbers* são temas recorrentes no romance, nomeadamente as festas e os piqueniques em lanchas no rio das Pérolas, dando o facto de Sylvia ser romancista lugar a diversos exercícios de metaficção ao longo do texto<sup>49</sup>, tornando-se *The Road* também um romance sobre a escrita, a recepção e a interpretação de romances.

Não nos detemos de forma aprofundada nos artifícios narrativos desta última obra, que se encontra fora do nosso âmbito de investigação, estudando apenas os seus pontos de contacto com *CBP*, romance que estudamos nas três partes seguintes, daí que as características que agora apontamos sejam principalmente as de *The Road*. Embora alguns temas, como a dimensão chinesa e europeia e o papel das mulheres em ambos os enclaves, sejam comuns aos dois romances, as semelhanças são mais ao nível da forma do que ao do conteúdo; daí que o nosso exercício de comparação não seja muito demorado.

---

<sup>46</sup> Autoclassificação de Coates, em entrevista a João Guedes, *op. cit.*, p. 136; tradução nossa.

<sup>47</sup> Austin Coates, «Foreword», p. 3.

<sup>48</sup> Os ingleses são também designados por “devil men” (*The Road*, p. 33). O romance, através de estratégias como a comparação da noção de tempo para os pescadores chineses e para os administradores ingleses, contrasta e afasta essas comunidades uma da outra (*ibidem*, p. 36).

<sup>49</sup> *Ibidem*, pp. 8-9, 19, 27-28, 76, 95, 135-136.

### 3.1 *The Road e City of Broken Promises: uma abordagem comparatista*

Sendo *The Road* e *CBP* as únicas narrativas ficcionais de Coates, uma abordagem comparatista das mesmas revela proximidades ao nível da forma e do conteúdo entre uma e outra, bem como características do estilo de escrita do autor.

Enquanto a acção do primeiro romance tem lugar nos anos 40-50 do século XX, a de *CBP* situa-se na segunda metade do século XVIII. O espaço de ambos é o delta do rio das Pérolas, na China Meridional, respectivamente Hong Kong e Macau, tendo o último enclave servido de entrada para os ingleses e os restantes ocidentais no Império do Meio, como veremos na segunda parte. As duas obras dividem-se em partes específicas, embora os capítulos que compõem as três divisões de *The Road* não possuam títulos, sendo, ao contrário do que acontece em *CBP*, apenas numerados.

As linhas em branco a dividir subcapítulos e momentos da acção, os itálicos que transmitem a *nuance* ou entoação diferente que as personagens conferem a determinadas palavras<sup>50</sup>, os advérbios de modo<sup>51</sup> e as comparações<sup>52</sup> são estratégias narrativas recorrentes em ambos os textos. À semelhança do que acontece relativamente à vida de Martha Van Mierop no romance histórico, em *The Road* as analepses internas e externas<sup>53</sup> apresentam o passado de Sylvia em Inglaterra e o motivo pelo qual a romancista viaja pela primeira vez para a China em 1941, sentindo a ameaça da Segunda Guerra Mundial<sup>54</sup>, antes de conhecer Richard em 1944 e com ele casar, enquanto as elipses marcam a mudança de espaço e de tempo e aceleram o ritmo da narração.

A viagem de Sylvia rumo à “[...] outlandish and dangerous destination [...]”<sup>55</sup> é sinónimo de aprendizagem, aproximando-se essa caracterização do espaço sínico da que Thomas apresenta no seu diário ao chegar a Macau, em *CBP*. A multiculturalidade, a alteridade e as relações entre chineses e ocidentais, inúmeras vezes com recurso a intérpretes<sup>56</sup>, são temas comuns a ambas as narrativas, assim como os hábitos e a topónimo locais, a filosofia de vida dos chineses e as atitudes do recém-chegado inglês ao

---

<sup>50</sup> *Ibidem*, pp. 70, 82, 96-97, 100, 113, 135, 153, 177, 233, 282.

<sup>51</sup> Por exemplo, na página 165 encontram-se nove advérbios de modo numa só descrição.

<sup>52</sup> *Ibidem*, pp. 30, 36, 42, 239, 260.

<sup>53</sup> *Ibidem*, pp. 10, 12, 20-30.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>56</sup> *Ibidem*, pp. 121, 278. O magistrado inglês interage com os chineses através de um intérprete de forma a resolver conflitos locais (*ibidem*, p. 129), tal como o próprio Coates descreve na sua obra de carácter autobiográfico *Myself a Mandarin*, pp. 16, 21.

Império do Meio; daí que os apartes e os comentários entre parêntesis sejam utilizados em *The Road*, à semelhança do que acontece em *CBP*, para explicar acontecimentos, costumes<sup>57</sup>, *backgrounds* e determinados sentimentos e atitudes das personagens<sup>58</sup> para as caracterizar de forma sumária<sup>59</sup>; para imaginar cenários possíveis<sup>60</sup>; apresentar os pensamentos, gestos e as verdadeiras intenções dos protagonistas<sup>61</sup>; descrever objectos<sup>62</sup> e formular perguntas retóricas<sup>63</sup>. Os apartes entre travessões são outra marca comum a ambas as narrativas, aparecendo, inclusive na correspondência entre as personagens<sup>64</sup>, com as mesmas funções dos comentários entre parêntesis, como, por exemplo: demarcar apartes dos protagonistas nas suas próprias falas; caracterizar personagens e veicular os seus gestos, movimentos, atitudes e pensamentos<sup>65</sup>, bem como comentar ou clarificar factos e reacções<sup>66</sup>; transmitir exclamações do narrador<sup>67</sup>; descrever espaços<sup>68</sup>; enumerar elementos da paisagem<sup>69</sup>; identificar ou nomear personagens<sup>70</sup>; clarificar termos utilizados e adivinhar ou sugerir palavras não proferidas<sup>71</sup>. Os apartes e comentários entre parêntesis/travessões são também utilizados numa mesma página<sup>72</sup>, e contribuem para a caracterização do narrador onisciente que critica a *colonial society*<sup>73</sup> de Hong Kong e apresenta informação cultural, tal como o de *CBP*, através de notas de rodapé, para fornecer datas ocidentais equivalentes às do calendário lunar sínico e traduzir o nome de personagens nativas para inglês<sup>74</sup>.

---

<sup>57</sup> *The Road*, pp. 60, 79, 95-96, 154.

<sup>58</sup> *Ibidem*, pp. 50, 59, 76-77, 80, 125, 134, 162.

<sup>59</sup> *Ibidem*, pp. 57, 79, 84.

<sup>60</sup> *Ibidem*, pp. 79, 236.

<sup>61</sup> *Ibidem*, pp. 82, 106, 113-114, 128, 134, 140, 172, 177, 206.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 240.

<sup>63</sup> *Ibidem*, pp. 98, 224.

<sup>64</sup> *Ibidem*, pp. 198-199.

<sup>65</sup> *Ibidem*, pp. 62, 77, 82, 90, 198, 217-218, 260-261.

<sup>66</sup> *Ibidem*, pp. 98, 271.

<sup>67</sup> *Ibidem*, pp. 37, 113.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 71.

<sup>69</sup> *Ibidem*, pp. 83, 124.

<sup>70</sup> *Ibidem*, pp. 98, 201.

<sup>71</sup> *Ibidem*, pp. 106, 153, 198.

<sup>72</sup> *Ibidem*, pp. 88, 106.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>74</sup> *Ibidem*, pp. 207, 265.

As relações e os papéis sociais associados ao género (*gender*) permeiam *The Road*, nomeadamente temas como o papel da mulher na sociedade colonial inglesa e na cultura chinesa<sup>75</sup>, no casamento e na vida profissional, temáticas relacionadas com o “amor inter-racial”<sup>76</sup>, a miscigenação e a etnia, como fica claro através da sensação olfactiva que identifica os odores que distinguem o corpo chinês do ocidental<sup>77</sup>. A comunicação à distância entre as personagens é, tal como em *CBP*, levada a cabo através do envio de cartas e mensagens que são destacadas a itálico ou através de letras maiúsculas<sup>78</sup>, acabando essa interacção por ser influenciada pela *gossip* ou pelos “scandalous rumours”<sup>79</sup> que caracterizam as relações humanas na pequena elite da colónia inglesa que frequenta o Colonial Club de que os “local Portuguese” também fazem parte<sup>80</sup>, enquanto a presença dos soldados indianos recorda o leitor do “colonial Empire”<sup>81</sup> da Grã-Bretanha.

A cor local é representada a partir da descrição de elementos característicos de Hong Kong como o *ferry boat*; as *lectures* do British Council; a formalidade da sociedade colonial e as corridas de cavalos<sup>82</sup>; os cules<sup>83</sup>; a paisagem circundante da China profunda, como os campos de arroz<sup>84</sup>; as práticas culturais como o *mahjong*, a queima de panchões e a música chinesa<sup>85</sup>; o clima<sup>86</sup>; o conceito de ‘face’<sup>87</sup>; as superstições<sup>88</sup> e as festividades chinesas, nomeadamente o Ano Novo Chinês e o Mid-Autumn Festival<sup>89</sup>. A cor regional é também veiculada através de exclamações tipicamente chinesas como

---

<sup>75</sup> No final do romance, o narrador compara Sylvia às restantes mulheres da elite colonial inglesa, uma vez que a primeira aprende cantonense e se interessa pela cultura local, enquanto as amigas se divertem no Colonial Club (*ibidem*, p. 286). Sylvia, à semelhança de Martha Merop, é caracterizada como uma mulher de forte personalidade e carisma.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 21; tradução nossa.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>78</sup> *Ibidem*, pp. 88-94, 159, 176, 179-184, 191-206.

<sup>79</sup> *Ibidem*, pp. 98, 265. Sobre a *gossip* em *CBP*, veja-se o capítulo 11 da terceira parte.

<sup>80</sup> *The Road*, p. 99.

<sup>81</sup> *Ibidem*, pp. 176, 273.

<sup>82</sup> *Ibidem*, pp. 74-75, 101-109, 102-110, 80, respectivamente.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 281.

<sup>84</sup> *Ibidem*, pp. 32, 41.

<sup>85</sup> *Ibidem*, pp. 61, 83, 278-279, 221, respectivamente.

<sup>86</sup> *Ibidem*, pp. 147, 159-161, 167.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 257, conceito chinês de ‘honra’ que estudamos na terceira parte (subcapítulo 8. 3. 1. 2).

<sup>88</sup> *The Road*, p. 42.

<sup>89</sup> *Ibidem*, pp. 79, 125, 258, 267.

“*Wai*”<sup>90</sup>, dos nomes de personagens síncas quer no original<sup>91</sup> quer traduzidos para inglês<sup>92</sup>, e da diversidade linguística<sup>93</sup>. Relativamente a este último tema, *The Road*, para além de ser um romance polifónico<sup>94</sup>, revela-se também poliglota, na medida em que, à semelhança do que acontece em *CBP*, o narrador se serve de inúmeras expressões e vocábulos estrangeiros destacados a itálico, nomeadamente franceses<sup>95</sup>, bem como de termos musicais italianos para caracterizar o tom de voz das personagens<sup>96</sup>, e de palavras chinesas como *cheungsam* (cabaia) e *yin-yang*<sup>97</sup>. São ainda utilizadas quer expressões difíceis de traduzir, mesmo pelo leitor mais informado ou familiarizado com o cantonense, como “[...] *sam po tsai* (child daughter-in-law) [...]”<sup>98</sup>, e topónimos ficcionais, nomeadamente a recém-inaugurada “Wellborough Road”, cuja denominação chinesa é *Wai Po Lo Sun Lo*<sup>99</sup>. O jargão colonial singulariza o espaço socioeconómico representado, acumulando-se nomes de cargos ou títulos, sobretudo nas suas formas abreviadas<sup>100</sup>, que funcionam como marcas do realismo do texto defendido por Coates,

<sup>90</sup> *Ibidem*, pp. 34, 65.

<sup>91</sup> *Ibidem*, pp. 34, 54: Fai, Mui, Wong Tak-wor.

<sup>92</sup> *Ibidem*, pp. 34, 265.

<sup>93</sup> Vejam-se as referências à “foreign language” e ao “local dialect” (*ibidem*, p. 35).

<sup>94</sup> Mikhail Bakhtin, *Problems of Dostoevsky's Poetics*, 1984, pp. 200-201, define polifonia como a possibilidade de utilizar, numa só obra, discursos de vários tipos com todas as suas capacidades expressivas intactas, sem as reduzir a um só denominador comum. Por exemplo, os pontos de vista dialógicos e complementares entre si presentes em *CBP*, quer de uma perspectiva espacial (diferentes comunidades de Macau) quer de uma perspectiva temporal (a das personagens em episódios ‘revisitados’ *a posteriori*), bem como os diálogos e o enigma do título que caracterizam o enclave através da focalização feminina, conferem ao romance uma dimensão dialógica e polifónica. Bakhtin aborda o discurso escrito e falado como um misto de linguagens em competição, ou seja, a linguagem (“double-voiced”) é constituída por vocabulário específico de registos populares e literários que o falante utiliza, pressupondo o conceito de dialogismo que todo o discurso é, em certa medida, polifónico; daí que o termo heteroglossia remeta para a enorme mistura de linguagens e línguas no seio da qual o falante e o texto literário se encontram. Veja-se também Paul Ricœur, *Time and Narrative*, vol. 2, 1985, pp. 88-99. David Lodge, *After Bakhtin*, pp. 96-98, define heteroglossia e polifonia como “[...] fragments of speech and writing in different languages and different registers that interact and resonate the restraints of narrative logic [...]”.

<sup>95</sup> *The Road*, pp. 7, 14, 61, 85, 99, 104 e 225, 125, 155, 184, 185, 186, 201, 221, 229 e 230, 268, 273.

<sup>96</sup> *Ibidem*, pp. 82, 223, 224, 284.

<sup>97</sup> *Ibidem*, pp. 82, 131, 140, 62, respectivamente.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 278. Os chineses, descontentes com a estrada inaugurada, chamam-lhe “Suicide Road” e não utilizam o seu nome oficial.

<sup>100</sup> O narrador e as personagens utilizam abreviaturas e expressões como “P.R.O.” (“Public Relations Officer”); “D.O.” (“District Officer”); “H.E.” (“His Excellency”); “Private Secretary”; “Crown

tal como a descrição de um templo budista<sup>101</sup> também referido em *Myself a Mandarin*<sup>102</sup>. O imaginário cultural do espaço da acção é ainda enriquecido através da descrição quer da culinária e do vestuário chineses enquanto marcadores civilizacionais quer da azáfama da ilha de Vitória<sup>103</sup>. Os arrozais e os campos cultivados tornam-se imagens recorrentes no texto e caracterizam o modo de vida da China rural, que se vê impossibilitada de assegurar a sua subsistência após a inauguração da ponte, encontrando-se a actividade agrícola relacionada com uma outra profissão, também presente em *CBP*, a do vendedor ambulante<sup>104</sup>.

Os espaços de *The Road* são essencialmente três: Hong Kong, a Inglaterra e os Estados Unidos da América, por onde Sylvia viaja, sendo “[...] a colónia portuguesa de Macau [...]”<sup>105</sup> mencionada no romance apenas uma vez, através de uma analepse externa que refere um passeio da romancista na companhia da amiga Enid Stampden, logo após chegar a Hong Kong e antes de se deslocar à China profunda, onde aprende a falar cantonense e se interessa pela cultura local.

A descrição final da inauguração da estrada em Hong Kong apresenta fortes semelhanças com a das festividades ocidentais e chinesas durante o baptismo do barco de Martha em *CBP*, nomeadamente a queima e o som ensurdecador dos panchões<sup>106</sup>, os tambores e o uso do palanque<sup>107</sup>. Tal como a feitoria inglesa em Cantão e a sede da E.I.C. de Macau no romance histórico, também a *government house* de Hong Kong é decorada, em *The Road*, com marcas do poder inglês, nomeadamente retratos da família real, questionando-se o narrador deste último texto sobre a função dos mesmos, em tom de crítica: “Preceeded by a servant, they entered the white marble hall, passed between the huge oil-paintings of King Edward VIII and Queen Alexandra (was there any symbolism in their still being there, in the place of honour?)”<sup>108</sup>. O interior ocidental das casas é também embelezado com elementos sínicos, enquanto a paisagem da Hong Kong rural é adornada por antigas casas de pedra chinesas.

---

Cars”; “P.H.Q.”; “Assistant Superintendent”, e “Acting Governor” (*ibidem*, pp. 99-101, 52, 61, 148, 113, 109, 142, 105, respectivamente).

<sup>101</sup> *Ibidem*, pp. 155-166.

<sup>102</sup> Austin Coates, *Myself a Mandarin*, p. 11.

<sup>103</sup> *The Road*, pp. 44, 43, 69, 110, 209, 47, respectivamente.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 53 (vide terceira parte, subcapítulo 8. 3).

<sup>105</sup> *The Road*, p. 21; tradução nossa.

<sup>106</sup> *Ibidem*, pp. 278-279, 281.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 281.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 110.

À semelhança do que acontece no segundo romance de Coates relativamente a Macau, a focalização quer de chineses quer de europeus é apresentada de forma a caracterizar os modos de vida das diferentes comunidades do tecido urbano e rural de Hong Kong, bem como a forma como os membros das duas comunidades olham para a estrada acabada de inaugurar: “Chinese valued life above all, associating themselves with what was lucky in life. Devil people [Europeans], being the opposite of Chinese, associated themselves with death and all that was unlucky”<sup>109</sup>.

Richard e Sylvia tentam evitar os britânicos numa colónia britânica, criticando o *modus vivendi*, os interesses e estereótipos impostos e exibidos por essa sociedade. No final da acção, Richard é destacado para o *Colonial Office*, em Londres, onde o casal enfrenta a pressão dos papéis sociais e das marcas do Império exigidos a quem regressa do Oriente, nomeadamente durante uma ópera em Covent Garden: “It was a still, summer night, not warm by tropical standards, but sultry for London. She fanned herself with a Chinese fan. In the colony she seldom used one. In London, people expected one to use a Chinese fan”<sup>110</sup>.

Sylvia deseja ajudar o marido a descobrir a sua estrada metafórica, o caminho da vida e da realização pessoal, terminando a narrativa com uma imagem solitária do casamento, a distância que separa o homem da mulher, ao contrário do que acontece em *CBP* com Thomas e Martha. São, assim, vários os temas e as estratégias narrativas que ora aproximam ora afastam os dois únicos romances de Austin Coates, estabelecendo-se diversos paralelos entre ambas as obras cuja acção tem lugar em margens diferentes do rio das Pérolas.

---

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 283.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 285.



#### 4. «MACAO»: POEMA INÉDITO DE AUSTIN COATES. TRANSCRIÇÃO E ESTUDO

«Macao»<sup>111</sup>

Here is the end of all men's journeyings,  
The charted limit of their venture, where the springs  
Of enterprise are mudded in the flow  
Of calm fulfilment, and where lie enmeshed below  
Weed-plaited prows round which the races swirled  
That once bore witness to a Lusitanian world.

Here life has let its proudest fortress pass  
To weather-humbled mounds of castellated grass  
Where sentinel blue moths assail the wind  
On ramparts legioned by the light-leafed tamarind,  
And nostrils of old cannon nerve the air  
To seaward, and the foe who will no more appear.

Here Latin arches grace a Chinese court,  
And on Renaissance tiles Confucius' laws are taught;  
Each transept where a Roman censor swings  
Is acrid-scented with ancestral offerings,  
Within, the hand-blown diapason swells:  
Outside, a choir of crackers, clogs and pewter bells.

Here lies the catafalque of a crusade  
Whose cross and stone oblivion's evergreen will shade,  
Yet which, as shadows draw penultimate,  
Extends its shape and, merging into night, grows great,  
As in their death the poorest richly lie,  
Calm on their lips the rumour of eternity.

[Assinado] Austin Coates

This Week, Manila  
April, 1950

---

<sup>111</sup> Agradecemos a Fung Kwai-yim e à Biblioteca Nacional de Camberra a autorização para publicar o poema (*vide* anexo n.º 5).

Para além dos estudos de cariz historiográfico e dos dois romances ‘orientais’, Coates redige o poema «Macao», dedicado e enviado ao historiador macaense Jack M. Braga em Abril de 1950 e até agora inédito. O texto, dactilografado em Manila, onde Coates se desloca, nesse mesmo ano, como coordenador de uma delegação de Hong Kong ao congresso mundial da organização Jaycee, encontra-se no espólio pessoal de J. M. Braga, na Biblioteca Nacional da Austrália, em Camberra<sup>112</sup>.

O imaginário marítimo do poema, também presente em *CBP*, como veremos nas segunda e terceira partes, remete para os Descobrimentos portugueses, para a presença lusa na China e para a vivência dual, porque chinesa e portuguesa, da Cidade do Santo Nome de Deus ao longo de quatro sextilhas compostas por versos decassílabos e dodecassílabos, com rima externa predominantemente consoante e emparelhada, à excepção dos dois últimos versos, que, sendo soltos<sup>113</sup>, chamam a atenção do leitor para a musicalidade do final do texto.

O sujeito lírico elabora o seu apanágio da façanha marítima dos portugueses, simbolizando Macau, através de uma sinédoque, o culminar temporal e geográfico desses feitos. É nesse espaço, apresentado na primeira estrofe e fortemente marcado pelo tempo, que se conjugam e inter cruzam, cumulativamente e ao longo dos séculos, as civilizações ocidental e oriental:

[...] and where lie enmeshed below  
Weed-plaited prows round which the races swirled  
That once bore witness to a Lusitanian world.

O enclave, “limite geográfico de aventuras”, é, tal como em *CBP*<sup>114</sup>, apresentado como o destino final do viajante no Oriente, conforme veiculam quer a epanáfora quer o termo “where”, que dão continuidade ao sentido progressivo das quatro estrofes. O campo semântico do poema, complementado pela simbologia dos adjetivos da segunda estrofe (“proudest”, “castellated”, “blue”, “light” e “old”), adquire logo na primeira sextilha, ao referir-se ao “Lusitanian world”, um tom laudatório semelhante ao de

<sup>112</sup> Cota: MS 4331 («Papers of J. M. Braga»), 1 p. dactilografada assinada pelo autor.

<sup>113</sup> Esquema rimático: AABBC/DDEEFF/GGAAHH/IIJJLM. A rima em “\_\_\_\_ings” (A) repete-se na primeira e na terceira estrofes através do contraste entre as entoações forte e fraca da mesma terminação [“journeyings” (-) e “springs” (+); “swings” (-) e “offerings” (+)], tal como na segunda estrofe [“wind” (+) e “tamarind” (-)], estratégia que enfatiza a musicalidade do poema.

<sup>114</sup> *CBP*, p. 1.

*Os Lusíadas*, através de termos como “enterprise”, “venture” e “fulfilment”, processo que, juntamente com a aliteração da sibilante e o vocábulo “where”, se arrasta ao longo da composição poética apoiado por vocábulos como “proudest”, “crusade” e “eternity”. No seu poema épico, Camões exalta a superioridade dos feitos marítimos e da fama do herói português do Renascimento<sup>115</sup>, que supera os antigos heróis através de *topoi* como ‘o moderno *versus* o antigo’, a descoberta do ‘supremo real’<sup>116</sup>; o ‘*primus inventor*’<sup>117</sup>; ‘a experiência *versus* o saber livresco’<sup>118</sup>; ‘as armas e as letras’ e o encontro-confronto de culturas exóticas<sup>119</sup>, tal como o sujeito poético de «Macao» faz ao colocar, profundamente interligadas, embora num espaço relativamente estagnado, as vivências portuguesa e chinesa, que se afastam da enérgica actividade lusa do século XVI. Se o empreendimento dos argonautas portugueses se encontra enredado em proas afundadas que “[...] outrora testemunharam um mundo lusitano [...]” (tradução nossa), também as arcadas latinas favorecem um tribunal chinês e os princípios confucionistas são ensinados sobre tijoleiras renascentistas<sup>120</sup>, enquanto, no transepto de cada igreja e durante o movimento do turíbulo, o incenso católico remoinha em torno do odor libertado pelos pivetes oferecidos por chineses às suas divindades.

Através da enumeração, o sujeito lírico remete para os espaços quer interiores, onde soa o diapasão, quer exteriores, onde se ouvem um coro de panchões, socas e sinos, sensações sonoras e olfactivas que caracterizam o quotidiano de Macau, como indica a aliteração consonântica no último verso da terceira estrofe: “Outside, a choir of crackers, clogs and pewter bells” (sublinhados nossos). A pavimentação quinhentista da urbe alude simbolicamente à sua fundação portuguesa (c. 1557), ilustrada pela forte vivência religiosa que caracteriza a sua história, uma vez que a tolerância permite a convivência e a comunhão não apenas de culturas, mas também de fés diversas [“Latin [...] Chinese [...]”].

---

<sup>115</sup> Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, 1987, V: 7, 42.

<sup>116</sup> *Idem, ibidem*, I: 24, 26-27, 31, 43, 51, 57; IV: 6, 76; V: 23, 37, 86, 95; VIII: 84, 89; IX: 38, 90, e X: 19.

<sup>117</sup> *Idem, ibidem*, V: 14 e X: 79.

<sup>118</sup> *Idem, ibidem*, IV: 94; V: 17-19, 94; VII: 79 e IX: 19.

<sup>119</sup> Sobre o exotismo antropológico-literário em *Os Lusíadas*, veja-se Rogério Miguel Puga, «A Dimensão da Alteridade em *Os Lusíadas*», *Lucero: A Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 12, Primavera de 2001, pp. 73-80.

<sup>120</sup> Também *CBP*, p. 180, refere a atmosfera portuguesa e as tijoleiras típicas de Macau, descrevendo a fusão das arquitecturas e dos *designs* interiores português e chinês (*ibidem*, p. 11).

Os fortes altaneiros<sup>121</sup> encontram-se adornados pelas narinas de canhões personificados e transformados em humildes montículos de terra esbatidos pelo tempo, tal como *CBP* representa ao utilizar essa mesma imagem: “Observed at closer range the fort was less imposing. Despite its cannons nosed seaward over the roofs, an air of dereliction invested it, as though, not having been used for a century or so, the cannons might emit only bird’s nests [...]”<sup>122</sup>. As igrejas também marcam presença no texto, tal como o “rumor da eternidade”, uma vez que as presenças lusa e sínica se fundem num território que recorda à humanidade os seus limites, desventuras e fortunas. A representação lírica do território aproxima-se das descrições de viajantes ingleses, nomeadamente a de Alexander Hamilton, que visita Macau em 1703, e, como se tornará habitual nos relatos de viagem britânicos, descreve a posição geográfica da urbe, os portos, a paisagem humanizada, os filhos bastardos, também presentes em *CBP*<sup>123</sup>, os numerosos clérigos e as defesas físicas e militares enfraquecidas, pelo que o enclave já não era a fortaleza que fora na sua época áurea, da qual restam apenas as majestosas igrejas e outros edifícios de prestígio<sup>124</sup>. A última sextilha conclui o poema de forma sentenciosa, aludindo à actividade missionária na China levada a cabo a partir do enclave e à fachada das ruínas de São Paulo, “[...] whose cross and stone oblivion’s evergreen will shade [...]”, imagem que aproxima o texto de um dos mais famosos hinos religiosos de Sir John Bowring (1792-1872), um dos primeiros governadores de Hong Kong, pois, de acordo com alguns dos seus biógrafos<sup>125</sup>, a cruz no topo da fachada de São Paulo inspira os seguintes versos do hino:

*In the cross of Christ I glory,  
Towering o’er the wrecks of time;  
All the light of sacred story;/Gathers round its head sublime [...]*<sup>126</sup>.

---

<sup>121</sup> *Vide ibidem*, pp. 7, 20, 36, 111, 177, 292.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 20. Ao subir o Monte, Martha e Ignatius observam as “decayed old houses [...] wild grass and rocks, the ancient battlements ahead of them [...]” (*ibidem*, p. 310).

<sup>123</sup> *Ibidem*, pp. 110, 153, 155-156, 203, 252-254.

<sup>124</sup> Alexander Hamilton, *A New Account of the East Indies*, vol. 2, 1930, pp. 116-125.

<sup>125</sup> Consulte-se Verne Dyson, «A Hong Kong Governor and His Famous Hymns», *The Macao Review*, vol. 2, n.º 2, Agosto de 1930, p. 69.

<sup>126</sup> *Idem, ibidem*; itálico nosso. De acordo com Charles R. Swindoll, *Growing Deep in the Christian Life*, 1995, pp. 245-246, Bowring chega a Macau após um naufrágio no Sul da China e avista a cruz no topo da igreja, exprimindo através dessa imagem no hino a sua gratidão a Deus por ter sido resgatado.

Se a esfera predominante da acção de *CBP* é a inglesa, o texto lírico representa uma Macau luso-chinesa, sonolenta e pitoresca, cuja gloriosa memória é eterna devido à importância do seu passado histórico, que, por sua vez, o imaginário colectivo não deixa esbater, como demonstra a legião personificada de tamarindos a guardar os para-peitos e as muralhas que outrora defenderam a cidade do “[...] foe who will no more appear [...]”, ou seja, de históricos ‘inimigos’ como, por exemplo, os holandeses, que, em 1622, a tentam, em vão, tomar dos portugueses; daí que a brisa seja dirigida pelos canhões para o mar, de onde a cidade retira, desde a sua fundação, o seu sustento e a razão da sua sobrevivência.

As vivências militar, comercial e religiosa do território constituem, assim, as temáticas principais do poema descritivo, sobretudo através da sugestão de toda uma atmosfera histórica que se testemunha nos confins do Império Português. Os tempos verbais utilizados no início e no final da primeira estrofe, o presente e o pretérito perfeito “[‘Here is the end [...]’/‘That once bore [...]’]”, enfatizam a dicotomia passado-presente, que é retomada na última sextilha, concorrendo para a ciclicidade temática do poema através do *topos* da memória do passado glorioso materializada nos monumentos e nas construções de prestígio como os fortes e as igrejas. Se a primeira estrofe exalta, através do imaginário da viagem, o extenso mundo ultramarino português, de que Macau é uma parte e o confim, a segunda caracteriza esse espaço militar e marítimo agora indefeso porque já sem inimigos; daí que as sentinelas sejam borboletas da traça que se juntam ao cair da noite, momento aproximado à morte, cujo jogo de sombras e escuridão jamais cairá sobre a eterna História da Cidade do Santo Nome de Deus; daí o recurso à expressão “[...] the rumour of eternity [...]”. A terceira sextilha condensa a vivência multirreligiosa e cultural do enclave através da enumeração de registos sensoriais, acabando a última estrofe por sugerir um pôr-do-Sol na imponente fachada das ruínas de São Paulo, por sua vez metaforizada como catafalco<sup>127</sup> de uma cruzada, enquanto os pobres morrem cientes da riqueza eterna que a história e o exemplo de Macau simbolizam.

---

<sup>127</sup> A imagem do catafalco (de bambus) é também associada a Macau no poema (bilingue) «Which Is the Poets Flight/Qual o Voo do Poeta?», de Alexandre Pinheiro Torres, *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*, 1995, pp. 78-79, cuja representação de Macau estudaremos no capítulo 9 da segunda parte.



PARTE SEGUNDA

*THE VOYAGE EAST.*  
A PRESENÇA INGLESA E AS RELAÇÕES  
ANGLO-PORTUGUESAS EM MACAU (1635-1793):  
HISTÓRIA E FICÇÃO EM *CBP*  
E NA LITERATURA INGLESA





This is, I am sure, a city like no other in the world, for though situate in China, [...] it is Europe, and I rejoiced at this.

Austin Coates, *CBP*, p. 6

Macau, enclave multiétnico desde a sua fundação portuguesa (c.1557), serve, enquanto referente geográfico-cultural, de *background* para inúmeras aventuras ficcionais da literatura inglesa<sup>1</sup>, fenómeno intimamente relacionado quer com o desenvolvimento do *China trade* da E.I.C., cuja dimensão pitoresca e exótica atrai o escritor e o pintor britânicos<sup>2</sup>, quer com a fundação de Hong Kong, em 1841, como veremos ao longo da segunda parte, sobretudo no último capítulo.

*CBP* representa a viagem de Thomas Kuyck Van Mierop de Londres até à Cidade do Santo Nome de Deus, em 1780, bem como a sua estada no território e o processo de formação de Martha da Silva, tendo essa viagem como contraponto temático a deslo-

---

<sup>1</sup> Sobre a representação de Macau na literatura inglesa, veja-se Rogério Miguel Puga, «Macau enquanto ‘Cronótopo’ Exótico na Literatura Inglesa», pp. 705-723; *idem*, «Macau na Poesia Inglesa», in Ana Maria Amaro e Dora Martins (coord.), *Estudos Sobre a China VII*, vol. 2, 2005, pp. 847-882, «Macau na Literatura Inglesa», *Revista de Cultura*, n.º 24, Outubro de 2007, pp. 90-105 e o último capítulo desta segunda parte. Relativamente à imagem da China na Inglaterra (séculos XVI-XVIII), consultem-se: Adolf Reichwein, *China and Europe: Intellectual and Artistic Contacts in the Eighteenth Century*, 1925, pp. 15-21; Thomas H. Lee (ed.), *China and Europe: Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*, 1991, *passim*; Adrian Hsia (ed.), *The Vision of China in the English Literature of the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, 1998, pp. 3-28; Qian Zhongshu, «China in the English Literature of the Seventeenth Century»; Fan Cunzhong, «The Beginnings of the Influence of Chinese Culture in England» e Qian Zhongshu, «China in the English Literature of the Eighteenth Century», in Adrian Hsia (ed.), *op. cit.*, pp. 29-68, 69-86 e 117-215, respectivamente.

<sup>2</sup> Relativamente à imagem pitoresca de Macau na chamada pintura inglesa e norte-americana do *China trade*, vejam-se Patrick Conner, *The China Trade 1600-1860*, 1986, pp. 40-44; *idem*, *George Chinnery 1774-1852*, 1992, pp. 164-268; AA.VV., *Views of the Pearl River Delta: Macau, Canton and Hong Kong*, 1996, pp. 6-7, 16-26, 56-109; Carl Crossman, *The Decorative Arts of the China Trade*, 1997, pp. 8-53, 410-437; Michael Sullivan, *The Meeting of Eastern and Western Art*, 1997, pp. 80-89, e AA.VV., *Picturing Cathay: Maritime and Cultural Images of the China Trade*, 2003, pp. 81-83.

cação inaugural do barco desta última à Índia, no final da acção (1796), facto que confere ciclicidade temática à narrativa. Considerando o material histórico que funciona como estratégia narrativa ao fornecer o contexto espaço-temporal para o enredo do romance, torna-se necessária uma contextualização sobre a chegada, a actividade comercial e a permanência dos ingleses no eixo Macau-Cantão, desde meados da centúria de Seiscentos até ao final do século XVIII, uma vez que muita dessa informação, por vezes implícita na referida narrativa, é essencial para a sua interpretação, clarificando muitos dos episódios e atitudes que compõem o tecido do universo ficcional que abordaremos ao longo deste estudo. Muitas das práticas comerciais, das instituições e dos interesses chineses, portugueses e ingleses são estudados e sistematizados ao longo desta segunda parte, que contribui, através do confronto de fontes e estudos britânicos, portugueses e chineses, para o estudo do início e do desenvolvimento das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente, especialmente em Macau, até 1793, data da primeira embaixada inglesa à China. A expedição diplomática de Lord Macartney, embora não tenha tido sucesso nem seja referida em *CBP*, representa um marco importante nas relações anglo-chinesas e um momento de viragem na representação da imagem da China em Inglaterra<sup>3</sup>, tendo, portanto, balizado o fim do período histórico de que nos ocupamos.

A atitude social dos ingleses em relação à “pérola do Oriente”<sup>4</sup> encontra-se expressa na documentação da E.I.C. e nos comentários de viajantes, pelo que a eles recorremos para estudar essa representação, pois quer as fontes históricas quer as narrativas ficcionais britânicas apresentam o olhar protestante da vivência europeia e da dimensão exótica e oriental de Macau, logo, distinta da visão católica portuguesa. Muitas das práticas sociais e culturais que têm origem com o estabelecimento dos ingleses no Império do Meio são referidas pelo narrador e pelas personagens de *CBP*, não sendo,

---

<sup>3</sup> Sobre a imagem (negativa) da China na Grã-Bretanha após a embaixada, vejam-se Shunhong Zhang, «British Views on China during the Time of the Embassies of Lord Macartney and Lord Amherst (1790-1820)», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Londres, 1990; Aubrey Singer, *The Lion and the Dragon: Lord Macartney's Embassy to the Emperor Qian Long, 1792-94*, 1992 e Robert A. Bickers (ed.), *Ritual & Diplomacy: The Macartney Mission to China (1792-1794)*, 1993. De acordo com P. J. Marshall, «Britain and China in the Late Eighteenth Century», in *idem, ibidem*, pp. 11-29, a embaixada (falhada) e as suas consequências marcam a mudança da atitude inglesa para com a China, cada vez mais considerada uma nação estagnada e a necessitar de reformas, culminando a pressão comercial britânica na Guerra do Ópio.

<sup>4</sup> Expressão utilizada pelo governador de Hong Kong Sir John Bowring, em meados do século XIX, no soneto «Gem of the Orient and Open Sea» (vide Rogério Miguel Puga, «Macau na Poesia Inglesa», pp. 855-859 e o último capítulo desta parte).

no entanto, nosso objectivo estudar a história do comércio da E.I.C. na China e das relações diplomáticas do mandarinato cantonense com os comerciantes estrangeiros, nem mesmo a história da própria companhia, mas sim a extensão das relações anglo-portuguesas a Macau<sup>5</sup>, desde 1635 até ao final do século XVIII, contribuindo para que a situação descrita com forte pendor nacionalista, em 1961, pelo historiador macaense João Maria Braga, se altere:

Histories of this period have given little space to the importance and value of the help rendered to so many foreigners by Macao, for writers on this subject have gone exclusively to accounts by writers using British source material. [...] A Portuguese would like to feel that it might not be forgotten that if there had been no Macao or that if the community there had been less accommodating, although admittedly the Portuguese received benefits from the presence of the foreigners, neither John Henry Cox nor any other of the ‘interlopers’ who contributed to break the E. I. Company’s monopoly, on behalf of the free-trade movement in Britain, would ever have had the opportunity of accomplishing what they did<sup>6</sup>.

No século XVIII, as autoridades chinesas consideram o estatuto dos portugueses (‘bárbaros de Macau’), há muito estabelecidos na cidade e facilmente controláveis devido à sua residência fixa, diferente do dos demais povos europeus, como os ingleses, que aí permanecem temporariamente, realidade a ter em conta para melhor entendermos a acção de *CBP*. Ao longo deste estudo, utilizamos o termo ‘estrangeiro’ do ponto de vista português e inglês em Macau, para designar residentes ou comerciantes não

---

<sup>5</sup> Sobre a mais velha aliança do mundo ocidental, especificamente no que diz respeito às expansões marítimas inglesa e portuguesa (séculos XVII-XVIII), vejam-se: Visconde de Santarém, «Introdução», in *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo*, vol. 14, 1865, pp. vii-clii; vol. 15, pp. v-clxxxiv; vol. 16, pp. v-cclviii; vol. 17, pp. i-ccv e vol. 18, pp. v-lxxvii; Edgar Prestage, *As Relações Diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda, de 1640 a 1668*, 1928, pp. 109-189; *idem*, «The Anglo-Portuguese Alliance», *Transactions of the Historical Society*, 4.ª série, vol. 17, 1934, pp. 69-100; Cunha Leal, *Portugal e a Inglaterra*, 1932, pp. 6-26, 163-252; Charles R. Boxer, «Vicissitudes das Relações Anglo-Portuguesas no Século XVII», in AA.VV., *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa: 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, s./d., pp. 26-30 e A. D. Francis, «A Aliança Anglo-Portuguesa no Século XVIII», in *idem, ibidem*, pp. 31-35.

<sup>6</sup> J. M. Braga, «A Seller of ‘Sing-Songs’: A Chapter in the Foreign Trade of China and Macao», *Journal of Oriental Studies*, vol. 6, n.º 1-2, 1961-1964, p. 107. Refira-se, como exemplo de um estudo sobre a representação da China na Europa que não aborda o papel dos portugueses em Macau, Jonathan D. Spence, «Western Perceptions of China from Late Sixteenth Century to the Present», in Paul S. Ropp (ed.), *Heritage of China: Contemporary Perspectives on Chinese Civilization*, 1990, pp. 1-14.

portugueses ou chineses, tal como acontece nas fontes lusas e inglesas dos séculos XVII-XVIII e também em *CBP*<sup>7</sup>, uma vez que a soberania do território, situado no distrito de Anção, da província de Guangdong, é co-exercida pelo governador português, pelo Senado e pelo suntu (vice-rei de Cantão), que delega competências no mandarim da Casa Branca, situada a um quilómetro e meio das Portas do Cerco, e no mandarim de Anção<sup>8</sup>, através de quem os portugueses contactam com Pequim<sup>9</sup>, órgãos e cargos que marcam presença ficcional no romance de Coates<sup>10</sup>. Os próprios sobre-cargas ingleses<sup>11</sup> autodenominam-se “foreigners” em Macau<sup>12</sup> e afirmam, ao dirigirem-se ao governador português: “As we are strangers in your city [...]”<sup>13</sup>. Em 1832, Anders Ljungstedt considera os estrangeiros um grupo autónomo em Macau (vassalos portugueses, chineses e estrangeiros)<sup>14</sup>, encontrando-se a comunidade britânica subordinada às autoridades lusas.

A partir do século XVIII, o território torna-se a porta de entrada das nações ocidentais no Império do Meio e uma das plataformas do lucrativo comércio que as potências europeias aí desenvolvem. Como veremos, a permanência do Comité Selecto da E.I.C.<sup>15</sup> no circuito Macau-Cantão dá lugar a um intercâmbio cultural de que o

<sup>7</sup> *CBP*, p. 170.

<sup>8</sup> Cf. António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau (1750-1800)*, 1997, p. 68. Para um enquadramento do enclave na administração local chinesa, veja-se Wu Zhiliang e Jin Guo Ping (eds.), *Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em Português (1749-1847)*, vol. 1, 2000, pp. 17-44.

<sup>9</sup> Veja-se, por exemplo, a carta do bispo de Macau para Martinho de Melo e Castro (01-12-1777): A.H.U., *Macau*, cx. 11, doc. 25, cx. 8, doc. 8.

<sup>10</sup> *CBP*, pp. 72-73, 102-104, 171, 241, 255, 269.

<sup>11</sup> Inicialmente, o funcionário da E.I.C. denominado sobrecarga tem como função representar os interesses dos donos da carga que acompanha no barco a que é destinado, supervisionando quer a mercadoria quer a sua comercialização na China, acabando o termo por ser aplicado a qualquer empregado da instituição no estrangeiro. Philip Lawson, *The East India Company: A History*, 1998, pp. 71-73, sintetiza o processo de recrutamento, as funções, as ambições, os interesses e o comércio privado desses oficiais. Vejam-se também Michael Greenberg, *British Trade and the Opening of China, 1800-42*, 1951, pp. 18-20 e *CBP*, p. 4, cujo narrador define sobrecarga como “commercial officer”.

<sup>12</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/62, fl. 27.

<sup>13</sup> *Ibidem*, G/12/84, fl. 58 (1786); consultem-se ainda G/12/59, fl. 41; G/12/62, fl. 27, G/12/86, fl. 17.

<sup>14</sup> Anders Ljungstedt, *An Historical Sketch of the Portuguese Settlement in China*, 1992, p. 21.

<sup>15</sup> Weng Eang Cheong, *The Hong Merchants of Canton: Chinese Merchants in Sino-Western Trade*, 1997, p. 109, resume as medidas tomadas pela companhia ao criar um Conselho de Sobrecargas composto por um presidente e três outros membros, que permanece na China durante as épocas comerciais. Em 1778 é estabelecido o Comité Selecto, composto por um presidente, três ou quatro sobrecargas e outros empre-

*Chinese Pidgin English* é um símbolo na China e a *chinoiserie* na Europa<sup>16</sup>. A partir de 1717, o trato inglês de chá ultrapassa gradualmente o poderio comercial português na província de Guangdong<sup>17</sup>, tornando-se a residência dos sobrecargas essencial para a economia da Cidade do Santo Nome de Deus devido aos lucros e investimentos gerados pela mesma. Aliás, no início de *CBP*, Thomas alude à supremacia naval inglesa no delta do rio das Pérolas, no século XVIII, ao referir os “Indiamen [...] the greatest ships to ride the seas”<sup>18</sup>.

A fundação de Hong Kong, após a Primeira Guerra do Ópio (1841), cerca de 45 anos após o período representado em *CBP*, surge na sequência de 141 anos de permanência inglesa em Macau durante a *summer residence*<sup>19</sup>, o intervalo entre as temporadas comerciais ou períodos de trato<sup>20</sup> em que as autoridades sínicas não permitem a estada dos sobrecargas em Cantão<sup>21</sup>, como *CBP* representa através das sucessivas viagens de Thomas e dos restantes sobrecargas entre Cantão (Outono/Inverno) e Macau (Primavera/Verão)<sup>22</sup>.

---

gados ou “supracargoes below the Select Committee” (cf. B.L.-O.I.O.C., G/12/71, fl. 59) para facilitar a tomada de decisões. Este será o órgão permanente da E.I.C. na China até ao final do monopólio da E.I.C. (1834). Sobre a estrutura dos órgãos representativos da Companhia no Império do Meio, vejam-se *ibidem*, G/12/20, fls. 377-379v; Hosea Ballou Morse, *The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*, vol. 2, 1926, pp. 38-49 e Earl H. Pritchard, *The Crucial Years of Early Relations, 1750-1800*, 2000, pp. 139-141.

<sup>16</sup> Consultem-se William Worthen Appleton, *A Cycle of Cathay: The Chinese Vogue in England during the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, 1951; Oliver Impey, *Chinoiserie: The Impact of Oriental Styles on Western Decoration*, 1977, pp. 9-184; Álvaro Samuel Guimarães da Mota, «Gravuras de *Chinoiserie* de Jean-Baptiste Pillement», Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, 1997, pp. 16-66, e Jonathan D. Spence, *The Chan's Great Continent: China in Western Minds*, 1998, pp. 41-164.

<sup>17</sup> Kirti N. Chaudhuri, *The Trading World of Asia and the English East India Company*, 1978, p. 388.

<sup>18</sup> *CBP*, p. 1.

<sup>19</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/89, fl. 203.

<sup>20</sup> Devido às monções e exigências das autoridades mandarínicas, os barcos ingleses devem chegar ao Sul da China entre o final de Junho e meados de Setembro e partir antes do início de Fevereiro (período da chamada *trading season*), movimento que, no romance de Coates, pauta as viagens de Thomas Van Mierop entre Cantão e Macau (*CBP*, pp. 126, 129, 132, 136, 145, 157).

<sup>21</sup> A propósito da atitude sínica para com os ocidentais (bárbaros) e do estatuto reduzido que a sociedade chinesa atribui aos mercadores nacionais e estrangeiros, que ocupam uma posição social inferior à dos agricultores, artífices e letrados, vejam-se Wei-chun Ku, *The Status of Aliens in China*, 1912, e Richard Walker (ed.), *China and the West*, 1956, pp. 7-37, 68-109.

<sup>22</sup> *CBP*, pp. 126, 129, 132, 136, 145, 157, 159, 204.

No início do romance de Austin Coates, o narrador-historiador sumaria a estrutura e o estatuto da E.I.C. em Londres, na Índia e na China, destaca o isolamento a que os seus oficiais se encontram forçados em Cantão e caracteriza a presença inglesa em Macau na segunda metade do século XVIII, informação historicamente correcta, como podemos comprovar à luz de fontes históricas e estudos:

Foremost among the nations trading to China, their trade, outweighing that of all other foreign nations put together, were the British. The East India Company, operating under Royal Charter, with the monopoly of all British trade in Eastern seas, was the largest commercial organization on earth. In India its activities extended far beyond those of a commercial company. It had assumed full powers of government over entire provinces of India [...] with its headquarters at Fort William, Calcutta. At the head of the East India Company sat the Court of Directors in London<sup>23</sup>, and the attention of the Directors, as well as public interest in England, was mainly concentrated on the Company's affair in India. In fact, however, the Company's very much smaller China station, about which the English public seldom heard anything, was in one way equally if not more important, in that it handled the Company's main source of profit, the tea trade, of which the commercial centre was Canton, the only city in China open to foreign trade, and even then only partially open – for six months each year [...] <sup>24</sup>.

O excerto e toda a informação apresentada ao longo de *CBP* caracterizam a política, a estrutura e o estatuto da companhia no final do século XVIII em Macau<sup>25</sup>, onde os sobrecargas têm um estatuto diferente daquele de que gozam nos domínios ingleses na Índia<sup>26</sup>, pretendendo a nossa contextualização histórica da acção do romance estudar os episódios mais representativos do primeiro século e meio da presença inglesa, cuja marca é ainda hoje visível na paisagem humanizada da cidade, nomeadamente no cemitério e na capela protestantes.

---

<sup>23</sup> Sobre a estrutura e a hierarquia dos órgãos administrativos da companhia em Londres, veja-se John Keay, *The Honourable Company: A History of the English East India Company*, 1993, pp. 25-28.

<sup>24</sup> *CBP*, pp. 3-4.

<sup>25</sup> Sobre este tema e a subordinação do Comité Selecto da China às presidências inglesas na Índia (Fort William, Fort St. George) e a Londres, veja-se *CBP*, pp. 2, 8, 31-32, 152, 154, 172, 178, 206, 222, 234, 241, 246, 279.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 4.

# 1. A INGLATERRA ISABELINA NA SENDA DAS ROTAS COMERCIAIS DO ORIENTE PORTUGUÊS E A FUNDAÇÃO DA EAST INDIA COMPANY

We should share with the Portugal in the East.

Richard Hakluyt, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, 1962, p. 116

Desde o final do século XVI, período do apogeu económico de Macau, chegam à Europa notícias sobre o enclave através de fontes portuguesas e relatos de viajantes como Jan Huygen Van Linschotten (1563-1611), que navega e permanece além do cabo da Boa Esperança, descrevendo os domínios portugueses e as rotas das exóticas mercadorias até Lisboa<sup>27</sup>.

De acordo com José Costa Pereira, a vocação marítima inglesa choca com os interesses lusos, renunciando as primeiras fricções dos séculos XV e XVI conflitos mais graves<sup>28</sup>. Durante a monarquia dualista filipina, a aliança anglo-portuguesa permanece “adormecida”<sup>29</sup>, enquanto algumas expedições, cujo destino é o remoto Cathay, partem de Inglaterra sem obter qualquer sucesso<sup>30</sup>. Entre 1589 e 1600, Richard Hakluyt (1552?-1616) recolhe, traduz e publica em *The Principal Navigations, Voyages and Discoveries of the English Nation* centenas de fontes europeias, nomeadamente portuguesas, nas quais Macau marca uma presença ténue como espaço simbólico das riquezas e da experiência que Portugal importa do Extremo Oriente<sup>31</sup>. Estas informações são

---

<sup>27</sup> Vide Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol. 1: 1, 1993, pp. 20-83; Rui Loureiro, Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XVI, 2000, e Manel Ollé, *La Invención de China: Percepciones y Estrategias Filipinas Respecto a China durante el Siglo XVI*, 2000, pp. 11-76.

<sup>28</sup> José Costa Pereira, s.v. «Inglaterra, relações de Portugal com a», in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, 1994, pp. 534-535.

<sup>29</sup> Cf. Edgar Prestage, «The Anglo-Portuguese Alliance», 1934, pp. 3, 12-23, e Charles R. Boxer, «Vicissitudes das Relações Anglo-Portuguesas no Século XVII», p. 26.

<sup>30</sup> Sobre as infrutíferas expedições inglesas à China no século XVII, veja-se Rogério Miguel Puga, «A Convenção de Goa (1635) e a Primeira Viagem (Luso-)Inglesa a Macau», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 14, 2005, pp. 71-108, e *idem*, «As Primeiras Viagens Inglesas a Macau (1635-1699)», *Anais de História de Além-Mar*, n.º 6, 2005, pp. 159-209.

<sup>31</sup> Obra publicada em 1589 (segunda edição aumentada: 1589-1600). Vide Rogério Miguel Puga, «The Presence of the ‘Portugals’ in Macao and Japan in Richard Hakluyt’s *Navigations*», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 5, Dezembro de 2002, pp. 94-96, e *idem*, «Os Descobrimentos Portu-



complementadas pela colectânea de Samuel Purchas (c. 1577-1626), *Hakluytus Posthumous, or Purchas His Pilgrims: Containing a History of the World, in Sea Voyages and Land Travels by Englishmen and Others* (1625), que alicia mercadores e investidores ingleses a continuarem a aventurar-se na senda das embarcações portuguesas<sup>32</sup>, sendo o conhecimento sobre as realidades humanas e comerciais asiáticas vital na competição nos mares orientais e decisivo para o desequilíbrio da ‘Carreira da Índia’ face à impossibilidade de a Península Ibérica defender eficazmente todos os seus territórios ultramarinos.

Desde meados do século XVI que os ingleses procuram rotas alternativas às portuguesas para chegar ao Oriente e vários aventureiros tentam descobrir ‘passagens’ para a China, a Noroeste e a Nordeste<sup>33</sup>. Se desde essa altura corsários tomam embarcações e invadem domínios lusos, com a anexação de Portugal pela Espanha, em 1580, os motivos políticos que levam a Inglaterra a respeitar o seu velho aliado esbatem-se, intensificando-se os ataques marítimos de Sir Francis Drake (c. 1540-1596), Sir Walter Raleigh (?1552-1618) e outros *sea dogs*, na tentativa de enfraquecer o inimigo católico e demonstrar a superioridade naval inglesa<sup>34</sup>. As circum-navegações de Drake (1577-1580) e Thomas Cavendish (1586-1588), bem como a derrota da Armada Invencível (1588) provam à Inglaterra que pode competir nos mares com Filipe II, chamando o comércio português no Extremo Oriente a atenção dos ingleses, sobretudo após a captura da *Madre de Dios* e da sua valiosa carga, em 1592, ao largo dos Açores, por

---

gueses em *The Principal Navigations* de Richard Hakluyt», *Anais de História de Além Mar*, n.º 4, 2003, pp. 63-131. Relativamente às primeiras fontes portuguesas sobre a China traduzidas para inglês e às primeiras referências inglesas ao Império do Meio, veja-se Qian Zhongshu, «China in the English Literature of the Seventeenth Century», pp. 29-65.

<sup>32</sup> Vejam-se as sínteses sobre o interesse inicial da Inglaterra pelo Oriente (1497-1590) de Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations during the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, 1929, pp. 42-44, e Om Prakash, «The English East India Company and India», in H. V. Bowen et al. (eds.), *The Worlds of the East India Company*, 2004, pp. 1-17. Para uma visão de conjunto sobre o começo da expansão inglesa no Oriente e a fundação da E.I.C., consultem-se: G. V. Scammell, *The World Encompassed: The First European Maritime Empires, c. 800-1650*, 1987; Kenneth R. Andrews, *Trade, Plunder and Settlement: Maritime Enterprise and the Genesis of the British Empire 1480-1630*, 1991, pp. 1-100, 167-199, 256-279; Philip Lawson, *op. cit.*, pp. 1-17, e Nicholas Canny (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 1: *The Origins of Empire*, 2001, pp. 1-123, 264-285, 398-422.

<sup>33</sup> Vide Humphrey Gilbert, «A Discourse Written by Sir Humphrey Gilbert, to Prove a Passage by the Northwest to Cathaia, and the East Indies», in Richard Hakluyt, *op. cit.*, vol. 5, pp. 92-130.

<sup>34</sup> Vide G. D. Ramsay, *English Overseas Trade during the Centuries of Emergence*, 1957, p. 63.



Sir John Burrough<sup>35</sup>. Cerca de quatro anos após a tomada da embarcação e 40 antes de o primeiro barco inglês chegar a Macau, Laurence Keymis Gent conclui que a Inglaterra se pode tornar tão poderosa quanto a Península Ibérica<sup>36</sup>, contexto que dará lugar a inúmeros conflitos marítimos entre frotas inglesas e as possessões orientais do “seafaring Portugal”<sup>37</sup>.

No final de 1600, quando do aparecimento dos holandeses ao largo de Macau<sup>38</sup>, é fundada a Company of Merchants of London, Trading into the East Indies<sup>39</sup>, com o objectivo de iniciar viagens às Índias Orientais para importar bens de consumo e exportar sobretudo têxteis, momento a partir do qual se dão as primeiras expedições inglesas rumo à Ásia, sendo os confrontos desaconselhados e as tripulações avisadas pela companhia sobre os cuidados a ter com os portugueses<sup>40</sup>. A expansão norte-europeia, organizada através de iniciativas privadas com base no capital por acções, distingue-se da expansão ibérica, e a chegada de barcos ingleses à zona de Surrate, que se tornaria, a partir de 1613, o centro inglês do Índico Ocidental, origina conflitos frequentes com os portugueses.

Apesar de a Inglaterra se ‘voltar’ para a China apenas no final do século XVII, a actividade e o confronto iniciais no oceano Índico possibilitam aos ingleses um conhecimento cada vez maior sobre o espaço comercial representado no mapa que se segue, informação essa que substitui gradualmente a que Londres recebeu indirectamente através de fontes europeias, principalmente ibéricas, durante o século XVI e no início do século XVII.

---

<sup>35</sup> Vide Rogério Miguel Puga, «The Presence of the ‘Portugals’ in Macao», pp. 85-87.

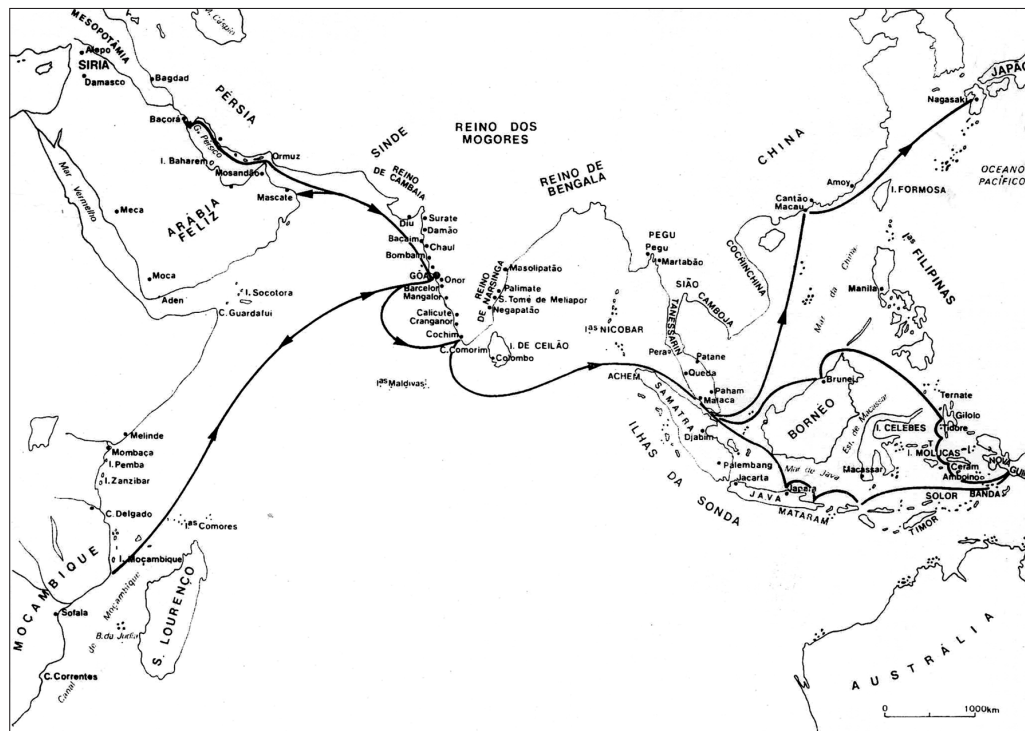
<sup>36</sup> Laurence Keymis Gent, «A Relation of the Second Voyage to Guiana, Performed and Written in the Yeere 1596», in Richard Hakluyt, *op. cit.*, vol. 7, pp. 390-391.

<sup>37</sup> William Harrison [1535-1593], *The Description of England: Folger Documents of Tudor and Stuart Civilization*, 1968, p. 126.

<sup>38</sup> Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau*, vol. 1: Séculos XVI-XVIII, 1992, pp. 73, 78.

<sup>39</sup> Relativamente à fundação da E.I.C. e às suas viagens iniciais para a Ásia, vejam-se John Keay, *op. cit.*, pp. 3-51; Philip Lawson, *op. cit.*, pp. 1-41; Anthony Wild, *The East India Company: Trade and Conquest from 1600*, 2000, pp. 8-549, e P. J. Marshall, «The English in Asia to 1700», in Nicholas Canny (ed.), *op. cit.*, pp. 264-285.

<sup>40</sup> Sir George Birdwood e William Foster (eds.), *The First Letter Book of the East India Company: 1600-1619*, 1893, pp. 51, 62, 113.



Mapa n.º 1: O Oriente português nos finais do século XVI

[in M. M. Sobral Blanco, «As Linhas Marítimo-Comerciais Portuguesas no Oriente (Séc. XVI-Meados do Séc. XVIII)», p. 99].

## 2. A CAMINHO DO EXTREMO ORIENTE. O INÍCIO DAS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS NAS ÍNDIAS ORIENTAIS

From the earliest English trading days in China; under special permission from the Portuguese, both sides had shown remarkable ingenuity in interpreting the laws to their mutual advantage and in accommodations, without which the trade would have very early died.

W. E. Cheong, *Mandarins and Merchants: Jardine Matheson & Co., A China Agency of the Early Nineteenth Century*, 1978, p. 5

Em 1602, dois anos antes da assinatura do Tratado de Paz entre a Inglaterra e a Espanha, e na senda dos holandeses, os ingleses chegam ao oceano Índico, desafiam

Portugal no coração do seu império, na Índia e na Pérsia, e tiram partido do desejo de certas autoridades indígenas de sacudir o jugo português<sup>41</sup>, aproximando-se gradualmente de Macau. Os inimigos recém-chegados<sup>42</sup> da Europa, face à atitude defensiva de portugueses e autóctones, lutam pela fundação da feitoria da E.I.C. em Surrate, no ano de 1612, facto que preocupa, desde logo, o vice-rei de Goa<sup>43</sup>.

No início de 1622, ano em que os holandeses tentam tomar Macau, e após vários combates marítimos entre portugueses e ingleses, estes últimos, juntamente com o xá Abas da Pérsia, capturam Ormuz, a alfândega mais rendosa do Estado da Índia, adquirindo cada vez mais terreno, autoconfiança e poder no Oriente<sup>44</sup>, onde, desde o Tratado da Defesa (1619), assinado pelos dois inimigos protestantes<sup>45</sup>, as esquadras anglo-holandesas procuram “[...] senhorear com toda a navegação e commercio”<sup>46</sup>.

Após as sucessivas derrotas nas batalhas navais contra os ingleses ao largo de Surrate e da queda de Ormuz, os portugueses apercebem-se de que não conseguem manter a E.I.C. afastada dos mercados orientais, inclusive porque o apoio inglês é essencial, quer no Oriente, para fazer frente aos ataques e bloqueio holandeses, quer na Europa, para que Portugal, após 1640, mantenha a sua independência.

Em 1613, a Companhia das Índias funda uma feitoria no Japão (Hirado), através da qual tenta, até 1623, embora em vão, estabelecer comércio directo com a China, evitando o controlo por parte de Macau<sup>47</sup> e lutando no arquipélago do Sol Nascente

<sup>41</sup> Vide A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. 2, 1997, p. 208.

<sup>42</sup> Expressão de António Bocarro, *Decada 13 da Historia da India*, 1876, p. 429.

<sup>43</sup> António Bocarro, *op. cit.*, p. 336.

<sup>44</sup> Para uma lista dos entrepostos orientais da E.I.C., vejam-se Anthony Wild, *op. cit.*, p. 86; D. K. Bassett, «Early English Trade and Settlement in Asia, 1602-1690», in Anthony Disney (ed.), *An Expanding World*, vol. 4: *Historiography of Europeans in Africa and Asia, 1450-1800*, 1995, pp. 128-153, e Rogério Miguel Puga, «A Convenção de Goa (1635)», p. 79, n.º 22.

<sup>45</sup> Vide Anthony Disney (ed.), *An Expanding World*, vol. 4, pp. 134-135.

<sup>46</sup> António Bocarro, *op. cit.*, p. 303.

<sup>47</sup> Veja-se a documentação da feitoria de Hirado publicada por Anthony Farrington, *The English Factory in Japan*, 2 vols., 1991. Sobre as relações anglo-portuguesas no Japão durante o período da feitoria de Hirado, consultem-se Ludwig Riess, «History of the English Factory at Hirado (1613-1622)», *Transactions of the Asiatic Society of Japan*, vol. 26, 1898, pp. 1-114; John Saris, *The First Voyage of the English to Japan*, 1941, pp. 1-10, 124-129, 197, 215-223; João Paulo Oliveira e Costa, *Portugal and the Japan: The Namban Century*, 1993; *idem*, «O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira», 2 vols., tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1998; Derek Massarella, *A World Elsewhere: Europe's Encounter with Japan in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, 1990, pp. 58-328; Valdemar Coutinho, *O Fim da Presença*

contra os interesses dos portugueses, que daí são expulsos em 1639. A Cidade do Santo Nome de Deus, vivendo essencialmente dos lucros da nau do trato, sente intensamente o término das viagens da mesma, iniciando-se, assim, o seu declínio económico. A chegada e a acção dos rivais norte-europeus ao Japão contribuem, tal como conclui João Paulo Oliveira e Costa, para a decisão final do xogunato de romper com a Igreja Católica e a cristandade<sup>48</sup>, dando origem ao empobrecimento e à crise económico-social que se observa em Macau a partir de então e que diversos viajantes registam<sup>49</sup>. Os visitantes e residentes estrangeiros descrevem as dificuldades económicas do território de que os ingleses tiram partido, a curto e a médio prazo, tornando-se a presença inglesa, a partir do século XVIII, uma fonte de rendimentos para os habitantes portugueses através do arrendamento de casas<sup>50</sup>, da cooperação comercial e da sua prestação de serviços à E.I.C. No entanto, o duro golpe sofrido no Japão coloca o enclave de sobreaviso sobre as possíveis consequências do estabelecimento dos ingleses na China. A desconfiança e a defesa dos interesses económicos marcam, portanto, as relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente desde o início, e *CBP* representa o aspecto ‘decadente’ da cidade devido às dificuldades económicas que se acentuam no final da primeira metade do século XVII, aludindo, como veremos na terceira parte, à glória e à riqueza usufruídas pelos portugueses durante o comércio da nau do trato, cuja memória perdura na comunidade local através de personagens colectivas como a família portuguesa de Pedro da Silva<sup>51</sup>.

---

*Portuguesa no Japão*, 1999, pp. 30-41, 97-115, 122-130, e Giles Milton, *Samurai William: The Adventurer Who Unlocked Japan*, 2003, pp. 30-31, 136-138, 346-364.

<sup>48</sup> João Paulo Oliveira e Costa, «O Cristianismo no Japão», vol. 2, p. 764.

<sup>49</sup> Vide William Hickey, *Memoirs of William Hickey (1749-1775)*, vol. 1, 1913, pp. 169-197.

<sup>50</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/59, fl. 123.

<sup>51</sup> *CBP*, pp. 51, 97, 183 (consulte-se a terceira parte, capítulo 7).

## 2.1. A Convenção de Goa (1635) e as primeiras viagens inglesas a Macau

As fazendas de Macau consistem no mar, e toda a cidade disto vive, não há outros bens estáveis mais que o vento e mares trazem, faltando estes falta tudo.

Padre Luís da Gama (15-12-1664), Biblioteca da Ajuda, cód. 49-IV-56, fl. 204

O acordo de paz estabelecido em 1635 entre portugueses e ingleses no Oriente e que a historiografia inglesa denomina de Convenção de Goa<sup>52</sup>, bem como as viagens da E.I.C. a Macau até ao início do século XVIII foram já por nós estudados<sup>53</sup>, pelo que apresentamos de seguida apenas um resumo dos primórdios do contacto directo dos ingleses com o enclave após a assinatura da convenção pelo vice-rei da Índia, conde de Linhares, e o presidente da feitoria inglesa de Surrate, William Methwold, com o objectivo de enfrentar o inimigo holandês, cujos ataques a embarcações portuguesas e inglesas e bloqueio no estreito de Malaca dificultam o comércio quer do Estado da Índia, quer da E.I.C.

Na sequência das pazes assinadas, em 1604, por Filipe II e Jaime I, no final de 1630 Filipe III e Carlos I voltam a celebrar pazes extensíveis aos domínios das suas nações<sup>54</sup>. Para fazer frente às forças holandesas, cuja aliança com os ingleses terminara em inimizade<sup>55</sup>, é assinada, a 20 de Janeiro de 1635, a Convenção de Goa<sup>56</sup>, um

---

<sup>52</sup> Vide, por exemplo, John Keay, *op. cit.*, pp. 117, 131, e Bruce P. Lenman, «The East India Company and the Trade in Non-Metallic Precious Materials», in H. V. Bowen *et alii* (eds.), *op. cit.*, p. 104.

<sup>53</sup> Rogério Miguel Puga, «A Convenção de Goa (1635)», pp. 71-108, e *idem*, «As Primeiras Viagens Inglesas a Macau (1635-1699)», pp. 159-214.

<sup>54</sup> Cf. B.L.-O.I.O.C., G/12/10, fls. 67-80; Júlio Firmino Biker (ed.), *Colecção de Tratados e Concertos de Pazes que o Estado da Índia Portuguesa Fez com os Reis e Senhores com quem Teve Relações nas Partes da Ásia e África Oriental*, tomo 1, 1995, pp. 239-261.

<sup>55</sup> Sobre o massacre de Amboina (Fevereiro de 1623), no qual os holandeses decapitam o feitor inglês, Gabriel Towerson, nove dos seus colegas, um português e mercenários japoneses sob acusação de estes quererem tomar o forte e derrubar o governo holandês na ilha, veja-se Holden Furber, *Rival Empires of Trade in the Orient 1600-1800*, 1976, pp. 38-78, e Ruby Maloni, *European Merchant Capital and the Indian Economy. A Historical Reconstruction Based on Surat Factory Records 1630-1668*, 1992, pp. 48-49.

<sup>56</sup> Vide B.L.-O.I.O.C., G/12/10, fls. 69-74; Júlio Firmino Biker (ed.), *op. cit.*, tomo 1, pp. 264-270; John Bruce, *Annals of the Honorable East-India Company*, vol. 1, 1810, pp. 325-326; 334-335; José

acordo local de paz e cooperação que, juntamente com o tratado anglo-português de 1642, celebrado entre D. João IV e Carlos I<sup>57</sup>, abre as portas do Oriente aos barcos ingleses, através dos quais os portugueses passam a comerciar e viajar, evitando os ataques holandeses<sup>58</sup>.

A convenção põe termo a quase meio século de conflitos marítimos no Oriente entre as duas nações aliadas, não levando, no entanto, ao enfraquecimento imediato do inimigo comum. Inicia-se então um novo ciclo de comércio no Estado da Índia, como o prova a viagem, em 1635, do *London*, embarcação inglesa fretada pelo vice-rei da Índia, que parte, rumo a Macau, sendo condição dos proprietários o comércio de sobrecargas na Cidade do Santo Nome de Deus, o que não acontece de forma satisfatória, pois a bordo do navio deslocam-se dois agentes portugueses cujo objectivo é também dificultar o trato inglês, mesmo porque as notícias da assinatura da convenção poderiam não ser bem recebidas pela população macaense, o que, de facto, se viria a verificar, uma vez que o enclave nasce e sobrevive através do comércio, como afirma, em 1695, o viajante italiano Gemelli Careri, ao descrever a dependência alimentar da cidade relativamente à China, bem como a pobreza e a sujeição dos seus habitantes às incertezas do mar<sup>59</sup>, realidade referida quer na epígrafe deste subcapítulo quer em *CBP*<sup>60</sup>.

Os ingleses chegam a Macau no início do período de contracção do Estado da Índia, vindo, como veremos, a estabelecer-se na China apenas no início do século XVIII. A vinda de rivais desagrade à edibilidade do território, que tenta defender o seu estatuto privilegiado no Império do Meio e afastar os concorrentes que, quatro anos depois, contribuem para a expulsão dos portugueses do Japão, fazendo perigar a sobrevivência da Cidade do Santo Nome de Deus. Por outro lado, a vigilância imperial sobre Macau

---

Ferreira Borges de Castro (org.), *Colecção dos Tratados, Convenções, Contratos e Actos Públicos Celebrados entre a Coroa de Portugal e as mais Potências*, vol. 1, 1856, pp. 102-103; Montalto Jesus, *Historic Macao*, 1902, pp. 95-96; Hosea Ballou Morse, *op. cit.*, vol. 1, pp. 12-13; A. R. Disney, *Twilight of the Pepper Empire*, pp. 148-154 e Maria Manuela Sobral Blanco, «O Estado Português da Índia: Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Lisboa, vol. 1, 1992, pp. 538-554.

<sup>57</sup> José Ferreira Borges de Castro (org.), *op. cit.*, pp. 82-101 e B.L.-O.I.O.C., G/12/10, fl. 98.

<sup>58</sup> Veja-se Marcus P. M. Vink, «The *Entente Cordiale*: The Dutch East India Company and the Portuguese Shipping through the Straits of Malacca, 1641-1663», *Revista de Cultura*, ano 5, vol. 1, n.º 13-14, Janeiro-Junho de 1991, pp. 289-291, 294.

<sup>59</sup> John Francis Careri [Giovanni Francesco Gemelli Careri], *A Voyage Round the World in Six Parts*, 1752, p. 275; tradução nossa.

<sup>60</sup> *CBP*, pp. 36, 73.

dificulta o comércio, uma vez que para os chineses esse território faz parte da China, encontrando-se sob a alçada do Trono do Dragão.

O *London* é o primeiro barco inglês a visitar Macau, embora ao serviço do Estado da Índia, para transportar cobre e ferro do enclave, e chega à China em Julho de 1635, sendo a tripulação recebida com relutância pela oligarquia local<sup>61</sup>. A desconfiança e a luta de interesses comerciais pautam, assim, os contactos entre Macau e a E.I.C., evitando os portugueses que a tripulação contacte com a população sínica<sup>62</sup>, enquanto os ingleses propõem aos chineses estabelecer uma feitoria nas imediações de Macau<sup>63</sup>. Desde o início da permanência inglesa no Império do Meio, Macau leva a cabo um jogo de interesses que consiste simultaneamente em afastar os seus rivais e denegrir a imagem destes junto do alto funcionalismo provincial de Cantão e avisa o vice-rei da Índia dos perigos da autorização de viagens inglesas e da passagem do comércio da China e do Japão para as mãos da E.I.C.<sup>64</sup>. Logo no começo das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente, o enclave tenta, a todo o custo, afastar os ingleses por dois motivos: evitar a concorrência comercial e defender a sua sobrevivência e as suas boas relações com as autoridades chinesas, pois quaisquer problemas causados pelos estrangeiros afectariam a cidade<sup>65</sup>. O vice-rei Pedro da Silva informa Filipe III do perigo das subversivas intenções de Surrate para o comércio do enclave<sup>66</sup>, embora as viagens para Cantão não façam ainda parte da política comercial da administração da companhia. No entanto, muitas das medidas e muitos dos sucessos económicos ingleses no Oriente são fruto de decisões e estratégias das feitorias locais, sem o aval dos directores.

A expedição do *London* acontece por proposta dos portugueses, pelo que não pode ser considerada a primeira viagem de iniciativa inglesa a Macau, até porque os directores londrinos desconhecem que a presidência de Surrate utiliza capital e bens da companhia para enviar barcos à China, desaprovando posteriormente essa decisão<sup>67</sup>.

---

<sup>61</sup> Vide B.L.-O.I.O.C., G/12/10, fls. 86-88; Sir William Foster, *The English Factories in India 1634-1636*, p. 228, e Frederick Charles Danvers, *The Portuguese in India: Being a History of the Rise and Decline of their Eastern Empire*, vol. 2, 1966, pp. 248-253.

<sup>62</sup> Para um estudo sobre a viagem e os seus resultados a partir de fontes portuguesas e inglesas, veja-se Rogério Miguel Puga, «A Convenção de Goa (1635)», pp. 71-108.

<sup>63</sup> I.A.N./T.T., *Livros das Monções*, liv. 33, fl. 248.

<sup>64</sup> *Ibidem*, fl. 267.

<sup>65</sup> Vide Filmoteca Ultramarina Portuguesa (F.U.P.), Arquivo Histórico de Goa (A.H.G.), *Livro dos Segredos*, n.º 1, fl. 11.

<sup>66</sup> *Ibidem*, fl. 248.

<sup>67</sup> Ethel Bruce Sainsbury e William Foster (eds.), *A Calendar of the Court Minutes Etc. of the East India Company 1635-1639*, 1907, pp. 120-121.



A inimizade e o receio dão gradualmente lugar à colaboração anglo-portuguesa como estratégia de defesa dos interesses de ambas as nações face à ameaça holandesa, embora as pazes entre os dois países aliados não os torne “s[enh]ores de tudo”<sup>68</sup>.

Na sequência das tréguas luso-inglesas, não são apenas os barcos da E.I.C. que se dirigem para a China e, em Junho de 1637, dois anos após a viagem do *London*, chega a Macau a primeira expedição totalmente inglesa, uma frota da associação comercial de Sir William Courteen comandada por John Weddell, fruto de iniciativa privada, em detrimento dos interesses da companhia. Os conflitos da tripulação indicam, desde logo, que os ingleses não poupam esforços para partilhar com os portugueses os lucros do comércio em Cantão, acabando um dos mercadores, Peter Mundy, por redigir, no seu diário, a primeira longa descrição em língua inglesa do enclave<sup>69</sup>, enquanto a Inglaterra defende, mais uma vez, os seus interesses económicos ao desenvolver estratégias em três frentes, junto do mandarinato, de Lisboa, através do vice-rei da Índia, e das tripulações inglesas. Os portugueses e os chineses recusam facilitar o comércio à frota de Weddell e tentam afastá-la da China, mas a tripulação entra, sem autorização, no rio das Pérolas, atitude que contribui para a formação da imagem negativa dos ingleses no Império do Meio<sup>70</sup>. Os confrontos gerados por Weddell levam as autoridades chinesas a exigir de Macau o pagamento de uma elevada multa (80 000 taéis)<sup>71</sup>, tal como acontecera quando da estadia do *London*, pelo que a presença inglesa influencia as relações luso-chinesas logo no início do século XVII, enquanto o governador do enclave avisa o vice-rei da Índia da “cobiça” que leva os “bárbaros de cabelos vermelhos”<sup>72</sup> à China.

---

<sup>68</sup> Conde de Linhares, *Diário do 3.º Conde de Linhares, Vice-Rei da Índia*, 1943, p. 267.

<sup>69</sup> Sobre o diário e a viagem, consultem-se: Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 1-27; Charles R. Boxer, *Macau na Época da Restauração*, 1993, pp. 49-75; Rogério Miguel Puga, «Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy’s *Travels* (1637)», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1, Dezembro de 2000, pp. 97-109; *idem*, «A Dimensão da Alteridade em *The Travels* de Peter Mundy (1637): Contribuição para o Estudo das Relações Anglo-Portuguesas no Extremo Oriente», *Revista de Cultura*, n.º 3, Julho de 2002, pp. 136-152 e Kingsley Bolton, *op. cit.*, 2003, pp. 122-146. Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, pp. 76-105 estuda este episódio afirmando, na página 76, que os membros da tripulação de Weddell são os primeiros ingleses a alcançar Macau; no entanto, o *London* é, em 1635, o primeiro barco com tripulantes ingleses a chegar à cidade.

<sup>70</sup> Relativamente à estada de Weddell em Macau e às relações com as autoridades portuguesas, veja-se Rogério Miguel Puga, «As Primeiras Viagens Inglesas a Macau (1635-1699)», pp. 177-186.

<sup>71</sup> I.A.N./T.T., *Livros das Monções*, liv. 43, fl. 264v.

<sup>72</sup> Forma como o mandarim designa os ingleses quando da sua chegada a Cantão (*ibidem*, fl. 261) e que também pode ser traduzida como “bárbaros ruivos”.



A desconfiança mútua marca as relações entre a frota de Courteen e as autoridades de Macau<sup>73</sup> e Weddell culpa os portugueses pelos problemas da expedição<sup>74</sup>. Independentemente da veracidade dessa acusação, que na realidade se verifica, uma vez que os comerciantes da cidade tentam defender os seus interesses, este argumento será utilizado, de forma recorrente, pela historiografia inglesa para justificar o ‘atraso’ do estabelecimento da E.I.C. em Cantão<sup>75</sup>. Sendo a viagem de Weddell a primeira visita de uma tripulação totalmente inglesa ao enclave, é curioso o facto de este, à semelhança do capitão da *London*, ter discutido com os mandarins a possibilidade de lhes pagar um foro anual do chão, como fazem os portugueses, e dividir Macau com estes últimos<sup>76</sup>. A vontade inglesa de conseguir na China uma posição e um estabelecimento semelhantes aos dos seus velhos aliados europeus é, desde logo, clara, vindo esse desígnio a tornar-se realidade apenas depois da Guerra do Ópio, com a fundação de Hong Kong (1841). Esse mesmo facto explica a importância de Macau para o *China trade*<sup>77</sup>, como se pode verificar através de *CBP*.

Perante a insistência de Weddell em negociar com os chineses, Macau envia uma carta ao rei da Inglaterra na qual declara que o comércio inglês na China “seria a total destruição desta cidade”<sup>78</sup> e tal não poderia ser feito sob o nome da amizade luso-inglesa, pois a urbe vive do trato com o Japão, a Índia e Manila<sup>79</sup>. A missiva afirma ainda que o acordo de “paz e amizade” anglo-português não foi assinado por nenhuma das partes para destruir, mas sim conservar os domínios portugueses<sup>80</sup>, avançando um outro argumento que será utilizado até ao século XIX no enclave: os portugueses não se encontram em território próprio ou conquistado, situando-se o enclave na terra do imperador, que autorizara o estabelecimento dos portugueses por favor, vivendo estes dos

<sup>73</sup> *Ibidem*, liv. 41, fls. 191-191v.

<sup>74</sup> *Ibidem*, fls. 213-213v; também copiado no liv. 43, fls. 264-264v.

<sup>75</sup> *Vide* Sir John Francis Davis, *The Chinese*, vol. 1, 1836, p. 49; A. J. Sargent, *Anglo-Chinese Commerce and Diplomacy*, 1907, pp. 4-5; W. E. Soothill, *China and England*, 1928, pp. 4-7; Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, pp. 54-55 e Sir William Foster, *England's Quest for Eastern Trade*, 1933, pp. 324-335.

<sup>76</sup> *Cf.* Peter Mundy, *The Travels of Peter Mundy (1608-1667)*, vol. 3, pp. 282-284.

<sup>77</sup> Consulte-se Paul A. Van Dyke, *The Canton Trade: Life and Enterprise on the China Coast, 1700-1845*, 2005, pp. 7-13, 19, 31, 35-49, 102-145, 158-175.

<sup>78</sup> I.A.N./T.T., *Livros das Monções*, liv. 41, fl. 220.

<sup>79</sup> *CBP*, pp. 17, 56, 64, 103, 133 ficcionaliza o comércio entre Macau e Manila no final do século XVIII.

<sup>80</sup> I.A.N./T.T., *Livros das Monções*, liv. 41, fls. 220-220v. *Vide* também *ibidem*, liv. 43, fls. 267v-268.

viveres que os chineses lhes vendem e que, caso lhes sejam negados, levarão a cidade à ruína, como refere o romance de Coates<sup>81</sup>. A frota de Weddell abandona Macau em Dezembro de 1637, após um prolongado *tour de force* com as autoridades portuguesas e o mandarinato cantonense<sup>82</sup> que deixa bem claros os objectivos comerciais dos mercadores ingleses.

A Cidade do Santo Nome de Deus, devido à sua localização geográfica estratégica (murada numa península vulnerável e fácil de controlar pelas autoridades mandarínicas) que desde o estabelecimento dos portugueses passara a constituir um novo tipo de ‘problema’ para a China<sup>83</sup>, é, mais tarde, escolhida pelo imperador como entreposto de todos os estrangeiros que comerciavam no império, aí mais facilmente controláveis<sup>84</sup> e mantidos fora da “ley [sínica]”<sup>85</sup>, como se verifica em *CBP*. A tripulação de Courteen entra na China sem autorização imperial, e alguns dos problemas que enfrenta são enumerados por Earl H. Pritchard como factores que dificultam, desde o início, as relações anglo-chinesas em Cantão: as diferenças ou os choques culturais que geram confrontos entre os dois povos, a organização política, a religião, a administração, a justiça e a organização comercial chinesas, bem como a intolerância de ambas as partes<sup>86</sup>, problemas presentes, como veremos, no episódio do *Lady Hughes* em *CBP*. Essas áreas sensíveis permanecem latentes até à Guerra do Ópio e ao longo desse período as autoridades lusas adoptam forçosa e estrategicamente uma política que agrade aos senhores da terra, de quem depende o seu bem-estar e a permanência no delta do rio das Pérolas, como o romance de Coates demonstra quando o senador demove Teresa de se vingar de Martha, pois tal envolveria o mandarim da Casa Branca.

---

<sup>81</sup> *CBP*, pp. 36, 73. Veja-se a terceira parte (subcapítulo 2. 1). Para uma descrição da medida tomada pelo mandarinato em 1675-1676, veja-se Frei José de Jesus Maria, *Ásia Sínica e Japónica*, vol. 2, 1998, p. 91.

<sup>82</sup> Consultem-se I.A.N./T.T., *Livros das Monções*, liv. 43, fl. 265 (também copiados no liv. 41, fls. 216-217), e B.L.-O.I.O.C., G/12/1, fls. 30-58.

<sup>83</sup> Cf. Jonathan D. Spence, *The Search for Modern China*, 1990, p. 19.

<sup>84</sup> Para um estudo de Macau como “pré-porto” de Cantão, veja-se Jorge Manuel Flores, «Macau e o Comércio da Baía de Cantão (Séculos XVI e XVII)», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe F. Reis Thomaz (dir.), *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, 1993, pp. 21-48.

<sup>85</sup> Cf. «A Primeira Pedra Quebrada» [1790], in Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 1, doc. 130, p. 278. Os estrangeiros devem ser mantidos o mais longe possível da civilização chinesa; daí a importância de Macau para o mandarinato.

<sup>86</sup> Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, pp. 16-41.

A partir de 1639, uma série de acontecimentos enfraquece a presença portuguesa no Extremo Oriente: a expulsão do Japão e o desfecho negativo da embaixada que Macau aí envia (1640); o divórcio oficial entre Macau e Manila (1644) após o final da União Ibérica e a tomada de Malaca pelos holandeses (1641), que afasta o enclave dos mercados indianos e dos centros de decisão em Goa e Lisboa, continuando a Verenigde Oostindische Compagnie (V.O.C.) a prejudicar os interesses lusos no Canará (1652-1654), em Ceilão (1656) e no Malabar (1658-1663). A Cidade do Santo Nome de Deus enfrenta, para além do fim do comércio da nau do trato, a crise que surge com a implantação da dinastia Qing (1644) na China e que se acentua em Cantão nas décadas de 50 e 60, encontrando-se os portugueses cientes do impacto que a concorrência europeia terá no giro essencial para a sobrevivência do enclave<sup>87</sup>. Perante esta conjuntura, os mercadores da cidade buscam novos mercados no Sudeste Asiático, nomeadamente em Macaçar, Batávia, no Camboja, Tonquim e na Cochinchina, entre outros portos alternativos<sup>88</sup> referidos por Martha, em *CBP*, como locais de onde são importados produtos que ela comercia<sup>89</sup>. Ao longo do século XVIII, o comércio e a economia de Macau sofrem com a concorrência estrangeira em Cantão, pois o aumento da procura de produtos chineses eleva o seu preço, enquanto o maior afluxo de mercadorias importadas de outros portos asiáticos baixa o valor das mesmas, diminuindo, assim, a margem de lucro dos portugueses.

A E.I.C., inicialmente de forma esporádica e fruto de decisões locais dos seus feitores no Oriente, procura estabelecer-se em Cantão sobretudo através da Macau portuguesa, “the first land of China”<sup>90</sup>, e, durante os 50 anos após a visita de Weddell, tenta fazê-lo várias vezes, embora sem qualquer resultado devido à competição e aos obstáculos criados pelos portugueses<sup>91</sup> e a factores como a falta de uma feitoria inglesa a leste da Índia e a inactividade e o desinteresse dos directores londrinos pelo trato

---

<sup>87</sup> Sobre esse período conturbado da história de Macau, vejam-se António da Silva Rego, «Macau entre Duas Crises (1640-1688)», *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.ª série, vol. 24, n.º 2, 1977, pp. 307-334, e John E. Wills Jr., *Embassies and Illusions. Dutch and Portuguese Envoys to K'ang-hsi, 1666-1687*, 1984, pp. 83-101.

<sup>88</sup> Veja-se Jorge Manuel Flores, «Macau: No Fio da Navalha», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, 2000, pp. 223-230.

<sup>89</sup> *CBP*, pp. 140-141, 197.

<sup>90</sup> Prefácio inglês do relato da viagem efectuada, em 1695, por Gemelli Careri, *op. cit.*, p. iv.

<sup>91</sup> A. J. Sargent, *Anglo-Chinese Commerce*, pp. 4-5.

com a China<sup>92</sup> enquanto desenvolvem uma actividade cada vez mais intensa em Java, Sumatra e no Bornéu<sup>93</sup>.

As primeiras viagens inglesas a Macau, entre 1635 e 1644, devem-se às oportunidades que os sobrecargas e feitores aproveitam perante as dificuldades que os mercadores ibéricos enfrentam face ao bloqueio holandês, tentativas isoladas que não espelham o *modus operandi* da E.I.C. delineado em Londres<sup>94</sup>. Mesmo que os primeiros empreendimentos não representem um esforço veemente por parte da instituição para estabelecer relações comerciais com a China, constituem o início das relações anglo-portuguesas no enclave, indicando tendências, interesses e padrões de interacção rival que perduram ao longo dos séculos, pois os portugueses, tal como *CBP* representa, nunca deixam de controlar os ingleses no enclave. O início das tréguas entre lusos e holandeses no Oriente (1645-1652) torna os primeiros independentes dos barcos ingleses. Em carta ao vice-rei de Goa, no início de 1645, D. João IV ordena a essa cidade que dificulte o espaço de manobra às embarcações inglesas<sup>95</sup>, dada a facilidade com que estas já se movimentam no Estado da Índia, estratégia que se desenvolve até ao Tratado de Westminster (10-06-1654), a partir do qual o comércio inglês nos portos portugueses da Ásia é de novo facilitado. Os interesses de Macau são, assim, defendidos de forma subtil para não interferirem nas estratégias diplomáticas e nas conveniências do reino recém-separado da coroa espanhola e de quem a Inglaterra é uma estratégica aliada<sup>96</sup>, prioridades essas distantes dos cuidados dos portugueses que residem e negociam na China Meridional. Assim sendo, e como se verifica em *CBP*, as leis portuguesas e inglesas não são totalmente cumpridas no enclave, pois os sobrecargas negociam e mantêm relações amorosas com nativas.

---

<sup>92</sup> D. K. Bassett, «The Trade of the English East India Company in the Far East, 1623-84», in Om Prakash (ed.), *An Expanding World-The European Impact on World Economy 1450-1800*, vol. 10, 1997, p. 213 (n.º 1), 214-218.

<sup>93</sup> Sobre a feitoria e o comércio ingleses em Sumatra (1615-1825), veja-se B.L.-O.I.O.C., G/35.

<sup>94</sup> Cf. D. K. Bassett, «The Trade of the English East India Company», pp. 213-214, 222 e J. H. Parry, *Trade & Dominion: The European Oversea Empires in the Eighteenth Century*, 2000, p. 82.

<sup>95</sup> Cf. A.H.U., *Cartas Régias*, n.º 208, fls. 46 e 104 (transcrito por Maria Manuela Sobral Blanco, *op. cit.*, vol. 1, p. 544).

<sup>96</sup> Sobre as estratégias diplomáticas portuguesas junto de Carlos II de Inglaterra (1641-1642) e de Oliver Cromwell (1654), bem como as medidas de D. João IV para defender o Estado da Índia, vide Luís da Cunha Gonçalves, «A Restauração de 1640 no Oriente», *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, vol. 9, 1915, pp. 396-404; Eduardo Brasão, *A Diplomacia Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII*, vol. 1, 1979, pp. 46-51 e Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol. 5, 1996, pp. 66-68.

As tentativas posteriores de estabelecimento de comércio directo com a China através de Macau são igualmente infrutíferas, nomeadamente a viagem do *Hind* (1644), fretado pelo vice-rei da Índia, conde de Aveiras<sup>97</sup>, e enviado, juntamente com o *SeaHorse*, pelo Conselho inglês de Surrate, de novo sem conhecimento dos directores londrinos, não sendo a primeira embarcação, como afirmam alguns autores<sup>98</sup>, a primeira inteiramente ao serviço da E.I.C. a atracar no enclave, tendo (também) como objectivo levar a cabo, após a licença do vice-rei, mais uma tentativa comercial inglesa na China e trazer para Goa o cobre excedentário de Macau. O facto de diversos autores afirmarem que o *Hind* é a primeira embarcação da companhia a chegar ao enclave leva estudos como os de Chin-chuan Cheng (1982, inclusive na segunda edição revista, 1992) e de Attilio Balestreri e Raffaele Bracalenti (2003)<sup>99</sup> a repetir o mesmo erro e inclusive a avançar 1644 como a data em que a E.I.C. estabelece a sua feitoria em Cantão.

Ao contrário do *Hind*, o *London* e a frota de Weddell visitam Macau ainda no seu tempo áureo, antes do final do comércio com o Japão, enquanto as embarcações seguintes chegam a uma cidade a viver no “fio da navalha”<sup>100</sup>, estado em que o território é também descrito no romance de Coates<sup>101</sup>. A decadência económica do território deve-se ao fim do trato com Nagasáqui e à fome que assola a população em 1648, conjuntura que também não é propícia para o início do comércio inglês em Cantão<sup>102</sup>. Nas décadas de 40 a 60, os manchus invadem o Sul da China e geram desordem<sup>103</sup>, vendo-se a urbe forçada a lutar pela sua sobrevivência, agora que se encontra também oficialmente afastada do comércio com Manila, após o final da monarquia dual. Já após a cedência de Bombaim a Inglaterra, como dote de casamento de Catarina de Bragança

---

<sup>97</sup> Cf. B.L.-O.I.O.C., G/12/1, fls. 62-65; G/12/10, fls. 101-104 e G/12/19, fls. 103-104, e F.U.P., A.H.G., *Livro dos Segredos*, n.º 1, fls. 66-67 e 71-72v.

<sup>98</sup> Kingsley Bolton, *op. cit.*, p. 146.

<sup>99</sup> Chin-chuan Cheng, «Chinese Varieties of English», in Braj B. Kachru (ed.), *The Other Language: English Across Cultures*, 1992, p. 218, e Attilio Balestreri e Raffaele Bracalenti, s. v. «Pidgin», in Guido Bolaffi et al. (eds.), *Dictionary of Race, Ethnicity and Culture*, 2003, p. 218.

<sup>100</sup> Jorge Manuel Flores, «Macau: No Fio da Navalha», pp. 215-236.

<sup>101</sup> *CBP*, pp. 53 (“empoverished colony”), 133, 135.

<sup>102</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/1, fl. 64: carta de Thomas Merry para Londres (10-01-1637): “The Trade of China is so much declined, by reason of the Portugalls poverty and troubles in that vast kingdom.”

<sup>103</sup> A conquista manchu (1644) e a tomada definitiva de Cantão (1650) são referidas por Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, p. 57, como obstáculos para o comércio inglês na China. Devido ao estado de desordem no império e à pirataria nos mares do Sul da China, os ingleses evitam essas paragens (cf. Hosea Ballou Morse, *op. cit.*, vol. 1, pp. 32-33).

(com Carlos II)<sup>104</sup>, seguem-se as viagens do *Surat* (1664), do *Return* (1673), do *Tywan* e do *China Merchant* (1863), que comerciam em Macau a custo e sob forte controlo dos portugueses, sendo afastados também pelos chineses<sup>105</sup>. As isoladas tentativas inglesas para estabelecer comércio com o Império do Meio não produzem qualquer efeito imediato devido ao facto de a China auto-suficiente se fechar ao exterior, como o narrador de *CBP* informa ao apresentar o espaço da acção<sup>106</sup>, e de os portugueses continuarem a defender os seus interesses, tal como acontece durante as viagens do *Carolina* (1683) e do *Loyal Adventure* (1685)<sup>107</sup>. Os interesses económicos e de sobrevivência do enclave afastam-se dos princípios da Convenção de Goa e os ingleses, perante as dificuldades levantadas, optam pelo comércio indirecto com a China através das suas feitorias orientais como as de Ayuthia, no Sião<sup>108</sup>, Amoy e Formosa, portos onde se comercia seda, porcelana e pérolas, entre outros produtos.

Em meados da década de 60, a dinastia manchu, numa estratégia de consolidação do seu poder, adopta uma forte política de controlo marítimo e de evacuação do litoral, afasta possíveis rebeldes e enfraquece as populações costeiras, levando a uma forte diminuição da frota de Macau entre 1663 e 1667<sup>109</sup>. Em 1679, um édito imperial decreta a reabertura do trato do enclave, por via terrestre, com Cantão e, em 1681 e em 1684, a actividade comercial estrangeira é de novo autorizada, mantendo o imperador medidas de defesa marítima através de restrições ao número de navios em circulação e da criação de postos alfandegários que aumentam os rendimentos imperiais, nomeadamente em Macau, onde é criado o *hopu* (1684)<sup>110</sup>.

---

<sup>104</sup> Vide Júlio Firmino Biker (ed.), *op. cit.*, tomo 3; John Bruce, *op. cit.*, vol. 2; Adriano José Ernesto, «A Cessão de Bombaim à Inglaterra», dissertação de licenciatura apresentada à Universidade de Lisboa, 1952 e John Keay, *op. cit.*, pp. 130-147, 193. Para uma selecção de fontes sobre a entrega da cidade aos ingleses em 1666, veja-se *Arquivo das Colónias*, vol. 5, n.º 26, 1929, pp. 7-30; n.º 27, 1930, pp. 13-30; n.º 33, 1930, pp. 13-30, 295-314, n.º 34-38, 1930-1931, pp. 445-477 e, sobre a feitoria e o comércio ingleses em Bombaim (1669-1710), consulte-se B.L.-O.I.O.C., G/3.

<sup>105</sup> Relativamente à estada das tripulações inglesas e ao reduzido comércio efectuado em Macau no século XVII, veja-se Rogério Miguel Puga, «As Primeiras Viagens Inglesas», pp. 186-202.

<sup>106</sup> *CBP*, p. 3.

<sup>107</sup> Vide Rogério Miguel Puga, «As Primeiras Viagens Inglesas», pp. 203-205 e *Records of St. George: Diary and Consultation Book of 1686*, 1913, p. 64.

<sup>108</sup> Vide B.L.-O.I.O.C., G/12/1, fls. 66ª, 68-77.

<sup>109</sup> Veja-se George B. Souza, «Commerce and Capital: Portuguese Maritime Losses in the South China Sea, 1600-1754», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz (eds.), *As Relações entre a Índia Portuguesa*, pp. 321-329.

<sup>110</sup> O termo *hopu*, que tem origem no vocábulo *hubu* (Ministério das Finanças Públicas de Cantão), designa quer o posto alfandegário chinês que cobra direitos sobre as mercadorias importadas e exportadas

Perante a dificuldade em manter o seu próprio trato, é natural que os mercados proeminentes da cidade, com assento no Senado, tentem manter afastada a concorrência europeia<sup>111</sup> e, na impossibilidade de o fazer, recolham uma percentagem do lucro do comércio estrangeiro no Sul da China. Tal como *CBP* representa, os portugueses tornam-se, assim, cada vez mais dependentes da cooperação com os mercados ocidentais, enquanto os directores da companhia procuram, desde Londres e pela via diplomática, conseguir autorização régia portuguesa para os seus barcos atracarem livremente no enclave<sup>112</sup>.

Embora a E.I.C. tente estabelecer uma feitoria em Cantão, em 1673, 1682-1683 e 1689, apenas a partir de 1699 o *China trade* se desenvolve de forma sistemática<sup>113</sup>. O aparecimento de uma nova Companhia das Índias inglesa em 1698 estimula a actividade das duas companhias rivais, concentrando a mais antiga os seus negócios em Amoy e a mais recente em Cantão, para onde envia, em 1699, o *Macclesfield*. As duas companhias acabam por se fundir, em 1709, numa só: a United Company of Merchants of England Trading to the East Indies<sup>114</sup>. A atenção da E.I.C. desvia-se definitivamente para o Império do Meio, entre 1674 e 1684, devido à impossibilidade de reiniciar o comércio com o Japão e não como resultado de uma acção planeada por parte dos órgãos centrais<sup>115</sup>, que são informados através dos relatórios que recebem das feitorias orientais, cujo conteúdo é, por vezes, manipulado, como acontece no caso de John Saris (1613), relativamente à feitoria inglesa no Japão<sup>116</sup>, prática ficcionalizada em *CBP* no que diz respeito à documentação enviada pelo Comité para Londres<sup>117</sup>.

---

da e para a China, quer o superintendente da alfândega marítima chinesa que supervisiona o comércio e cobra os direitos de tonelagem nos portos de Macau (desde 1684) e Cantão [vejam-se Comte de Lapérouse, *Voyage de Lapérouse autour du Monde pendant les Années 1785, 1786, 1787 et 1788*, 1970, p. 207; Anders Ljungstedt, *op. cit.*, pp. 69-70; António Feliciano Marques Pereira, *As Alfândegas Chinesas de Macau*, 1870 e Weng Eang Cheong, *op. cit.*, pp. 193-213, 230-233.

<sup>111</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 2, docs. 5, 9.

<sup>112</sup> P. R. O., *SP* 89/9, fls. 77, 186v, *SP* 89/10, fl. 28, e B.L.-O.I.O.C., G/12/13, fls. 89-90.

<sup>113</sup> Veja-se a documentação da E.I.C. dos anos 1623-1699 (*ibidem*). Para uma síntese sobre o desenvolvimento do *China trade*, consultem-se Trea Wiltshire, *Encounters with Asia: Merchants, Missionaries and Mandarins*, 1995, pp. 10-24; Valery M. Garrett, *Heaven is High, the Emperor Far Away: Merchants and Mandarins in Old Canton*, 200-296 e Paul A. Van Dyke, *op. cit.*, *passim*.

<sup>114</sup> G/12/6, fls. 823-824; John Keay, *op. cit.*, pp. 182-183, 212-213 e Anthony Wild, *op. cit.*, p. 60.

<sup>115</sup> Cf. D. K. Bassett, «The Trade of the English East India Company», p. 235.

<sup>116</sup> *Vide* Anthony Farrington, *op. cit.*, vol. 1, pp. 5-6.

<sup>117</sup> *CBP*, pp. 28, 46, 71, 96, 144.



Lutando contra a concorrência estrangeira, em 1682 e 1685, o Senado – instituição composta por mercadores com fortes interesses comerciais – informa D. Pedro II dos malefícios da concorrência estrangeira para Macau<sup>118</sup> e, em Fevereiro de 1686, o rei proíbe a entrada de navios estrangeiros na cidade<sup>119</sup>. Um ano após a infrutífera viagem do *Rebecca* e do *James*<sup>120</sup> desde Madrastra até Macau, a tripulação do *Defence* contribui, em 1689, à semelhança de Weddell e devido a conflitos violentos com chineses, para que a imagem negativa dos ingleses perdure no Sul da China<sup>121</sup> até que os contactos mais directos e os interesses comerciais dos mercadores sínicos a esbatam, enquanto os portugueses mantêm, a partir de 1680, um estreito relacionamento com os *country traders* ingleses<sup>122</sup>, personagem colectiva presente em *CBP*<sup>123</sup>.

Tal como o romance de Coates ilustra<sup>124</sup>, os rendimentos que advêm da permanência inglesa na Macau empobrecida tornam-se essenciais para a economia da cidade, aumentando essa presença a partir do início do século XVIII, pois o mandarinato autoriza os estrangeiros a permanecer em Cantão apenas durante as *trading seasons* (Setembro-Março)<sup>125</sup>, estabelecendo-se os agentes comerciais europeus, os *interlopers* e os sobrecargas em Macau durante o resto do ano<sup>126</sup>. Como veremos de seguida, o enclave passa a ser um território estratégico para as autoridades chinesas, que desejam regula-

---

<sup>118</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 2, docs. 3, 5.

<sup>119</sup> *Ibidem*, doc. 2.

<sup>120</sup> *Records of St. George: Diary and Consultation Book of 1688*, 1916, p. 75; *ibidem*, 1693, 1918, p. 155.

<sup>121</sup> Veja-se Rogério Miguel Puga, «As Primeiras Viagens Inglesas», p. 206.

<sup>122</sup> Mercadores independentes que operam entre a Índia e a China [consultem-se *Records of St. George: Diary and Consultation Book of 1686-1713*, 17 vols., 1913-1929, *passim* e George Bryan Souza, *A Sobrevivência do Império Português: Os Portugueses na China (1630-1754)*, 1991, p. 264].

<sup>123</sup> *CBP*, pp. 1, 14-15, 96-97, refere que a E.I.C., os chineses e os portugueses tentam evitar que os *country traders* se estabeleçam em Cantão e em Macau.

<sup>124</sup> *Ibidem*, pp. 11, 30-31, 34, 103, 107-108.

<sup>125</sup> *Vide* B.L.-O.I.O.C., G/12/79, parte 3, fls. 41, 49.

<sup>126</sup> Frei José de Jesus Maria, *op. cit.*, p. 231, afirma que existem, em Macau, no ano de 1745, “[...] doze mil homens [...], como também [...] alguns estrangeiros que aqui rezidem, e aqui cazarão, franquezas, ingleses, etc. [...]”, atestando o carácter cosmopolita do enclave e a presença de ingleses casados no mesmo. Em 1744, o capitão-geral de Macau apresenta ao rei o caso de um inglês que pretende casar com uma portuguesa, o que constitui um “mau exemplo”, uma vez que poderá dar-se o caso de “casarem-se tantos, que em poucos anos fiquem excedendo os Portugueses” [*Arquivos de Macau* (obra doravante designada de *A.M.*), vol. 1, n.º 1, 1929, p. 25]. Um ano depois, D. João V proíbe o casamento de estrangeiros no território, uma vez que, em poucos anos, estes excederiam os lusos.



mentar a presença dos ‘bárbaros’ e tirar partido do seu comércio, controlando cada vez mais a Cidade do Santo Nome de Deus, por sua vez forçada, pelos seus próprios interesses de sobrevivência, a respeitar a vontade mandarínica, como afirma o narrador de *CBP*<sup>127</sup>, realidade constante na história da Macau ‘portuguesa’ e que os ingleses referem quando visitam o território, tentando utilizar o poder chinês para seu benefício de forma a legitimar a sua permanência num espaço administrado pelos portugueses<sup>128</sup>.

### 3. O INÍCIO DO COMÉRCIO REGULAR COM A CHINA E O ESTABELECIMENTO DA E.I.C. EM CANTÃO E MACAU

*Ou-Mun* [...] é, na realidade, um território de importância para a defesa costal e uma óptima posição estratégica para os barcos estrangeiros.

Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-Iâm, *Ou-Mun Kei-Lok. Monografia de Macau*, 1979 [c. 1751], p. 116

Após uma série de tentativas goradas para estabelecer comércio com a China e devido à crescente dificuldade de comerciar em Amoy e na Formosa, os directores da nova E.I.C., demonstrando alguma urgência<sup>129</sup>, decidem, em 1699, enviar mais um barco a Cantão, viagem que muda o estatuto dos ingleses no delta do rio das Pérolas e dá início ao sistema comercial que serve de *background* histórico à acção de *CBP*. Em Agosto desse ano, o *Macclesfield* chega a Macau e os portugueses oferecem-se para defender a embarcação com os seus fortes, “[...] a thing never before granted to any European ship”<sup>130</sup>. A tripulação prefere ancorar fora do porto e, após a troca de presentes com o *hopu* e a medição do barco<sup>131</sup>, acaba por contactar alguns mercadores de Cantão e o mandarim da Casa Branca, concluindo o sobrecarga Robert Douglas que este último

<sup>127</sup> *CBP*, pp. 104-106, 171-172.

<sup>128</sup> Veja-se *ibidem*, p. 7.

<sup>129</sup> Consulte-se B.L.-O.I.O.C., G/12/5, fl. 647.

<sup>130</sup> *Ibidem*, fl. 651.

<sup>131</sup> As embarcações estrangeiras, ao chegarem à China e após a sua medição, pagam ao imperador “direitos de tonelagem, chamados medição” (Carlos José Caldeira, *Macau em 1850: Crónica de Viagem*, 1999, p. 96 e Anders Ljungstedt, *op. cit.*, pp. 70-71), prática que é também ficcionalizada em *CBP*, pp. 1, 299.

demonstra mais respeito e interesse para com os ingleses do que anteriormente<sup>132</sup>. Esta mudança de comportamento demonstra o desejo das autoridades chinesas de estabelecer contactos comerciais com novos parceiros, conclusão que Douglas rentabiliza em seu favor, não se coibindo de fazer exigências aos chineses e aos portugueses, estes últimos cada vez mais impotentes perante a receptividade dos mandarins.

A tripulação segue para Cantão a 14 de Setembro<sup>133</sup>, dando início ao comércio regular da companhia nessa cidade, desde então um destino preferível a Amoy e à Formosa<sup>134</sup> e onde os sobrecargas ingleses se instalam no seu próprio *hong* (armazém) e recrutam, pela primeira vez, empregados chineses. Como vimos num outro estudo<sup>135</sup>, o sucesso do *Macclesfield* marca o início de uma nova fase do comércio ocidental na China, pois a partir de 1700 os ingleses já não dependem da mediação dos portugueses, dirigindo-se directamente aos mercadores cantonenses, para grande desânimo de Macau. Os sobrecargas concluem que as autoridades lusas nada podem fazer perante o interesse chinês em negociar com terceiros, desaparecendo gradualmente a proeminência e o monopólio comercial gozados, desde meados do século XVI, pelo enclave, que, no fundo, depende totalmente das autoridades mandarínicas, como conclui Robert Douglas logo em Setembro de 1699, ao chegar à China<sup>136</sup>, dependência essa que se observa no século XVIII e que *CBP* ficcionaliza<sup>137</sup>.

Se o comércio em grande escala tem lugar em Cantão, os interesses da companhia são também defendidos em Macau através das relações económicas com comerciantes independentes portugueses e com as autoridades, tentando os sobrecargas aí permanecer o menor tempo possível, uma vez que é em Cantão que se efectuam os negócios, sendo a presença inglesa na China Meridional no período de que nos ocupamos sobretudo comercial, realidade essa ilustrada pelo romance de Coates<sup>138</sup>. O início dos negócios ingleses em Cantão transforma as relações anglo-portuguesas no Império do

<sup>132</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/5, fl. 654.

<sup>133</sup> Frank Welsh, *A History of Hong Kong*, 1997, p. 12, descreve uma viagem típica de 80 milhas entre Macau e Cantão, que duraria entre três a cinco dias, enumerando os referentes geográficos e os sucessivos fortes e barras que defendem o rio.

<sup>134</sup> Sobre a viagem e a estadia do barco em Macau, veja-se B.L.-O.I.O.C., fls. 645-756.

<sup>135</sup> Rogério Miguel Puga, «Macau e o *China Trade*: O Estabelecimento Regular da East India Company na China», *Daxiyangguo: Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*, n.º 8, 2005, pp. 127-154.

<sup>136</sup> B.L.-O.I.O.C., fls. 654-655.

<sup>137</sup> *CBP*, pp. 104-106, 171-172.

<sup>138</sup> *CBP*, pp. 3, 78. Na página 29 do romance, Cuming diz a Thomas: “We come to China to make money, after all”.

Meio, tornando-se Macau o local de residência dos oficiais e mercadores independentes ingleses durante a Primavera e o Verão.

Se entre 1690 e 1696 se dirigem oito barcos da E.I.C. para os portos chineses, o número sobe para 20, entre 1697 e 1703 e para 43 entre 1698 e 1715, crescendo o trato inglês de tal forma que em 1750 metade das embarcações europeias que chegam a Cantão são inglesas<sup>139</sup>. O sucesso da viagem do *Macclesfield* marca assim o início do estabelecimento permanente da E.I.C. no eixo Macau-Cantão, exigindo que os portugueses se adaptem às novas condições comerciais na China e se acomodem à nova conjuntura originada pela chegada de concorrentes, pela intensificação do trato europeu e pelo desenvolvimento do porto de Cantão<sup>140</sup>, factores que dificultam o comércio português no Extremo Oriente e tornam Macau uma cidade cada vez mais cosmopolita<sup>141</sup>, tal como é representada em *CBP*.

### 3.1 Os primeiros frutos do *China trade*. A influência da presença inglesa em Macau

A partir de 1700, a E.I.C. envia anualmente vários barcos a Cantão<sup>142</sup>, quadro ficcionalizado logo no início de *CBP* quando da chegada de Thomas a Macau<sup>143</sup>. O enclave, para além de porta de entrada europeia na China, é, desde cedo, a plataforma de encontro entre tripulações inglesas e destino de correspondência da E.I.C.<sup>144</sup>,

---

<sup>139</sup> Cf. J. H. Parry, *op. cit.*, pp. 83-84 e James Bromley Eames, *The English in China*, 1974, p. 78 (veja-se também William Milburn, *Oriental Commerce*, vol. 1, 1813, pp. xlv-xlviii).

<sup>140</sup> Vide Roderich Ptak, «A China Meridional e o Comércio Marítimo no Este e no Sudeste da Ásia entre 1600 e 1750», *Povos e Culturas*, n.º 5, 1996, p. 212.

<sup>141</sup> O holandês Andreas Everardus Van Braam Houckgeest (1739-1801), chefe da feitoria da V.O.C. entre 1790-1795, afirma ser impossível existir noutro local semelhante amálgama de nacionalidades e figuras tão bizarras ou tamanha variedade de raças (cf. Charles Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*, 1990, p. 269), imagem também representada em *CBP*, p. 170: “[...] the commercial community-country trade Europeans, Armenians, Parsis, Portuguese and Chinese [...]”.

<sup>142</sup> Vide B.L.-O.I.O.C., G/12/6, fls. 821-877.

<sup>143</sup> *CBP*, pp. 1-2.

<sup>144</sup> Macau é, desde cedo, origem e destino da correspondência entre os residentes ingleses e os barcos ocidentais que se aproximam da China, para que estes últimos possam preparar convenientemente a chegada das tripulações (B.L.-O.I.O.C., G/12/32, fl. 16).

inclusive através de barcos portugueses<sup>145</sup>; local de reabastecimento<sup>146</sup>, reparação<sup>147</sup>, espera e protecção de embarcações em caso de tempestade<sup>148</sup>; de recolha de informações sobre a situação em Cantão<sup>149</sup> enquanto o comprador<sup>150</sup> prepara antecipadamente a subida dos sobrecargas para essa cidade<sup>151</sup>; de encontro inicial com o *hopu*, assinatura de contratos comerciais com os mercadores *hongs* e tradução de documentos chineses<sup>152</sup>; de armazenamento de mercadoria<sup>153</sup>; de refúgio e espera enquanto os problemas e/ou crises em Cantão se resolvem<sup>154</sup>; de destino de informações desde Cantão para barcos ingleses e origem de relatórios da chegada de barcos europeus<sup>155</sup>; de comunicação com as presidências inglesas na Índia<sup>156</sup>, e posteriormente espaço de habitação, convalescença, descanso<sup>157</sup> e aprendizagem do cantonense; de compra de escravos aos portu-

<sup>145</sup> *Ibidem*, R/10/5, fls. 1, 16-19, 52; R/10/6, fl. 119 e R/10/11, parte 2, fls. 37-38.

<sup>146</sup> *Ibidem*, G/12/78, fl. 29.

<sup>147</sup> *Ibidem*, G/12/82, fl. 21, e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 1, docs. 228-229.

<sup>148</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/13, fls. 201-202; G/12/6, fl. 821; G/12/22, fl. 52; G/12/27, fls. 56-57, 71-73; *Records of St. George: Letters to Fort St. George 1684-1685*, vol. 3, 1917, pp. 42-43; William Betagh, *A Voyage Round the World*, 1728, p. 166; Captain George Shelvoche, *A Voyage Round the World, Begun in 1719-22*, 1928, p. 243; Alexander Hamilton, *A New Account of the East Indies*, vol. 2, 1930, p. 118 e Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, 1984, p. 235.

<sup>149</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/28, fls. 7, 53; G/12/29, fls. 17-18; G/12/90, fl. 7. **Mesmo quando os pilotos chineses informam os ingleses de que podem ir directamente para Vampu, estes preferem parar em Macau, “[...] thinking it absolutely necessary to get what information [they] could of the state of affairs at Canton before [they] proceed up the river [...]”** (*ibidem*, G/12/27, fl. 7).

<sup>150</sup> Como veremos na terceira parte, a organização da vida diária e comercial dos estrangeiros na China depende, em muito, da acção do comprador, o “*bicultural middleman*” entre chineses e europeus, também presente em *CBP*, pp. 14-15, 18-20, 40, 77, 295, que, para além de supervisionar os empregados chineses, trata dos negócios quer da casa e da feitoria, quer dos barcos ocidentais. Sobre o estatuto do comprador na cultura chinesa e o seu papel como ‘mordomo’ comercial e doméstico dos mercadores europeus, veja-se Yen-Ping Hao, *The Compradore in Nineteenth Century China: Bridge Between East and West*, 1970, pp. 1-77, 154-223.

<sup>151</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/98, fl. 13.

<sup>152</sup> *Ibidem*, G/12/40, fl. 75 e G/12/41, fl. 45.

<sup>153</sup> Cf. *Records of St. George: Despatches from England 1744-47*, 1931, p. 24.

<sup>154</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/27, fl. 19 e G/12/86, fl. 10.

<sup>155</sup> *Ibidem*, G/12/25, fl. 3; G/12/27, fls. 30, 57; G/12/29, fl. 73; G/12/44, fl. 58, G/12/50, fl. 4. A frase “Arrived at Macao and went ashore for advices/intelligence [...]” é recorrente na documentação da companhia.

<sup>156</sup> *Ibidem*, G/12/46, fl. 18.

<sup>157</sup> *Ibidem*, G/12/33, fl. 51; G/12/58, fl. 9; G/12/59, fl. 90; G/12/89, fl. 85; G/12/105, fls. 73, 79, G/12/112, fl. 18.

gueses<sup>158</sup>— e de prisão para ingleses no Sul da China<sup>159</sup> — práticas e hábitos representados em *CBP*<sup>160</sup>, como veremos ao longo das terceira e quarta partes.

No que diz respeito às autoridades mandarínicas, Macau torna-se um espaço estratégico para controlar os estrangeiros e para onde estes fogem das mesmas, como se verifica em *CBP* durante os episódios da perseguição do comerciante espanhol, do *Lady Hughes* e da crise do ópio<sup>161</sup>; daí a importância do território para a corte imperial, pois, para além de ser um espaço de contacto entre a China e o Ocidente, a cidade serve de espaço neutral onde os europeus se vêem confinados e resolvem os seus problemas, aliviando as autoridades chinesas desse fardo, enquanto estas continuam a beneficiar dos lucros do *China trade*. Este contexto explica a dúvida levantada, no início do romance de Coates, por George Cumming ao familiarizar o recém-chegado Thomas com a realidade de Macau:

Macao is a Portuguese possession [...]. They do [...] exercise a certain jurisdiction, having some soldiers and a watch force. But then, it is said, the Chinese too have a watch force, the two forces taking care about their courses in the streets of the city at night, lest they collide. 'One would have thought that the Chinese, at least, would have wished for a collision. But this is apparently not the case. Unique conditions prevail here [...]'<sup>162</sup>.

Esta imagem da urbe encontra-se também presente em narrativas mais recentes, como o conto «The Short War of Mr and Mrs Conner» (1976), de Ward Just: “It suits them [the Chinese]. A little smuggling, some banking, a *window on the West*. It doesn't do them any harm and they find it useful. Of course they can shut it down any time [...]”<sup>163</sup>.

As crises de legitimidade em torno da administração e do poder duais na cidade entre as administrações chinesa e portuguesa caracterizam a história de Macau, tratando-se de um fenómeno de natureza estrutural<sup>164</sup> facilmente explicado pelo facto de o

<sup>158</sup> *Ibidem*, G/12/76, fl. 91.

<sup>159</sup> *Ibidem*, G/12/19, fl. 187. Tal como acontece em 1779, os ingleses que causam problemas em Cantão são acorrentados e expulsos para Macau (*ibidem*, G/12/66, fl. 17).

<sup>160</sup> *CBP*, pp. 1-2, 35, 42, 46-47, 49-51, 93.

<sup>161</sup> *Ibidem*, pp. 102-103, 104-106 e 165-174, respectivamente.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 7.

<sup>163</sup> Ward Just, «The Short War of Mr and Mrs Conner», in *The Congressman who Loved Flaubert: 21 Shortstories and Novellas*, 1998, p. 172; itálico nosso.

<sup>164</sup> Vide João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, 1993, p. 11 e Wu Zhiliang, *Segredos da Sobrevivência: História Política de Macau*, 1999,

enclave se encontrar em território chinês e ser co-administrado por portugueses. Essa situação influencia as relações entre os velhos aliados europeus, pois o Senado é forçado a pagar ao imperador o chamado ‘foro do chão’, ou tributo<sup>165</sup>, como a personagem Thomas Van Mierop descobre ao chegar à urbe<sup>166</sup> e, em última instância, a obedecer às leis das chapas do mandarinato no que diz respeito à presença inglesa. A tenacidade, a capacidade de diálogo e a acomodação dos portugueses no reduto levam vários autores a comparar metaforicamente a sua identidade histórica ao bambu, uma vez que o território, à semelhança da planta, “[...] soube dobrar-se às inclemências do tempo, à espera que passasse o tufão e que o deixasse erguer de novo a sua elegante haste para o céu”<sup>167</sup>.

A partir de 1710 os barcos da companhia e os *country ships*<sup>168</sup> dirigem-se para o empório chinês, via Macau, de forma a transportar para a Índia e Inglaterra, entre outras mercadorias, seda, porcelana e o rendível chá<sup>169</sup>, que é cada vez mais apreciado

---

pp. 14-17, que apresenta sete etapas do desenvolvimento político de Macau, interessando-nos apenas as três referentes ao período de que nos ocupamos: entre 1514-1583, o poder português em Macau é mínimo, começando a crescer entre 1583 e 1783, obtendo Portugal uma posição de poder semelhante à da China entre 1783 e 1848.

<sup>165</sup> Sobre as razões da permanência portuguesa em Macau, que apontam maioritariamente para um acordo tácito entre portugueses e chineses de benefício mútuo (aforamento, terra arrendada), vejam-se: Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-Iâm, *op. cit.*, pp. 103-104; Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*, 1988, pp. 113-125; Visconde de Santarém, «Memória sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau na China», in Carlos Pinto Santos e Orlando Neves (org.), *De Longe à China*, vol. 1, 1988, pp. 343-369; Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, «Tentativa de Uma Nova Abordagem às Origens Históricas da Presença Portuguesa em Macau», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 8, Outubro de 2003, pp. 70-111; *idem*, «Razões Palacianas na Origem de Macau», *MacaU*, 3.ª série, n.º 14, Maio de 2003, 82-95 e *idem*, «Razões Palacianas na Origem de Macau II», *ibidem*, n.º 15, Agosto de 2003, pp. 96-107.

<sup>166</sup> *CBP*, p. 7; veja-se também *ibidem*, p. 8 “[...] ground rent [...]”.

<sup>167</sup> Silva Rego, *A Presença Portuguesa em Macau*, 1947, p. 17. Consulte-se ainda Graciete Nogueira Batalha, *Bom dia S'tora!*, 1991, p. 59 e João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *op. cit.*, p. 24.

<sup>168</sup> Embarcações do *country trade* que operam entre a Índia e a China, utilizando a E.I.C. esse comércio para transportar mercadoria e, mais tarde, traficar ópio da Índia, vital para a compra de chá.

<sup>169</sup> Para uma síntese do início do comércio inglês (de chá) no Sul da China, vejam-se: Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, pp. 70-74; Michael Greenberg, *op. cit.*, pp. 1-17 e J. H. Parry, *op. cit.*, p. 83. De acordo com Susan Naquin e Evelyn S. Rawski, *Chinese Society in the Eighteenth Century*, 1987, p. 104, o comércio inglês de chá, apesar de ser rendível para os mercadores de Cantão, representa menos de 15% da colheita anual chinesa consumida no mercado interno.

em Londres<sup>170</sup> e que, no tempo da acção de *CBP*, constitui o grosso das importações da E.I.C.<sup>171</sup>.

Embora a Cidade do Santo Nome de Deus seja inicialmente vista como porto de entrada na China e local de breves estadas, enquanto as tripulações recolhem informação e adquirem a permissão do *hopu* para subir o rio das Pérolas, são cada vez mais os pedidos de sobrecargas para aí permanecerem, como indica a correspondência trocada entre o Senado e os sucessivos governadores, tentando os vereadores, grandes comerciantes da cidade<sup>172</sup>, evitar o acesso de possíveis rivais ao enclave, vendo-se os capitães-gerais forçados a justificar perante o Senado as suas autorizações de entrada e permanência de europeus. Esta tensão arrasta-se ao longo do século XVIII e, em 1773, o vice-rei da Índia e o Senado ordenam ao capitão-geral que expulse do território os estrangeiros estabelecidos em casas arrendadas, pelas quais pagam elevadas somas<sup>173</sup>, o que, tal como *CBP* ficcionaliza, nunca chega a acontecer. Numa carta para os senadores, o governador lista os residentes estrangeiros e afirma que apenas as companhias europeias arrendam casas, desde 1758, por períodos de três a 10 anos<sup>174</sup>, adiantando que se os europeus aí permanecem ilegalmente, também o Senado é culpado por nunca ter agido<sup>175</sup>, pois aceitar ou expulsar estrangeiros é responsabilidade conjunta desse órgão e do governador, que também marcam presença no romance de Coates.

A autorização de entrada e residência de ingleses em Macau é, assim, um dos motivos da relação em permanente tensão entre o governador e os vereadores no século XVIII<sup>176</sup>, se bem que estes últimos também desrespeitem a proibição régia de permanência duradoura de ocidentais devido aos elevados lucros provenientes do arrenda-

---

<sup>170</sup> De acordo com Hosea Ballou Morse, *op. cit.*, vol. 1, p. 9, em 1689 é importado o primeiro chá chinês, desde Amoy, pela E.I.C., acabando a planta por revolucionar o comércio da instituição no século XVIII. Em 1770 o chá é a mais importante mercadoria importada pela Inglaterra, fazendo com que o *China trade* origine tanto lucro como todos os estabelecimentos indianos (cf. John Keay, *op. cit.*, p. 349).

<sup>171</sup> *CBP*, pp. 46-47.

<sup>172</sup> Cf. António M. Martins do Vale, *op. cit.*, pp. 20-32, que caracteriza os interesses económicos da minoria abastada da cidade que constitui o Senado.

<sup>173</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 8, doc. 31.

<sup>174</sup> Os sobrecargas queixam-se dos elevados preços praticados pelos portugueses de Macau ao arrendarem casas (B.L.-O.I.O.C., R/10/13, fls. 154-155), ficcionalizando *CBP*, pp. 7, 30-31, 34 esta prática.

<sup>175</sup> *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 16, n.º 3, 1971, p. 135; *ibidem*, 4.<sup>a</sup> série, vol. 8, tomo 1, 1988, p. 101 e A.H.U., *Macau*, cx. 7, doc. 32.

<sup>176</sup> António M. Martins do Vale, *op. cit.*, pp. 35-47.

mento de casas<sup>177</sup>, pois, de acordo com o sobrecarga holandês Andreas Everardus Van Braam Houckgeest, a principal fonte de receitas dos moradores da cidade é a renda de casas e o fornecimento de concubinas a estrangeiros<sup>178</sup>, práticas ilustradas ficcionalmente, como veremos na terceira parte, em *CBP* através quer do episódio em que Biddle encontra Martha com Pedro da Silva e a recruta como *pensioner* para a casa de um sobrecarga arrendada aos portugueses, quer da descrição de um rapaz na rua, a apregoar os serviços sexuais da sua irmã<sup>179</sup>.

Tal como o narrador do romance ilustra através da associação comercial das personagens Abraham Biddle, Pedro da Silva e juiz Pereira, os complexos interesses locais pautam a relação entre a oligarquia da cidade e os residentes europeus. Os sucessivos governadores desenvolvem políticas diferentes, permitindo ou negando a entrada de embarcações estrangeiras no enclave<sup>180</sup>, atracando estas na Taipa Quebrada<sup>181</sup>, de onde os sobrecargas viajam para Cantão<sup>182</sup>, tal como o narrador de *CBP* e o diário (ficcional) de Thomas Van Mierop informam<sup>183</sup>.

De acordo com Earl H. Pritchard<sup>184</sup> e Paul A. Van Dyke<sup>185</sup>, observam-se, desde o início do século XVIII, quatro desenvolvimentos importantes nas relações anglo-chinesas, também presentes em *CBP*: a concentração de todo o comércio em Cantão; o aumento do trato do chá<sup>186</sup>; o desenvolvimento e a regulamentação de instituições e práticas comerciais do *China trade*, bem como o aumento da exploração financeira e do controlo dos estrangeiros pelo mandarinato<sup>187</sup>. A estes factores adicionamos o facto de a presença inglesa se tornar constante em Macau e significativa para a economia e a vida cultural do território até à fundação de Hong Kong.

<sup>177</sup> Veja-se *A.M.*, 1.<sup>a</sup> série, vol. 1, n.º 7, 1929, pp. 397-400; *ibidem*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 8, n.º 1, 1967, p. 28, e *ibidem*, vol. 17, n.º 1, 1972, p. 30. Em *CBP*, pp. 103-104, 108, Thomas compra a sua casa, até então arrendada, devido às dificuldades económicas de um mercador de Manila.

<sup>178</sup> Cf. Charles Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*, p. 270.

<sup>179</sup> *CBP*, pp. 69-70.

<sup>180</sup> *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 7, n.º 5, 1967, pp. 248-249.

<sup>181</sup> Ancoradouro na Taipa, formada por duas ilhotas (Taipa Grande ou Quebrada e Taipa Pequena) separadas por uma língua de mar e posteriormente unidas através de assoreamentos naturais e aterros.

<sup>182</sup> Veja-se o caso do *Prince Augustus*, em 1727 (Hosea Ballou Morse, *op. cit.*, vol. 1, p. 182).

<sup>183</sup> *CBP*, p. 2.

<sup>184</sup> Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, p. 115.

<sup>185</sup> Paul A. Van Dyke, *op. cit.*, pp. 5-33, 95-115, 137-141, 161-176.

<sup>186</sup> *CBP*, pp. 46-47.

<sup>187</sup> *Ibidem*, pp. 45-47, 104-106, 165-172.



### 3.2 O aumento gradual da presença inglesa em Macau

Após a feira anual de Cantão, os sobrecargas regressam a Macau, onde permanecem durante a Primavera e o Verão em relativo descanso, podendo assim preparar os contratos do ano seguinte e zelar pelos interesses da E.I.C., tal como o leitor de *CBP* é informado relativamente a Thomas Van Mierop. A estada prolongada de mercadores na cidade dá origem à produção de descrições cada vez mais informadas da mesma, permitindo à companhia familiarizar-se com as políticas das autoridades lusas e chinesas, o comércio e os interesses das restantes nações europeias na China, à semelhança do que acontece em *CBP* com Thomas, que, à chegada, desconhece o *modus vivendi* e as particularidades dos negócios no enclave, inteirando-se gradualmente dos mesmos ao ver-se forçado a viajar com urgência para Cantão<sup>188</sup>. O território funciona assim como centro de recolha de informação para os sobrecargas sobre os negócios com chineses e outros portos do Sudeste Asiático<sup>189</sup>.

Em 1715, os ingleses, conquistando cada vez mais independência face à administração de Macau, são autorizados a construir uma feitoria junto ao rio de Cantão<sup>190</sup>, acabando por exigir do mandarinato liberdade para negociar<sup>191</sup> e ameaçar transferir o seu comércio para Amoy caso os seus pedidos não sejam satisfeitos. A fundação da feitoria, espaço em que a acção de *CBP* tem lugar em Cantão, inicia definitivamente o chamado *Canton system* do *China trade* representado no romance e a que os ingleses se opõem sucessivamente ao lutar contra as imposições das autoridades sínicas nessa cidade e das portuguesas em Macau. Aproveitando a monção, os barcos ingleses chegam à Cidade do Santo Nome de Deus no final do Verão, contratam um guia ou piloto<sup>192</sup> e aí

---

<sup>188</sup> *Ibidem*, pp. 46-47.

<sup>189</sup> Cf. B.L.-O.I.O.C., G/12/8, fl. 1402, G/12/26, fl. 1.

<sup>190</sup> Cf. Hosea Ballou Morse, *The International Relations of the Chinese Empire*, vol. 1, 1910, pp. 51-53, 64; Hira Lal Gupta (ed.), *Fort William-India House Correspondences and Other Contemporary Papers Relating Thereto*, vol. 8: 1777-81, 1981, p. 9; Steve Shipp, *Macau, China: A Political History of the Portuguese Colony's Transition to Chinese Rule*, 1997, pp. 52-53. Em Junho de 1727, o antigo hong, ou armazém (“*Ton Hunqua*”), é já conhecido como “English factory” (B.L.-O.I.O.C., G/12/26, fl. 4).

<sup>191</sup> *Ibidem*, G/12/11, fls. 51-53.

<sup>192</sup> Veja-se B.L.-O.I.O.C., G/12/24, fl. 39, G/12/92, fls. 452, 458; George Mortimer, *Observations and Remarks Made during a Voyage*, 1791, p. 70, *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 7, n.º 5, 1967, p. 249 e Paul A. Van Dyke, *op. cit.*, pp. 19, 35-47.

permanecem até serem medidos<sup>193</sup> e conseguirem os habituais privilégios<sup>194</sup>, dirigindo-se para Vampu<sup>195</sup>, onde passam também a ser medidos, e Cantão, paragens referidas amiúde no romance de Coates<sup>196</sup>. Em 1716 tem lugar a primeira ‘convenção’ formal entre os ingleses e o *hopu*, garantindo-lhes esta liberdade para se lhe dirigirem sempre que necessário e para desenvolverem comércio de forma mais livre e escolherem os empregados nativos que os assistem<sup>197</sup>, mudança que concorre para a formação do contexto comercial representado no romance de que nos ocupamos.

### 3.3 Macau como centro de controlo chinês dos ‘bárbaros’ europeus

Em 1719, o imperador Seng Chou (1662-1722) sugere aos portugueses que o giro ocidental se passe a fazer apenas através de Macau, onde residem os comerciantes europeus. A cidade, embora empobrecida desde a supressão do comércio da nau do trato com o Japão, encara o édito imperial como meio de fortalecimento dos ferozes competidores europeus e o Senado, apesar dos lucros que retiraria da estada de estrangeiros, recusa a proposta<sup>198</sup>, tal como aconteceria de novo em 1733. O lucro viria da totalidade dos direitos de importação que o imperador ofereceria à urbe, bem como do arrendamento de residências e nomes de casas comerciais lusas, as únicas que permitem aos ingleses negociar, pois a lei portuguesa proíbe qualquer estrangeiro de adquirir bens imobiliários ou de fundar casas comerciais em Macau. Esta última proibição

---

<sup>193</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/20, fl. 171, e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 2, docs. 183-184.

<sup>194</sup> Cf. Earl. H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, pp. 81-83, que descreve, tal como Conrad Gill, *Merchants and Mariners of the 18<sup>th</sup> Century*, 1961, p. 24, a viagem entre Macau e Cantão e os contactos com as autoridades chinesas, quer na Boca do Tigre, quer em Vampu, passando, por volta de 1720, os impostos alfandegários a ser cobrados também nesses dois portos (*idem, ibidem*, p. 131).

<sup>195</sup> Acoradouro no rio das Pérolas, entre Macau e Cantão, até onde as embarcações estrangeiras podem subir (B.L.-O.I.O.C., R/10/12, fl. 4).

<sup>196</sup> *CBP*, pp. 104, 166, 185 (Vampu).

<sup>197</sup> Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 1, pp. 155-156.

<sup>198</sup> O vice-rei da Índia, D. Luís Carlos de Meneses, escreve ao Senado (22-04-1720), censurando a recusa da proposta imperial do fundeadouro na Taipa, pois Macau teria passado a absorver uma parte da enorme quantia de dinheiro que os ingleses deixam em Cantão anualmente e a controlar, mais de perto, o comércio destes. O Senado responde que apenas tentou evitar um maior controlo da fiscalização chinesa no território (*A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 9, n.º 3, 1968, p. 121). *Vide* também Bento da França, *Subsídios para a História de Macau*, 1888, p. 104 e Artur Levy Gomes, *Esboço da História de Macau*, 1957, p. 216.

leva a que os moradores arrendem ou vendam os nomes dos seus estabelecimentos a ingleses<sup>199</sup>, como acontece, em *CBP*, à família de Pedro da Silva em relação a Biddle.

Desde a intensificação da presença inglesa, a partir de 1700, Macau e Cantão sofrem um maior controlo por parte das autoridades mandarínicas, realidade que encontra eco ficcional em *CBP* durante a crise de ópio em Macau, quando correm rumores de que o mandarinato se prepara para cercar e invadir a urbe<sup>200</sup>.

Em 1720, após a formação do conselho rotativo de sobrecargas da E.I.C. na China, é criada em Cantão uma guilda chinesa, o *co-hong*<sup>201</sup>, com o objectivo de controlar o comércio ocidental. Os seus 13 regulamentos definem os deveres e direitos dos mercadores nativos e europeus<sup>202</sup>, sendo esse órgão referido em *CBP* no âmbito das relações da companhia com os comerciantes chineses<sup>203</sup>, pelo que se torna essencial conhecer as funções do mesmo. O *co-hong*, enquanto instrumento regulativo, é responsável pela cobrança de impostos, mantém a distância entre estrangeiros e nativos e regula os preços e as transacções comerciais<sup>204</sup>, passando, desde a quarta década do século XVIII, a ser também um órgão de controlo para fazer cumprir a legislação

<sup>199</sup> Consulte-se o relato de viagem de George Staunton, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*, vol. 2, 1798, p. 384.

<sup>200</sup> *CBP*, pp. 171-172.

<sup>201</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/11, fls. 57-58. *Hong* designa, em cantonense, os armazéns de revenda e venda a retalho dos grandes comerciantes chineses; daí os termos *co-hong* ou mercador *hong* pelos quais são conhecidos os membros do grupo que tenta monopolizar o comércio com os estrangeiros, como *CBP*, p. 105, informa: “[...] the Thirteen, the great Chinese merchant financiers who held the monopoly of all foreign trade with China [...]”. De acordo com Weng Eang Cheong, *op. cit.*, pp. 12-13, a formação do grupo de mercadores em 1720 é a resposta oficial à expansão do comércio dos estrangeiros em Cantão, substituindo o vice-rei da cidade nos contactos com os primeiros. O mesmo estudo aborda a actividade dos *hong* no âmbito do comércio no Sul da China, nomeadamente o dos juncos chineses, o *country trade* e o das companhias europeias, apresentando as três fases da evolução da ‘corporação’ chinesa e do *China trade*, entre 1684 e 1842. Cada um dos *hongs* negocia por conta própria, mas o grupo é responsável por todas as questões relacionadas com a estada e a segurança dos estrangeiros e dos seus barcos na China; daí que sejam também conhecidos como “security merchants” (*vide* R. Montgomery Martin, *China, Political, Commercial and Social*, vol. 2, 1847, pp. 10-14; James Orange, *The Chatter Collection*, 1924, p. 40; Ann Bolbach White, «The Hong Merchants of Canton», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Pensilvânia, 1967; Austin Coates, *Macao and the British*, p. 50 e Ch’en Kuo-tung Anthony, *The Insolvency of the Chinese Hong Merchants, 1760-1834*, 1990).

<sup>202</sup> Sobre os regulamentos, vejam-se Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 1, pp. 163-164, *idem*, *The International Relations*, vol. 1, pp. 5-6, 69-70 e Maurice Collis, *Foreign Mud*, 1956, pp. 14-15.

<sup>203</sup> *CBP*, pp. 46, 105.

<sup>204</sup> Cf. W. E. Cheong, *op. cit.*, p. 18.

comercial do imperador, alterando sucessivamente o seu *modus operandi* para reagir aos movimentos e às exigências dos sobrecargas ingleses<sup>205</sup> e manter o *status quo* exigido pela tradição chinesa<sup>206</sup>. Perante tais transformações, em 1722, a E.I.C. nomeia um conselho permanente em Cantão e Macau<sup>207</sup> com o objectivo de exigir condições cada vez mais favoráveis para os seus negócios. Começa, então, a desenvolver-se o mecanismo de gestão da E.I.C. na China descrito em *CBP* e que permanece relativamente inalterável até ao fim do monopólio comercial da companhia no Império Celestial, em 1833.

No ano de 1733, o imperador Sai Chong (1723-1736), com o objectivo de continuar a recolher os lucros do trato com os bárbaros, mas tentando mantê-los o mais longe possível da China profunda, volta a repetir a Macau a sugestão do seu antecessor segundo a qual o comércio estrangeiro deveria passar a fazer-se através da cidade, proposta que é de novo recusada pelo bispo, que também deseja ver os protestantes sem família o mais longe possível, por corromperem a moral do enclave<sup>208</sup>. Outro bispo de Macau, Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, afirma, em 1776, que os estrangeiros, especialmente os arménios e ingleses, estão a arruinar o comércio da cidade, realidade atestada pelo Senado, que se aconselha junto do prelado sobre a possibilidade de pedirem a Goa que expulse os estrangeiros do enclave para salvar o seu comércio e a sua moral, ao que este último responde que o imperador autorizara, há 10 anos, que os ‘bárbaros’ aí permanecessem<sup>209</sup>. Como veremos na terceira parte (subcapítulo 8.2), o romance de Coates ficcionaliza este medo dos religiosos locais perante a estada prolongada dos ingleses, nomeadamente através da família de Pedro da Silva, que,

---

<sup>205</sup> Em 1771, o *co-hong* acaba por ser abolido após forte pressão dos ingleses, que se recusam a negociar com esta instituição devido às pesadas imposições comerciais (B.L.-O.I.O.C., G/12/11, fl. 125). O comércio chinês continua, no entanto, centralizado nas mãos de poucos mercadores sob influência dos mandarins, à semelhança do que acontecera durante o monopólio do *co-hong* (*ibidem*, G/12/69, fl. 1), e, no final do século XVIII, o *hopu* reintroduz a antiga instituição, sendo o número dos seus membros limitado a cerca de 10 elementos, estrutura que permanece inalterada até à Primeira Guerra do Ópio (*ibidem*, G/12/103, fls. 38-39, G/12/110, fls. 148-152).

<sup>206</sup> Os temas da tradição e do conservadorismo chineses encontram-se igualmente presentes em *CBP* através de expressões como *China way* ou *China fashion*, utilizadas sobretudo pelos empregados sínicos, como veremos na terceira parte, subcapítulo 8.3.1.1.

<sup>207</sup> Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 1, p. 171 e B.L.-O.I.O.C., G/12/30-32.

<sup>208</sup> Vide A.M., 1.<sup>a</sup> série, vol. 1, n.º 5, 1929, pp. 253-269; *ibidem*, vol. 6, 1966, pp. 308-317 e *ibidem*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 9, n.º 4, 1968, pp. 214-215.

<sup>209</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 8, doc. 6.

quando este se revolta e esbanja dinheiro, afirma que o jovem é alvo das más influências inglesas<sup>210</sup>.

Não podendo transferir para o enclave todo o comércio estrangeiro, o mandarinato confina os ingleses a Macau entre as suas estadas em Cantão, sendo nesses períodos que a acção principal de *CBP* tem lugar, na segunda metade do século XVIII.

#### 4. A RELAÇÃO DOS INGLESES COM AS AUTORIDADES LUSO-CHINESAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII E O *BACKGROUND* HISTÓRICO DE *CBP*

But this [Macau] is no British soil.

*CBP*, p. 246

A partir da segunda metade do século XVIII, intensifica-se o controlo de Lisboa sobre Macau e, no âmbito do projecto de expansão da E.I.C. no Oriente, acentuam-se os conflitos entre os sobrecargas, cujo poder económico é cada vez mais visível na China, e as autoridades lusas e sínicas, vendo-se os ingleses forçados a respeitar a lei portuguesa e chinesa para evitar confrontos que possam afectar os negócios da companhia, tal como é ilustrado em *CBP*<sup>211</sup>.

Em 1749, face ao crescimento dos interesses britânicos no Sul da China, Goa proíbe o comércio estrangeiro em Macau, ordens que nunca são cumpridas pela cidade, nomeadamente em relação ao tráfico de ópio, como reconhece o governador da Índia, Francisco António da Veiga Cabral, em 1795, ao afirmar que a droga sempre entrara em Cantão livremente e que o seu comércio poderia reanimar a economia da urbe<sup>212</sup>. Entre 1764 e 1788, o governador do Estado da Índia reitera, em vão, várias vezes as proibições de residência de europeus no território, podendo estes aí permanecer apenas para reparar embarcações, evitar assaltos e naufrágios<sup>213</sup>.

<sup>210</sup> *CBP*, pp. 28, 50, 76-77, 155, 158, 195.

<sup>211</sup> *Ibidem*, pp. 241, 245-246.

<sup>212</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 21, doc. 18.

<sup>213</sup> Cf. *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 10, n.º 1, pp. 99, 118; *ibidem*, n.º 4, 1968, pp. 192, 222, 233; *ibidem*, n.º 6, 1968, p. 314 e *ibidem*, vol. 16, n.º 4, 1971, p. 246.

Em 1757 o comércio estrangeiro é totalmente restringido a Cantão<sup>214</sup> e no enclave são promulgadas várias leis contra a presença e a actividade comercial de ocidentais<sup>215</sup>, que são abolidas ainda nesse ano, a pedido do Senado junto do governador e do vice-rei da Índia, tornando-se Macau o entreposto europeu na Ásia<sup>216</sup>. Um édito do imperador Kou Chong, que entra plenamente em vigor na *trading season* de 1760, decreta oito regulamentos do comércio com os ‘bárbaros’, continuando os ingleses a ver-se forçados a regressar ao seu país ou a residir em Macau após as temporadas comerciais. O documento determina que apenas o porto de Cantão se mantenha aberto aos europeus e que os negócios, na sua totalidade efectuados através do *co-hong*, devem estar concluídos e as dívidas saldadas antes do final da estação comercial. Em Cantão, os sobre-cargas devem permanecer na zona da feitoria<sup>217</sup>, sem empregar chineses<sup>218</sup> nem entrar na cidade, à qual também não é permitida a visita de mulheres ocidentais, mantendo os ingleses relações com chinesas, quer aí, quer em Macau<sup>219</sup>, tal como *CBP* ficcionaliza<sup>220</sup>; daí que várias personagens do romance concluam que a moral dos ingleses no enclave é muito diferente da que se observa em Inglaterra<sup>221</sup>, levando-os a abandonar amantes pobres e desprotegidas, bem como filhos bastardos na China, ao regressarem à Europa<sup>222</sup>.

---

<sup>214</sup> Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, p. 118, considera o período entre 1750 e 1800 “[...] the crucial years in early Anglo-Chinese relations [...]”, que se caracterizam pela forte expansão do comércio inglês e pelos esforços pacíficos para furar a muralha comercial da China, sobretudo através da (falhada) embaixada de Lord Macartney. Paul A. Van Dyke, *op. cit.*, pp. 10-29, 161-167 demonstra que, apesar de os comerciantes ocidentais apenas serem restringidos ao porto de Cantão em 1757, o sistema do *China trade* já se encontra formado por volta de 1720 e permanece inalterável até 1842.

<sup>215</sup> Em Janeiro de 1757, o governador Pereira Coutinho proíbe os habitantes de arrendar casas a estrangeiros para inutilizar o “disfarce” dos mesmos, que dizem ir apenas descansar em Macau entre as “feiras anuais” de Cantão. Recorde-se o facto de alguns ingleses em Goa se naturalizarem portugueses, podendo assim estabelecer-se no enclave, como acontece com o capitão Robert Jackson em 1772 (*A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 9, n.º 4, 1968, pp. 209-210 e *ibidem*, vol. 16, n.º 3, 1971, p. 135).

<sup>216</sup> Expressão de Beatriz Basto da Silva, *op. cit.*, vol. 2, p. 109.

<sup>217</sup> Para uma descrição coeva da feitoria inglesa e da apertada vigilância chinesa em Cantão, veja-se a fonte anónima *A Voyage to the East Indies in 1747 and 1748*, 1762, pp. 223-225.

<sup>218</sup> Alguns dos termos deste regulamento, tal como dos éditos imperiais anteriores não têm efeito prático, continuando as infracções a fazer-se sentir, sobretudo no que diz respeito ao emprego de mão-de-obra chinesa por estrangeiros. Para uma síntese dos documentos, vejam-se Hosea Ballou Morse, *The International Relations*, pp. 69-71 e Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, pp. 133-134.

<sup>219</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 11, doc. 10.

<sup>220</sup> *CBP*, pp. 3, 33-34, 71.

<sup>221</sup> *Ibidem*, pp. 28-29, 33-34, 71, 283.

<sup>222</sup> *Ibidem*, pp. 99, 110, 139, 153, 156, 282.

Macau torna-se o único local de residência ocidental na China, onde, para além de comerciantes indianos, parses<sup>223</sup> e arménios<sup>224</sup>, entre outros, presentes em *CBP*, as companhias francesa, sueca, holandesa e inglesa se instalam em sedes permanentes<sup>225</sup>, respectivamente em 1728, 1731, 1761 e 1770<sup>226</sup>. Em 1754, as transacções da E.I.C. passam a ser tratadas por um Conselho de Sobrecargas. Até então, os negócios de cada barco são da responsabilidade de cerca de seis sobrecargas que acompanham a embarcação de e para a Inglaterra e que, a partir de 1715, passam a colaborar como um todo (Council of China), tendo a prática de deixar alguns deles na China sido adoptada, embora de forma esporádica, desde 1753 e, de forma generalizada, a partir de 1757, ano em que é nomeado um só conselho de três membros permanentes<sup>227</sup>. Os sobrecargas passam a permanecer em Macau entre as estações de comércio, arrendando casas aos portugueses, com quem negociam<sup>228</sup>, contraindo empréstimos<sup>229</sup> e assegurando também os interesses da companhia através das relações com o *co-hong* e o *hopu*. O romance de Austin Coates ilustra ficcionalmente estes condicionalismos, pois, de acordo com a lei portuguesa, os ingleses não podem adquirir casas nem comerciar no território<sup>230</sup>, sendo, no entanto, a prática bem diferente da teoria, como conclui Thomas Kuyck Van Mierop<sup>231</sup>. Os elementos históricos são assim utilizados no texto ficcional, de forma estratégica e por vezes subtil, para caracterizar o espaço da acção, como podemos veri-

---

<sup>223</sup> Vide Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 285-286; Guo Deyan, «The Study of Parsee Merchants in Canton, Hong Kong and Macao», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 8, Outubro de 2003, pp. 51-69; Madhavi Thampi, «Parsis in the China Trade», *ibidem*, n.º 10, Abril de 2004, pp. 16-25 e Carl T. Smith, «Parsee Merchants in the Pearl River Delta», *ibidem*, pp. 36-49.

<sup>224</sup> Veja-se Carl T. Smith e Paul A. Van Dyke, «Armenian Footprints in Macao», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 8, Outubro de 2003, pp. 20-39.

<sup>225</sup> Sobre o início e o desenvolvimento do comércio francês na China desde 1698, vejam-se A.H.U., *Macau*, cx. 18, doc. 11; *A.M.*, 3.ª série, vol. 4, n.º 3, 1965, pp. 130-131; n.º 5, 1965, pp. 315-330; *ibidem*, vol. 10, n.º 5, 1968, pp. 240-241; *ibidem*, vol. 16, n.º 3, 1971, pp. 135-136; n.º 4, 1971, pp. 214-215, 241-242; *ibidem*, vol. 23, n.º 3, 1975, pp. 126-131; Claudius Madrolle, *Les Premiers Voyages Français à la Chine. La Compagnie de Chine (1698-1719)*, 1901; Holden Furber, *op. cit.*, pp. 201-211; Philippe Haudrère, *La Compagnie Française des Indes au XVIII<sup>e</sup> Siècle (1719-1795)*, 4 vols., 1989 e Catherine Manning, *Fortunes à Faire: The French in Asian Trade, 1719-48*, 1996.

<sup>226</sup> Cf. Trea Wiltshire, *op. cit.*, pp. 74-76.

<sup>227</sup> Earl H. Pritchard, *Britain*, pp. 139-140 e K. N. Chaudhuri, *The Trading World*, p. 402.

<sup>228</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/5, fl. 59 e R/10/11, fl. 200.

<sup>229</sup> *Ibidem*, R/10/5, fls. 41, 47-49, 56, 61, 85, 107; R/10/6, fls. 71-72v, 81v-82v e G/12/79, parte 3, fl. 46.

<sup>230</sup> *CBP*, pp. 9, 103, 179, 241, 245, 274.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 13.



ficar, por exemplo, durante um passeio de Cuming pelo enclave, quando este, de acordo com o narrador, se prepara para inspecionar uma casa que a Companhia das Índias pretende arrendar aos portugueses<sup>232</sup>.

Em 1773, sete anos antes da chegada de Van Mierop a Macau, a E.I.C. arrenda mais um edifício para a sua sede<sup>233</sup> e, mais tarde, a Casa Garden<sup>234</sup> para albergar o presidente do Comité Selecto, edifícios que marcam presença no romance de Coates<sup>235</sup>. Como já afirmámos, os ingleses arrendam e compram casas em nome de portugueses, estratégia também ficcionalizada, como veremos na terceira parte (cap. 7.2), em *CBP*, quando Thomas adquire a sua casa, na Rua do Hospital, permitindo-nos um episódio das relações anglo-portuguesas estabelecer alguns paralelismos entre a realidade histórica e o contexto ficcionalizado na narrativa. No ano de 1775, William Henry Pigou, cujos nome e traços biográficos são atribuídos a uma personagem do romance<sup>236</sup>, vê os seus colegas envolvidos numa disputa legal com o governador português devido ao arrendamento de uma casa. O sobrecarga Henry Browne, que mais tarde viria a ser presidente do comité, conforme ficcionalizado em *CBP*<sup>237</sup>, arrenda uma mansão, prática que por esta altura se generaliza junto dos membros da E.I.C., comunicando-lhe o governador que os sobrecargas não devem residir “[...] independent of those who were supposed to have some control on their behaviour [...]”<sup>238</sup>, ou seja, fora da sede da companhia. Essa realidade encontra eco ficcional no romance de Coates quando Thomas chega a Macau em Março de 1780 e Cuming o aconselha a arrendar uma casa, “[...] it being no longer in vogue to dwell in the Hon’ble Company’s house alongside ancient folk whose stock of anecdotes ran dry ten years ago”<sup>239</sup>. De facto, em Dezembro de 1787 o Senado descreve a distribuição dos sobrecargas pelas habitações da cidade e refere o facto de estes não residirem na sede da instituição, conforme a lei determina, arrendando cerca

---

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 82. Vejam-se também as páginas 9, 14, 30, 34, e 234 do romance.

<sup>233</sup> A sede da companhia consiste num conjunto de quatro casas adjacentes na Praia Grande, próximo do palácio do governador, estendendo-se, monte acima, até junto da Igreja de São Lourenço, como *CBP*, pp. 7, 30-33 refere. Edifício pintado em 1836 por George Chinnery (vide Patrick Conner, *George Chinnery 1774-1852: Artist of India and the China Coast*, 1993, p. 189).

<sup>234</sup> Sobre a Casa Garden, consulte-se Rogério Beltrão Coelho, *Casa Garden*, 1991.

<sup>235</sup> *CBP*, pp. 7, 30-34, 155, 172, 206, 260-261.

<sup>236</sup> *Ibidem*, pp. 46, 104.

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 155.

<sup>238</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/58, fl. 11.

<sup>239</sup> *CBP*, pp. 8-9 (veja-se também a p. 33 do romance).



de 14 casas em nome individual<sup>240</sup>. Numa outra carta dirigida a D. Maria I, a 28 desse mês, os vereadores referem o fausto introduzido pelos ingleses no território, onde a companhia ocupa 12 das maiores moradias<sup>241</sup>, realidade que também encontra eco em *CBP*<sup>242</sup>.

Regressando ao episódio que envolve Henry Browne, este incumbe o seu comprador de preparar a casa que arrendara, não fazendo intenções de a abandonar, mesmo sob ameaça de o presidente do comité o proibir de se sentar à mesa da companhia, sendo-lhe, a partir de então, as refeições enviadas para o seu “apartment”, medida que decerto tem como fim humilhar e isolar o prevaricador que, caso insista em habitar a casa, será suspenso das suas funções até que a decisão de Londres seja conhecida. O faustoso ritual das refeições na sede da companhia é também descrito pelo narrador de *CBP*; é nesse momento que se juntam os sobrecargas e as tripulações ingleses que se encontram em Macau<sup>243</sup>. Já em Março de 1776, o governador informa a “English House” de que o jovem sobrecarga George Cuming, cujos nome e traços biográficos são também atribuídos a uma personagem de *CBP*, se envolvera numa luta, pedindo transporte adequado para o levar de volta a casa<sup>244</sup>, episódio que demonstra quem realmente detém o poder no enclave e que os oficiais da E.I.C. mantêm amantes chinesas no território; daí que o romance de Coates refira várias vezes os advogados portugueses a quem os sobrecargas recorrem e o “papel azul” através do qual os moradores da cidade legalizam transações<sup>245</sup>.

Relativamente ao luxo que rodeia os ingleses e que é apresentado pelo narrador do romance ao descrever a sede da companhia<sup>246</sup>, o Senado informa D. João, príncipe regente de Portugal, de que os estrangeiros, ao estabelecerem-se de forma permanente em Macau, “acarretariam” as suas diversas religiões, adiantando que a riqueza destes “[...] tem conduzido lastimozamente à prostituição muitas Donzellas pobres [e] o seu luxo, costumes, vícios também [...] conduz [...] a muitas despesas [...]”<sup>247</sup>, ideia repetida pelo bispo Marcelino José da Silva, em 1793, ao afirmar que alguns moradores

---

<sup>240</sup> Cf. *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 17, n.º 1, 1972, p. 35. *Vide CBP*, pp. 30-32.

<sup>241</sup> *A.H.U.*, *Macau*, cx. 17, doc. 66, fl. 4.

<sup>242</sup> *CBP*, pp. 28, 30, 98, 156, 159.

<sup>243</sup> *Ibidem*, pp. 30-34.

<sup>244</sup> *B.L.-O.I.O.C.*, G/12/59, fls. 26-43, G/12/60, doc. 13.

<sup>245</sup> *CBP*, pp. 103, 113, 115, 117-118, 276, 285.

<sup>246</sup> *Ibidem*, pp. 30-33.

<sup>247</sup> *A.H.U.*, *Macau*, cx. 21, doc. 37, fls. 3-4 (31-12-1800).

vendem os serviços sexuais das suas filhas, mulheres e irmãs aos europeus, revoltando-se quando estes não os aceitam<sup>248</sup>. No romance de Coates é Abraham Biddle, agente comercial inglês, que recruta jovens chinesas para as casas dos sobrecargas, como acontece no caso de Martha, antes da chegada de Thomas<sup>249</sup>.

Em Macau, os interesses locais sobrepõem-se muitas vezes à lei, devendo-se a relativa liberdade de que os sobrecargas gozam quer ao facto de os chineses autorizarem a sua permanência, quer aos lucros que os portugueses retiram da estada dos mesmos, situação que o narrador de *CBP* ficcionaliza através da obscura relação económica da família de Pedro da Silva e do juiz Pereira com Biddle, do arrendamento de casas e do poder comercial que a E.I.C. detém no Sul da China. Aliás, é o poder económico dos ingleses que torna a família Sequeira dependente de Biddle, que a sustenta. O modo de vida luxuoso, as diferenças culturais e religiosas e o poderio dos ingleses desagradam a alguns grupos de interesse de Macau, cuja economia depende substancialmente dos investimentos e das despesas dos sobrecargas e de outros mercadores ocidentais, encontrando-se a crescente influência britânica ficcionalizada ao longo de *CBP* (por exemplo, quando Pedro da Silva se veste à inglesa no início da acção, voltando esse facto a ser referido no final da mesma, na altura em que a personagem se torna senador, cargo de extrema importância).

Na segunda metade do século XVIII, o lucro do *China trade* da companhia torna-se mais valioso que os seus investimentos na Índia<sup>250</sup> e, em 1778, um ano antes da chegada de Thomas Van Mierop, o Select Committee, de que o sobrecarga acaba por ser membro, substitui o antigo conselho permanente de sobrecargas<sup>251</sup> no Império do Meio. Tal como o romance de Coates representa<sup>252</sup>, os ingleses vêm-se forçados a medir forças e lutar constantemente pelos seus interesses com o mandarinato cantonense, sobretudo no que diz respeito às restrições comerciais e à falta de liberdade de acção, esforço no qual se insere a embaixada de Lord Macartney à China (1793).

---

<sup>248</sup> Cf. Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, p. 679.

<sup>249</sup> A propósito das *pensioners/entertainers* (amantes chinesas dos sobrecargas) e da prostituição, veja-se *CBP*, pp. 26, 71, 76, 89, 153, 156, 193-194, 293-294.

<sup>250</sup> Cf. Raghubir Sinh (ed.), *Fort William-India House Correspondences*, vol. 10: 1786-1788, 1972, p. 27.

<sup>251</sup> Recorde-se que o conselho permanente de sobrecargas, composto por quatro membros (o presidente e o Select Committee), é instituído em 1758 para fazer frente à tentativa de monopólio dos mercadores *hong* e evitar conflitos entre os diversos comerciantes independentes (B.L.-O.I.O.C., G/12/12, fls. 789-793).

<sup>252</sup> *CBP*, pp. 104-106, 165-169.

O poder das autoridades portuguesas é também fonte de desagrado para os sobrecargas, que se queixam frequentemente a Bombaim, Madrasta, Calcutá e ao vice-rei da Índia dos abusos do governador de Macau. Por sua vez, o vice-rei informa várias vezes as presidências inglesas na Índia de que aconselhou o governador do enclave a respeitar os oficiais da E.I.C.<sup>253</sup>. A companhia recorre directamente a Goa para fortalecer os seus estatuto e poder na cidade, enquanto o Senado e as demais autoridades locais informam o reino da decadência do comércio e do prejuízo causado pelos estrangeiros<sup>254</sup>. A sujeição dos ingleses à lei portuguesa torna-se clara em *CBP* quando da crise do ópio, pois o narrador afirma que Biddle será preso pelos portugueses e que as presidências inglesas da Índia não têm qualquer poder em Macau, pelo que ordenam ao Comité Selecto que respeite as leis locais<sup>255</sup>.

De acordo com as chapas sínicas e a correspondência oficial trocada entre o mandarinato de Cantão e a procuradoria do Senado entre 1749 e 1847, as duas autoridades do enclave discutem várias vezes o controlo dos estrangeiros e os ‘códigos’ imperiais sobre os quais repousam as relações luso-chinesas. Essa correspondência aborda sobretudo as restrições imperiais, a entrada e a permanência de barcos e comerciantes estrangeiros no enclave e o pagamento de direitos alfandegários<sup>256</sup>, ficando claro que os portugueses, face a confrontos entre chineses e ingleses, optam, como não pode deixar de ser, por tentar agradar aos primeiros.

#### 4.1 O incidente do *Lady Hughes*

Os problemas causados por alguns mercadores independentes ingleses no Império do Meio acabam por afectar os negócios da companhia<sup>257</sup>, uma vez que as autoridades portuguesas e chinesas acabam por lhe imputar responsabilidades pelos actos desordeiros dos *country traders*, como acontece, por exemplo, com a tripulação do

---

<sup>253</sup> Vide Syed Hasan Askari (ed.), *Fort William-India House Correspondence and other Contemporary Papers*, vol. 16: 1787-1791, 1976, pp. 143, 169.

<sup>254</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 20, doc. 36 (1797-1799).

<sup>255</sup> Veja-se *CBP*, pp. 241, 243.

<sup>256</sup> Cf. António Vasconcelos de Saldanha, «Prefácio», in Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, p. 6, vol. 1, docs. 5, 49, 84, 133-140, 144-150, 206-210, 228-229 e vol. 2, docs. 132, 166-168, 183-187, 232-234, 241.

<sup>257</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/18, fls. 43-54.

barco *Lady Hughes*<sup>258</sup> num dos mais conhecidos incidentes britânicos na costa do Sul da China no século XVIII<sup>259</sup> que, como veremos, é representado de forma realista em *CBP*<sup>260</sup>, pelo que o abordamos de seguida.

A 24 de Novembro de 1784, ano da promulgação do Commutation Act<sup>261</sup>, que visa defender a importação de chá pela E.I.C., e em que o primeiro barco norte-americano chega a Macau<sup>262</sup>, o *Lady Hughes*, embarcação de Bombaim comandada pelo capitão W. Williams, encontra-se em Vampu quando, durante a habitual salva à chegada, atinge acidentalmente um pequeno bote, ferindo três chineses, dois dos quais falecem. O governador de Guangdong e o secretário do *hopu* pedem, várias vezes, ao presidente do Comité Selecto, W. H. Pigou, que lhes entregue o tripulante que disparou o tiro, respondendo este que não tem qualquer jurisdição sobre os *country traders* e que o suposto culpado desapareceu em Macau. As autoridades imperiais exigem a entrega de um inglês para ser executado e Pigou aconselha o governador chinês a contactar George Smith, responsável pelo *Lady Hughes*, que acaba por ser preso em Cantão enquanto o comércio é suspenso, as feitorias cercadas, a saída para o mar bloqueada e as casas estrangeiras privadas de alimentos. Toda a comunidade ocidental apoia os britânicos e comunica ao mandarinato que as mortes foram acidentais, até que, face à inflexibilidade dos chineses, Pigou pede ao mestre do barco que entregue um homem. No início de Dezembro, face ao desaparecimento do presumível culpado, o tripulante

---

<sup>258</sup> Para uma descrição do episódio, veja-se *ibidem*, R/10/14, fls. 90-107; R/10/15, fl. 38; G/12/11, fls. 136-141a; G/12/18, fls. 49-83 (também copiado em G/12/20, fls. 413-427v); G/12/79, fls. 102-103, 118-156, 169-172 e Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, pp. 94-109.

<sup>259</sup> Ao visitar Macau, em Janeiro de 1787, o conde de Lapérouse refere este famoso incidente sem o identificar e apresenta-o como um dos exemplos das dificuldades que os estrangeiros sentem face às dificuldades impostas pela administração chinesa (Comte de Lapérouse, *op. cit.*, pp. 201-202).

<sup>260</sup> Veja-se *CBP*, pp. 104-106 e a nossa terceira parte (subcapítulo 5.1).

<sup>261</sup> O Commutation Act (20-08-1784) tem como principal objectivo salvaguardar os lucros do comércio inglês de chá ao baixar os impostos da sua importação para 12,5%, uma média 64% mais baixa do que 10 anos antes, pondo, assim, fim ao tráfico ilegal da planta para Inglaterra por mercadores estrangeiros, actividade a partir de então pouco rendível para estes últimos, moderando-se assim também o preço da bebida junto do consumidor. Vejam-se os efeitos dessa medida no *China trade* inglês, nomeadamente o aumento para o dobro do volume do comércio de chá na década de 80 do século XVIII, em Earl H. Pritchard, *Britain*, pp. 212-220, e *idem*, *Anglo-Chinese Relations*, pp. 155-158.

<sup>262</sup> O *Empress of China* parte de Nova Iorque e chega a Macau em Agosto de 1784 (B.L.-O.I.O.C., G/12/79, fl. 116), regressando em Setembro de 1785. Sobre a presença inicial norte-americana em Macau, veja-se: Jacques M. Downs, *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*, 1997.

inglês mais idoso é levado às autoridades mandarínicas, terminando assim as represálias<sup>263</sup>. O *Lady Hughes* levanta âncora no dia sete desse mês, enquanto os oficiais britânicos se apercebem, mais uma vez, da sua situação vulnerável no Sul da China, onde os seus familiares têm de permanecer isolados em Macau, o único local onde as mulheres estrangeiras são autorizadas a entrar e permanecer a partir do final do século XVIII<sup>264</sup>, como Austin Coates ficcionaliza em *CBP*<sup>265</sup>, embora de forma anacrônica, como veremos no início da terceira parte.

Os próprios sobrecargas são também fonte de descontentamento para Macau quando as embarcações europeias se movimentam ao longo da costa da cidade, retiram plantas e pedras da barra, transportam armas, pescam e (des)embarcam mercadorias sem pagar quaisquer taxas. Em 1778, os ingleses respondem ao Senado que, sendo estrangeiros, não estão sujeitos às leis de D. Maria I, afirmação que o vice-rei de Goa repreende, aconselhando a cidade a castigar o “atrevimento” dos britânicos, expulsando os sobrecargas da cidade por serem “[...] transgressores das Leys do Paiz com o que se devem conformar [...]”<sup>266</sup>, o que nunca se vem a verificar. A temática do respeito pelas leis portuguesa e chinesa em *CBP* é assim reflexo ficcional da realidade histórica da Macau setecentista representada no romance.

---

<sup>263</sup> Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, pp. 99-109; Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, pp. 225-230 e John Keay, *op. cit.*, p. 437.

<sup>264</sup> Sobre as exigências chinesas durante o desembarque de mulheres estrangeiras na China, vejam-se E. J. Eitel, *Europe in China: The History of HongKong from the Beginning to the Year 1882*, 1895, p. 19 e Earl H. Pritchard, *Anglo-Chinese Relations*, p. 173. Eitel identifica erroneamente a primeira mulher inglesa a entrar em Macau como “mrs. McClannon” quando, na verdade, as pioneiras foram a jovem empregada e a mulher de Richard Frobisher, em 1620 [vide Peter Mundy, *op. cit.*, vol. 3, pp. 141-142 e B.L.-O.I.O.C, G/40/1, fls. 32, 60]. Em *CBP*, pp. 152-153, o início da presença feminina inglesa em Macau é representado como motor de progresso e mudança social no enclave.

<sup>265</sup> *Ibidem*, pp. 152-153.

<sup>266</sup> *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 10, n.º 5, 1968, p. 240 (veja-se vol. 14, n.º 4, 1970, pp. 218-219 e vol. 16, n.º 4, 1971, p. 246).

#### 4.2 O *Chinese Pidgin English* como símbolo da crescente influência inglesa em Macau e Cantão

Se inicialmente os ingleses dependem do auxílio português, rapidamente o seu comércio na China atinge proporções invejáveis para Macau e para as restantes nações europeias. Devido ao contacto intenso entre chineses e ‘bárbaros ruivos’, proibidos de aprender a língua uns dos outros, tal como *CBP* refere<sup>267</sup>, desenvolve-se, a partir de 1715, um *pidgin* que visa satisfazer necessidades comerciais e apresenta características específicas, que estudaremos na terceira parte (subcapítulo 10. 1) ao analisar o espaço e o contexto históricos da acção do romance.

Encontrando-se presente no romance de Coates<sup>268</sup>, o *C.P.E.*, também designado por *business/broken/Canton English* ou *Canton jargon* e cujo vocabulário é maioritariamente inglês, adopta termos da língua portuguesa e acaba por substituir o *patois* de Macau e o português no âmbito do contacto comercial no delta do rio das Pérolas, tornando-se a *língua franca* do *China trade*<sup>269</sup>. No entanto, tal como os portugueses concluem, logo em 1548<sup>270</sup>, o domínio fluente do cantonense é reconhecido como essencial para os comerciantes, pelo que a E.I.C. emprega, a partir da segunda metade do século XVIII, como intérpretes, jovens ingleses residentes no Império do Meio<sup>271</sup>, tentando assim, em vão, poder dirigir-se directamente aos mandarins sem necessidade da mediação dos mercadores *hong*.

Se a aprendizagem do cantonense é uma necessidade crescente, o *C.P.E.* é fruto quer do intercâmbio cultural a que a permanência inglesa no Sul da China dá lugar, quer da adaptação mútua entre ingleses e chineses, que possibilita a comunicação sem tradutores entre parceiros comerciais e patrões e empregados, como veremos de forma mais aprofundada na terceira parte ao estudar a utilização desse *pidgin* no âmbito da representação da Macau setecentista em *CBP*.

<sup>267</sup> *CBP*, p. 3.

<sup>268</sup> *Ibidem*, pp. 18-20, 22, 27, 35, 42-45, 121, 299.

<sup>269</sup> Cf. Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 1, p. 67.

<sup>270</sup> «Enformação da China, mandada per hum homem a mestre Francisquo» [1548], in Raffaella D’Intino (ed.), *Enformação das Cousas da China: Textos do Século XVI*, 1989, p. 59.

<sup>271</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/49, fl. 7; G/12/110, fl. 52; Susan Reed Stifler, «The Language Students of the East India Company Canton Factory», *Journal of the North China Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 69, 1938, pp. 48, 54 e J. L. Cranmer-Byng, «The First English Sinologists: Sir George Staunton and the Reverend Robert Morrison», in F. S. Drake (ed.), *Symposium on Historical, Archaeological and Linguistic Studies on Southern China, South-East Asia and the Hong Kong Region*, 1967, p. 248.

## 5. *THE SCRAMBLE FOR THE USE OF MACAO*<sup>272</sup>: OS INTERESSES DA E.I.C. E DOS MERCADORES INDEPENDENTES NO SUL DA CHINA

Um dos momentos mais intensos da acção de *CBP* é a crise do ópio, que periga o comércio da companhia e revela, de forma clara, o comércio oculto e generalizado que os mercadores independentes, os sobrecargas e os portugueses desenvolvem através de Macau, apesar da proibição imperial do trato da droga. A crise ficcional deve-se ao tráfico inglês de anfião no Sul da China, que tem início antes do tempo da acção de *CBP* e que é necessário compreender para analisar a importância do episódio que, por sua vez, remete igualmente para a Guerra do Ópio (1839-1841), posterior ao período da acção do romance<sup>273</sup>.

Ao longo do século XVIII, os sobrecargas acabam por se tornar dependentes do *country trade*, ou comércio privado entre a Índia e o Sul da China, através do qual o ópio indiano chega a Cantão, possibilitando a sua venda a aquisição da prata com a qual é comprado o chá<sup>274</sup>. Os portugueses importam anfião para a China há já um século e Macau acaba por se tornar um espaço estratégico do comércio ilegal inglês em larga escala até à deslocação do mesmo para a ilha de Lintim (c. 1820), mudança que afecta os rendimentos dos mercadores do enclave, que se defendem da concorrência ao verem-se privados de uma das suas mais importantes fontes de receita, temendo igualmente a ocupação inglesa dessa ilha<sup>275</sup>. Como *CBP* ilustra, os comerciantes chineses também lucram com o tráfico, não sendo, portanto, eficazes os éditos imperiais que proíbem a importação da droga para o Império do Meio, situação que se arrasta até à Guerra do Ópio, conflito através do qual a Inglaterra consegue fundar um estabelecimento próprio na China e, através do Tratado de Nanquim (1843), abrir cinco portos chineses ao comércio ocidental.

---

<sup>272</sup> Expressão de J. M. Braga, «A Seller of ‘Sing-Songs’», p. 85, ao referir a luta de interesses entre a companhia, os *country traders* e os *interlopers* relativamente à utilização de Macau como porto de apoio para o *China trade*.

<sup>273</sup> Sobre o papel (neutral) de Macau na Primeira Guerra do Ópio, de forma a não se incompatibilizar com os chineses e a sobreviver, vejam-se Alfredo Gomes Dias, *Macau e a I Guerra do Ópio*, 1993, pp. 11-98; *idem*, *Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*, 1998, pp. 15-50.

<sup>274</sup> Veja-se a descrição do sistema comercial da companhia em *CBP*, p. 167.

<sup>275</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 48, doc. 22; cx. 55, doc. 24; cx. 60, doc. 31.

### 5.1. A proibição imperial do comércio de ópio e o tráfico através de Macau

Tal como *CBP* refere na quarta página, na década de 60 do século XVIII a Grã-Bretanha detém já a maior percentagem europeia do *China trade*. A maioria dos barcos ingleses que chegam a Cantão pertence à E.I.C. e a comerciantes independentes<sup>276</sup>, como Biddle e outros agentes no romance de Coates, que utilizam passaportes com nomes de casas comerciais e residentes portugueses para participar no trato entre a Inglaterra, a Índia e o Sul da China<sup>277</sup>, pretendendo a companhia controlar a acção dos mesmos<sup>278</sup>.

O comércio britânico é levado a cabo por três entidades distintas, todas elas presentes em *CBP*: a companhia, que regulamenta toda a actividade comercial, os agentes ou mercadores particulares que operam entre a Inglaterra e a China, via Índia, sob licença da E.I.C., e os *country traders*, que negociam quer sobretudo entre os dois últimos países e com os mercadores *hong*, quer com chineses que se encontram fora do sistema comercial oficial e não estão autorizados pelo imperador a negociar com estrangeiros<sup>279</sup>.

Um dos desafios iniciais dos sobrecargas é encontrar uma mercadoria que possam vender na China auto-suficiente de forma a financiar a compra do chá, planta que comerciantes suecos e dinamarqueses<sup>280</sup> traficam para Inglaterra até ao Commutation Act (1784), fugindo aos elevados impostos que os mercadores ingleses têm de pagar no seu próprio país. Produtos asiáticos como o algodão de Bombaim, a pimenta e o ópio<sup>281</sup> fornecem à E.I.C. cerca de 30% do capital necessário para adquirir chá até à

---

<sup>276</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/79, parte 2, fls. 115, 172.

<sup>277</sup> Sobre o sistema de comercialização de ópio entre Bengala e Cantão pelos *country traders*, também através de Macau, face à proibição de os sobrecargas da E.I.C. o fazerem por si mesmos, vejam-se: David Edward Owen, *British Opium Policy in China and India*, 1934, pp. 1-54; Holden Furber, *John Company at Work*, 1951, pp. 105, 142; D. Eyles, «The Abolition of the East India Company's Monopoly 1833», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Edimburgo, 1955, pp. 4-6; Michael Greenberg, *op. cit.*, pp. 10-13; Maurice Collis, *op. cit.*, pp. 74-93; Mark Naidis, *The Second British Empire 1783-1964*, 1970, pp. 81-83; Amalls Tripathi (ed.), *Fort William-India House Correspondences*, vol. 12: 1793-95, 1978, pp. 6-8, 10-11 e P. J. Marshall, «Private British Trade in the Indian Ocean Before 1800», in Om Prakash (ed.), *An Expanding World*, pp. 258-262.

<sup>278</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/79, parte 2, fl. 171.

<sup>279</sup> Consulte-se W. E. Cheong, *op. cit.*, pp. 9-21.

<sup>280</sup> Vide A.M., 3.<sup>a</sup> série, vol. 8, n.º 2, 1967, pp. 102-103; *ibidem*, vol. 16, n.º 5, 1971, pp. 135-136.

<sup>281</sup> Veja-se Hosea Ballou Morse, *The International Relations*, pp. 173-176; *idem*, *The Chronicles*, vol. 1, pp. 215-216 e *CBP*, p. 29.



segunda metade do século XVIII, altura em que o tráfico de anfião se torna predominante<sup>282</sup>.

A companhia importa, inicialmente, ópio de Bengala<sup>283</sup>, tornando-se a droga uma ameaça à saúde pública do Império do Meio, pelo que, em 1729, o imperador Sai Chong decreta o seu comércio ilegal, medida referida por Thomas em *CBP*<sup>284</sup> e implícita no romance quer através das estratégias dos sobrecargas e *country traders* para iludir as autoridades chinesas, quer através do episódio da crise do ópio.

A E.I.C. proíbe a importação da droga a partir de Calcutá nos seus barcos, embora sem quaisquer efeitos práticos, pois inicialmente os sobrecargas traficam-na no espaço que lhes é reservado para comércio privado nos East Indiamen, como Cumming informa Thomas em *CBP*<sup>285</sup>, e os mercadores chineses não estão dispostos a abrir mão desse negócio lucrativo, que continua a ser feito, de forma encoberta, através de Macau e posteriormente Lintim<sup>286</sup>. Chegados ao delta do rio das Pérolas, os barcos ingleses ancoram na Taipa e são pesados, no enclave ou em Vampu, antes de se dirigirem para Cantão, onde a compra de chá seria impossível sem o tráfico da droga, que fornece elevados lucros também à administração britânica na Índia. O ópio é trocado por prata em Cantão através dos *country traders*, e os sobrecargas recebem deles o metal precioso em troca de letras de crédito à cobrança em Londres, podendo, desta forma, pagar o chá que adquirem<sup>287</sup>. Este sistema torna a companhia dependente desses comer-

---

<sup>282</sup> *Ibidem*, pp. 2, 29, 96, 103-104, 165-173, 178-179, 197-200, ficcionaliza a interação entre a E.I.C., os *country traders*, os portugueses e os agentes privados no tráfico do anfião, sobretudo no episódio da crise do ópio (veja-se a terceira parte, subcapítulo 7. 2).

<sup>283</sup> Ópio vendido em Fort William (Calcutá). Para uma síntese da evolução do comércio opiáceo inglês, da produção ao transporte através de Macau, sobretudo desde 1757, veja-se John Keay, *op. cit.*, pp. 359-360, 430-431.

<sup>284</sup> *CBP*, p. 29: “[...] the importation of it into China was absolutely forbidden by that country’s laws”.

<sup>285</sup> *Ibidem*.

<sup>286</sup> São várias as referências na documentação portuguesa e da E.I.C. ao tráfico de ópio através de Macau na segunda metade do século XVIII [Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, pp. 282-343; P. C. Gupta (ed.), *Fort William-India House Correspondences*, vol. 13: 1796-1800, 1959, p. 508; I. B. Banerjee (ed.), *Fort William-India House Correspondences*, vol. 11: 1789-92, 1974, pp. 400, 441, 459-460; *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 10, n.º 4, 1968, pp. 192-193 e A.H.U., *Macau*, cx. 11, doc. 5, fl. 1]. Sobre Lintim, vejam-se *ibidem*, cx. 55, doc. 24; cx. 56, doc. 73; cx. 63, doc. 5.

<sup>287</sup> Acerca desse sistema comercial, vejam-se D. Eyles, *op. cit.*, p. 5 e Carl A. Trocky (ed.), *Opium, Empire and the Global Political Economy: A Study of the Asian Opium Trade 1750-1950*, 1999, pp. 51-52. Relativamente ao problema do fornecimento de prata à E.I.C. em Cantão, consulte-se B.L.-O.I.O.C., G/12/18, fls. 21-24.

ciantes, aumentando a quantidade de anfião transportada para Cantão gradualmente até à Guerra do Ópio, momento em que as autoridades sínicas decidem tentar, mais uma vez, pôr fim à entrada ilegal da droga no império. O controlo dos *country traders* na China torna-se difícil devido à dependência económica da companhia face a esses comerciantes e aos agentes comerciais representados no romance de Coates através de Abraham Biddle, alguns dos quais passam a permanecer, tal como os sobrecargas, em Macau entre as estações comerciais, prática ilegal, uma vez que o Comité Selecto deveria expulsar do Império do Meio todos os mercadores ingleses, como Thomas afirma em *CBP*<sup>288</sup>.

Os comerciantes e alguns governadores de Macau recolhem uma parte do lucro do tráfico de anfião<sup>289</sup> e do comércio de chá e colaboram sucessivamente com os ingleses<sup>290</sup>, evitando, também para seu interesse, problemas entre estes e os chineses<sup>291</sup>, embora se tentem defender, a partir da segunda metade do século XVIII, da interferência cada vez maior dos ingleses nesse comércio ilegal<sup>292</sup>. Ângela Guimarães analisa a importância regional de Macau para o tráfico, afirmando:

[...] o estabelecimento possuía condições favoráveis ao tráfico, devido aos privilégios comerciais de que gozava e à sua localização. O ópio era trazido, predominan-

---

<sup>288</sup> *CBP*, pp. 96, 144.

<sup>289</sup> Cf. *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 10, n.º 4, 1968, p. 230; *ibidem*, vol. 14, n.º 4, 1970, pp. 210-213 e António M. Martins do Vale, *op. cit.*, pp. 46-47. Anualmente, os ingleses importam para a China, através de Macau, cerca de 200 cestos de ópio, sendo, em 1766, traficados 1000 destes recipientes para subornar os chineses envolvidos no contrabando [cf. P. J. Marshall, «Britain and China in the Late Eighteenth Century», p. 18], prática ficcionalizada em *CBP*, p. 47. Sobre as acusações entre o Senado e os governadores de Macau no que diz respeito ao tráfico de ópio, veja-se *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série: vol. 6, n.º 5, 1966, p. 255 e *ibidem*, vol. 7, n.º 5-6, 1967, pp. 249, 256-257, 286-287, 317. Acerca da produção de ópio na Índia e do seu tráfico inglês através de barcos portugueses ou fretados em Macau, que aí descarregam a droga, veja-se: B.L.-O.I.O.C., R/10/12, fls. 45-46, 50-51, 150, 180, 187-188; R/10/13, fls. 56-57; R/10/19, fls. 40-42, 66-67; G/12/76, fls. 41, 43, 136, 147-149, parte 2, fls. 205, 234 e G/12/77, fl. 59; Paul Wilson Howard, «Opium Suppression in Qing China: Responses to a Social Problem, 1729-1906», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Pensilvânia, 1998, pp. 65-117 e Alfredo Gomes Dias, *Portugal, Macau e a Internacionalização da Questão do Ópio (1909-1925)*, 2004, pp. 26-35.

<sup>290</sup> Relativamente aos interesses mútuos, às cumplicidades e à colaboração ilegal dos portugueses e ingleses no tráfico do anfião e à compra e venda de barcos a estrangeiros, actividades proibidas por lei e que chegam a envolver dois governadores subornados pela E.I.C., consulte-se António M. Martins do Vale, *op. cit.*, pp. 207-209.

<sup>291</sup> *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 7, n.º 6, 1967, p. 302.

<sup>292</sup> Veja-se *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 7, n.º 6, 1967, pp. 313, 318-319 e *ibidem*, vol. 8, n.º 2, 1967, p. 102.

temente, de Bengala, entrava mais facilmente em Macau do que em Cantão, pagava, sendo de comerciantes portugueses, taxas menos elevadas e, a partir de Macau, era mais facilmente introduzido no Império, quer por terra, quer por navegação de cabotagem. A conjuntura regional e todas as outras dificuldades que atravessam os moradores levam a que estes, cada vez mais, sirvam de testa-de-ferro para os negociantes estrangeiros, a tal ponto que, em meados da década de 1790, o ópio estrangeiro representava dois terços do ópio que circulava em Macau<sup>293</sup>.

O enclave serve, assim, de local estratégico para o rendível tráfico da E.I.C., lucrando alguns dos moradores com a passagem dos barcos ingleses pelo porto da cidade, prática que, em 1764, leva o Senado a proibir a compra e o desembarque de ópio transportado por essas embarcações<sup>294</sup>. No final de 1782, devido a essa colaboração, o *hopu* aconselha os vereadores a não receber “por modo fraudulento alguns Navios Estrangeiros”<sup>295</sup>, contornando alguns portugueses as interdições ao adquirirem a droga transportada pelos ingleses, como se tivesse sido por si comprada. Apesar de sucessivos governadores do Estado da Índia ordenarem, entre 1764 e 1796, ao Senado a confiscação do ópio, alguns moradores continuam a defender os seus interesses pessoais, embora os vereadores exijam a Goa que interdite essa actividade a estrangeiros e a portugueses não oriundos de Macau, de forma a afastar concorrentes<sup>296</sup>. Em Junho de 1787, quando da prisão do capitão Cheminant por ter atracado o seu barco na Taipa e desembarcado em Macau sem autorização, os sobrecargas descrevem a atitude defensiva dos portugueses e a importância quer da ilha, referida amiúde em *CBP* como porto de chegada dos barcos ingleses<sup>297</sup>, quer da cidade para o comércio da Companhia das Índias:

---

<sup>293</sup> Ângela Guimarães, «A Conjuntura Política antes de Hong Kong», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *op. cit.*, vol. 3, p. 20.

<sup>294</sup> Cf. Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, p. 524.

<sup>295</sup> Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 1, doc. 43, p. 123. Segundo o mandarim de Anção (1789), os barcos ingleses dirigem-se para a China para contrabandear (*ibidem*, doc. 95, p. 230), respondendo o Senado que os portugueses se encontram em Macau há cerca de 200 anos e os estrangeiros se deslocam para onde desejam, via Vampu, sem conhecimento da cidade (*ibidem*, doc. 107, p. 244).

<sup>296</sup> Vide A.H.U., *Macau*, cx. 20, docs. 10-11; cx. 21, docs. 11-37; cx. 23, doc. 24; *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série: vol. 6, n.º 4, 1966, pp. 186-187; n.º 5, 1966, p. 255; vol. 7, n.º 5, 1967, pp. 249-257; n.º 6, pp. 291, 313, 318 e vol. 10, n.º 2, 1968, pp. 99, 192-193.

<sup>297</sup> *CBP*, pp. 1-2, 185, 248, 256, 299, 311-312.

The Taypa being the only place where a ship can lie with safety for any length of time without entering the harbour, the Portuguese are apprehensive of foreign ships lying there for the purpose of carrying on a contraband trade to their disadvantage for which it is very convenient and are more particularly jealous of ships from Bengal which they suspect to have opium on board. They pretend an exclusive right to it as part of the Portuguese Dominion but this is very doubtful as it is entirely without the reach of any of their guns and it is not so much as within sight from any of their forts, has within it no marks of possession and it is pretty certain the Chinese would not suffer any to be exhibited there. [...] This is the only place a ship in Macao Roads can retire to in stress of weather [...] <sup>298</sup>.

Se por um lado a concorrência inglesa é nociva para o comércio do território, os lucros da E.I.C. e dos mercadores privados tornam-se essenciais para a sua economia, aumentando o transporte e o desembarque de mercadorias estrangeiras como se fossem portuguesas, a utilização da bandeira lusa por barcos ingleses e o contrabando <sup>299</sup>. A rede de interesses em torno do tráfico da droga une os sobrecargas, os agentes comerciais e os *country traders* que transportam anfião e outros produtos para o Sul da China <sup>300</sup> e cuja residência em Macau o Comité Selecto não é capaz de evitar devido aos interesses particulares dos sobrecargas, à sua dependência do comércio privado e às estratégias diplomáticas dos ingleses, que se colocam ao serviço diplomático de outras nações, fora da alçada legal da companhia. Mercadores independentes como Daniel Beale <sup>301</sup>, John Henry Cox, Charles Schneider, David Reid e Jardine Matheson chegam ao enclave no final do século XVIII e utilizam os nomes de casas e comerciantes portugueses, como *CBP* ficcionaliza <sup>302</sup>, bem como cargos diplomáticos de outras nações

---

<sup>298</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/86, fl. 11.

<sup>299</sup> A dependência económica de alguns moradores de Macau relativamente aos ingleses é ficcionalizada em *CBP* através da relação de Biddle com a família de Pedro da Silva, que se socorre do agente inglês para melhorar a sua situação financeira (veja-se a terceira parte, subcapítulo 8.3.1).

<sup>300</sup> Veja-se B.L.-O.I.O.C., G/12/103, fls. 70-71, 74, 80-85.

<sup>301</sup> Irmão de Thomas Beale. Esta última figura histórica partilha traços biográficos com a personagem Abraham Biddle em *CBP*, como veremos na terceira parte (subcapítulo 2.1). Daniel Beale estabelece-se em Macau como cônsul da Prússia no Sul da China, e associa-se a Cox para fundar uma casa comercial, desenvolvendo também negócios com o seu irmão, Thomas (B.L.-O.I.O.C., G/12/86, fl. 147; G/12/88, fls. 60, 62, 66; G/12/89, fl. 9; G/12/96, fl. 5; G/12/101, fl. 5; G/12/103, fls. 5, 10; G/12/105, fls. 14, 44 e G/12/108, fl. 38 e Catherine Pagani, *Eastern Magnificence & European Ingenuity: Clocks of Late Imperial China*, 2004, pp. 105-110).

<sup>302</sup> *CBP*, pp. 9, 31, 103.

européias, evitando a ordem de expulsão da E.I.C. Nas duas últimas décadas de Setecentos intensificam-se os problemas relativos ao tráfico inglês de ópio, surgindo, em 1799, um novo édito do imperador Ian Chong, igualmente ineficaz, proibindo a importação da droga<sup>303</sup>, que continua a ser contrabandeada através de Macau e outros locais na costa chinesa.

Sendo o espaço da acção principal de *CBP* predominantemente inglês, a proibição imperial do comércio do anfião, os conflitos entre britânicos e chineses, a cooperação anglo-portuguesa, bem como a acção dos *country traders* e de outros mercadores ingleses em Macau são elementos históricos utilizados no romance e importantes para a análise do episódio ficcional da crise do ópio no que diz respeito aos interesses, às atitudes e medidas tomadas pelos sobrecargas e pelas autoridades portuguesas e chinesas. O referido episódio e as suas repercussões na comunidade mercantil do território são descritos entre as páginas 165 e 284 da narrativa, sendo os efeitos da crise quase nulos para a East India Company e para os portugueses, como o leitor descobre perto do final da obra. Em Outubro de 1793, 13 anos após a chegada do protagonista inglês à China, um comerciante chinês que fora preso acusa vários mandarins e o vice-rei de Cantão de enriquecerem à custa do tráfico de ópio, e as novidades acerca do bloqueio e da ofensiva sínica contra os barcos e traficantes estrangeiros chegam rapidamente ao enclave, envolvendo directa e indirectamente todos os mercadores. Como afirma o narrador, “[...] a great threatening was in progress [...]”<sup>304</sup> e a ansiedade dos sobrecargas aumenta gradualmente devido às implicações e à gravidade da situação política e financeira da companhia inglesa, pois todo o ópio importado da Índia nos *country ships* para adquirir chá perderia o seu valor, bem como as quantias já investidas pelos britânicos. A crise revela o endividamento dos chineses junto dos sobrecargas e o facto de o *China trade* depender do tráfico de anfião, de que Biddle tem quase o exclusivo na cidade. No entanto, e ao contrário do que Cuming, um “opium man”<sup>305</sup>, pensa, este não é mais um pequeno conflito, como os anteriores, levando Biddle à ruína financeira e envolvendo comerciantes de todas as nacionalidades. Como podemos verificar através do campo semântico rentabilizado nas páginas 169-171 do romance, a ansiedade, a ruína financeira e o pânico marcam o quotidiano da comunidade mercantil, pois os chineses ameaçam cercar Macau, e o comércio estagna, enquanto vários moradores enterram ópio nos seus quintais, tentando livrar-se da droga.

---

<sup>303</sup> Veja-se o édito imperial publicado em 02-12-1799 (H. B. Morse, *The Chronicles*, vol. 2, pp. 345-346).

<sup>304</sup> *CBP*, p. 166.

<sup>305</sup> *Ibidem*, p. 167.

No segundo dia da crise, Biddle desaparece e o Comité Selecto vê-se forçado a comunicar a Calcutá e a Londres o seu prejuízo financeiro, assumindo assim o seu envolvimento indirecto no tráfico. Ironicamente, a crise confere mais poder a Thomas, um “anti-opium man”<sup>306</sup>, em quem o presidente do comité delega todas as responsabilidades para resolver a mesma, passando o sobrecarga a ser tratado como o senhor todo-poderoso. O episódio ficcional, baseado, como veremos de seguida, em acontecimentos reais embora posteriores à acção do romance, acaba por inter-relacionar a história com as motivações pessoais de personagens como Van Mierop, que há muito sonhava ser presidente do comité, e Martha, cujos negócios e liberdade são então ameaçados.

A tensão continua latente durante semanas, subindo os moradores ao monte para vigiar a cidade em caso de ataque chinês, tornando-se claro, no início de Novembro, que o vice-rei não invadirá Macau e que o comité não poderá agir legalmente contra o seu maior devedor, Biddle, pois os britânicos encontram-se em território administrado pelos portugueses onde o comércio de estrangeiros é legalmente proibido, não gostando os lusos da interferência de terceiros, como Cuming reconhece<sup>307</sup>.

Quer o trato de Martha, quer a honra de Thomas serão também afectados pela crise, pois os negócios da primeira são levados a cabo através da casa comercial portuguesa Gonçalves Pereira, cujo nome Biddle também utiliza para poder negociar em Macau, sendo, portanto, esta conhecida como a maior ‘firma’ de ópio na China. Assim sendo, o sobrecarga contacta Pedro da Silva e descobre uma enorme quantidade de informações sobre a vida secreta e comercial de Martha, ou seja, o momento de tensão permite ao inglês conhecer melhor o misterioso mundo macaense da sua amada, que, tal como o comité, não é afectada pelo conflito, pois o juiz da cidade também se encontra envolvido no tráfico de ópio e nenhuma medida é tomada pelas autoridades portuguesas, muito menos pelas inglesas.

No seu estudo sobre a presença britânica em Macau, *Macao and the British*, Austin Coates dedica o capítulo oitavo à “First Opium Crisis”, texto através do qual podemos aproximar a descrição ficcional do episódio das crises históricas de 1815 e 1821. De acordo com o referido estudo, em 1815 o mandarim de Guangdong prende, repentinamente e sem motivo aparente a não ser o controlo do comércio ilegal, vários traficantes chineses de ópio e ordena que todos os barcos que entrem em Macau e Vampu sejam revistados. Ao descrever as repercussões destas medidas, Coates afirma em *Macao and the British*: “The bottom fell out of the opium market and the trade came to a complete

---

<sup>306</sup> *Ibidem*, p. 172.

<sup>307</sup> *Ibidem*, p. 179.

*standstill*. Everyone was involved [...]. *The East India Company*, which in its usual way issued credit bills in advance of opium sales, found itself down by over a million dollars, the ensuing litigation creditors continuing for fifteen years”<sup>308</sup>. Em *CBP* podemos ler, no início da descrição da crise do ópio:

*The following morning the bottom fell out of the opium market. [...] Business in the tea houses had stagnated. [...] The value of opium was zero. [...] All foreign ships arriving at Whampoa were being ruthlessly searched. [...] The Company had issued to country traders bills of credit, in expectation of being paid in silver gained in their private opium sales [...]. The Company was down on credit bills alone to the tune of three hundred thousand silver dollars*<sup>309</sup>.

Fica assim claro, através dos nossos itálicos em ambos os excertos, o exercício de intertextualidade entre o referido estudo e a narrativa ficcional de Coates, estratégia esta que estudaremos de forma mais profunda no subcapítulo 5.1 da terceira parte. Pode ainda verificar-se a diferença na linguagem e no estilo de escrita do autor nas duas obras, sendo, como seria de esperar, *CBP* muito mais rico em termos literários.

Tal como o romance ficcionaliza, a crise dura cerca de três semanas e o comércio volta à normalidade, assim permanecendo até 1821, ano em que se dá um novo “opium scare” igualmente estudado por Coates<sup>310</sup>. Os motivos avançados no romance para o início da crise de 1793 ecoam ficcionalmente os do conflito de 1821, ano em que, como podemos ler em *The British in Macao*, um oficial chinês é efectivamente preso em Anção por ter atacado um conterrâneo em Macau e acusa alguns mandarins de cometerem ilegalidades, levando as autoridades a investigar as denúncias e a intensificar o controlo do tráfico de anfião, sendo alguns barcos ingleses e norte-americanos forçados e abandonar a China e os restantes inspeccionados<sup>311</sup>, tal como também refere o romance. O estudo informa ainda, em consonância com a narrativa ficcional: “[...] at the height of the scare Chinese vigilance in Macao was so strict that even house-to-house movements of small quantities of the drug were liable to be spotted and reported. All opium had to be innocently packaged to look like some other commodity”<sup>312</sup>. Como já afir-

---

<sup>308</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 132-133, itálicos nossos (veja-se Nathan Allen, *The Opium Trade*, 1835, p. 45).

<sup>309</sup> *CBP*, pp. 165-166, itálicos nossos.

<sup>310</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 135-138.

<sup>311</sup> *Idem, ibidem*, pp. 135-136.

<sup>312</sup> *Idem, ibidem*, p. 138. Sobre a crise do ópio de 1821, consulte-se Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 4, pp. 5, 15-16, 42-49, 61-62, 77, 93.



mámos, é nesta mesma altura que o comércio ilegal de anfião é transferido de Macau para a ilha de Lintim, não sendo este facto incorporado em *CBP*. Fica assim claro, através do aproveitamento ficcional das crises de 1815 e 1821 no romance de Coates, até que ponto a história e a ficção se podem fundir, desvendando-se as ramificações dessa relação apenas perante o olhar atento do leitor informado<sup>313</sup>. Como veremos nas terceira e quarta partes, em *CBP*, enquanto romance histórico e *Bildungsroman*, observa-se uma forte interligação entre os acontecimentos públicos de Macau e os acontecimentos privados do lar de Martha e Thomas; no entanto, muitos dos primeiros, como é o caso da crise do ópio, adquirem uma maior importância no que diz respeito à estrutura da narrativa quando relacionados com os segundos, pois as esferas públicas e domésticas da Macau setecentista interpenetram-se profundamente através da acção, dos interesses e obstáculos das personagens em acção.

## 6. “HOSPEDES E ANTIGOS ALLIADOS”<sup>314</sup>:

### A ACTIVIDADE E O ESTATUTO DO COMITÉ SELECTO EM MACAU

À excepção de Biddle, as principais personagens europeias de *CBP* são oficiais da E.I.C., tornando-se útil compreender o estatuto, o poder sociopolítico e a posição dos mesmos em Macau e Cantão face às autoridades lusas e sínicas, que também marcam presença, maioritariamente implícita, ao longo do romance. As personagens chinesas

---

<sup>313</sup> De acordo com Stanley Eugene Fish, *Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretive Communities*, 1980, p. 48, o leitor informado é um falante competente e, enquanto co-produtor da obra, conhece os lexemas, as probabilidades de colocações de palavras, os idiomas, dialectos e jargões, possuindo uma competência literária, ou seja já interiorizou as propriedades dos diferentes tipos de discurso, desde as figuras de estilo aos géneros literários. Jonathan Culler, «Stanley Fish and the Righting of the Reader», *Diacritics*, vol. 5, n.º 1, Primavera de 1975, pp. 26-31, acusa Fish de não considerar a complexa rede de convenções literárias subjacentes ao processo de leitura; no entanto, a noção fishiana de leitor informado resiste, no essencial, no discurso da crítica literária como válida e pertinente, nem que apenas como uma útil idealização linguística e cultural do leitor que analisa um texto. Veja-se também o conceito de “leitor-escanção do texto” (Carlos Ceia, *A Literatura Ensina-se? Estudos de Teoria Literária*, 1999, pp. 103-106), que demonstra cientificamente se o texto possui ou não qualidade e possibilita o diálogo entre si, o texto, e o autor.

<sup>314</sup> Expressão de Rafael de Almeida, procurador do Senado, em chapa para o mandarin de Anção (1813), referindo a estada dos ingleses no enclave [Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 5, p. 189].



povoam o espaço inglês do texto, nomeadamente as casas dos sobrecargas e os estabelecimentos comerciais como o de Biddle, enquanto as portuguesas aparecem no âmbito da sua relação quer com a companhia, quer com Martha, amante e ‘viúva’ de um inglês.

A crescente influência dos sobrecargas e mercadores britânicos dá origem a conflitos com a administração portuguesa, episódios que, juntamente com as restrições chinesas, levam a Companhia das Índias a procurar um território próprio no Sul da China, pois, se Portugal é um velho aliado da Inglaterra na Europa, no Extremo Oriente os interesses comerciais da edilidade macaense e do Comité Selecto entram em confronto, vendo-se ambos forçados a medir forças através de inúmeras contendidas relacionadas com o comportamento dos ingleses na cidade e o arrendamento de casas pelos mesmos. Esta realidade é ilustrada ficcionalmente no romance de Coates quando o narrador afirma que os sobrecargas quase nunca aceitam as imposições dos portugueses de ânimo leve<sup>315</sup>.

Tal como refere o narrador de *CBP*<sup>316</sup>, no final de cada estação comercial o Select Committee of Supercargoes abandona Cantão e estabelece-se em Macau, continuando a gerir os interesses da instituição, a regulamentar o *country trade* e a certificar-se de que os ingleses respeitam os oito regulamentos imperiais e a lei portuguesa. Assim sendo, tal como acontece em 1771 e em 1773<sup>317</sup>, em Setembro de 1783, a companhia, que dois anos antes se queixara de falta de poder para agir junto dos *private traders*, volta a proibir qualquer inglês de residir na China, à excepção dos sobrecargas<sup>318</sup>. No entanto, e como já afirmámos, os mercadores ingleses recorrem a cargos diplomáticos ao serviço de outras nações e ao nome de casas comerciais portuguesas para desenvolverem a sua actividade económica fora do controlo da E.I.C.; daí que, em *CBP*, Biddle afirme ironicamente que os seus negócios são os da segunda geração da família Gonçalves Sequeira, agora inglesa<sup>319</sup>.

São vários os conflitos entre o Comité Selecto e as autoridades portuguesas, nomeadamente no que diz respeito à prisão de sobrecargas indisciplinados, a intrigas

<sup>315</sup> *CBP*, p. 31.

<sup>316</sup> *Ibidem*, pp. 126, 129, 132, 136, 145, 157, 159, 204.

<sup>317</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/7, secção «1671», fls. 31-33. Em 1771, a companhia volta a proibir o comércio de ópio nos seus barcos (cf. *ibidem*, fl. 37); consulte-se também *ibidem*, G/12/11, fl. 125, 132-134.

<sup>318</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/7, secção «1671», fls. 31-33. Em 1771, a companhia volta a proibir o comércio de ópio nos seus barcos (cf. *ibidem*, fl. 37); consulte-se também *ibidem*, G/12/11, fl. 125, 132-134 e G/12/77, fl. 82.

<sup>319</sup> *CBP*, pp. 40, 86.

entre lusos e britânicos em Cantão e ao arrendamento de casas<sup>320</sup>. Na década de 80 do século XVIII, o comité acusa o governador de insolência e rudeza de linguagem nas suas cartas, recordando-lhe que os ingleses se encontram em Cantão fora da sua jurisdição<sup>321</sup>. Os oficiais afirmam não reconhecer a total autoridade portuguesa em Macau, pois o território é dependente do mandarinato, estratégia que explica, em parte, as sucessivas referências de viajantes ingleses ao poder nominal dos lusos e as três tentativas de ocupação militar da cidade pelos ingleses, no início do século XIX. As personagens inglesas de *CBP*, fazendo eco ficcional das fontes históricas, também referem esse mesmo poder nominal dos portugueses<sup>322</sup>.

O comité informa sucessivamente as presidências inglesas na Índia sobre os conflitos com as autoridades lusas, descreve a especificidade da sua situação subalterna em Macau e pede apoio às mesmas, bem como a intervenção do vice-rei de Goa<sup>323</sup>. Os conflitos com o governador sucedem-se, tal como as queixas do comité a Calcutá e a Londres, enquanto os sobrecargas, sentindo-se isolados e desprotegidos, reconhecem frequentemente a sua dependência face aos portugueses, uma vez que os chineses recusam envolver-se em confrontos entre europeus<sup>324</sup>. Estamos perante um choque de forças que se repete sempre que os ingleses sentem a sua honra, a sua integridade, os seus interesses e orgulho ameaçados. Em 1781, o governador Francisco Xavier de Castro informa os sobrecargas, de que não será molestado por eles, uma vez que eles “[...] could not pretend to any jurisdiction in Macao [...]”<sup>325</sup>, ideia presente em *CBP* quando o Select Committee conclui, durante a crise do ópio, ser forçado a respeitar as leis portuguesas e chinesas.

---

<sup>320</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/11, fls. 87-88, 100; R/10/15, fls. 51-53, 173-175, 218-219, 234-237; G/12/82, parte 3, fls. 5, 139-141, G/12/84, fls. 1-2, 31-85 e G/12/79, fls. 15-16.

<sup>321</sup> *Ibidem*, fls. 88-90: “You assume the air of vice-roy of the Province of Canton, instead of governor of the *dependent* city of Macao. What right have you Sir to interfere with the government of this Province – we are not accountable to the Portuguese in this part of the Kingdom” (itálico nosso).

<sup>322</sup> *CBP*, p. 7.

<sup>323</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/11, fls. 118-121; documento igualmente copiado em G/12/19, fl. 231.

<sup>324</sup> *Ibidem*, R/10/11, fls. 106-107. Veja-se também *ibidem*, G/12/19, fls. 121-150. A missiva afirma que Macau, apesar de se encontrar subordinada a Goa, depende, na verdade, dos mandarins, e que Lisboa, envergonhada pela situação, parece preferir esquecer o enclave (*ibidem*, fl. 108). Em 1797, Daniel Paine visita o território e critica os portugueses, “[...] a despicable set of beings [...]”, por serem servis para com as autoridades chinesas e dificultarem a vida aos sobrecargas [Daniel Paine, «Diary as Kept in a Voyage [...] in the Years 1794, 5, 6, 7 and 8», National Maritime Museum: JOD/172, *Manuscript*, fl. 27].

<sup>325</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/11, parte 2, fls. 39-40.

Durante um conflito com o Comité Selecto em 1786, na sequência da prisão e do julgamento de dois criminosos ingleses, o governador Bernardo Aleixo de Lemos e Faria acusa os sobrecargas de afrontarem a lei portuguesa, resumindo o estatuto dos mesmos em Macau, palavras úteis para a compreensão da posição da E.I.C. no romance de Coates, uma vez que o narrador afirma que os ingleses, “[...] mere visitors, exerting no influence whatsoever [...]”<sup>326</sup>, são poderosos apenas na sua esfera de influência. Na missiva, o capitão-geral informa os oficiais:

[...] you are not interested with any character in this city and [do] not represent the Noble British Nation being merely the servants of the Honble Merchantile Company appointed to manage their interests in Canton, and that you retire to this city to pass the months in which you cannot reside at this port, certainly you could not have so much arrogance as you have shown for even though you should be desirous to appear as representatives of your nation I must treat you as individuals, in so much as you have never presented me your credentials. [...] Mere individuals without any public character whatsoever, I shall treat you always as the Portuguese are treated in the English colonies, you being subject to the Laws of Her Faithful Majesty while you remain in this city [...]. I do not fear them [governments of the English Company in India] because what I do is founded on reason and the Law of Nations & supported with these I shall severely punish those whom I find presumptuous [...]”<sup>327</sup>.

Em Julho de 1787, um outro conflito entre o comité e o governador, devido ao arrendamento de uma casa em Macau, acaba por envolver, como testemunha, Thomas Kuyck Van Mierop, cujos nome e traços biográficos são, como já afirmámos, atribuídos a um dos protagonistas de *CBP*<sup>328</sup>. O sobrecarga Samuel Peach é arrastado para fora da casa que arrendara e preso por não ter cumprido as ordens do Senado e do juiz para abandonar a residência, por esta ser necessária para albergar um funcionário régio prestes a chegar. Peach responde ao juiz que pagara a renda da casa e só a abandonaria se forçado a tal, o que se vem a verificar, sendo o inglês, de acordo com os colegas, tratado injustamente, como um criminoso da pior índole<sup>329</sup>. O comité acusa o governador de ter cometido uma ilegalidade, questionando a sua decisão, e Peach afirma não

---

<sup>326</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>327</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/84, fls. 37 e 39-40, respectivamente.

<sup>328</sup> *Ibidem*, G/12/86, fl. 21. Veja-se sobretudo *CBP*, pp. 2-3, quando o narrador apresenta o *back-ground* familiar de Thomas Van Mierop, com base em alguns dados reais.

<sup>329</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/84, fl. 15.

se relacionar com portugueses em Macau<sup>330</sup>, realidade que se estende à esmagadora maioria dos residentes de língua inglesa, inclusive no século XIX, e que *CBP* também representa<sup>331</sup>. A fonte inglesa que descreve o episódio sumaria ainda outros casos de abuso de poder das autoridades portuguesas, que já se haviam apropriado da sede da companhia para residência do governador, embora a elevada renda tivesse sido paga adiantadamente<sup>332</sup>. O mesmo acontecera com um edifício arrendado pelos sobrecargas suecos, caso também referido pelo comerciante e futuro primeiro cônsul norte-americano em Cantão Samuel Shaw, no ano de 1795, de acordo com quem o arrendamento de casas é exemplo da injustiça dos portugueses e da submissão dos restantes ocidentais, pois os primeiros poupam dinheiro e exploram injustamente os residentes estrangeiros ao restaurarem as suas casas através de engenhosos estratagemas<sup>333</sup>. Os comerciantes europeus são, assim, vítimas do abuso de poder dos portugueses, pois “[...] in matters where an individual European is concerned, they do not use even the ceremony of asking consent [...]”<sup>334</sup>. O leitor informado de *CBP* recordará estas práticas quando Martha aconselha Thomas a comprar a sua casa em nome de um português, acabando o sobrecarga por conseguir fazê-lo.

Em 1800, o Select Committee continua a sentir-se afrontado e queixa-se a Londres de ser forçado a deslocar-se para Macau no final das épocas comerciais e de aí ser insultado, sem qualquer espaço de manobra e reivindicação, como também *CBP* ficcionaliza através do episódio da crise do ópio, quando o juiz Pereira encobre o seu comércio ilegal e não devolve a Biddle o dinheiro que o inglês investira no Brasil. Os sobrecargas afirmam novamente:

Macao is so little known to the Court of Lisbon and has been so neglected by the Government of Goa, that it is now the fit resort only of vagabonds and outcasts. It has lost the valuable immunities formerly granted by the Chinese, & the Head Mandareen of a neighbouring village exercises in it almost the Powers of Government [...]. A place so little valued might perhaps be easily procured from the Court

---

<sup>330</sup> *Ibidem*, fls. 191-192.

<sup>331</sup> *CBP*, pp. 42, 56, 90. Veja-se Robert Bennet Forbes, *Letters from China: The Canton-Boston Correspondence of Robert Bennet Forbes, 1838-1840*, 1996, p. 165.

<sup>332</sup> Para a descrição do episódio, vide B.L.-O.I.O.C., G/12/86, fls. 15-41, 191-196; G/12/88, fls. 67-71, e G/12/89, fls. 167-172, 203-205.

<sup>333</sup> Veja-se *ibidem*, G/12/86, fl. 16 e Samuel Shaw, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, 1968, p. 240.

<sup>334</sup> *Idem, ibidem*, p. 240.

of Lisbon, and should it ever fall into the hands of an enterprising People, who knew how to extend all its advantages; we think it would rise to a state of splendour, never yet equalled by any Port in the East<sup>335</sup>.

Em 1748, também um viajante anónimo inglês descreve a cidade como pouco populosa e já não pertença dos portugueses, mas sim governada pelos chineses<sup>336</sup>, imagem de um enclave enfraquecido e quase inteiramente sínico, que decerto convém aos ingleses manter e disseminar e que encontra eco na literatura inglesa, nomeadamente no romance de Daniel Defoe *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* (1719)<sup>337</sup>.

A Macau empobrecida é novamente alvo da cobiça dos britânicos, que poderiam, segundo as palavras do Comité Selecto atrás transcritas, transformar a cidade no porto (inglês) mais importante do Oriente, criticando a administração portuguesa, bem como a sua degenerada população, imagem presente em *CBP*, cujas personagens inglesas expressam uma imagem negativa dos moradores portugueses através do recurso a adjectivos e substantivos abstractos como “old”; decrepit”; “mean”; “seedy”; “apathy”; “ignorance” e “decadence”<sup>338</sup>. Na segunda metade do século XVIII, o crescente poder e a influência dos britânicos no enclave desagradam às autoridades religiosas, podendo muitos dos sucessivos confrontos entre o governador e os sobrecargas ser vistos à luz do controlo que os portugueses exercem sobre os estrangeiros, medida considerada essencial pelo bispo Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães (1772-1789), que, enquanto exerce interinamente as funções de governador, considera que o governador de Macau deverá ser “[...] amante dos Portugueses, honrador dos naturais, amigo dos Chinas, pouco afecto aos estrangeiros [...] e muito político para tratar com os mandarins e Opus, e forasteiros, e que seja ao mesmo tempo liberal, pois de outro modo, não se pode conciliar a amizade dos Chinas, conter os estrangeiros, favorecer os moradores, adiantar o comércio destruído, evitar desordens [...]”<sup>339</sup>. O excerto revela a proeminência dos ingleses e também a necessidade de os controlar, explicando essa postura

---

<sup>335</sup> Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, p. 68, texto já anteriormente enviado para os directores, em 1781 (B.L.-O.I.O.C., G/12/19, fls. 209-211).

<sup>336</sup> Anónimo, *A Voyage to the East Indies in 1747 and 1748*, 1762, p. 197.

<sup>337</sup> Daniel Defoe, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, 1969, p. 368: “[...] Macao, a town once in possession of the Portuguese, and where still a great many European families resided [...]”.

<sup>338</sup> *CBP*, pp. 7, 90, 59, 158, respectivamente.

<sup>339</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 8, doc. 8; cx. 11, doc. 25.

portuguesa e a sujeição dos ocidentais à vontade e à lei da cidade a urgência que Martha veicula a Thomas, logo no início de *CBP*, relativamente à segurança que a compra de uma casa lhes trará.

## 7. A IMPORTÂNCIA DE MACAU PARA O *CHINA TRADE* INGLÊS

Como já vimos, ao longo da segunda metade do século XVIII os oficiais da E.I.C. entram em conflito com as autoridades de Macau, vendo-se, no entanto, forçados a acatar as decisões de chineses e portugueses, bem como a reconhecer a sua frágil posição na China, ideia que o narrador de *CBP* veicula ao afirmar que nenhum edifício na Praia Grande pode exibir placas comerciais, adiantando: “This was one of the very few Portuguese laws with which the Honourable Company agreed, few things being so displeasing to its ‘aristocrats’ as to be reminded that they were in commerce”<sup>340</sup>.

Na sequência dos confrontos entre ingleses e o governador Lemos Faria, Fort William escreve ao Comité Selecto, em Março de 1783, e reconhece a importância de Macau para os negócios da Companhia das Índias na China<sup>341</sup>, sendo o crescente controlo chinês sobre o território enfatizado por diversos visitantes ingleses, como o comandante do navio *Charlotte*, cinco anos depois:

The city of Macao [...] belongs to the Portuguese. It was formerly richer, and more populous than it is at present, and totally independent of the Chinese; but it has lost much of its ancient consequence; for though inhabited chiefly by the Portuguese, under a governor appointed by the king of Portugal, it is entirely in the power of the Chinese, who can starve or dispossess the inhabitants whenever they please<sup>342</sup>.

A imagem da antiga riqueza da cidade (séculos XVI-XVII) e da sua dependência em relação aos mandarins, também presente em *CBP*, é um argumento repetido pelos

---

<sup>340</sup> *CBP*, p. 31.

<sup>341</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/77, fl. 88: “We are concerned to observe the differences which have subsisted between the Honourable Company’s supra cargoes and the Portuguese Government at Macao. As a good understanding between you is so material to the success of the Company’s concerns in China, and so necessary to your own ease, and welfare, we have transmitted copies of the papers which we received from you to our resident in Goa”.

<sup>342</sup> Thomas Gilbert, *Voyage from New South Wales to Canton, in the Year 1788, 1789*, p. 81.

ingleses e abordado por António José de Gambôa, procurador do Senado, numa chapa para o mandarim de Anção (29-05-1793), ao afirmar que o *hopu* chinês não pode ultrapassar a lei portuguesa no que diz respeito aos demais ocidentais<sup>343</sup>.

Alguns ingleses que afluem ao território envolvem-se em conflitos com os nativos<sup>344</sup> que são, por sua vez, resolvidos não apenas pela administração portuguesa, mas também pelo mandarim da Casa Branca que, no caso da morte de um chinês e de acordo com os preceitos da lei imperial, conforme *CBP* ecoa ficcionalmente<sup>345</sup>, exige um culpado para ser executado, como acontece durante o já abordado episódio do *Lady Hughes* e, em 1773, quando o mandarim pede aos portugueses que lhe seja entregue Francis Scott, suposto assassino de um chinês, julgado de acordo com a prática europeia e considerado inocente<sup>346</sup>. Perante a recusa de Macau em entregar o réu, o mandarim ordena mais uma vez aos habitantes sínicos que abandonem a cidade e proíbe a entrada de alimentos na mesma até o inglês ser entregue e executado<sup>347</sup>. Os europeus, confinados a Cantão e a Macau, vêem-se, assim, forçados a respeitar as exigências do mandarim, sob ameaça de terem de abandonar o enclave, como conclui, em 1777, o bispo Alexandre Guimarães, ao dirigir-se ao Senado: “[...] a sujeição quanto ao regimen [administrativo de Macau], hê mista, pendente do El Rey Nosso Senhor [de Portugal], e do Imperador da China [...] Senhor directo de Macao, que lhe paga hum foro [...]. A terra não se obteve por conquista, e assim a nossa residencia não hê firme, ad natum sine”<sup>348</sup>. Tal como o romance de Coates representa, a obediência aos mandarins é uma necessidade de sobrevivência, controlando o governador e o Senado a acção dos ingleses, o que revolta

---

<sup>343</sup> “Nos queixamos que o Oupu se adianta se atacando contra as Nossas Leys, q. são as que aqui governão a todos os christãos, os quaes são sujeitos ao nosso Governo, e a nossa Just.<sup>a</sup>, e uzamos de toda a authoridade a mais de duzentos e cincoenta annos porque esta cid.e he fundação nossa, e a graça de habitar-mos nellá he dos Portugueses, e não de outros estrangeiros de Europa, que so estão aqui enquanto nos he conveniente admettillos” [Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 2, doc. 15, p. 29]. O procurador desenvolve esta ideia noutra chapa com a mesma data (doc. 16, p. 31).

<sup>344</sup> B.L.-O.I.O.C., R/10/6, fls. 163-164.

<sup>345</sup> *CBP*, pp. 104, 241, 255.

<sup>346</sup> Consultem-se a carta do Senado e os documentos anexos (A.H.U., *Macau*, cx. 7, docs. 17, 27 e 28), bem como Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 1, docs. 24, 27-29, 32; *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 4, n.º 1, 1965, pp. 58-59; B.L.-O.I.O.C., R/10/7, secção «1773», fls. 1-4, e Lauren A. Benton, *Law and Colonial Culture: Legal Regimes in World History, 1400-1900*, 2002, p. 248.

<sup>347</sup> Vejam-se Hosea Ballou Morse, *The International Relations*, pp. 101-102; Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, pp. 563-570 e António Vale, «Macau: Os Eventos Políticos. 2», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *op. cit.*, vol. 2, pp. 190-191.

<sup>348</sup> *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 16, n.º 4, 1971, pp. 206-207.

os sobrecargas, que, como já vimos, informam as presidências inglesas da Índia quer do abuso de poder dos portugueses, quer da importância de Macau para o comércio da companhia<sup>349</sup>.

Os acontecimentos na Europa influenciam as relações entre mercadores portugueses, franceses e ingleses no Oriente e, encontrando-se a Grã-Bretanha em luta com a França (1793-1802)<sup>350</sup>, as embarcações dessas nações atacam-se mutuamente nos mares orientais, afectando o comércio inglês no Império do Meio, como refere o narrador de *CBP*: “Then war came – the War of the French Revolution – and the number of continental ships coming to China fell sharply, the few that came being classed as hostile”<sup>351</sup>. Por outro lado, os velhos aliados europeus juntam-se no Sul da China para fazer frente aos ataques de barcos franceses durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos da América, referida em *CBP*<sup>352</sup>, e as Guerras Napoleónicas. Se Macau é um local estratégico para o comércio britânico, essa actividade acaba por se tornar essencial para o território, pois, de acordo com o governador Vasco Luís Sousa Faro, no final de 1792, o capital inglês representa cerca de 90% do negócio que alimenta o giro do enclave, temendo o capitão-geral que a E.I.C. se estabeleça na ilha de Lantau e prejudique o trato da cidade ao passar a comerciar aí as mercadorias que traz da Índia, nomeadamente o ópio<sup>353</sup>.

---

<sup>349</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/84, fl. 107.

<sup>350</sup> *Ibidem*, G/12/105, fls. 74, 116-117, 120; G/12/108, fl. 59; J. H. Plumb, *The Pelican History of England*, vol. 7, 1972, pp. 195-204; James Gordon Parker, «The Directors of the East India Company 1754-1790», tese de doutoramento, 1977, p. 1 e Michael Duffy, «World-Wide War and British Expansion, 1793-1815», in P. J. Marshall (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2, 2001, pp. 184-207. De acordo com David Howarth, *op. cit.*, p. 298, entre 1793 e 1801, 123 navios britânicos são afundados, 10 acidentalmente queimados e 50 tomados pelo inimigo francês, a quem os britânicos tomam 300 barcos de guerra. Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, p. 187, ao estudar o comércio europeu em Cantão e a luta pelo seu controlo, refere a influência das guerras europeias no mesmo e o facto de, entre 1779 e 1783, não atracarem barcos franceses na China, devido quer ao apoio da França à colónia norte-americana na luta pela independência face à Grã-Bretanha, quer aos problemas que resultam das guerras da Revolução Francesa a partir de 1793, informação que encontra eco ficcional em *CBP*, p. 154. Como veremos na terceira parte (subcapítulo 2.1), as guerras entre a França e a Inglaterra acabam por influenciar a acção e os projectos das personagens de *CBP*, nomeadamente de Thomas e Martha Van Mierop.

<sup>351</sup> *CBP*, p. 154.

<sup>352</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>353</sup> Veja-se A.H.U., *Macau*, cx. 19, doc. 36.



Apesar das condições em que os chineses obrigam a companhia a negociar, os sobrecargas, comerciando também por conta própria entre a Índia e a China, pouco ou nada podem fazer para alterar a situação em que se encontram, temendo as reacções das autoridades mandarínicas e o efeito destas nos seus negócios privados. A coroa inglesa acaba por intervir ao tentar estabelecer relações diplomáticas directas com o imperador através do envio da embaixada de Lord Macartney (1792-1794). No final da missão diplomática, o embaixador reconhece a importância estratégica de Macau e a situação desvantajosa dos ingleses na China face à posição dos portugueses, descrevendo o fluxo anual dos sobrecargas de e para o enclave, no início e no fim de cada estação comercial em Cantão, tal como é representado ao longo de *CBP*. Macartney afirma:

The English come to Canton not to Macao, where they have no business. Yet as soon as the ships are loaded at Canton, all the English are obliged to leave it, to desert their factory there [...] and to be at considerable expense in removing to Macao, paying for a house there besides hiring new servants and other inconveniences. They are obliged every time they must thus go to and from Macao to pay fees or duties on the same furniture and books and clothes for which the duties have been already paid several times. They are also obliged to pay duties for the provisions and liquors which they bring with them though entirely for their own consumption<sup>354</sup>.

A situação dos sobrecargas e o pagamento das taxas alfandegárias aos chineses, também descritos em *CBP*<sup>355</sup>, observam-se desde o início da estada dos ingleses na China, lutando estes pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, bem como pela abolição das taxas<sup>356</sup>. A E.I.C. tenta portanto, a todo o custo, afastar-se do espaço de influência português e consequentemente adquirir mais liberdade e independência comercial e política. A crescente importância do *China trade* para a economia e a estratégia comercial britânicas, o controlo por parte das autoridades portuguesas e chinesas e os elevados preços e as exigências dos *hongs* e do *hopu* levam os ingleses a tentar iniciar relações diplomáticas directas com a China e a obter do imperador um território próprio no litoral chinês onde vinguem as suas próprias leis e de onde possam expandir os seus negócios, espelhando as duas primeiras embaixadas britânicas esse desejo de expansão. A primeira embaixada, a de Charles Cathcart, nunca chega a realizar-se, pois

---

<sup>354</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/92, fl. 457 (repetido nos fls. 499-507).

<sup>355</sup> *CBP*, p. 47.

<sup>356</sup> *Vide* B.L.-O.I.O.C., G/12/8, fls. 1349-1352.

este falece a caminho da China, no estreito de Bangka, em Junho de 1788<sup>357</sup>, enquanto a de Lord Macartney (1792-1794) se revela um fracasso, uma vez que o diplomata não consegue obter do imperador as regalias que pede para a Companhia das Índias, ou seja, liberdade comercial em Cantão e um estabelecimento semelhante a Macau<sup>358</sup>. A embaixada à China pretende também promover o comércio de matérias-primas inglesas e desenvolver condições favoráveis ao comércio dos britânicos, que tentam compensar, de algum modo, a perda das colónias norte-americanas e exportar os produtos que são fruto da Revolução Industrial. Mais uma vez, a Grã-Bretanha olha para Macau como uma possessão a conseguir, afirmando Lord Macartney no diário da viagem:

The Portuguese who, as a nation, have been long exanimated and dread in this part of the world, although their ghost still appears in Macao, hold that place upon such term as render it equally useless and disgraceful to them. It is now chiefly supported by the English, and on the present footing of things there the Chinese can starve both it, and those who support it, wherever they please. If the Portuguese made a difficulty of parting with it to us on fair terms, it might easily be taken from them by a small force from Madras [...] or with as little trouble and with more advantage we might make a settlement in Lantao or Cow-hee, and then Macao would of itself crumble to nothing in a short time<sup>359</sup>.

---

<sup>357</sup> *Ibidem*, G/12/18, fls. 55-79, 105-110, 134-135; G/12/20, fls. 17-39, 104-222, 551-569 e G/12/90, fl. 2.

<sup>358</sup> Os ingleses pretendem, através da embaixada, conseguir um entreposto “[...] in imitation of the settlement enjoyed by the Portuguese at Macao [...]” (*ibidem*, G/12/20, fl. 355). Sobre a preparação da primeira embaixada inglesa à China, a relação com os portugueses em Pequim e a estada da mesma em Macau, vejam-se *ibidem*, R/10/20, fls. 63-78, 126-130, 248-265; G/12/11, fls. 8-9, 160-188; G/12/20, fls. 20-34v, 40-217v; G/12/91; G/12/92, G/12/93, fls. 191-217, 240-252, 264-270, 287-290; G/12/112, fl. 4; Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, pp. 199-212; Alain Peyrefitte, *Un Choc de Cultures, passim*; *idem*, *O Império Imóvel*, 1995, pp. 65-71, 149-154 e Nigel Cameron, *Barbarians and Mandarins: Thirteen Centuries of Western Travellers in China*, 1993, pp. 288-316. Sir George Staunton, *op. cit.*, pp. 384-390, descreve a estada do embaixador em Macau, bem como a localização geográfica, o governo, a defesa, as religiões praticadas na cidade e a riqueza que o comércio outrora aí originara e que ainda é visível na arquitectura das casas em decadência. Outros relatos da embaixada despertam a curiosidade da Inglaterra em relação ao Império do Meio (Aeneas Anderson, *A Narrative of the British Embassy to China*, 1795; Samuel Holmes, *The Journal of S. Holmes, Sargent-Major*; John Barrow, *Travels in China*, 1806 e Sir Henry Ellis, *Journal of the Proceedings of the Late Embassy to China*, 1817).

<sup>359</sup> Lord Macartney, *An Embassy to China: Lord Macartney's Journal, 1793-1794*, 2000, p. 211.

Se o embaixador sugere a tomada ou o aniquilamento de Macau a partir de outras feitorias a estabelecer na China, as autoridades e os religiosos do enclave, bem como os missionários portugueses em Pequim suspeitam, mais uma vez, da intenção dos ingleses, defendendo a todo o custo os interesses da Cidade do Santo Nome de Deus. Os padres lusos que participam na embaixada criticam ferozmente a acção britânica e, mais tarde, numa representação dirigida pelos missionários de Pequim ao imperador, por volta de 1802, o Padre José Bernardo de Almeida avisa o imperador quer dos falsos desígnios dos ingleses, quando estes tentam ocupar Macau nesse ano sob pretexto de defender o território contra os franceses, quer das “calamidades” e “funestas” consequências que podem surgir com o seu estabelecimento no Império do Meio. Para além da imagem negativa das intenções britânicas, elaborada através de termos e expressões como “maldades e cavilações”, “fingidamente” e “astuciosas diligências”, os autores do documento comparam ainda, por dissemelhança, a presença inglesa à portuguesa na China<sup>360</sup>.

A Grã-Bretanha, ao não reconhecer a total soberania portuguesa em Macau, pondera, desde cedo, a possibilidade de ocupar o território, tarefa relativamente fácil devido à débil defesa lusa da cidade, e até aconselhável, dado o estado de abandono e miséria em que esta se encontra. Em 1802, 1808 e 1840, período de que não nos ocupamos, na sequência do insucesso diplomático de Macartney, ocorrem três tentativas inglesas de ocupação militar do território, as duas primeiras sob pretexto de o defender da ameaça francesa e a última para fazer frente à China<sup>361</sup>, medidas que marcam o avanço do expansionismo inglês no Império do Meio e de que a acção dos sobrecargas em *CBP* é um prenúncio, como se pode verificar através do episódio da crise do ópio, quando o Comité Selecto tenta salvaguardar os seus interesses comerciais a todo o custo.

Historiadores como Vincent T. Harlow<sup>362</sup>, tendo em mente a independência dos Estados Unidos da América, as batalhas navais entre a Inglaterra, a Espanha e a França,

---

<sup>360</sup> A.H.U., *Maço José das Torres*, VI, maço n.º 540, fls. 1-3.

<sup>361</sup> Sobre as tentativas falhadas de ocupação militar inglesa, em 1802 e 1808, vejam-se: «Official Papers of Sir Samuel Hood, 1st Bt, Vice-Admiral, 1762-1814»; secção «Miscellaneous Government 1812-1813-1814: Calendar of Correspondence of Rear-Admiral William O'Brien Drury at Macao, 4-12 October 1808», National Maritime Museum (MKH/237, *Manuscript*); B.L.-O.I.O.C., G/12/93, fls. 425-431; G/12/195, fls. 208-247; A.H.U., *Macau*, cx. 22, docs. 39, 49, 50, 51; cx. 27, doc. 54; cx. 28, docs. 5-7, 9, 18, 22, 26, 31, 55; cx. 29, docs. 4, 8, 16, 20, 25, 27, 29-33; I.A.N./T.T., *Ministério do Reino*, mc. 499, cap. 1, Joaquim Martins de Carvalho, *A Nossa Aliada!*, 1883, pp. 40-63; Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, pp. 357-373, vol. 3, pp. 76-99 e Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 92-101.

<sup>362</sup> Vincent T. Harlow, *The Founding of the Second British Empire, 1763-93*, vol. 1, 1952, pp. 1-64.

a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, desenvolvem a teoria denominada “*the swing to the East*”, ou seja, a imagem de um primeiro Império Britânico (atlântico) a dar lugar a um segundo (africano e oriental), por volta de 1763, viragem que Michael Duffy<sup>363</sup> localiza no final da última década do século XVIII, já após o contexto histórico representado em *CBP*. De acordo com P. J. Marshall<sup>364</sup>, o ‘velho Império’ co-existe com o ‘segundo’, não tendo as estruturas do primeiro sucumbido totalmente para dar de imediato lugar à ‘conquista’ oriental, pois os interesses ingleses no Oriente apenas substituem os ocidentais, de forma sistemática, no início do século XIX, sendo essa viragem paralela à política imperial britânica no hemisfério ocidental, nomeadamente a actividade comercial e a recuperação de mercados na América do Sul.

O contexto histórico local e internacional, bem como a importância de Macau enquanto plataforma para o comércio oriental da E.I.C. encontram-se representados ao longo do romance de Austin Coates, sendo nas esferas portuguesa (infância) e inglesa (adolescência, juventude e fase adulta) do enclave que o processo de formação de Martha Merop tem lugar, como veremos na terceira e quarta partes. *CBP* tira, assim, partido da história, transformando as características específicas da Macau setecentista em estratégias narrativas de forma a representar o espaço e o tempo em que o casal Van Mierop se move.

## 8. AS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS NA MACAU SETECENTISTA E O CONTEXTO HISTÓRICO FICCIONALIZADO EM *CITY OF BROKEN PROMISES*

No final do século XVIII, a Grã-Bretanha assume-se como uma poderosa potência no Oriente<sup>365</sup>, sendo o papel e o estatuto dos ingleses em Macau muito diferentes dos de há 100 anos, quando da chegada da E.I.C. à China Meridional. A população e o comércio estrangeiros acabam por se tornar essenciais para a economia do enclave, mas, tal como *CBP* ficcionaliza, as autoridades religiosas acusam os ingleses de, através do seu nível de vida superior ao dos portugueses, constituírem uma ameaça comercial e moral,

---

<sup>363</sup> Michael Duffy, *op. cit.*, pp. 200-201.

<sup>364</sup> P. J. Marshall, «Britain without America – A Second Empire», pp. 576-595.

<sup>365</sup> *Vide idem*, «The British in Asia: Trade and Dominion, 1700-1765», pp. 487-507 e *CBP*, p. 1.

de fazer subir os preços dos produtos vendidos na cidade, de manter a prostituição activa e de introduzir o gosto pelo luxo nas vidas privada e pública<sup>366</sup>.

A partir do fim da centúria de Setecentos e até à Primeira Guerra do Ópio, os ingleses e os norte-americanos, as duas maiores comunidades estrangeiras em Macau no século XIX, contribuem para a acumulação de riqueza no enclave e têm um impacte representativo na vida social do mesmo, desde a moda aos hábitos culturais. Se as comunidades anglófonas influenciam o *modus vivendi* e o progresso do território sob administração portuguesa, este último tem um papel fulcral nos contactos comerciais e culturais desses grupos com a China, como reconhece Alexander Michie, em 1900, ao enumerar algumas das ‘glórias’ pioneiras do “diminute settlement”<sup>367</sup> no âmbito das relações sino-ocidentais que têm lugar quer antes, quer depois do tempo da acção de CBP:

The influence of Macao on the history of foreign relations with China extended much beyond the sphere of mere commercial interests. For three hundred years it was for foreigners the gate of the Chinese empire, and all influences, good and bad, which came from without were infiltrated through that narrow opening, which served as the medium through which China was revealed to the world. It was in Macao that the first lighthouse<sup>368</sup> was erected, a symbol of the illuminating mission of foreigners in China. It was there also that the first printing-press was set up [...]. From that press was issued Morrison’s famous Dictionary, and for a long series of years the *Chinese Repository* [...] <sup>369</sup> conducted chiefly by English and American missionaries. The first foreign hospital in China was opened at Macao, and there vaccination was first practised<sup>370</sup>. It was from Macao that the father of China missions, Matteo Ricci, started on his adventurous journey [...] <sup>371</sup>. The little Portuguese

---

<sup>366</sup> Sobre a concorrência estrangeira na Macau da segunda metade do século XVIII e a suposta influência negativa dos ingleses na moral da cidade, veja-se António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 171-172, 202-215.

<sup>367</sup> Expressão utilizada por Alexander Michie, *The Englishman in China during the Victorian Era*, 1900, p. 291, para se referir a Macau, bem como “quiet old city” (p. 295).

<sup>368</sup> Farol da Guia, inaugurado a 24 de Setembro de 1865.

<sup>369</sup> Sobre a introdução da imprensa ocidental na China, via Macau, e os periódicos anglófonos (século XIX), veja-se: Manuel Teixeira, *Imprensa Periódica Portuguesa no Extremo Oriente*, 1999, pp. 14-165.

<sup>370</sup> Sobre a fundação dos hospitais de São Rafael e São Lázaro (1569), vejam-se *idem*, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 437 e César Guillén-Núñez, *Macao Streets*, 1999, p. 23.

<sup>371</sup> Vide Louis Kam-tat Ho, *Theological and Cultural Accommodation: Matteo Ricci and the Jesuit Mission in China 1583-1742*, 1996.

settlement has therefore played no mean part in the changes which have taken place in the great empire of China. [...] St Francis Xavier [...] <sup>372</sup>, [...] Camões, who in a grotto formed of granite blocks tumbled together by nature, almost washed by the sea, sat and wrote the Portuguese epic ‘The Lusiad’ [...] <sup>373</sup>.

Macau é a porta de entrada da E.I.C. na China, servindo também, no final do século XVIII, de base para os comerciantes independentes se estabelecerem e fazerem concorrência ao monopólio da instituição até 1833. O estudo da importância do território quer para o comércio da companhia, quer para a presença inglesa na China até à fundação de Hong Kong torna-se essencial para uma melhor compreensão do contexto histórico representado em *CBP*, uma vez que a acção do romance tem lugar no âmbito do *China trade* e das relações anglo-portuguesas sobretudo no enclave.

Como verificámos, a Cidade do Santo Nome de Deus tem um papel fundamental e único em todas as fases do comércio inglês na China, desde a chegada do *London*, fretado pelo vice-rei da Índia à E.I.C. (1635), passando pelo estabelecimento dos sobrecargas no Império do Meio (1700) e pela chegada dos *interlopers* e comerciantes independentes que desequilibram a exclusividade comercial da companhia no final do século XVIII, situação análoga à dos portugueses perante a chegada dos rivais norte-europeus ao Estado da Índia no seu período de retracção e decadência (1622-1739).

Se os intentos britânicos na cidade nunca são inteiramente alcançados, nomeadamente a ocupação da mesma, tal situação deve-se à sua posição geográfica e política e à guarda das administrações portuguesa e chinesa, levando os ingleses – “comunidade em busca de uma colónia” <sup>374</sup> na China há cerca de um século e meio – a exigir ao imperador, em 1841, a cedência de Hong Kong, uma *Macao of their own*, onde possam comerciar e viver livremente.

A fundação da colónia inglesa e a abertura de cinco portos chineses às potências internacionais com a assinatura do Tratado (sino-britânico) de Nanquim, na sequência

---

<sup>372</sup> Relativamente à presença de São Francisco Xavier na China, vejam-se Georg Schurhammer, *Francisco Xavier: His Life, His Times*, 4 vols., 1973-1982 e Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos*, pp. 398-491.

<sup>373</sup> Alexander Michie, *op. cit.*, pp. 296-298. O autor apresenta ainda a importância estratégica do enclave para os comerciantes ingleses: “Other competitors also began to appear and to assert their right to participate in the trade of the Far East, and Macao became the hostelry for merchants of all nations [...]. Chief among these guests were the Dutch and English East India Companies, both of which maintained establishments at Macao for some two hundred years [...]” (*idem, ibidem*, pp. 291-292).

<sup>374</sup> Expressão de John Keay, *Lost Post: The End of the Empire in the Far East*, 1997, p. 61.

do estabelecimento dos ingleses no Império do Meio através de Macau<sup>375</sup>, transformam a forma de viver e de estar dos ocidentais na China Meridional e sobretudo no enclave<sup>376</sup>, pondo fim ao período do *old China trade* representado em *CBP*. A presença dos *red-haired devils* no delta do rio das Pérolas deixa de ser exclusivamente comercial, tornando-se também administrativa e dando lugar a uma maior aproximação destes à cultura<sup>377</sup> e à realidade chinesas e a uma nova representação de Macau, agora já não apenas um retiro comercial, mas, cada vez mais, um local de recreio, convalescença e turismo para os residentes e visitantes de Hong Kong, perdendo o reduto luso-chinês muita da sua importância política aos níveis regional e mundial. Como vimos na primeira parte, é aliás a partir de Hong Kong que Austin Coates descobre Macau nos anos (19)40.

A aliança anglo-portuguesa estende-se gradualmente ao Extremo Oriente, onde as relações entre os velhos aliados são pautadas pela diplomacia entre as coroas, pelas lutas de interesses de mercadores locais e europeus e ainda pelas leis portuguesa e chinesa<sup>378</sup>. A aliança mais antiga do mundo ocidental é influenciada pela política da administração imperial com a qual os portugueses se vêem forçados a negociar, utilizando, muitas vezes, as leis dos chineses para defender o seu estatuto privilegiado. Macau funciona, assim, como câmara de descompressão para os ocidentais na China, dando origem à multiplicidade de contextos em que portugueses e ingleses interagem e que se encontram representados em *CBP*.

---

<sup>375</sup> Tal como outras histórias de Hong Kong, E. J. Eitel, *op. cit.*, pp. 1-8 e Christopher Munn, *Anglo-China: Chinese People and British Rule in Hong Kong 1841-1880*, 2001, pp. 25-37, 46, 52, abordam sumariamente a presença inglesa em Macau até 1841 para contextualizar a fundação da colónia.

<sup>376</sup> As fontes chinesas referem a saída de inúmeros comerciantes ingleses de Macau rumo a Hong Kong, empobrecendo a vida económica e o estatuto político-económico do enclave [vide António Vasconcelos de Saldanha e Jin Guo Ping (eds.), *Para a Vista do Imperador: Memoriais da Dinastia Qing*, 2000, pp. 96-97, 130 e 142].

<sup>377</sup> Entendemos o conceito de cultura numa perspectiva ampla, tal como a define Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, 1993, p. 145: “[...] fabric of meaning in terms of which human beings interpret their experiences and guide their actions”.

<sup>378</sup> A aliança anglo-portuguesa é um argumento utilizado pelos sucessivos governadores de Macau e vice-reis da Índia para manter as boas relações entre portugueses e ingleses na China. Veja-se, por exemplo, a informação do governador José Pedro da Câmara, desde Goa, para o Leal Senado (06-05-1778): “[...] devendo eu em atenção a boa civilidade que se conserve entre as duas nações aliadas dar a conhecer que procuro quanto me he possível manter a reciproca correspondencia [...]” (*A.M.*, 3.ª série, vol. 10, n.º 5, 1968, p. 241). Consultem-se ainda B.L.-O.I.O.C., R/10/13, fls. 151-157, 179-181; R/10/16, fls. 15, 22; R/10/17, fls. 82-84 e G/12/86, fls. 15-16.



O conhecimento da história da presença britânica no território permite-nos, nas terceira e quarta partes, abordar, de forma mais informada, o romance histórico de Austin Coates, uma vez que o texto tira partido de episódios como os do *Lady Hughes*, da Revolução Francesa, da guerra da independência norte-americana e das revoltas na Índia<sup>379</sup>, bem como da vivência económico-social e moral inglesa no enclave<sup>380</sup> e das relações anglo/sino-portuguesas no século XVIII<sup>381</sup>. Face à inexistência de estudos académicos sobre a história dos ingleses em Macau, esta contextualização histórica torna-se indispensável para uma melhor compreensão das temáticas e estratégias narrativas de *CBP*, que de outra forma poderiam passar despercebidas e dificultar uma interpretação aprofundada do texto, sobretudo no que diz respeito à apropriação da história pela ficção, uma vez que, como acabámos de ver, a consulta de fontes arquivísticas permite-nos conhecer muita da informação histórica utilizada e representada no romance, nomeadamente: a chegada das embarcações inglesas ao Sul da China, as suas ancoragem e medição na Taipa após oito meses de viagem rumo a um império fechado<sup>382</sup>; o *country trade* e o tráfico de ópio<sup>383</sup>; a hierarquia do Comité Selecto e a sua dependência perante Fort William e Londres<sup>384</sup>; o processo de substituição de sobrecargas<sup>385</sup>; o comércio de chá e o *modus operandi* da companhia em Cantão e na Índia<sup>386</sup>; a *summer residence* dos sobrecargas em Macau<sup>387</sup>; a sede da companhia<sup>388</sup> e a Casa Garden<sup>389</sup> como espaços simbólicos do poder inglês<sup>390</sup>; o arrendamento de casas portuguesas<sup>391</sup>; a “small English community” e o seu poder económico no enclave<sup>392</sup>; a

---

<sup>379</sup> *CBP*, pp. 47, 154.

<sup>380</sup> *Ibidem*, pp. 15, 29, 99, 110, 147-149.

<sup>381</sup> *Ibidem*, pp. 4, 6-7, 14-15, 46-47.

<sup>382</sup> *Ibidem*, pp. 1-3, 248, 299.

<sup>383</sup> *Ibidem*, pp. 2, 29-30, 95-97, 102, 104, 152, 158, 163, 166, 189, 198. Nas páginas 165-180, o narrador representa anacronicamente a crise do ópio que tem lugar em Macau na primeira metade do século XIX, como veremos na terceira parte.

<sup>384</sup> *Ibidem*, pp. 2-3, 46, 152, 154, 169, 172, 222, 232, 234, 279.

<sup>385</sup> *Ibidem*, pp. 13, 17, 303, 306.

<sup>386</sup> *Ibidem*, pp. 4-8, 31-32, 152, 154, 222, 234.

<sup>387</sup> *Ibidem*, pp. 89-90, 129, 204.

<sup>388</sup> *Ibidem*, pp. 7-9, 31, 47.

<sup>389</sup> *Ibidem*, pp. 155, 206, 260-261.

<sup>390</sup> *Ibidem*, p. 73.

<sup>391</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>392</sup> *Ibidem*, pp. 13, 133, 224.



permanência de agentes comerciais privados ingleses na China<sup>393</sup>; os interesses conjuntos de britânicos, chineses e portugueses<sup>394</sup>; o sistema de *bills of credit*<sup>395</sup>; a relação dos ingleses com os empregados chineses e as suas vidas (privada e pública)<sup>396</sup>; o uso do *C.P.E.* e as dificuldades de comunicação dos “mighty English”<sup>397</sup> com os nativos<sup>398</sup>; o respeito pela lei portuguesa<sup>399</sup>, e as figuras históricas (cujos nomes e traços biográficos são atribuídos a personagens)<sup>400</sup>, entre outras temáticas que estudaremos de seguida.

Se, como verificamos nas primeira e terceira partes, a história se assume como uma estratégia literária e presença constante em «Macao» e *CBP*, o estudo da mesma torna-se necessário para compreendermos esses textos. O modo de vida inglês no eixo Macau-Cantão ficcionalizado em romances históricos denominados *Cantonese novels*<sup>401</sup>, como *CBP* e *An Insular Possession* (1986), de Timothy Mo, mantém-se relativamente imutável até ao final da Primeira Guerra do Ópio, episódio que transforma a vida ocidental na China para sempre e põe termo ao *old China way of life* descrito nas memórias de William C. Hunter<sup>402</sup> e ficcionalizado no romance de Coates. O cruzamento das fontes portuguesas, inglesas e chinesas com *CBP* revela que a narrativa, ao representar de forma realista a estada dos sobrecargas em Macau, se aproxima do conteúdo dos materiais históricos que nos permitem reconstituir a presença da E.I.C. no Sul da China durante o século XVIII daí a originalidade do romance ao apresentar o quotidiano dos ingleses no enclave, em repouso, preenchendo ficcionalmente o ‘vazio’ da massa documental que, como já afirmámos, se ocupa sobretudo dos negócios e da estada do Comité Selecto em Cantão.

---

<sup>393</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>394</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>395</sup> *Ibidem*, pp. 15, 95, 166, 170, 189.

<sup>396</sup> *Ibidem*, pp. 14-16, 19, 23-28, 30-31, 47, 97-98.

<sup>397</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>398</sup> *Ibidem*, pp. 18-19, 22, 35, 42-45, 145, 243, 298.

<sup>399</sup> *CBP*, pp. 244-276.

<sup>400</sup> *Ibidem*, *passim*. Referimos, a título de exemplo e para além do casal Van Mierop: Henry Browne, George Cuming, Henry Pigou e Alexander Duncan.

<sup>401</sup> Expressão utilizada por Richard Todd, «Confrontation within Convention. On the Character of British Postmodern Fiction», in Theo D’Haen e Hans Berten (eds.), *Postmodern Fiction in Europe and the Americas*, 1988, p. 124, para designar romances como *An Insular Possession*, de Timothy Mo, cuja acção tem lugar no delta do rio das Pérolas (Cantão-Macau-Hong Kong).

<sup>402</sup> William C. Hunter, *The ‘Fan Kwae’ at Canton before the Treaty Days 1825-1844* (1882) e *Bits of Old China* (1885). Sobre a descrição de Macau em ambas as obras, veja-se Rogério Miguel Puga, s.v. «Hunter, William C.», in Yuwu Song (ed.), *Encyclopedia of Chinese-American Relations*, 2006, p. 142.

## 9. A REPRESENTAÇÃO DE MACAU NA LITERATURA INGLESA

In 1959, the British novelist Ian Fleming is said to have sat on a Macao balcony overlooking the Pearl River estuary and mused: ‘I suppose a man could be happier here than anywhere else in the world.’ He paused, sipped his drink, and gazed at the boats tacking up-river. ‘For about a fortnight.’

Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), *Macao: Mysterious Decay and Romance*, 1997, p. xvii

Com base na história da presença inglesa em Macau e na representação da cidade na obra de Austin Coates, procederemos neste capítulo à contextualização dessa mesma representação na literatura inglesa em geral, desde o século XVI, em obras como *Principal Navigations*, de Richard Hakluyt, passando por romances como *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, até ao século XXI. Apresentaremos apenas os motivos literários<sup>403</sup> mais significativos da imagem de Ou-Mun na literatura inglesa, uma vez que, nas terceira e quarta partes, estudaremos os pontos de contacto intertextual entre *CBP* e diversos relatos de viagem e romances anglófonos. A presente síntese encontra-se no final da segunda parte, após a análise de inúmeras fontes inglesas, pois o conhecimento da história da presença britânica no Sul da China permite-nos abordar, de forma diacrónica, a representação de Macau como cidade cronotópica<sup>404</sup>, uma vez que muita da informação que se encontra em relatos de viagem, poemas, contos e romances vem, como veremos, de “fora do texto para o texto”, exigindo, portanto, um estudo atento a todas as direcções que apontam para o mesmo<sup>405</sup>.

A cidade das promessas por cumprir está longe de poder ser considerada um espaço urbano como Lisboa ou Londres, aproximando-se, quer em termos de área

---

<sup>403</sup> Para um estudo sobre o motivo literário (tema, objecto, padrão verbal e imagem recorrentes/ elemento descritivo das atmosferas de uma obra), veja-se William Freedman, «The Literary Motif», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, 1998, pp. 206-208.

<sup>404</sup> Mikhail Bakhtin, *The Dialogic Imagination*, p. 84, define a dimensão cronotópica do romance como “[...] the process of assimilating real historical time and space in literature [...] the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature [...], it expresses the inseparability of space and time [...]. Spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole [...]”.

<sup>405</sup> Expressão de Carlos Ceia, *Textualidade: Uma Introdução*, 1995, p. 49.

geográfica, quer em termos sociais da chamada cidade ou vila de província; e, se Dickens é associado à capital inglesa, Austin Coates é imediatamente associado a Macau. O espaço histórico em questão adquire uma importância primordial no nosso estudo ao estabelecer articulações funcionais e temáticas com as demais categorias da narrativa, pois comporta os componentes físicos, sociais, económicos e psicológicos do cenário da acção para os quais o próprio título *CBP* remete. A descrição espacial de Macau na literatura anglófona contempla uma extensão alargada de espaços interiores e públicos, passando pela China profunda, sendo o território referido em vários romances de aventura desde 1999 como “[...] former Portuguese colony [...]”<sup>406</sup>, na qual o viajante pode observar e entrar em contacto com a China profunda com um pé sempre no Ocidente<sup>407</sup>.

São inúmeros os micro-espços contemplados no romance de Coates, desde o espaço solitário, colectivo e estático às esferas sociais e psicológicas dos diversos ambientes e atmosferas das comunidades características do período representado ficcionalmente. Se Cantão é um local apenas reservado aos sobrecargas e, portanto, masculino, o enclave luso-chinês apresenta-se como um universo feminino por excelência, revisitado e comentado pelas personagens, bem como pelo narrador e pelo leitor.

Tal como indicam os títulos das sete partes que constituem o *Handbook of Urban Studies* (2001)<sup>408</sup>, a urbe pode ser lida como economia, ambiente, multidão eclética, política, (discurso do) poder e progresso/transição, exigindo essa variedade de dimensões uma abordagem pluridisciplinar do espaço humano. Se os estudos urbanos advogam a necessidade de se interpretar a cidade através de uma perspectiva multidisciplinar<sup>409</sup>, Carlos Rotella chama a atenção para o facto de espaços urbanos reais, como Macau no caso de *CBP* e «Macao», serem obviamente também “moldados” pela imaginação<sup>410</sup>, enquanto Joachim von der Thüßen aborda a cidade como metáfora,

---

<sup>406</sup> Vide Jeffrey Stone e Louise Little, *Letters to Rainbow: A Romantic Adventure Novel*, 2004, p. 141 e Donald G. Moore, *White Lotus*, 2004, p. 103, ambos publicados como ebooks.

<sup>407</sup> Cf. L. Strahan, *Australia's China: Changing Perceptions from the 1930s to the 1990s*, 1996, p. 176.

<sup>408</sup> Ronan Paddison (ed.), *op. cit.*, 2001, pp. 1-11.

<sup>409</sup> Vide Lewis Mumford, *The City in History*, 1979, pp. 282-287; Mary Ann Caws (ed.), *City Images: Perspectives from Literature, Philosophy and Film*, 1993, pp. 1-12; Richard Lehan, *The City in Literature*, 1998, pp. 8-9; Jan Birksted (ed.), *Relating Architecture to Landscape*, 1999, pp. 1-2; Kevin Lynch, *The Image of the City*, 2000, pp. 1-13; Gary Bridge e Sophie Watson (eds.), *A Companion to the City*, 2003, p. 1 e Joachim von der Thüßen, «The City as Metaphor, Metonym and Symbol», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, 2005, p. 1.

<sup>410</sup> Carlos Rotella, *October Cities: Redevelopment of Urban Literature*, 1998, pp. 3, 14-15.

metonímia e símbolo na literatura ocidental, tipologia de que partimos para analisar a representação de Macau na literatura inglesa e especificamente em *CBP*:

On the symbolical level, the city is seen as an image of something larger than itself [...]. Literature has both celebrated the city as the supreme expression of wealth, of energy, of the amalgam of living styles and, conversely, as representative of modern society's ills, its anonymity, egotism, oppression, and anxiety. [...] On the metaphorical level of image-making, the city is represented in terms of relatively concrete constructs and processes that often have no overt connection to urban life. Thus the city is seen as a body, monster, jungle, ocean or volcano. Such metaphorical equations usually have an ideological quality. [...] Such subsequent images complement each other or, as more often happens, cancel each other. [...] On the metonymic level [...] the image of the city is made up of customs, structures and buildings which are specific to that particular city<sup>411</sup>.

Como o autor afirma na sequência destas palavras, a imagem da urbe não é homogênea, consistindo num conjunto de “visões” parciais e heterogêneas, fenómeno que se verifica em *CBP* através da apresentação de Macau a partir dos mais variados pontos de vista: a opressiva terra natal das mulheres chinesas e portuguesas, a residência secular dos lusos e a cidade comercial dos ingleses, personagens que se movem em esferas e espaços específicos. Se a experiência das nativas abandonadas pelos sobrecargas é veiculada pela expressão metafórica que dá título ao romance de Coates, os elementos etno-históricos que se acumulam ao longo da narrativa funcionam como símbolos do espaço e do tempo e veiculam a cor local, bem como as especificidades de uma cidade-fronteira isolada no Sul da China que Martha acaba por conquistar ao longo do seu processo de formação, como veremos nas terceira e quarta partes.

Até à segunda metade do século XIX, a Cidade do Santo Nome de Deus marca uma presença constante na literatura de língua inglesa através de relatos de viagem, intensificando-se a sua representação na ficção britânica a partir da fundação de Hong Kong. Aliás, como acontece em *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* (1872), de Jules Verne, Macau é muitas vezes visitada e até descoberta na sequência de uma visita à colónia inglesa<sup>412</sup>, centro financeiro ao qual o sonolento entreposto português é compa-

---

<sup>411</sup> Joachim von der Thüsen, *op. cit.*, pp. 1-3. Sobre a representação literária da cidade em geral, vejam-se Peter Preston e Paul Simpson-Housley (eds.), *Writing the City*, 1994, pp. 2-12 e Hana Wirth-Nesher, *City Codes: Reading the Modern Urban Novel*, 1996, pp. 1-28.

<sup>412</sup> Jules Verne, *Voyage Around the World in Eighty Days*, 1991, pp. 115, 125 (obra traduzida para inglês em 1873).

rado por dissemelhança, por exemplo, na poesia de W. H. Auden e em guias de viagem actuais<sup>413</sup>. Como concluímos em dois outros estudos<sup>414</sup>, o enclave, enquanto porta de entrada e residência ocidental na China, é descrito como simultaneamente português (familiar) e chinês (exótico). As descrições de viajantes, narradores e sujeitos poéticos apresentam as diversas dimensões que compõem o tecido urbano do território, nomeadamente a população e o comércio, a arquitectura e os tipos sociais<sup>415</sup>, as relações sino-portuguesas, as formas de viver das diversas comunidades<sup>416</sup>, os monumentos mais célebres, como o farol da Guia, as ruínas de São Paulo, os jardins, as fortalezas e igrejas católicas, os templos chineses<sup>417</sup>, a “picturesque bay” da Praia Grande<sup>418</sup>, bem como os espaços públicos e privados, elementos que concorrem para a caracterização do espaço da acção, à semelhança do que acontece em «Macao» e *CBP*, como veremos ao longo deste estudo.

De acordo com Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, a produção literária portuguesa em torno de Macau não é muito profícua até ao início do século XX<sup>419</sup>, sendo a maioria das descrições da cidade elaborada por viajantes estrangeiros, nomeadamente britânicos e norte-americanos<sup>420</sup>, que se deslocam ao Extremo Oriente no âmbito de circum-navegações, viagens científicas, de trabalho, de lazer e de expedições militares, religiosas ou diplomáticas, muitos deles apenas ‘de passagem’, pelo que apresentam um

---

<sup>413</sup> Veja-se Rogério Miguel Puga, «“Macau” e “Hong Kong” de W. H. Auden: Uma Abordagem Comparativista», *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, vol. 15, n.º 55: 1, 2002, pp. 325-338. Para uma comparação entre a frenética Hong Kong e a pitoresca Macau, veja-se o guia de viagem Jules Brown e Sophy Fisher, *The Rough Guide to Hong Kong & Macau*, 2002, p. iii: “Macau makes Hong Kong look like the gaudy arriviste it is”.

<sup>414</sup> Rogério Miguel Puga, «Macau enquanto ‘Cronótopo’ Exótico na Literatura Inglesa», pp. 705-723 e *idem*, «Macau na Poesia Inglesa», pp. 847-882.

<sup>415</sup> **Vejam-se o relato de viagem de David Abeel**, *Journal of a Residence in China, and the Neighboring Countries*, 1836, pp. 63-70 e o romance de Susannah Broome, *The Pearl Pagoda*, 1980, pp. 42, 48.

<sup>416</sup> Aeneas Anderson, *op.cit.*, pp. 389-393.

<sup>417</sup> B. L. Ball, *Rambles in Eastern Asia*, 1856, pp. 409-411.

<sup>418</sup> Sir Rutherford Alcock, *The Capital of the Tycoon*, vol. 1, 1863, p. 19.

<sup>419</sup> Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho (eds.), *Viagem por Macau: Comentários, Descrições e Relatos de Autores Estrangeiros*, vol. 1, 1997, p. 7.

<sup>420</sup> Contemplamos neste capítulo algumas descrições norte-americanas de Macau devido ao detalhe e ao interesse das mesmas, pois, como afirma Bernard Mellor, na nota de abertura de Lindsay e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, 1996, p. xv, é nos escritos da comunidade norte-americana que encontramos a maioria das descrições da Macau oitocentista, estendendo-se a nossa análise da imagem literária de Macau ao espaço anglófono.

olhar esguio sobre esse espaço cosmopolita. Como vimos ao longo da segunda parte, o território, situado na China fechada ao exterior até meados do século XIX, funciona como um importante porto de escala e repouso, reabastecimento ou reparação de navios e de residência temporária no Império do Meio de ocidentais que aí se familiarizam com a cultura e a língua chinesas, sobretudo a partir do século XVIII. Os textos históricos em língua inglesa complementam o ‘olhar’ da documentação portuguesa no que diz respeito à história do quotidiano da urbe<sup>421</sup>, preenchendo ‘vazios’ históricos, como podemos concluir através do estudo comparatista quer desses textos entre si, quer dos mesmos e das fontes portuguesas. O entreposto divide-se em espaços como o militar (fortes e quartéis), o religioso (igrejas, conventos, instituições de caridade e templos chineses), o administrativo (palácio do governador, residência do mandarim da Casa Branca e instituições administrativas luso-chinesas) e o comercial (meios de transporte, casas comerciais, sedes das companhias e lojas), sendo estes também materializados através da presença de guardas africanos ao serviço do Império Português, da maioria chinesa da população, dos vendedores ambulantes, das senhoras transportadas em cadeirinhas, da ordem da cidadela cristã e do aparente caos do Bazar chinês, entre tantos outros marcadores simbólicos e culturais da fronteira urbana que Macau representa.

Tal como em *CBP*, o choque ou confronto de culturas marca o encontro civilizacional presente na maioria dos textos de língua inglesa, acabando as descrições do entreposto por ser filtradas de acordo com os interesses económicos e comerciais, as expectativas e limitações de quem observa e comenta a realidade distante. O católico português e o chinês representam um Outro para o recém-chegado protestante, que tenta decodificar as práticas culturais e religiosas justapostas nas faldas marítimas da China, tais como as celebrações do Ano Novo chinês e do Festival das Lanternas, e as procissões católicas<sup>422</sup>. Se viajantes ocidentais cansados da viagem, salvos de um naufrágio ou de um ataque de piratas, respiram de alívio por entre igrejas e fortalezas europeias no Extremo Oriente, alguns mercadores e diplomatas descrevem o poder luso de Macau como apenas nominal, por vezes em prol dos seus interesses económicos na China<sup>423</sup>, onde os ingleses, como vimos ao longo da segunda parte, se tentam estabelecer junto ou próximo dos portugueses desde a primeira metade do século XVII<sup>424</sup>.

---

<sup>421</sup> Sobre esta temática, veja-se Rogério Miguel Puga, «A Vivência Social do Género da Macau Oitocentista no Diário de Harriet Low (Hillard)», *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, vol. 15, n.º 56, Junho de 2002, p. 606.

<sup>422</sup> Veja-se, por exemplo, o romance de Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 107-108.

<sup>423</sup> George Staunton, *op. cit.*, pp. 384-389.

<sup>424</sup> *Vide* Alexander Michie, *op. cit.*, pp. 291-293.

O romance *The Pearl Pagoda* (1980), de Susannah Broome, reúne muitas das temáticas e dos elementos culturais associados à paisagem humanizada de Macau na ficção anglófona, pelo que nos deteremos nessa narrativa a fim de os analisar. No final de 1851, Megan Jones viaja de Gales para Macau, onde chega em Abril do ano seguinte com o objectivo de aí casar com Andrew Crosby, registando as suas primeiras impressões:

It was a beautiful sight. Across the bay lay the rolling brown hills of Southern China. Above the point stood a tall, white lighthouse and as we sailed nearer into the bay I caught sight of an imposing facade of pillars and arches and guessed this must be the ruin of the great church of São Paulo which had been destroyed nearly twenty years ago. The cross, undamaged, was silhouetted against the blue sky and as I gazed up at it I remembered how Arthur had told me it was the Portuguese who first brought Christianity to Macao. Originally the name Macao came from that of Liang Ma, or A-Ma, as the Chinese called her, the goddess of fisherman [...]. This small rocky peninsula was now to be my home [...] <sup>425</sup>.

Tal como em *CBP*, muitos dos factos históricos sobre a cidade são incorporados na narrativa durante descrições (através dos pensamentos) das próprias personagens. No excerto em questão encontram-se condensadas temáticas como a origem etimológica do nome da urbe <sup>426</sup> e imagens como as ruínas de São Paulo e a cruz no topo da sua fachada, supostamente também cantada por Sir John Bowring num dos seus hinos, como vimos no quarto capítulo da primeira parte. O farol referido no excerto é o da Guia, o primeiro a brilhar na costa da China, mas que apenas é inaugurado em Setembro de 1865 <sup>427</sup>, ou seja, algumas dezenas de anos após o tempo da acção deste romance. Como veremos no próximo capítulo, o romance histórico surge da fusão da História com a ficção, sendo os anacronismos e os episódios ficcionais característicos do subgénero.

Ao chegar ao enclave, Megan descobre que o seu noivo faleceu há uma semana e se encontra sepultado no “Cemitério Protestante” de Macau, um local histórico ainda

---

<sup>425</sup> Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 27-28. Na página 91, a narradora descreve a população fluvial de Macau em juncos, sampanas e tancás, por entre vozes nativas.

<sup>426</sup> Sobre a origem etimológica do nome da cidade, veja-se Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, «A Deusa-Amá e o Topónimo Macau», *MacaU*, 3.<sup>a</sup> série, n.º 17, Fevereiro de 2004, pp. 95-108.

<sup>427</sup> Cf. Pedro Dias, *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau 1557-1911*, 2005, p. 104.



hoje relacionado com a presença inglesa no território, e que volta a ser descrito na página 213. A jovem instala-se numa das vivendas da Praia Grande e descobre, através dos cules, que Andrew foi vítima do ópio. Ao longo do texto acumulam-se motivos literários do horizonte macaense que marcam presença na ficção inglesa em geral, espaços, monumentos, tipos sociais e referências ao clima, ao tráfico de anfião, à missionação católica e ao transporte da mulher na cadeirinha<sup>428</sup>, elementos que serão por nós estudados nas terceira e quarta partes relativamente a *CBP*, tal como o uso do *C.P.E.*, língua de contacto através da qual Megan comunica com os empregados nativos: “Missee like go Glotto. Muchee nicee. Muchee people look see. [...] Tlees, flowels – Muchee pleety. You likee Glotto”<sup>429</sup>. Esta última referência é imediatamente associada pelo leitor informado à Gruta de Camões, onde, segundo reza a lenda, o bardo redige uma parte da sua epopeia<sup>430</sup>, tal como a narradora refere: “[...] a garden or Grotto built round the statue of Camoens, the famous Portuguese poet. Apparently he had written part of his famous poem *Lusiades* while living in Macao”<sup>431</sup>. O solitário e pacífico monumento é descrito enquanto o suposto exílio do poeta é associado indirectamente à situação em que a própria narradora se encontra.

O passeio pela cidade dá lugar à descrição de locais e monumentos como o Leal Senado, o Hospital de São Rafael, a Santa Casa da Misericórdia, a sede da Companhia das Índias, a Avenida Almeida Ribeiro, a Ermida da Penha, o Forte e o Observatório do Monte, as ilhas da Taipa e de Coloane e a fachada da Igreja de São Paulo, “[...] which, so Mr Meade told [her...], had been built by the first Japanese Christians in 1602 and destroyed by fire in 1835, not twenty years ago. The original edifice had served as Jesuit College of the Mother of God”<sup>432</sup>. Mais uma vez, o motivo cronotópico das ruínas de São Paulo marca o tempo e caracteriza o espaço da acção, podendo o leitor atestar a veracidade dos factos avançados pela narradora com base em dados fornecidos por um informante local, fonte de saber essencial para qualquer viajante recém-chegado. De acordo com o Padre Manuel Teixeira, a Igreja da Assunção de Nossa Senhora, cuja edificação começa em 1602, é inaugurada no ano seguinte, tendo trabalhado na sua

---

<sup>428</sup> Susannah Broome, *op. cit.*, p. 35.

<sup>429</sup> *Idem, ibidem*, p. 36 (veja-se também p. 71).

<sup>430</sup> Sobre a ‘lenda’ da estada de Camões em Macau, consultem-se Padre Manuel Teixeira, *A Gruta de Camões em Macau*, 1999, pp. 7-27 e Rui Manuel Loureiro, «Camões em Macau. Um Mito Historiográfico», *Revista de Cultura*, n.º 7, Julho de 2003, pp. 108-125.

<sup>431</sup> Susannah Broome, *op. cit.*, p. 36.

<sup>432</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.



construção católicos japoneses fugidos da sua pátria devido às perseguições contra a sua religião<sup>433</sup>. O autor informa ainda que, em Janeiro de 1835, um incêndio destrói a Igreja e o Colégio de São Paulo, ficando apenas de pé a fachada. A narradora refere também a imponente residência do governador de Macau, identificado como Isidoro Francisco Guimarães, facto que o leitor interessado poderá confirmar em qualquer cronologia da história de Macau<sup>434</sup>.

Quer na poesia, quer na ficção inglesas, os portugueses são referidos como pioneiros no que diz respeito à presença ocidental no Extremo Oriente<sup>435</sup>, e a Cidade do Santo Nome de Deus é representada predominantemente de forma realista<sup>436</sup>, pelo que o leitor identifica facilmente os locais e os referentes extratextuais a que os narradores e as personagens se referem, como se verifica no romance de Coates.

O motivo da Babel de línguas desconhecidas nas ruas do território marca também presença na narrativa de Susannah Broome, tal como a religião tradicional chinesa<sup>437</sup>. À semelhança do que acontece em *CBP*, a busca de um marido em Macau torna-se um tema recorrente, pois o capitão Hawkins sugere duas vezes à narradora que esta poderá casar com um dos muitos sobrecargas da Companhia das Índias, enfatizando a dependência que as mulheres sentem em relação à protecção masculina, sobretudo em territórios longínquos. Se o leitor atentar no contexto histórico extratextual, concluirá que as referências à vivência quotidiana dos sobrecargas em Macau são anacrónicos,

---

<sup>433</sup> Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 142.

<sup>434</sup> *Idem*, *Residência dos Governadores de Macau*, 1999, p. 52.

<sup>435</sup> Han Suyin, *The Enchantress*, 1985, p. 133.

<sup>436</sup> Como vimos na introdução, David Lodge, *Modes of Modern Writing*, p. 25, afirma sobre o conceito de realismo: “For obvious reasons, a verbal text can never be mistaken for the reality it refers to [...], the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture. [...] Thus the realistic novel, from its beginning in the eighteenth century, modelled its language on historical writing of various kinds, formal and informal: biography, autobiography, travelogue, letters, diaries, journalism and historiography.” Todos esses modelos e formas de escrita se encontram, como veremos, presentes em *CBP*, à excepção da escrita jornalística. David Lodge, «Analysis and Interpretation of the Realist Text», *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 5-18 e *idem*, *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*, 1971, p. 4, afirma ainda: “[...] a particular mode of presentation which, roughly speaking, treats fictional events as if they were a kind of history, or in a more qualitative sense, to denote a literary aesthetic of truth-telling”. Já Michael Riffaterre, *Fictional Truth*, 1993, pp. xiii-xiv, afirma que a verdade na ficção assenta na verosimilhança, um sistema de representações que parece reflectir uma realidade externa no texto, sendo, no entanto, um fenómeno linguístico.

<sup>437</sup> Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 55, 58, 61-63, 73.

uma vez que o monopólio da E.I.C. na China termina em 1834 e a acção da narrativa tem lugar em 1852, fenómeno literário característico do romance histórico enquanto subgénero híbrido, como veremos também em relação a *CBP*.

Megan acaba por casar com um comerciante, Robert, e regressar à Europa, tal como os sobrecargas em muitos dos romances cuja acção tem lugar no âmbito do *China trade*, nomeadamente o de Austin Coates. O enclave é assim representado amiúde como um espaço onde se instalam as mulheres e os familiares de comerciantes ocidentais devido à proibição chinesa de estes entrarem no Império do Meio, como Megan refere no início da narrativa ao resumir a história da cidade, que se transforma num espaço de fronteira por excelência. À semelhança do que acontece em *CBP*, a narradora resume a história da presença inglesa em Macau e refere a importância da urbe para o comércio britânico no Extremo Oriente, contextualizando a acção do romance e traduzindo termos nativos, como *hong*, desconhecidos da maioria dos leitores europeus:

Macao [...] was a colony held by the Portuguese under tolerance from the Chinese since 1557. With the opening of the great 'Hong's', the word meaning a commercial establishment or warehouse, along the waterfront at Canton city, many of the beautiful old villas which had been built by the Portuguese were rented by various merchants, for foreigners were not permitted to have their wives and children living with them at Canton. In consequence, when the tea sales were over the merchants, of different nationalities, came back to live in Macao with their families before returning once again, to carry on the trade that existed between China and the out-side world<sup>438</sup>.

O excerto apresenta o espaço longínquo e desconhecido para onde a protagonista se dirige, antecipando o ambiente cosmopolita que esta aí encontrará, levando-a a concluir: "Here East and West met as in no other city or province in the world"<sup>439</sup>.

A maioria das descrições do território, tal como no romance de Coates, tem início quando o viajante chega ao rio das Pérolas, partindo do geral para o particular, como podemos verificar no relato de viagem de George Bennett: "This ancient colony of the Portuguese, in China, has a very picturesque and romantic aspect on approaching it from the sea [...]"<sup>440</sup>. As igrejas e fortalezas altaneiras, as ilhas adjacentes, a popu-

---

<sup>438</sup> *Idem, ibidem*, p. 17.

<sup>439</sup> *Idem, ibidem*, p. 49.

<sup>440</sup> George Bennett, *Wanderings in New South Wales*, vol. 2, 1834, p. 27.

lação fluvial e as românticas ruínas ilustram a primeira impressão da cidade simultaneamente pitoresca e decadente, que de longe mais parece uma aldeia portuguesa ou mediterrânica, não fossem os templos e outras construções orientais e a população maioritariamente chinesa<sup>441</sup>. Após percorrer as sinuosas e calcetadas vielas e os “[...] filthy little Macao alleys [...]”<sup>442</sup>, o visitante familiariza-se com o território a desvendar, recolhendo impressões de monumentos como a Casa Garden, a Gruta de Camões<sup>443</sup>, os edifícios de prestígio portugueses como o Leal Senado, a Santa Casa da Misericórdia e os muitos conventos, fortes, igrejas e moradias que adornam a orla da Praia Grande, onde chegam os tancás e juncos que transportam os viajantes da Rada até aos portos interior e exterior<sup>444</sup>.

Romances como *Noble House* (1981), de James Clavell, representam a cidade no início do século XX nos seguintes termos: “[...] old wordly, very pretty [...] very different from Hong Kong [...]. Dear old Portuguese Macao feeds off illegal gambling and gold smuggling and that’s what keeps them alive [...]”<sup>445</sup>, imagem também presente em *Thrilling Cities* (1963), de Ian Fleming, que descreve «Macao» como uma plataforma comercial onde o enigmático Dr. Rodrigo Lobo trafica ouro, actividade que a torna “[...] one of the most interesting market-places in the world, and one with many secrets”<sup>446</sup>. Actividades económicas e turísticas como o jogo, a prostituição e a restauração têm lugar num enclave arquitectonicamente decadente, exótico e pitoresco, ambiente que leva Fleming a compará-lo a um antigo cemitério<sup>447</sup> onde imperam os negócios obscuros das tríades. A imagem negativa do jogo é também transmitida por uma voz feminina, “Betty”, em missivas publicadas no jornal de Hong Kong, *China Mail*, e posteriormente reunidas com o título *Intercepted Letters: A Mild Satire on HongKong Society* (1905), obra que refere a utilização de Macau como local de retiro pelos residentes da colónia inglesa, que se passeiam pelos montes e pelo jardim da Gruta de Camões<sup>448</sup>.

---

<sup>441</sup> Vide J. Thomson, *The Straits of Malacca, Indo-China and China or Ten Years’ Travels, Adventures and Residence Abroad*, 1875, pp. 275, 277.

<sup>442</sup> James Clavell, *Noble House*, 1981, p. 19.

<sup>443</sup> Lady Anna Brassey, *Around the World in the Yacht ‘Sunbeam’*, 1889, pp. 370-375.

<sup>444</sup> James Wathen, *Journal of a Voyage in 1811 and 1812, to Madras and China*, 1814, pp. 169-176.

<sup>445</sup> James Clavell, *op. cit.*, pp. 89, 156, respectivamente.

<sup>446</sup> Ian Fleming, *Thrilling Cities*, 1963, p. 30.

<sup>447</sup> *Idem, ibidem*, p. 31.

<sup>448</sup> Betty, *Intercepted Letters: A Mild Satire on the Hongkong Society*, 1905, pp. 29-31.

Relativamente à imprensa europeia na Cidade do Santo Nome de Deus, refira-se a importância de alguns periódicos em língua inglesa nos quais autores portugueses, britânicos e norte-americanos publicam artigos, crónicas e estudos sobre o território. Enquanto *The Canton Register* (1827-1844), *The Canton Miscellany* (1831-1832), *Chinese Courier/Canton Gazette* (1831-1833), *The Chinese Repository* (1832-1852), *The Evangelist and Miscellanea Sinica* (1833) e *The Canton Press* (1835-1844) são fundados em Cantão e Macau por residentes britânicos e norte-americanos, *The Macao Review* (1929-1930), *Macao Herald* (1943), *The Macao Tribune* (1943-1945, suplemento semanal de *A Voz de Macau*) e *The Clarion* (1943-1945, suplemento de *Religião e Pátria*) são publicados no enclave luso-chinês por portugueses e residentes anglófonos, tendo jornais como o *Renascimento* (1943-1945) também edição inglesa<sup>449</sup>. Os textos publicados nesses periódicos contribuem para a tradução de composições literárias portuguesas e para a formação da imagem do território em língua inglesa<sup>450</sup>, à semelhança do que acontece com antologias como *Traveller's Tales of the South China Coast* (1986)<sup>451</sup>.

Durante a estada em Macau, o ocidental familiariza-se com a dimensão exótica da cidadela chinesa através de visitas a templos e ao Bazar chinês, por entre os pregões de vendedores ambulantes que trazem as donas de casa à janela para adquirir produtos domésticos. O visitante deambula pelos montes, enseadas e calçadas, enquanto a paisagem e a consciência urbanas se tornam subjectivas ao serem filtradas e descodificadas através de tradições e festas religiosas chinesas e lusas. O ritmo quotidiano é também descrito através das tarefas e dos hábitos de ordens religiosas e comunidades típicas, como os mercadores, a dona de casa que apenas sai de casa coberta pelo dó para ir à missa ou visitar familiares, as prostitutas, os pedintes, os cafres maltrapilhos que guardam a cidade e o palácio do governador, os empregados nativos a falar *C.P.E.* e os sobrecargas e famílias que passeiam pela Praia Grande e colinas acima, demonstrando que a cidade é forçosamente interpretada de vários pontos de vista.

A complexidade da imagem do espaço urbano num romance histórico como *CBP* exige que o estudo da representação de Macau seja feito a partir de ‘olhares’ de várias

<sup>449</sup> Vide Padre Manuel Teixeira, *A Imprensa Periódica Portuguesa*, pp. 14-25, 137-227.

<sup>450</sup> A título de exemplo, veja-se a tradução do soneto de Camões «Alma minha gentil, que te partiste», em *The Macao Review*, vol. 2, n.º 3, Setembro de 1930, p. 1 e o artigo «First Impression of Macao», assinado “Hong Kong Boy”, *The Macao Review*, vol. 1, n.º 2, Janeiro de 1930, p. 19.

<sup>451</sup> Michael Wise e Mun Him Wise (eds.), *Traveller's Tales of the South China Coast*, 1986, pp. 20-166.

disciplinas, assumindo-se as relações de poder, o género, a miscigenação<sup>452</sup>, as diferenças sociais e o frenesim do jogo e do comércio do território como estratégias narrativas e temáticas que veiculam a singularidade do mesmo. O pitoresco enclave é considerado um espaço essencial para as relações sino-ocidentais, como reconhece a viajante Alicia Helen N. Little (Mrs. Archibald Little) em 1902, ao descrever o mesmo através de adjectivos como “languid”, “exquisite” “sunshiny” e “romantic”<sup>453</sup>, antes de comparar a Praia Grande à baía de Nápoles, imagens que se repetem no seu romance *A Millioner’s Courtship* (1906) e nos dois estudos historiográficos de Austin Coates sobre Macau que abordámos na primeira parte.

Em meados do século XIX, a Rada de Macau funciona como teatro da Guerra do Ópio, onde as tripulações britânicas permanecem antes do conflito militar com a China, que é representado em inúmeros relatos<sup>454</sup> e romances<sup>455</sup> anglófonos. A pluralidade de imagens de Macau leva David Clarke a listá-la como *cinematic city*<sup>456</sup> e o narrador do conto «The Short War of Mr. and Mrs. Conner», de Ward Just, a defini-la como “[...] a movie set [...]”<sup>457</sup>, sendo o seu tecido urbano local de acção de narrativas fílmicas como o *film noir Macao* (1952), realizado por Joseph von Sternberg, no qual contracenam Robert Mitchum e Jane Russell. O enclave é também representado como um retiro de prazeres para jogadores, criminosos e homens de negócios em inúmeros romances de viagem/aventuras, como *Lobster Calypso*, de David J. Andrews (2003)<sup>458</sup>, veiculando o estatuto de que o enclave goza como Las Vegas do Oriente em guias turísticos<sup>459</sup> e como um destino remoto para o turista ocidental, por exemplo, em *Travels with My Aunt* (1969), de Graham Greene<sup>460</sup>.

---

<sup>452</sup> Veja-se o romance de Timothy Mo, *The Redundancy of Courage*, 2002, pp. 40-41.

<sup>453</sup> Mrs. Archibald Little, *The Land of the Blue Gown*, 1902, pp. 332, 336.

<sup>454</sup> Vide John Outcherlony, *The Chinese War: An Account of All the Operations of British Forces from the Commencement to the Treaty of Nanking*, 1844, pp. 76-78.

<sup>455</sup> James Clavell, *Tai-Pan*; Margaret Gaan, *Red Barbarian*, 1984 e Timothy Mo, *An Insular Possession*, que abordaremos na terceira parte (subcapítulo 5.2.1).

<sup>456</sup> David Clarke, *The Cinematic City*, 2002, p. 100.

<sup>457</sup> Ward Just, *op. cit.*, p. 172.

<sup>458</sup> David J. Andrews, *Lobster Calypso*, 2003, pp. 30, 35, 274.

<sup>459</sup> Vide Brad Olsen, *World Stompers: A Global Travel Manifesto*, 2001, p. 194, e Vanessa Lide Whitcomb e Michael Benson, *The Complete Idiot’s Guide to Modern China*, 2003, p. 224

<sup>460</sup> Graham Greene, *Travels with My Aunt*, 1993, p. 68. O romance de Gerald Vizenor *Hotline Healers*, 1997, pp. 2, 57-58 também apresenta Macau como uma “exotic residence” onde abundam casinos.

Quer os relatos de viagem, quer as narrativas ficcionais representam as diversas comunidades em interação – chineses, portugueses, macaenses<sup>461</sup>, residentes ‘estrangeiros’ (sobretudo britânicos e norte-americanos) e comerciantes de outras nacionalidades –, com hábitos e traços culturais (vestuário, culinária, língua, religião) e fisio-nómicos próprios. Mercadores, aventureiros, missionários, escritores, diplomatas, jornalistas, *globe trotters* e turistas criam, muitas vezes de acordo com interesses pessoais ou nacionais, a sua imagem do território, que ora se identifica, ora se distancia do exótico universo tornado mais familiar pelos intérpretes e guias portugueses que, desde o século XVI, servem de intermediários e tradutores linguísticos e culturais entre o mundo ocidental e o Império do Meio.

A poesia em língua inglesa também se ocupa da dimensão multicultural e urbana do território através dos mais diversos artifícios<sup>462</sup>. Sir John Francis Davis, um dos primeiros governadores de Hong Kong (1844-1848), visita Macau diversas vezes e, em 1831, redige um poema em latim dedicado ao autor de *Os Lusíadas* cuja tradução inglesa é publicada no *Chinese Repository* (vol. 3, n.º 11, 1840) e posteriormente gravada numa pedra junto da Gruta de Camões. O sujeito lírico refere o silencioso local onde o bardo português encontrou paz para redigir a sua epopeia<sup>463</sup>, enaltecendo a fama eterna de uma das figuras históricas portuguesas associadas à presença lusa no Oriente e assim transformada num símbolo da cooperação anglo-portuguesa no Sul da China. Um sucessor de John Davis, Sir John Bowring, redige, provavelmente em 1849, o «Sonnet to Macao», sendo o entreposto caracterizado através da metáfora “Gem of the Orient Earth and open Sea [...]”<sup>464</sup> e a sua beleza natural, personificada sob a luz do sol, elogiada<sup>465</sup>. Esta última expressão é recuperada e alargada semanticamente na ficção macaense em língua portuguesa por Maria Pacheco Borges, na sua antologia de contos *Chinesinha* (1974), na qual a narradora do conto «Órfã» se refere a Macau como “[...] a minúscula pérola portuguesa encrustada na grande concha da China [...]”<sup>466</sup>.

---

<sup>461</sup> O primeiro romance de Timothy Mo, *The Monkey King*, 2000, pp. 5-6, descreve a situação de um macaense ou ‘filho da terra’, Wallace Nolasco, na Hong Kong dos anos (19)50, utilizando os seus antepassados europeus como símbolo do seu legado familiar e estatuto social/colonial superior.

<sup>462</sup> Sobre a representação e a presença do espaço urbano em geral na poesia anglófona, vejam-se Monroe Spears, *Dionysus and the City: Modernism in Twentieth-Century Poetry*, 1970, pp. 70-81 e Peter Barry, *Contemporary British Poetry and the City*, 2000, pp. 4-56.

<sup>463</sup> Vide transcrição do poema em Rogério Miguel Puga, «Macau na Poesia Inglesa», p. 854.

<sup>464</sup> *Idem, ibidem*, p. 857.

<sup>465</sup> Veja-se *idem, ibidem*, pp. 855-859.

<sup>466</sup> Maria Pacheco Borges, «Órfã», in *Chinesinha*, 1995, p. 17.

W. H. Auden visita a China em 1937-1938 e redige o soneto «Macao», cujo sujeito poético apresenta uma imagem culturalmente dupla do sonolento território marcado pelo exotismo e pelo prazer sem pecado, por oposição ao burburinho económico da Hong Kong comercial descrito num outro poema<sup>467</sup>. Macau é caracterizada como “[...] a weed from Catholic Europe [that...] took root/Between some yellow mountains and sea [...]”<sup>468</sup>, apresentando o texto, predominantemente descritivo, um policromático retrato do horizonte urbano que funciona como um singular “fruto exótico”, símbolo da vivência luso-chinesa. Nas quadras, o olhar do eu lírico demora-se nas imagens e estátuas de santos em estilo rocóco que prometem salvação aos jogadores, enquanto igrejas se acomodam lado a lado com bordéis enquanto materialização espacial do “comportamento natural” do ser humano que a fê pode perdoar, imagem essa continuada nos tercetos:

A town of such indulgence need not fear  
Those mortal sins by which the strong are killed  
And limbs and governments are torn to pieces:

Religious clocks will strike, the child vices  
Will safeguard the low virtues of the child,  
And nothing serious can happen here<sup>469</sup>.

Erotismo rima, portanto, com exotismo através do campo semântico da ingenuidade infantil, por entre vielas e edifícios da cidade, recordando os relógios e os sinos das altaneiras torres católicas que o inferno poderá esperar o viajante que se entrega aos mistérios e prazeres carnavais do Oriente. O verso final do soneto afirma que nada de importante poderia acontecer na sonolenta e pitoresca Cidade do Santo Nome de Deus, cujos excessos marcam também presença no romance *Cities of Sin* (1945), de Hendrik de Leeuw:

There is no question that it harbours in its hidden places all the ruffian of the world,  
the drunken shipmasters, the flootsam of the sea, the derelicts, and more shameless,

---

<sup>467</sup> W. H. Auden, *Collected Poems*, 1991, pp. 175-176. Consulte-se Donald C. Baker e Elizabeth D. Baker, «A Great English Poet on China, Hong Kong and Macao: W. H. Auden and “a Weed from Catholic Europe”», *Revista de Cultura*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 25, Outubro-Dezembro de 1995, pp. 241-248.

<sup>468</sup> W. H. Auden, *op. cit.*, p. 176.

<sup>469</sup> *Idem*, *ibidem*.



beautiful women than any port in the world. It is hell. But to those who whirl in its unending play, it is one haven where there is never a hand raised or a word said against the play of the beastliest emotions that ever blacken the human heart<sup>470</sup>.

Em 1949, G. H. Jollie, militar inglês a residir no Hotel Boa Vista<sup>471</sup>, publica, em Macau, uma antologia de poemas chineses traduzidos para inglês, aos quais junta uma série de composições poéticas da sua autoria já publicadas na imprensa local<sup>472</sup>. O título da obra, *The Edge of the World: Translations from the Chinese and Some Additional Poems*, remete desde logo para a posição periférica do enclave em relação aos centros de cultura e poder ocidentais, para a sua localização geográfica no Império do Meio e para o exercício de tradução linguística e cultural que o Autor desenvolve ao longo dos textos que traduz e compõe. O referido elemento paratextual da antologia de Jollie aponta, assim, para o conceito de fronteira étnica, cultural e mesmo civilizacional, uma vez que o termo ‘limite’ implica o fim geográfico de um mundo ou de uma dimensão do mesmo. A posição geopolítica marginal de Macau é também referida por Thomas, em *CBP*, quando chega à China e por autores como W. H. Davenport Adams, em 1886: “[...] the city [...] is situated three thousand leagues from Lisbon, [...] and set at the extremity of the known world”<sup>473</sup>.

Gerald H. Jollie falece aos 29 anos de idade, em Dezembro de 1950, cumprindo o seu dever militar na Malásia e deixa em Macau um “coração partido”, ou seja, uma namorada macaense<sup>474</sup>. Como vimos na segunda parte e tal como Coates representa em *CBP*, as estadas de sobrecargas, mercadores e militares ingleses na Cidade do Santo Nome de Deus dão origem a relações amorosas e a casamentos interétnicos, sendo as histórias de vida de Jollie e de Marta e Thomas Van Mierop dois exemplos dessa realidade.

---

<sup>470</sup> Hendrick de Leeuw, *Cities of Sin*, 1945, pp. 146-147.

<sup>471</sup> De acordo com Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 316, o Hotel Boa Vista é arrendado durante quatro anos (1946-1950) pelo Governo britânico como casa de repouso das Forças Armadas inglesas no Oriente, à semelhança do que acontece entre 1934 e 1937, quando Macau acolhe cadetes da Administração Civil de Hong Kong para aí aprenderem cantonense.

<sup>472</sup> Vejam-se o prólogo da obra e o n.º 6 da publicação mensal e trilingue (português, inglês e chinês) *Mosaico*, Janeiro de 1951, no qual Jollie publica alguns dos seus poemas («Poetry»).

<sup>473</sup> W. H. Davenport Adams, *Famous Caves and Catacombs: Described and Illustrated*, 1886, p. 190.

<sup>474</sup> Cf. Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 316, de acordo com quem o poeta dedica alguns textos à sua amada. De facto, o sujeito lírico aborda várias temáticas intimistas em torno do amor e da figura da sua companheira (G. H. Jollie, in *op. cit.*, pp. 20, 22, 24, 25, 26).



A segunda parte de *The Edge of the World*, intitulada «Poems», consiste numa série de poemas da autoria de Jollie nos quais são apresentados retratos do quotidiano macaense. O sujeito lírico agrupa termos e expressões que veiculam os diferentes níveis das unidades de sentido dos textos, nomeadamente a vivência infantil, as relações amorosas e o enclave *per se*, campos de significado nos quais a poetização de um espaço caracterizado de forma realista se justapõe às dúvidas metafísicas e aos elementos de uma natureza circundante que serve de fronteira natural a um local sonolento e marcado por fortes contrastes humanos, arquitectónicos e culturais. O *flâneur*<sup>475</sup> passeia-se pelas ruelas calcetadas, fornecendo ao leitor imagens da dimensão humana da urbe transfigurada através de recursos estilísticos como a metáfora e a comparação, enquanto o relógio parado no topo da catedral recorda que o tempo transforma os espaços domésticos e públicos nos quais o sorriso de uma criança mestiça prova que o “Oriente e o Ocidente se encontram”<sup>476</sup>. A miscigenação é um tema implícito no poema «Macao», no qual os romances entre ocidentais e nativas são descritos como nocturnos, ou seja, escondidos<sup>477</sup>, tal como o de Martha e Thomas em *CBP*. O sujeito lírico caracteriza o espaço multicultural do entreposto – “[...] at the world’s extreme [...] a siren land”<sup>478</sup> – através de adjektivos como “purple”, “strange”, “turquoise”, “idle”, “yellow”, “unnumbered” e “somnolent”, que por sua vez estabelecem uma estreita relação entre si e os substantivos que qualificam, construindo uma imagem do enclave onde reinam a indolência, a calma e o jogo, tal como no poema de W. H. Auden. Nos restantes textos da antologia acumulam-se ainda referências a espaços como a Praia Grande e o Colégio/Convento de Santa Rosa de Lima<sup>479</sup>, facilmente identificados pelo leitor informado<sup>480</sup>.

Em 1995, Alexandre Pinheiro Torres dedica uma antologia de poemas a Macau – *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*<sup>481</sup> – publicada simultaneamente em português e inglês. O título da obra remete quer para a passagem do tempo no enclave

---

<sup>475</sup> Dana Brand, *The Spectator and the City in Nineteenth-Century American Literature*, 1991, pp. 5-6, define esse conceito literário como o espectador que vagueia pela cidade sem qualquer propósito definido, observando a vida urbana.

<sup>476</sup> G. H. Jollie, «For Ah Kwai», in *op. cit.*, p. 23; tradução nossa.

<sup>477</sup> *Idem*, «Macao», in *op. cit.*, p. 26.

<sup>478</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>479</sup> *Idem*, «January Afternoon», e «Santa Rosa de Lima: The Convent School», in *op. cit.*, p. 20. Sobre o recolhimento feminino, veja-se Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 117-119.

<sup>480</sup> Consulte-se, para um estudo dos poemas de Jollie, Rogério Miguel Puga, «Macau na Poesia Inglesa», pp. 861-872, em que traduzimos cinco dessas composições.

<sup>481</sup> Os poemas são traduzidos para inglês por Deborah Nickson e revistos pelo poeta John Freeman.

desde a sua fundação portuguesa (c. 1557), quer para a transição da administração do território para a República Popular da China (1999), pouco antes do início do novo século/milénio. As 41 composições poéticas sugerem o carácter pluricultural da urbe metaforizado nos diversos gatos famintos que percorrem os cemitérios chineses, ingerindo as oferendas “[...] that the dead can only smell [...]” deixadas por nativos como culto aos seus antepassados, repasto que os animais não encontram nos túmulos das galilés ocidentais, onde “[...] the angel isn’t for eating”<sup>482</sup>.

Macau é caracterizada como um aeroporto cosmopolita de onde se voa para o mundo<sup>483</sup> e no qual a ‘alma portuguesa’ se faz sentir ao lado da chinesa<sup>484</sup>, como recordam os termos associados ao campo semântico da vivência multissecular cultural do enclave: bruma-mistério, caligrafia, século, céus-asas-voar, jogo, cidade-pérolas-ostras, lótus, Camões, Portas do Cerco, ilhas da Lapa e da Montanha, lorchas e fortalezas. O olhar do sujeito lírico filtra os becos de Monghá, os tancás, os casinos flutuantes e o Farol da Guia por entre mercados chineses onde tilinta a pataca, símbolo da prosperidade local<sup>485</sup>. A par das paisagens características do território, como os andaimes construídos com canas de bambu, o chá, os idosos do Largo do Leal Senado e o jogo<sup>486</sup>, a antologia vai reunindo cumulativamente diversos *ex-libris* do espaço (re)visitado, como por exemplo a fachada personificada das ruínas de São Paulo, que, iludida, vive (n)um eterno drama ascético, sendo um “[...] cemetery of stone [...] flapping its wings to take flight [...]”<sup>487</sup> que, agarrado ao chão de Macau pelo peso da âncora, remete para os Descobrimentos portugueses, à semelhança do poema «Macao», de Austin Coates.

As imagens que temos vindo a estudar no que diz respeito à representação de Macau na poesia inglesa repetem-se em várias composições poéticas mais recentes. O sujeito lírico de «A Sight in Macao» (1993), de Anne Rouse, descreve um quadro humano e não tanto espacial ao longo de duas sextilhas de métrica irregular. Uma mulher chinesa arrasta-se pela urbe, enquanto jovens, rodeados de dragões de fumo chineses, celebram o Ano Novo e se dirigem aos padres católicos lusos, junto à fachada das ruínas de São Paulo. O erotismo marca presença no texto através da relação dos

---

<sup>482</sup> Alexandre Pinheiro Torres, «Cemeteries», in *op. cit.*, p. 58.

<sup>483</sup> *Idem*, «To Live, to Survive», in *op. cit.*, p. 60.

<sup>484</sup> *Idem*, «Inheritances», in *op. cit.*, p. 66.

<sup>485</sup> *Idem*, «The Blood of Lotus», «Where to Fly», e «Humanity Digested», in *op. cit.*, pp. 44, 64 e 46, respectivamente.

<sup>486</sup> *Idem*, «Life, the Game», in *op. cit.*, p. 22.

<sup>487</sup> *Idem*, «St. Paul’s», in *op. cit.*, p. 50.

“businessmen” norte-americanos, que olham para a vigilante pedinte chinesa como o “available East”<sup>488</sup>, enfatizando as dimensões feminina e masculina do mundo que se desvenda perante o olhar do turista.

O poema «Macao» (2003), de Charles Thomlinson, funciona também como uma descrição, mas dos elementos culturais da Cidade do Santo Nome de Deus, assentando a sua estrutura na enumeração de paisagens específicas portuguesas, inglesas e chinesas, como a árvore do pagode (“Banyan”), visível por toda a cidade<sup>489</sup>, como também o texto refere, as fachadas de igrejas, o incenso, o Templo de A-Má, a capela e o cemitério protestantes. A composição poética, composta por 32 versos curtos e de métrica irregular, divide-se em cinco partes, que veiculam a vivência multicultural e cosmopolita do território, marcando a esfera lusa presença na primeira parte (versos 1-7) através do imaginário católico da igreja e da biblioteca destruídas por um incêndio e jamais restauradas (Colégio Jesuíta) e sendo as ruínas (de São Paulo) invadidas pelo cheiro do incenso. À invocação do espaço histórico-religioso seguem-se uma imagem tipicamente chinesa, a do gato sentado no Templo da Barra (versos 8-11) – utilizada também por Pinheiro Torres, como vimos – e a descrição das divisórias da capela protestante, bem como a transcrição anónima de uma lápide do cemitério britânico (versos 12-18): “[...] the apprentice boy ‘who died on board/a fall into the the hold’”<sup>490</sup>. A quarta parte (versos 18-23) dá lugar à azáfama dos alunos que passam pelo busto de Vasco da Gama, terminando o poema com uma outra imagem local (versos 24-31): o interior do pagode onde os chineses prestam culto às suas divindades através dos pivetes, metaforizados como “cigarettes of eternity”<sup>491</sup>. A cor local que caracteriza os diferentes espaços religiosos aludidos – a igreja católica, o pagode chinês e a capela e o cemitério protestantes – remete para as relações anglo-portuguesas no território chinês, para a importância do mesmo no âmbito do *China trade* e para os Descobrimentos portugueses simbolizados pelo busto de “Da Gama”<sup>492</sup>. Tal como no poema de W. H. Auden, que já analisámos, também neste texto as ruínas de São Paulo e a própria urbe são descritos como “a fragment of Catholic Europe”<sup>493</sup> no Império do Meio que se funde com a vivência maioritariamente chinesa.

---

<sup>488</sup> Anne Rouse, «A Sight in Macao», in *Sunset Grill*, 1993, p. 52.

<sup>489</sup> Sobre a árvore do pagode, veja-se Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*, 1977, p. 55.

<sup>490</sup> Charles Thomlinson, «Macao», in *Skywriting and other Poems*, 2003, p. 54.

<sup>491</sup> *Idem, ibidem*, p. 55.

<sup>492</sup> *Idem, ibidem*, p. 54.

<sup>493</sup> *Idem, ibidem*.

O poeta norte-americano Tom Clark (1941-), no seu poema épico pós-moderno sobre o comércio de peles de animais no Noroeste americano desde a famosa expedição do capitão Cook, *Empire of Skin* (1997), refere Macau em várias composições poéticas. Em «Skin Prices: Cook's People (per piece)» o sujeito lírico menciona a cidade como local de comércio e encontro de ocidentais no Oriente: “Meanwhile in Macao/Private Industry/took its course otter skin/cutsarks some/seamen had slept on [...]”<sup>494</sup>, tal como acontece em «Artificail Salvation»: “In Macao capt. King & Gore/Sold sixpenny Nootkan Cutsarks/for 100 Spanish gold dollars”<sup>495</sup>. Já em «Incoming», o enclave é um dos diversos portos asiáticos enumerados<sup>496</sup>.

Em «Day Trip to Macao» a poetisa australiana Vicky Raymond (1949-) descreve um passeio de um dia a Macau ao enumerar várias imagens e características associadas à cidade, nomeadamente o porto amarelo associado ao arroz de açafraão, a arquitectura barroca portuguesa, o hotel/casino Lisboa e o jogo (“the spider-knobbed Lisboa lures to craps/keno, and vngt-et-un”), a deusa/Nossa Senhora do mar – que poderá remeter para a religião tradicional chinesa e para a católica –, a água que bate na Praia Grande, a Biblioteca Católica e o *hydrofoil* que liga Macau a Hong Kong. A imagem do saco de chá Lipton recorda ao leitor o antigo comércio europeu dessa bebida na China, enquanto o eu poético transforma *Os Lusíadas* e o já referido poema de W. H. Auden em intertextos da composição de que agora nos ocupamos ao recordar, através da apóstrofe, da análise das figuras de estilo e da interpretação do poema de Auden, as honras literárias de que Macau fora alvo:

Macao, you have been honoured once or twice!  
Auden called you a weed, by which he meant  
Your roots were sunk I softer stuff than gneiss.

Camoens too once spent, or may have spent,  
Some time ashore here, on his way, perhaps,  
To somewhere else. The Jesuits came and went<sup>497</sup>.

A singularidade do território leva autores como Colin Simpson a afirmar, em 1962: “[...] if it were somehow decreed that I could see no more new places, and could only

---

<sup>494</sup> Tom Clark, *Empire of Skin*, 1997, 83.

<sup>495</sup> *Idem, ibidem*, p. 190.

<sup>496</sup> *Idem, ibidem*, p. 93.

<sup>497</sup> Vicky Raymond, *Selected Poems*, 1993, p. 18.

revisit some of those I had been to, Macao would be one of the places [...] because it is such a pastiche and no other place is like it [...]"<sup>498</sup>. Macau funciona assim como um espaço literário através do qual se representam de forma realista as relações anglo/sino-portuguesas desde o século XVI, o género, o exotismo e o erotismo do Oriente, bem como as trocas culturais entre ocidentais e orientais, evidenciando relações de poder e interesses económicos por entre vielas lusas e templos chineses. Tal como veremos na terceira parte, o enclave é representado como espaço pitoresco, sonolento, deserto, romântico e sobretudo histórico em romances como *CBP*, *Tai-Pan* (1966), de James Clavell, e *An Insular Possession* (1986), de Timothy Mo, tornando-se um motivo cronotópico quer público (espaços abertos), quer privado (espaços domésticos e interiores) na lógica espaço-temporal dessas narrativas.

O cronótopo da viagem é um tema constante em *CBP*, cuja acção começa e termina com as expedições marítimas de Thomas e Martha Van Mierop. No que diz respeito à representação de Macau enquanto cidade cronotópica nessa narrativa, e segundo a tipologia apresentada por Sue Vice<sup>499</sup>, o cronótopo funciona de três formas: a) como meio através do qual o texto representa a história; b) como imagem do tempo e do espaço no romance a partir da qual a representação da história é construída; e c) como forma de discutir as propriedades formais do próprio texto em relação a outras narrativas, assentando a estrutura de *CBP*, em grande medida, na representação do espaço e do tempo históricos em que o processo de formação de Martha tem lugar, ou seja, a Macau setecentista. O pulsar nocturno e diurno da urbe, os episódios apresentados como simultâneos num espaço (assim) fortemente ‘temporalizado’<sup>500</sup>, os afectos, a memória e o movimento das personagens nos espaços públicos, domésticos e suburbanos, entre os quais o mar, o rio das Pérolas e a China profunda, a relativa ‘insularidade’ de Macau, a decadência arquitectónica, os múltiplos ritmos humanos e os elementos etno-históricos que estudaremos nas terceira e quarta partes concorrem para a representação ficcional do horizonte macaense e fazem parte do aspecto cronotópico não apenas de *CBP*, mas também do *corpus* que estudamos no presente capítulo, pois, como afirma Ato Quayson:

[...] the innercity is a chronotope as Bakhtin defines it, the chronotope is a time-space organisation that calls up a specific affective response and allows us to relate

<sup>498</sup> Colin Simpson, *Asia's Bright Balconies: Hong Kong. Macao. Philippines*, 1962, p. 173.

<sup>499</sup> Sue Vice, *Introducing Bakhtin*, 1997, pp. 201-202.

<sup>500</sup> Vide Mike Crang, «Rhythms of the City: Temporalised Space and Motion», in Nigel Thrift e John May (eds.), *Timespace: Geographies of Temporality*, 2001, pp. 188-191.

an image to specific spatiotemporal and historical coordinates. [...] The chronotope of the alleyways, and dark streets [...] serves to signal a concern with the otherness of the cityscape even as a variegated racial (and class) demography is written onto it<sup>501</sup>.

Na literatura inglesa, a Cidade de Santo Nome de Deus funciona, assim, como um motivo cronotópico que evoca o passado histórico através do espaço geográfico partilhado pelas autoridades portuguesas e chinesas e rentabilizado comercialmente pelos britânicos, característica que é enfatizada em *CBP* enquanto romance histórico e *Bildungsroman* feminino, uma vez que o cronótopo relaciona de forma íntima a vivência humana com o contexto em que esta tem lugar<sup>502</sup>, no caso a urbe, que, enquanto expressão dessa experiência colectiva, incorpora os percursos e as histórias pessoais dos residentes. Tal como Frederik Tygstrup conclui, o facto de a representação da cidade como um ‘todo’ ser impossível acarreta um desafio duplo, quer em termos de técnica literária, ao exigir novas formas de representação que veiculem a sensação de urbanidade, quer em termos da forma de (re)pensar a cidade e de identificar os inúmeros impulsos criativos a que esta dá lugar<sup>503</sup>. Enfrentamos esse mesmo desafio nas terceira e quarta partes ao tentar analisar a representação ficcional da Macau setecentista em *CBP* e o efeito que o território urbano tem nas personagens com base na forma como o espaço é percebido por estas, pelo narrador e pelo próprio leitor.

O imaginário macaense na literatura inglesa, composto por motivos literários como a sonolência, a tolerância, as pitorescas calçadas, as construções arquitectónicas, a alteridade e o romance, reflecte um espaço geográfico e literário onde convivem várias etnias, comunidades e culturas. São, portanto, visões sobretudo protestantes e de cariz realista de um Oriente com feições portuguesas, uma vez que falar de Macau é recordar a gesta marítima lusa, sendo o território um retrato metafórico dos feitos heróicos dos portugueses, por sua vez materializados na multiplicidade cultural, ora familiar, ora exótica do enclave, tal como podemos verificar em «Macao» e *CBP*.

---

<sup>501</sup> Ato Quayson, «Postcolonialism and Postmodernism», in Henry Schwarz e Ray Sangeeta (eds.), *A Companion to Postcolonial Studies*, 2000, pp. 104-105. Sobre a cidade como cronótopo, vejam-se Daphne Erdinast-Vulcan, «“Sudden Holes in Space and Time”: Conrad’s Anarchist Aesthetics in *The Secret Agent*», in Gene M. Moore (ed.), *Conrad’s Cities: Essays for Hanz Van Marle*, 1992, pp. 207-222 e Paul Smethurst, *The Postmodern Chronotope: Reading Space and Time in Contemporary Fiction*, 2000, pp. 115-144.

<sup>502</sup> Consulte-se Gary Samuel Morson, *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*, 1990, pp. 366-370.

<sup>503</sup> Frederik Tygstrup, «The Literary City: Between System and Sensation», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *op. cit.*, p. 229.

PARTE TERCEIRA

*CITY OF BROKEN PROMISES*  
ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO:  
A REPRESENTAÇÃO DA MACAU SETECENTISTA





## 1. PARA UMA DEFINIÇÃO DE ROMANCE HISTÓRICO

Making a new story out of history.

James Kerr, *Fiction Against History: Scott as Storyteller*, 1989, p. 17

Antes de analisarmos a representação de Macau em *CBP* de forma mais aprofundada torna-se necessário definir o conceito de romance histórico, tarefa que nos leva simultaneamente para o campo da história e da ficção ou da ficcionalização da história<sup>1</sup>, uma vez que o subgênero supõe a existência de referentes extratextuais verificáveis que sustentam parte da rede de significações do texto ficcional, não devendo ser considerados reflexos exactos da realidade. Uma definição de índole narratológica de romance histórico deve partir da ponderação entre o romance como gênero e a história como fenómeno capaz de ser textualmente representado<sup>2</sup>, relacionando-se a especificidade do subgênero também com a propensão narrativa da historiografia<sup>3</sup>,

---

<sup>1</sup> Vide James Kerr, *op. cit.*, 1989, p. 1; Helena Carvalhão Buescu, «Heróis, Romances e Histórias: A Propósito do Presbítero Eurico», *Arquivo de Cascais*, n.º 11, 1992-1994, pp. 193-206; Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, 1999, p. 9 e *idem*, *Um Poço sem Fundo*, pp. 11-63.

<sup>2</sup> Cf. David Roberts, «The Modern German Historical Novel: An Introduction», in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel*, 1991, pp. 1-2 e Pascal B. Kyiiripuo Kyoore, *The African and Caribbean Historical Novel in French: A Quest for Identity*, 1996, pp. 1-2, 188.

<sup>3</sup> Sobre as características da narrativa/representação historiográfica que a aproximam e afastam da narrativa literária, vejam-se: R. G. Collingwood, *The Idea of History*, 1946, pp. 244-253; Leo Braudy, *Narrative Form in History and Fiction*, 1970; O. Hayden White, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, 1973; *idem*, «The Fictions of Factual Representation», in Angus Fletcher (ed.), *The Literature of Fact*, 1976, pp. 21-43; *idem*, *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, 1978, *passim*; *idem*, «The Value of Narrativity in the Representation of Reality», *Critical Enquiry*, n.º 7, 1981, pp. 5-27; *idem*, *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*, 2000, pp. v-42; Robert H. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, 1978; Linda

em função da matriz temporal que rege a narratividade de ambos<sup>4</sup>. A representação da consciência e do tempo históricos como realidades passíveis de serem ficcionalizadas é o ponto de partida crucial para a classificação do romance histórico, questão que se relaciona intimamente quer com as fronteiras que separam a realidade da ficção, quer com “o que só os romances podem dizer”<sup>5</sup>. David Cowart define o subgênero com base na proeminência do passado e da consciência histórica<sup>6</sup>, enquanto, para Mary Lascelles e Haskell M. Block, esta inter-relação entre ficção e história demonstra o poder do romancista para incentivar, uma vez que o material histórico utilizado pelo mesmo pode ser posteriormente investigado pelo leitor<sup>7</sup>.

Avrom Fleishman<sup>8</sup>, Elisabeth Wesseling<sup>9</sup> e Michel Vanoosthuyse<sup>10</sup> caracterizam o romance histórico como híbrido devido à relação metafórica que a intriga estabelece com os acontecimentos históricos, enquanto, segundo Ludomír Doležel, “[...] fictional *poiesis* constructs a possible world that did not exist prior to the act of writing, [and] historical *noesis* uses writing to construct models of the past that exist (existed) prior to the writing”<sup>11</sup>. A natureza híbrida do romance histórico é, portanto, espelhada pela sua

Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*, 1988; Adriana Alves de Paula Martins, «História e Ficção: Um Diálogo», dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra, 1992, pp. 8-22; e Linda Proud, «Truth is no Stranger to Fiction», *History Today*, vol. 54, n.º 11, Novembro de 2004, pp. 30-31.

<sup>4</sup> Vide Carlos Reis e Ana C. M. Lopes, s.v. «Romance Histórico», in *Dicionário de Narratologia*, 1994, p. 369.

<sup>5</sup> Expressão de Guy Scarpetta, «A Literatura, Espelho da História? O Que só os Romances Podem Dizer», *Le Monde Diplomatique*, n.º 48, ano 4, Março de 2003, p. 30.

<sup>6</sup> David Cowart, *History and the Contemporary Novel*, 1989, p. 6.

<sup>7</sup> Cf. Mary Lascelles, *The Story-Teller Retrieves the Past: Historical Fiction and Fictitious History in the Art of Scott, Stevenson, Kipling, and Some Others*, 1980, p. 20 e Haskell M. Block, *Naturalistic Triptych: The Fictive and the Real in Zola, Mann and Dreisden*, 1970, p. 78, que, na página 82, recorda, tal como Avrom Fleishman, *The English Historical Novel: Walter Scott to Virginia Woolf*, 1971, p. 3, que as fontes documentais funcionam como ponte de partida para o romancista.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p. 8.

<sup>9</sup> Elisabeth Wesseling, *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, 1991, p. vii.

<sup>10</sup> Michel Vanoosthuyse, *Le Roman Historique: Mann, Brecht, Döblin*, 1996, pp. 15, 63.

<sup>11</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge», in David Herman (ed.), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, 1999, p. 262. Vejam-se igualmente W. Wolfgang Holdheim, *The Hermeneutic Mode: Essays on Time in Literature and Literary Theory*, 1984, pp. 222-225 e Richard Humphrey, *The Historical Novel as Philosophy of History: Three German Contributions: Alexis, Fontane, Döblin*, 1986, pp. vii-34.

dimensão dupla, como a própria designação indica, ou seja, trata-se de uma narrativa ficcional em que os elementos espaço-temporais específicos de uma dada época são predominantes. Esta característica específica do subgénero surge do jogo premeditado de interpenetração das duas esferas que lhe conferem o carácter duplo e, como afirma Carlos Ceia, nenhuma das “visões” presentes no subgénero

é cientificamente histórica, no sentido em que o Autor não consegue, premeditadamente, fugir ao comentário ficcional dos factos narrados [...]. Por causa do incómodo amor à verdade objectiva, um historiador não pode falar da hipocrisia dos factos e das ideias de figuras no passado; tal prerrogativa pertence ao romancista [...]<sup>12</sup>.

Neil McEwan<sup>13</sup> também caracteriza o romance histórico como híbrido, defendendo, a propósito do conceito de ‘romance não ficcional’, que o termo sinónimo *faction* é insatisfatório, pois todo o romance acaba por ser ficção, ou seja, apesar de os acontecimentos históricos fazerem parte da intriga, esta última é fruto da imaginação criativa do romancista, concluindo: “the history and the fiction cannot be judged apart, and this sort of writing will never satisfy purists”<sup>14</sup>. Alessandro Manzoni, autor de *I Promessi Sposi* (1827), numa abordagem historicista do subgénero, critica o mesmo por considerar que a verdade factual é incompatível com a ficção<sup>15</sup>, tendo também afirmado que a história nos apresenta acontecimentos que apenas são conhecidos do exterior, uma vez que as palavras, o pensamento e os sentimentos humanos permanecem em silêncio, sendo, portanto, do domínio da poética<sup>16</sup>.

Nenhum leitor informado lê um romance (histórico) para aprender história da mesma forma que consulta um estudo historiográfico; daí que Avrom Fleishman refira a verdade simbólica do romance histórico<sup>17</sup> ao definir este último nos seguintes termos:

---

<sup>12</sup> Carlos Ceia, *O Que É afinal o Pós-Modernismo*, 1998, pp. 69-70.

<sup>13</sup> Neil McEwan, *Perspective in British Historical Fiction Today*, 1987, p. 25.

<sup>14</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 184. Sobre o ‘declínio’ do romance histórico e a sua recente ‘recuperação’, vejam-se: James C. Simmons, *The Novelist as Historian*, 1973, pp. 55-63 e Daniel Balderston (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, 1986, pp. 10-11. Günter Mühlberger e Kurt Habitzel, «The German Historical Novel from 1780 to 1945: Utilising the Innsbruck Database», in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, 2001, p. 5, observam que o subgénero foi olhado com desdém por alguma crítica literária, gerando-se um vazio entre os interesses da academia e do público.

<sup>15</sup> Alessandro Manzoni, *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, 1984, pp. 72-73.

<sup>16</sup> Vide Sandra Bermann, «Introduction», in *idem*, *ibidem*, p. 23.

<sup>17</sup> Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. xi.

“[...] when life is seen in the context of history, we have a novel; when the novel’s characters live in the same world as the historical persons, we have a historical novel. [...] The ultimate subject of the historical novel is, then, man in history, or human life conceived as historical life”<sup>18</sup>. Como veremos ao longo deste estudo, *CBP*, ao apresentar o percurso formativo e a vitória de Martha na Macau setecentista, coaduna-se com esta definição; no entanto, a protagonista que se move na acção ficcional não é um reflexo exacto da figura histórica com a qual partilha o nome e alguns traços biográficos, como o leitor informado pode concluir, sendo esse processo de caracterização das personagens ‘históricas’ uma estratégia narrativa inerente à construção do romance histórico. Também Sir Walter Scott, tido como responsável pela introdução da caracterização pormenorizada do quotidiano de épocas recuadas no romance inglês<sup>19</sup>, ao comentar a relação entre literatura e história nos seus próprios textos, chama a atenção para a base histórica da narrativa ficcional:

A poor fellow like myself [...] looks out for some general subject in the huge and boundless field of history [...], which he thinks may be advantageously used as the basis of a fictitious narrative – bedizens it with such colouring as his skill suggests – ornaments it with such romantic circumstances as may heighten the general effect [...] and thinks, perhaps, he has done some service to the public, if he can present to them a lively fictitious picture, for which the original anecdote or circumstance which he made free to press into his service only furnished a slight sketch. [...] The stores of history are accessible to every one [...]. And in reply to the sober charge of falsehood, against a narrative announced positively to be fictitious, one can only answer, by Prior’s exclamation, ‘Odzooks, must one swear to the truth of a song?’<sup>20</sup>.

Terry Eagleton afirma que o aproveitamento do material histórico no romance se rege pelas leis da produção literária e “reflecte” o presente de forma codificada<sup>21</sup>, enquanto José Saramago descreve as duas opções do autor que escolhe para a sua ficção ora os caminhos da História como reprodução fiel dos factos conhecidos, ora o

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, pp. 4, 10, 13, respectivamente.

<sup>19</sup> Cf. Castelo Branco Chaves, *O Romance Histórico no Romantismo Português*, 1979, p. 43.

<sup>20</sup> Walter Scott, «Prefatory Letter from the Reverend Doctor Dryasdust of York to Captain Clutterbuck, Residing at Fairy-Lodge, Near Kennaquhair, N. B.», in *Peveril on the Peak*, 1932, pp. 41-42. Sobre a relação entre ficção e história na obra de Scott, veja-se James Kerr, *op. cit.*, pp. 1-17.

<sup>21</sup> Terry Eagleton, *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, 1980, p. 70 e *idem*, *The English Novel: An Introduction*, 2005, p. 6. Veja-se também Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, 1988, pp. 640-646.

entretecer de dados históricos “[...] não mais que suficientes num tecido ficcional que se manterá predominante”<sup>22</sup>. Essa duplicidade do subgênero e o poder de sugestão do romancista levam Patrícia Drumond Borges Ferreira a confessar, na introdução da sua dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, publicada em 2002:

Depois da leitura do romance histórico de Austin Coates *The [sic.] City of Broken Promises*, baseado na história, de finais do século XVIII, entre o filho do fundador do Lloyd’s Bank e uma macaense [...] propusemo-nos estudar as relações sociais, políticas, diplomáticas e económicas mantidas entre portugueses e ingleses na China Meridional, no decurso do século XVII [...] <sup>23</sup>.

A autora adianta ainda que a obra ficcional lhe proporciona “[...] o questionar de algumas das atitudes entre portugueses e ingleses, em Macau [...]”, permitindo-lhe procurar respostas para diferentes questões, “[...] todas levantadas pela leitura deste romance [...]”<sup>24</sup>, ou seja, o seu estudo tem como ponto de partida motivacional *CBP*, que suscita, de acordo com a mesma, problemáticas em torno da história do enclave luso-chinês.

A nossa abordagem da representação da Macau setecentista em *CBP* enquanto romance histórico tem como ponto de partida a ficcionalidade do texto e o conceito de ‘mundos possíveis’, que, de acordo com David Herman, designa uma categoria mais abrangente do que a expressão ‘mundos ficcionais’<sup>25</sup>, uma vez que o romance histórico, ao efabular mundos possíveis, evoca e representa premeditadamente universos ficcio-

---

<sup>22</sup> José Saramago, «História e Ficção», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 10, n.º 400, 06-03-1990, pp. 17-20.

<sup>23</sup> Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. xv.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>25</sup> David Herman, «Introduction: Narratologies», in *idem* (ed.), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, 1999, p. 22, recorre a este conceito, também abordado por Ugo Volli, «Mondi Possibili, Logica, Semiotica», *Versus*, n.º 19-20, 1978, pp. 123-148; Umberto Eco, «Possible Worlds and Text Pragmatics: “Un Dramme Bien Parisien”», *Versus*, n.º 19-20, 1978, pp. 5-72; Raymond Bradley e Norman Swartz, *Possible Worlds: An Introduction to Logic and Its Philosophy*, 1979; Hidé Ishiguro, «Contingent Truths and Possible Worlds», in R. S. Woolhouse (ed.), *Leibniz: Metaphysics and Philosophy of Science*, 1981, pp. 64-76; Thomas Pavel, «The Borders of Fiction», *Poetics Today*, vol. 4, n.º 1, 1983, pp. 83-88; *idem*, *Fictional Worlds*, 1986, p. 50; e Ludomír Doležel, «Mimesis and Possible Worlds», *Poetics Today*, vol. 9, n.º 3, 1988, pp. 475-496, que utiliza a ideia de “possible-worlds semantics of fictionality”.

nais<sup>26</sup> com alguns referentes extratextuais explícitos, afirmando Roland Barthes que o próprio discurso histórico, à semelhança do chamado romance realista, não produz realidades, mas sim o ‘efeito do real’ na tentativa de esbater as fronteiras entre realidade e ficção<sup>27</sup>. Tomás Albaladejo caracteriza três tipos de mundos possíveis, definindo o segundo como “ficcional verosímil [...] aquel al que corresponden los modelos de mundo cuyas reglas no son las del mundo real objectivo, pero están construidas de acuerdo con estas [...]”<sup>28</sup>, enquanto Lubomír Doležel<sup>29</sup> defende que quer os constructos históricos, quer os ficcionais são ‘mundos possíveis’, encontrando-se os primeiros sujeitos a restrições de índole científica não impostas aos segundos. Este último autor, reagindo aos estudos de Hayden White<sup>30</sup>, expõe as diferenças entre esses dois mundos, sem negar a interpenetração entre ficção e história, e afirma que o historiador não é apenas um enunciador de significantes<sup>31</sup>, uma vez que a linguagem produz mundos possíveis que remetem para o mundo real<sup>32</sup>. Sem esta relação analógica entre os mundos ficcional e real, nem que de forma indirecta (ou partindo do mundo real para

---

<sup>26</sup> Cf. Carlos Reis, «Fait Historique et Référence Fictionnelle: le Roman Historique», *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 2, Dezembro de 1992, p. 145.

<sup>27</sup> Roland Barthes, «L’Effet de Réel», *Communications*, n.º 11, 1968, pp. 84-89.

<sup>28</sup> Tomás Albaladejo Mayordomo, *Teoría de los Mundos Posibles y Macroestructura Narrativa*, 1986, p. 58. Vejam-se Adriana Alves de Paula Martins, *op. cit.*, pp. 43-98 e Ana Paula Arnaut, *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo*, 2002, pp. 234-257.

<sup>29</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», pp. 247-273.

<sup>30</sup> Para um estudo do *emplotment* na historiografia, veja-se Hayden O. White, «The Historical Text as a Literary Artifact», in Robert A. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, 1978, pp. 47-62; *idem*, *Tropics of Discourse*, pp. 70-79. Apesar da aproximação de White entre narrativa historiográfica e literária, as características ou convenções partilhadas pela historiografia e pela narrativa ficcional em termos de forma, como a selecção e a organização de factos e as noções de tempo, espaço e *emplotment*, não fazem automaticamente com que história e ficção pertençam exactamente à mesma ordem de discurso. Peter Lamarque e Stein Haugom Olson, *Truth, Fiction and Literature: A Philosophical Perspective*, 1994, pp. 171-229 e Dorrit Cohn, *The Distinction of Fiction*, 1999, pp. 114-130, reagem à tendência pós-moderna de abordar a forma de escrever a história e a ficção a partir do mesmo pressuposto, defendendo que os elementos poético-retóricos presentes no discurso historiográfico não são suficientes para o considerar literatura, tendo o historiador uma responsabilidade diferente da do romancista. Esta questão, da qual não nos ocupamos, foi debatida entre George G. Iggers, «Historiography between Scholarship and Poetry: Reflections on Hayden White’s Approach to Historiography», *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, Dezembro de 2000, pp. 373-390; e Hayden White, «An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)», *ibidem*, pp. 391-406.

<sup>31</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», p. 248.

<sup>32</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 255.

dele se afastar, como acontece na ficção científica), qualquer texto tornar-se-á ininteligível para o leitor, posição que podemos aproximar das já referidas definições de David Lodge e Michael Riffaterre de realismo literário<sup>33</sup>, que auxiliam a nossa definição de romance histórico. Num estudo recente sobre o realismo literário enquanto forma de representação, Pam Morris aborda a dificuldade de definir esse conceito e refere a existência desta forma de representação artística desde a Antiguidade Clássica até à actualidade, concluindo que o conceito, ao qual se encontram associados termos como *mimesis* e verosimilhança, é incontornável no discurso da crítica literária e acarreta, indissociáveis, uma dimensão cognitiva e estética. A autora defende ainda que a *mimesis* literária não equivale à realidade que representa e define realismo como “[...] any writing that is based upon an implicit or explicit assumption that it is possible to communicate about a reality beyond the writing”<sup>34</sup>. O referido estudo define ainda o efeito ‘empírico’ e o ‘da verdade’ do romance, ou seja, todas as técnicas pelas quais a chamada escrita realista parece veicular a existência humana no espaço físico e no tempo cronológico<sup>35</sup>. Tal como Morris, também Mário Villanueva defende que o realismo tem sido uma constante fundamental na literatura e defende que o texto literário é um constructo não apenas verbal, mas também mimético, não dissociável da experiência humana, levando o autor assim em conta não apenas os aspectos formais e miméticos do romance, mas também a sua recepção pelo leitor, pois a narrativa literária, ao mesmo tempo que cria textualmente o seu mundo referencial interno, também estabelece, através do leitor, um diálogo com o mundo real, o campo externo de referência que cada leitor transporta para o texto<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> David Lodge, *Modes of Modern Writing*, p. 25; *idem*, «Analysis and Interpretation of the Realist Text», *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 5-18; *idem*, *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*, 1971, p. 4; e Michael Riffaterre, *Fictional Truth*, 1993, pp. xiii, xiv. Sobre a questão do realismo no romance histórico, consulte-se Georg Lukacs, *Le Roman Historique*, 1965, pp. 73-95 e, sobre a ‘(crise de) representação’ pós-moderna e o conceito de *mimesis*, Ana Paula Arnaut, *op. cit.*, pp. 19-22, 219-293. Elizabeth Deeds Ermarth, *Sequel to History: Postmodernism and the Crisis of Representational Time*, 1992, p. 3, sintetiza o debate pós-moderno em torno do poder de representação da linguagem e da literatura: “Postmodernism conceives language as a system of signs, that is, as something internally coherent and not merely a neutral collection of travelling pointers with which we indicate ‘real things’”.

<sup>34</sup> Pam Morris, *Realism*, 2003, p. 9.

<sup>35</sup> *Idem*, *ibidem*, pp. 101-113.

<sup>36</sup> Mário Villanueva, *Theories of Literary Realism*, 1997, p. xii (veja-se também Lilian R. Furst, *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*, 1995, pp. 1-27).



Benjamim Harshaw prefere o conceito de campo interno de referência ao de mundo possível, já que este último não poderá ser completamente independente dos referentes do campo externo de referência, o mundo real<sup>37</sup>. No caso de *CBP*, o campo interno de referência convoca ficcionalmente elementos do campo externo de referência (a Macau setecentista), permitindo-nos esta inter-relação classificar essa obra como romance histórico. Entendemos, assim, o conceito de mundo possível como sinónimo de mundo ficcional verosímil, que, no caso de romances históricos como o de Coates, partilha características com o mundo real ou extraliterário para o qual remete de forma premeditada, como defende Marie-Laure Ryan, ao afirmar que o mundo representado no subgénero em questão se relaciona intimamente com o mundo real, mas que a concordância absoluta entre os elementos de ambos não se observa, ao contrário do que se passa no âmbito da historiografia<sup>38</sup>. Doležel enumera as diferenças mais significativas entre o mundo possível da história e o mundo possível ficcional, que sintetizamos de seguida como princípios que sustentam o nosso estudo de *CBP*, romance no qual conhecidos acontecimentos históricos da presença inglesa em Macau, como o incidente do barco *Lady Hughes*, caracterizam o contexto cultural e o espaço da acção, ou seja, os modelos referenciais do mundo real participam directa e indirectamente na construção do universo do texto, sendo facilmente identificáveis. De acordo com Doležel:

- 1) O romancista tem uma liberdade superior à do historiador para se mover em mundos possíveis;
- 2) Um mundo possível onde figuras históricas interagem com personagens ficcionais não é um mundo histórico;
- 3) Nem os mundos ficcionais/constructos literários, nem os históricos são habitados por pessoas reais, mas sim pelos seus possíveis correspondentes, que podem ser alterados quando transpostos para a ficção;
- 4) Os mundos ficcional e histórico são incompletos e os ‘vazios’ uma característica da sua macroestrutura, enquanto as escolhas e modificações do romancista são determinadas por factores estéticos e literários<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> Benjamim Harshaw, «Fictionality and Fields of Reference. Remarks on a Theoretical Framework», *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, 1984, pp. 227-251.

<sup>38</sup> Marie-Laure Ryan, «Mundos Posibles y Relaciones de Accesibilidad: Una Tipología Semántica de la Ficción», in Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la Ficción Literaria*, 1997, p. 182.

<sup>39</sup> Lubomír Doležel, «Mimesis», pp. 482-493 e *idem*, «Fictional and Historical Narrative», pp. 256-258. Veja-se igualmente Umberto Eco, *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, 1997, pp. 101-115;



Paul Ricœur associa ao mundo ficcional a “fictive experience of time”<sup>40</sup> das personagens, que, por sua vez, se relaciona com o poder que a literatura tem de projectar um universo reconhecido pelo leitor como predominantemente ficcional.

Desde o século XVIII que os romances históricos se autoclassificam como tal através dos seus (sub)títulos. *The Mad Priest of Rome. An Historical Novel or Fictional Documentary* (1994), de Jack Harvey Prince, remete para dois dos termos pelos quais o subgénero pode ser designado, enquanto *Farewell 'Toinette* (1938), de Bertita Leonarz de Harding, tem como subtítulo *A Footnote to History*. Os títulos de algumas obras apontam também para figuras históricas; por exemplo, a *nouvelle historique* de Madame de Lafayette, *La Princesse de Clèves* (1678), para a geografia<sup>41</sup> e para o tempo histórico da acção<sup>42</sup> ou simultaneamente para ambas as categorias da narrativa<sup>43</sup>. Ainda antes do início do processo de leitura, o título informa, assim, o leitor acerca dos elementos considerados mais relevantes pelo autor ou editor, influenciando, até certo ponto, a recepção da obra, já que, para além de ser o primeiro meio de contacto do público com a mesma, esse elemento paratextual se encontra presente ao longo de toda a leitura, nem que seja, como acontece em *CBP*, para ser decodificado.

---

Antonio Garrido Domínguez, «Teorías de la Ficción Literaria: los Paradigmas», in *idem* (ed.), *op. cit.*, pp. 11-40; Annalisa Oboe, *Fiction, History and Nation in South Africa*, 1997, pp. 9-16 e Richard Slotkin, «Fiction for the Purposes of History», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 221-236.

<sup>40</sup> Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 2, 1985, p. 76, que, na página 100, define o conceito de *fictive experience of time* como o aspecto temporal dessa experiência de “se-estar-no-mundo” proposta pelo romance, uma vez que o tempo se humaniza ao ser organizado em forma de narrativa e esta última só faz sentido se representar características da experiência temporal. Para uma contra-argumentação a esta posição teórica e para uma definição da “Episodic Self Experience”, por oposição à “Diachronic Narrative Self Experience”, veja-se Galen Strawson, «A Fallacy of Our Age: Not Every Life Is a Narrative», *The Times Literary Supplement*, n.º 5298, 15-10-2004, pp. 13-15.

<sup>41</sup> *Heritage of the River. An Historical Novel of Early Montreal* (1948), de Muriel Elwood.

<sup>42</sup> *An Historical Novel of the Sixteenth Century* (1858), de Beatrice Cenci.

<sup>43</sup> *Dust of the World. Historical Novel of Belfast in the Seventeenth Century* (1913), de S. M. Harris.

## 2. AS ESPECIFICIDADES DE *CITY OF BROKEN PROMISES* ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO

Mas a pedra, a testemunha presencial, é muda, e o historiador só tem factos – as aparências – para colher as informações do passado.

Arnaldo Gama, *A Última Dona de S. Nicolau*, 1937, p. 210

Para além da (auto)classificação presente no peritexto editorial<sup>44</sup> da contracapa de *CBP*<sup>45</sup>, que apresenta a obra como “historical reconstruction”, esta encontra-se listada como romance histórico no *World Historical Fiction Guide: An Annotated Chronological, Geographical and Topical List of Selected Historical Novels* (1973)<sup>46</sup>, tendo sido classificada como romance histórico, reconstrução histórica e obra de cariz historiográfico desde as primeiras recensões críticas<sup>47</sup>. Se o texto em questão pode ser classi-

---

<sup>44</sup> Conceito de Gérard Genette, *Seuils*, 1987, pp. 26-29.

<sup>45</sup> Na edição de 1990, por nós utilizada. No prólogo editorial da primeira edição do romance (Frederick Muller, Londres), pode ler-se “[...] *authentic* novel of the early days of western trade with China [...]. Austin Coates’ long and close association with the Chinese and his perceptive understanding of the Portuguese combine to produce a work in which men and women of three different races are portrayed with *fidelity* and *assurance*, enabling the reader to look deeply into the complex and delicate distinctions between western and oriental ways of thought and behaviour. *City of Broken Promises* is not only an absorbingly strange story but a *valuable historical insight* into a little-known world [...]” (itálicos nossos).

<sup>46</sup> Daniel D. McGarry e Sarah Harriman White, *World Historical Fiction Guide*, p. 289, entrada n.º 3926 da secção «Asia in the Modern Times. China», na qual se encontra uma sinopse do romance: “[...] A Chinese orphan girl who is raised in a convent and sold into concubinage becomes one of the richest women on the waterfront”. Na verdade, Martha não é vendida para concubinação, preferindo a segurança de um lar britânico ao mundo chinês da prostituição. Veja-se também Robin W. Winks e James R. Rush (eds.), *Asia in Western Fiction*, 1990, p. 133.

<sup>47</sup> Padre Manuel Teixeira, *Galeria de Mulheres Ilustres de Macau*, 1974, p. 33, descreve a obra como um “romance que pretende ser histórico”. Para a justificação da renitência deste autor em classificar *CBP* como romance histórico, veja-se o capítulo 12, *infra*. São vários os estudos e recensões que classificam a obra como romance histórico: Gregory Leong, «Austin Coates... Caught Out in One Word», *Hong Kong Arts Centre*, vol. 1, Janeiro de 1978, p. 17 (“historical account”); Ong Choo Suat, «Book Review: Story of a ‘Pensioner’», *The National Echo*, edição de Penang, 15-03-1978, pp. 16-17 (“a rich tapestry of Macao life”); Paula Gormly, «Second Time Around», *South China Morning Post*, vol. 36, n.º 88,

ficado como romance histórico, não pode, por sua vez, ser imediatamente considerado uma obra de cariz historiográfico ou reconstrução histórica, como o é em algumas das recensões e dos estudos já referidos<sup>48</sup>, devendo os autores que optarem por estas últimas denominações complementá-las com o adjectivo ‘ficcional(izada)’<sup>49</sup>.

O narrador heterodiegético onisciente de *CBP* afirma-se como um historiador/investigador e também, até certo ponto, biógrafo que guia o leitor através da história e dos arquivos, utilizando o pretérito perfeito para rentabilizar a distanciação do passado histórico da Macau setecentista através de apartes e comentários, que só são possíveis algum tempo depois da acção, como indica a expressão “in those times”<sup>50</sup>. O narrador, ao inserir os seus comentários entre as falas das personagens, opta por não se manter neutral, enfatizando directamente a distância temporal entre o momento da acção ficcional e o da escrita ao comentar, por exemplo, uma confissão de Thomas no seu diário, afirmando “it well reflects the age”<sup>51</sup>, julgamento que implica uma visão de conjunto dos costumes da época em questão só possível *a posteriori*, recordando ao

---

30-03-1980, p. 18 (“interesting time in history”); Mandie Appleyard, *op. cit.*, p. 15 (“historical work”); Paulo Coutinho, *op. cit.*, p. 19 (“obra sobre o Território”); Anónimo, «Morreu Austin Coates», *op. cit.*, p. 40 (“relata [...] com grande fidelidade e pormenor a vida do território”); João Guedes, «The Gentleman of Colares», *op. cit.*, p. 139 (“historical novel”); Anónimo [obituário], «Austin Coates: Composer’s Son who Explored the Islands of the South Seas», *Daily Telegraph*, n.º 44. 994, 26-03-1997, p. 27 (“historical work”); Christina Miu Bing Cheng, *Macau: A Cultural Janus*, 1999, p. 142 (“historical novel”); Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. xv (“romance histórico”); Jules Brown e Sophy Fisher, *op. cit.*, p. 289 (“historical novel”) e Ilaria Maria Sala, «Austin Coates», *China Perspectives: Macau Special*, n.º 26, Novembro-Dezembro de 1999, p. 98 (“a novel set against an historical background”). Esta última autora afirma erroneamente que Thomas Kuyck van “Meriop” [*sic.*] é o fundador da Lloyd’s de Londres, quando na verdade é o pai deste que funda a instituição. Veja-se também David Brookshaw, «Introduction» e «Suggested Further Reading», in Henrique de Senna Fernandes, *The Bewitching Braid [A Trança Feiticeira]*, tradução de David Brookshaw, 2004, pp. vii e 11, respectivamente.

<sup>48</sup> Os seguintes recensores ou críticos literários classificam a obra como historiográfica, não distinguindo romance histórico de estudo sobre Macau: Gregory Leong, *op. cit.*, p. 17 (“historical account”); Mandie Appleyard, *op. cit.*, p. 15 (“historical work”); anónimo, «Austin Coates: Composer’s Son», p. 27 (“historical work”); Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. 181 [“reconstrução histórica da vivência de Macau entre os anos de 1780 [*sic.*: 1766] e 1795 [*sic.*: 1796]. Permite-nos compreender a vida social, económica, política e religiosa de Macau na época”].

<sup>49</sup> Philippe Forêt, «Globalizing Macau: The Emotional Cost of Modernity», in Fulong Wu (ed.), *Globalization and the Chinese City*, 2005, p. 111, classifica *CBP* como “semi-fictional”.

<sup>50</sup> *CBP*, p. 98.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 191. Austin Coates utiliza uma variante desta expressão nos seus estudos para definir comportamentos típicos de uma época. Veja-se *Macao and the British*, 1989, p. 67 (“typical of that age”).

leitor que o espaço e o tempo da acção são pretéritos e inevitavelmente filtrados pela interpretação/leitura actual. Por outro lado, as próprias personagens também caracterizam o período histórico em que se movem, estratégia que Georg Lukacs denomina de “psychologie historique”<sup>52</sup> e que se observa, como veremos, em *CBP*.

A acção do romance de Coates é contextualizada através de explicações de ordem civilizacional sobre hábitos e conceitos chineses identificados pelo leitor ocidental informado. O narrador assume uma posição tipicamente britânica quando, nas páginas 59 e 106, designa os europeus por “continental Europeans”, demonstrando uma atitude não eurocêntrica ao desempenhar a elaborada tarefa da tradução linguística e cultural para representar o Outro chinês de forma não apenas exótica, mas também familiar. Para o efeito, os ângulos de visão alternados são os das várias comunidades que compõem os diferentes espaços da acção – a chinesa, a portuguesa e a inglesa<sup>53</sup> –, nas quais diferentes costumes, leis e interesses condicionam a acção das personagens. Aliás, historiadores como Frei José de Jesus Maria<sup>54</sup>, Charles Boxer<sup>55</sup> e António M. Martins do Vale<sup>56</sup> estudam de que forma se organiza a sociedade heterogénea de Macau, composta não apenas por europeus e chineses, mas também por mestiços, malaio, canarins, timorenses, moçambicanos, malabares, mouros e cafres, que professam religiões diferentes do cristianismo e da religião tradicional chinesa, conferindo à paisagem humana da cidade uma tez e uma diversidade cultural únicas, embora as tradições sínica e lusa

---

<sup>52</sup> Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 63, 328-331. O exercício narrativo que revela as causas e os efeitos do passado nos acontecimentos posteriores, bem como a auto-reflexividade e a autoconsciência por parte do narrador são estudados como instrumentos da metaficção historiográfica por Linda Hutcheon, «“The Pastime of Past Time”: Fiction, History, Historiographical Metafiction», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *op. cit.*, pp. 482-491. O narrador de *CBP* refere ainda Mr. Gibbon, que remete para o historiador Edward Gibbon (1737-1794), ao afirmar que o sotaque *cockney* de Biddle “[...] resounded imperturbably on a flow of prose sometimes worthy of Mr. Gibbon himself” (*CBP*, p. 13). Como é sabido, Gibbon vive no período da acção do romance e é autor da famosa *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (1776-1788), cuja prosa “[...] is cool, lucid, and enlivened by ironic wit [...]” [Margaret Drabble, s. v. «Decline and Fall of the Roman Empire», in *idem* (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, 2000, p. 265]. A comparação por semelhança enaltece a eloquência e destreza verbal de Biddle, apesar do seu sotaque *cockney*.

<sup>53</sup> Na página 170, o narrador enumera os membros da comunidade comercial em pânico durante a crise do ópio no enclave: “[...] country trade Europeans, Americans, Parsis, Portuguese and Chinese [...]”.

<sup>54</sup> Frei José de Jesus Maria, *Ásia Sílica e Japónica*, vol. 2, 1988, p. 230.

<sup>55</sup> Charles R. Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente*, p. 269.

<sup>56</sup> António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, p. 117.

tenham, em grande parte, coexistido separadamente<sup>57</sup>, como o demonstra a própria estrutura da urbe setecentista, dividida em dois espaços, o bazar chinês e a cidadela cristã.

A acção principal de *CBP* encontra-se, logo desde o prólogo-diário, perfeitamente datada (1780) e localizada em Macau, um espaço marginal e exótico do Império Português, tratando-se, portanto, de um romance histórico que, através da narração e da recepção obrigatoriamente ulteriores e retrospectivas, transporta o leitor para a história das expansões portuguesa e inglesa. A narrativa reclama uma leitura, nem que ténue, pós-colonial, como veremos na quarta parte (caps. 3, 2 e 5), em relação ao género (*gender*) e à crítica aos ingleses por parte da comunidade feminina chinesa através da voz de Martha. Por outro lado, a enorme distância temporal entre o momento da publicação do romance (1967) e o último ano do momento da acção (1796) – condição referida implicitamente por Sir Walter Scott no subtítulo de *Waverley, or 'Tis Sixty Years Since* (1814) e pela crítica do romance histórico como um dos requisitos do subgénero<sup>58</sup> – concorre para a classificação de *CBP* como romance histórico.

O facto de as personagens Martha e Thomas Kuyck Van Mierop terem referentes com existência histórica verificável não atribui automaticamente ao romance uma dimensão ou relevância historiográfica, uma vez que, se exceptuarmos os seus testamentos, que apresentamos em anexo (n.º 6 e 7) e as breves referências a Thomas na documentação da E.I.C. e a Marta em fontes portuguesas, a informação relativa a ambas as figuras é quase inexistente; daí que Coates retire partido dessa *dark area*<sup>59</sup> da história de Macau ao criar a intriga do romance, situação que podemos aproximar da caracterização algo abstracta das personagens históricas mais conhecidas nas obras de Sir Walter Scott, a favor da ‘liberdade poética’<sup>60</sup>, enquanto romancistas como Edward Bulwer-Lytton transformam personalidades em protagonistas das suas obras fortemente caracterizadas com base nos registos históricos, o que também Coates tenta fazer, até certo ponto, em *CBP*, não sendo tal possível devido à inexistência de fontes e ao facto de Marta e Thomas Van Mierop serem praticamente desconhecidos até à publicação do romance. Sobre esta questão, Della Coletta afirma: “[...] the imaginative freedom of the historical novel not only considers single characters and specific events, but also regards the way in which the historical sequence is manipulated, supplemented,

---

<sup>57</sup> Cf. João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *op. cit.*, p. 11.

<sup>58</sup> Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. 3, defende duas gerações de intervalo entre o tempo da acção e o da redacção da obra.

<sup>59</sup> Conceito de Brian McHale, *Postmodernist Fiction*, 1987, p. 87.

<sup>60</sup> Cf. Harold Ovel, *The Historical Novel from Scott to Sabatini*, 1995, p. 8.

and altered. [...] Real and invented circumstances are combined in the creation of a plot [...]”<sup>61</sup>, sendo dessa fusão que surge o subgénero de que nos ocupamos.

Como verificámos na segunda parte, a intriga de *CBP* ganha forma através do recurso à história da Macau setecentista, como atestam o sumário do historial da presença inglesa na Ásia apresentado logo nas terceira e quarta páginas da obra, as referências à investigação arquivística do narrador-historiador, bem como a relação de intertextualidade entre o romance e os vários estudos etnográficos e historiográficos de Austin Coates sobre Macau e Hong Kong<sup>62</sup>. Uma comparação entre *CBP* e *Macao and the British: Prelude to Hong Kong*, obra abordada na primeira parte, revela que o Autor retira dos seus estudos e experiência pessoal na China material para construir o ‘mundo possível’ do romance, nomeadamente o *background* histórico-cultural, como veremos no quadro n.º 2 do subcapítulo 5.1.

## 2.1 A acção histórica de *City of Broken Promises*

A acção principal de *CBP* desenrola-se ao longo de 16 anos, desde a chegada de Thomas Kuyck Van Mierop a Macau, em 1780, até à vitória final de Martha, materializada no almoço que esta oferece à elite local após o baptismo do seu barco em 1796, período histórico por nós já estudado na segunda parte, no que diz respeito à presença inglesa na cidade.

O tempo é vivenciado de forma diferente nos vários espaços das comunidades que interagem entre si num território exótico, tornando-se também subjectivo e psicológico. De entre as personagens secundárias que se movem nesse ambiente, destacam-se as personagens planas e colectivas da comunidade chinesa e dos escriturários portugueses, relativamente imutáveis até ao final da obra, em que funcionam sobretudo como figurantes do pano de fundo social, o primeiro grupo de acordo com os preceitos da tradição do impenetrável Império do Meio, ou seja, da China *fashion* referida amiúde na narrativa sobretudo pelas personagens sínicas face às diferentes forças económicas europeias em confronto, nomeadamente portuguesas e inglesas, e as personagens de outras nacionalidades que marcam presença no romance, como os franceses, através de Monsieur Auvray. Como veremos no subcapítulo 10.1, o facto de a personagem colectiva composta pelos empregados chineses ser plana realça o plano secundário

---

<sup>61</sup> Della Coletta, *Plotting the Past*, 1996, p. 41.

<sup>62</sup> *Macao and the British: Prelude to Hong Kong; Myself a Mandarin e A Macao Narrative*.

para o qual o regime europeu implantado em Macau relega a mesma, devendo-se a sua relativa apatia psicológica não ao facto de serem personagens ‘menores’, mas sim à sua caracterização verosímil como um séquito hierarquizado de empregados<sup>63</sup> que necessita de “sense of propriety”<sup>64</sup> e das directrizes do seu mestre para manter a ordem doméstica. Martha, mulher chinesa e, logo, potencialmente uma personagem plana, torna-se a personagem redonda por excelência de *CBP*, como podemos verificar através do seu percurso de formação, que estudaremos na quarta parte, sendo os empregados sínicos caracterizados de acordo com o retrato etno-histórico que Coates apresenta dos mesmos em *A Macao Narrative*, estudo historiográfico sobre Macau:

As regards Chinese, while forbidden to reside at Macao, they performed many duties essential to the Macanese, as personal servants, laundrymen, hawkers from whom one purchased the best fruits and freshest vegetables, wharf labourers [...] and other humble services. [...] Chinese occupied basements, where they prospered and multiplied<sup>65</sup>.

Para além dos cules nos lares europeus, a presença chinesa na cidade faz-se também sentir diariamente através do movimento que os vendedores ambulantes da China profunda fazem de e para os mercados da urbe<sup>66</sup> devido à dependência alimentar que as autoridades chinesas utilizam estrategicamente para forçar os portugueses a respeitar as suas decisões, proibindo a entrada de víveres no enclave até as suas ordens serem cumpridas, como, aliás, o narrador informa num dos muitos comentários culturais: “A Macao which no Chinese could enter was a Macao with nothing to live on but well-water”<sup>67</sup>. Por lei, apenas os chineses cristãos ou construtores navais podem residir no território<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> O narrador lista os inúmeros empregados de Thomas através da apresentação que Biddle faz ao futuro dono da casa, revelando o luxo que os elevados lucros do *China trade* permitem: “[...] compradore, four ’ouseboys and body servants, a cook, two laundry women, two gardeners, a bell boy, and two chair bearers [...]” (*CBP*, p. 14), sendo Martha referida mais tarde (p. 15), o que revela a diferença do seu estatuto inicial com *pensioner*.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>65</sup> Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 39.

<sup>66</sup> *CBP*, p. 287. Sobre o transporte diário de víveres chineses para os mercados de Macau, já no século XX, veja-se Ninélio Barreira, *Ou-Mun: Coisas e Tipos de Macau*, 1994, p. 145.

<sup>67</sup> *CBP*, p. 73. Essa estratégia é também utilizada nas feitorias de Cantão durante o incidente do *Lady Hughes* (*ibidem*, p. 105), como vimos na segunda parte (subcapítulo 4.1).

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 127.



Se Paul Ricoeur define enredo tradicional como “[...] the privileged means by which we re-configure our confused, unformed, and at the limit mute temporal experience [...]”<sup>69</sup>, enfatizando as relações de causa-efeito que uma narrativa estabelece entre os seus elementos através da representação do tempo nas suas mais variadas vertentes (psicológica e meteorológica, entre outras), o narrador de *CBP* representa ou ‘configura’ o passado histórico de forma descontínua e este último apenas se transforma num todo coerente no final do romance, quando o leitor já viajou pelos dois planos temporais, o passado recuado da infância de Martha e o momento da acção principal, ordenando finalmente e de forma linear o plano cronológico da narrativa, até então fragmentado.

Quase no fim da acção, a protagonista viaja pelas ruas de Macau, entrando pela primeira vez em Mong-há<sup>70</sup>, na China mais profunda, para tentar salvar Biddle. Esse dia ocupa cinco páginas do texto, provando que a duração da narrativa se baseia numa projecção selectiva do narrador e que o tempo é também um constructo que adquire uma certa subjectividade de acordo com a tensão com que as personagens o sentem ou vivenciam. No que diz respeito ao percurso formativo da personagem principal, a acção principal do romance começa e termina *in medias res*, sendo completada, como veremos, através das constantes analepses externas que preenchem elipses sobre o passado de Martha e veiculam informação que contextualiza a vida amorosa do casal Van Mierop e a ascensão económico-social da jovem. A primeira vez que Thomas parte para Cantão, o leitor sabe tanto quanto o sobrecarga; mas, quando este volta a Macau, já as analepses externas informaram o leitor sobre o passado da protagonista que o inglês desconhece, tornando-se o tempo local também biográfico.

As figuras e os jogos anacrónicos, enquanto incongruências temporais e estratégias premeditadas de representação do passado e de inserção de elementos materiais ou categorias culturais num período histórico ao qual não pertencem, evocam o tempo histórico ao preencher o espaço diegético com marcas que evocam o passado e funcionam como ‘enciclopédia’ do mesmo<sup>71</sup>. Os anacronismos de *CBP* rentabilizam

<sup>69</sup> Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 1, p. xi.

<sup>70</sup> Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 389, descreve o monte de Mong-Há, que se assemelha ao espaço representado em *CBP* durante a exótica deambulação de Martha: “*Mong* significa olhar; *Há* baixo, isto é, olhar para baixo. Outrora Mong-Há não era o que é hoje. Havia apenas umas várzeas, onde espreitavam aqui e além palhotas de agricultores e um estandal de sepulturas [chinesas] do outro lado [...]”, elementos presentes na descrição da viagem de Martha à China profunda.

<sup>71</sup> Vide Celia Fernández Prieto, «El Anacronismo: Formas y Funciones», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *op. cit.*, vol. 1, 2004, p. 250.



a presença de emblemáticas figuras históricas inglesas no enclave, podendo o leitor informado e/ou competente reconhecer Thomas Beale (1775-1841) ‘desfamiliarizado’ de forma anacrónica na personagem Abraham Biddle. Se atentarmos no facto de Beale chegar a Macau em 1791, período correspondente ao final da acção do romance, e se suicidar 45 anos depois, poderemos concluir que a anacronia, fruto do carácter híbrido do romance histórico, visa enfatizar a natureza ficcional da obra e a distanciação temporal entre o momento da acção e o da escrita/recepção do texto. O exótico aviário de Beale, “[...] a rarity in Macao [...]”<sup>72</sup>, é durante muito tempo o *exlibris* do enclave descrito por inúmeros viajantes<sup>73</sup> e outros romances ingleses<sup>74</sup>. O referente histórico com que Biddle partilha características, e de cujo nome o seu se aproxima foneticamente (Biddle-Beale), torna-se um dos comerciantes ingleses mais ricos do entreposto no início do século XIX, após ter sido autorizado, em Fevereiro de 1814, a comprar uma casa e comercializar em Macau<sup>75</sup>, onde permanece durante 50 anos até se suicidar, em 1841. No início de 1817, o ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira autoriza a sua residência no território por mais cinco anos para este normalizar as contas junto dos seus credores<sup>76</sup> e, em 1822, o Senado reconhece “[...] sem algum embaraço, [...] a protecção e liberdade de comerciar n’esta Cidade, segundo os Reais Avisos expedidos a favor do mesmo, pelos quaes lhe era concedido fazer livremente o seu giro e quaesquer transacções mercantis”<sup>77</sup>. O agente reside durante algum tempo na Rua do

---

<sup>72</sup> *CBP*, p. 285 e pp. 144, 170, 285-286. Relativamente às anacronias existentes no romance, consultem-se as afirmações de Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», pp. 256, 258-259, sobre a liberdade do romancista em relação ao historiador: “[...] The fiction maker is free to roam over the entire universe of possible worlds, to call into fictional existence a world of any type [...], supernatural or fantastic [...], natural or realistic [...]”.

<sup>73</sup> **Vejam-se** Harriett Low, *Lights and Shadows of a Macao Life*, vol. 1, 2002, pp. 74-75; George Bennett, *op. cit.*, pp. 36-52, 57-78; W. S. W. Ruschenberger, *Narrative of a Voyage Round the World*, vol. 2, 1838, pp. 199-201; Rebecca Chase Kinsman, «The Daily Life of Mrs. Nathaniel Kinsman in Macao» [1843], *The Essex Institute Historical Collection*, vol. 86, Outubro de 1950, pp. 25-26 e C. Toogood Downing, *The Fan-Qui in China in 1836-7*, vol. 1, 1972, pp. 38-39.

<sup>74</sup> Por exemplo, Timothy Mo, *An Insular Possession*, 1987, p. 67 [“Mr. Veale’s aviary”] e p. 599, romance no qual o suicídio de Beale é também ficcionalizado (*ibidem*, pp. 373, 380, 599), à semelhança do que acontece em *CBP*.

<sup>75</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 37, doc. 14 e Catherine Paganí, *op. cit.*, p. 109.

<sup>76</sup> Cf., A.H.U., *Macau*, cx. 42, docs. 16, 26; cx. 45, docs. 21, 49; cx. 46, doc. 31; cx. 63, doc. 2, e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 6, docs. 138 e 254.

<sup>77</sup> Cf. *Abelha da China 1822-1823* (n.º 6, 17-10-1822). *Edição do Exemplar Original do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro*, 1994, p. 24.

Hospital, onde Marta e Thomas haviam morado, e o padre Manuel Teixeira adianta que a sua história, ficcionalizada no romance, tem um “fim verdadeiro”<sup>78</sup>, identificando acontecimentos que são base para a intriga da narrativa: “O dinheiro [para comprar o ácido prússico com que Beale se suicida] foi-lhe dado, não por Marta, mas pelo seu bom amigo William Hunter [...]. O cadáver de Beale foi enterrado na areia da praia a 11 de Dezembro de 1841 por pescadores chineses, que guardam segredo absoluto”<sup>79</sup>. Um mês depois, o corpo é descoberto e sepultado no cemitério protestante. Num estudo sobre Macau, o próprio Coates descreve o envolvimento de Beale na primeira crise do ópio (1815), durante a qual fica a dever uma elevada soma à E.I.C.<sup>80</sup>. A propósito da transferência de acontecimentos históricos de uma época para outra no romance, nomeadamente os traços biográficos de Beale e a crise do ópio, recordem-se as palavras de Doležel:

[...] if it is revealed (by new documents say) that a person who did not actually exist or could not have participated in the event was included in an historical world, he or she has to be removed from the group [...]. No such restriction applies to the [...] agents in fictional worlds. [...] It is a defining feature of the genre that fictional persons coexist and interact with counterparts of historical persons<sup>81</sup>.

Biddle associa-se ao juiz Paulo Mascarenhas Pereira, que, por seu lado, partilha traços identificadores com outra figura histórica de Macau, o ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira<sup>82</sup>, cuja história fornece a intriga de um episódio do romance<sup>83</sup>, como podemos verificar através do estudo de J. M. Braga, que descreve os negócios conjuntos de Beale e do juiz:

Thomas Beale [...] he had been engaging, on the side, for several years, in business between Calcutta and Macao in conjunction with the prominent Macao merchant, Senhor Januário Agostinho de Almeida, Baron San José do Porto Alegre, and his

---

<sup>78</sup> Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 303-304.

<sup>79</sup> Cf. *idem*, «O Herói de Um Romance [Thomas Beale]», espólio pessoal do autor, cota: MAN. A. 72, cx. 16, 496, Centro Científico e Cultural de Macau (C.C.C.M.), 31 pp., s./d.

<sup>80</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 140-141. Sobre a vida e morte de Beale, veja-se William C. Hunter, *Bits of Old China*, pp. 73-77.

<sup>81</sup> Ludomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», p. 257.

<sup>82</sup> Veja-se Padre Manuel Teixeira, *Os Ouvidores em Macau*, 1976, pp. 145-158.

<sup>83</sup> *Vide infra*, quadro n.º 2, no subcapítulo 5.1.

son-in-law, the Chief Justice, Senhor Miguel de Arriaga Brum de Silveira, who failed to the extent of nearly two million dollars, [...Beale] had to declare bankruptcy; in their insolvency Arriaga and Almeida had dragged Beale down with them. The Select Committee of the English E. I. Company [...] found out the true position their reports to the Directors in London were very critical of Senhor Arriaga, who as the Judge had no right to engage in trade and whose incursion into business had proved so disastrous to Thomas Beale. Beale made attempts to pay off his indebtedness and entertained hopes of recovering substantial sums from the Baron and the Judge, but the deaths of these two within a few months of each other in 1825 and 1824, respectively, led to the Company's decision to close the account with the sum of over two hundred thousand dollars unpaid<sup>84</sup>.

Como já afirmámos, Coates conhece Braga e fornece-lhe informações sobre Thomas Van Mierop para o estudo que acabámos de citar, ficando assim clara a relação deste último texto com a acção ficcional de *CBP*, como verificaremos no capítulo 6 relativamente a outros pontos de contacto entre os dois textos.

A partir do jogo entre as modalidades mistas de existência<sup>85</sup> é dada ao leitor a possibilidade de correlacionar três mundos – o real ou histórico (implícito), o ficcional e o universo do jogo anacrónico com base na história das presenças portuguesa e inglesa em Macau –, tornando-se *CBP*, de acordo com a tipologia de Joseph W. Turner, um romance histórico que recria um passado documentado<sup>86</sup>. As personagens referenciais (que partilham o nome e as características com figuras históricas) adquirem uma existência ficcional e as personagens totalmente ficcionais, como Fong ou Ignatius, contracenam com referentes dessas figuras documentadas nos anais da história, como por exemplo Thomas, Marta, Cuming ou Browne<sup>87</sup>, sendo o contexto em que as mesmas se movem representado também através dos resultados da investigação em arquivos.

O jogo premeditado entre a ficção e a história estende-se igualmente aos nomes de casas comerciais e mercadores, como acontece quando Duncan e Thomas conversam

---

<sup>84</sup> J. M. Braga, «A Seller of 'Sing-Songs'», pp. 103-104.

<sup>85</sup> John Woods, *The Logic of Fiction*, 1974, pp. 41-42, define como modalidades mistas de existência a convivência de figuras e factos históricos com personagens e episódios ficcionais no romance.

<sup>86</sup> Cf. Joseph W. Turner, «The Kinds of Historical Fiction: An Essay in Definition and Methodology», *Genre*, vol. 12, n.º 3, Outono de 1979, p. 335; tradução nossa.

<sup>87</sup> Para a descrição de um episódio que leva, em Março de 1776, ao confronto entre os sobrecargas ingleses e o governador de Macau, na sequência do ataque de guardas da cidade a George Cuming, quando este se encontra na casa da sua amante chinesa, veja-se B.L.-O.I.O.C., G/12/59, fls. 26-43.

sobre a carga do *Clarissa*, cujos agentes em Bombaim são Dadabhoy, Rustomjee e Watts<sup>88</sup>. O nome da casa comercial é ficcional, mas apenas devido à adição do apelido inglês no fim do mesmo, pois Dadhabhoy (n. 1811) e Maneckjee Rustomjee (n. 1815) são dois irmãos parses que se iniciam no *China trade* a partir de Bombaim e mudam, por volta de 1830, a sua casa comercial, a D. and M. Rustomjee, para Cantão, onde traficam ópio<sup>89</sup>. Mais uma vez, Coates serve-se de elementos anacrónicos para enriquecer a dimensão histórica do romance, que repensa a política ‘colonial’ europeia através da representação do progresso<sup>90</sup> do enclave ao longo de núcleos narrativos como a crise do ópio e a chegada das primeiras mulheres inglesas ao território<sup>91</sup>, encontrando-se, portanto, o discurso do narrador atento às mudanças no tempo e no espaço. Com base na informação apresentada num estudo de Coates<sup>92</sup>, podemos concluir que a chegada das primeiras europeias a Macau no romance também é um episódio historicamente anacrónico, uma vez que, embora a primeira mulher inglesa chegue à urbe na última década do século XVIII, apenas no início do século seguinte as mulheres britânicas aí se estabelecem.

O facto de alguns leitores conferirem a *CBP* um estatuto demasiado historiográfico leva, por exemplo, Benjamim Videira Pires<sup>93</sup> a considerar o construtor naval Delfino José Ribeiro, personagem criada por Coates, uma figura histórica real da Macau

---

<sup>88</sup> *CBP*, p. 163.

<sup>89</sup> Vide Peter Ward Fay, *The Opium War 1840-1842*, pp. 145, 157, 238, 284; Hunt Janin, *The India-China Opium Trade in the Nineteenth Century*, 1999, p. 66; Guo Deyan, *op. cit.*, pp. 51-69; Madhavi Thampi, *op. cit.*, pp. 19-20 e Carl T. Smith, «Parsee Merchants in the Pearl River Delta», pp. 37-39.

<sup>90</sup> As transformações históricas são consideradas um dos temas específicos do romance histórico por Georg Lukacs no seu conhecido estudo sociológico de influência marxista sobre o romance histórico tradicional. De acordo com o autor, o choque entre forças sociais é uma das características mais importante do subgénero, tendo sido o ambiente da luta entre forças sociais a dar origem ao romance histórico no início do século XIX (Georg Lukacs, *Le Roman Historique*, 1965, pp. 31-95).

<sup>91</sup> Como afirmam Austin Coates, *Macao and the British*, p. 106, e Lindsay e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, 1996, p. 47, apenas no final do século XVIII chegam mulheres inglesas a Macau, transformando-se essa presença num elemento constante da sociedade local só no início do século seguinte. Até então, os oficiais da E.I.C. mantêm relações com mulheres nativas de forma encoberta para evitar o ostracismo social e as represálias da Companhia, que proíbe o casamento dos sobrecargas com mulheres não inglesas. Esta realidade é representada em *CBP* quer através da relação do casal Van Mierop quer através do inglês ostracizado por viver com uma mulher chinesa.

<sup>92</sup> Austin Coates, *A Macao Narrative*, pp. 64, 104-107.

<sup>93</sup> Benjamim Videira Pires, *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, 1993, p. 187, secção intitulada “Bibliografia Crítica”.

setecentista e, ao falar da figura e do legado de Marta em Macau, a afirmar erradamente que foi Thomas quem deu ao barco desta última o nome de “*Martha Merope*” [sic.]<sup>94</sup>, sendo o romance utilizado como bibliografia crítica nesses estudos, tal como acontece no de Patrícia Drumond Borges Ferreira<sup>95</sup>. Esta opção poderá dever-se ao facto de se confundirem os estudos historiográficos de Coates com o romance, que, apesar de o Autor descrever a apurada investigação que antecede a sua redacção, não pode ser considerado uma representação fiel e científica das histórias de Marta da Silva Van Mierop e de Macau, mesmo que a obra se assuma como “reconstituição histórica”, pois, como afirma Jonathan Nield, recorrendo ao conceito de *historic suggestiveness*, “[...] the historical novel exists primarily as Fiction [...]”<sup>96</sup>. Também Herlander Machado, assumindo que o apelido de Thomas é Merop e não Mierop (devido à transformação fonética que o sobrenome de Marta sofre em Macau), recorre a *CBP* para recolher elementos biográficos da jovem e do sobrecarga, que nem de acordo com o romance morre em Londres, ao contrário do que Machado afirma, mas sim a caminho da Europa, ressaltando este último o facto de Coates poder estar a efabular<sup>97</sup>. Num estudo sobre o “dialecto macaense”, Graciete Nogueira Batalha refere que *City of Broken Promises* recria “[...] o ambiente de Macau nos finais do século XVIII, [e] fala do *compradore* como o primeiro membro do pessoal doméstico duma casa abastada [...]”<sup>98</sup>, afirmando a autora não ter encontrado confirmação da utilização do termo comprador nos textos escritos e orais em crioulo de Macau. Como verificamos nas segunda e terceira partes, a consulta de fontes e estudos ingleses facilmente preenche esse vazio das narrativas macaenses.

Para além de as personagens descodificarem as suas falas<sup>99</sup> e atitudes, os seus comportamentos e personalidades são descritos, inúmeras vezes, através de recursos estilísticos que remetem quer para o estatuto ficcional do discurso literário que representa o passado histórico, quer para a dimensão literária das personagens e para o estilo de escrita de Coates, como podemos observar através do seguinte quadro, que lista as figuras de estilo enquanto sinais explícitos e premeditados de ficcionalidade através dos quais o narrador caracteriza diversas situações.

<sup>94</sup> *Idem*, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 171.

<sup>95</sup> Veja-se Patrícia Drumond Borges Ferreira, *op. cit.*, p. 181.

<sup>96</sup> Jonathan Nield, *A Guide to the Best Historical Novels and Tales*, 1929, pp. xxv-xxvi.

<sup>97</sup> Herlander Machado, *Macau de ontem e de hoje, Síntese Histórica*, 1981, p. 33.

<sup>98</sup> Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense*, p. 150.

<sup>99</sup> Cumming interpreta as suas próprias palavras para clarificar Thomas e para que não restem quaisquer dúvidas (“which being interpreted”: *CBP*, p. 8).

Quadro n.º 1: O recurso estilístico enquanto marca explícita da acção ficcional

Recursos estilísticos referidos em <i>CBP</i>	Função dos recursos estilísticos
– “[...] personification of chaos [...]” (p. 43);	representação da desordem inicial da casa de Thomas;
– “[...] to him [Thomas] she would yield her reticences [...]” (p. 48);	caracterização do relacionamento do casal Van Mierop;
– “[...] China was a world of euphemism [...]” (p. 50); – “[...] euphemistically [...]” (p. 165);	a ambiguidade moral do termo <i>pensioner</i> (prostituta) e o recurso a <i>fastboat</i> para designar uma embarcação lenta, que parece uma casa;
– “[...] literary daring [...]” (p. 50);	exagero do termo <i>fastboat</i> aplicado a uma embarcação lenta;
– “[...] metaphor and hyperbole [...]” (p. 73);	armas diplomáticas de um senador de Macau: a metáfora para facilitar a apreensão da mensagem e a hipérbole para amedrontar Teresa da Silva e demovê-la de se vingar de Martha, encontrando-se, assim, a retórica ao serviço da manipulação política;
– “The listlessness, of poetic proportions [...]” (p. 77);	transmite a intensidade dos sentimentos que Martha provoca em Thomas;
– “[...] irony was lost in her [...]” (p. 115); – “Ironically enough [...]” (p. 132); – “[...] life’s infinite capacity for irony [...]” (p. 216); – “[...] she [Martha] leading him on with irony [...]” (p. 235); – “[...] unaware of irony [...]” (p. 306);	caracteriza o irónico percurso da jovem na sociedade patriarcal em que o bispo e a E.I.C. acabam por lhe comprar flores sem saber <sup>100</sup> . Refira-se ainda a ironia de que as personagens se servem como arma de defesa;
– “He [Cuming] himself prudence personified [...]” (p. 153).	a referência à personificação revela a atitude, os estratégias e interesses de Cuming.

A comparação e a repetição de episódios, vocábulos, símbolos e temáticas são as figuras de estilo mais utilizadas na narrativa pelo narrador e pelas personagens, intensi-

<sup>100</sup> Sem saber quem providencia as flores, é Thomas que autoriza os pagamentos a Martha, assinando as suas “[...] unsuspecting initials [...]” nos livros de contabilidade da E.I.C. (*ibidem*, p. 132). Esta referência às iniciais de Thomas, juntamente com uma outra, na página 42 do romance, são recordadas durante a consulta das fontes documentais da E.I.C., onde o nome e a assinatura do sobrecarga Van Mierop aparecem redigidos de forma abreviada várias vezes (B.L.-O.I.O.C., R/10/11, parte 2, fl. 1; R/10/13, fl. 1, *vide* anexo n.º 9), facto que se relaciona com o saber que Coates adquire durante a investigação nos arquivos da companhia. Relativamente à florista das feitorias de Cantão, e de acordo com William C. Hunter, *Bits of Old China*, p. 10, n.º 4, essa função cabe, como seria de esperar, a uma chinesa, podendo o leitor encontrar neste facto um paralelismo interessante entre a ficção de *CBP* e a realidade histórica.

ficando a expressividade da mesma, pelo que a definição de ‘romance autoconsciente’ de Robert Alter se aplica a *CBP*, embora de forma ténue, no que diz respeito, por um lado, à utilização dos recursos estilísticos e, por outro, aos comentários do narrador autoconsciente que filtra o universo representado, facilitando a interpretação do leitor europeu, que se encontra espacial e temporalmente afastado desse mundo possível:

[a] self-conscious novel is one that systematically flaunts its own condition of artifice and that by so doing probes into the problematic relationship between real-seeming artifice and reality [...]. A fully self-conscious novel is one in which [...] there is a consistent effort to convey to us a sense of the fictional world as an authorial construct [...] <sup>101</sup>.

Patricia Waugh define, entre outras marcas da metaficção, a autoconsciência em torno da linguagem, da forma literária e do próprio acto de ficcionalizar<sup>102</sup>, podendo essa estratégia ser observada, embora com pouca intensidade, em *CBP*, pois as figuras de estilo remetem para o poder da linguagem utilizada pelo narrador e pelas personagens, bem como para o estatuto ficcional destas últimas (cf. quadro n.º 1), funcionando alguns comentários do narrador-historiador também como exercícios metaficcionais, como veremos na quarta parte.

Como já afirmámos, a comparação por semelhança e dissemelhança torna-se gradualmente um dos recursos estilísticos mais comuns no romance, concorrendo para a caracterização contrastiva de personagens (Fong-Martha/Thomas-Cuming) e para a riqueza etnográfica e poética do texto, exigindo do leitor um exercício de interpretação intercultural de forma a desvendar os sentidos e sentimentos implícitos nesses paralelismos.

Em *CBP* podem ainda observar-se outras características associadas ao paradigma pós-moderno, como a representação de vários episódios simultâneos em diversos espaços e de versões diferentes, ou seja, de alternativas da história<sup>103</sup>, que acabam por contribuir para a existência de várias interpretações que destronam uma leitura/representação dogmática da própria história. Tal como a identidade de Martha e o próprio texto em si,

---

<sup>101</sup> Robert Alter, *Partial Magic: The Novel as a Self-Conscious Genre*, 1975, p. xi. Veja-se também Hilary Lawson, *Reflexivity: The Post-Modern Predicament*, 1985, pp. 7-30.

<sup>102</sup> Patricia Waugh, *Metafiction*, p. 2.

<sup>103</sup> Por exemplo, o facto de Thomas e Martha não casarem à face da Igreja, sendo esse um dos episódios que, como veremos (capítulo 12, *infra*), o Padre Manuel Teixeira contesta ao analisar o romance.



também o espaço da Macau setecentista se encontra em constante construção e, como afirma Elisabeth Wesseling sobre o revivalismo pós-modernista do romance histórico:

Postmodernist novelists [...] depart from the traditional novel by inventing alternate versions of history, which focus on groups of people who have been relegated to insignificance by official history. In this way, unrealized possibilities that lie dormant in certain historical situations are brought to our attention [...] from the perspective of the losers of historical struggle for power [...]<sup>104</sup>.

Linda Hutcheon<sup>105</sup> aborda também a temática da “metaficção historiográfica”, ou seja da autoconsciência da história e da ficção enquanto construções humanas que, por sua vez, se afasta do modelo scottiano, colocando a ênfase não na factualidade, mas na verosimilhança do discurso historiográfico metaficcional enquanto estratégia que problematiza o conhecimento histórico<sup>106</sup>, inclusive a história das mulheres, o que acontece quando *CBP* torna audíveis as vozes femininas silenciadas na história de Macau ao representar ficcionalmente o percurso singular de Martha face à passividade e ao destino típico da mulher chinesa. Partindo da definição de Hutcheon, Adriana Bebiano conclui que existem aspectos comuns ao romance histórico clássico e às metaficções historiográficas que revelam a continuidade entre os mesmos, nomeadamente as personagens e os eventos históricos, a atenção ao pormenor na reconstituição rigorosa da época retratada e a colocação do processo histórico no centro da trama ficcional<sup>107</sup>. Já O. Steimberg de Kaplan<sup>108</sup> afirma que o “novo romance histórico”, por oposição ao romance histórico tradicional, se preocupa mais em explicar e explorar os aconteci-

---

<sup>104</sup> Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. vii-viii.

<sup>105</sup> Linda Hutcheon, «“The Pastime”», pp. 473-495 e *idem*, *A Poetics of Postmodernism*, p. 5.

<sup>106</sup> Vide as definições de romance histórico pós-moderno de Elizabeth Wessling, *op. cit.*, pp. 193-194; John Martin McLeod, «Rewriting History: Postmodern and Postcolonial Negotiations in the Fiction of J. G. Farrell, Timothy Mo, Kazuo Ishiguro and Salman Rushdie», tese de doutoramento apresentada à Universidade de Leeds, 1995, pp. 2-5, 75-107; Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, pp. 37-43 e Amy Elias, «Metahistorical Romance, the Historical Sublime, and Dialogic History» e Sally Bachner, «‘He Had Pushed his Imagination into Buddy’s Brain’, or, How to Escape History in *Coming Through Slaughter*», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 159-172 e 197-220, respectivamente.

<sup>107</sup> Adriana Bebiano, «A História como Aventura: entre o Escapismo e o Questionamento», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *op. cit.*, vol. 1, p. 54.

<sup>108</sup> O. Steimberg de Kaplan, «Le Roman Historique: Interprétation et Connaissance», in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *Genres as Repositories of Cultural Memory*, 2000, p. 11.



mentos do que em descrevê-los de forma minuciosa, enquanto Lukacs<sup>109</sup> e Maria de Fátima Marinho<sup>110</sup> referem que o romance histórico tradicional ressuscita poeticamente figuras que foram agentes da história, objectivo que a narrativa de Coates também se propõe atingir sobretudo no que diz respeito ao casal Van Mierop no enclave setecentista. A voz da figura histórica Marta Van Mierop, relativamente silenciada até à publicação de *CBP*, ganha uma nova importância na historiografia de Macau<sup>111</sup>, provando que existem diferentes formas de (re)ver um mesmo episódio ou uma época histórica, tal como acontece em *Orlando: A Biography* (1928), de Virginia Woolf, quando o narrador assume o estatuto de intérprete e mediador do passado histórico.

Elisabeth Wesseling caracteriza três fases no percurso do subgénero de que nos ocupamos nesta terceira parte: o romance histórico *à la* Scott, a imitação deste com algumas variantes e, por fim, as experimentações modernistas e pós-modernistas<sup>112</sup>, encontrando-se *CBP* entre as duas últimas fases, ao partilhar características com os romances de Scott (nomeadamente os dialectos/regionalismos e a descrição verosímil de personagens e acontecimentos) e com o paradigma pós-moderno no que diz respeito à recuperação de vozes silenciadas e à ênfase do estatuto ficcional do texto<sup>113</sup>. Essa mesma partilha leva Avrom Fleishman a afirmar que o romance histórico explora sucessivamente novas possibilidades, evitando assim a repetição estéril de formas anteriores<sup>114</sup>.

Maria de Fátima Marinho<sup>115</sup> considera indispensável a inclusão de dados históricos rigorosos na intriga do romance, requisito que, como já vimos, se observa em *CBP* relativamente à informação retirada quer dos testamentos das figuras históricas, quer dos arquivos sobre factos e episódios locais e internacionais que têm lugar durante o tempo da acção. Os comentários do narrador, enquanto métodos discursivos, remetem para a concepção humana do tempo e também para a história enquanto estratégia

---

<sup>109</sup> Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 43-44.

<sup>110</sup> Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, p. 22.

<sup>111</sup> Consultem-se as já citadas obras de Benjamim Videira Pires e de Herlander Machado, bem como os artigos do Padre Manuel Teixeira, «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, pp. 5-6; *idem*, «Martha Merop», *ibidem*, n.º 88, 21-03-1968, pp. 4-6, *idem*, «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», *ibidem*, n.º 89, 24-03-1968, pp. 5-6 e *idem*, *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, 1974.

<sup>112</sup> Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. 42-92.

<sup>113</sup> Sobre a incorporação de perspectivas e figuras marginalizadas no romance histórico pós-moderno, veja-se também Kerstin Bowsher, «(De-)constructing Post-Colonial Identities: A Reading of Novels by Carlos Fuentes and Abel Posse», *Hispanic Research Journal*, vol. 6, n.º 2, Maio de 2005, pp. 131-145.

<sup>114</sup> Cf. Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. 35.

<sup>115</sup> Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, p. 20.

narrativa, pois a paisagem é não só humana e natural, mas também temporal, sendo o fluir do tempo marcado por acontecimentos quer no Oriente, quer no Ocidente, estes últimos implícitos nas referências das personagens, por exemplo, às guerras da independência norte-americana e à Revolução Francesa<sup>116</sup>.

### 3. AS FONTES DE ARQUIVO COMO SUPORTE DE CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

O narrador-historiador informa o leitor de que reconstrói o passado através da pesquisa em arquivos, tarefa veiculada através de afirmações como “[...] the records of Macao’s ancient charitable institution, the Santa Casa da Misericórdia, suggest [...]”<sup>117</sup>, na qual o verbo remete quer para o processo de inferição do investigador, a partir de documentos (pouco claros), quer para a relativa incerteza gerada pela distância temporal entre o período da acção histórica ficcionalizada e o momento da investigação e da escrita.

Após a transcrição inicial do excerto do diário (ficcional) de Thomas, o narrador apresenta o *background* familiar do sobrecarga londrino<sup>118</sup> através de analepses externas, referindo uma outra fonte da sua reconstrução histórica: os arquivos da E.I.C. utilizados para representar a vida profissional/pública do oficial. O recurso a verbos como

---

<sup>116</sup> O próprio narrador explica, duas vezes, o contexto mundial que condiciona a acção ‘histórica’ do romance: “Then war came – the War of the French Revolution – and the number of continental ships coming to China fell sharply [...]” e “It was the time of the War of the French Revolution, and ships had to travel in convoy, due to danger from Philippines and Java, both Spain and Holland being allies of revolutionary France. There were endless delays in cargo deliveries, and it became extremely difficult to obtain holdspace” (*CBP*, p. 154 e 158, respectivamente). Esta estratégia narrativa poderá ainda ser interpretada à luz do estudo historiográfico de H. Pritchard *Britain and the China Trade*, p. 187: “A third important thing to consider was the influence which European wars had upon the Continental trade. Between 1779 and 1783 there were no French ships at Canton, because France had come to the support of the Americans in their war for independence. [...] The beginning of the Wars of the French Revolution ended reviving the French trade after 1792 [...]” Veja-se ainda J. R. Jones, *op. cit.*, pp. 241-280.

<sup>117</sup> *CBP*, p. 53.

<sup>118</sup> O narrador descreve as dívidas da família Van Mierop após a morte do pai de Thomas e as funções deste último na E.I.C. como escrivão até que embarca para a China, uma vez que os cargos na Índia se destinam a membros de famílias mais influentes (*ibidem*, p. 6), prática igualmente referida no estudo de George Woodcock *The British in the Far East*, 1969, p. 5.

*supply*, *inform* e *show* aponta para as conclusões que a investigação permite, dados que são complementados pelos frequentes comentários interpretativos em forma de apartes entre parêntesis, pausas narrativas que se distribuem ao longo do romance e que, de acordo com Seymour Chatman, constituem a forma mais explícita da manifestação da voz do narrador<sup>119</sup>. Com base na alusão explícita do narrador aos referentes extra-literários, como, por exemplo, os arquivos enquanto locais de origem de informação, Barbara Foley<sup>120</sup> situa o romance-documentário na fronteira entre os discursos factual e ficcional, sendo esse um termo abrangente que designa conjuntamente o romance pseudofactual do século XVIII, o romance histórico do século XIX e o romance-documentário modernista de que *CBP* se aproxima, pois o narrador deseja legitimar ou documentar, consciente e abertamente, os acontecimentos representados, como fica claro quando afirma, após descrever as diligências que Madre Clemencia efectua para receber Martha no mosteiro: “[...] which accounts for the entry in the records of the Santa Casa da Misericórdia, to which Mother Clemencia applied for a subsidy to maintain the child”<sup>121</sup>. A investigação efectuada encontra-se também implícita nas muitas citações do diário de Thomas, redigido sobretudo em momentos de isolamento em Cantão e transcrito frequentemente para reconstruir o passado histórico com base no discurso autobiográfico do protagonista ocidental de *CBP*<sup>122</sup>. As próprias personagens referem o recurso aos registos escritos como forma de legitimar e provar a sua linhagem<sup>123</sup>, sendo os arquivos encarados como repositório da história local de famílias e casas comerciais macaenses, como se verifica quando Cuming, após a crise do anfião, deseja destruir os documentos do escritório de Biddle para não poder ser associado ao tráfico da droga<sup>124</sup>. Essas estratégias enfatizam a utilização de manuscritos de vários arquivos e de registos históricos, nomeadamente os da E.I.C.<sup>125</sup> e de Macau, com o intuito de reconstruir o

---

<sup>119</sup> Seymour Chatman, *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*, 1978, p. 228.

<sup>120</sup> Barbara Foley, *op. cit.*, pp. 25-41.

<sup>121</sup> *CBP*, p. 54. Sobre a Santa Casa da Misericórdia de Macau (sobretudo) no século XVIII, vejam-se Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 103-105; A. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 154-156, 161-164, 196-198, 219-258, 304-309 e João Carlos Oliveira, «Sociedade e Quotidiano», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *op. cit.*, vol. 3, pp. 346-349.

<sup>122</sup> *CBP*, pp. 2, 3, 5, 6, 28, 98, respectivamente: “Thus wrote [Thomas...]”; “[...] as Thomas’ journal rightly infers [...]”; “[...] as his journal shows [...]”; “[...] the journal continues [...]”; “[...] the journal reads [...]”, e “[...] as a slightly earlier passage in the journal shows [...]”.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 185.

<sup>124</sup> *Ibidem*, pp. 250-251.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 3: “Here the archives of the East India Company supply the missing information [...]”.

percurso das personalidades às quais são dadas voz e vida ficcionais. Por outro lado, a temática do ‘manuscrito encontrado’, sendo típica do romance histórico e marca do carácter híbrido do mesmo, confere autenticidade à narrativa<sup>126</sup>.

Quase no final do romance, o narrador descreve os últimos tempos de Thomas em Macau e refere a fonte de informação real sobre a doença do sobrecarga inglês: “He had been ill intermittently during the winter, victim of an unknown distemper, which, from a *surgeon’s report which has by chance survived in the Company’s archives*, appears to have been a recurring form of dysentery”<sup>127</sup>. De facto, o leitor interessado na história de Thomas ou da E.I.C., encontrará, na British Library, o atestado médico que o narrador refere. No volume G/12/108 dos Oriental and India Records (Oriental and India Office Collection), que contém as *consultations* e a documentação de 1794-1795, podemos ler, na secção de 4 de Dezembro de 1794: “Mr Mierop arrived in town [Canton] from Macao but in too weak and reduced a state to undertake any part of the business”<sup>128</sup>. Passados 26 dias, o sobrecarga escreve ao Comité Selecto, enviando o atestado médico redigido por Alexander Duncan. Na carta de Thomas podemos ler:

Henry Browne Esquire], Chief &c. the Select Committee Canton  
Gentlemen,

I find myself under the necessity of applying to you for permission to proceed on a voyage to Europe for the benefit of my health which has been extremely impaired owing to a long illness and a much debilitated state and confinement to my rooms for many months.

I herewith transmit you the opinion and proper certificate of the surgeon as a confirmation thereof. Should I find my recovery effected by the voyage to St. Helena I mean to return to my station.

I am  
gentlemen

Your most obedient  
Humble Servant  
Thomas Kuyck Van Mierop

Canton  
30th Dec.[ember] 1794<sup>129</sup>.

<sup>126</sup> Veja-se Lennard J. Davis, *Factual Fictions: The Origins of the English Novel*, 1996, pp. 25-41.

<sup>127</sup> *CBP*, p. 204; itálico nosso.

<sup>128</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/108, fl. 141.

<sup>129</sup> *Ibidem*, G/12/108, fl. 153.

Segue-se o atestado médico referido pelo narrador:

I do hereby certify that Mr. Mierop has been affected with complaints in the bowels for some months which have lately on the greatest debility, and a general bad habit of body the apparent consequences of his long residence in this climate, it is therefore my opinion that he ought to make a voyage to Europe as the only likely means left for his recovery.

Signed Alex[ander] Duncan  
Surgeon

Canton  
30th Dec.[ember] 1794<sup>130</sup>

Na *consultation* de 31 de Dezembro, o Comité Selecto informa Londres da decisão tomada relativamente ao sobrecarga:

Took into consideration the Letter & certificate sent in by Mr. Mierop. The extremely debilitate state in which Mr. Mierop has been for some months leaves us no doubt in our minds of the propriety of assenting to his request which though we must lament the loss of his assistance we readily do & sincerely hope his proposed voyage will be productive of the happy consequences he hopes from it<sup>131</sup>.

A informação presente na missiva de Thomas, no atestado médico e na *consultation* do comité é utilizada no romance, nomeadamente a referência à viagem para a Europa e o facto de Thomas pretender regressar a Macau caso a sua saúde melhore até o barco onde viaja atingir a ilha de Santa Helena. O narrador de *CBP* transcreve a carta (ficcional) que a personagem Alexander Duncan envia, de Macau para Cantão, a George Cuming, informando-o do estado da doença do sobrecarga e da “[...] long sea voyage as the sole likely means left for his [Thomas’] recovery [...]”<sup>132</sup>, contendo a missiva do romance, para além dos elementos retirados do documento real, outros que contribuem para o desenrolar da intriga, como o possível casamento de Thomas e Martha numa igreja católica de Macau. Os documentos históricos funcionam, assim, como ‘intertextos’ de *CBP*, permitindo-nos reunir os poucos dados existentes sobre

---

<sup>130</sup> *Ibidem*, fls. 153-154.

<sup>131</sup> *Ibidem*, fl. 154.

<sup>132</sup> *CBP*, pp. 214-215.

a estada de Thomas na China, que estudaremos de seguida devido ao quase total desconhecimento da vida do sobrecarga e da órfã chinesa, informação que enriquece a análise de *CBP*.

### 3.1 As figuras históricas por detrás das personagens principais

Como as personagens literárias são imortais é sempre possível aparecerem quando menos esperamos [...].

Carlos Ceia, *O Professor Sentado: Um Romance Académico*, 2004, p. 93

#### 3.1.1 Thomas Kuyck Van Mierop

No prólogo, logo após retomar a palavra, o narrador apresenta uma breve biografia de Thomas, nomeadamente sobre o seu passado londrino, o seu pai, Martin Kuyck Van Mierop (m. 1777), “a Dutch gentleman of high commercial standing”<sup>133</sup>, comerciante e fundador da Lloyds, e a sua mãe, identificada como Elizabeth Jane Bentham, tia do filósofo Jeremy Bentham, a quem o sobrecarga oferece mil libras em testamento<sup>134</sup>, focando a educação (in)formal de que o jovem, filho de um comerciante e de uma intelectual, desfruta desde criança, em Twickenham. O jornal *London Evening Post*, de quinta-feira, 16 de Maio de 1754, noticia o casamento de Martin Van Mierop e de Martha Bathes: “we hear that on Thursday [...] Mr. Martin Kuyck Van Mierop, of London, merchant, was married at Alton in Hampshire, to Miss Martha Bates, youngest daughter of Thomas Bates, Esq., of that place”<sup>135</sup> e, de acordo com documentação que encontrámos em Londres, o pai de Thomas – filho do mercador de St. Martin’s Lane, Isaac Van Mierop<sup>136</sup>, natural da Holanda – obtém a naturalização inglesa em 1740<sup>137</sup>,

<sup>133</sup> Frederick Martin, *The History of Lloyd’s and of Marine Insurance in Great Britain*, 1878, p. 146.

<sup>134</sup> Consulte-se o testamento de Thomas Van Mierop [Public Record Office, The Family Records Centre, *Wills*, PROB11/1267, fl. 56v, nosso anexo n.º 6)].

<sup>135</sup> *London Evening Post*, n.º 4137, 16-05-1754, p. 4.

<sup>136</sup> O jornal *London Gazette*, n.º 5528, 9 de Abril, 1717, p. 1, noticia a naturalização de Isaac Van Mierop, enquanto o *London Evening Post*, n.º 8155, 02-07-1774, p. 1, noticia a sua morte, em New Broad Street, aos 93 anos de idade.

<sup>137</sup> Cf. *Collection of the Private Acts of Parliament, Passed 14th George 2nd. Arranged in Numerical Order; According to the Authorized Table*, Dezembro 1858, secção “14 GEO.2. C. 2.”, alínea *Private* 20

referindo Charles Dickens Jr. e outros autores o seu papel na fundação e na administração da Lloyd's<sup>138</sup>. Os jornais *The Monthly Chronologer*, *London Evening Post* e *Gazetteer and London Daily Advertiser* informam-nos ainda de que Martin é membro do “general court of the governors, assistants, and society of the city of London, of and for Mines Royal”<sup>139</sup>, e falece, em Gales, em Agosto de 1775, durante uma caçada, de queda accidental, como também noticia a imprensa inglesa<sup>140</sup>. Quanto à mãe da personagem, o nome que Coates avança em *CBP* está errado, pois o testamento de Thomas (nosso anexo n.º 6) informa que esta se chama Martha Kuyck Van Mierop, nome que partilha com uma das suas filhas e com a protagonista de *CBP*, até falecer, em Maio de 1800, tal como noticiam os jornais ingleses<sup>141</sup>.

A estada e as funções profissionais de Thomas na China são mencionadas várias vezes na documentação da E.I.C., sobretudo na correspondência trocada entre Cantão, Macau, as presidências inglesas na Índia e Londres, sendo também nomeadas outras figuras históricas que Austin Coates transforma em personagens do romance<sup>142</sup>. Em publicações da própria companhia encontramos referências a “Thomas Kuyck Van Mierop Esquire” como membro do “council of supra-cargoes” em 1780 e 1782 e, após ser promovido, do Select Committee (1784-1794)<sup>143</sup>, assinando este as actas das

---

[microfilme S. P. R. Mic. P. 13. BS Ref. 2 1739-1742 (British Library)]; versão impressa: *Chronological Table of Private Personal Acts 1539-1997*, 1999, p. 133, secção “1740 (14 Geo. 2), C. 20”.

<sup>138</sup> Charles Dickens Jr., *Dicken's Dictionary of London 1877*, 1877, p. 150: “[...] Martin Kuyck von [sic.] Mierop [...] a man of weight, presided at the first meeting, held towards the close of 1771, when 79 gentlemen put down £ 100 apiece towards uniting themselves into a society, then mentioned as New Lloyd's [...]”. Vejam-se também o jornal *The Graphic: An Illustrated Weekly Paper*, n.º 871, 07-08-1886, p. 2; Frederick Martin, *The History of Lloyd's and of Marine Insurance in Great Britain*, 1876, p. 146; Charles Wright e Charles Ernest Fayle, *A History of Lloyd's*, 1928, p. 112 e Thomas M. Truxes, *Letterbook of Greg & Cunningham 1756-1757*, 2001, p. 63.

<sup>139</sup> *The Monthly Chronologer*, vol. 24, Dezembro de 1755, p. 593 e vol. 25, Maio de 1756, p. 246; *London Evening Post*, n.º 4288, 03-05-1755, p. 4 e n.º 4380, 04-12-1755, p. 1 e *Gazetteer and London Daily Advertiser*, n.º 4581, 04-05-1756, p. 2.

<sup>140</sup> *London Chronicle*, n.º 2924, 02-09-1775, p. 230; *London Evening Post*, n.º 8339, 31-08-1775, p. 4 e *Craftsman or Say's Weekly Journal*, n.º 892, 09-09-1775, p. 4.

<sup>141</sup> *English Chronicle or Universal Evening Post*, n.º 3273, 10-05-1800, p. 3 e *Oracle and Daily Advertiser*, n.º 22286, 14-05-1800, p. 4.

<sup>142</sup> “Henry Browne, [...] Charles Edward Pigou [...] Thomas Kuyck van Mierop” [«Letter Dated 3 February 1780», in Hira Lal Gupta (ed.), *op. cit.*, p. 255].

<sup>143</sup> Vejam-se: B.L.-O.I.O.C., G/12/79, fl. 1, parte 2, fl. 1, parte 3, fls. 1, 27; G/12/80, fl. 1; G/12/98, fls. 29, 31, 41; G/12/99, fl. 1; G/12/102, fl. 1; G/12/109, fl. 1; G/12/111, fl. 1; *A List of Company's*

*consultations* até 1794, com um interregno entre Agosto de 1792 e Dezembro do ano seguinte<sup>144</sup>. De acordo com a documentação manuscrita da E.I.C., Thomas encontra-se em Macau no ano de 1775 e leva a cabo algum comércio privado<sup>145</sup>, como membro do Comité Selecto<sup>146</sup>.

A 4 de Fevereiro de 1783, o sobrecarga é testemunha da leitura do testamento de um colega, assinando a cópia do documento<sup>147</sup>, e é, a 4 de Março de 1786, responsável pela fiscalização e aprovação de chás adquiridos pela companhia ao mercador chinês Howqua, bem como pelo pagamento da mercadoria a Geowqua e Puan Khequa<sup>148</sup>; em Julho de 1787, é, como afirmámos na segunda parte, testemunha do caso que opõe Samuel Peach ao governador de Macau<sup>149</sup>. A *consultation* de 4 de Dezembro de 1789 refere uma das várias funções de Van Mierop, registar as transacções do *Select Committee*<sup>150</sup>, enquanto, 25 dias depois, o inglês é responsável pela inspecção do chá

---

*Covenant Servants, at their Settlements, in the East Indies, and Island of St. Helena, and China*, 1780, p. 49; *ibidem*, 1782, p. 49; *ibidem*, 1790, p. 49 e *ibidem*, 1795, p. 66.

<sup>144</sup> Thomas é nomeado a 31 de Maio de 1781 [Hira Lal Gupta (ed.), *op. cit.*, p. 310]; a 25 de Janeiro de 1782; a 15 de Janeiro de 1783 e 23 de Dezembro de 1784 [B. A. Saletore (ed.), *Fort William-India House Correspondence*, vol. 9: 1782-85, 1959, pp. 6, 86, 142, 184, 280]; a 22 de Dezembro de 1786 [encontrando-se o apelido holandês de Thomas incorrecto (“Kerryck”)]; a 28 de Março de 1788 [Raghubir Sinh (ed.), *Fort William*, vol. 10: 1786-1788, 1972, pp. 158, 317] e a 8 de Abril de 1789, sendo promovido, a 25 de Abril do ano seguinte, a membro do quadro superior do Comité Selecto dos Sobrecargas [I. B. Banerjee (ed.), *Fort William*, vol. 11: 1789-92, 1974, pp. 45, 106], cargo para o qual continua a ser eleito a 5 de Abril de 1793, a 23 de Abril de 1794 e 5 de Junho de 1795 [Amalls Tripathi (ed.), *Fort William*, vol. 12: 1793-95, 1978, pp. 55, 58, 91, 164]. Para uma contextualização da actividade do comité no século XVIII, vejam-se as introduções desses volumes.

<sup>145</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/58, fls. 94, 181. O comércio de “Mr Van Mierop” é referido, de novo, nos volumes G/12/64, fl. 137; G/12/104, fl. 136; G/12/107, fl. 120 e G/12/109, fls. 134-136, enviando o sobrecarga “cherry wine”, vinho da Madeira, porcelana, café, caixas de laca, cetim e chás como presente para a mãe (Twickenham) e para Walter Ewer, Alex Bruce, Thomas e William Fitzhugh, William Elphinstone, George Rous, Henry Pigou, Mr. Petre, Mrs. Brown, Mrs. Wilkinson, Mathew Raper, David Lance, James Bradshaw (Londres), Thomas Bates Rous (Moor Park, Hertfordshire) e Mr. Chapman (India House, Londres).

<sup>146</sup> *Ibidem*, R/10/11, parte 2, fl. 1. Thomas assina inúmeras *consultations* do comité [*idem*, fl. 2 e G/12/72, fl. 1; G/12/75, fl. 1; R/10/13, fl. 1; R/10/14, fl. 1 (nos fls. 2, 4, 5 e 10, entre outros, o seu nome é abreviado: T. K. Van Mierop), *idem*, parte 2, fl. 1; G/12/77, fl. 1; G/12/78, fl. 1; G/12/79, fl. 1, parte 2, fls. 1, 54, parte 3 (1785), fls. 1, 27; G/12/81, fl. 1; G/12/82, fl. 1, parte 2, fl. 1; G/12/83, fl. 1 e G/12/85, fls. 1, 9, entre tantos outros].

<sup>147</sup> *Ibidem*, G/12/77, fls. 11-12.

<sup>148</sup> *Ibidem*, R/10/15, fl. 10.

<sup>149</sup> *Ibidem*, G/12/86, fl. 21.

<sup>150</sup> *Ibidem*, R/10/18, parte 2, fl. 34.



Singlo, a bordo do *Walpole*<sup>151</sup> e, a 29 de Outubro de 1790, entrega ao *hopu* um pedido de autorização para a entrada de embarcações britânicas no porto de Macau<sup>152</sup>. A 16 de Março de 1791, Thomas e alguns colegas descem de Cantão para apressar a partida do barco de guerra do capitão Blunkett, retido no enclave<sup>153</sup>, e a 25 de Setembro do ano seguinte o presidente do Comité Selecto, Henry Browne, informa Londres das mudanças no comité, tornando-se Van Mierop superintendente das importações; e explica: “[...] this department consists in receiving and delivering all imports, adjusting the accounts relative thereto and delivering them in due time to the accountant”<sup>154</sup>. Esse cargo torna o sobrecarga responsável por transmitir ao comité o mau estado em que se encontram as lãs trazidas pelo *Lord Macartney* em Outubro de 1792<sup>155</sup>, desempenho que leva o órgão a informar Londres do profissionalismo de Thomas:

The adjustment of the damage, the examination of the damaged bales & disposal of such as were rejected, which took up an incredible deal of time & was attended with uncommon trouble & difficulty fell under the care of Mr. Van Mierop as superintendent of Imports, and we have the satisfaction to think that by his assiduity and attention as much has been done towards diminishing the Loss to the Honble Company as could possibly have been effected<sup>156</sup>.

H. B. Morse refere “Mr. Mierop” como superintendente das exportações<sup>157</sup> e enumera várias das figuras históricas que Coates ‘transforma’ em personagens, como George Cuming, W. H. Pigou, Henry Browne e o médico Duncan<sup>158</sup>, adiantando: “[...] for the season 1793 [...] the Select Committee consisted of Mr. Henry Browne, President, and Messrs. George Cuming and Thomas Kuyck van Mierop [...]”<sup>159</sup>. No final desse ano, os directores da companhia informam o Comité Selecto de que a primeira vaga que

---

<sup>151</sup> *Ibidem*, G/12/96, fl. 124.

<sup>152</sup> *Ibidem*, fl. 71.

<sup>153</sup> *Ibidem*, G/12/101, fl. 94.

<sup>154</sup> *Ibidem*, G/12/103, fl. 56.

<sup>155</sup> *Ibidem*, fl. 93.

<sup>156</sup> *Ibidem*, fl. 204.

<sup>157</sup> Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, p. 195, informa: “[...] this department consists in receiving and delivering all imports, adjusting the accounts relative thereto & delivering them in due time to the accountant [...]”.

<sup>158</sup> *Idem, ibidem*, pp. 46, 54, 110, 118, 151, 192-195, 266.

<sup>159</sup> *Idem, ibidem*, p. 205.

surgir no mesmo deverá ser preenchida por Thomas Van Mierop, sendo tal informação comunicada ao sobrecarga em Janeiro de 1794<sup>160</sup>. Thomas adoece e, tal como é prática comum entre os sobrecargas da E.I.C. na China<sup>161</sup>, permanece em Macau na época comercial desse ano, fraco demais para desempenhar qualquer função em Cantão<sup>162</sup>, partindo para Inglaterra em Janeiro do ano seguinte.<sup>163</sup> De acordo com Morse, na época de 1795 Thomas é membro do comité, mas falece a caminho de casa, antes de passar o estreito de Sunda<sup>164</sup>, ou seja, o sobrecarga tem, tal como o início de *CBP* deixa claro, uma existência comprovável fora do texto ficcional, no qual é também apresentado a desenvolver devotamente as suas funções nos escritórios da companhia em Macau até falecer a 22 de Fevereiro de 1795 a bordo do *Taunton Castle*, facto noticiado pela imprensa inglesa<sup>165</sup>.

### 3.1.2 Marta da Silva Van Mierop (1766-1828)

Perante a inexistência de dados que permitam elaborar uma biografia de uma das maiores benfeitoras de Macau, Austin Coates decide redigir *CBP* e levar a cabo, como romancista, a tarefa que, enquanto investigador, não lhe é possível empreender, evocando ficcionalmente a figura histórica<sup>166</sup>.

A órfã, possivelmente abandonada à nascença e recolhida pela Santa Casa da Misericórdia em meados do século XVIII, nunca aprende a ler nem a escrever<sup>167</sup>, facto que, não sendo um obstáculo para uma das mais conhecidas armadoras do Sul da China

---

<sup>160</sup> “Mr van Mierop attended [the Select Committee] and the paragraph being read he was desired to take his place at the Board accordingly” (B.L.-O.I.O.C., G/12/106, fl. 27).

<sup>161</sup> Consulte-se *ibidem*, G/12/89, fl. 85 (1788), onde se lê que os sobrecargas que adoecem em Cantão vão para Macau, “[...] for the benefit of air and exercise [...]”.

<sup>162</sup> *Ibidem*, G/12/108, fl. 141.

<sup>163</sup> Veja-se o final do subcapítulo anterior e Hosea Ballou Morse, *The Chronicles*, vol. 2, p. 255.

<sup>164</sup> *Idem, ibidem*, p. 265.

<sup>165</sup> *London Packet; or, New Lloyd's Evening Post*, n.º 4047, 22-07-1795, p. 1; *Morning Chronicle*, n.º 8043, 25-07-1795, p. 4; *Morning Post and Fashionable World*, n.º 7325, 24-07-1795, p. 2 e n.º 7326, 25-07-1795, p. 3; *The Oracle, Public Advertiser*, n.º 19066, 24-07-1795, p. 2; *Star*, n.º 2162, 23-07-1795, p. 2 e *Telegraph*, n.º 178, 24-07-1795, p. 2.

<sup>166</sup> Este nosso subcapítulo foi já publicado como Rogério Miguel Puga, «A Vida e o Legado de Marta da Silva Van Mierop», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 22, Abril de 2007, pp. 40-51.

<sup>167</sup> No seu testamento podemos ler: “Por mandado da testadora por ella não saber assinar – (a) Antonio de Sena” (testamento transcrito e publicado pelo Padre Manuel Teixeira, «Marta Merop: Autópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 89, 24-03-1968, p. 5, e que apresentamos no anexo 7).

no século XIX, contribui em parte para a inexistência de registos escritos que permitam reconstituir a sua vida. Muita da informação sobre a figura por detrás da protagonista de *CBP* tem sido transmitida oralmente, de geração em geração, no seio das comunidades portuguesa, macaense e chinesa de Macau, como informa a contracapa do romance. De acordo com o Padre Manuel Teixeira, a personagem Martha nada tem de “verdadeiro” a não ser a sua existência<sup>168</sup>, afirmação que não é exacta, pois a *Bildungsheldin* partilha diversas características com o seu referente histórico, nomeadamente o facto de se tornar armadora, as doações que faz à cidade<sup>169</sup> e a relação amorosa com Thomas. Os escassos dados disponíveis sobre a “mulher mais rica de Macau”<sup>170</sup> e Thomas Van Mierop recolhe-os Coates quer dos testamentos de ambos, quer da tradição oral de Macau e dos arquivos históricos ingleses e portugueses<sup>171</sup>, incorporando-os na narrativa ficcional que dá vida a duas personagens que se movem num mundo possível.

Numa das primeiras histórias de Macau em língua inglesa publicada em 1902, C. A. Montalto de Jesus apresenta uma das poucas referências a Marta Van Mierop anterior à publicação de *CBP*, perpetuando a imagem de generosidade que envolve a benfeitora: “[...] in one instance a native woman who wedded a foreigner merchant under romantic circumstances became a public benefactress by bequeathing her fortune to the charitable institutions of the colony, in one of which, the Santa Casa da Misericórdia, the portrait of Martha Merop is still preserved”<sup>172</sup>. Muitos são os autores que, ao referirem a presença inglesa e a condição feminina na Macau setecentista, remetem para a relação de Thomas e Marta com base no romance de Coates, nomeadamente Philippe Pons na sua obra *Macao*:

For a long time there were more women than men in Macao. [...] Many [women] were orphans born from unions with servants. They were taken in by the Santa Casa da Misericórdia, given a Christian education and placed with rich families. Others

---

<sup>168</sup> *Idem*, *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, p. 33.

<sup>169</sup> Relativamente às doações de Marta à cidade de Macau, vejam-se as referências coevas na seguinte documentação histórica: «Carta da Santa Casa da Misericórdia de Macau ao Senado, de 15 de Junho de 1828», *A.M.*, 3.<sup>a</sup> série, vol. 19, n.º 5, 1973, p. 260; «Carta do Padre Inácio da Silva, vigário capitular de Macau ao Senado, de 23 de Setembro de 1828», *ibidem*, p. 261, e «Carta ao Padre Inácio da Silva, vigário capitular de Macau ao Senado, de 6 de Março de 1829», *ibidem*, p. 281. Consulte-se ainda Padre Manuel Teixeira, *Macau e a Sua Diocese*, vol. 3, 1956, pp. 518-519.

<sup>170</sup> *CBP*, pp. 275, 293, 301.

<sup>171</sup> *Vide* a contracapa do romance e Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

<sup>172</sup> C. A. Montalto de Jesus, *Historic Macao*, 1902, pp. 134-35.

became prostitutes such as Martha Merop, who lived from the late 1700s until the early 1800s, and whose full-length portrait hangs in the grand chamber in the Santa Casa da Misericórdia. Austin Coates dedicated a novel to the legend of this enigmatic woman, mistress to an Englishman in the East India Company, and had his heroine say she felt ‘neither Portuguese nor Chinese’. The novel’s title, *City of Broken Promises*, alludes to the promises of marriage Europeans used to make their mistresses before, more often than not, abandoning them with their children. Martha Merop was sold as a prostitute at the age of thirteen, and lived with her lover Thomas Merop [*sic.*] for fifteen years. He departed from Macao without her, but bequeathed her his fortune and his name. Martha launched herself in business and became the richest woman in South China, as well as the Santa Casa’s most generous donor<sup>173</sup>.

Referindo-se à figura histórica, o autor faz eco do enredo de *CBP*, fundindo dados biográficos com criações literárias, pois não há provas de que Marta da Silva tenha, de facto, sido prostituta, como refere o Padre Manuel Teixeira numa série de artigos que estudamos no capítulo 12 desta terceira parte, nem Thomas abandona a amada ao ser forçado a viajar por motivos de doença. Se *CBP* ‘recupera’ o nome de Marta Van Mierop do esquecimento, o facto de a obra ser um romance histórico faz com que inúmeros autores que escrevem sobre Macau parafraseiem o conteúdo do mesmo como real, intensificando o mistério que envolve a vida da armadora.

### 3.1.2.1 O legado de Marta da Silva Van Mierop à cidade de Macau (1828)

Após ter conhecido Thomas em Macau, Marta da Silva casa supostamente com o inglês, que lhe deixa, em testamento, parte da sua fortuna, antes de embarcar, doente, de regresso a Londres, viagem durante a qual falece em 1795. Marta torna-se uma famosa armadora<sup>174</sup>, passando toda a sua vida no enclave, onde morre, a 8 de Março de 1828,

---

<sup>173</sup> Philippe Pons, *Macao*, 2002, p. 102.

<sup>174</sup> Como veremos no segundo capítulo da quarta parte, várias fontes chinesas e estudos como os de Michael Greenberg, *op. cit.*, p. 138 e Austin Coates referem o barco *Merop*, que transporta mercadorias e trafica ópio no Sul da China. No final do artigo «Millionairess», p. 16, Coates avança informação relativamente a episódios da vida de Marta da Silva posteriores ao momento em que termina a acção de *CBP*, sem referir a fonte dos dados: “In 1823, when she was about 57, she decided to retire from active trading, and sold her ship [*Merop*] to James Matheson. [...] Matheson cut the ships’ masts off, and it is regrettable to record that the vessel ended as one of the mastless hulks which made up the floating opium emporium at Lintin”. Para uma referência ao barco de Marta da Silva já sob o comando de James Matheson, veja-se A.H.U., *Macao*, cx. 48, doc. 3, fls. 1-2.

no seu lar, na Rua do Hospital, também herdado do sobrecarga, sendo sepultada na capela-mor da Igreja do Convento de São Francisco<sup>175</sup>.

A comerciante de etnia chinesa, “[...] christã, e Catholica Romana [...]”, apresenta-se da seguinte forma no início do seu testamento, lavrado a 3 de Março de 1828:

Eu Martha da Silva Merop, viuva de Thomaz Merop, moradora n’esta cidade de Macau [...] natural d’esta Cidade do Santo Nome de Deus na China filha de Pae e Mai gentios. [...] Fui casada com Thomas Merop ora defundo in facie Ecclesiae segundo manda a Santa Igreja [...] deste Matrimonio não tive filho algum [...] não tenho herdeiros descendentes nem ascendentes. [...] Deixo por ora para bem da minha alma e suffragio d’ella mil patacas para mil missas de pataca cada uma. [...] Dou liberdade para todos os meus captivos e captivas<sup>176</sup>.

A senhora Van Mierop demonstra a sua caridade ao oferecer todos os seus bens às afilhadas e protegidas, aos escravos que liberta<sup>177</sup> e aos órfãos e instituições de caridade de Macau, levando o Padre Manuel Teixeira a defender que uma das residentes que deveriam dar nome a uma rua da cidade é o de “[...] Marta Merop, grande benfeitora da S. Casa da Misericórdia e dos Conventos”<sup>178</sup>. Ainda em vida, a armadora auxilia o território sempre que necessário<sup>179</sup>, como demonstra a «Lista dos Senhores, que concorrerão para o fretamento do Brigue Assumpção para a condução dos Malvados, que pretenderão perturbar o socego desta cidade», publicada na *Abelha da China*, o primeiro jornal de Macau, fundado a 12 de Setembro de 1822, no qual se encontra o nome da “Sra. Martha da Silva Merop”, que oferece dez patacas<sup>180</sup>.

Como veremos no segundo capítulo da quarta parte, ao longo do tempo o apelido da benfeitora sofre uma transformação fonética em Macau, passando a Merop(e), proclamando-a a documentação portuguesa redigida após a sua morte, e em consonância com o testamento da mesma, “[...] viuva do Inglez Tomàz Meroup [*sic.*]”<sup>181</sup>. De acordo

<sup>175</sup> Cf. Padre Manuel Teixeira, *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, p. 34.

<sup>176</sup> Vide nosso anexo n.º 7.

<sup>177</sup> Prática comum em Macau (cf. Jorge Manuel Flores, «Macau: De Surgidouro a Cidade», p. 242).

<sup>178</sup> Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 19.

<sup>179</sup> Gestos que têm referente ficcional em *CBP*, pp. 293-294.

<sup>180</sup> «Suplemento à *Abelha da China*», n.º 15, 24-12-1822, p. 3, in *A Abelha da China*, p. 58.

<sup>181</sup> «Cópia dos lançamentos respeitantes aos legados deixados por Marta Merop, que figuram no “Livro destinado a registar as contas gerais intituladas balanço da receita e despesa da real fazenda, que administra o Leal Senado da Câmara de Macau” (1825 a 1835 pag. 50v). Receita na Real Caixa», redigido

com a vontade expressa por Thomas em testamento<sup>182</sup>, após a sua morte Marta não deveria casar com um português ou canarim<sup>183</sup>, imposição que poderá ser interpretada à luz quer da diferença religiosa entre protestantes e católicos, quer do poder que os lusos detêm em Macau e que facilmente lhes possibilitaria apropriarem-se do património da ‘viúva’:

[...] I give devise and bequeath unto my beloved wife Martha da Silva [...], ten thousand pounds sterling [...] only to be paid her with the following proviso that is in case she does not attach her self in marriage with any portugueze that is to say native of Portugal or any portugueze born either on this or on the other side of the cape of good hope, or natives of portugueze India settlements called Mintices Canarius et coetera but to people of any other country I heartily give my consent she may marry [...] <sup>184</sup>.

Os testamentos do casal adquirem um valor especial no que diz respeito à questão do seu casamento, pois declaram ser Marta mulher e viúva de Thomas Van Mierop, embora o matrimónio não se encontre registado em Macau e seja necessária autorização régia para um estrangeiro casar com uma natural do território<sup>185</sup>, apesar de aí

---

a 17 de Maio de 1915, p. 1 (C.C.C.M., microfilme: MCAHM/AC/157/824/B. G2). Catalogação do processo no Arquivo Histórico de Macau (Macau): Pasta 12: Administração Civil, 10 de Dezembro de 1912-2 de Março de 1920; Processo n.º 3806, caixa 76.

<sup>182</sup> P.R.O., The Family Records Centre, *Wills*, PROB11/1267, fls. 56-59; data do traslado do testamento: Outubro de 1795, com a indicação de que Thomas faleceu no estrangeiro (“*pts*”: *in partibus transmarinus*). Veja-se a transcrição do documento, até à data inédito, no anexo n.º 6.

<sup>183</sup> De acordo com Henry Yule e A. C. Burnell, *Hobson-Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, 1996, p. 154, o termo ‘canarim’ é aplicado aos naturais do distrito de Canara, utilizando os portugueses o vocábulo para se referirem aos habitantes de Goa, ou seja, a indianos. Já Sir Richard Carnac Temple (ed.), in Peter Mundy, *op. cit.*, vol. 2, p. 62, n.º 4, adianta que os portugueses utilizam o termo para designar os *Eurasians*. Para uma caracterização coeva dos canarins de Macau, veja-se o excerto do relatório do bispo D. Marcelino José da Silva, de 2 de Fevereiro de 1799 (Biblioteca Central da Marinha, Arquivo Histórico, Documentação Avulsa do Ultramar, *Macau*, caixa 1340, in António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, p. 7): “[...] que os vierão substituir com nome de tropa regular, e disciplinada ainda erão mais indigentes e miseraveis por serem Canarins dados quazi todos ao vicio do vinho, de sorte, que muitos delles tem morrido por demaziado uso, que fazião do vinho [...] e muitos tem empenhado e continuam a empenhar nas boticas [...] as fardas, as camizas, e até as mesmas espingardas”. Consulte-se ainda Ana Maria Amaro, *Das Cabanas de Palha às Torres de Betão, assim Cresceu Macau*, 1998, p. 186.

<sup>184</sup> P.R.O., The Family Records, *Wills*, PROB11/1267, fl. 56.

<sup>185</sup> A.H.U., *Macau*, cx. 63, doc. 42 (1832).

se verificarem casamentos ‘ilegais’ de europeus<sup>186</sup>, como Martha informa Thomas em *CBP*: “Macao is full of stories of secret marriages”<sup>187</sup>.

Pouco antes de morrer, a armadora lega à cidade a sua fortuna em prol dos órfãos, dos necessitados e da Igreja, sendo várias as referências ao legado na documentação da Administração Civil de Macau logo após a sua morte, como se pode verificar em três cartas, redigidas em 1828 e 1829<sup>188</sup>, que atestam toda a acção social e a caridade possibilitada pela viúva na Cidade do Santo Nome de Deus. No Centro Cultural e Científico de Macau, em Lisboa, encontra-se microfilmado o processo relativo a uma disputa económica, no início do século XX, devido à aplicação e ao usufruto dos juros do legado que Marta Van Mierop instituíra em testamento no ano de 1828, e cujo original se encontra no Arquivo Histórico de Macau<sup>189</sup>, sendo frequente por parte da edilidade macaense a prática de deixar herança a instituições de caridade<sup>190</sup>. O processo n.º 3806 do Fundo de Administração Civil intitula-se «Legado de Martha da Silva Merop, 1912 Dezembro 10-1920 Março 2» e contém documentos da Repartição Superior da Fazenda ao longo dos quais o nome da benfeitora tem variantes como “Merop” e “Merope”, ‘flutuação’ essa implícita no romance através do episódio do calígrafo chinês, que estudaremos no segundo capítulo da quarta parte. A cópia dactilografada de um ofício da Secretaria Geral do Governo de Macau (17-05-1915) informa:

[...] em 8 de Março de 1828 faleceu nesta cidade de Macau Marta da Silva Merop, deixando em testamento, entre outros legados, um da importância de três mil patacas

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, cx. 62, doc. 4 (1831).

<sup>187</sup> *CBP*, p. 160. Veja-se também a página 214 do romance.

<sup>188</sup> «Carta da Santa Casa da Misericórdia de Macau ao Senado, de 15 de Junho de 1828», p. 260, onde se pode ler: “Havendo a falecida Martha da Silva Merop deixado a esta Caza hum Legado no vallor de vinte mil (20.000) Patacas [...]” Na «Carta do Padre Inácio da Silva, vigário capitular de Macau ao Senado, de 23 de Setembro de 1828», p. 261, o Senado é informado de que, nas reparações do Recolhimento de Santa Rosa, se gastara 1600 patacas, adiantando a missiva “[...] e como V. Sr.<sup>a</sup> tem na sua Administração o que a defunta Martha da Silva Merop deixou a beneficio do mesmo Recolhimento, rogo a V. Sr.<sup>a</sup> se digne abonar-me com a quantia mencionada [...]”. Já a «Carta do Padre Inácio da Silva, vigário capitular de Macau ao Senado, de 6 de Março de 1829», p. 281, informa que o remetente comprara as casas de Joaquim Barros para “[...] nova habitação das Educandas do Recolhimento de Santa Rosa de Lima da criação e inspecção dos Senhores Ordinários deste Bispado [...]”, pedindo o mesmo, ao Senado, que lhe faculte “[...] mil e trezentas e trinta (1. 330) patacas do legado deixado pela falecida Martha da Silva Merop para aquelle Estabelecimento, ora a juros nessa Administração”.

<sup>189</sup> C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2.

<sup>190</sup> *Vide* Padre Manuel Teixeira, *Macau no Séc. XVIII*, pp. 118, 183-184.



ao Leal Senado, que junta à de seis mil patacas, que por escritura de 21 de Fevereiro de 1827 o mesmo tinha ganhos, da referida testadora, perfaz o total de nove mil patacas, das quais os juros deveriam, nos termos das disposições testamentárias, ser entregues ao Pe. Cura da Sé para este e mais dois sacerdotes aplicarem a diferentes solenidades religiosas e o restante a missas<sup>191</sup>.

A irregularidade do pagamento dos juros pelo Leal Senado ao Cabido da Sé, conforme o documento comprova, dá posteriormente origem a uma disputa entre o governo da cidade – que requer para si a importância do legado – e o Senado. Nesse mesmo dia, o subinspector da fazenda afirma:

[...] do espólio da defunta Marta da Silva Merop. *Viúva do Inglês Tomáz Meroup [sic.]*, deixado à Santa Casa da Misericórdia desta cidade para obras pias, o proposto pelo Desembargador Ouvidor Geral Dr. José Felipe Pires da Costa em sessão de 28 de Maio de 1828 para que o Leal Senado recebesse este legado a juros de 7 por cento anuais até decisão da Autoridade Superior [...]<sup>192</sup>.

---

<sup>191</sup> C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2: «Cópia de ofício da Secretaria Geral do Governo da Província de Macau» (17-05-1915), p. 1, informação repetida na maioria dos documentos do processo. Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 117, descreve a caridade da benfeitora, que perdura em Macau, relacionando o nome desta com o Colégio de Santa Rosa de Lima: “Marta da Silva Merop deixou um legado de 20.000 patacas «para sustento das meninas, que forem para se educar na Recolhida». Este capital foi depositado a juros no Senado. Foi com ele que as órfãs puderam ter melhor alojamento. A 23 de Setembro de 1828, o vigário capitular, Pe. Inácio da Silva, pediu ao Senado 1.000 patacas do fundo de Merop para proceder a reparações nas casas que destinara para as meninas do Recolhimento de Sta. Rosa da Lima, sendo deferido; a 6 de Março de 1829, nova carta do mesmo, «pedindo 1. 330 patacas a conta da mayor qt.<sup>a</sup> q tem no Sem.<sup>o</sup>, pertencente as Meninas de Santa Roza de Lima». [...] Com o dinheiro de Marta Merop o Pe. Silva reparou umas casas onde as órfãs ficaram melhor instaladas”. O padre Manuel Teixeira, noutro estudo, «Colégio de Santa Rosa de Lima», *O Clarim*, ano 21, n.º 6, 19-05-1968, p. 6, associa, mais uma vez, o nome da benfeitora ao colégio.

<sup>192</sup> C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2: «Cópia dos lançamentos», p. 1; itálico nosso. Já a 16 de Fevereiro de 1914, o inspector de Fazenda informara o governador da exigência, por parte do Cabido da Sé, do pagamento dos juros a que o Leal Senado está obrigado, adiantando que o legado é de 9.000 e não de 13.313.09 patacas (cf. *ibidem*, «Ofício n.º 258 da Repartição Superior da Fazenda da Província de Macau dirigido ao secretário geral do Governo de Macau, em 16 de Fevereiro de 1914», p. 1). O facto de o Senado se transformar numa instituição meramente municipal em 1844 – passando para a Junta de Fazenda a administração dos bens do território – leva o delegado do Procurador da República, que afirma que os juros têm sido pagos, a questionar se o legado pertence ao Senado ou ao Estado. O autor do ofício responde, de acordo com a lei portuguesa, a favor deste último [cf. *ibidem*, «Ofício n.º 109 do delegado do Procurador da República (Comarca de Macau/Delegação da Procuradoria da República) dirigido ao secretário geral do governo da província de Macau», 10-06-1914, p. 3].



O resto do documento consiste na lista dos montantes específicos deixados a instituições como o Recolhimento das Meninas de Santa Rosa da Lima<sup>193</sup>, o Leal Senado e a Sé de Macau.

Tal como referem o romance<sup>194</sup> e o testamento de Marta, que transcrevemos no anexo n.º 7, a armadora, continuando uma prática que iniciara em vida<sup>195</sup>, canaliza verbas para que se realizem missas por alma de Thomas e diversas festividades religiosas na cidade, gesto reconhecido publicamente quer ainda em vida da benfeitora, inclusive em Roma<sup>196</sup>, quer no século XX, nomeadamente em 1915, como informa o chefe da repartição da Secretaria Geral de Macau:

*[...] as festas, cujo encargo a testadora tomou sobre si ainda em vida, e que tanto brilho têm dado ao culto católico na Sé Catedral [...]. A celebração das festas prescritas no testamento de Marta Merop, as quais na sua maioria pertencem ao 1º semestre de cada ano civil, não podendo ser-me atribuídos descuidos, se houver*

---

<sup>193</sup> De acordo com Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 117-119, o recolhimento feminino é fundado em 1792, transferindo-se para o Mosteiro de Santa Clara em 1857, altura em que lhe é atribuído o nome actual.

<sup>194</sup> *CBP*, pp. 293-294: “But if she [Martha] did use his name, it must be done boldly. [...] She must beware of pretending she bore Thomas’ name. She must assert, openly and to the world, that bear his name she did. [...] She decided to make a donation to the Santa Casa da Misericórdia, provide a new altar cloth for the Cathedral, which would please Father Montepardo, and pay for Masses to be said for the repose of Thomas’ soul [...]” (itálicos nossos).

<sup>195</sup> A «Cópia do lançamento que figura na “Relação das dívidas passivas da Fazenda Pública de Macau até 30 de Junho de 1847 (livro Balanço da receita e despesa da junta de Fazenda Pública 1844 a 1850, folhas 97v)», 12-05-1915, p. 1, refere o dinheiro “proveniente da deixa da falecida Marta da Silva Merop para as festas de Igrejas, introduzidos aos 21 de Fevereiro de 1827” (C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2).

<sup>196</sup> No ano de 1823, o Padre Raffaele Umpieres, procurador da *Propaganda Fide* em Macau, informa Roma sobre as festividades que Marta da Silva Van Mierop patrocina na cidade e do pedido que esta faz ao Papa no sentido de ser concedida indulgência plenária quer a todos os fiéis que visitem a Catedral de Macau no dia 23 de Janeiro, quando da festa da Santíssima Virgem da Vida, quer às almas que se encontram no Purgatório. Essa iniciativa demonstra não apenas a fervorosa vivência católica e caridade da armadora, como também o cuidar da salvação dos vivos e dos mortos. Na carta do dito procurador pode ler-se: “La Signora Marta da Silva, che ogni anno alli 23 Genajo fa a sue spese la festa della Santissima Vergine da Vida [*sic.*] nella Chiesa cattedrale di questa città di Macao, hà pregato il Sig. Marchini perchè l’ottenesse la grazia del Santo Padre, che tutti li fedeli, che in detto giorno visiteranno detta Chiesa potessero in perpetuo, finchè si farà detta festa, lucrar l’Indulgenza plenaria applicabile anche all’anime del Purgatorio. Il Sig. Marchini hà incaricato me di scrivere su detto oggetto: onde prego V. S. R. ma a volersi copiacere di sollecitare la bramata grazia.” [«**Carta do procurador da Propaganda Fide**

reparos por parte do público de Macau, que bem conhece a existência do legado de Marta Merop e obrigações contidas no testamento [...]»<sup>197</sup>.

Se atentarmos no conhecimento público do “Legado Merop”<sup>198</sup>, tornam-se mais claros os dados veiculados pelo texto introdutório da contracapa do romance, onde podemos ler: “[...] this historical reconstruction [...] is based on oral tradition handed down through generations in Macao [...]”, bem como o facto de o retrato da heroína de *CBP* utilizado na capa de algumas edições do romance se encontrar actualmente no Museu da Santa Casa da Misericórdia de Macau. Esse elemento paratextual, cujo original foi pintado por volta de 1815<sup>199</sup>, e que reproduzimos na página seguinte, é legendado na contracapa de *CBP*, podendo assim o leitor visualizar, antes da leitura, a personagem histórica (embora já com uma idade avançada) que partilha o nome e alguns traços biográficos com a personagem principal da narrativa.

Quer as funções de Thomas no âmbito do *China trade*, quer as actividades de Marta já na fase adulta da sua vida encontram, assim, eco ficcional nas páginas da narrativa de que nos ocupamos, como o prova o estudo dos poucos dados existentes sobre a vida de ambos.

---

em Macau, Padre Raffaele Umpieres, 1823 (sem dia e mês)», *Archivio Storico della Sacra Congregazione per l’Evangelizzazione dei Popoli, Cina e regni adiacenti*, vol. 5, fl. 429]. Agradecemos ao Professor Doutor António Martins Vale o facto de ter transcrito este excerto no arquivo da *Propaganda Fide*, em Roma, que gentilmente nos cedeu.

<sup>197</sup> C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2, «Cópia do Ofício da Secretaria», pp. 1-2; itálicos nossos.

<sup>198</sup> Forma como é conhecida a herança de Marta em Macau e referida em *ibidem*, «Ofício n.º 36 do Governador de Macau [José Carlos da Maia] dirigido ao Ministro das Colónias, em 17 de Maio de 1915», p. 1, no qual este último é informado da extinção do pagamento de juros do legado ao Cabido da Sé.

<sup>199</sup> O quadro consiste na figura de corpo inteiro de Martha Merop que nunca “[...] ninguém se lembrou de arrolar como património e cujo valor artístico nunca foi alvo de apreciação dos peritos [...]” (João Guedes, «O Património Esquecido», *MacaU*, 2.ª série, n.º 14, Junho de 1993, p. 64). Shann Davis, *Chronicles in Stone*, 1985, p. 42 refere o retrato, bem como *CBP*, ambos representações de Marta Merop – “[...] an extraordinary exception [...]” –, afirmando o estudo, tal como o romance, que esta é acolhida pela Santa Casa da Misericórdia: “A portrait of Martha Merop hangs in the Council Chamber on the second floor of the Santa Casa offices. [...] Marta’s picture dominates the room [...]. Thanks to the Merop fortune, the Holy House was able to continue its good works [...]”. A publicação *China Briefing: The Practical Application of China Business. Business Guide to the Great Pearl River Delta*, 2004, p. 111 refere o retrato como uma das atracções do Museu da Santa Casa da Misericórdia de Macau. Veja-se também Charles Boxer, *Portuguese Society in the Tropics, The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda*, 1965, p. 61.



# *City of Broken Promises*

*Austin Coates*



*Capa da terceira edição de City of Broken Promises (1990), com reprodução do retrato de corpo inteiro de Marta da Silva Van Mierop (c. 1815) que se encontra no Museu da Santa Casa da Misericórdia de Macau.*

#### 4. O DIÁRIO (FICCIONAL) DE THOMAS KUYCK VAN MIEROP

Como verificámos na segunda parte, a correspondência e os diários ou relatos de viagem dos oficiais da Companhia das Índias e de outros viajantes ingleses são de extrema importância para o estudo do passado de Macau e da presença inglesa nesse território, facto que revela ao leitor uma das principais funções do diário de Thomas em *CBP*. A narrativa intimista redigida no presente do indicativo apresenta, enquanto literatura de testemunho<sup>200</sup>, os pensamentos e movimentos do seu autor durante as solitárias *trading seasons* em Cantão, filtrados pelo narrador, que, ao iniciar a narração, opta por dar a palavra a Thomas, transcrevendo um excerto do diário que descreve a chegada do *Grenada* a Macau. O solilóquio do eu<sup>201</sup> enfatiza, assim, a fronteira e o ‘choque’ cultural entre o familiar e o exótico sentidos pelo sobrecarga. O texto do viajante que enfrenta o desconhecido funciona como *incipit* da obra, ocupando a primeira ‘transcrição’ duas páginas ao longo das quais o leitor contacta com a realidade do Sul da China, não através do narrador, mas sim do testemunho pessoal do protagonista inglês, tipograficamente diferenciado da ‘voz’ do primeiro através do apóstrofo que marca o início e o fim das citações. A narrativa diarística é retomada inúmeras vezes e funciona, principalmente no início do romance, como exposição preliminar que familiariza o leitor com um universo histórico e geográfico distante, ou seja a Macau setecentista, assumindo um papel fundamental na construção do texto.

As afirmações iniciais do sobrecarga funcionam como indícios da fatalidade que o separará de Martha: “Here [Macau], then, is my life’s destination [...]. It could be for all my days, as God in his wisdom knows and as I have myself seen. The graves on St. Helena – there were many names from the China station [...]”<sup>202</sup>, palavras recordadas quase no final do romance, quando o diarista adoece: “[...] Thomas saw himself confronting the dread process Urquhart had experienced and which he had himself witnessed in the case of others whom sickness had carried off according to an immemorial pattern – in an East Indiaman which, so far as the patient was concerned, never reached home”<sup>203</sup>. A história repete-se e Thomas tem um destino (fatal) semelhante ao de tantos outros que procuram fortuna na China. Essa imagem é retomada quando o médico

---

<sup>200</sup> Veja-se Leona Toker, «Towards a Poetics of Documentary Prose from the Perspective of Gulag Testimonies», *Poetics Today*, vol. 18, n.º 2, 1997, pp. 192-194.

<sup>201</sup> Expressão de Jean Rousset, *Le Lecteur Intime de Balzac au Journal*, 1986, p. 15.

<sup>202</sup> *CBP*, p. 1.

<sup>203</sup> *Ibidem*, p. 206.

Duncan informa Van Mierop que terá de regressar a Inglaterra<sup>204</sup>, sendo Santa Helena um símbolo recorrente da morte desde a primeira página da obra<sup>205</sup>. Outro exemplo da informação ou dos segredos que o narrador vai ‘libertando’ gradualmente no texto, e por vezes através do diário de Thomas, é o facto de Cuming ser sobrinho de Biddle e de origens humildes, como este último confessa ao presidente do comité pouco antes de se suicidar. No início da acção, Cuming sugere a Thomas que recorra aos serviços de Biddle, dando-lhe a entender, inadvertidamente, que trafica anfião em parceria com o agente comercial, assunto retomado nas páginas 148 e 170, quando da crise do ópio, devido ao desespero de Cuming e às mensagens que troca com o agente e que referem a “história” inacreditável que o seu tio poderia contar à comunidade inglesa de Macau. Nas páginas 250-251 Biddle ameaça finalmente o sobrecarga: caso caia em ruína, arrastá-lo-á. O próprio narrador parafraseia, mais tarde, as palavras da mensagem de Cuming: “Were Biddle to tell the truth, no one would believe it [...]”<sup>206</sup>, informando, assim, o leitor de que o sobrecarga corrupto vencerá e fará valer o seu poder.

O diário-prólogo da personagem protestante tem como função localizar o início da acção no espaço e no tempo e descrever o Sul da China do geral para o particular, a presença inglesa em Macau e o centro do poder do Império Britânico na Índia, criticando as superstições e os excessos católicos<sup>207</sup>, bem como as amantes que os ingleses e os padres mantêm em segredo na cidade<sup>208</sup>; daí que o verbo *to sight* seja o primeiro da obra e *to gaze*<sup>209</sup> um dos últimos, veiculando a ciclicidade que os temas da viagem e do olhar conferem à acção.

---

<sup>204</sup> *Ibidem*, pp. 211, 232 [“The death warrant [...]”].

<sup>205</sup> A ilha de Santa Helena, descoberta pelo português João da Nova, em 1502, é utilizada como ponto de escala e reabastecimento pelas embarcações que se dirigem do e para Oriente. Em 1659, John Dutton toma posse do território em nome da E.I.C. (cf. Anthony Wild, *The East India Company: Trade and Conquest from 1600*, 2000, p. 79), e a referência à utilização do mesmo como hospital ou cemitério em *CBP*, pp. 5, 14, 211-212, 232, 257, descreve uma das suas funções essenciais desde a descoberta desse espaço pelos portugueses, que aí deixam os seus doentes em recuperação, prática continuada pelos ingleses. Veja-se a documentação sobre a *waystation* inglesa (1676-1836), em B.L.-O.I.O.C., G/32.

<sup>206</sup> *CBP*, p. 283.

<sup>207</sup> *Ibidem*, pp. 89-90: “Portuguese Macao [...] mean and seedy [...] full of Roman Catholic superstition”.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 194. Relativamente às amantes que os sobrecargas ingleses mantêm em Macau, encontram-se, na documentação da E.I.C., referências à namorada chinesa de George Cuming (B.L.-O.I.O.C., G/12/59, fls. 39-40), sobrecarga cujo nome é atribuído a uma das personagens de *CBP*.

<sup>209</sup> *CBP*, pp. 1 e 313, respectivamente.

De acordo com Valerie Raoul, “[...] the journal is both ‘monograph’ (a means of exteriorizing the self in writing) and ‘chronograph’ an illustration of the production of a written record of time, produced in time [...]”<sup>210</sup>, dimensões presentes em *CBP* através da escrita de Thomas, que caracteriza quer as reacções da personagem ao escrever imediatamente após os acontecimentos por ele comentados, quer o contexto histórico em questão. Thomas Mallon afirma sobre o diário: “Keep: diaries are the only kind of writing to take that verb. One doesn’t keep a poem or a letter or a novel, (not) as one actually writes it [...]”<sup>211</sup>, realidade que o narrador de *CBP* rentabiliza ao apresentar sucessivamente excertos da narrativa intimista para ilustrar as mudanças de estado de espírito ou de atitude do sobrecarga ao longo da acção, bem como a forma como este vai alterando a sua opinião em relação às demais personagens. O diário de Thomas, enquanto discurso privado de um dos protagonistas paralelo ao discurso do narrador, enfatiza, assim, o carácter polifónico e a focalização múltipla presentes na obra, que estudaremos no capítulo 10.

O texto diarístico, ao recuperar a sua actualidade quase diariamente, coloca em evidência o tempo da enunciação<sup>212</sup>, sendo através desta relação da escrita íntima com o momento presente da vida (auto)grafada que *CBP* tira partido, de forma premeditada, das palavras do sobrecarga, pois as mesmas permitem ao narrador reconstruir um tempo longínquo com base no testemunho histórico da própria personagem, à semelhança do que fazem historiadores e biógrafos. O tempo e o espaço assumem um cariz psicológico através da apresentação dos pensamentos, sentimentos e motivos secretos ou inconscientes das personagens em excertos do diário: “In August 1793 Thomas refers to one of these dinners in his journal, in the same entry giving an unconscious revelation [...]”<sup>213</sup>. O narrador comenta algumas entradas e filtra a subjectividade que marca a escrita diarística, enquanto confere às impressões e ao registo mais informal do diário um estatuto semelhante ao da sua própria voz. Estes momentos são antecidos ou seguidos de juízos de valor e tentativas de corroboração de afirmações dessa mesma fonte [“What next took place is recorded in Thomas’ journal, but before proceeding to quote from this it should perhaps be pointed out [...]”, ou “In fact, this is an accu-

---

<sup>210</sup> Valerie Raoul, *The French Fictional Journal: Fictional Narcissism/Narcissistic Fiction*, 1980, p. 46.

<sup>211</sup> Thomas Mallon, *A Book of Own’s Own: People and Their Diaries*, 1995, p. xi.

<sup>212</sup> Cf. Jean Rousset, *op. cit.*, p. 164; tradução nossa.

<sup>213</sup> *CBP*, p. 156.

rate observation [...]”<sup>214</sup>, estratégia que se observa de forma mais intensa no início da acção, quando o narrador, através da sua perspectiva externa, se afirma como autoridade que complementa e contextualiza a informação veiculada, legitimando, portanto, a sua onisciência. Os seus comentários interpretam ainda afirmações de várias personagens sobre as demais<sup>215</sup> e acontecimentos da história local da Macau setecentista, tornando-se estes últimos mais compreensíveis para o leitor: “[...] and the extract which reveals this is of particular interest, in that it concerns one of the most extraordinary aspects of European life on the China coast in those times [...]”<sup>216</sup>. Este excerto, ao referir a “vida europeia” no enclave, remete indirectamente para os dois pólos civilizacionais em interacção numa época em que a actividade económica do delta do rio das Pérolas gira em torno do *China trade*, que, por sua vez, trouxera o diarista ao território, evidenciando o determinante demonstrativo *those* quer a distanciação temporal entre o momento da acção e o da escrita, quer o facto de acedermos ao passado sobretudo através de fontes escritas. O narrador recorre aos registos privados do único membro letrado do casal Van Mierop para, através da repetição e da extensão das suas afirmações, legitimar a informação etno-histórica que caracteriza o tempo histórico e o espaço exótico em que a acção tem lugar. Os pensamentos-desabafos e as notas marginais do sobrecarga são palavras nunca proferidas, mas sim redigidas, e o início do romance retira partido da intensidade de um registo íntimo que confere uma maior qualidade pictórica à descrição<sup>217</sup> e concorre para a sensação de autenticidade histórica.

A origem ficcional do diário de Thomas é descoberta por Sir Geoffrey Briggs logo após a publicação de *CBP*, altura em que comunica de forma humorística a Austin Coates ter concluído que o texto intimista do sobrecarga é pura invenção do romanista<sup>218</sup>. Enquanto repositório de episódios filtrados pelo oficial da E.I.C., o “monó-

---

<sup>214</sup> *Ibidem*, pp. 27, 8, respectivamente. A função do historiador é ser fidedigno, demonstrando o narrador ser o mais preciso possível quando recorre a advérbios de modo para o fazer: “The President drank *exactly* one glass of Madeira [...]” (*ibidem*, p. 33; itálico nosso).

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 71: “The Number One description of the limitations of William Urquhart’s amorous proclivities was exact”.

<sup>216</sup> *Ibidem*, pp. 98-99.

<sup>217</sup> Sobre esta temática, veja-se Helena Carvalhão Buescu, *Incidências do Olhar: Percepção e Representação*, 1990, pp. 57-137.

<sup>218</sup> Cf. Gregory Leong, no artigo simbolicamente intitulado «Austin Coates... Caught Out on One Word», p. 117. Durante a entrevista a Leong, Coates confessa «“[...] the curious thing was [...] I had a call from Sir Geoffrey Briggs who said he thought Mr. Van Mierop wrote an extremely interesting journal, except that one word he used in it was not introduced into the [English] language until 1923! [...]”,



logo narrativo”<sup>219</sup> pretende atribuir ao texto um fundo de verosimilhança<sup>220</sup>, levando o leitor a pensar que o documento poderá eventualmente existir, como as demais fontes da Companhia das Índias referidas no texto, assemelhando-se esta estratégia à utilizada em *O Nome da Rosa* e descrita por Umberto Eco: “[...] los libros siempre hablan de otros libros y cada historia cuenta una historia que ya se há contado. [...] De modo que mi historia sólo podía comenzar por el manuscrito reencontrado, y también ella sería una cita (naturalmente)”<sup>221</sup>. O *diary-within-the-novel* torna-se, portanto, uma estratégia narrativa de suma importância em *CBP*, sobretudo como testemunho pessoal sobre acontecimentos que Thomas testemunha. Apesar de não ser um romance-diário<sup>222</sup>, a obra de Coates partilha características com o subgénero, pois Thomas é protagonista dos episódios que descreve *au jour le jour*<sup>223</sup>, tornando-se, assim, produtor e produto do texto<sup>224</sup>. O aproveitamento selectivo do documento ficcional por parte do narrador pode ser analisado à luz da seguinte definição de Lorna Martens: “[...] the journal [...] gives an account of daily events, rather than [...] a daily account of events [...]”<sup>225</sup>, na medida em que é utilizado sobretudo para legitimar afirmações deste último, marcar a passagem do tempo enquanto escrita (quase sempre) regular e datada, bem como para caracterizar a Macau setecentista e as personagens que interagem com o sobrecarga,

---

acrescentando Leong: “[...] the word was ‘ambivalent’. Despite the convincing style and content of the “quoted” passages, Austin Coates [...] had to admit he’d invented the journal!”.

<sup>219</sup> Jean Rousset, *op. cit.*, p. 14, n.º 2.

<sup>220</sup> Sobre o jogo entre realidade, verosimilhança e ficção na diarística, consulte-se Bernard Duyfhuizen, «Diary Narratives in Fact and Fiction», *Novel*, vol. 19, n.º 29, 1986, pp. 171-178. Relativamente ao conceito de verosimilhança de que Thomas Pavel, *op. cit.*, p. 46, parte para definir o conceito de mundo possível, recorde-se Aristóteles, *A Poética*, 1994, 1469a, p. 142: “De preferir às coisas possíveis mas incríveis são as impossíveis mas críveis”.

<sup>221</sup> Umberto Eco, *Apostillas a El Nombre de la Rosa*, 2000, p. 28.

<sup>222</sup> Vejam-se Gérard Genette, *Figures III*, pp. 229-230 e Trevor Field, *Form and Function in the Diary Novel*, 1989, pp. 1-3. Rogério Miguel Puga, «Os Guarda-Chuvas Cintilantes: o Diário Ficcional de Teolinda Gersão e o Romance-Diário», in Maria da Penha Campos Fernandes (coord.), *História(s) da Literatura: Actas do 1.º Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas*, 2005, pp. 500-512, define romance-diário como um romance iniciado *in medias res*, redigido na forma convencional do diário real, com um tom intimista e confessional, fruto da narração intercalada em primeira pessoa no isolamento da privacidade, texto que geralmente não tem destinatário, ao contrário do romance epistolar, e cuja função é registar factos, temas do quotidiano, sentimentos, reflexões e experiências.

<sup>223</sup> Vide Gerald Prince, «The Diary Novel: Notes for the Definition of a Subgenre», *Nephilologus*, vol. 59, n.º 4, Outubro de 1975, p. 477.

<sup>224</sup> Cf. Valerie Raoul, *Distinctly Narcissistic: Diary Fiction in Quebec*, 1993, p. 5.

<sup>225</sup> Lorna Martens, *The Diary Novel*, 1985, pp. 28-29.



autor do ‘texto-espelho possível’<sup>226</sup>. Como verificaremos no subcapítulo 7.2, Austin Coates também apresenta, nas suas obras de carácter historiográfico sobre a China, a informação do ponto de vista de um *newcomer*, focalização que humaniza o discurso em torno do espaço exótico, como acontece em *CBP* com Thomas Van Mierop.

## 5. A INTERTEXTUALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

Os testamentos do casal Van Mierop, os manuscritos dos arquivos consultados e outras obras da autoria de Coates tornam-se intertextos de *CBP* através de um exercício transtextual que revela o carácter dialógico do romance através de uma multiplicidade de aspectos. Definimos intertextualidade<sup>227</sup> como a relação que dois ou mais textos estabelecem entre si ao nível da forma e do conteúdo, neste caso excertos, elementos, motivos e *topoi* de quatro obras de Coates transpostos para o romance. Ao compararmos *CBP* (1967) com o poema «Macao» (1950), *Macao and the British: Prelude to Hong Kong* (1966), *Myself a Mandarin* (1968) e *A Macao Narrative* (1978), podemos observar que o Autor repete extensivamente, no corpo do primeiro texto, parágrafos das obras de carácter historiográfico, sendo «Macao» e *Macao and the British* intertextos anteriores e *Myself a Mandarin* e *A Macao Narrative* intertextos posteriores a *CBP*. Através de um exercício de pastiche<sup>228</sup>, o romancista cita, em *CBP*, material histórico de *Macao and the British* e *A Macao Narrative*, diálogo que remete para o facto de o romance histórico estabelecer um exercício de intertextualidade com outras fontes e textos que possibilitam o contacto directo com a vivência multicultural e o passado de Macau, como também fica claro nas comparações temáticas que estabelecemos ao longo deste estudo entre *CBP* e outros textos literários portugueses e ingleses.

Documentos históricos utilizados tradicionalmente por historiadores e biógrafos – como os testamentos do casal, as cartas e as mensagens escritas – tornam-se subtextos que o narrador-historiador utiliza para representar o passado através de estratégias como a supressão e a ênfase de vários elementos e discursos “romanceados”<sup>229</sup>, adaptando a informação histórica às necessidades da narrativa ficcional, como veremos de seguida.

<sup>226</sup> Designação de Béatrice Didier, *Le Journal Intime*, 1976, p. 116.

<sup>227</sup> Vide Graham Allen, *Intertextuality*, 2001, pp. 8-60, 76-88.

<sup>228</sup> Vide Carlos Ceia, *O Que É afinal o Pós-Modernismo?*, pp. 49-50, 52-56.

<sup>229</sup> Conceito (*novelized*) de Mikhail Bakhtin, *The Dialogic Imagination: Four Essays*, 2000, pp. 7, 10.

### 5.1 Relação intertextual entre *City of Broken Promises* e a restante obra de Austin Coates

Muita da informação contida nos estudos de Coates sobre Macau que abordámos na primeira parte encontra-se implícita em *CBP*, exigindo, portanto, um leitor informado que identifique, por exemplo, Abraham Biddle e o juiz Pereira como referentes ficcionais anacrónicos, respectivamente, do agente comercial Thomas Beale, mercador de ópio e durante muito tempo o homem mais rico de Macau<sup>230</sup>, e do ouvidor Miguel de Arriaga, que se envolvem no episódio histórico da crise do ópio, o qual, como veremos no quadro que se segue, Coates descreve em *A Macao Narrative*, mantendo as duas figuras, tal como Beale e o juiz Pereira, fortes ligações comerciais com os chineses<sup>231</sup>.

O quadro n.º 2, que apresentamos de seguida, sintetiza os exercícios premeditados de pastiche e ressonância entre os excertos de estudos de Austin Coates e *CBP*, nomeadamente em relação aos acontecimentos históricos e ao material etnográfico utilizados no romance para descrever a Macau setecentista. Destacamos a negrito os excertos de *A Macao Narrative* e *CBP* que se parafraseiam mutuamente<sup>232</sup> e no quadro n.º 3 os apontamentos etnográficos e episódios históricos presentes (implícita e explicitamente) no romance que são abordados em *A Macao Narrative*, *Macao and the British*, *Myself a Mandarin* e «Macao». O estudo comparatista dos temas e das estratégias narrativas entre *CBP* e o primeiro romance de Coates, *The Road*, em que Macau é apenas referido uma vez, foi por nós já elaborado na primeira parte, pelo que não incluímos esta última obra nos quadros que se seguem.

#### Quadro n.º 2: **Thomas Biddle. A figura histórica em *A Macao Narrative* por detrás da personagem de *City of Broken Promises***

Thomas Beale ( <i>A Macao Narrative</i> )	Abraham Biddle ( <i>CBP</i> )
“Beale lived in Macao for more than fifty years, and was the best known of all the foreigners of his time. Stately in bearing, rather formal, with old fashioned manners, he occupied one of the finest of the older Portuguese houses, enclosed, within high walls, as the	A descrição histórica dos episódios da crise do ópio e da queda de Beale é parafraseada, quase <i>ipsis verbis</i> , em <i>CBP</i> (pp. 165-292).

<sup>230</sup> Cf. Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 67.

<sup>231</sup> Veja-se *idem*, *Macao and the British*, pp. 100-101.

<sup>232</sup> A semelhança entre ambos os textos, ou seja, a paráfrase, é mais que evidente, como podemos verificar através dos negritos.

Thomas Beale ( <i>A Macao Narrative</i> )	Abraham Biddle ( <i>CBP</i> )
<p>best properties were in those days on a narrow street known to foreigners as Beale's lane. [...] His garden [...] was one of the sights of the city, [...] and he kept a remarkable <b>aviary of rare birds</b>, collected by his agents from all over East Asia. Beale's was general agency business, of course, but by far <b>the most profitable commodity he handled [...] was opium – dangerous because it was a prohibited import, and because, dependent on the degree of Chinese vigilance, it was subject to sudden drastic price fluctuations.</b> [...] He looked confidently ahead to retirement with a fortune. [...]. Counting on the great influence of Miguel de Arriaga and his aristocrat son-in-law, the baron São João de <b>Porto Alegre</b> – influence exerted equally in Macao and the Court in <b>Rio de Janeiro</b> – Beale had gone into partnership of an informal kind with the Judge [...]. Most of the money used was Beale's [...] and a great deal was probably spent by Arriaga himself on the sumptuous living for which he was famous. [...] In 1815 the Governor of Kwangtung unexpectedly arrested several Chinese opium dealers, and ordered searches [...] <sup>233</sup>. The sudden <b>Chinese action knocked the bottom out of the market.</b> Beale was caught with several hundred chests of opium [...], he had already drawn bills on the East India Company, payable in Calcutta. [...] His chests being now unsaleable, <b>he found himself owing the East India Company nearly half a million dollars.</b> [...] <b>The Select Committee [...] would be obliged to admit to their superiors, the Council in Calcutta, that it was their practice to issue bills for opium instead of for cash [...].</b> The fat was now in the fire, and Beale, the cause of it, could expect no mercy [...]" (pp. 67-68).</p> <p><b>"Thomas Beale was declared bankrupt,</b> with the East India Company as principal creditor. To avoid any ignominious scenes, <b>he slipped away from his beautiful home, to take refuge somewhere in secret;</b> and he was never found – itself an achievement <b>in so small a place as Macao.</b> [...] After the initial excitement subsided, Beale came back quietly to his house, where he managed to keep going modestly for many years afterwards [...]" (p. 69).</p>	<p>"[...] <b>the aviary</b> was a mess of singing [...]" (p. 170).</p> <p><b>"Being prohibited by the Chinese authorities, opium was subject to more severe price fluctuations than any other commodity on the market [...]"</b> (pp. 157-8).</p> <p>"[...] his great <b>Brazilian</b> venture [...]" (p. 171).</p> <p><b>"The following morning the bottom fell out of the opium market"</b> (p. 167).</p> <p>"[...] the Company was down on credit bills alone to the tune of three hundred thousand silver dollars [n. rodapé: <b>In today's money, about US\$8,000,000.</b> Unless the situation eased, this [...] would have to be explained to the Court of Directors [...]" (p. 167).</p> <p><b>"[...] The Committee would be obliged to report to Calcutta [...]"</b> (p. 172).</p> <p><b>"[...] institute bankruptcy [...] against Abraham Biddle [...]"</b> (p. 241).</p> <p><b>"[...] in a place as small as Macao</b> they had allowed their principal debtor to slip [...]" (p. 173) <b>"[...] it was reported that Abraham Biddle was no longer at his house. [...] Biddle had absconded!"</b> (p. 172).</p>

<sup>233</sup> No quadro n.º 3 a análise das citações e da sua relação com *CBP* é apresentada na coluna da direita e nas notas de rodapé.

Thomas Beale ( <i>A Macao Narrative</i> )	Abraham Biddle ( <i>CBP</i> )
<p>“[...] Eventually he withdrew from his house, and <b>went to live with his compradore</b>, one of the many <b>Chinese</b> creditors [...]” (p. 75).</p> <p>“[...] In 1841, apparently reduced to literally his last. <b>He committed suicide on the lonely sands of Cacilhas bay</b>” (p. 75).</p>	<p>“<b>I was with a Chinamen</b> [...]” (p. 277).</p> <p>“[...] <b>the beach on the Pearl River side</b> [...]” (p. 288) [...] His head and legs lay beneath the sea” (p. 292).</p>

Quadro n.º 3: **Análise comparatista de elementos etnográficos e históricos referidos em *A Macao Narrative*, *Macao and the British*, *Myself a Mandarin*, «Macao» e *CBP***<sup>234</sup>

a) <i>A Macao Narrative</i>	Relevância para <i>CBP</i>
<p>“There were no shops in Macao, nor were there till well into the nineteenth century. When wines, dried foodstuffs [...] arrived from Europe, word quickly went around, and one purchased in bulk from the shipper or his agent. As a result, each house needed a large amount of storage space [...]” (p. 33).</p>	<p>– caracterização do espaço local e da actividade mercantil quer de Biddle, quer, mais tarde, de Martha;</p> <p>– descrição do <i>godown</i> na casa de Thomas (pp. 157, 267).</p>
<p>“[...] If a Chinese merchant chose to become Christian, he escaped both the attentions of Heungshan officialdom and confinement to a basement. [...] A blind eye was turned on the resident Fukien community because they were boatbuilders, <b>thus vital to the city existence. Another Cantonese method of avoiding basement life was to do a deal with a Fukienese and become a boatbuilder</b>, though without building boats” (p. 40).</p>	<p>“Because of Macao’s residence restrictions Chinese business men desiring to reside in the city did so by means of various innocent subterfuges. [...] Apart from menials the <b>only Chinese entitled to reside in the city were the Christians and the boatbuilders</b>. Chin Fui [...] bec[a]me a boatbuilder [...]. That is to say, he acquired from the Gonçalves Sequeira family the lease of a piece of land on which stood an old shipyard [...]” (pp. 127-128).</p>
<p>“[...] In addition to its orphanage, the Santa Casa [da Misericórdia] [...] also administered large charitable funds, used for such purposes as providing dowries for orphan girls [...]. Nor was it ever short of money. The big traders made and gave handsomely. [...] Without a dowry, the only future for a parentless girl was to join a religious Order or sink to beggary” (pp. 51-52).</p>	<p>– o recolhimento de Martha e o apoio dado pela Santa Casa para a sua educação no convento;</p> <p>– doação de Martha à instituição;</p> <p>– questões dos dotes das jovens em Macau e da segurança possibilitada por Thomas a Martha;</p> <p>– os dotes da sobrinha de Sister Grace e de Dominie;</p>

<sup>234</sup> No quadro n.º 3 a análise das citações e da sua relação com *CBP* é apresentada na coluna da direita e nas notas de rodapé.

a) <i>A Macao Narrative</i>	Relevância para <i>CBP</i>
<p>“Dominating the British community throughout most of this period were the commercial officers of the Honourable East India Company Trading to China. Their imposing premises were in the best position on the Praia Grande—four large residential buildings joined together internally, mounting the hill till they culminated in another set of entrances on the Ridge. The East India Company was the largest commercial organization on earth [...]. Everything concerned with it was on the grand scale (p. 64). [...] There the British did not infiltrate the governmental machine. They simply ignored it [...]. The meanest Briton considered himself superior to the loftiest Portuguese, and few in authority dared lay a finger on any of them [...]” (p. 66).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– caracterização do local de trabalho de Thomas (sede da E.I.C.), que a instituição arrenda desde 1773, e do poder e estatuto dos sobrecargas em Macau;</li> <li>– o espaço inglês da acção por oposição ao português.</li> </ul>

b) <i>Macao and the British</i>	Relevância para <i>CBP</i>
<p>“Many Britons of this period kept wardrobes so large they were able to <b>send their laundry to Calcutta</b> and wait four months or so for it to come back” (p. 146).</p>	<p>“[...] some of the older Company men wore the elaborate ruffles fashionable in England fifteen years before. <b>‘They send them to be laundered in Calcutta’</b> [...]” (p. 33).</p>
<p>“By Portuguese law no foreigner could take residence or transact business in Macao, but by allowing visitors to reside in Portuguese homes as lodgers and to do business using the names of Portuguese firms quite a number of Macao people improved themselves financially (pp. 41-42). [...] By giving presents to the right people silence was obtained (p. 45). [...] A newcomer taking a cursory look around Macao, would be impressed by the well-maintained offices sporting Portuguese company names, suggesting that Portuguese were prominent in Far Eastern commerce. But on going inside one of them he would find all the important people were European, with only a Macao Portuguese or two as clerks. The gentleman whose grandiose name was displayed outside [...] had long since been supplanted, his former modest business extinguished and himself seldom in the office, of which he was merely the landlord” (p. 56).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– a situação e os estratagemas de Biddle e da família portuguesa de Pedro da Silva;</li> <li>– corrupção generalizada em Macau;</li> <li>– a chegada de Thomas, a sua primeira impressão de Macau e a descrição da agência de Biddle, na velha casa comercial portuguesa Gonçalves Sequeira (pp. 1-2, 11-12).</li> </ul>
<p>“Pidgin English had long since replaced the Portuguese as the <i>lingua franca</i> of trade. [...] Much of it was incomprehensible to a newcomer from England, and it contributed strongly to the air of make-believe, giving an unearthly character and atmosphere to every situation in which Europeans and Chinese were involved [...]” (p. 61).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– a caracterização da relação <i>master-servant</i> entre os ingleses e os empregados chineses, bem como do uso do <i>Chinese Pidgin English</i>.</li> </ul>

b) <i>Macao and the British</i>	Relevância para <i>CBP</i>
<p>“[...] Every mandarin connected with foreign trade had to be given toys at Chinese New Year. [...] In pidgin they were called singsongs, most of them were made in England, and the principal agent for them was James Cox, whose London office was, appropriately enough, in Shoe Lane. His wares included every sort of little mechanical device, musical boxes, intriguing clocks, perfume bottles with flowers [...], snuff boxes with birds that popped up from inside when the box was opened and sang a little song” (pp. 71-72).</p>	<p>– passado de Biddle em Shoe Lane (Londres), como funcionário numa firma importadora de relógios para a China e a sua ida para Macau (pp. 279-282);</p> <p>– relógio de cuco de Thomas Van Mierop.</p>
<p>“[...] In 1784 there occurred an incident more serious than any there had yet been. <b>A country ship, the <i>Lady Hughes</i>, firing the customary salute on arrival at Whampoa, accidentally hit a small boat, seriously wounding three Chinese, two of whom later died of their injuries. The Governor of Kwangtung wrote to W. H. Pigou<sup>235</sup>, President of the Select Committee ordering the surrender of the gunner who fired the shot” (p. 79).</b></p> <p>“[...] Smith<sup>236</sup> was seized by stratagem and flung into prison; the foreign factories were surrounded by Chinese troops [...] every foreign house was cut off from supplies of food and water” (p. 79).</p> <p>“[...] Pigou [...] sent a letter to the master of the <i>Lady Hughes</i> ordering him to send a man. To the horror of all in the foreign factories, the master obeyed” (p. 80).</p>	<p>“[...] the gravest crisis there had been involving Europeans on the China coast. <b>A country ship, the <i>Lady Hughes</i>, firing the customary salute on arrival at Whampoa, the downriver port of Canton<sup>237</sup>, accidentally hit and sank a small boat, seriously wounding three Chinese, two of whom subsequently died of their injuries. [...] the Viceroy of Kwangtung and Kwangshi demanded that the gunner who fired the shot be surrendered to him for ‘investigation’, which in such a case would mean death by strangulation” (p. 104).</b></p> <p>“[...] the country trader who chartered the <i>Lady Hughes</i> was seized and thrown into prison, the Factories were totally surrounded, by war junks on the river and by a thousand armed Chinese troops on land, [...] the entire foreign community being imprisoned in the Factories without food or water [...]” (p. 105).</p> <p>“<b>Pigou sent down to the master of the <i>Lady Hughes</i> an order to send up a man.</b> [...] a response of <b>horror</b> and indignation” (p. 105).</p>

<sup>235</sup> Personagem de *CBP*.

<sup>236</sup> Note-se que o nome do comandante do *Lady Hughes* é omitido no romance.

<sup>237</sup> Podemos verificar que as diferenças entre os dois textos, no que diz respeito ao episódio do *Lady Hughes*, se devem apenas à existência da contextualização geográfica e cultural em *CBP*, desnecessária em *Macao and the British*, estudo de carácter historiográfico destinado a um público mais informado.

b) <i>Macao and the British</i>	Relevância para <i>CBP</i>
“[...] the master selected the oldest and most decrepit sailor on board, whom he sent up with the pitiable letter pleading for mercy. [...] Within an hour George Smith was released and everything went back to normal” (p. 80).	“[...] he sent up a sick old man, the oldest sailor he had aboard. The doomed reached the Factories bearing a pitiable letter from the shipmaster to the Viceroy begging for clemency. [...] Within the space of a single hour, the charterer of the <i>Lady Hughes</i> was released, servants returned to the Factories [...]” (p. 106).
“The bottom fell out of the opium market, and the trade came to a complete standstill” (pp. 132-133).	“The following morning the bottom fell out of the opium market” (p. 165).

c) <i>Myself a Mandarin</i>	Relevância para <i>CBP</i>
“ <b>Laughing</b> , as Chinese so often do when imparting news they know will hurt, he told me [Austin Coates] what had happened” (p. 243).	“And with the Chinese protective reaction against the impact of displeasing news, he [Number Three] <b>laughed</b> ” (p. 146).
“The man was what, in Cantonese slang, is called a <b>Hoklo</b> [...] <b>speaking a dialect of Fukienese</b> . The Hoklo are to be found all along the Southern coast of China, from Fukien province to Hainan Island. In this instance, <b>the man spoke neither Cantonese nor Hakka, the two principal languages of the district</b> , and no one in the office could understand his dialect. [...] Our Hoklo <b>fisherman</b> , unfortunately, was illiterate. [...] Mr. Lo managed to find an educated Hoklo [...] who could interpret into Cantonese. [...] Both husband and wife were delightful- <b>sun-tanned, healthy</b> , and straightforward in the manner. <b>The husband</b> was about thirty-five, <b>lined for his years by constant exposure to the elements</b> . <b>The wife</b> was a truly beautiful countrywoman [...] <b>with a splendid bone-structure, and calm</b> , even eyes betokening <b>transparent honesty</b> . [...] The Hoklo are among the coastal people of China who seldom have houses ashore. <b>If they feel a desire to live ashore, they simply drag their boat up the beach, and continue to live in it, but with a superstructural cabin added</b> . They do not feel comfortable on flat floors. A Hoklo boat, not all that much larger than a sampan [...]. This particular couple had lived entirely at sea, without superstructure [...]” (pp. 198-200).	“[...] “He wont understand that,” said the leader. “He’s a <b>Hoklo</b> .” “Can you understand his <b>language</b> ?” asked Martha. “A little” [...]. The bearer asked in the <b>outlandish tones of the Hoklo people</b> ” (p. 289).  “[...]“My daughter <b>takes the fish</b> to market,” the Hoklo volunteered [...]” (pp. 289-290).  “[...] <b>A wizened, sun-tanned man</b> [...]” (p. 289).  “[...] <b>The Hoklo wife, tough, dour and golden-skinned</b> [...] <b>and with ingrained dignity</b> ” (p. 289).  “[...] <b>A small fishing boat lay grounded near the hut</b> ” (p. 289) <sup>238</sup> .

<sup>238</sup> *Myself a Mandarin* apresenta um conjunto de episódios autobiográficos que têm lugar durante a actividade diplomática de Austin Coates nos Novos Territórios de Hong Kong, adaptados em forma de conto, pelo que podemos concluir que o romancista recorre à experiência pessoal para criar e caracterizar personagens ficcionais chinesas que adensam a cor local e a dimensão etnográfica de *CBP*.

d) «Macao» <sup>239</sup>	Relevância para <i>CBP</i>
“Here is the <b>end</b> of all men’s journeyings, The <b>charted limit</b> of their venture [...]”.	“Here, then, is my life’s <b>destination</b> . [...] this remote Cathay [...], uninhabited island of the <b>Antipodes</b> ” (pp. 1 e 3, respectivamente).
“Here life has let its proudest <b>fortress</b> pass/To weather-humbled mounds of castellated grass/Where sentinel blue moths assail the wind/On ramparts legioned by the light-leaved tamarind/And <b>nostrils</b> of <b>old cannon</b> nerve the air/To <b>seaward</b> , and the foe who will no longer appear”.	“Observed at closer range the <b>fort</b> was less imposing. Despite its <b>cannons nosed seaward</b> over the roofs, an air of dereliction invested it, as though, not having been used for a <b>century</b> or so, the cannons might emit only birds’ nests [...]” (p. 20).

Muitos dos motivos literários destas intersecções temáticas são fruto do saber e da experiência adquiridos por Coates durante a sua estada na China, utilizando-os o romancista em *CBP* para caracterizar personagens, comunidades e espaços de Macau que serão por nós estudados de forma mais profunda nos capítulos dedicados à dimensão etno-histórica da narrativa. O incidente do *Lady Hughes* (1784), episódio satélite da intriga principal de *CBP*, é igualmente descrito em *Macao and the British*<sup>240</sup>, exercício de intertextualidade no qual podemos verificar a existência de 13 frases iguais nas duas obras com pequenas variantes, como, por exemplo, os nomes das figuras históricas premeditadamente omitidos no romance, onde, ao longo de três páginas, o narrador descreve a morte dos dois chineses e as exigências mandarínicas a Pigou, presidente do Comité Selecto, em especial a entrega do navegador que disparara o fatal tiro de canhão e o consequente cerco das feitorias estrangeiras em Cantão<sup>241</sup>. O pastiche, ou seja, a imitação criativa de um texto preexistente<sup>242</sup>, torna-se, assim, no caso de *CBP*, um exercício realizado por um mesmo autor através de dois dos seus textos, assumindo-se o romance como um enunciado palimpséstico de sentidos, mensagens e intervivências históricas transversais à obra de cariz anglo-português de Coates. Relativamente ao fenómeno da intertextualidade nos textos em questão, e tendo presente o jogo de pará-

<sup>239</sup> Vejam-se a nossa transcrição e o estudo do poema inédito na primeira parte, bem como o texto original no anexo n.º 5.

<sup>240</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, pp. 79-82.

<sup>241</sup> *CBP*, pp. 104-106.

<sup>242</sup> De acordo com Carlos Ceia, *O Que É afinal o Pós-Modernismo?*, pp. 49-54, o pastiche imita criativamente, referencia e transcreve, mas não deforma, não censura e não desenvolve um texto preexistente, conservando a ideologia do texto-objecto e retendo a maior parte possível da massa da narrativa que imita.



frase e decalque observado ao longo dos quadros n.ºs 2 e 3, recordemos Mikhail Bakhtin ao afirmar que a analogia da palavra com o mundo social torna qualquer texto dialógico através das relações estabelecidas com discursos anteriores e posteriores<sup>243</sup>, ideia desenvolvida por Julia Kristeva ao defender que o texto se constrói com base num discurso social e cultural preexistente com o qual se relaciona. Também no romance de Coates se dá “[...] a permutation of texts [...], several utterances, taken from other texts, [which] intersect [...] one another [...]”<sup>244</sup>, fenómeno que o torna um *texte scriptible*<sup>245</sup> que, por sua vez, é alvo das interpretações do ‘receptor’<sup>246</sup> informado, num processo que Barthes define por oposição ao monologismo<sup>247</sup>. O narrador-escritor de *CBP*, consciente<sup>248</sup> da função comunicativa do texto, convida duas vezes o leitor a continuar o processo de (re)criação do romance, nomeadamente quando enumera os locais geográficos que Martha nunca vira, afirmando “[...] or what you will [...]”<sup>249</sup>, e quando, ao descrever os inúmeros temas de conversa que a jovem utiliza premeditadamente para entreter Cuming, termina abruptamente, recorrendo à expressão “etc.”<sup>250</sup>, deixando o resto da frase à mercê da imaginação da instância receptora, a quem se destinam igualmente os inúmeros comentários interpretativos. Esta atitude confere liberdade ao destinatário da narrativa, também ele um elemento textual implícito ou implicado na mesma, motivando-o para complementar o texto ao continuar a enumeração. As interpelações ao leitor funcionam, portanto, como auto-referências do próprio texto, envolvendo o horizonte de expectativas<sup>251</sup> do primeiro de forma mais intensa, bem como o seu conhecimento dos intertextos que enriquecem a caracterização da Macau de finais do século XVIII e, consequentemente, a leitura de *CBP*.

---

<sup>243</sup> Cf. Mikhail Bakhtin, *The Dialogic Imagination*, pp. 3-40.

<sup>244</sup> Julia Kristeva, *Desire in Language*, 1980, p. 36. Consultem-se também David Lodge, *Language of Fiction*, 1984, p. 279 e *idem*, *Working with Structuralism*, 1981, pp. 3-4.

<sup>245</sup> Cf. Roland Barthes, *S/Z*, 1974, pp. 4-5. Umberto Eco, *Apostillas*, p. 17, denomina efeito poético esta capacidade que o texto polissémico tem para gerar leituras plurais, sem se esgotar.

<sup>246</sup> Sobre esta questão, vejam-se Wolfgang Iser, *The Implied Reader*, 1974, pp. 31-33 e Frank Kermode, «Secrets and Narrative Sequence», in W. J. T. Mitchell (ed.), *On Narrative*, 1981, pp. 82-83, 91.

<sup>247</sup> Roland Barthes, *S/Z*, pp. 4-5.

<sup>248</sup> Wayne C. Booth, «Distance and Point of View», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *op. cit.*, p. 124, caracteriza assim o narrador que está consciente de si mesmo como escritor.

<sup>249</sup> *CBP*, p. 61.

<sup>250</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>251</sup> Vide Wolfgang Iser, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, 1978, p. 99 e Hans Robert Jauss, *Toward an Aesthetic of Reception*, 1982, p. 88.

## 5.2 A intertextualidade e o acontecimento histórico ficcionalizado enquanto estratégias narrativas

Através da análise das doações de Marta Van Mierop e da parte inicial do seu testamento, em que Coates também se baseia, podemos concluir que os donativos da mesma se inserem na estratégia de representação da vivência da espiritualidade da Macau setecentista no romance. Ana Cristina Araújo afirma que, desde a Idade Média, os testamentos

[...] religa[m] as concepções correntes do aquém e do além-túmulo, [...] nas cidades, os leigos responderam positivamente às garantias oferecidas pelos conventos, pedindo sufrágios, exercitando a caridade, aderindo à comunhão dos santos e ao poder dos intercessores terrenos. [...] Para remissão dos seus pecados, os testadores repartem ainda insignificantes ofertas, em dinheiro, géneros e peças de vestuário, por pobres cativos e virgens<sup>252</sup>.

Tal prática observa-se, como vimos anteriormente, no testamento de Marta em relação aos seus ‘escravos’ e às órfãs carenciadas do enclave. O início do testamento da armadora reveste-se, assim, de uma dimensão religiosa que veicula as suas fé e caridade, afirmando Ana Cristina Araújo que, no processo da descoberta moderna da morte, junta-se ao sentimento de comunhão a

[...] inquietude resultante da culpabilização pelo pecado [...]. Não admira, portanto, que nos preâmbulos dos testamentos [como o de Marta], as fórmulas de fé alusivas aos mistérios da criação e da redenção desemboquem, por vezes, na afirmação do medo do dia do grande juízo ou no temor declarado de terríveis castigos no Além [...] a partir da invocação prioritária da Virgem Maria e das invocações subsidiárias dos Apóstolos e do arcanjo São Miguel<sup>253</sup>.

Com efeito, no preâmbulo do testamento de Marta da Silva Van Mierop lê-se:

Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, Tres Pessoas, e Um só Deus Verdadeiro, em quem firmemente creio por ser christã, e Catholica Romana, saibam quantos este testamento virem que no anno de mil oitocentos vinte e oito em

---

<sup>252</sup> Ana Cristina Araújo, s.v. «Morte», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P, 2001, pp. 270-273.

<sup>253</sup> *Idem*, *ibidem*.

três de Março, Eu Martha da Silva Merop, viuva de Thomaz Merop, moradora n'esta cidade de Macau, estando em perfeito juízo, e temendo a morte repentina, e achando-me agora molesta, e desejando por isso deixar a minha alma, que Deus me deu, em estado da salvação, e por ignorar o instante, que o mesmo Senhor será servido levar a minha alma para si, ordeno este presente Testamento, e esta minha última vontade, da maneira seguinte: primeiramente, encommendo a minha alma ao Padre Eterno, remida com o preciosissimo Sangue do seu Unigenito Filho Jesus Christo Nosso Senhor meo Salvador, e invoco a Maria Santissima por minha Advogada, aos Anjos da minha guarda, e Santo da minha devoção, e a todos os mais Anjos e Santos da Corte Celsestial, que intercedão por mim a Deus. Declaro que sou moradora e natural d'esta Cidade do Santo Nome de Deus na China filha de Pae e Mai gentios<sup>254</sup>.

Os já referidos testamentos do casal Van Mierop tornam-se intertextos de *CBP*, sendo o de Thomas parafraseado e citado *ipsis verbis*, para chamar a atenção do leitor para o facto de o romance e a história (re)contarem histórias<sup>255</sup>, funcionando o referido documento também como fonte de informação para o narrador<sup>256</sup>, que na página 209 afirma que o sobrecarga, num ataque de ciúmes, jura que Martha jamais casará com um português após a sua morte, vontade efectivamente presente no testamento real do mesmo, como já verificámos. São vários os parágrafos e as expressões do testamento de Thomas utilizados na narrativa, nomeadamente “[...] my beloved wife Martha Mierop [...]”<sup>257</sup>; e, quando da leitura do documento ‘ficcionalizado’ o presidente da E.I.C., na qualidade de *probate officer*, parafraseia o conteúdo do testamento real:

[...] Mr. Mierop leaves substantial sums of money to his two sisters, to two of his cousins, and to Mr. Rous<sup>258</sup>, who handled his affairs in London. He also leaves a large sum for the maintenance of five destitute families in London, to be selected at Mr. Rous’ discretion<sup>259</sup>.

---

<sup>254</sup> Veja-se o documento no anexo n.º 7.

<sup>255</sup> Vide Lee Horsley, *Political Fiction and the Historical Imagination*, 1990, pp. 90-122.

<sup>256</sup> São várias as referências ao testamento por parte do narrador, especialmente quando Thomas adoece (*CBP*, pp. 211, 232-233), bem como quando o Comité Selecto discute o valor legal do mesmo e o fim a dar-lhe (*ibidem*, pp. 262, 264, 270, 273).

<sup>257</sup> Lido do testamento, por Browne, em frente a Martha (*ibidem*, p. 263). Essa mesma expressão é utilizada no documento real (Public Record Office, Family Records, *Wills*, PROB11/1267, fl. 56).

<sup>258</sup> Thomas Bates Rous, primo de Thomas a residir em Londres, a quem o sobrecarga envia, como presente, chá chinês (cf. B.L.-O.I.O.C., R/10/19, fls. 135-136). Consulte-se o testamento, transcrito no nosso anexo n.º 6, para várias referências a Rous.

<sup>259</sup> *CBP*, p. 264.

No testamento real de Thomas pode ler-se:

I give devise and bequeath unto my oldest sister Martha Kuyck van Mierop the sum of four thousand pounds [...] unto my youngest sister Cornelia Kuyck van Mierop the sum of four thousand pounds [...] unto Thomas Rous Esquire the sum of five hundred pounds [...] to be disposed of to five poor distressed families he shall in the course of his life find agreeable to his own proper judgment objects meriting such charitable relief one hundred pounds sterling to be given to each. [...] Unto Thomas Bates Rous esquire five hundred pounds sterling [...] <sup>260</sup>.

Uma comparação atenta entre os dois textos demonstra que a leitura de Browne não é mais do que um sumário com grafia actualizada a partir do documento original, no qual se lê também:

I give devise and bequeath unto my beloved wife Martha da Silva [...] ten thousand pounds sterling [...] the dwelling house in Hospital Street Macao where she now resides together with all furniture there to belonging but the aforementioned bequeathing of ten thousand pounds sterling is only to be paid to her with the following proviso that in case she does not attach herself in marriage with any portugueze [...] but to people of any other country I heartily give my consent she may marry and thereby become the proprietor of the above sum [...] <sup>261</sup>.

Em *CBP*, o presidente lê:

To my beloved wife Martha da Silva I leave the sum of ten thousand pounds, together with my house in Hospital Street and all the furniture in it. [...] If she marries any person of the Portuguese race she is to receive five thousand pounds only [...]. Anyone else of any other race she may marry, and receive the full thousand pounds, and the additional three thousand pounds if she comes to Europe <sup>262</sup>.

A leitura da fonte histórica por Henry Browne dá ainda lugar a um trocadilho em torno do termo *will*, que significa simultaneamente o testamento e o desejo final de Thomas <sup>263</sup> contra os interesses e vontade dos colegas da E.I.C., situação análoga ao

---

<sup>260</sup> Public Record Office, Family Records, *Wills*, PROB11/1267, fls. 56-56v.

<sup>261</sup> *Idem, ibidem*, fl. 56.

<sup>262</sup> *CBP*, pp. 264-265.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 121: “It was a battle of wills [...]”.

desejo de Auvray em relação à segurança de Martha e que Teresa da Silva não respeitara. Podemos assim concluir que Austin Coates sumaria e adapta a informação descrita no testamento do sobrecarga, sendo fiel à mesma.

De forma a fortalecer os seus poder e reconhecimento como viúva Van Mierop e a consolidar a sua imagem pública junto das autoridades locais, a protagonista doa à Santa Casa da Misericórdia um pano de altar para a catedral, agradando assim ao padre Montepardo, e paga missas por alma de Thomas<sup>264</sup> de forma a comprar a sua segurança ao manter o apelido do inglês, atitude que não retira, no entanto, aos seus actos qualquer valor religioso ou sentimental. A personagem principal alia o útil ao agradável, acabando a notícia do seu pretenso casamento com o sobrecarga por se espalhar pela cidade. O narrador insere estes dados históricos na lógica da acção ficcional, sendo o conhecimento do contexto histórico-religioso do entreposto importante para entendermos a oferta da alfaia litúrgica da armadora à Catedral de Macau, uma vez que, de acordo com fontes históricas, em 1721, D. João V envia para o Convento de Santo Agostinho um cálice e uma custódia e, em 1782, D. Maria I oferece à sé, cujos paramentos e alfaias se encontram “antigos e rotos”, castiçais, ornamentos e outros objectos do então extinto Colégio dos Jesuítas<sup>265</sup>. Já no início de 1806, o bispo Frei Francisco Chacim informa D. João VI de que a Sé de Macau necessita de nova paramentária<sup>266</sup>, acrescentando estes factos valor social ao premeditado gesto de Martha.

### 5.2.1 Intertextualidade temática entre *City of Broken Promises, Tai-Pan* (1966), de James Clavell, e *An Insular Possession* (1986), de Timothy Mo

He went out on to the *praia* and turned up the hill towards the cathedral, thence into lesser known streets, past gracious sidewalk restaurants and colourful umbrellas. He crossed a wide *praça* and went through a huge doorway.

James Clavell, *Tai-Pan*, 2002, p. 534

<sup>264</sup> *Ibidem*, pp. 293-294. Veja-se o testamento lacrado na casa da Rua do Hospital, a 3 de Março de 1828, através do qual a armadora deixa “[...] \$1000 para mil missas por [...] alma [de Thomas Van Mierop] [...] e \$20 000 à Santa Casa da Misericórdia” («Testamento de Martha Merop», anexo n.º 7).

<sup>265</sup> Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, pp. 231, 618.

<sup>266</sup> Veja-se o ofício do bispo a D. João VI (A.H.U., *Macau*, cx. 26, doc. 9).

Through the latticed frame of the bamboos.  
Timothy Mo, *An Insular Possession*, 1987, p. 87

Como pudemos verificar no capítulo final da segunda parte, o romance de que nos ocupamos não dialoga apenas com outras obras de Coates e fontes históricas, estendendo-se o exercício transtextual a outros romances anglófonos em que Macau marca presença. Na quarta parte abordaremos as relações intertextuais ao nível temático entre *CBP*, o poema anónimo *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao* (1842), as antologias de contos *Cheong-Sam: A Cabaia* (1965), de Deolinda da Conceição, e *Nam Van*, de Henrique de Senna Fernandes (1980). De seguida estabeleceremos um paralelismo entre *CBP* e outros dois romances históricos – *Tai-Pan* (1966), publicado antes do primeiro por James Clavell<sup>267</sup>, e *An Insular Possession* (1986), publicado posteriormente por Timothy Mo<sup>268</sup> –, obras que, de acordo com a classificação que Richard Todd atribui a *An Insular Possession*, se podem chamar “Cantonese novels”<sup>269</sup>, narrativas ficcionais cuja acção tem lugar no eixo Macau-Cantão-Hong Kong de que *CBP* é o

---

<sup>267</sup> James du Maresq Clavell (1925-1994), que, a partir de 1954, publica romances de temática oriental como *King Rat* (1962), *Tai-Pan* (1966), *Shogun* (1975), *Noble House* (1981), *Whirlwind* (1986) e *Gai-Jin* (1993), sequência de aventuras asiáticas designada por “Asian Saga”. A temática dos romances assenta sobretudo na necessidade de sobrevivência (económica) do ser humano e no encontro de culturas, desde as aventuras do mercador isabelino Blackthorne (William Adams), o primeiro inglês a visitar o Japão e a enfrentar os interesses portugueses e holandeses no arquipélago (*Shogun*), às estratégias políticas do *tai-pan* escocês (Dirk Struan), que tenta manter a honra no seio das comunidades chinesa e inglesa em Hong Kong, em meados do século XIX. O romance *Noble House* continua a saga de *tai-pan* através da acção de Ian Dunross, gestor da casa comercial fundada por Struan, que procura defender os interesses da mesma, marcando Macau presença nos bastidores da acção através do jogo de influência dos seus traficantes de ouro. Veja-se Rogério Miguel Puga, «Representação de Macau em *Tai-Pan* (1966), *Shogun* (1975) e *Noble House* (1981), de James Clavell», in Carlos Ceia e Isabel Lousada (coord.), *Novos Caminhos da História e da Cultura, Actas do XXVII Encontro da APEAA*, 2007, pp. 719-737.

<sup>268</sup> Nos romances de Timothy Mo (1950-), Macau, Timor e Hong Kong marcam uma presença pitoresca e constante. Em 1978, Mo publica *The Monkey King*, cuja personagem Wallace Nolasco, residente na Hong Kong em processo de modernização, é macaense. Em 1986, surge o romance histórico *An Insular Possession*, que é considerado um épico pós-moderno e narra as vicissitudes políticas e humanas em torno da Primeira Guerra do Ópio e da importância de Macau no *China trade*. O romancista afirma não se preocupar com a minuciosidade histórica dos seus romances, que são sobretudo ficcionalizações de mundos possíveis e paródias de temáticas coloniais, como a etnia, o grupo social e a representação do género (vide Elaine Yee Lin Ho, *Timothy Mo*, 2000, pp. xi-28).

<sup>269</sup> Richard Todd, *op. cit.*, p. 124.

primeiro grande exemplo em língua inglesa no que diz respeito a Macau. Este subcapítulo complementa, portanto, o capítulo final da segunda parte, no qual analisamos a representação do enclave na literatura inglesa, detendo-nos agora nas características formais e temáticas que o romance de Coates partilha com as duas outras narrativas em questão.

Muitos dos temas e elementos históricos associados à Cidade do Santo Nome de Deus que são utilizados em *CBP* encontram-se presentes, embora em menor grau, nos romances de Clavell e Mo, cuja acção se desenvolve entre Cantão, Macau e Hong Kong, antes de e após a Primeira Guerra do Ópio (1830-1840), ou seja, já após o período representado em *CBP*. Daí o facto de escolhermos estas duas obras para levar a cabo um exercício comparatista ao nível dos temas culturais e das estratégias narrativas com o romance de que nos ocupamos. As temáticas destes textos, como demonstrámos num outro estudo<sup>270</sup>, prendem-se com os interesses e jogos de poder das comunidades anglófonas envolvidas no *China trade*, funcionando Macau como enclave de descanso e retiro para os comerciantes e de residência para as suas famílias.

O *incipit* de *An Insular Possession* é marcado pela simbólica imagem do furor, das vítimas e dos interesses comerciais em torno do fluxo do cronotópico rio das Pérolas, fronteira e motor do progresso do Sul da China, tema recorrente ao longo da obra, tal como o movimento dos barcos entre Macau e Cantão. O narrador, tal como o de *CBP*, enfatiza a dimensão pitoresca e exótica do território em que as personagens masculinas se movem sobretudo entre as *trading seasons*, enquanto marcas regionais como o *patois* macaense e o *C.P.E.* se acumulam ao longo da narrativa polifónica e poliglota. Alguns dos traços biográficos do pintor George Chinnery<sup>271</sup> são facilmente identificáveis pelo leitor informado na personagem Harry O'Rourke, amigo dos jovens protagonistas, Walter Eastman e Gideon Chase, que nos anos (18)30 se movimentam por Macau. O enclave funciona como retiro hospitalar governado por “papistas”, onde os comerciantes recuperam de doenças contraídas em Cantão, como acontece com Thomas Van Mierop. No entanto, o romance de Mo apresenta os chineses apenas

---

<sup>270</sup> Rogério Miguel Puga, «Chinese Pidgin English as a Narrative Strategy and the Polyphonic Dimension of Austin Coates' *City of Broken Promises* (1967) and Timothy Mo's *An Insular Possession* (1986)», *BELL 2004: Belgium Journal of English Language and Literatures*, nova série, n.º 3, 2004, pp. 103-104.

<sup>271</sup> Sobre a estada de Chinnery em Macau e a representação do quotidiano do enclave nos seus quadros, veja-se Patrick Conner, *George Chinnery 1774-1852*, pp. 164-270.

através do ponto de vista dos estrangeiros<sup>272</sup>, ao contrário do que acontece em *CBP*, onde a focalização de Martha, enquanto nativa inicialmente oprimida, é predominante.

No início do capítulo oitavo de *An Insular Possession*, e através de um exercício metaficcional, a acção passa de Cantão para Macau, sendo a baía desta última cidade comparada à de Nápoles<sup>273</sup> e a descida pelo rio a uma viagem interior, rumo aos “Portuguese settlement’s leafy esplanades and vivid gardens”<sup>274</sup>. Tal como em *CBP*, a curva da Praia Grande e o pulsar humano da urbe são descritos através de uma caleidoscópica enumeração:

Pastel villas, pink, green, and blue, or just dazzlingly whitewashed, face the sea. [...] The noble, tree-lined carriageway which curves around the perfect crescent bay of the Outer Harbour, can dock shallow-draught vessels, mostly fishing junks and lorchas. On the other side of the peninsula is the Inner Harbour. At the fashionable hour of 6 p.m. smart carriages, bearing the society of Macao, will trot up and down the Praia [...] a glorious curve of the bay of Macao, matching the crescent moon [...].<sup>275</sup>

A apresentação histórico-cultural da fronteira entre o Oriente e o Ocidente é também levada a cabo através de uma comparação zoológica, referindo o narrador a presença da E.I.C. em Macau após as *trading seasons*:

The settlement, already 300 years old, is situated on a narrow-necked promontory jutting out of a large island which forms much of the left bank of the Canton estuary. A wall, ‘the Barrier’, is built across the narrowest part of the isthmus [...], it separates this little piece of Portugal, or the transplanted civilisation of the Atlantic, from the Celestial Empire. In shape Macao resembles a dog’s tongue, with a few carbuncles on it, representative of its low hills, on one of which crouches a flat, Jesuit-engineered fort built for defence against the Dutch in the seventeenth century [...]. The grotto of Camões [...] positioned in the garden of the last head of the establishment of the British Factory in Macao. Yes, the Honourable had premises here, too, for the off-season of the summer [...] in this balmy sea-zone<sup>276</sup>.

---

<sup>272</sup> Cf. Bruce King, *Internationalization of English Literature 1948-2000*, 2004, p. 99.

<sup>273</sup> *An Insular Possession*, 1987, p. 58. Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 1, também compara Macau a uma pitoresca localidade italiana: [...] I always associate Macao with Venice”.

<sup>274</sup> *An Insular Possession*, p. 59.

<sup>275</sup> *Ibidem*, pp. 59 e 328, respectivamente.

<sup>276</sup> *Ibidem*, p. 59.



O narrador continua a descrição do enclave recorrendo a uma paródica alusão a Camões e ao Império Português<sup>277</sup> através de apartes complementados por excertos do jornal *Canton Monitor* e, à semelhança do que acontece com o diário ficcional de Thomas em *CBP*, do registo intimista de Alice Barclay Remington. O diário da jovem norte-americana e o narrador descrevem imagens típicas de Macau, na sua maioria presentes no romance de Coates, como o transporte de cadeirinha, o Templo de A-Má, os parses, os concertos filarmónicos, a ópera, o teatro<sup>278</sup>, as festividades religiosas portuguesas e chinesas, a fachada de São Paulo<sup>279</sup>, entre outros elementos como os vendedores ambulantes, os cules de rabo de cavalo, os pedintes, os compradores<sup>280</sup>, a culinária local<sup>281</sup>, os gudões, a miscigenação<sup>282</sup>, as lorchas<sup>283</sup> e os cafres<sup>284</sup>, imagens que conferem ao enclave a sua especificidade cultural e aos elementos históricos ficcionalizados uma sensação de verosimilhança.

Tal como em *CBP*, o tempo histórico, a toponímia e o espaço exótico quer da cidadela cristã, quer do bazar chinês são representados através de motivos literários como as ruas calcetadas, que são percorridas por padres sinólogos como o Father Ribeiro e missionários protestantes como o Dr. Morrison<sup>285</sup>, mediadores não apenas linguísticos, mas também culturais. O narrador de *An Insular Possession* afirma que a estratégica posição de Macau – “little out-of-the-way portion of the globe”<sup>286</sup> – leva os ingleses (“*Faan Gwai*”)<sup>287</sup> a procurar uma “Insular Position”<sup>288</sup> no Império do Meio onde possam desenvolver os lucrativos comércio de chá e tráfico de ópio, à semelhança dos mercadores de Portugal, país descrito como “[the] world’s ancient monarchy”<sup>289</sup> e

---

<sup>277</sup> O narrador de *Tai-Pan*, p. 527, também refere produtos oriundos do Império Português.

<sup>278</sup> *An Insular Possession*, pp. 194-205.

<sup>279</sup> *Ibidem*, pp. 73-75.

<sup>280</sup> *Ibidem*, pp. 108-109.

<sup>281</sup> *An Insular Possession*, pp. 191, 380.

<sup>282</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>283</sup> *Ibidem*, p. 300.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 388.

<sup>285</sup> Sobre Robert Morrison, consulte-se J. L. Cranmer-Byng, «The First English Sinologists», pp. 252-260.

<sup>286</sup> *An Insular Possession*, p. 136.

<sup>287</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>288</sup> *Ibidem*, p. 132; expressão que dá título ao romance histórico de Mo.

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 206.

velho aliado da Inglaterra<sup>290</sup>. A partir do capítulo 36, com a fundação de Hong Kong, Macau, até então território ocidental feminino na China no que diz respeito às familiares dos mercadores anglófonos, perde predominância enquanto espaço de acção, centrando-se esta em Cantão e na nova colónia inglesa, para onde se deslocam habitantes e residentes do velho enclave para comprar parcelas de terra, bem como comerciantes que aí continuam a sua actividade<sup>291</sup>. A acção desse romance dá, assim, continuidade à representação ficcional da presença inglesa no Sul da China até à Guerra do Ópio (1841), na sequência do período histórico representado em *CBP* (1766-1796).

*CBP* e *An Insular Possession* partilham ainda espaços, temas, motivos literários e símbolos como a feitoria inglesa de Cantão, as relações entre os sobrecargas e os mercadores *hong*, o quadro de Jorge III na sede da companhia, os contactos frequentes entre Macau e Calcutá, o fabrico e a exportação de *sing-songs* ingleses para a China, a acção dos *country traders* e o tráfico de ópio, as doenças que enfraquecem ou matam europeus<sup>292</sup>, as expressões e frases em português<sup>293</sup>, nomeadamente as relacionadas com a toponímia, o exotismo, o pitoresco, o *patois* de Macau, a caligrafia chinesa e as peças de teatro encenadas por sobrecargas<sup>294</sup>, entre outras temáticas que estudaremos, de forma mais profunda, relativamente a *CBP*. O romance histórico de Mo tem sido interpretado como uma narrativa pós-colonial de guerra e representação do confronto de interesses económicos e vivências (inter)culturais na China Meridional do século XIX<sup>295</sup>, à semelhança do que acontece em *Tai-Pan*. A acção desse último romance inicia-se em Janeiro de 1841, 45 anos após o termo da de *CBP*, com a fundação de Hong Kong, que “destruirá” Macau e marcará o fim de uma era<sup>296</sup>. Muitos dos ingleses estabelecem-se

---

<sup>290</sup> *Ibidem*, p. 390.

<sup>291</sup> *Ibidem*, p. 599.

<sup>292</sup> Veja-se também *Tai-Pan*, p. 434.

<sup>293</sup> Os três romances revelam-se políglotas e em *Tai-Pan*, p. 421, o termo “senhor” é também utilizado, tal como os vocábulos em itálico na primeira citação que serve de epígrafe a este subcapítulo.

<sup>294</sup> *An Insular Possession*, pp. 14, 18, 26, 19, 21-22, 28, 49, 76, 108, 109, 173, 179, 189, 194, 196-213.

<sup>295</sup> **Vejam-se:** Ann Quon, «Young Mo's Epic Effort», *South China Morning Post*, vol. 15, n.º 121, 04-05-1986, p. 18; Richard Todd, *op. cit.*, pp. 115-125; Bernard Gilbert, «*An Insular Possession* de Timothy Mo: Guerre de l'Opium ou Guerre des Mondes?», *Études Britanniques Contemporaines*, n.º 1, 1992, pp. 17-29; Elaine Yee Lin Ho, «How Not to Write History: Timothy Mo's *An Insular Possession*», *ARIEL: A Review of International English Literature*, vol. 24, n.º 3, 1994, pp. 51-65; Stefano Manferlotti, *Dopo l'Impero: Romanzo ed Etnia in Gran Bretagna*, 1995, pp. 105-141 e Kana Oyabu, «Cross-Cultural Fiction: The Novels of Timothy Mo and Kazuo Ishiguro», tese de doutoramento em Literatura Comparada apresentada à Universidade de Exeter, 1995, pp. 125-154.

<sup>296</sup> *Tai-Pan*, p. 21.

no “rochedo” vindos da segurança do interior das muralhas da Cidade do Santo Nome de Deus, sendo, portanto, forçosa a presença desta última no imaginário do romance de fundo histórico, até porque muitos dos funcionários portugueses das casas comerciais ocidentais se deslocam com as mesmas para a colónia inglesa<sup>297</sup>.

O “tiny Portuguese settlement on a tip of the mainland”<sup>298</sup> é lar de personagens como Brock e teatro neutral dos antecedentes da Guerra do Ópio<sup>299</sup>, onde, até então, e como vimos na segunda parte, muitas das embarcações ocidentais ancoram e são medidas antes de se dirigirem para Cantão, longe dos perigos naturais e dos ataques de piratas. Apresentando-se como um espaço também feminino, onde permanecem as familiares dos comerciantes ocidentais e são celebrados os casamentos entre membros da comunidade anglófona na capela protestante, o enclave é igualmente um local de romance e diversão masculina entre as *trading seasons*<sup>300</sup>. A caracterização directa e indirecta do pintor Aristotle Quance e do reverendo Sinclair aproxima-os, respectivamente, de George Chinnery e do missionário protestante Robert Morrison, enquanto personagens euro-asiáticas como Gordon Chen, à semelhança de Ignatius em *CBP*, são fruto de casamentos inter-raciais em Macau, onde a “vida secreta”<sup>301</sup>, os prazeres carnavais e o tráfico de ópio ocupam os britânicos que aí continuam a manter amantes e esposas<sup>302</sup>, inclusive depois do êxodo para Hong Kong, durante as viagens quer de lazer, quer de negócios entre as duas cidades<sup>303</sup>.

O leitor reconhece motivos literários, temas, símbolos e personagens-tipo associados a Macau semelhantes aos de *CBP* e *An Insular Possession*, como as cadeirinhas transportadas por cules, o uso do *C.P.E.*, o *ethos* dos fidalgos católicos/“papistas”, o *China trade*, os artesãos nativos, a experiência e o conhecimento da tradição e da medicina chinesas, as igrejas, as casas lusas, as calçadas<sup>304</sup>, as praças, os jardins, as fortalezas, a língua e a vivência portuguesas e o exotismo do bazar chinês<sup>305</sup>, elementos

---

<sup>297</sup> Veja-se Rogério Miguel Puga, «Representação de Macau em *Tai-Pan* (1966), *Shōgun* (1975), e *Noble House* (1981), de James Clavell (1924-1994)».

<sup>298</sup> *Tai-Pan*, p. 11.

<sup>299</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>300</sup> *Tai-Pan*, pp. 19, 82.

<sup>301</sup> *Ibidem*, p. 444; tradução nossa.

<sup>302</sup> *Ibidem*, pp. 25-29, 50, 124, 185, 204.

<sup>303</sup> *Ibidem*, pp. 41, 69, 328.

<sup>304</sup> *A Instrução para o Bispo de Pequim e Outros Documentos para a História de Macau*, editada por Manuel Múrias, 1988, p. 20, descreve as “[...] boas ruas, largas, e quase todas calçadas [...]” de Macau.

<sup>305</sup> *Tai-Pan*, pp. 530 e 538-539, 486, 490, 501, 509, 105, 524-525, 534, respectivamente.

que contribuem para a formação da cor local<sup>306</sup>, que, por sua vez, caracteriza o “sono-lento”<sup>307</sup> espaço da acção. A focalização em *Tai-Pan*, à semelhança do que acontece em *An Insular Possession*, é sobretudo protestante<sup>308</sup>, um olhar diferente sobre a cidade católica, na qual o facto de “[...] Portugal e a Grã-Bretanha serem velhos aliados [...]”<sup>309</sup> é recordado para benefício quer da administração portuguesa, quer dos britânicos que passeiam pela Praia Grande. No final do romance, um tufão acompanha o início de um novo ciclo administrativo em Hong Kong, momento em que Macau, devido à estrutura das suas habitações e localização geográfica, se torna um local mais seguro, assumindo-se como um retiro espiritual e físico para os residentes da recém-fundada colónia inglesa, que irá gradualmente diminuir a importância mundial do enclave luso-chinês no âmbito das relações comerciais e políticas sino-ocidentais.

Tal como em *CBP*, a alteridade, o género e as relações amorosas interétnicas tornam-se temas recorrentes em *Tai-Pan* e *An Insular Possession* devido aos confrontos de interesses, ao sentimento de pertença e à forma como as várias comunidades se observam e interpretam entre si, ficando claro que os ingleses não interagem com a comunidade chinesa sem ser para fazer negócio ou comunicar com os seus empregados, estes últimos vozes relativamente silenciadas, tal como o são em *CBP* juntamente com os escriturários portugueses, os comerciantes e sobrecargas menores. Macau é assim representada nestes três romances de forma realista como o epicentro do encontro entre o Ocidente e a China antes da Primeira Guerra do Ópio, em *CBP* e *An Insular Possession*, e depois da mesma em *Tai-Pan* e também em *An Insular Possession*.

## 6. O PARATEXTO E O CONTEXTO HISTÓRICO DA ACÇÃO

O comentário ou peritexto editorial na contracapa de *CBP* remete para a investigação levada a cabo por Coates em Macau com base na recolha da tradição oral *a la*

---

<sup>306</sup> Tal como em *CBP*, também em *Tai-Pan*, pp. 41, 184, 473, 51, 103 e 234, 104, 185, respectivamente, a etnia Hoklo, os gudões de Macau, a prostituição, os pés enfaixados e a miscigenação marcam presença.

<sup>307</sup> *Ibidem*, p. 525; tradução nossa.

<sup>308</sup> *Ibidem*, p. 612.

<sup>309</sup> *Ibidem*, p. 544; tradução nossa. Argumento utilizado ao longo dos séculos das relações anglo-portuguesas em Macau, como vimos na segunda parte.

Scott<sup>310</sup> e em arquivos portugueses e ingleses, informação que é reforçada por outros elementos paratextuais, como a reprodução do retrato de Martha na capa da maioria das reedições do romance. Para além dos dois paratextos que antecedem a narrativa – a dedicatória a Marie Athienza<sup>311</sup> e o índice – as três notas de rodapé utilizadas ao longo do texto informam o leitor da equivalência da quantia monetária entre o momento da acção e o da escrita, mudando na estrutura das mesmas apenas o montante indicado em dólares norte-americanos<sup>312</sup>, curiosamente a unidade monetária de uma nação que ‘nasce’ durante o tempo histórico da acção do romance. Anthony Grafton descreve as notas de rodapé como marcas da investigação erudita, listando características que remetem para a sua utilização pelo narrador de *CBP*:

[they] tell marginal stories [...] or describe curious individuals. [...] Footnotes matter to the historian. They are the humanist’s rough equivalent of the scientist’s report on data: they offer the empirical support for stories told and arguments presented. Without them, historical theses can be admired or resented, but they cannot be verified or disproved [...]. [...] The story of the footnote, finally, sheds a new light on the nature of history as a literary enterprise<sup>313</sup>.

Esses elementos paratextuais contribuem assim para revestir *CBP* de algum aparato metodológico característico de estudos historiográficos e enfatizam a extra-referencialidade típica do romance histórico. O leitor poderá ter conhecimento do sistema de ‘conversão’ monetária utilizado nessas notas através do estudo do historiador macaense J. M. Braga, amigo do romancista, que informa: “to arrive at present-days values the Dollar should be multiplied at least twenty-five to thirty times”<sup>314</sup>. O narrador de *CBP*, adoptando esse sistema, multiplica os 300 000 dólares de prata por 27,

---

<sup>310</sup> Sobre a importância da tradição oral para Scott, veja-se Mary Lascelles, *op. cit.*, p. 42.

<sup>311</sup> De acordo com informação que nos foi cedida pelo Dr. Jason Wordie (Royal Asiatic Society, Hong Kong), em Macau (Novembro de 2003), Marie Athienza, filha de um médico filipino e enfermeira-chefe no Hospital de Cheungshau, na colónia inglesa, recentemente falecida.

<sup>312</sup> *CBP*, pp. 167, 171, 264: “\*In today’s money, about US\$ [...]”.

<sup>313</sup> Anthony Grafton, *The Footnote: A Curious History*, 1997, pp. vii e 231, respectivamente. Vejam-se também Robert Mayer, «The Illogical Status of Novelistic Discourses: Scott’s Footnotes for the *Waverley* Novels», *ELH [English Literary History]*, vol. 66, n.º 4, 1999, pp. 911-938 e Shari Benstock, «At the Margin of Discourse: Footnotes in the Fictional Text», *PMLA [Publications of the Modern Languages Association of America]*, vol. 98, n.º 2, Março de 1983, pp. 204-225.

<sup>314</sup> J. M. Braga, «A Seller of ‘Sing-Songs’», p. 83, n.º 66.

indicando a nota de rodapé da página 167: “[...] around US\$8,000,000”. A mesma multiplicação é de novo efectuada e o total apresentado por arredondamento na nota da página 171. Já a conversão da página 264 é feita com recurso à libra inglesa<sup>315</sup>. O romance aproxima-se assim de estudos dedicados a temáticas semelhantes, ou seja, à presença inglesa em Macau e ao *China trade*, facto que, tal como as próprias notas de rodapé, marca a distância temporal entre os tempos da acção, da investigação, da escrita e da leitura.

### 6.1 O índice e os (inter)títulos como suportes interpretativos do romance-biombo

O índice anafórico, enquanto elemento paratextual que apoia a interpretação do texto, identifica as várias faces e arestas do ‘biombo’ que se vão desvendando a partir da focalização das diversas personagens ao longo do romance-biombo. A primeira parte, “The Decorated Side of the Screen”, apresenta sobretudo a focalização de Thomas; a segunda intitula-se “The Reverse Side of the Screen” e privilegia o ângulo de visão de Martha enquanto a terceira (“The Summers of His Residence”), a quarta (“The Winters of His Absence”), a quinta (“Through the Hinges of the Screen”) e a sexta (“The Screen Folded Aside”) partes privilegiam a focalização de ambos os protagonistas, acabando a última parte (“Martha Merop”)<sup>316</sup>, a mais extensa da obra, por apresentar como consumados o amadurecimento e a formação da personagem principal na Macau setecentista, como veremos na quarta parte. As designações capitulares enfatizam a condição feminina no enclave, o anonimato solitário por detrás das janelas e, no caso de Martha, a espionagem levada a cabo por Teresa da Silva, que se instala na casa em frente da residência da jovem para se vingar da mesma, observando-a através da janela, também sinónimo de biombo.

As funções atribuídas ao título do romance por Charles Grivel (designação da obra, indicação do conteúdo e sedução do público) e retomadas por Gérard Genette<sup>317</sup> encontram-se presentes em *CBP*, uma vez que o título, fortemente simbólico, dialoga com o

<sup>315</sup> Dez mil libras (× 120) equivalem a 1 200 000 dólares norte-americanos.

<sup>316</sup> *CBP*, «Contents», s./p. O índice como estratégia de apoio à interpretação da leitura do romance encontra-se presente em romances como *Orlando* (vide Rogério Miguel Puga, «Orlando ou a Paródia em Torno dos Géneros», *Op. Cit. Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos/A Journal of Anglo-American Studies*, n.º 5, 2002, pp. 94-95).

<sup>317</sup> Gérard Genette, *Seuils*, p. 73.

conteúdo da narrativa e gera *suspense* na mente do leitor-descodificador do texto, ou seja, a função de indicar o conteúdo da obra apenas é conseguida durante o processo de leitura, ou no final do mesmo, à medida que a rede de significações é desvendada, pois a cidade das promessas por cumprir é, à partida, um local indefinido, ainda não caracterizado nem transformado num mundo histórico possível. Os espaços psicológicos que rodeiam Martha, nomeadamente a casa de Thomas, o cubículo e as janelas, bem como a presença hostil de Teresa explicam os comportamentos da protagonista face à rejeição de que é vítima, sentindo a mesma necessidade de construir a sua imagem do espaço urbano onde se move para se poder defender, sendo desse conhecimento que surge a caracterização metafórica da Macau setecentista presente no título do romance, que, por sua vez, remete para a representação do género na cidade dos afectos e dos eufemismos.

As micronarrativas ou capítulos que compõem *CBP* funcionam como faces do biombo oriental, objecto também utilizado por Somerset Maugham<sup>318</sup> como símbolo tipicamente chinês e que remete para as janelas e portas inicialmente fechadas para protecção de Martha, ainda segregada pela sociedade, mas que se abrem gradualmente para acompanhar a liberdade da personagem, funcionando o espaço como símbolo e prolongamento material do estado psicológico e da *Bildung* (formação) da protagonista, como veremos na quarta parte. Esses objectos culturais caracterizam as dimensões espacial, social e psicológica da narrativa, formando uma rede de símbolos que substanciam metaforicamente o processo de formação da jovem, bem como as constelações temáticas e articulações semânticas do texto, indo, portanto, muito para além da eficácia do detalhe<sup>319</sup> minimizada por Lukacs ao defender que o romance histórico pode representar um processo histórico ao generalizar a descrição de factos e acontecimentos<sup>320</sup>.

A representação literária de mundos possíveis (*mimesis*) aproxima-se da pintura e, neste caso, da arte oriental<sup>321</sup>, e o biombo com face dupla metaforiza pictoricamente

---

<sup>318</sup> Cf. William Somerset Maugham, *On a Chinese Screen. Sketches of Life in China*, 1922.

<sup>319</sup> Expressão de Andrew Sanders, *The Victorian Historical Novel 1840-1880*, 1978, p. 26.

<sup>320</sup> Em *CBP*, algumas das personagens referenciais mais famosas da Macau setecentista, ou mesmo as personagens com referentes anacrónicos, como o juiz Pereira (ouvidor Arriaga), são relegadas para segundo plano (sobre esta temática em geral vide Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 39-48), tornando-se predominantes sobretudo as vozes silenciadas como a de Martha.

<sup>321</sup> Ideia presente na obra *An Apology for Poetry* (1595), de Sir Philip Sidney, quando o autor funde o conceito aristotélico de *mimesis* com a imagem horaciana da poesia enquanto quadro falante (*ut pictura poesis*: Horácio, *Arte Poética*, 1992, pp. 108-109): “Poesy therefore is an art of imitation, [...] a speaking picture-with this end, to teach and delight” (Sir Philip Sidney, *op. cit.*, 1973, p. 101, ls. 33-36).



quer a focalização múltipla (através da qual as crises domésticas são apresentadas), quer as mundividências extremo-oriental e ocidental presentes no romance, sendo ‘arrumado’ (“folded aside”)<sup>322</sup> no final, quando Martha assume de forma plena a sua identidade europeia no culminar da sua aprendizagem e é socialmente aceite. O termo *screen* aparece três vezes no índice, mas surge apenas uma vez na página 153 do texto, quando o narrador alude à natureza pictórica pluridimensional desse objecto e à sua função de ‘divisão’ que permite esconder, na privacidade do lar, a relação secreta do casal Van Mierop, também resguardada pelos veda-luzes, pelas janelas e portas através dos quais os sons exteriores da cidade invadem o silêncio e a relativa escuridão da casa<sup>323</sup>. As expressões, os símbolos e os sentidos ocultos no índice revelam-se quase no final da acção, quando Martha, ao procurar Biddle, entra na casa deste: “[...] At the end of the garden, the *house* looked forlorn [...]. Some of its plaster had come off in the typhoons of the previous *summer*. Its black *shutters*, their paint scarred [...], some *open*, some *shut*, and one lopsidedly broken at the *hinge* [...]

<sup>324</sup>.

A estrutura repetitiva, aliterativa e declarativa dos intertítulos mistos<sup>325</sup> e do índice remete para as simbólicas estações do ano que condicionam a presença e a ausência de Thomas em Macau, pois durante os seis meses das *trading seasons* o sobrecarga tem de permanecer na solitária cidade de Cantão; daí as designações capitulares das terceira e quarta partes (“The Summers of His Presence/The Winters of His Absence”). Temos, assim, quatro binómios<sup>326</sup>, cujos significados se escondem no texto e que, ao serem gradualmente revelados, conferem ao índice um carácter metafórico através do diálogo com a narrativa, simbolizando as estações do ano também os estados mentais de Martha

---

<sup>322</sup> Um dos significados desta expressão é revelado na página 162 de *CBP*, quando o narrador afirma que Duncan “[...] unfolded a tale of woe [...]”, consistindo o romance numa história que se desenrola até ao arrumar do biombo/narração.

<sup>323</sup> A casa de Thomas e Martha aproxima-se da descrição das habitações de Macau numa fonte chinesa de meados do século XVIII, nomeadamente a divisão simbólica dos pisos e a existência de portas com um par de batentes (Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-Iâm, *op. cit.*, pp. 171-172). Para uma descrição coeva das habitações de Macau, veja-se também Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, p. 457.

<sup>324</sup> *CBP*, p. 285; itálicos nossos.

<sup>325</sup> A partir desta designação de Gérard Genette, *Seuils*, pp. 78-85, 274, podemos afirmar que os intertítulos dos diferentes capítulos do romance são mistos, ou seja, quer temáticos, quer remáticos, pois, para além de remeterem para os temas/conteúdos do texto (cidade de Macau e promessas que os oficiais da E.I.C. não cumprem; viagem de Thomas e formação de Martha), também indicam o número e a ordem dos capítulos: “Part one, Part two, Part three”.

<sup>326</sup> 1) “Decorated/Reverse”, 2) “Summers [Macau]/Winters [Cantão]”, 3) “Presence [Macau]/Absence [Cantão]” e 4) “His/Her”.



e Thomas nas ausências deste último, no Inverno. Os sete capítulos do romance e o prólogo informativo dialogam entre si e apresentam pouco a pouco os diferentes ângulos de visão relativamente a um mesmo acontecimento, que é revisto por personagens diferentes à medida que o *suspense* ora se adensa, ora se dissipa.

## 7. A (RE)CONSTRUÇÃO FICCIONAL DO TEMPO HISTÓRICO

O tempo natural marca o fluxo da história através das estações cíclicas em que Thomas se encontra ausente (Inverno) ou presente (Verão); da chuva, que surge nos momentos de tensão e simboliza o isolamento de Martha e a ameaça do mundo exterior; dos sons nas degradadas e sinuosas vielas de Macau; e do movimento do sol nos telhados da urbe. O processo contínuo de formação da protagonista tem lugar num tempo representado como histórico através de marcas da paisagem humanizada como as ruas sonolentas, o aviário e a casa de Biddle após a sua ruína financeira, enquanto o movimento diário dos chineses a chegar/partir do enclave reforça a ideia de tempo cíclico e caracteriza o espaço cultural da acção, artifício conseguido através de uma imagem sintética que descreve a azáfama quotidiana dessa personagem colectiva:

The sounds of a new day started long before it was light. By equally strict Chinese and Portuguese rules Chinese were not permitted to remain in Macao at night. The daytime population of the city was thus seven or eight times larger than the nocturnal population. Each day ended with a Chinese exodus, began with a Chinese invasion [...] <sup>327</sup>.

A vida doméstica é representada como paralela à actividade política local e as três esferas da acção – a história de amor, a formação de Martha e os conflitos políticos que constituem parte da dimensão histórica da obra – são compostas por episódios e elementos que concorrem para a construção de *CBP* como romance histórico e *Bildungsroman*, ou seja, a maturação individual da protagonista tem lugar durante uma sucessão de acontecimentos e problemas específicos de uma época que não são meros elementos decorativos da cor local de Macau, uma vez que caracterizam a cidade como

---

<sup>327</sup> *CBP*, p. 36.

fortemente marcada pelos condicionalismos do período histórico em questão. O reduto comercial torna-se um *locus* cronotópico na medida em que as especificidades do espaço multicultural e do tempo histórico marcam o processo cumulativo da formação da protagonista e a acção das demais personagens. O mau estado de conservação da urbe, as espadas à cintura dos portugueses<sup>328</sup>, os velhos hábitos e o conceito de honra, personificados inicialmente em Pedro da Silva e carnavalizados como característicos dos fidalgos lusos, recordam a glória do passado de Macau através das referências à era dourada do comércio com o Japão, actividade geradora de enormes fortunas no território até 1639<sup>329</sup>.

Ao longo do romance, o narrador aborda a história de Macau de forma diacrónica e sincrónica, ao descrever a cidade quer ao longo dos tempos, embora de forma ténue (o fim do antigo comércio com o Japão e a consequente pobreza no momento da acção, e o facto de as novidades da metrópole demorarem a chegar ao reduto, tal como as ‘modas’ europeias), quer numa época específica, a segunda metade do século XVIII, na qual têm lugar as transformações sociais representadas. A acção estende-se a locais como Cantão, localizando-se sobretudo na malha urbana do enclave luso-português, desde o bairro chinês à cidadela cristã, e, como afirma Bakhtin, os vestígios autênticos, os indícios da história remetem sempre para o humano, encontrando-se o espaço e o tempo unidos através de um vínculo indissolúvel<sup>330</sup>. O local da acção torna-se, então, um palimpsesto das eras, da toponímia e das vivências de que o romance se encontra impregnado, como o narrador deixa bem claro ao informar que os desabafos de Thomas no seu diário “reflectem bem a era”<sup>331</sup> histórica em questão e que a chegada das primeiras mulheres inglesas a Macau acaba com a antiga sociedade estrangeira exclusivamente masculina, levando a uma mudança social<sup>332</sup>.

---

<sup>328</sup> Consultem-se as fontes históricas: Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-lâm, *op. cit.*, pp. 170-171 e B.L.-O.I.O.C., G/12/59, fl. 38. George Staunton, *op. cit.*, p. 387, ao descrever a miséria geral da cidade, refere quer a indolência dos portugueses, que se pavoneiam pela praça enquanto os chineses trabalham, quer um pedinte luso que carrega o saco de esmolas e uma espada. O hábito de os lusos se passearem com espada por Macau, mesmo quando tal não é necessário, é satirizado numa quadra popular macaense, cantada em crioulo, no século XIX (*vide* Ana Maria Amaro, *Das Cabanas de Palha*, pp. 184-186).

<sup>329</sup> Veja-se *CBP*, p. 51. Sobre o final do comércio da nau do trato, consulte-se Valdemar Coutinho, *op. cit.*, pp. 17-26, 123-156.

<sup>330</sup> Mikhail Bakhtin, «O Romance de Educação», p. 259.

<sup>331</sup> *CBP*, p. 191; tradução nossa. O narrador faz assim uso do diário para caracterizar (“reflect”) o contexto histórico da acção.

<sup>332</sup> *Ibidem*, p. 153: “[...] it forewarned the death-knell of an epoch [...]”.

## 7.1 Efabulação anacrónica do tempo histórico

*CBP* é um romance preocupado quer com a descrição pitoresca do tempo e do espaço históricos, quer com a passagem do tempo do relógio<sup>333</sup> e as marcas que este deixa nas personagens. A ordem temporal da narrativa assenta num elaborado jogo de efabulação anacrónica através de dezenas de analepses externas<sup>334</sup> que apresentam os vários planos temporais da existência sobretudo de Martha, desde 1766, até ao momento da chegada de Thomas a Macau (1780), que marca o início da acção principal, enquanto as analepses internas suprem elipses, contextualizam determinados acontecimentos como a crise do ópio<sup>335</sup> e descrevem um mesmo acontecimento de várias perspectivas ou ângulos de visão, como também acontece no outro romance de Austin Coates, *The Road*. As elipses são, por vezes, marcadas pelas frequentes linhas em branco na mancha gráfica do texto, que, por sua vez, também separam subcapítulos<sup>336</sup>.

Alguns episódios repetem-se para serem complementados ou revistos, estratégia para a qual o narrador chama a atenção através de orações como “As already observed [...]”<sup>337</sup>, enriquecendo estes episódios frequentativos e as remissões a rede de significações do romance enquanto contribuem para o seu carácter polifónico, uma vez que Thomas, Martha e Pedro apresentam à vez as suas versões de um mesmo acontecimento filtradas através dos seus interesses pessoais, facto que justifica a referência às diversas faces do biombo no índice e enriquece a “[...] presença activa do conceito de História como uma força modeladora [...]” que Avrom Fleishman<sup>338</sup> defende para o romance histórico. Quanto à frequência<sup>339</sup> dos acontecimentos, a estrutura da narrativa encontra-se premeditadamente apoiada também na revisitação de um mesmo episódio em diferentes momentos da acção através do *ethos* e do ângulo de visão das diferentes

<sup>333</sup> Sobre o tempo do relógio, vide A. A. Mendilow, *Time and the Novel*, 1952, pp. 64-84.

<sup>334</sup> Para um estudo sobre a função da analepse no romance, consultem-se Gérard Genette, *Figures III*, 1972, pp. 78-121 e *idem*, *Nouveau Discours du Récit*, 1983, pp. 15-22.

<sup>335</sup> Vejam-se as inúmeras analepses internas que explicam a crise do ópio (*CBP*, pp. 190-200).

<sup>336</sup> *CBP*, pp. 57-58, 60, 102, 165, 220, 309.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 86. Sobre o método de espiral que faz com que o leitor revise o mesmo acontecimento de uma “altitude” ou de um ângulo diferente, à semelhança do que acontece no romance de Coates, veja-se Philip Freund, *The Art of Reading the Novel*, 1965, p. 174.

<sup>338</sup> Avrom Fleishman, *op. cit.*, p. 15; tradução nossa.

<sup>339</sup> Vide Gérard Genette, *Seuils*, pp. 26-27 e *idem*, *Figures III*, pp. 145-156.

comunidades de Macau, exigindo um leitor atento<sup>340</sup> e co-responsável pelo processo criativo que tenha presentes elementos de que teve conhecimento anteriormente para desvendar significados profundos ao longo do texto, impossíveis de detectar numa leitura superficial e desatenta. Por exemplo, Thomas, ao chegar ao seu lar na Rua do Hospital, apercebe-se de que uma mulher portuguesa espreita para a sua casa de uma janela no lado oposto da rua<sup>341</sup>, vindo o leitor a descobrir, 177 páginas mais tarde, tratar-se de Teresa da Silva, que para aí se mudara para espiar Martha. Também nas páginas 77-79 temos conhecimento de que a ausência da protagonista no segundo dia da intriga principal, descrito nas páginas 40-43, se deve ao medo provocado por uma presença masculina na casa que descobrimos ser a de Pedro da Silva, enquanto nos é também revelado que, nesse dia, Martha esteve no templo, prestes a ser vendida a uma chinesa.

As analepses externas apresentam um passado distante (a vida de Martha e Thomas até à chegada deste a Macau), enquanto as analepses internas completivas ou “reenvios”<sup>342</sup> recuperam conhecimentos que vários sumários e elipses haviam deixado de fora. O início da acção de *CBP* é marcado por uma analepse externa que caracteriza a família e o passado de Thomas, em Londres, encontrando-se, no interior da mesma, uma breve prolepse interna que refere a recusa futura de Thomas em participar no tráfico de ópio e as suas já próximas viagens para Cantão, servindo essa estratégia para caracterizar desde logo a personagem.

Relativamente ao tratamento discursivo do tempo, quer os sumários associados a elipses<sup>343</sup> (estas últimas por vezes marcadas através de reticências que aceleram o ritmo da narração), quer as analepses explicativas e as personagens que não são logo nomeadas geram *suspense*, sobretudo durante as duas maiores crises políticas do romance, a do ópio e a do incidente do *Lady Hughes*. As falhas na sequência lógica da narrativa dificultam uma interpretação imediata da cronologia dos acontecimentos, uma vez que o espaço e o tempo deixados em branco pelas elipses dão lugar, mais tarde, às inúmeras analepses que preenchem esses ‘vazios’ temporários, desvendando a leitura o desencontro premeditado entre a ordem da história (*fabula*) e a ordem da narração (*sjuzhet*) e afastando *CBP* do romance histórico linear e tradicional.

---

<sup>340</sup> Conceito de *idem, ibidem*, pp. 86, 103, 113, ao estudar as relações que as analepses estabelecem entre si, exigindo do leitor competência narrativa.

<sup>341</sup> *CBP*, p. 19.

<sup>342</sup> Para uma definição de analepse completiva, veja-se Gérard Genette, *Figures III*, pp. 90-105.

<sup>343</sup> *CBP*, pp. 54, 97, 132, 153, 156, 233, 279, 299-302.

As sucessivas revoltas da adolescente chinesa contra o controlo repressivo e negativo são representadas através de analepses externas, retirando o texto partido de cerca de 40 analepses internas e cerca de 14 externas, predominando o último tipo de analepses no início da acção principal para fornecer ao leitor os antecedentes da mesma, nomeadamente a viagem de Thomas entre Londres e Macau, o seu *background* cultural e familiar, a vida e a morte de Uhrquart no enclave e o passado de Auvray<sup>344</sup>, informação necessária para a compreensão das atitudes das personagens, sobretudo de Martha, ao longo da acção. Quer os comentários do narrador, quer os de personagens como Cuming contextualizam o glorioso passado de Macau, que continua a afectar o sentimento de honra, a auto-imagem e o *ethos* da comunidade lusa<sup>345</sup>, enquanto, ao longo do segundo capítulo, as analepses externas biografam a infância e a adolescência da protagonista e apresentam uma Macau empobrecida, bem como diversos episódios e personagens anteriores à chegada de Thomas. Este artifício narrativo é recuperado no sétimo e último capítulo, nas páginas 277-279, quando Biddle desvenda o seu passado e o de Cuming, seu sobrinho, nos bairros pobres de Londres.

As analepses internas, sobretudo as explicativas, acumulam-se e predominam principalmente a partir do segundo capítulo, de forma a identificar vazios/elipses anteriores<sup>346</sup>, levando o leitor a reinterpretar episódios já apresentados<sup>347</sup>, estratégia que explica as circunstâncias e motivações que levam as personagens a ocultar informação em determinados momentos. Os sumários intensificam-se a partir da quinta parte, quando a narração acelera e os vários momentos da acção são apresentados como simultâneos através da justaposição que as analepses internas permitem<sup>348</sup>. O jogo anacrónico recorda ao leitor que, num mesmo momento da história, da vida de um indivíduo ou da acção de um romance, têm lugar inúmeros episódios em diferentes locais, abrandando a passagem do tempo no final da obra para singularizar o apogeu do percurso formativo de Martha.

---

<sup>344</sup> *Ibidem*, pp. 3, 5-6, 8, 12-13, 24, 45, respectivamente.

<sup>345</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>346</sup> *Ibidem*, pp. 71, 76-77.

<sup>347</sup> *Ibidem*, p. 74 recupera episódio da p. 34; e a p. 77 recupera episódio das pp. 40-41.

<sup>348</sup> Veja-se *ibidem*, p. 97, na qual são sumariados três anos dos negócios de Thomas. Na página 201, uma analepse interna revela que Fong, no passado, foi abandonada na mesma altura em que Biddle se mudou para a Penha e a empregou como *amah*, enquanto, na página seguinte, outra analepse interna revela, em forma de sumário (“may be briefly told”), o contexto em que Fong ficará, mais tarde, ao serviço de Teresa.

Durante o primeiro jantar na sede da E.I.C. em Macau, onde o cerimonial e a disposição dos oficiais marcam o poder e a hierarquia destes na instituição, Thomas recorda um incidente da tarde anterior, tendo o leitor acesso a duas dimensões paralelas, a física e a psicológica, ou seja, o jantar “[...] as the Madeira<sup>349</sup> circulated [...]” e a situação recordada nesse momento pelo sobrecarga “[...] Thomas recalled a small incident [...]”<sup>350</sup>. Esta estratégia é ainda utilizada na hora do pressuposto regresso de Thomas, que já falecera, para veicular a tensão e a determinação de Martha face ao perigo de perder a independência já conquistada, dando a simultaneidade dos acontecimentos origem à espacialização do tempo<sup>351</sup>, que permite ao narrador descrever três acções paralelas em espaços diferentes: a azáfama do séquito de empregados entre o porto e a casa de Martha<sup>352</sup>, as ideias da jovem em torno dos seus negócios e dos estratégias de Cuming, bem como a sua reacção para se defender do inimigo ao fazer-se valer dos seus “recursos femininos”<sup>353</sup>, com o apoio de Pedro.

No que diz respeito à configuração da temporalidade e à caracterização do espaço da acção, as entradas do diário marcam os dias que se sucedem<sup>354</sup>, complementam a função dos toques do relógio de parede, das estações e dos sons típicos das várias horas do dia na Macau setecentista. A noção de tempo do relógio é também reforçada pelo ciclo do Sol, por oposição ao silencioso tempo nocturno, altura em que o *otium* substitui o *negotium*. A segunda parte do romance consiste numa analepse externa em torno do

---

<sup>349</sup> Sobre o consumo e o comércio do vinho da Madeira pela E.I.C., no século XVIII, veja-se David Hancock, «‘An Undiscovered Ocean of Commerce Laid Open’: India, Wine and the Emerging Atlantic Economy 1703-1813», in H. V. Bowen *et alii* (eds.), *op. cit.*, pp. 153-168. Na documentação da E.I.C. encontramos diversas referências ao comércio e ao consumo do vinho da Madeira (B.L. – O.I.O.C., G/12/62, fl. 128; G/12/65, fl. 58; G/12/66, fl. 84 e R/10/7: «1774», fls. 1, 23). O próprio Thomas Van Mierop envia, em 1794, um barril de vinho de Macau para Londres (*ibidem*, G/12/109, fl. 134).

<sup>350</sup> *CBP*, p. 34.

<sup>351</sup> De acordo com Sharon Spencer, *Space, Time and Structure in the Modern Novel*, 1971, p. 156, a espacialização do tempo no romance “[...] is the process of splintering the events that, in a traditional novel, would appear in a narrative sequence and of rearranging them so that past, present and future actions are presented in reversed, or combined, patterns; [...] the factor that constitutes their orientation to reality is the place where they occur”.

<sup>352</sup> Robert Bennet Forbes, *op. cit.*, p. 165, descreve a azáfama quando da partida de barcos e sobrecargas ingleses de Macau em 1839: “[...] crowded with Trunks, boxes, bags, parsees, moors, caffres, China men, Capts, Mates, Spercargoes, all busily embarking for the British fleet [...]”, quadro que se assemelha ao movimento dos empregados e carregadores quando do suposto regresso de Thomas.

<sup>353</sup> *CBP*, p. 249; tradução nossa.

<sup>354</sup> *Ibidem*, p. 208: “[...] he wrote a few days later [...]”.

*background* da órfã chinesa, desde o seu abandono até ao início da intriga principal, e resume os primeiros 14 anos da vida da personagem, condensando as páginas 53-54 o sumário dos acontecimentos de nove anos e originando forçosamente diversas elipses, sobretudo no que diz respeito à primeira infância de Martha no convento.

A intriga principal é retomada no início da terceira parte e intercalada por uma analepse interna que descreve a antiga relação amorosa entre um inglês anónimo e uma chinesa, estratégia identificada através do advérbio *meanwhile*<sup>355</sup>, que marca o regresso à acção principal. O começo da quarta parte consiste numa analepse interna, regressando a acção, de novo, ao momento em que ficou no final da segunda parte, para se desenvolver de forma mais fluida até ao início da sétima parte. O leitor é levado, mais uma vez, ao momento da venda de Martha à guardiã do templo chinês e da primeira ida de Thomas para Cantão, pelo que a jovem trata o sobrecarga por mestre<sup>356</sup>, atitude que marca o recuo à altura em que a relação entre ambos era ainda de *master-servant*.

As analepses possibilitam, assim, ao leitor, enquanto participante no jogo ficcional, aprender cada vez mais sobre os meandros da Macau desconhecida em que as personagens se movem e contextualizar as atitudes e os conhecimentos das mesmas, enquanto se familiariza com a lógica interna do romance.

## 7.2 O tempo cronológico e as especificidades de um espaço multicultural

A passagem do tempo é também marcada através de substantivos adjectivados<sup>357</sup> e informações que veiculam, através da personificação, o processo de envelhecimento das personagens<sup>358</sup>; de advérbios de tempo; da alusão às festividades cíclicas como o Ano Novo chinês ou o Natal; de episódios secundários como o regresso do marido de Fong e o assassinato da mesma; de afirmações das personagens sobre o passado<sup>359</sup> e de referências do narrador a dias ou meses específicos<sup>360</sup> que identificam os inúmeros

---

<sup>355</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>356</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>357</sup> *Ibidem*, p. 134: “[...] a sixteen-year-old prostitute [...]”.

<sup>358</sup> Atente-se na hipálage: “Her dimples were no longer mischevious; they had somehow become thoughtful [...]” (*ibidem*, p. 146). O narrador afirma ainda: “Martha [...] had grown up considerably in the year that had passed [...], less of a little girl [...]” (*ibidem*, p. 91).

<sup>359</sup> Após a morte de Auvray, quando Martha agride Teresa, esta última afirma: “For five years I have fed you” (*ibidem*, p. 64).

<sup>360</sup> *Ibidem*: “[...] mid-morning next day [...]” (p. 76) e “At dinner that evening [...]” (p. 134).

sumários e elipses, tornando-se, por vezes, a marcação do fluir do tempo vaga ou indeterminada<sup>361</sup>.

O *fool boy*, inicialmente uma personagem *naïve* e cómica, torna-se “[...] a demented and dangerous man [...]”<sup>362</sup>, facto que acentua o seu estatuto de marginal, enquanto Ignatius e Fong reaparecem na acção mais velhos<sup>363</sup>, marcando várias etapas da vida de Martha. As referências indirectas ao fluir temporal através da idade de Thomas e do aspecto físico de Dominie, Teresa e Fong<sup>364</sup> forçam o leitor a relacionar factos diferentes e a fazer contas para descobrir em que ano a acção se encontra<sup>365</sup>, ou seja, os temas do envelhecimento físico e do amadurecimento da protagonista e de outras personagens, primordiais no *Bildungsroman*, apoiam também a cronologia da acção de *CBP* enquanto romance histórico, sendo os tempos biográfico e histórico colocados em paralelo.

Quando Thomas adoece, a rotina diária altera-se, sendo a tensão e a passagem do tempo marcadas pelo movimento dos barcos no porto de Macau, de onde surgiriam a embarcação que o transportaria para a Europa e o despacho oficial de Londres sobre a ruptura financeira do comité originada pela crise do ópio, urgências acentuadas pela estrutura sintáctica repetitiva: “[...] ships came. Despatches came [...]”<sup>366</sup>. No espaço doméstico, a Bíblia que Thomas passa a ler diariamente adquire as funções simbólicas de marcador cronológico e de materialização da mudança espiritual do sobrecarga enfermo, sendo o passar das folhas comparado ao cair da areia numa ampulheta<sup>367</sup>. Tal como a escrita (do diário de Thomas), a leitura torna-se um motivo literário, reflectindo-se as tensões psicológicas e religiosas originadas pela doença no tempo experienciado<sup>368</sup>, pois a urgência que Martha sente ao longo da acção acentua-se e é marcada no início dos (sub)capítulos finais através de referências temporais como “winter”, “April”,

---

<sup>361</sup> *Ibidem*: “A few months later [...]” (p. 82); “[...] two days after [...]” (p. 90); “[...] in August [...]” (p. 102); “For some days the community hang on [...]” (p. 105) e “One day Fong [...]” (p. 74).

<sup>362</sup> *Ibidem*, p. 200. Este estado psicológico é veiculado directa e indirectamente através de quatro comparações por semelhança do *outcast* com animais irracionais, um deles amarrado: a aranha, o morcego (*ibidem*, pp. 203, 252), o porco (*ibidem*, p. 256) e o cão (*ibidem*, pp. 129, 201).

<sup>363</sup> *Ibidem*, pp. 203, 227-229.

<sup>364</sup> *Ibidem*, pp. 62, 147, 203.

<sup>365</sup> *Ibidem*, p. 166: “Thomas who at thirty-seven [...] had changed little in thirteen years”.

<sup>366</sup> *Ibidem*, p. 205.

<sup>367</sup> *Ibidem*, p. 207.

<sup>368</sup> Acerca da subjectividade relativa do tempo (psicológico), consultem-se A. A. Mendilow, *op. cit.*, pp. 118-120 e Hans Meyerhoff, *op. cit.*, pp. 12-63.



“time” e “December”<sup>369</sup>. De acordo com Virginia Woolf e Gian-Paolo Biasin<sup>370</sup>, a doença é uma temática recorrente na literatura, dando origem a momentos de tensão, *suspense* e introspecção que por vezes antecedem a morte ‘lenta’, e *CBP* recorda o quão efêmera é a vida humana através de personagens-tipo como o médico e o cangalheiro.

Thomas acaba por partir de Macau e falecer no mar, momento após o qual as analepses dão lugar a um processo narrativo mais linear e se acumulam os sumários que acompanham a formação e a consolidação do estatuto social da protagonista, tema predominante até ao final do romance, como o comprova o título da sétima e última parte, “Martha Merop”.

O tempo meteorológico que se faz sentir no enclave também concorre para a descrição do ambiente da acção histórica<sup>371</sup> e, se as estações marcam de início o fluir do tempo e o afastamento do oficial inglês durante as *trading seasons*, após a sua morte estes marcadores temporais perdem a sua função, dando origem a um relato cronológico diário que visa dar a conhecer minuciosamente o percurso e a vitória de Martha na Macau setecentista, como a própria conclui no dia em que tem lugar o clímax desse processo: “Today was a day that would never be repeated. It had to be used to the full”<sup>372</sup>. Assim sendo, a velocidade narrativa inflecte e essas mesmas 24 horas ocupam 50 páginas do texto (249-299), desde que a armadora derrota Cuming no escritório de Biddle, passando pelo conhecimento da morte de Thomas e da sua herança, que lhe é entregue por Henry Browne antes da morte de Teresa, e pelo encontro com Pedro, Browne e Biddle, cujo cadáver Martha encontra na praia de Cacilhas, vindo a desvendar, no final do dia, a mensagem implícita nas últimas palavras de Thomas: “Use my name!”<sup>373</sup>. O tempo do último dia da acção é marcado pelo movimento do Sol no firmamento, que guia a protagonista, abrindo-se assim um novo ciclo na sua vida, celebrado um ano mais tarde, a 17 de Maio de 1796, quando o seu barco – o *Merop* – é baptizado e lançado ao mar, enquanto a subida da maré acompanha o movimento do astro no céu. O capítulo final consiste, assim, na descrição dos dois últimos dias do processo da formação informal de Martha, que estudaremos na quarta parte.

---

<sup>369</sup> *CBP*, pp. 200, 204, 207 e 209, respectivamente.

<sup>370</sup> Virginia Woolf, «On Being Ill», in *Collected Essays*, vol. 4, 1999, p. 317 e Gian-Paolo Biasin, *Literary Disease: Theme and Metaphor in the Italian Novel*, 1975, pp. 5-35.

<sup>371</sup> *CBP*, pp. 84, 171, 173.

<sup>372</sup> *Ibidem*, p. 283.

<sup>373</sup> *Ibidem*, p. 313.

O simbolismo do relógio de cuco de Thomas que soa as horas várias vezes em *CBP*<sup>374</sup> é desvendado através do cruzamento de informação de três outras obras de Austin Coates – «Portuguese Roots in Africa», *A Macao Narrative* e *Macao and the British* – nas quais a subordinação britânica às autoridades chinesas e portuguesas de Macau é descrita como “a cuckoo-in-the-nest situation”<sup>375</sup>, ou seja: “A newcomer<sup>376</sup> [like Thopmas Mierop...] might find this strange cuckoo-in-the-nest situation had started some years ago when the European rented a couple of rooms in the landlords’s private house [...]”<sup>377</sup>. No artigo «Portuguese Roots in Africa», Coates refere também esta situação no enclave: “Whenever Portuguese commerce has been exposed to direct competition with broader-based European enterprise the former has tended to sink into secondary status, producing on Portuguese soil a *cuckoo-in-the-nest situation* of which the classic example is Macao in the 50 years preceeding the Opium War of 1839-42 [...]”<sup>378</sup>. Essa estratégia ‘parasita’ por parte dos ingleses é metaforizada pelo Autor através da imagem do cuco (do relógio), pássaro que, em ninhos alheios, substitui os ovos de outras aves pelos seus para que elas os incubem e posteriormente criem os seus filhos.

O relógio de parede interrompe os diálogos do casal ao soar: “For he’s a jolly good fellow”<sup>379</sup>, destacando Thomas do resto da comunidade inglesa na Macau setecentista devido ao seu sentido de honra e à sua honestidade. O cuco, ao sair do interior do relógio, remete igualmente para os inúmeros *singsongs* oferecidos pelos europeus aos mandarins e mercadores sínicos sobretudo no Ano Novo chinês, como Coates também informa em *Macao and the British*:

[...] every mandarin connected with foreign trade had to be given toys at Chinese New Year. [...] In pidgin they were called singsongs, most of them were made in England, and the principal agent for them was James Cox<sup>380</sup>, whose London office

<sup>374</sup> *Ibidem*, pp. 21, 34, 36, 133, 165, 186.

<sup>375</sup> Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 64.

<sup>376</sup> William C. Hunter, *Bits of Old China*, pp. 127-129, ao descrever o *modus vivendi* ocidental em Macau e Cantão no século XIX, cria uma personagem ficcional, o *stranger* europeu, equivalente ao *newcomer* de *CBP*, para veicular as impressões e o choque cultural sentidos pelo recém-chegado à China.

<sup>377</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, p. 56.

<sup>378</sup> *Idem*, «Portuguese Roots in Africa», pp. 11-12; itálico nosso.

<sup>379</sup> *CBP*, pp. 21, 165, 186.

<sup>380</sup> Note-se que o cônsul da Prússia na China (Macau), Daniel Beale, irmão de Thomas Beale (a quem a personagem Abraham Biddle é associada) se torna sócio da firma de *singsongs* inglesa James & Cox em 1787 (cf. cap. 6 da segunda parte).

was, appropriately enough, in Shoe Lane. His wares included every sort of little mechanical device, musical boxes, intriguing clocks [...], snuff boxes *with birds that popped up from inside when the box was opened and sang a little song*<sup>381</sup>.

O romancista justapõe, assim, no relógio de cuco dois tipos de presentes apreciados pelos oficiais do Império do Meio (relógios e artificios mecânicos), enquanto Biddle, ao denunciar o seu sobrinho Cuming perante o presidente do Comité Selecto e Martha, sumaria o seu humilde passado em Londres, referindo igualmente Shoe Lane como centro de produção e armazenamento desses objectos<sup>382</sup>. O facto de sabermos que as *singsongs* são importadas para a China no âmbito do *China trade* permite-nos interpretar o jogo semântico que o narrador leva a cabo ao relacionar a música do relógio de cuco com a personalidade de Thomas, caracterizado como humanitário<sup>383</sup> também através da expressão “For he’s a jolly good fellow”.

Os episódios históricos ficcionalizados marcam igualmente a cronologia do romance e caracterizam o tempo pretérito, como acontece com a crise do anfião, durante a descrição da qual as frases curtas veiculam a pressão sentida pela comunidade estrangeira em Macau ao recluir o cerco chinês<sup>384</sup>, que visa forçar os portugueses e os restantes ocidentais a respeitar as ordens dos mandarins, tal como descreve o comerciante norte-americano Robert Bennet Forbes (1813-1889) em 1838, pouco antes da Guerra do Ópio<sup>385</sup>.

O tempo histórico e o quotidiano da cidade são também marcados por acontecimentos políticos de importância mundial, como a Revolução Francesa, que afecta as viagens de embarcações da E.I.C. do e para o Oriente<sup>386</sup>. A Europa é, portanto, um espaço longínquo, mas implícito no romance, como veremos no subcapítulo 5.3 da quarta parte, fazendo-se os seus costumes e práticas comerciais respeitar na China. A personagem Pigou menciona ainda as batalhas da Grã-Bretanha para impor o seu

---

<sup>381</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, p. 72; itálico nosso.

<sup>382</sup> *CBP*, p. 280: “In those days I worked in Shoe Lane, makin’ nick-knacks to send to China”.

<sup>383</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>384</sup> *Ibidem*, p. 104. A repetição da expressão “[...] in the space of a single hour [...]” nas páginas 104 e 106 complementa a descrição do desespero dos ingleses com a velocidade a que os acontecimentos se dão, exigindo medidas rápidas.

<sup>385</sup> “The Portuguese & the Americans are not involved & it is looked upon as a good joke rather than a case of starvation, the supplies of Rice & Salted Provisions is immense & we are ready to stand a long siege [...]” (Robert Bennet Forbes, *op. cit.*, p. 161).

<sup>386</sup> *CBP*, p. 154.

poder na Índia<sup>387</sup> e a revolta dos Estados Unidos da América<sup>388</sup>, referências que contextualizam o período histórico da acção. O espaço em que as personagens se movem estende-se, assim, para além do âmbito dos acontecimentos locais e reflecte a luta britânica pela supremacia face a potências como a França<sup>389</sup>.

Para além dos marcadores da passagem do tempo já referidos, os episódios históricos como o incidente do *Lady Hughes*, as personagens com referentes históricos e as alusões a personalidades do tempo da acção – ao pintor Allan Ramsay (1713-1784)<sup>390</sup>, a George III (1738-1820), à rainha Carlota (1744-1818) e a Jeremy Bentham (1748-1832), primo de Thomas<sup>391</sup> – ilustram o contexto histórico representado, tal como a descrição ficcional dos saraus na casa dos Van Mierop, em Twickenham, antes da partida do jovem para Macau, nos quais se discutem “[...] liberal ideas, [...] poor law administration, prison reform, the emancipation of slaves, conditions in the American colonies, and even [...] traffic in opium to China [...]”<sup>392</sup>. O ambiente familiar e a educação do sobrecarga descritos no romance ajudam a compreender a sua conduta no Império do Meio<sup>393</sup>, enquanto o contexto histórico é alterado pela presença cada vez

---

<sup>387</sup> *Ibidem*, p. 47. Veja-se B.L.-O.I.O.C., G/12/58, fl. 19 e G/12/59, fl. 37. Lawrence James, *RAJ: The Making and Unmaking of British India*, 2001, pp. 58 e 67 e Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade*, p. 212, referem os conflitos e guerras ingleses na Índia e os problemas financeiros da E.I.C. no período da acção do romance. António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, p. 216, informa que os conflitos políticos entre as potências europeias são uma das maiores causas dos naufrágios de Macau, justificando-se, assim, o receio que a personagem Thomas tem em viajar devido às guerras anglo-francesas, que dificultam o seu regresso a Inglaterra.

<sup>388</sup> *CBP*, p. 47.

<sup>389</sup> *Ibidem*, pp. 208, 222.

<sup>390</sup> *CBP*, p. 31. Os retratos que Ramsay pinta da família real marcam a posse da casa da E.I.C. e a presença da coroa inglesa em Macau, funcionando como extensão simbólica da Inglaterra no Sul da China, enquanto as “[...] enormous Indian landscapes replete with Mughal palaces [...]” (*ibidem*) representam os centros de decisão ingleses no Oriente (Fort William e Fort St. George). Sobre o pintor, veja-se Alastair Smart, *Allan Ramsay: Painter, Essayist and Man of the Enlightenment*, 1992. A decoração da feitoria inglesa em Cantão com quadros do rei inglês é atestada por um residente norte-americano do estabelecimento em 1825 (William C. Hunter, *The ‘Fan Kwae’ at Canton Before the Treaty Days 1825-1844*, 1970, p. 31).

<sup>391</sup> *CBP*, pp. 31-32, 4-5, respectivamente.

<sup>392</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>393</sup> *Ibidem*: “[...] being the first representative China had seen of that significant group of people who came to be known as humanitarians [...]”. A partir de Austin Coates, *Macao and the British*, p. 102, identificamos nesta referência mais um anacronismo premeditado no romance, pois os primeiros humanitários só chegam à China a partir de 1800, estratégia que se relaciona com os episódios ficcionais (igual-

maior de humanitários ingleses no Sul da China a lutar contra o tráfico de ópio, droga maléfica para a população sínica que se torna, como verificámos na segunda parte, um dos inúmeros temas do romance. Em Macau, acabam por se formar dois grupos de poder opostos: o ‘partido’ humanitário de Thomas<sup>394</sup> e o grupo de traficantes de anfião, cada vez mais ricos e associados a George Cuming, sendo essa prática um requisito quase essencial para se subir na hierarquia do Comité Selecto. Se Biddle e Cuming enriquecem através do comércio ilegal da droga, é essa mesma actividade, a que Thomas se opõe, que possibilita a este último, através da urgência do mercador e traficante filipino Hernandez, a compra da sua casa na Rua do Hospital, ironia que é reforçada quando Ah Sum salva Martha de Cuming drogando-o com ópio dissolvido em vinho e quando Biddle, o maior traficante ocidental do narcótico na China, se suicida, após a sua ruína financeira, com uma dose excessiva do mesmo.

## 8. O ESPAÇO HISTÓRICO-SIMBÓLICO DE UM TERRITÓRIO-FRONTEIRA

Let us therefore approach as every foreign traveller in early times had to [...] towards the Praia Grande, the elegant crescent of Latin architecture facing the waterfront, beyond which rise the low domes and towers of seminaries and churches, the whole creating that uniquely unexpected European view which is Macao’s greeting to every visitor from the sea.

Austin Coates, *Macao and the British*, p. xi

---

mente anacrónicos) da chegada das primeiras mulheres europeias a Macau e da crise do ópio que afecta Biddle. A descrição que Coates faz nesta última obra (de cariz historiográfico) da ‘chegada do humanitarismo inglês’ ao Império do Meio caracteriza a atitude de Thomas em relação ao tráfico ilegal de ópio e aos chineses: “[...] the growing awareness in England that from trading had come power, and from power responsibility. It was no longer felt sufficient by *educated* and *discerning* men to come to the East solely to make money and be damned for the people from whom they made it. [...] In addition to making a great deal of money out of China one could perhaps contribute something for the general good, which included the good of the Chinese [...]” (*idem, ibidem*; itálicos nossos). Coates aproxima, assim, em *CBP* a personalidade do sobrecarga à dos humanitários que descreve nesse excerto.

<sup>394</sup> Embora o romance apresente Thomas Van Mierop como antitráfico de ópio, uma *consultation* de Dezembro de 1782 sobre o tráfico de anfião indiano pelos ingleses através de Macau é assinada pelo sobrecarga (B.L.-O.I.O.C., R/10/12, fls. 150, 180, 187-188). Mais uma vez, e como é de esperar, a ficção e a realidade são duas dimensões que não coincidem de forma plena no subgénero em questão.

O romance histórico aproxima o tempo e o espaço, que se caracterizam mutuamente, como se pode verificar logo no prólogo de *CBP*, quando Thomas descreve, na entrada de 12 de Março de 1780 do seu diário, o enclave, que, nessa madrugada, avista do *Indiaman* na rada da Taipa<sup>395</sup>, recordando-nos as palavras do narrador de *The Go-Between*: “the past is a foreign country: they do things differently there [...]”<sup>396</sup>. Como verificámos na segunda parte, o *country trade*<sup>397</sup> associado ao comércio de ópio entre o “[...] remote Cathay [...]”<sup>398</sup> e a Índia, a presença das potências europeias na China, o protocolo de desembarque da E.I.C. e a medição dos barcos estrangeiros pelos chineses<sup>399</sup> são as primeiras informações apresentadas ao leitor para caracterizar, de forma económica, o espaço e o tempo históricos de *CBP*, assumindo a urbe luso-chinesa a função de plataforma-cruzamento de pessoas, culturas e bens na qual se relacionam o espaço e o tempo exóticos. *CBP* exige, assim, do leitor competência literária<sup>400</sup> e cultural no que diz respeito ao contexto histórico da Macau setecentista para que possa ser feita uma leitura profunda dos subtextos históricos/historiográficos que dialogam com o universo ficcional. O narrador, utilizando o diário de Thomas, informa, nas entrelinhas, o leitor menos atento do jogo de ambiguidades e de interpretação ao referir que os ingleses na China recorrem frequentemente ao “*double entendre*”<sup>401</sup> para

---

<sup>395</sup> *CBP*, p. 1.

<sup>396</sup> L. P. Hartley, *The Go-Between*, 1998, p. 7. Sobre o exotismo geográfico e temporal a que a distância dá origem, veja-se H. Butterfield, *The Historical Novel: An Essay*, 1924, p. 9.

<sup>397</sup> O chamado *country trade* entre a China e Calcutá é referido no romance por Thomas e Cuming (*CBP*, pp. 212, 222) como uma actividade comercial fora da jurisdição da Companhia das Índias (veja-se a segunda parte, capítulo 5). Nas duas primeiras páginas de *CBP*, o primeiro sobrecarga descreve os barcos comerciais na Rada de Macau, referindo os *country ships* que aí se encontram e que trazem ópio indiano, informação importante, pois a actividade dessas embarcações é mencionada ao longo do texto em relação ao tráfico da droga desenvolvido pelos ingleses.

<sup>398</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>399</sup> O narrador refere ainda os *security merchants* (*hong*) que, como vimos na segunda parte (cap. 6), contactam e comercializam com os mercadores estrangeiros (vejam-se William C. Hunter, *op. cit.*, p. 36 e Weng Eang Cheong, *op. cit.*, *passim*).

<sup>400</sup> Sobre o conceito de competência literária como um conjunto de saberes e convenções de leitura de um texto, vejam-se Paul Bové, «The Poetics of Coercion: An Interpretation of Literary Competence», *Boundary*, vol. 2, n.º 5, Outono de 1976, pp. 263-284 [resposta ao texto de Jonathan Culler reproduzido como «Literary Competence», in Jane P. Tompkins (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, 1994, pp. 101-117] e Carlos Ceia, s.v. «Competência Literária», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edt/>>.

<sup>401</sup> *CBP*, p. 98.

comunicar, sem revelarem os seus verdadeiros desígnios. Como exemplo dos processos apenas identificáveis pelo receptor mais informado (o ‘leitor’ e não o mero ‘consumidor’<sup>402</sup> do texto), refiram-se algumas ambiguidades presentes nas falas de personagens como Biddle ao afirmar que o seu lucro comercial em Macau se deve à carga habitual do *country trade*<sup>403</sup>, ou seja, como vimos na segunda parte, o anfião traficada nos barcos provenientes da Índia; daí que a primeira imagem que temos do agente inglês, nos segundo e terceiros capítulos, seja a das suas mãos a cheirar a dinheiro<sup>404</sup>, sujas pelos interesses sem escrúpulos, recordando-nos a lavagem das mãos de Pôncio Pilatos e os sonhos perturbados e o esfregar de mãos de Lady Macbeth<sup>405</sup>.

O escritório de Biddle e a face envelhecida de Macau que se observa nas fachadas e calçadas atribuem ao espaço da acção uma carga pitoresca ainda hoje associada ao centro histórico do território. Em termos gerais, a ‘cidade’ presente logo no título do romance é um espaço tridimensional (chinês, português e inglês), como o comprova a componente onomástica do texto<sup>406</sup>. A arquitectura ecléctica e decadente, fruto da erosão provocada pelo tempo, o descuido humano e a pobreza, bem como a antiguidade dos edifícios e das tradições locais recordam que o progresso não modifica apenas construções humanas e materiais, mas também formas de viver de Macau, elementos celebrados no recente reconhecimento do centro histórico do território como Património Mundial pela UNESCO (15-07-2005) e do qual fazem parte locais descritos e

---

<sup>402</sup> Roland Barthes, «Textual Analysis Is Pluralist», in Robert Young (ed.), *Writing the Text: A Post-Structuralist Reader*, 1981, pp. 43-44 define ‘consumidor’ como o receptor que lê o texto em busca de significados estáveis e ‘leitor’ como o receptor activo do processo de leitura, tornando-se também ‘escritor do texto’ ao analisá-lo.

<sup>403</sup> *CBP*, p. 96.

<sup>404</sup> *Ibidem*: “Abraham Biddle’s hands smelt of money [...]” (p. 11); “[...] his smelly hands [...]” (p. 95).

<sup>405</sup> William Shakespeare, *Macbeth*, 1977, II, ii, 45-49, p. 55.

<sup>406</sup> Por exemplo, em português “Rua do Hospital” e em inglês *Ridge* (Penha). De acordo com Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 471, a Rua do Hospital [dos Leprosos/Hospital de S. Rafael] muda de nome para Rua Pedro Nolasco da Silva em 1942, não deixando de ser curioso o facto de, em *CBP*, Teresa, Pedro, o bispo Marcelino e Martha partilharem o apelido ‘da Silva’. Sobre essa rua, vejam-se *idem*, *Macau no Século XIX Visto por Uma Americana*, 1981, p. 11 e George Chinnery no *Bicentário do seu Nascimento 1774-1974*, 1974, p. 72. Também César Guillén-Núñez, *Macao Streets*, p. 23, associa a história de Marta e Thomas com a Rua Pedro Nolasco da Silva (a outrora Rua do Hospital) ao romance de Coates: “Such episodes are the stuff of novels. The Rua do Hospital is, in fact, the main setting for one of the most moving and romantic novels ever written about Macao. It was along its winding way and adjoining dead-end lanes that Martha Merop, the heroine of Austin Coates’ *City of Broken Promises*, ran and came to life”. Esta rua, tal como a da Felicidade, também marcam presença na ficção portuguesa, nomeadamente no romance de Agustina Bessa-Luís *A Quinta-Essência* (1999, pp. 87-102).



evocados em «Macao» e *CBP*, no caso do poema as fortalezas do Monte e da Guia, as igrejas de São Domingo, São José e Santo Agostinho, e no caso do romance os referidos fortes, o Templo de Á-Má, o Leal Senado, a Santa Casa da Misericórdia, as ruínas de São Paulo e a Casa Garden<sup>407</sup>.

### 8.1 Simbolizar o espaço através de artefactos culturais

Muitos dos símbolos e motivos literários do romance, nomeadamente o espaço doméstico e os objectos culturais, relacionam-se com o aprisionamento e a libertação gradual de Martha, artifício para o qual o próprio narrador chama a atenção ao descrever a cor do vestido que a jovem enverga durante o baptismo do seu barco, consciente da relatividade cultural<sup>408</sup> que os símbolos adquirem nas duas civilizações presentes na Macau setecentista:

She had chosen crimson because the Portuguese would say it was extraordinary and the Chinese would say it was lucky, and the choice alone would enhance the mystique of wealth and good fortune which surrounded her. Should the priest refuse his blessing, it was a colour which would wear a very different meaning<sup>409</sup>.

A simbologia dos objectos muda não apenas de cultura para cultura, mas também de situação para situação, conforme indicam os pensamentos e as impressões relatados pelo narrador e que dão origem ao processo que Franz K. Stanzel denomina *illusion of immediacy*<sup>410</sup>, ou seja, a ilusão que o leitor tem de conhecer as ideias e a experiência das personagens. O carmesim do vestido da armadora, cor quente e forte, pode ser facilmente associado à prostituição e ao pecado se as autoridades religiosas do território não abençoarem o seu barco, funcionando a indumentária como marcador civilizacional e

---

<sup>407</sup> Vide < <http://www.macauheritage.net> >.

<sup>408</sup> Para uma definição de relativismo cultural, recorremos a Mark P. Whitaker, s.v. «Relativism», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, 1996, p. 478: “[...] behavioural differences between various populations of people [...] are the result of cultural (sometimes societal) variation rather than anything else; and [...] are deserving of respect and understanding in their own terms”.

<sup>409</sup> *CBP*, pp. 302-303.

<sup>410</sup> Franz K. Stanzel, *A Theory of Narrative*, 1984, p. 127. O narrador deixa claro que sabe bem mais que qualquer personagem, enfatizando o seu estatuto onisciente: “[...] could he [Thomas] have seen and heard what actually happened he would have been even more repentant than he was” (*CBP*, p. 73; o termo



suporte do pensamento simbólico<sup>411</sup>, como o narrador afirma acerca das vestes que a protagonista enverga no início da acção<sup>412</sup>. O romance *Amor e Dedinhos de Pé* (1986), de Henrique de Senna Fernandes, também refere uma prostituta de Macau através da expressão local “mulher escarlate”<sup>413</sup>, dialogando este texto, assim, intertextualmente com *CBP*, como veremos ainda relativamente a outras temáticas.

A metáfora do monte de farrapos que simboliza a miséria inicial da órfã chinesa é substituída no final do romance por um vestido com uma carga positiva. O tema do *bundle of rags* é retomado indirectamente durante a partida do barco através das recordações da protagonista, agora rodeada de símbolos de liberdade que funcionam como extensões do vestuário e materialização da vivência da armadora: “as she looked, a small *bundle of material* at the very top shuddered, loosened itself, and her long red and gold house pennant slung gently out in the wind”<sup>414</sup>. A embarcação simboliza ainda o desafio de Martha à lei católica ao baptizar a mesma com o apelido ‘herdado’ de Thomas, que apenas o padre Montepardo sabe não ser marido dela à face da Igreja; daí que o clérigo pergunte ironicamente à ‘viúva’ se não teme estar a enviar a sua tripulação para a morte<sup>415</sup>. Esta questão tem subjacentes quer a ideia de castigo divino perante a audácia de uma mulher chinesa, quer a realidade dos naufrágios que, ao longo dos tempos, diminuem consideravelmente a população masculina da cidade, adquirindo o bem material mais precioso de Martha uma simbologia plural.

---

“then” neste excerto é claramente um erro tipográfico, devendo ler-se “than”). O narrador faz exactamente o mesmo em relação a Pedro, ao interpretar o pensamento do jovem para explicar as suas atitudes (*ibidem*, p. 78).

<sup>411</sup> Cf. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, 1993, p. 294. A cor vermelha e os panchões que rebentam durante a inauguração do barco (*CBP*, pp. 302-303) relacionam-se com a cor do vestido de Martha (carmesim) e com toda a simbologia do momento, uma vez que o vermelho significa felicidade, virtude e segurança para os chineses. Sendo utilizados nos momentos festivos, os panchões servem para criar animação, entusiasmo e afastar demónios e espíritos maus (Rogério Beltrão Coelho, *Macau: Retalhos. Passado. Presente. Futuro*, 1990, p. 74), unindo-se, assim, os sentidos para festejar e fazer perdurar a boa sorte de Martha no clímax do seu percurso.

<sup>412</sup> *CBP*, p. 138: “[...] symbolic of hopelessness and sorrow [...]”. Também o vestuário escuro do padre Montepardo se reveste de uma carga semântica negativa associada a Satanás (*ibidem*, p. 216), enquanto Martha utiliza a cor de forma terapêutica ao vestir roupas alegres para animar Thomas quando este adocece (*ibidem*, p. 211), sendo a sua extrema devoção para com o amante expressa através da hipérbole “No sick man in that age was ever tended with more solicitude and understanding” (*ibidem*, p. 205).

<sup>413</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, 1994, p. 305.

<sup>414</sup> *CBP*, p. 307; itálico nosso.

<sup>415</sup> *Ibidem*, p. 305.

O espaço doméstico, fundamental na história da vida privada, é marcado por inúmeros símbolos associados a momentos de tensão, como, por exemplo, a lareira da qual Thomas e Martha se aproximam durante conversas ‘sérias’ e que representa a assertividade e a segurança no centro da casa, de onde se ouvem os inúmeros barulhos da via pública, recordando a ameaça do mundo exterior<sup>416</sup>. A fronteira entre os universos privado e público é materializada pelas janelas e portas do lar fechado que a jovem vai abrindo gradualmente à velocidade do seu processo de libertação, também simbolizado pela cadeirinha em que se faz transportar no final da acção para lá das muralhas que confinam a urbe, meio de transporte que demonstra o seu elevado estatuto social. As portas, os cortinados e postigos cerrados funcionam, assim, como fios temáticos condutores da orgânica da estruturação narrativa, enquanto a indiciação analógica que se estabelece entre os espaços opressivos enfatiza a simbologia dos elementos arquitectónicos, dos estados de espírito e da condição social das personagens. O significado das sombras e da escuridão doméstica estende-se à situação dos oficiais ingleses, que, mantendo amantes quando da chegada das primeiras mulheres inglesas ao enclave, “[...] shrank from the new social glare of the Macao Summer into the shadows of their world of shutters and screens, a world that was passing away”<sup>417</sup>.

Nos intertítulos da obra encontramos outros símbolos já referidos, como as estações e o biombo, apresentados logo no índice, a revelar que os verões do jovem casal cedo se tornam invernos, devendo a sua relação amorosa permanecer escondida por detrás do ‘biombo’ (lar) que os protege da falsa moral dos olhares europeus da Macau setecentista. Estes símbolos, disseminados ao longo do romance, adquirem um significado de conjunto no final da leitura, sobretudo quando determinados objectos como o cadeirão espanhol<sup>418</sup>, o relógio de cuco<sup>419</sup> e a lareira<sup>420</sup> recordam a presença e a importância de Thomas para Martha ao concentrarem-se no remate da narrativa num processo de disseminação colectiva que enriquece a experiência da leitura<sup>421</sup> de *CBP*.

<sup>416</sup> O narrador veicula esta ideia através da expressão “[...] a world of duplicity [...]” (*ibidem*, p. 163).

<sup>417</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>418</sup> *Ibidem*, pp. 190, 207, 210, 214, 221, 223, 230, 236, 244, 309.

<sup>419</sup> *Ibidem*, pp. 21-22, 186, 310.

<sup>420</sup> *Ibidem*, pp. 159-160, 186, 225, 256, 274, 285, 309.

<sup>421</sup> **Conceito cunhado por David Lodge**, *Language of Fiction*, p. 69: “[...] the sustained effort of critical understanding focused on a particular text, which usually continues long after we have ‘finished’ it. [...] Its affects will mingle with and be modified by the affects of all the other books we have read and of other kinds of experience [...]”.

Símbolos como o divã atrás do qual Martha se refugia numa atitude defensiva<sup>422</sup>, por oposição ao mar no momento da sua libertação<sup>423</sup>, caracterizam o espaço ‘etno-gráfico’ ou histórico da urbe, uma vez que também as gelosias ou rótulas das janelas descritas no romance são imediatamente associadas à arquitectura portuguesa, servindo para proteger o interior das casas do calor e de olhares indiscretos. As *swing doors*, ou portas de espaldar, nunca completamente abertas nem fechadas<sup>424</sup>, acabam por substituir a escuridão para marcar o meio termo do percurso da *Bildungsheldin* e a conquista do espaço público<sup>425</sup> implícita na enumeração gradativa do final do texto: “[...] On the great sea – in those places – to the world! My name!”<sup>426</sup>. O mar, fronteira entre Macau e os lugares misteriosos do mundo que Martha agora compreende melhor, retira-lhe amigos como madre Clemencia, mas traz-lhe quer Thomas, quer um apelido e um estatuto únicos, tornando-se um espaço também feminino através do *Merop*. O facto de a dimensão feminina do romance ser preponderante sustenta a simbologia do título da obra, pois, se o termo *City* remete para o espaço geral e físico da acção, a expressão *of Broken Promises* aponta para a crítica da moral inglesa, que apenas a voz feminina e a distanciação temporal possibilitam, ou seja, o elemento paratextual chama a atenção para a situação histórica das diferentes comunidades da Macau setecentista no seio das quais Martha e Thomas são excepções, na medida em que as promessas deste acabam por ser cumpridas.

Os motivos literários reiterativos tornam-se também elementos-chave da obra, sendo enfatizados, por exemplo, através da anadilopse que destaca os dois poderes em confronto em Macau: “[...] and a [Portuguese] watchforce. But then it is said, the Chinese too have a watchforce [...]”<sup>427</sup>. O discurso repetitivo demarca um dos temas

---

<sup>422</sup> *CBP*, pp. 242, 247.

<sup>423</sup> *Ibidem*, pp. 298, 312.

<sup>424</sup> As referências às portas de espaldar acumulam-se, e a sua presença intensifica-se no final da acção (*ibidem*, pp. 251, 255).

<sup>425</sup> Recordem-se os momentos antes e após a morte de Teresa em que Martha atravessa a Rua do Hospital, como se de um ritual de iniciação social se tratasse, perante o olhar acusativo das mulheres portuguesas, que a protagonista espanta ao dar ordens ao médico da poderosa E.I.C.: “The crossing of the street – such a simple action – was an event” (*ibidem*, p. 271).

<sup>426</sup> *Ibidem*, p. 313. Recorde-se a perda de coordenadas espaciais e da identidade de Martha no início da acção: “All Martha knew of the world and her place in it slid away beneath her feet. [...] She had never been accepted truly into a Christian family” (*ibidem*, p. 65).

<sup>427</sup> *Ibidem*, p. 7. Referência à “ronda portuguesa” na cidade, igualmente mencionada nas fontes portuguesas [*vide* Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 7, doc. 241, p. 343].

mais importantes do romance – a vivência de Martha e das mulheres anónimas do território –, pelo que encontramos, duas vezes, o recurso à *scesis onomaton*, exprimindo ideias através de contínuas expressões sinónimas, numa das vezes associadas à gradação<sup>428</sup> na fala de Thomas, que inicialmente considera Martha uma criança e não uma adolescente, e noutra a um processo de metaforização gradual, igualmente eufemístico, que caracteriza as amantes abandonadas pelos oficiais<sup>429</sup>. O narrador chama também a atenção para o uso premeditado da metáfora e da polissemia<sup>430</sup>, enquanto uma das inúmeras comparações da narrativa refere um conhecido tema da literatura de viagens portuguesa, quando Henry Browne acusa Biddle, através de uma hipérbole, de ser mais mentiroso do que o aventureiro Fernão Mendes Pinto, aludindo à teoria, actualmente já refutada<sup>431</sup>, de que o autor da *Peregrinação* teria inventado todas as suas aventuras pelo Oriente antes da fundação de Macau<sup>432</sup>, também referida em romances portugueses cuja acção tem lugar no enclave, como *A Quinta-Essência* (1999), de Agustina Bessa-Luís<sup>433</sup>.

## 8.2 A toponímia: *locus* de memórias e modos de vida

A construção da cor local e do efeito do real em *CBP* é apoiada por símbolos e referentes toponímicos que o leitor informado reconhece na cartografia de Macau e do Sudeste Asiático<sup>434</sup>, encenando o narrador uma toponímia virtual, que se transforma

<sup>428</sup> *CBP*, p. 23: “Baby-little girl-young girl [...]”.

<sup>429</sup> *Ibidem*, p. 34: “[...] these mistresses, these half-wives, these women of the shadows [...]”.

<sup>430</sup> *Ibidem*, p. 274: “It was a hot day, but in a manner of speaking the room froze [...]”.

<sup>431</sup> Vejam-se Rui Manuel Loureiro, «Mentira e Experiência na *Peregrinação*», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 167, 17-09-1985, p. 5, e *idem*, *Fidalgos*, pp. 363- 396, 647-673.

<sup>432</sup> A propósito da teoria que dá origem ao famoso trocadilho “Fernão, mentes? Minto!”, vejam-se Adolfo Casais Monteiro, «Prefácio», in Fernão Mendes Pinto, *Páginas da Peregrinação*, 1972, p. 7 e Jaime do Inso, *Cenas da Vida de Macau*, 1997, p. 37. Sobre o jogo entre a realidade e a ficção (autobiográfica) na obra do viajante português, vejam-se: António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. 3, 1962, pp. 424-444 e Aníbal Pinto Castro, «Introdução», in Fernão Mendes Pinto, *A Peregrinação*, 1984, pp. i-xlix.

<sup>433</sup> Agustina Bessa-Luís, *op. cit.*, p. 355.

<sup>434</sup> A lista de topónimos de Macau e portos orientais e ocidentais no romance é extensa. O topónimo mais recorrente é a Rua do Hospital, pelo facto de ser o local de maior parte da acção. Vejam-se alguns dos constituintes da cor local e regional em *CBP*: a costa da China (p. 1) como primeira imagem geral do espaço da acção; a Taipa (pp. 1, 185, 256) como local de chegada dos barcos europeus a Macau; a

em topologia social<sup>435</sup>, ao afirmar que a prática da prostituição na cidade tem lugar na Street of Happiness: “there were no streetwalkers, and no actual Rua da Felicidade, the street of Happiness was a reference to a way of life, not cartography [...]”<sup>436</sup>, ou seja o espaço das *entertainers* não é físico, mas secreto, atrás de portas que todos conhecem e que designam através do sugestivo topónimo. Nesse mesmo excerto, o narrador indica indirectamente por que razão se refere à casa de Auvray como “Penha” e à de Thomas como “Hospital Street”, pois esses nomes simbolizam fases da vida da protagonista e não apenas locais, a saber e respectivamente, a prisão na infância e adolescência de Martha e a liberdade que o sobrecarga inglês lhe proporciona. Quanto à Rua da Felicidade, o padre Manuel Teixeira cita num pequeno texto sobre essa viela de Macau um articulista anónimo que publica, em 1975, uma descrição do meretrício nas “casas

---

Praia Grande (pp. 17, 31, 44, 46) enquanto espaço de passeios, convívio e actividade comercial; o Monte (pp. 20, 48, 60, 111, 177, 293, 310) visto das janelas da casa de Thomas; o monte da Guia (p. 177); a Penha (pp. 31, 60, 65, 67, 72, 144), onde Martha mora com Auvray, sob a ameaça de Teresa, e para onde Biddle se muda como sinal do seu crescente prestígio social; o Porto Interior (p. 81) como local de passeios e actividade mercantil; o Brasil (pp. 25, 67, 140) como destino longínquo de pessoas e produtos de Macau; Manila (pp. 103, 133, 136) enquanto parceiro comercial do enclave; Moçambique e Timor (pp. 76, 202) como destinos lusos de gentes e mercadorias e, no caso do último território, local de exílio/castigo; Calcutá/Madrasta/Índia (pp. 31, 41, 86, 95, 144, 152, 172) enquanto locais de poder e decisão do Império Britânico; Vampu (p. 185) como porto de escala entre Macau e Cantão, onde são inspeccionados os barcos estrangeiros; Cantão (pp. 46-47, 90, 100, 172, 280) enquanto residência dos oficiais ingleses durante o Inverno e local de comércio e reflexão para Thomas; Pequim (p. 106) como centro do poder chinês; Bengala (p. 104), Bombaim (p. 163), Sião (p. 141) e Ternate (pp. 140-141) enquanto locais de comércio; Twickenham/Londres/Inglaterra (pp. 31, 95, 112, 116, 147-148, 195, 212, 232, 234, 243, 264, 280, 283) como locais de origem e de posterior destino dos oficiais ingleses; Lisboa/Portugal (pp. 242, 293, 302) enquanto centro de poder e decisões sobre Macau; e França (pp. 59-60), país que também comercializa com a China. Para uma lista de destinos e proveniências das viagens de embarcações de Macau e de produtos que aí chegam no século XVIII, também referidos por Martha nas páginas 140-141 do romance, veja-se o estudo de António Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, anexos 12 e 20.

<sup>435</sup> Expressão de Pierre Bourdieu, *Language and Symbolic Power*, 1991, p. 229.

<sup>436</sup> *CBP*, p. 193. Sobre a prostituição em Macau, consultem-se Padre Manuel Teixeira, *As Canosianas na Diocese de Macau: I Centenário (1874-1974)*, 1974, p. 25 e Isabel Nunes, «The Singing and Dancing Girls of Macau: Aspects of Prostitution in Macau», *Review of Culture*, n.º 18, 2.ª série, Janeiro-Março de 1994, pp. 61-84. Na página 66, a autora, ao descrever as características da prostituição no enclave, menciona uma realidade que o narrador de *CBP* utiliza ao caracterizar a infância de Martha e a sua saída do convento: o facto de a Santa Casa da Misericórdia apenas tomar conta das órfãs chinesas até estas terem cerca de sete anos de idade, altura em que muitas se iniciam na prostituição. Martha foge desse mundo ao optar por ser presa como possível prostituta ‘doméstica’ da E.I.C., sabendo que assim poderia dominar melhor o rumo da sua vida, à sombra do poder e do estatuto dos ingleses.

das flores”, afirmando que a Rua da Felicidade, também referida em *Amor e Dedinhos de Pé*<sup>437</sup>, é durante o dia como todas as outras, abrindo-se as janelas à noite para se fazerem os contactos iniciais e tendo as intimidades lugar noutra local<sup>438</sup>, processo que nos permite interpretar a ‘virtualidade’ implícita na afirmação do narrador de *CBP*, sendo o espaço da prostituição no romance também marcado pela presença de exóticas mulheres de vários pontos do Império Português<sup>439</sup>.

Uma outra instituição referida simultaneamente no romance e nos anais da história de Macau é o recolhimento de Santa Maria Madalena<sup>440</sup>, fundado pela Igreja para reformar mulheres dissolutas, sendo as que não conseguem mudar de vida degredadas para o estabelecimento prisional de Timor<sup>441</sup>. Esta campanha do bispo Marcelino José da Silva em Janeiro de 1793 visa erradicar o negócio da prostituição associado ao jogo e a corrupção da cidade<sup>442</sup>, medida que, em *CBP*, devido à má-língua, poderia prejudicar Martha, considerada ‘mulher florida’<sup>443</sup> da E.I.C., ou seja, é sobretudo a deca-

---

<sup>437</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 26, 63, 90.

<sup>438</sup> Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 432-434. O conteúdo do referido artigo aproxima-se das descrições de Jaime do Inso, *Cenas da Vida de Macau*, p. 19 e de Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, 1946, p. 52.

<sup>439</sup> *CBP*, p. 76: “[...] from ebonyies of Mozambique to the bronzes of Timor [...]”.

<sup>440</sup> *Ibidem*, p. 194.

<sup>441</sup> Veja-se a decisão do governador do enclave, que, em 1774, proíbe a mendicidade a mulheres saudáveis com menos de 50 anos, sob pena de serem degredadas para Timor (A.H.U, *Macau*, cx. 7, doc. 38). A prisão de criminosos de Macau em Timor é atestada desde 1712 [cf. Luís F. R. Thomaz, «Timor: O Protectorado Português», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *op. cit.*, vol. 2, p. 510]. Vejam-se também Bento da França, *Macau e os Seus Habitantes: Relações com Timor*, 1897; Padre Manuel Teixeira, *Os Macaenses*, p. 47. Este último autor (*Macau no Séc. XVIII*, p. 570) transcreve a pastoral (1774-1775) do bispo Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães, que declara: “[...] será degredada para Timor toda a mulher que, não tendo 50 anos de idade, andar pedindo pelas igrejas e casas [...] tirando-se de vícios e ofensas de Deus para as quais a ociosidade conduz muito [...]”, adiantando o historiador que o vice-rei da Índia reprova esta medida a 1 de Maio de 1775, uma vez que que não cabe aos prelados degredar residentes, descrição que se assemelha ao desfecho avançado para o episódio ficcional no romance, pois as autoridades de Lisboa discordam da acção do bispo.

<sup>442</sup> Os clérigos culpam os ingleses por contribuírem para a ruína do comércio português e pelo tráfico de ópio (António M. Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 171-172, 206-208 e o subcapítulo 3.3 da nossa segunda parte), imagem também presente em *CBP*, p. 195.

<sup>443</sup> Expressão pela qual são designadas as prostitutas (*p’ei-pá-t’chai*) em Macau (Isabel Nunes, «The Singing and Dancing Girls», p. 67), e que é também utilizada no romance de Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 39, 63, 70, 90.

dência moral, também materializada no estado das habitações da cidade<sup>444</sup>, que leva o bispo a abrir o recolhimento de Santa Maria Madalena<sup>445</sup> para ‘reformatar’ as pecadoras da cidade, “[...] mulheres [...] famosas e publicamente escandalosas [...]”<sup>446</sup>.

Em *CBP*, Martha teme que as falsas denúncias de Teresa a levem a ser deportada para Timor, descendo um clima de terror sobre a população feminina, que é caracterizada através de interesses relacionados com o (dote de) casamento e os ódios de estimação. De acordo com Clemens Jöckle, “[...] the biblical Mary Magdalene merged in the west with Mary of Bethany [...] as well as with a nameless sinner who, during the banquet of the Pharisees anoints Jesus’s feet and dries them with her hair [...]”<sup>447</sup>, sugerindo, portanto, o simbólico nome do reformatório a (re)educação das prostitutas recolhidas. O narrador refere que as mulheres aí encarceradas aprendem tarefas domésticas como coser roupa<sup>448</sup> e, como informa Ian E. Watts, em Macau saber bordar e costurar é essencial para as jovens antes do matrimónio, inclusive as órfãs nos conventos, assim ‘treinadas’ para serem futuras mulheres de portugueses<sup>449</sup>. A descrição da macaense Edith Jorge de Martini da educação nos conventos do enclave também nos permite entender de forma mais profunda o contexto religioso em que Martha se move: “Women because of their education in convents, were also very gifted with the hands, which from a very young age were taught not to be idle: knitting, lace making, embroidering, sketching [...]”<sup>450</sup>.

O universo espacial da urbe subdivide-se nos territórios cristão e não cristão, no espaço do poder (sede da E.I.C./palácio do governador/Casa Branca), no espaço religioso (igrejas, templos e recolhimento de Maria Madalena) e no espaço feminino,

---

<sup>444</sup> No final de *CBP*, p. 310, a decadência dos imóveis da urbe mantém-se: “[...] decayed old houses [...]”.

<sup>445</sup> Vide a documentação existente no A.H.U., *Macau*, cx. 14, docs. 20, 21; cx. 15, doc. 2; cx. 17, doc. 50; Anders Ljungstedt, *op. cit.*, pp. 33-34; Padre Manuel Teixeira, *Macau e a Sua Diocese*, vol. 2, pp. 286-291; *idem*, *Macau no Século XVIII*, pp. 570-573, 599-600, 678-679, 689, 693, 699-700 e António Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 18, 143-144. Também George Staunton, *op. cit.*, p. 387, descreve a vivência religiosa e a luta contra a prostituição que observa na cidade em 1794: “There are three monasteries for men, and a convent for about forty nuns. Nearly the same number of females of loose character are confined and can be released only on being married”.

<sup>446</sup> Padre Manuel Teixeira, *Macau e a Sua Diocese*, vol. 2, p. 287.

<sup>447</sup> Clemens Jöckle, *Encyclopedia of Saints*, 1995, p. 310.

<sup>448</sup> *CBP*, p. 194.

<sup>449</sup> Ian E. Watts, «Bi-Racial Identity, Bi-Racial Status: Two Chinese Orphans Raised by the Canossian Sisters in Macao», *Review of Culture*, n.º 31, 2.ª série, Abril-Junho de 1997, p. 74.

<sup>450</sup> Edith Jorge de Martini, *The Wind amongst the Ruins: A Childhood in Macao*, 1993, p. 15.



doméstico por excelência, sendo o paisagismo residencial urbano também marcado pelo género e o estatuto social através dos microespaços de elite como a Penha (“Ridge”: “up the hill”)<sup>451</sup>, das ruas do Hospital e da Felicidade ou da Praia Grande, o longo passeio marginal cuja extensão Henry Browne utiliza hiperbólica e didacticamente ao explicar a Martha quanto dinheiro Thomas lhe deixara em testamento<sup>452</sup>.

Como veremos na quarta parte, o clímax da acção, no que diz respeito ao processo formativo da protagonista, tem lugar durante a cerimónia de baptismo do *Merop*, e, apesar de os melhores espaços estarem reservados para a edilidade local, as comunidades do estabelecimento juntam-se no estaleiro para em unísono aclamarem a vitória pessoal da viúva Van Mierop, ouvindo-se sons “infernais” e línguas diferentes ao longo da baía, manifestação sonora da assistência multicultural e das várias práticas religiosas de Macau. O espaço, como que subjugado por Martha, adquire uma nova simbologia que remete, através da enumeração, para as diferentes fases da sua vida: “before her lay the low, house-covered hills of Macao, one of them the house of her childhood on the Rua da Penha”<sup>453</sup>. Nas suas infância e adolescência, a protagonista, fechada no convento e nas várias casas que habitara sucessivamente, nunca vira um campo cultivado, pois a reduzida extensão do território não facilita a formação destes no seu interior. O espaço geográfico é assim caracterizado indirectamente, sendo exigido ao leitor algum conhecimento sobre o enclave para que uma leitura profunda possa ser efectuada, uma vez que a aprendizagem da protagonista é também topográfica. A toponímia humanizada, as descrições sensoriais e a abertura gradual dos espaços que a personagem conquista tornam-se símbolos do seu processo de amadurecimento. Se a Penha e o convento simbolizam a opressão inicial, a Rua do Hospital traduz a liberdade e a segurança da esfera inglesa, onde os portugueses e especialmente Teresa da Silva não podem exercer poder ou influência, tornando-se o espaço uma moldura<sup>454</sup> caracterizada directa e indirectamente, pois quer os acontecimentos políticos e sociais, quer a vivência de Martha conferem uma dimensão humana à Macau setecentista, que é filtrada pela interpretação do narrador-historiador.

---

<sup>451</sup> *CBP*, p. 170.

<sup>452</sup> *Ibidem*, p. 275.

<sup>453</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>454</sup> Para um estudo do espaço romanesco enquanto moldura ou *frame* (constructo semântico), vejam-se Lawrence M. O’Toole, «Dimensions of Semiotic Space in Narrative», *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 135-149 e Ruth Ronen, «Space in Fiction», *ibidem*, vol. 7, n.º 3, 1986, pp. 421-438.



### 8.3 “A city like no other in the world”:<sup>455</sup> a dimensão etno-histórica de um mundo possível

Different customs, different feelings.

Sir Thomas More, *Utopia*, 1975 [1516], p. 51

Se atentarmos na representação da cor local e das vivências ocidental e oriental quer de Macau, quer da China Meridional<sup>456</sup> em *CBP*, podemos concluir, tal como Clifford Geertz, que os métodos etnográficos de análise da cultura se aproximam, até certo ponto, da tarefa do crítico literário ao analisar um texto, “[...] sorting out the structures of signification [...] and determining their social ground and import [...]. Doing ethnography is like trying to read (in sense of constructing a reading of) a manuscript [...]”<sup>457</sup>. George E. Marcus e Michael J. Fischer partem da metáfora do texto de Geertz para lhe adicionar uma outra: a do diálogo em que o observador participante (etnógrafo), a comunidade que é objecto de estudo e o leitor (receptor) da monografia se devem envolver ao comunicarem com uma cultura-outra<sup>458</sup>. O narrador de *CBP*, a quem também chamaríamos narrador-etnógrafo, leva a cabo esse processo ao basear-se na tradição oral da cidade, como indica a expressão “(as it was commonly said)”<sup>459</sup>, de forma a (re)construir a vivência e a paisagem antropológica do enclave, aproximando a sua função quer da do informante (do leitor), quer da do etnógrafo<sup>460</sup> ao aprender as

---

<sup>455</sup> *CBP*, p. 6.

<sup>456</sup> Próximo do final do romance, Martha viaja até à ‘terra-china’, contactando com uma das muitas etnias chinesas, os Hoklo, episódio que adensa a cor local do Império do Meio. Para uma referência ao contacto de Austin Coates com essa minoria étnica em Hong Kong, veja-se *Myself a Mandarin*, pp. 198-200. A expressão “terra-china”, por nós utilizada, é a forma como os portugueses de Macau designam a China profunda, além Portas do Cerco (vide Henrique de Senna Fernandes, «Uma Pesca ao Largo de Macau», in *Nam-Van*, p. 35).

<sup>457</sup> Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, p. 9. Veja-se também *idem*, *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, 1988, p. 40.

<sup>458</sup> George E. Marcus e Michael J. Fischer, *Anthropology as Cultural Critique*, 1986, pp. 30-33.

<sup>459</sup> *CBP*, p. 60.

<sup>460</sup> Sobre a relação da história com a etnografia no romance histórico, consulte-se Eduardo González, «*Taras Bulba o La Guerra Gaucha*: el Payador en Tiempo de Novela», in Daniel Balderston (ed.), *op. cit.*, pp. 109-110.

línguas dos nativos para melhor os compreender e grafar posteriormente ao traduzir, para inglês, as falas de Martha em português, cantonense e *patois*, e ao comentar os hábitos culturais das diversas comunidades.

Definimos romance regional como uma narrativa cuja acção tem lugar num ambiente socioecológico específico e intensamente caracterizado, subgénero que, tal como o denominado romance de espaço, representa o *modus vivendi* e a paisagem natural e humanizada de uma determinada região geográfica<sup>461</sup>. Conforme afirma Philip Freund, “[...] the regionalist novelist is primarily interested in whatever is romantic, picturesque [...], the life of these self-enisled communities, that still keep their narrow horizons and old folkways [...]”<sup>462</sup>, atitude semelhante à do narrador de *CBP* quando representa os espaços e o tempo históricos, relacionando-se, assim, as dimensões histórica e regional do romance<sup>463</sup> no que diz respeito à caracterização do espaço, das personagens e do tempo em que estas se movem, permitindo uma abordagem comparatista entre as civilizações chinesa e europeia a partir da vivência etnográfica do reduto luso-chinês<sup>464</sup>. George E. Marcus e Michael J. Fischer abordam a antropologia como uma forma de crítica cultural para as sociedades ocidentais, ao recorrer a retratos e descrições de culturas-outras que nos fazem repensar pressupostos há muito adquiridos<sup>465</sup>, sendo essa uma das práticas utilizadas pelo narrador de *CBP* ao comentar criticamente

---

<sup>461</sup> Rogério Miguel Puga, s.v. «Romance regional», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. K. D. M. Snell, «The Regional Novel: Themes for Interdisciplinary Research», in K. D. M. Snell (ed.), *The Regional Novel in Britain and Ireland, 1800-1990*, 1998, p. 1, define romance regional como “[...] fiction that is set in a recognisable region, and which describes features distinguishing the life, social relations, customs, language, dialect, or other aspects of the culture of that area and its people. Fiction with a strong sense of local geography, topography or landscape [...]”.

<sup>462</sup> Philip Freund, *op. cit.*, p. 223. Sobre o romance (histórico) regional inglês, vejam-se ainda: Lucien Leclair, *Le Roman Regionaliste dans les Iles Britanniques 1800-1950*, 1954; W. J. Keith, *Regions of the Imagination: The Development of British Rural Fiction*, 1988 e Raymond Williams, *Writing and Society*, 1991, pp. 229-238.

<sup>463</sup> Gary Kelly, s. v. «Regional Novel: Generic Traits and the Development of the Regional Novel in Britain», in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 2, 1998, p. 1083, aproxima os romances histórico e regional desde o início de ambos os subgéneros e refere *Castle of Rackrent* (1800), de Maria Edgeworth, e os romances de Sir Walter Scott como “regional-historical novel[s]”, encontrando-se essas duas dimensões presentes também em *CBP*. Para uma relação entre o romance regional de Maria Edgeworth e o romance histórico de Scott, veja-se ainda Ina Ferris, *The Achievement of Literary Authority: Gender, History, and the Waverley Novels*, 1991, pp. 105-133.

<sup>464</sup> Veja-se o nosso quadro n.º 3, *supra*.

<sup>465</sup> George E. Marcus e Michael J. Fischer, *op. cit.*, pp. 1, 20-23.

atitudes e reacções de personagens colectivas, como os oficiais da E.I.C. em Macau (nomeadamente, a postura etnocêntrica dos ingleses e as relações que mantêm com as amantes chinesas das sombras). Se o conceito de etnografia abarca simultaneamente o produto da investigação (monografia) e o processo de estudo (observação participante/trabalho de campo), estes dois últimos termos podem ser aproximados da tarefa do narrador de *CBP*, pois a comparação das práticas culturais das três comunidades que compõem o tecido social de Macau<sup>466</sup> torna o romance um retrato ficcional realista do quotidiano setecentista da urbe, enquanto contextualiza o percurso formativo de Martha. É desta comunhão entre a história, a ficção e também, embora com menor intensidade, a antropologia<sup>467</sup> que surgem as especificidades deste romance histórico, sendo a etnografia, a comparação e a contextualização (culturais) elementos do triângulo da investigação antropológica e também histórica<sup>468</sup>. A dimensão etnográfica de *CBP* interpreta e explica a vivência social e as culturas que interagem no espaço e no tempo da acção ficcional, explicando o próprio Austin Coates a forma como os elementos culturais por ele investigados se transformam propositadamente em artifícios narrativos:

My novel about Macau in the eighteenth century, *City of Broken Promises*, was carefully researched. I discovered, for instance, that in those days the Europeans lived up on what we British call the first floor, and their servants, who would of course be Chinese, lived on the ground floor. The Chinese, then as now, would change into slippers when they came in from the street, but the Europeans would keep their boots on. The result of this was that you could hear a European come clumping up the stairs, but you probably wouldn't hear a Chinese wearing slippers. This turned out to be very important, and the crux of one incident in the story<sup>469</sup>.

---

<sup>466</sup> Para um estudo sobre Macau enquanto fronteira cultural difusa em que os extremos ocidental e oriental existem paralelamente, sem se fundirem e não tanto como local de intensa assimilação e sincretização cultural, veja-se Luís Filipe Barreto, «Cultural Frontier», *MacaU*, 2.<sup>a</sup> série, 1997, pp. 58-72.

<sup>467</sup> Como exemplos de estudos interdisciplinares que recorrem a conceitos e metodologias da etnografia, da história e dos estudos literários, vejam-se Tzevtan Todorov, *La Conquête de l'Amérique*, 1982 e Manuel Viegas Guerreiro, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha Lida por Um Etnógrafo*, 1992. Sobre as relações de (dis)semelhança entre a metodologia e os objectos de estudo da história e da antropologia, bem como sobre a interdisciplinaridade entre ambas, vejam-se: George E. Marcus e Michael J. Fischer, *op. cit.*, pp. 95-108; M. Izard, N. Watchel *et alii*, s. v. «Histoire et Anthropologie», in Pierre Bonte e Michel Izard, *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, 1992, pp. 334-339 e Nicholas Thomas, s.v. «History and Anthropology», in Alan Bernard e Jonathan Spencer (eds.), *op. cit.*, pp. 272-277.

<sup>468</sup> Cf. Roger Sanjek, s.v. «Ethnography», in *idem, ibidem*, p. 193.

<sup>469</sup> Austin Coates em entrevista a Bradley Winterton, *op. cit.*, p. 14.

O romancista-historiador refere-se ao episódio em que Ignatius sobe as escadas “[...] in his cloth slippers [...]”<sup>470</sup> sem que os patrões notem a sua presença, ouvindo o casamento simbólico de Martha e Thomas. Esta imagem do empregado sínico com chinelos silenciosos é utilizada no início e a meio do texto<sup>471</sup> para preparar este episódio e caracterizar a personagem colectiva chinesa.

O romance etnográfico<sup>472</sup> pode definir-se quer enquanto narrativa ficcional produzida com base em resultados de trabalho de campo (etnográfico), sendo utilizados materiais provenientes dessa investigação empírica para caracterizar comunidades ou povos de forma o mais aproximada da realidade possível, quer como um texto ficcional que “[...] cria locais, personagens e acções que o público julga serem autênticos em termos de uma situação cultural, social e política”<sup>473</sup>. Estas duas estratégias de construção do romance etnográfico podem coexistir numa mesma obra, tal como acontece em *CBP*, pois se muitas das práticas culturais e muitos dos acontecimentos representados ficcionalmente são facilmente reconhecidos pelo leitor informado, que os associa aos referentes do mundo real, a acção do romance é fruto da actividade criativa do autor e do leitor<sup>474</sup>, sendo, no entanto, influenciada por elementos e episódios históricos.

---

<sup>470</sup> *CBP*, p. 227.

<sup>471</sup> *Ibidem*, pp. 16, 162.

<sup>472</sup> Sobre o conceito de romance etnográfico, vejam-se: James C. Pierson, «Mystery Literature and Ethnography: Fictional Detectives as Anthropologists», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, 1989, pp. 15-30; A. Owen Aldridge, «Literature and the Study of Man», in *idem, ibidem*, pp. 41-63; James S. Whitlark, «Vonnegut's Anthropology Thesis», in *idem, ibidem*, pp. 77-86; R. Handler e D. Segal, *Jane Austen and the Fiction of Culture: An Essay on the Narration of Social Realities*, 1990, Clifford Geertz, *The Predicament of Culture*, pp. 41-53, 92-113, 152-163 e Rogério Miguel Puga, «City of Broken Promises enquanto Romance Etnográfico: Representações da Macau Setecentista», *Polissema: Revista de Letras do ISCAP*, 2007, n.º 7, pp. 175-202.

<sup>473</sup> Elizabeth Fernea, «The Case of *Sitt Marie Rose*: An Ethnographic Novel from the Modern East», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *op. cit.*, p. 153; tradução nossa.

<sup>474</sup> O processo de selecção de material etnográfico a inserir num romance histórico pode ser analisado à luz da seguinte afirmação de Thomas G. Winner, «Literature as a Source for Anthropological Research: The Case of Jaroslav Hašek's *Good Soldier Švejk*», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology*, 1988, p. 52: “Even in an historical novel, which, by its nature, can lay claim to a high degree of homomorphy between text and life, such iconism is weakened by the text's aesthetic essence. Utilizing the terminology of the Russian formalists, we may say that a historical novel transforms the *fabula* of the historic events into the *sujet* of the novel; or that it transforms raw historical data into what Genette [...] called a *récit*, by removing facts from their historical sequentiality through the process of selection from the total historical paradigm, and by reordering these facts to fit into the artistically rearranged sequence

As estratégias e formas de representação de *CBP* também utilizadas por antropólogos, tais como o comentário em torno da alteridade e a contextualização cultural<sup>475</sup>, aproximam a obra de uma monografia etnográfica, exigência do romance histórico, pois o leitor deverá ser familiarizado com um tempo e um espaço distantes e, por vezes, uma cultura diferente. Se a representação literária de comunidades e locais da Macau setecentista na narrativa pode ser interpretada à luz de estudos históricos e antropológicos sobre o território, também a forma como esse processo tem lugar nos permite identificar, em *CBP*, uma dimensão etno-histórica. Este último termo não remete para a disciplina denominada etno-história, sendo, neste estudo, sinónimo da representação das dimensões antropológica e histórica da Macau setecentista no texto ficcional em questão<sup>476</sup>. De acordo com M. Izard e N. Watchel e de uma forma geral, a etno-história, também designada por antropologia histórica, combina as técnicas da história e da antropologia, complementando-se e aproximando-se ambas as disciplinas ao invés de se oporem<sup>477</sup>, enquanto George E. Marcus e Michael M. J. Fischer descrevem como tarefa da etnografia (sensível à história) a análise de transformações estruturais nos detalhes do quotidiano que são a informação primordial e a matéria-prima da represen-

---

of the novel". Sobre o romance enquanto projecto etnográfico, veja-se James Buzard, «Ethnography as Interruption: News from Nowhere, Narrative, and the Modern Romance as Authority», *Victorian Studies*, vol. 40, n.º 3, Primavera de 1997, pp. 445-473.

<sup>475</sup> Vide William S. Sax, «The Hall of Mirrors: Orientalism, Anthropology, and the Other», *American Anthropologist*, vol. 100, n.º 2, Junho de 1998, pp. 292-301.

<sup>476</sup> Sobre as relações entre antropologia, literatura e estudos literários, nomeadamente no âmbito das chamadas antropologia da literatura e antropologia/etnocrítica do romance, vejam-se: Fernando Poyatos (ed.), *op. cit.*, 1988; Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *op. cit.*; Wolfgang Iser, *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*, 1993, pp. ix-21, 171-303; *idem*, *Prospecting: From Reader to Literary Anthropology*, 1993, pp. 262-284; Paul Benson (ed.), *Anthropology and Literature*, 1993; E. Valentine Daniel e Jeffrey M. Peck (eds.), *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*, 1996; René Girard, *Literatura, Mimesis y Antropologia*, 1997, pp. 9-17, 143-160; Antonio Garrido Domínguez (ed.), *op. cit.*, 1997; Nigel Rapport, *Transcendent Individual: Towards a Literary and Liberal Anthropology*, 1997, pp. 1-29, 164-179 e Marie Scarpa, *Le Carnaval des Halles: Une Ethnocritique du Ventre de Paris de Zola*, 2000.

<sup>477</sup> M. Izard e N. Watchel, *op. cit.*, p. 338. Também J.-C. Schmitt, «L'Anthropologie Historique», in Pierre Bonte e Michel Izard (eds.), *op. cit.*, pp. 338-339, descreve a aproximação entre as duas disciplinas desde os anos 50, bem como o uso que os antropólogos fazem das metodologias da história para estudar a dimensão histórica das sociedades que estudam e o interesse da história das mentalidades pelas estruturas do quotidiano. Shepard Krech, s.v. «Ethnohistory», in Thomas Barfield (ed.), *The Dictionary of Anthropology*, 1997, pp. 160-162 elabora o historial do termo etno-história, que inicialmente se refere à investigação da história de sociedades tradicionalmente estudadas pela antropologia, apresen-

tação etnográfica<sup>478</sup>. O leitor informado reconhece, assim, as personagens e os acontecimentos históricos ficcionalizados, bem como quadros humanos e costumes de uma Macau há muito desaparecida que enriquece o tecido ficcional de *CBP*, não podendo essa presença ser ignorada em prol de uma leitura da obra como fruto apenas do poder criativo que dá lugar à ficção<sup>479</sup>. As vertentes histórica e etnográfica enriquecem o conteúdo, a forma e a estética do romance ao elaborarem um jogo de significados e leituras apenas possíveis ao leitor competente; daí que o narrador recorra ao diário de Thomas para representar a memória da época em questão, tarefa que é levada a cabo sobretudo por antropólogos e historiadores para estudar símbolos culturais, o género, a alteridade, a cor local e os hábitos e costumes dos mais diversos locais e épocas. Tal como o historiador, o antropólogo debruça-se sobre áreas da identidade (inter)nacional<sup>480</sup>, e *CBP* tenta recuperar ou dar visibilidade, através da ficção e de acordo com o paradigma pós-moderno, aos “esquecidos da História”<sup>481</sup>, neste caso Marta da Silva Van Mierop, uma figura histórica cuja caracterização leva o padre Manuel Teixeira a “autopsiar” criticamente o romance a partir de questões exclusivamente historiográficas e não literárias, como veremos no capítulo 12.

---

tando uma nova expressão, história antropológica (combinação de métodos e teorias da antropologia e da história). Vejam-se também I. M. Lewis (ed.), *History and Social Anthropology*, 1968 e Evans-Pritchard, *Anthropology and History*, 1971.

<sup>478</sup> Cf. George E. Marcus e Michael M. J. Fischer, *op. cit.*, p. 107.

<sup>479</sup> Sobre a relação entre os factos históricos representados no romance e a história em si, vejam-se: Helen Maud Cam, *Historical Novels*, 1961, p. 19; Mark A. Weinstein, «The Creative Imagination in Fiction and History», *Genre*, vol. 9, n.º 3, Outono de 1976, pp. 263-277; Harry Shaw, *The Forms of Historical Fiction. Sir Walter Scott and His Successors*, 1985, pp. 21, 52-56; R. G. Collingwood, *op. cit.*, pp. 245-246 e *idem*, «Is there a Problem with Historical Fiction (or with Scott's *Redgauntlet?*)», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 173-195.

<sup>480</sup> Sobre o papel do romance histórico na formação da identidade nacional e de sentimentos patrióticos, vejam-se: Katie Trumpener, *Bardic Nationalism: The Romantic Novel and the British Empire*, 1997, pp. 128-160; M. Hatavara, «History, the Historical Novel and Nation. The First Finnish Historical Novels as National Narrative», *Neophilologus*, Janeiro de 2002, vol. 86, n.º 1, pp. 1-15 e J. Fenoulhet, «Towards a Critical Patriotism: The Challenge to Traditional Notions of National Identity Posed by the Dutch Historical Novel in the 1930s», *The Modern Language Review*, Janeiro de 2004, vol. 99, n.º 1, pp. 112-130. Também o *Bildungsroman*, subgénero que estudaremos na quarta parte, tem sido recentemente associado às ideias de nacionalidade (multi)cultural e nacionalismo étnico no chamado romance étnico norte-americano (Martin Japtok, *Growing up Ethnic: Nationalism and the Bildungsroman in African American and Jewish American Fiction*, 2005).

<sup>481</sup> Expressão de M. Fieloux, «Histoire de Vie», in Pierre Bonte e Michel Izard (eds.), *op. cit.*, p. 333.

A predominância da descrição de elementos quotidianos da Macau setecentista e da focalização de Martha aproxima a atitude do narrador da capacidade de ouvir que o antropólogo demonstra ter ao recolher informação dos seus informantes, devendo ser essas as vozes predominantes na monografia que resulta da experiência e das notas do trabalho de campo. De acordo com Clifford Geertz<sup>482</sup>, o antropólogo tenta interpretar o ‘mundo’ do ponto de vista do nativo, relação que o narrador de *CBP* estabelece com a protagonista através da mensagem presente logo no título do romance. A partir da referência à investigação em arquivos locais e do conhecimento que o narrador-escritor europeu revela ter sobre a vivência humana e a geografia regionais, o leitor infere que este se deslocou a Macau e desenvolveu um trabalho de investigação para redigir o texto final. Partindo dos detalhes históricos e etnográficos que servem de suporte à caracterização espaço-temporal da acção, podemos ainda, citando Clifford Geertz, aproximar, até certo ponto e no que diz respeito à representação da Macau setecentista, o romance de Coates da monografia etnográfica, que, tal como os romances regionais de cariz realista, retira alguma da sua capacidade de convencer “[...] through the sheer power of [its] factual substantiality. The marshalling of a very large number of highly specific cultural details has been the major way in which the look of truth – verisimilitude, vraisemblance, *wahrscheinlichkeit* – has been sought in such texts”<sup>483</sup>.

Se o antropólogo recorre aos métodos da história e o historiador aos da antropologia, o narrador de *CBP* acumula funções de ambos, inclusive ao preocupar-se com a imagem que o presente cria e apresenta do passado, nomeadamente das comunidades ocidental e oriental da Macau setecentista, resultando o mundo possível do romance também desta inter-relação.

A dimensão etnográfica da narrativa de Coates serve também o propósito de descrever a sociedade patriarcal em que a formação de Martha tem lugar, bem como os obstáculos e as vitórias que tornam o seu percurso único numa cidade multicultural que, antes de ser ‘conquistada’ pela protagonista, é local de fortes tensões amorosas, sociais e raciais<sup>484</sup>. As descrições ou representações etno-históricas do território caracte-

---

<sup>482</sup> Clifford Geertz, *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*, 1993, p. 58.

<sup>483</sup> *Idem*, *Works and Lives: The Anthropologist as Author*, 1989, p. 3. Vide Raymond Firth, «Fiction and Fact in Ethnography», in Elizabeth Tonkin *et alii* (eds.), *History and Ethnicity*, 1989, pp. 48-52.

<sup>484</sup> Sobre a relação entre género, grupo social, romance e etnia no *Bildungsroman* feminino, que estudamos na quarta parte, vejam-se Sondra O’Neale, «Race, Sex and Self: Aspects of *Bildung* in Selected Novels by Black American Women Novelists», *MELUS: The Journal of the Society for the Study of the Multi-Ethnic Literature of the United States*, vol. 9, n.º 4, 1982, pp. 25-37; Geta Leseur, «The Afro-



rizam quer o tempo e o espaço pitorescos, quer o género<sup>485</sup>, o grupo social e a etnia das personagens, algumas delas referenciais<sup>486</sup>, apresentando um rigor ‘etnográfico’<sup>487</sup> ou etno-histórico que adensa a representação literária do *modus vivendi* e do *ethos* locais, veiculados igualmente através da cor local interior (doméstica) e exterior (urbana) dos costumes e dos valores morais, que se tornam artifícios narrativos de que o narrador se serve para contextualizar a acção ficcional<sup>488</sup>. Uma outra semelhança que o romance em questão partilha com o discurso antropológico é a preocupação com o exotismo<sup>489</sup> da Macau setecentista ao apresentar quadros da vivência pluricultural da cidade, como veremos nos capítulos que se seguem. Também na literatura portuguesa encontramos enfatizada a dimensão regional e específica do enclave, através da descrição de paisagens e costumes locais, como acontece no romance *O Caminho do Oriente* (1931), de

---

American and the Afro-Caribbean Female *Bildungsroman*», *The Black Scholar*, vol. 17, n.º 2, Março-Abril de 1986, pp. 26-33 e Annie Eysturoy, *Daughters of Self-Creation: The Contemporary Chicana Novel*, 1996, pp. 6-9, 26-27.

<sup>485</sup> Para um estudo em torno da relação entre género, etnicidade e império, veja-se Philippa Levine (ed.), *The Oxford History of the British Empire Companion Series: Gender and Empire*, 2004, pp. 1-145.

<sup>486</sup> De acordo com a informação que nos foi cedida pessoalmente no Convento da Arrábida (Abril de 2002) e através de *e-mail* pelo Professor Doutor Paul Rule, com base em investigação levada a cabo no espólio de Jack M. Braga, na Biblioteca Nacional da Austrália, Austin Coates troca correspondência com o historiador macaense nos anos (19)50 e 60 e Braga envia-lhe informação histórica e etnográfica que possibilita representar, de forma verosímil, o tempo e o espaço históricos da acção de *CBP*. Num dos *e-mails* (30-04-2002), Paul Rule afirma, com base nas missivas trocadas pelos dois autores: “[...] Jack helped him [Coates] with his novel on Macao with details on religion, value of money, shipping, houses, size of breasts and smoothness of skin of Macanese etc. v. J.[ack] B.[raga] to Coates, 25/7, 28/7 & 9/8/1961, Box 51, fourth folder”. Também Fung-kwai Yim, herdeiro legal de Austin Coates, nos comunicou (Colares, Outubro de 2001) que é Braga que informa o romancista da história de Marta Van Mierop ao visitarem a Santa Casa da Misericórdia do enclave, onde se encontra um retrato da mesma.

<sup>487</sup> Mikhail Bakhtin, «O Romance de Educação», pp. 274-275, afirma que o folclore local informa o espaço e satura-o de tempo e história.

<sup>488</sup> O narrador, através da caracterização do território e dos seus próprios comentários e contextualizações, concorda em traços gerais com um dos preceitos teóricos de Walter Scott: “[...] the character and the costume of the age must remain inviolate [...]” (Walter Scott, «Dedicatory Epistle to Sir John Dryasdust», in *The Waverley Novels*, vol. 9: *Ivanhoe*, 1923, p. 11). O próprio Scott não pode obviamente, na prática, seguir à risca a sua teoria, acabando as necessidades do enredo por falar mais alto do que a exactidão histórica.

<sup>489</sup> Sobre o exotismo e a alteridade como objectos de estudos antropológicos, veja-se Francis Affergan, *Exotisme et Altérité: Essai sur les Fondements d’Une Critique de l’Anthropologie*, 1987, pp. 7-24, 225-284.



Jaime do Inso: “São quadros tipicamente regionais, únicos de certo em todo o Oriente, como única é também a colônia de Macau com o seu ambiente sino-português [...]”<sup>490</sup>. Já Henrique de Senna Fernandes baliza a narrativa *Amor e Dedinhos de Pé* com dois paratextos, um inicial («Ao Subir do Pano») e outro final («Ao Cair do Pano»), confessando, no prefácio, o cariz realista do texto, que o aproxima de *CBP*:

Esta é uma obra de ficção, todavia inspirada numa história antiga que escutei [...]. Da crónica verdadeira, tal como ela se passou, resta muito pouco [...]. Os principais protagonistas são macaenses e o enredo decorre, em nota predominante, entre macaenses. Empreendi um cuidadoso esforço para reconstituir a época e terei falhado num ou noutro pormenor por escassa documentação. [...] Aqui e ali cedi à atracção, reproduzindo frases em patois [...]<sup>491</sup>.

Ao cair do pano ficcional, o romancista conclui:

Eis a crónica duma velha história de Macau desaparecida na poeira doutras histórias de que é tão fértil esta terra secular, histórias que apenas estão à espera de pena paciente e devotada dum escritor para ressuscitarem. E elas bem merecem, para testemunharem que os Portugueses criaram neste cantinho do Extremo Oriente um mundo, com as suas peculiaridades, as suas idiossincrasias, costumes e tradições<sup>492</sup>.

Na introdução da sua tradução do romance de Henrique de Senna Fernandes *A Trança Feiticeira*, David Brookshaw refere *CBP* como um modelo literário para os romancistas de Macau, entre os quais este último, a partir dos anos 70 do século passado:

Fiction writers in Macao over the last twenty years have, of course, been exposed to the examples of writers like Christopher New, and, in particular, Austin Coates, from neighbouring Hong Kong, both of whom wrote lengthy historical narratives about European interaction with China. Indeed, it was Coates’s *City of Broken Promises* [...] that may have provided a type of ‘rags-to-riches’ blueprint for subsequent works that were to emerge in Portuguese from the territory [Macao]<sup>493</sup>.

---

<sup>490</sup> Jaime do Inso, *A Caminho do Oriente*, 1996, p. 174.

<sup>491</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 5-6.

<sup>492</sup> *Idem, ibidem*, p. 379.

<sup>493</sup> David Brookshaw, «Introduction», p. vii.

Tal como acontece na ficção e na poesia inglesas, Macau também é representada de forma realista e pitoresca na literatura de expressão portuguesa produzida em Macau. Quer nos romances que acabámos de citar, quer em *CBP*, a intensidade do retrato etno-histórico do território forma-se gradualmente através da caracterização e da confluência não apenas do espaço local e do tempo histórico, mas também dos interesses, das atitudes e esferas de acção das personagens dos mais variados grupos sociais e étnicos, construindo-se a relação antropológica entre membros de diversas etnias e culturas contrapondo o ‘cá’ e o ‘lá’, dimensão na qual o Outro exótico, neste caso o nativo chinês, é representado não de forma vaga, mas apreendido como uma (id)entidade singular.

Através das inúmeras bandeiras hasteadas nos barcos atracados na Taipa, o centro portuário nas margens de uma nação impenetrável é caracterizado como cosmopolita e multicultural, servindo de porta de entrada para os comerciantes ocidentais, como vimos na segunda parte. Após observar a cidade, Thomas, à semelhança do sujeito lírico do soneto «Macao» de W. H. Auden<sup>494</sup>, afirma que esta “[...] though situate in China [...] is of itself a part of Europe, [...] subdued by Roman Catholic superstitions, yet all the same it is Europe [...]”<sup>495</sup>, conjugando-se a familiaridade da esfera europeia com o exotismo provocado pela distância geográfica e a diferença cultural experienciadas pelo viajante ocidental, nomeadamente através do paladar da cozinha macaense, na qual se fundem ingredientes e sabores do Império Português, evidenciando o facto de a história dos “filhos da terra” (macaenses)<sup>496</sup> ultrapassar o âmbito das relações entre a China e Portugal: “[...] Macao’s extremely sweet and sticky cakes, made of glutinous rice, coconut, molasses, and other less identifiable ingredients in which the confectionary arts of Europe, India, China and Africa were weightily combined”<sup>497</sup>. Os frequentes comentários explicativos do narrador e muitas das referências etno-históricas veiculadas através das personagens caracterizam os microespaços português e sínico, nomeadamente através:

---

<sup>494</sup> No já referido soneto «Macao» de W. H. Auden, *op. cit.*, p. 176, o sujeito lírico descreve Macau como: “A weed from Catholic Europe [...] A Portugal-cum-China oddity [...]”.

<sup>495</sup> *CBP*, p. 6.

<sup>496</sup> Vejam-se Ana Maria Amaro, *Filhos da Terra*, 1988 e Francisco Lima da Costa, *Fronteiras de Identidade: Macaenses em Portugal e Macau*, 2005, pp. 175-199.

<sup>497</sup> *CBP*, p. 124. As mulheres macaenses utilizam amiúde açúcar, mel e melaço, inclusive em pratos de carne ou peixe. Sobre a fusão de sabores na culinária macaense, veja-se Annabel Doling, *Macau on a Plate: A Culinary Journey*, 1994, pp. 38-44, 54-58, 60-65.

- do vestuário, do rabo de cavalo e da cabeça rapada dos cules que transportam diariamente para Macau os víveres que vendem aos portugueses<sup>498</sup>;
- da representação do espaço doméstico – preenchido pela mobília oriental – como local de reclusão feminina cuja materialização encontra continuidade no vestuário escuro e no dó com que as mulheres se cobrem ao sair à rua<sup>499</sup> a pé, de cadeirinha ou palanquim<sup>500</sup>;
- da utilização dos pancares no Verão<sup>501</sup>;
- da construção de andaimes e paliçadas em bambu<sup>502</sup>;
- dos passeios vespertinos dos residentes estrangeiros<sup>503</sup>;
- da numerosa população marítima e fluvial constituída por famílias de diversas etnias que navegam em sampanas e juncos<sup>504</sup>;
- da exótica flora quer local, quer importada do Império Português<sup>505</sup>;
- da proibição da permanência de mulheres estrangeiras na China e em Macau<sup>506</sup>;
- do comércio entre o enclave, Manila e o Brasil<sup>507</sup>, entre outros apontamentos relacionados com a vivência e os artefactos culturais chineses<sup>508</sup>.

---

<sup>498</sup> *CBP*, pp. 8-11, 36, 125, 128.

<sup>499</sup> *Ibidem*, pp. 16, 18, 101, 111, 146, 216, 231, 256, 268, 271, 303.

<sup>500</sup> *Ibidem*, pp. 180, 205, 242, 251, 261.

<sup>501</sup> *Ibidem*, pp. 93, 243-244, 260. Também o escritor macaense Henrique de Senna Fernandes, no conto «Uma Pesca ao Largo de Macau», in *Nam Van*, p. 31, utiliza “[...] os pancares pendurados do tecto que os sai-kós puxavam para trazer o fresco [...]” de forma a representar a cor local do enclave, tal como em *Amor e Dedinhos de Pé*, p. 344. Henry Yule e Arthur C. Burnell, *op. cit.*, p. 742, descrevem o “[...] punkah [...] the large fixed and swinging fan, formed of cloth stretched on a rectangular frame, and suspended from the ceiling, which is used to agitate the air in hot weather”.

<sup>502</sup> *CBP*, p. 301.

<sup>503</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>504</sup> *Ibidem*, pp. 50, 300-301. Rui Brito Peixoto, «Boat People, Land People: Approach to the Social Organization of Cultural Differences in South China», *Review of Culture*, edição inglesa, n.º 2, 1987, p. 10, e S. Robert Ramsey, *The Languages of China*, 1989, p. 169, referem o mistério que ainda hoje envolve essas etnias ‘nómadas’ do Sul da China. Relativamente à língua dos Hoklo, que Martha não entende, o primeiro autor afirma que é uma variante pouco conhecida do dialecto fuquienense. Vejam-se Dian H. Murray, *Pirates of the South China Coast 1790-1810*, 1987, pp. 12-17 e, sobre a diversidade étnica da China, Emily Honig, *Creating Chinese Ethnicity. Subei People in Shanghai, 1850-1980*, 1992, pp. 1-11.

<sup>505</sup> *CBP*, p. 122.

<sup>506</sup> *Ibidem*, pp. 33-34.

<sup>507</sup> *Ibidem*, pp. 102-103.

<sup>508</sup> Num só parágrafo, o narrador acumula diversos símbolos culturais, como o pancar, as janelas típicas de Macau, o *sycee*, a balança chinesa e o gudão (*ibidem*, p. 118).

A apresentação biográfica de Martha no romance tem início no momento em que esta é abandonada à nascença nos degraus da Igreja de São Domingos, costume que, juntamente com a venda de “unwanted girl[s]”<sup>509</sup>, é frequente entre os habitantes sínicos de Macau<sup>510</sup>, uma vez que, como veremos na quarta parte, de acordo com a religião tradicional chinesa, apenas os filhos do sexo masculino podem prestar culto às almas dos seus antepassados e não abandonam os trabalhos do lar e da terra paternos ao casar<sup>511</sup>. As referências às tentativas de venda de Fong e Martha denunciam o valor menor atribuído às descendentes pelos chineses, enfatizando a situação e a singularidade da vitória da protagonista, que, ao engravidar, informa Thomas de que, se o bebé for uma rapariga, ela própria procederá de acordo com o “Chinese custom”<sup>512</sup>. A jovem, que já rejeitara a sua identidade sínica, age nesse instante como se fosse chinesa e Thomas recorda as crianças de pai inglês, fruto da miscigenação em Macau, que apenas brincam em público quando a vergonha transmitida pelos seus progenitores se esbate<sup>513</sup>. A miscigenação e a identidade étnica são assim apresentadas sobretudo a partir do ponto de vista feminino, tal como as consequências por vezes fatais que a primeira acarreta para as mulheres chinesas como Fong.

Os discursos escrito e falado de Thomas revelam uma mente humanitária que critica a hipocrisia e o andro/etnocentrismo da vivência ‘colonial’ dos ingleses, que, longe da moral britânica, rejeitam amantes e filhos nativos. Já entre os portugueses, a miscigenação é frequente e não tão rejeitada socialmente, uma vez que estes, tendo-se estabelecido em Macau por volta de 1557, cedo formam família com mulheres chinesas e do resto do império, dando origem à etnia dos macaenses, denominados “filhos da terra”, à qual Pedro da Silva pertence, como se depreende da descrição física do jovem

---

<sup>509</sup> Expressão que designa Fong e Martha, no âmbito das famílias chinesas, quando os pais da primeira as tentam vender à guardiã do templo (*ibidem*, pp. 75, 79).

<sup>510</sup> Sobre o abandono de bebés do sexo feminino em Macau até ao século XX, veja-se Ian E. Watts, *op. cit.*, pp. 71-88. As bebés indesejadas são vendidas, afogadas ou abandonadas à nascença, junto de instituições religiosas, e posteriormente adoptadas. Esta prática é referida logo nos primeiros escritos portugueses sobre a China, nomeadamente por Gaspar da Cruz, «Cousas da China e do Reino de Ormuz [1569]», 1989, p. 114. Sobre o infanticídio entre os chineses, veja-se ainda Justus Doolittle, *Social Life of the Chinese*, vol. 2, pp. 203-209.

<sup>511</sup> Vide Lloyd E. Eastman, *Family, Fields and Ancestors: Constancy and Change in China's Social and Economic History. 1550-1949*, 1988, pp. 15-45.

<sup>512</sup> *CBP*, p. 109.

<sup>513</sup> *Ibidem*, p. 110: “[...] frightened little brown things who played in the back yard when no one was looking”.

“fidalgo”<sup>514</sup>. Ignatius, com olhos euro-asiáticos e fruto da violação de Fong por Cuming, é também descrito fisicamente com características típicas dos dois mundos em interação na cidade<sup>515</sup>, enquanto uma das mais influentes figuras da Macau multicultural, o juiz Pereira, é natural do Brasil e apresenta traços africanos<sup>516</sup>. As questões da fisionomia e da tez enquanto marcadores étnicos encontram-se igualmente presentes na observação de Martha quando Ignatius regressa da sua viagem marítima: “You’re as black as an Indian [...]”<sup>517</sup>. Relativamente à caracterização da mulher chinesa, encontramos, para além do vestuário e do corte de cabelo, estereótipos culturais que facilitam a leitura e vão de encontro às expectativas e imagens que o leitor ocidental já detém do Oriente, tais como as curtas passadas da mulher de Ah Sum, devido aos seus pés enfaiados, prática descrita com espanto por inúmeros visitantes ocidentais na China<sup>518</sup>.

A descrição da clausura e dos divertimentos dos sobrecargas em Cantão evidencia a singularidade de Thomas, que se mantém fiel à jovem chinesa quando os colegas se entregam ao prazer nos eufemísticos ‘barcos de flores’ (*kwating*)<sup>519</sup> e ao jogo, actividades características também da Cidade do Santo Nome de Deus.

CBP faz ainda eco de questões etno-religiosas que têm ocupado os estudiosos da História de Macau, nomeadamente a questão da origem etimológica do nome português da cidade: “[...] a group of the supercargoes had taken a walk to the southern tip of Macao, *passing the fishermen’s temple of A-Ma, from which Macao takes its name*”<sup>520</sup>. A origem do topónimo não se encontra totalmente esclarecida, sendo a tese mais divulgada a que o narrador apresenta, ou seja, a relação etimológica entre o topónimo e o

---

<sup>514</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>515</sup> *Ibidem*, pp. 174-175: “[...] rather dark for a Chinese [...] and good-looking in a strangely European way. His soft wavy hair, narrow-face, and grey-brown eyes plainly indicated a mixed parentage [...]” – informação repetida na página 201, com a variante “[...] signs of mixed race.”

<sup>516</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>517</sup> *Ibidem*, p. 257.

<sup>518</sup> Entre outras descrições, vejam-se os diários de duas norte-americanas: Harriett Low, *op. cit.*, vol. 1, 2002, pp. 69-70 e Rebecca Chase Kinsman, «Life in Macao in the 1840’s: Letters of Rebecca Chase Kinsman to Her Family in Salem», *The Essex Institute Historical Collection*, vol. 86, Janeiro de 1950, p. 32 e vol. 87, Outubro de 1951, pp. 399-400. Consulte-se ainda Howard Seymour Levy, *Chinese Foot Binding*, 1970.

<sup>519</sup> CBP, pp. 89, 163. Sobre os *flower boats* (bordéis) enquanto espaços flutuantes de prostituição nos rios da China, consultem-se Maurice Collis, *Foreign Mud*, pp. 50-51 e Manuela Delgado Leão Ramos, *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português* 2001, pp. 122-128.

<sup>520</sup> CBP, p. 99; itálico nosso. Veja-se Justus Doolittle, *op. cit.*, pp. 197-203.

termo cantonense para “porto da deusa *Ma* ou *A-Ma*”<sup>521</sup>. O discurso do narrador assume um tom de documentário que acompanha personagens através da geografia e da toponímia do reduto luso-chinês e contextualiza as referências quer à origem dos diversos produtos comercializados na urbe<sup>522</sup>, quer às medidas de peso e moedas de troca utilizadas na China, respectivamente o tael marítimo e o *sycee*<sup>523</sup>.

As festividades europeias e sínicas marcam presença no espaço e no tempo cíclico da acção, descrevendo *CBP* práticas culturais dos autóctones, nomeadamente rituais e costumes religiosos como a queima de panchões em casamentos e de pivetes e incenso na rua, nos templos e em altares<sup>524</sup>, quadros completados pela descrição de barulhentos vendilhões, mensageiros de Martha e Pedro da Silva. Tal como o narrador descreve num dos comentários de contextualização etno-histórica<sup>525</sup>, o vendedor ambulante, “[...] que no seu atarefado dia carrega aos seus ombros o fardo de uma longa tradição [...]”<sup>526</sup>, pauta o pulsar da cidade<sup>527</sup> com os seus característicos pregões e cons-

---

<sup>521</sup> Consultem-se Graciete Nogueira Batalha, «Este Nome de Macau», *Revista de Cultura*, 1.ª série, n.º 1, Abril-Junho de 1987, pp. 7-15; Adrian Room, *Placenames of the World: Origins and Meanings of the Names for over 500 Natural Features*, 2003, p. 216 e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, «A Deusa-Amá e o Topónimo Macau», pp. 95-108.

<sup>522</sup> *CBP*: Macassar (p. 100); Timor (p. 76); Ternate; Banda (p. 141); Bombaim (p. 163); Bengal (p. 96); Sião; Filipinas; Índia; Birmânia (p. 197) e Brasil (p. 198), entre outros topónimos. Sobre a formação e a manutenção dos mercados de Macau e os produtos aí comercializados, vejam-se George Bryan Souza, *op. cit.*, pp. 111-162 e António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 261-268.

<sup>523</sup> *CBP*, p. 266. O tael equivale a 37,7 gramas e, de acordo com Henry Yule e A. C. Burnell, *op. cit.*, p. 888, “[...] is the trade name of the Chinese ounce, viz., of a catty [...] and also of the Chinese money of account [...]”. O *sycee* é “[...] pure silver bullion in ingota [...]” (*idem, ibidem*, p. 886). Vejam-se também Anders Ljungstedt, *op. cit.*, pp. 232-236 e William C. Hunter, *The ‘Fan Kwae’*, p. 57.

<sup>524</sup> *CBP*, pp. 129, 286, 303. Rogério Beltrão Coelho, *Macau: Retalhos*, p. 70, explica a função e o simbolismo religioso dos pivetes que os chineses utilizam para atrair a atenção dos deuses, compostos por substâncias aromáticas, “[...] com os quais pretendem dispor bem as divindades, «transportando» para o Além, através do fumo, um perfume que os deuses deverão considerar agradável. A queima do incenso, sobretudo de pivetes, é ainda o processo mais comum para a «transferência» de um deus de um lado para o outro. [...] São os pivetes que dão vida ao templo [...] exalando um fumo aromático intenso que empresta aos templos um ambiente exótico e sobrenatural”.

<sup>525</sup> *CBP*, p. 129: “It was customary in Macao for hawkers of fruit and vegetables to cry their wares through the quieter streets of the city. The slight movement caused by an alteration of the angle of the lattices of a shuttered window was sufficient to make any hawker stop”.

<sup>526</sup> Isabel Nunes, *Vendilhões de Macau*, 1998, p. 163. Sobre as lojas ambulantes de Macau, vejam-se Francisco de Carvalho e Rego, *Cartas da China*, 1949, p. 94 e Ninélio Barreira, *op. cit.*, pp. 145-147.

<sup>527</sup> Wenceslau de Moraes, *Traços do Extremo Oriente. Siam-China-Japão*, 1946, p. 69 descreve o percurso e o horário estratégicos dos vendedores nas ruelas e esquinas da cidade: “Vendilhões vão

titui um quadro típico e uma das mais famosas profissões locais, relacionando-se a sua tarefa com o espaço de manobra reservado à mulher chinesa e macaense, o lar de onde esta pouco sai; e, quando o faz, é sempre coberta pelo dó. Essa reclusão é apresentada por Ana Maria Amaro<sup>528</sup> e Luís Gonzaga Gomes<sup>529</sup> para explicar a enorme importância destes comerciantes itinerantes, à qual podemos juntar o calor e a humidade extremos que se fazem sentir no Verão em Macau; a quase inexistência de lojas na cidade e a segurança do sexo feminino, assim menos exposto ao perigo do desconhecido, realidade à qual o narrador também alude: “Unseen from the street the lady of the house would call down through the lattices for what she wanted, and lower a basket tied to a cord. After the required fruit and vegetables had been hauled up, the basket would be lowered again with sycee in it”<sup>530</sup>. Ao longo de *CBP* acumulam-se referências aos barulhentos vendedores de metal e de vegetais, bem como aos trilhos por eles utilizados e que ligam Macau à China profunda<sup>531</sup>, de onde é originária a maioria dos habitantes do enclave, incluindo os empregados de Thomas, como Ah Sum, que regressa à sua aldeia natal quando se reforma<sup>532</sup>. Apesar de não ser, até perto do final da acção, uma mulher de elevado estatuto económico e social, Martha recorre forçosamente aos serviços dos vendilhões para comunicar com o exterior, por se encontrar enclausurada na casa de Thomas devido à ameaça quer das investidas sexuais de portugueses e ingleses, quer da vigília constante de Teresa da Silva.

---

passando a todo o instante; vendem flôres, vendem hortaliça e fructas, vendem porco assado, pato assado, comidas [...]. Mas isto passa-se lá fora, em quanto a brisa gelada chicoteia os rostos dos que transitam nas viellas”.

<sup>528</sup> Ana Maria Amaro, «Vendilhões Chineses de Macau», *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano 1, n.º 4, Outubro de 1965, p. 49: “É natural que esta afluência de vendedores ambulantes tenha origem nos clássicos cânones da moral confucionista em que assentava a estrutura familiar chinesa, segundo a qual à mulher de boas famílias, escrava dos mais inconcebíveis preconceitos, não seria lícito sair de casa, pois tal procedimento seria considerado escândalo público”.

<sup>529</sup> Luís Gonzaga Gomes, *Chineses*, 1994, p. 137, afirma que: “[...] possuindo profundos conhecimentos dos hábitos da população, empiricamente adquiridos e hereditariamente transmitidos através de inúmeras gerações, os vendilhões surgem com matemática precisão, isto é, no momento exacto, em que os seus clientes necessitam da sua particular mercadoria”. Pedro da Silva e Martha rentabilizam este conhecimento ao utilizar “estes marchantes peripatéticos” (*idem, ibidem*, p. 146) como portadores das mensagens que trocam entre si, desde as suas casas.

<sup>530</sup> *CBP*, pp. 129-130.

<sup>531</sup> *Ibidem*, pp. 286, 287, respectivamente. Veja-se ainda a p. 11 do romance.

<sup>532</sup> *Ibidem*, p. 200. Vejam-se também as referências às origens do marido de Fong (*ibidem*, p. 128).



Os pormenores etno-históricos apoiam a intriga do romance em prol da representação da cor local e da sensação do exótico, que se vai esbatendo à medida que as personagens europeias se familiarizam com a dimensão chinesa de Macau; aliás, como afirma Peter Mason, “[...] the exotic [...] is not something that exists prior to its ‘discovery’. It is the very act of discovery which produces the exotic as such [...]. As a construct, the exotic is always up for renegotiation, as an invention, it is always open to reinvention [...]”<sup>533</sup>, processo que se observa em *CBP* a partir das sensações físicas e psicológicas que Macau e a China profunda provocam em Thomas e Martha durante o processo de descoberta das esferas humana, arquitectónica e cultural. A caracterização gradual do espaço e das personagens<sup>534</sup> permite ao narrador transmitir informação historicamente verificável, nomeadamente quando dos formais jantares da E.I.C., em que os sobrecargas fazem brindes intermináveis ao Comité Selecto e à família real inglesa, e quando do baptismo público do *Merope*, durante o qual o leitor fica a saber, ou recorda, que as embarcações europeias de maior porte atracam na ilha da Taipa e não na península<sup>535</sup>. A investigação levada a cabo pelo narrador é, portanto, veiculada através de comentários nalguns dos quais este começa por fazer suposições para, logo a seguir, afirmar a sua certeza, reforçando a sua autocaracterização como grande conhecedor da história e etnografia de Macau<sup>536</sup>.

### 8.3.1 Caracterização multicultural da Macau setecentista

Através dos diálogos intercivilizacionais entre as personagens orientais e ocidentais, o romance de Coates veicula representações e constructos mentais das diversas etnias/nacionalidades em interacção no espaço local. Thomas refere, logo no primeiro

<sup>533</sup> Peter Mason, *Infelicities: Representations of the Exotic*, 1998, p. 1.

<sup>534</sup> Desde o início do romance, o narrador adianta gradualmente informações sobre as práticas e atitudes dos restantes sobrecargas, com o objectivo de destacar Thomas; e, na página 6, ao resumir o processo pelo qual estes são empregados pela companhia, menciona as fortunas misteriosas dos oficiais com princípios morais duvidosos, afirmações mais tarde recuperadas, inclusive por Biddle e Cuming, ao avisarem Thomas, várias vezes, de que numa sociedade pouco escrupulosa e sem moral, como a comunidade inglesa de Macau, será preferível não ter quaisquer valores para evitar “partir o pescoço” (*CBP*, pp. 29-30; tradução nossa; vejam-se também as páginas 12-16, 34, 244).

<sup>535</sup> *Ibidem*, pp. 299-300. Na página 312, Ignatius informa Martha de que o barco na Taipa dá salvas às demais embarcações atracadas na Rada, como é tradição (veja-se a segunda parte, subcapítulo 4.1).

<sup>536</sup> “The comprador, it appeared, was a Chinese merchant who provisioned and in effect managed the house” (*CBP*, p. 14; *italico* nosso).



dia da sua estada na China, uma questão relevante da história de Macau: o foro de chão anual ou tributo pago pelos portugueses às autoridades chinesas e que se relaciona com a legitimidade do poder luso no enclave<sup>537</sup>. O jovem inglês afirma: “Macao is a Portuguese possession – or so claim the Portuguese. Their claim would seem to be belied by the fact that, according to Mr. Cuming, they pay the Chinese an annual ground rent for the use of the place [...]”<sup>538</sup>, questão utilizada quer por inúmeros autores estrangeiros<sup>539</sup>, ao tentarem minimizar a autoridade e o poder lusos na cidade, quer pelo narrador, para descrever o espaço da acção como um campo de poder e jogos de influência, dependendo, muitas vezes, a imagem da urbe dos interesses de quem a apresenta.

A cor local é uma das características do romance histórico e etnográfico, sendo associada, em *CBP*, a costumes e práticas culturais como as peças de teatro que os oficiais da John Company<sup>540</sup> encenam em Cantão e Macau<sup>541</sup> como forma de entretenimento. A representação dramática dos sobrecargas, embora mais sugerida do que descrita, ilustra também os jogos de poder entre Thomas e Cuming quer no palco dos negócios, quer nos bastidores, e a sua simbologia política torna-se explícita quando o primeiro afirma que as conversas dos ingleses sobre o tráfico de ópio se processam através de significados ocultos<sup>542</sup>, ou seja, o seu rival Cuming comporta-se na vida tal como no

---

<sup>537</sup> Vide, entre outros, Austin Coates, *A Macao Narrative*, pp. 84-107; António Vasconcelos de Saldanha, *A 'Memória sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau' do Visconde de Santarém (1845)*, 1995, pp. 14-25; António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 103-109 e Maria Teresa Lopes da Silva, *Transição de Macau para a Modernidade 1841-1853*, 2002, pp. 25-66, 127-184.

<sup>538</sup> *CBP*, p. 7.

<sup>539</sup> O visitante inglês Daniel Paine, *op. cit.*, fl. 27, afirma, em 1797, quando da sua breve estada no enclave: “The Portuguese have only a nominal Government here fore they are obliged to obey implicit subordinate every order of the Chinese government.” Trinta e quatro anos mais tarde, a jovem norte-americana Harriett Low, *op. cit.*, p. 199, afirma: “People say the government of Macao is only nominally Portuguese [...]”. Para um estudo sobre os direitos territoriais menores dos portugueses em Macau (supremacia territorial sem soberania absoluta), veja-se António Vasconcelos de Saldanha, «O Problema da Interpretação do Tratado de 1887 no Respeitante à Questão da Soberania Portuguesa em Macau», *Revista Jurídica de Macau*, vol. 3, n.º 2, Agosto de 1996, pp. 47-90.

<sup>540</sup> Expressão utilizada por Pedro da Silva e Biddle (*CBP*, pp. 170, 280) para designar a East India Company. De acordo com Ebenezer Cobham Brewer, *The Wordsworth Dictionary of Phrase and Fable*, 1994, p. 592, a designação tem origem no facto de ‘John’ poder ser corruptela de “Hon[ourable]” ou na associação a John Bull, nome pelo qual os ingleses são conhecidos.

<sup>541</sup> *CBP*, p. 28. Austin Coates, *Macao and the British*, p. 147, descreve esses passatempos em Macau.

<sup>542</sup> *CBP*, p. 98.

palco da comédia de Sheridan<sup>543</sup>, a *play-within-the-novel* na qual a arena política é revestida de *nuances* por desvendar. Este momento, enquanto estratégia de desmontagem da personalidade de Cuming a partir da sua representação teatral, poderá ser visto também como uma *play-behind-the-play*, pois Thomas desmascara o seu rival ao aproximar a sua manipulação/actuação no palco das suas atitudes e dos seus desígnios pessoais no seio da companhia: “In fact, our Mr. C., who so skilfully directs the players in the comedy, seeks to direct each one of us, in his passion to ordeal and control, meanwhile enriching himself [...]”<sup>544</sup>. O jogo de xadrez é também associado à arte de representar, e Van Mierop refere o processo de *mise-en-scène* que os oficiais encenam, pois, caso confrontasse Cuming, que representa o papel de uma mulher inofensiva em palco<sup>545</sup>, arruinaria o efeito da maquilhagem e a farsa do seu rival. O protagonista serve-se, assim, de uma linguagem literária que reforça as poses e os interesses do teatro alegórico da presença inglesa no Império do Meio, onde imperam sobretudo os objectivos comerciais que geram as ambiguidades e a corrupção por nós referidas na segunda parte como características do comércio do Sul da China<sup>546</sup>. As jogadas cómicas representam o confronto dos sobrecargas, procurando Cuming o calcanhar de Aquiles de Thomas para lhe manchar a honra e aniquilá-lo politicamente, estratégia perante a qual o amante de Martha denuncia a hipocrisia da comunidade inglesa: “For once the masks were off”<sup>547</sup>.

O universo sociocultural da Macau setecentista também é representado através dos nomes ocidentais que as personagens chinesas adquirem ao entrar na sociedade portuguesa, como acontece com Kwan Po, cujo nome de baptismo é Ignatius. A questão do nome associa-se, assim, às diferentes etnias que co-habitam na cidade, uma vez que o jovem recebe o seu nome europeu ao tornar-se cristão, e Martha, como veremos na quarta parte, procura um apelido ocidental que lhe confira poder e segurança. Já Pedro da Silva, a única personagem lusa a dominar o português e o inglês, é utilizado como intérprete pelos oficiais da E.I.C. para comunicar com as autoridades locais, demonstrando a importância dos jurubaças do enclave nos processos de estabelecimento dos

---

<sup>543</sup> Referência ao dramaturgo inglês Richard Brinsley Sheridan (1751-1816), autor das farsas *St. Patrick's Day* (1775) e *The School for Scandal* (1777).

<sup>544</sup> *CBP*, p. 98.

<sup>545</sup> Sobre a prática comum de os sobrecargas encenarem peças de teatro como divertimento, desempenhando papéis femininos, veja-se Austin Coates, *Macao and the British*, p. 147.

<sup>546</sup> O conflito entre Thomas e Cuming materializa ficcionalmente uma realidade histórica referida por Conrad Gill, *op. cit.*, pp. 110-111: a inveja e as intrigas entre sobrecargas que disputam lucros e poder.

<sup>547</sup> *CBP*, p. 107.

ingleses na China<sup>548</sup> e de introdução de inúmeros termos lusos ou de origem oriental na língua inglesa, alguns dos quais, como *amah* e *godown*<sup>549</sup>, são utilizados para representar o espaço social e histórico do texto. Essa dimensão regional caracteriza *CBP* enquanto romance de experiência urbana, uma vez que a acção tem lugar no eixo Macau-Cantão e predominantemente no reduto sob administração portuguesa e, se os lusos e os chineses aí detêm o poder administrativo, os ingleses conquistam gradualmente a supremacia comercial e económica europeia.

Como vimos na segunda parte, Macau encontra-se dependente do Estado Português da Índia, sob a alçada do vice-rei ou governador, estando as decisões locais sujeitas à aprovação de Goa e Lisboa, de onde chegam ordens que contrariam as acções represoras do bispo da cidade contra as mulheres de má conduta e que acabam por beneficiar Martha, que teme ser degredada para Timor devido à sua fama de prostituta. O tecido urbano é composto por microcosmos que enriquecem a sua vivência multicultural, não privando os ingleses com os portugueses, nem com os chineses e mantendo-se isolados na sua comunidade, à excepção de Biddle, que, como agente comercial a operar com o nome da firma de Pedro da Silva, negocia e contacta com pessoas de todos os estratos sociais e nacionalidades. Esta realidade ficcionalizada em *CBP* é comprovada pelas diversas narrativas de viagem e descrições setecentistas de Macau, nomeadamente o diário de Samuel Shaw (1754-1794)<sup>550</sup>, que, como vimos na segunda parte, permanece no entreposto em 1787<sup>551</sup>, conhecendo o sobrecarga George Cuming, que Coates transforma em personagem. É nas ruas do território que os membros das diferentes comuni-

---

<sup>548</sup> Relativamente à acção dos tradutores-intérpretes, veja-se Jorge Flores, «Comunicação, Informação e Propaganda: Os “Jurubaças” e o Uso do Português em Macau na Primeira Metade do Século XVII», in *Actas do Encontro Português: Língua de Cultura*, 1995, pp. 107-121.

<sup>549</sup> *Godown* (*CBP*, pp. 157, 267) e *Amah* (*CBP*, pp. 177, 201, 203). De acordo com Henry Yule e A. C. Burnell, *op. cit.*, p. 17, este último termo significa “[...] wet nurse; used in Madras, Bombay, China and Japan. It is Port.[uguese] *ama* [...]”.

<sup>550</sup> “[...] Excepting with the governor’s family [...] there is no intercourse between the Europeans residing at Macao and its Portuguese inhabitants [...]” (Samuel Shaw, *op. cit.*, p. 245). A leitura do diário de Shaw revela o detalhe e a verosimilhança da caracterização do espaço e do tempo históricos em *CBP*, referindo o cônsul norte-americano o seu vizinho em Macau, George Cuming, segundo membro mais importante da E.I.C., e o presidente Henry Browne (*idem, ibidem*, pp. 244-245), figuras que partilham o nome e as características com personagens do romance.

<sup>551</sup> Veja-se Rogério Miguel Puga, s.v. «Shaw, Samuel», in *Dicionário de História de Macau*, no prelo, e *idem*, «O Primeiro Olhar Norte-Americano sobre Macau: Os Diários de Samuel Shaw (1754-1794)», in Ana Gabriela Macedo et al. (org.), *Intertextual Dialogues, Travel & Routes*, *Actas do XXVI Encontro da APEAA 21 a 23 de Abril de 2005*, 2007, pp. 227-251.

dades se encontram, tornando-se os locais públicos plataformas de comunicação entre ocidentais e orientais de onde se ausenta a maior parte da comunidade estrangeira a partir de Setembro, quando, no início das *trading seasons*, os mercadores se mudam temporariamente para Cantão.

Londres, enquanto metrópole, é apresentada como proveniência geográfica dos oficiais da E.I.C., cidade à qual se juntam outros centros de decisão periféricos britânicos como as presidências de Calcutá (Fort William) e Madrasta (Fort St. George), e os portos de escala como a ilha de Santa Helena. Os espaços marítimo e fluvial, intimamente associados à história de Macau, rodeiam o movimento das personagens inglesas para a feitoria de Cantão, rio das Pérolas acima, por entre juncos, sampanas, lorchas e outras embarcações locais, assentando muitos dos movimentos e da tensão da narrativa, tal como o início e o fim da acção, na viagem para o desconhecido. Num estudo de Daniel-Henri Pageaux encontramos uma observação que se coaduna com a importância da simbologia da viagem em *CBP*, nomeadamente no que diz respeito quer à classificação do romance como histórico, quer às caracterizações antropológica e exótica da Macau setecentista:

De toutes expériences de l'étranger, le voyage est certainement la plus directe, mais aussi une des plus complexes. L'historien peut s'intéresser aux voyages: faire histoire des voyages c'est comprendre le progrès des connaissances, le cheminement et la diffusion des informations sur des contrées lointaines, inconnues [...]. Le voyage est une pratique culturelle datée: il requiert une approche historique et aussi anthropologique<sup>552</sup>.

O isolamento cultural e a tensão psicológica da chegada de Thomas ao território exótico são veiculados através de uma sugestiva comparação com a “ilha dos Antípodas”<sup>553</sup>. Para os ingleses, o Oriente simboliza um espaço sobretudo económico, realidade que Cuming tenta manter e que Van Mierop procura modificar ao encarar os chineses e o comércio de uma forma digna e ao lutar contra a falsa moralidade e os interesses apenas monetários dos colegas, uma caracterização que o narrador-historiador justifica ao referir que Thomas nasceu com a reforma “no sangue”<sup>554</sup>, aludindo

---

<sup>552</sup> Daniel-Henri Pageaux, *La Littérature Générale et Comparée*, 1994, pp. 30-31.

<sup>553</sup> *CBP*, p. 3.

<sup>554</sup> *Ibidem*, p. 97.

indirectamente ao seu primo Jeremy Bentham (1748-1832), referido logo no início do romance<sup>555</sup>.

Do Porto Interior, a cidade apresenta-se perante o olhar do viajante como uma localidade portuguesa, conforme o atestam as construções de prestígio: o palácio do governador, a Santa Casa da Misericórdia, os fortes, as igrejas, a Casa Garden e a luxuosa sede da E.I.C., decorada à inglesa, onde os lusos não têm grande poder. Ao longo do texto são agrupados três espaços mais amplos, que correspondem aos poderes em acção no Oriente: Macau, onde apenas os portugueses podem adquirir terra ou casa<sup>556</sup>, a Índia inglesa e Cantão, vigorando neste último empório apenas a lei e a vontade sínicas. Na Cidade do Santo Nome de Deus a simbologia do espaço marca as relações de poder, encontrando-se as casas e lojas de fachada portuguesa decoradas com símbolos e artefactos culturais ao gosto chinês, metáfora da multiculturalidade que confere expressividade ao espaço da acção, pois, como afirma Eugene Victor Walter:

[...] a place is dead if the physique does not support the work of imagination, if the mind cannot engage with the experience located there, or if the local energy fails to evoke ideas, images, or feelings. [...] These presences enter the feelings that make a town, and they help to settle a place<sup>557</sup>.

O espaço simboliza também o estado de espírito e as situações em que as personagens se encontram, como acontece quando Martha, ao sair da casa de Teresa da Silva, se perde nas ruas da cidade, que se assume simultaneamente como mapa e labirinto<sup>558</sup>. Durante a crise do ópio, o gesso do muro que encerra o jardim de Biddle – sinédo-

---

<sup>555</sup> *Ibidem*, p. 5: “Thomas’ first cousin, was Jeremy Bentham, who had recently made his appearance in the London firmament with his demands for a *reform* of the laws of England [...]” (itálico nosso). Gregory Leong, *op. cit.*, p. 17, refere a relação familiar entre Thomas e Bentham: “[...] the great utilitarian philosopher and reformer of the age. Thomas’ father was in fact noted for the introduction of ethical practice in commerce”. Em *CBP*, o sobrecarga é também responsável pela formação de um grupo de humanitários ingleses que se opõem ao tráfico de ópio em Macau, tentando reformar as práticas comerciais do *China trade*.

<sup>556</sup> A lei portuguesa é simbolizada pela guarda de vigia que percorre a cidade, mantendo a ordem (*CBP*, pp. 241, 253).

<sup>557</sup> Eugene Victor Walter, *Placeways: A Theory of Human Environment*, 1988, pp. 204 e 111, respectivamente. Também H. Butterfield, *op. cit.*, p. 40, afirma que os locais a que chamamos históricos são lugares em que os segredos do tempo e do espaço foram recuperados, não existindo há mais tempo que outros lugares; são é locais que a humanidade associa a acontecimentos importantes, o que acontece em relação a Macau e muitos dos seus topónimos ocidentais em *CBP*.

<sup>558</sup> Expressão de Burton Pike, *The Image of the City in Modern Literature*, 1981, p. 7.

que da ‘Barreira’ e do rio das Pérolas que rodeiam Macau – encontra-se em ruínas, à semelhança da situação financeira do agente inglês que se refugia na exótica natureza por ele recriada em torno da sua casa e que nesse momento o isola do pânico da ruína económica sentida por toda a comunidade mercantil. A tensão social é transposta para esse pequeno Éden através da panóplia de ruídos e cantares de exóticas aves veiculada pelo crescendo de verbos onomatopéicos, que rimam entre si, e pela adjectivação dupla: “[...] a mass of singing, trilling, piping and chattering, its sweet, strident music filling the garden with sound, eliminating all else”<sup>559</sup>. Mais tarde, pouco antes do suicídio de Biddle, Martha encontra o local ainda mais arruinado, ultrapassando depois outra fronteira física e cultural – as Portas do Cerco – rumo a um espaço estranho – o *hinterland* chinês. O narrador apresenta a sensação do desconhecido através da enumeração e da descrição minuciosa do percurso do séquito de cules que acompanha a jovem até à Praia de Cacilhas, onde se encontra o cadáver do agente inglês. O campo aberto, os arrozais, os montes e o mundo rural adensam-se longe da urbe, constituindo uma imagem tipicamente chinesa<sup>560</sup>, onde não falta o cemitério que remete para os antepassados da protagonista e se funde com o relevo do cenário natural, recordando ao leitor a geomancia chinesa subjacente a qualquer construção humana, o *feng shui*<sup>561</sup>. As crenças que regulamentam a vivência nativa e os hábitos quotidianos acabam por se exprimir na paisagem humanizada, como recorda o silencioso carreiro construído pelas viagens diárias dos vendedores chineses que se dirigem para os mercados<sup>562</sup>, trilho que marca

---

<sup>559</sup> CBP, p. 170.

<sup>560</sup> De acordo com Jonathan Porter, *Macau. The Imaginary City: Culture and Society, 1557 to the Present*, 1996, p. 44, os montes e a água são os ingredientes clássicos da paisagem chinesa.

<sup>561</sup> O próprio Austin Coates, *Myself a Mandarin*, pp. 156-170, descreve a relação entre a localização dos cemitérios chineses nas colinas e o *feng shui*: “Graves stretched far up the hill, and in all directions. [...] The hillside, enjoying much the same view as the monastery, had almost perfect *feng shui* [...]. The *feng shui* of graves is an altogether simpler subject. With an understanding of the general principles of Chinese geomancy, one simply has to stand at the grave site, orientate one’s body correctly, and one can see at a glance whether or not the place has good *feng shui*”. Veja-se também Edward L. Shangknessy (ed.), *China: The Land of the Heavenly Dragon*, 2000, pp. 120-135.

<sup>562</sup> Quer a paisagem sínica, a norte de Macau, quer o movimento diário de chineses para o mercado e nas ruas da cidade são descritos por George Staunton, *op. cit.*, p. 386, quando da embaixada de Lord Macartney à China: “The broadest part of this little peninsula to the northward of the town, is cultivated entirely by the latter [Chinese]. The whole is nearly flat; and its soil is of a light and sandy texture; but by the skill and industry of its cultivators, its produce in most kinds of culinary vegetables, European and Asiatic, is sufficient for the consumption of the settlement. [...] The market is supplied with grain and meat, from the Chinese part of the island, and sometimes from the mainland”.

também a coragem da jovem, superior à dos cules que a acompanham rumo à China, amedrontados pela lei chinesa, que é simbolizada pela natureza selvagem da fronteira natural cada vez mais exótica quer para Martha, que nunca saíra de Macau, quer para o leitor ocidental.

A própria cidade cristã opõe-se cultural e socialmente ao bazar chinês e às instalações dos empregados (situadas nas traseiras das casas dos estrangeiros) e descritos vagamente, adquirindo assim uma dimensão misteriosa na qual Biddle desaparece ao fugir dos ocidentais. Os outros espaços sínicos, como o mercado e os pagodes, concorrem para a construção de uma esfera exótica paralela à da familiaridade da urbe ‘portuguesa’, pelo que o templo visitado por Martha no Porto Interior, e que o leitor detentor de ‘fluência cultural’<sup>563</sup> infere ser o de Á-Má, se encontra rodeado de uma ‘penumbra’ e de símbolos culturais desconhecidos que a órfã chinesa tenta descodificar:

The black, smoky atmosphere within, the faded silk pendants and altarcloths adorned with flowers and mysterious beasts, the smoke-blackened tablets hanging from the roof, the huge bronze bell [...], the bronze censers stuck with dozens of joss sticks sending upwards their acrid, heavy-scented fumes, everything combined to utter a greeting to her which was inimical<sup>564</sup>.

A enumeração e a adjectivação dupla dos elementos exóticos acompanham o processo de descoberta da jovem que, através de uma analepse externa, recorda o interior das igrejas católicas que visitou na companhia de Auvray e que compara ao pagode por dissemelhança, recorrendo aos cinco sentidos para compreender essa nova dimensão chinesa até então desconhecida e animizada pelo movimento ascendente do fumo de incenso. A percepção sensorial das personagens é fortemente afectada pelo ambiente circundante e, por esse motivo, a descrição do templo é a mais intensa do romance, apenas comparável à atmosfera também exótica da China profunda no final da acção. As várias impressões visuais do local de culto espantam Martha, nomeadamente as mulheres com pés enfaixados, a caligrafia, a atmosfera negra e fumarenta, os pendentos de seda e os panos do altar com fauna e flora misteriosas, o sino de bronze, o cheiro e o fumo de incenso, bem como a imagem da divindade estranhamente vestida. Após o processo de *dépaysement* ou *déplacement*<sup>565</sup>, e através da comparação por dissemi-

---

<sup>563</sup> Conceito de Fernando Poyatos, «Literary Anthropology: Toward a New Interdisciplinary Area», in *idem* (ed.), *op. cit.*, p. 11, próximo do de leitor informado de Fish, *op. cit.*, p. 48.

<sup>564</sup> *CBP*, p. 80.

<sup>565</sup> *Vide* Francis Affergan, *op. cit.*, pp. 25, 37 e James Clifford, *The Predicament*, pp. 13-17, 152-163.



lhança, a jovem conclui que é cristã e não chinesa, optando por viver no mundo dos ocidentais em Macau, embora rodeada por nativos que sempre ouvira descrever como ateus pecadores. Educada num ambiente português até aos nove anos, a órfã vê-se confrontada com uma dimensão que lhe é estranha, a da sua etnia. Se Michèle Longino define exotismo como “[...] tout signe à l’intérieur du discours qui indique, définit, se rapporte à des mondes, à des cultures, à des langues extérieurs à lui-même [...]”<sup>566</sup>, o exótico, ao gerar dúvidas e reflexão, faz que a protagonista se reveja e compare com lusos e chineses para mais tarde se encontrar e definir de forma mais segura e consciente em confronto com o Outro.

Se a protagonista estranha a vivência e o ambiente sínicos do templo, bem como a indumentária ocidental que Ignatius enverga ao regressar do mar, os aldeões na China profunda também se espantam perante Martha quando esta se desloca à Praia de Cacilhas envergando roupa europeia, esboçando-se neste jogo interactivo de espelhos uma marca fundamental do exotismo antropológico e literário: o espanto mútuo e a estranheza face ao que é diferente. Em *CBP*, o Outro não é apenas objecto do espanto do observador-viajante europeu, expressando o primeiro também a sua reacção perante o fenómeno da alteridade e a sugestão do longínquo que o encontro com o ocidental e a percepção da diferença acarretam. Se o narrador descreve maioritariamente o espectáculo da alteridade que Macau representa para o europeu, fica também implícito que o fenómeno da apreensão do exótico é mútuo, pois o vestuário feminino ocidental é ‘roupa de prostituta’ para as mulheres chinesas da cidade e motivo de espanto para os Hoklo: “[...Martha] an object of astounded curiosity, a Chinese in European clothes [...]”<sup>567</sup>. A curiosidade do observador é associada ao exotismo, que rima fonética e semanticamente com erotismo, encontrando-se o espaço da acção repleto de provas dessa rima, pois o fascínio dos europeus pelas mulheres orientais, a miscigenação, as escravas importadas do Império Português e a prostituição são temas relacionados com o ostracismo social, o género e a diferença cultural<sup>568</sup>. O olhar perante o exótico, como veremos, é por isso mesmo um olhar antropológico marcado pelo sentimento de pertença, processo que Tzevtan Todorov denomina exotopia<sup>569</sup> e que tem lugar num

---

<sup>566</sup> Michèle Longino, «Politique et Théâtre au XVII<sup>e</sup> Siècle: les Français en Orient et l’Exotisme du Cid», in Dominique de Courcelles (ed.), *Littérature et Exotisme XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> Siècle*, 1997, p. 38.

<sup>567</sup> *CBP*, p. 288.

<sup>568</sup> Veja-se *ibidem*, pp. 76, 79, 89, 99, 110, 139, 174, 200.

<sup>569</sup> Tzevtan Todorov, *La Conquête de l’Amérique*, p. 254: “[...] une affirmation de l’extériorité de l’autre qui va de pair avec sa reconnaissance en tant que sujet [...]”.



espaço periférico onde se dá o confronto com o Outro, presente, do ponto de vista do leitor ocidental, logo na capa de *CBP* através do retrato de Marta.

### 8.3.1.1 “All things China fashion”<sup>570</sup>: a tradição e o conservadorismo chineses face aos interesses ocidentais

For a Westerner – or for the West – to believe it is possible in anyway to influence China is chimerical [...] since China, like the sea, is adamantine, and of unchanging nature.

Austin Coates, *Myself a Mandarin*, p. 249

O conservadorismo ou a *China fashion*<sup>571</sup>, de que os empregados se servem para recordar aos ingleses que se encontram no Império do Meio e devem respeitar os costumes locais, torna-se uma referência constante ao longo da caracterização da personagem colectiva chinesa. Earl H. Pritchard, ao descrever as principais dificuldades das relações entre britânicos e chineses, menciona a forma como o Império do Meio olha negativamente para todos os ‘bárbaros’ estrangeiros, sobretudo os que não respeitam a sua tradição<sup>572</sup>, atitude relacionada com o constante apelo dos chineses ao *China way* e a sua incessante resposta em *Pidgin English* (“Me no thinke so”)<sup>573</sup> junto dos ingleses, sendo o conservadorismo do povo chinês referido por inúmeros viajantes anglófonos nos séculos XVIII-XIX, como acontece no diário da norte-americana Caroline Hyde Butler Laing (1804-1892) durante as cinco semanas que permanece em Macau, no ano de 1837<sup>574</sup>.

Ao chegar ao enclave no início da acção de *CBP*, Thomas é confrontado com o *modus vivendi* corrupto dos ingleses e com o forte apego chinês à tradição, ou seja, o *China way*, conceito recorrente no romance e que caracteriza os empregados conser-

<sup>570</sup> *CBP*, p. 45.

<sup>571</sup> *Ibidem*, pp. 11, 15, 17, 21-22, 35, 39, 40, 45, 67, 109, 129, 152-153, 167 (variante: “China way”).

<sup>572</sup> Earl H. Pritchard, *Britain and the China Trade 1635-1842*, p. 107.

<sup>573</sup> Vide Sherard Osborn, *Past and Future of British Relations with China*, 1860, p. 9.

<sup>574</sup> Caroline Hyde Butler (Laing), «Journal on a Trip to China 1836-1837», New York Historical Society, versão dactilografada anexa ao original, pp. 154-155, 183 [sobre esse diário inédito, veja-se Rogério Miguel Puga, «Macau nos Anos (18)30: O Diário de Caroline Hyde Butler Laing (1837)», *Revista Portuguesa de Estudos Chineses (Zhongguo Yanjiu)*, vol. 1, n.º 2, segundo semestre de 2007, pp. 71-112].

vadores, compreendidos cada vez melhor pelo sobrecarga, como o narrador enfatiza através da comparação e da repetição reforçada pelo expletivo: “This was China fashion, it seemed; and China fashion was in its own way as ritualistic as the East India Company sitting down to supper”<sup>575</sup>. Durante a sua primeira viagem comercial a Cantão, Van Mierop apercebe-se de quão pouco conhece o misterioso Oriente e a sua própria casa: “[...] an extraordinary way of life, with conventions entirely its own [...] demanding special adaptation, special recourses [...]”<sup>576</sup>. Como vimos na segunda parte, os ocidentais, em permanente conflito com as autoridades mandarínicas, são frequentemente informados de que não podem mudar nem ignorar a velha ordem inalterável, a *China fashion*<sup>577</sup>, expressão-chave que sugere, indirectamente e de forma económica, a vivência e os valores do espaço cultural chinês e complementam os detalhes psicológicos e sociais do quotidiano das personagens e da descrição da civilização sinica, nomeadamente os sons, o vestuário, as cores e as práticas religiosas, entre outros sistemas de comunicação não verbal que atribuem um maior grau de realismo e cor local à narrativa. Os tiques e gestos espontâneos como sorrir, tossir, fumar, suspirar e vestir conferem um efeito cénico à acção e concorrem para a caracterização indirecta das personagens, bem como dos seus estados de espírito, assim materializados exteriormente. As personagens comparam-se ainda entre si quer por semelhança, quer por dissemelhança, complementando a caracterização física e psicológica que o narrador leva a cabo, por exemplo, a partir da observação e dos pensamentos de Biddle quando este conhece Thomas e estuda o seu carácter.

A repetição de expressões e termos denominados *cultural code words*<sup>578</sup>, como *China way/fashion*, enfatizam o processo de adaptação do recém-chegado a Macau e o seu respeito pela cultura e pelos valores chineses. Tal como o Oriente, também Martha é inicialmente uma misteriosa presença para o sobrecarga, que deseja “[...] penetrar cada um dos seus mistérios [...]”<sup>579</sup>, servindo-se o narrador de uma linguagem com conotações amorosas e eróticas para veicular essa intenção. O jovem oficial cedo

---

<sup>575</sup> *CBP*, p. 35.

<sup>576</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>577</sup> Para além do narrador (*ibidem*, pp. 11, 21, 35, 40, 45), são várias as personagens que o afirmam, nomeadamente Biddle, Thomas e Martha (*ibidem*, pp. 15-17, 22, 40).

<sup>578</sup> Boye Lafayette De Mente, *NTC's Dictionary of China's Cultural Code Words*, 1996, p. xv utiliza esse conceito para designar vocábulos ou expressões idiomáticas (“key code words/culture-bound words”) que reflectem o carácter de um povo e têm profundas implicações culturais na forma como este se vê e é observado por terceiros.

<sup>579</sup> *CBP*, p. 48; tradução nossa.

se apercebe da necessidade de manter a sua casa em ordem, princípio vital para os chineses, sendo esse tema constante entre os empregados sínicos, que apenas trabalham de forma eficaz tendo como suporte a hierarquia de funções e os estatutos designados pelo mestre do lar ou pelo comprador. Através da temática do conservadorismo o narrador reforça a mensagem que a protagonista aprende e que consiste no facto de existirem formas de viver culturalmente específicas, realidade materializada nas atitudes, nas crenças e nos hábitos das várias etnias e nacionalidades que interagem no entreposto, como veremos de seguida.

### 8.3.1.2 “To risk loss of face”:<sup>580</sup> salvar a face e defender interesses pessoais

O medo chinês de ‘perder a face’, ou seja, a honra e o prestígio social, remete para a dimensão etno-histórica de *CBP*, uma vez que o narrador associa, de forma informada, a moral, as crenças, as relações interpessoais, o crédito social e o *modus vivendi* sínicos<sup>581</sup>. A preocupação de ‘salvar a face’ é onnipresente ao longo da acção, relacionando-se em termos simbólicos com o episódio inicial em que Martha arremessa um tinteiro à cara de Teresa da Silva, manchando-lhe a face com a tinta que cobre toda a cicatriz da portuguesa, impossibilitando-lhe novo casamento com um mercador espanhol das Filipinas<sup>582</sup>, acto de revolta da adolescente perante a traição da viúva, que fica, assim, com uma marca permanente da sua falta de honestidade.

Ao longo da narrativa são várias as referências ao conceito chinês de face, bem como à perda desta<sup>583</sup>, acabando esse princípio moral e social por influenciar as atitudes dos europeus que tentam não perder o respeito dos empregados e parceiros comerciais nativos. Durante a crise do ópio, o narrador informa que a face do vice-rei de Cantão está em jogo, veiculando a seriedade e a magnitude do episódio: “Loss of face in China

<sup>580</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>581</sup> Para Mayfair Mai-hui Yang, *Gifts, Favors & Banquets: The Art of Social Relationships in China*, 1995, p. 140, o conceito cultural de face é um mecanismo importante através do qual os chineses veiculam as noções de obrigação e reciprocidade, levando a perda de face ao ostracismo social e à destruição do ‘ego’. Vejam-se também Arthur H. Smith, *Chinese Characteristics*, 1894, pp. 16-18; Lloyd E. Eastman, *op. cit.*, pp. 37-38 e Boye Lafayette De Mente, *op. cit.*, pp. 245-247.

<sup>582</sup> Sobre o estatuto especial dos mercadores espanhóis de Manila em Macau e as relações comerciais do enclave com as Filipinas, veja-se Benjamim Videira Pires, *A Viagem de Comércio Macau-Manila nos Séculos XVI a XIX*, 1987.

<sup>583</sup> *CBP*, pp. 39, 79, 100, 168, 203. O romance de James Clavell *Tai-Pan*, pp. 137-143, 250, 437, 496, 629, 677 aborda este conceito.

demanded retribution as perhaps nothing else did to quite the same extent”<sup>584</sup>. Adquirir e manter prestígio social e honra são, pois, valores essenciais, especialmente no que diz respeito às figuras públicas, preocupação também presente nas atitudes e no vocabulário das personagens ocidentais, como o próprio Thomas, que teme ‘perder a face’ junto dos empregados<sup>585</sup>.

Os dois conceitos chineses de face – *mien-tzŭ* e *lien* – encontram-se presentes na obra<sup>586</sup>, referindo-se o primeiro termo à idoneidade que se consegue através do esforço pessoal, do sucesso e da ostentação e o segundo ao respeito conquistado pela boa reputação moral e a honra no seio da comunidade, assim também enriquecida<sup>587</sup>. Se Thomas deseja e consegue que os seus empregados e colegas o respeitem (*mien-tzŭ*), Fong, após ter sido violada por Cuming, dirige-se a Martha para lhe pedir ajuda, arriscando perder a face (*lien*)<sup>588</sup>, sabendo a protagonista que os ingleses não se preocupam em salvar a sua honra no mundo feminino chinês ao abandonarem as amantes nativas e mães dos seus filhos bastardos, situação para a qual remete a hermenêutica do título da obra. É, portanto, simbólico o facto de Thomas pedir a Martha que case com ele para mostrarem as suas faces juntas na rua e, assim, assumirem publicamente a sua relação de forma digna e honrosa, sem vergonha e sem ‘esconder a cara’, destacando-se o inglês ao manter a sua palavra perante a amada e os colegas da E.I.C., enquanto Martha conquista a sua face pública (*mien-tzŭ* e *lien*) quando do baptismo do *Merop* e ao buscar e conseguir um apelido que simbolize a sua ‘face’ social. A consulta de dicionários e glossários do chamado dialecto cantonense dos séculos XVIII-XIX<sup>589</sup> permite-nos concluir que o narrador de *CBP*, ao recorrer a termos/conceitos como ‘face’, faz uso da terminologia utilizada pelos ocidentais em Cantão e Macau no século XVIII, concorrendo a dimensão linguística também para a representação da cor local da Macau setecentista no romance.

---

<sup>584</sup> *CBP*, p. 168.

<sup>585</sup> *Ibidem*, p. 100.

<sup>586</sup> *Ibidem*, pp. 39, 79, 168, 203.

<sup>587</sup> Cf. Hsien Chin Hu, «The Chinese Concepts of “Face”», *American Anthropologist*, nova série, vol. 46, n.º 1, parte 1, Janeiro-Março de 1944, p. 54.

<sup>588</sup> De acordo com Mayfair Mai-hui Yang, *op. cit.*, p. 3, a pessoa que pede um favor perde a face se este não for satisfeito.

<sup>589</sup> John Robert Morrison, «A Glossary of Words and Phrases Peculiar to the Jargon Spoken at Canton», pp. 1-2. O documento lista outras expressões utilizadas em *CBP*, como: *Can do?*, *Fashion*, *Ol’o Custom*, *Pidgeon* e *Savee*.

## 9. A POÉTICA DA ALTERIDADE

The fragrant China fir [...and] the bamboo and rice straw.

*CBP*, pp. 306 e 305, respectivamente

O exótico, ao implicar a existência de diferentes culturas e identidades, enfatiza a(s) geografia(s) do romance e as posições que as diversas personagens assumem no espaço da acção. Muitos dos elementos do romance abordados neste subcapítulo são referidos pontualmente noutras partes deste estudo, pois a alteridade ou estética do diverso<sup>590</sup> é uma temática recorrente na obra, encontrando-se associada a outros temas, nomeadamente a etnia, o género<sup>591</sup> e a caracterização quer espaço-temporal, quer das personagens que interagem num espaço simultaneamente familiar e exótico aos olhos dos recém-chegados europeus e de chineses como Martha, que, ao sair para o exterior de Macau, descobre gradualmente as esferas europeia e oriental da cidade-fronteira.

Como vimos na segunda parte, no que diz respeito aos relatos de viagem, o exotismo e o pitoresco são temas recorrentes nas descrições dos espaços ocidentais e chineses do enclave<sup>592</sup>, pois ambas as civilizações aí presentes descobrem uma dimensão (etnográfica) Outra que é necessário descodificar para melhor entender, encontrando-se a representação da alteridade intimamente relacionada com a posição, os interesses, preconceitos, juízos de valor e expectativas de quem descreve e comenta, pois, como afirma Tzevtan Todorov, “[...] la différence n’est pas dans l’objet évoqué, mais dans l’attitude qu’adopte l’auteur à son égard [...]”<sup>593</sup>; daí as diferentes atitudes de Thomas e Cuming perante os nativos, no caso do primeiro respeitados e do segundo considerados

---

<sup>590</sup> Expressão de Victor Segalen, *Essai sur l’Exotisme*, 1999, pp. 41-43.

<sup>591</sup> Sobre a relação entre etnia, exotismo e género, consulte-se Paul Julian Smith, *Representing the Other: Race, Text and Gender in Spanish and Spanish American Narrative*, 1992, pp. 1-23.

<sup>592</sup> Por exemplo, Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-lâm, *op.cit.*, descrevem as práticas culturais dos ‘bárbaros’ portugueses que governam a cidade em 1751.

<sup>593</sup> Tzevtan Todorov, *Nous et les Autres*, 1989, p. 363. Também Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Babel ou a Ruptura do Signo: A Gramática e os Gramáticos Portugueses do Século XVI*, 1983, pp. 172-185, 290; *idem*, «Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa», in Ana Margarida Falcão et al. (org.), *Literatura de Viagem: Narrativa, História, Mito*, 1997, pp. 565-578 e Graham Huggan, *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*, 2001, p. 13, descrevem o exotismo como forma de percepção estética que oscila entre os pólos (opostos) do estranho e do familiar.

inferiores. Essas posições são complementadas através do olhar crítico do narrador ao representar a paisagem humanizada em transformação, sobretudo durante a crise do ópio e a chegada das mulheres inglesas ao enclave, episódios que dão origem a mudanças sociais. A própria Martha tem consciência do estatuto que conseguiu perante o presidente do Comité Selecto, Henry Browne, afirmando que essa possibilidade tem de ser aproveitada ao máximo, pois dentro de alguns anos nenhum presidente se recordará de quem ela é ou visitará a sua casa<sup>594</sup>, ou seja, a protagonista demonstra ter-se apercebido, ao longo do seu processo formativo, quer da noção do fluir do tempo, quer da mudança de circunstâncias que leva o poder político a mudar de mãos.

Ao chegar à Rada de Macau, Thomas redige as suas primeiras impressões sobre a paisagem europeia e familiar da cidade, talvez por desejar, longe de Twickenham, a segurança de um espaço com o qual se identifique, por oposição ao campo semântico da inospitalidade que permeia os excertos iniciais do seu diário, cuja redacção o mesmo justifica com a sensação de exotismo que torna único e subjectivo qualquer relato de viagem: “[...] it is in man’s nature to leave in some permanent form a record of his passage through distant and curious places”<sup>595</sup>. O Império do Meio, “[...] a land so alien and remote as to defy imagination [...]”<sup>596</sup>, é apresentado inicialmente como local de exílio para o sobrecarga e espaço de origem de exóticas e luxuosas mercadorias que a Europa procura cada vez mais, enquanto a arquitectura lusa do enclave leva o inglês a pensar que se encontra em Portugal, não fossem os pregões dos vendilhões chineses. Se na cidadela cristã o exterior dos edifícios é português, o interior dos mesmos, pavimentado com tijoleiras vermelhas<sup>597</sup>, é também chinês, materializando-se assim a dualidade cultural da vida a que os residentes europeus se habituam<sup>598</sup>, e que se encontra presente também na terceira sextilha do poema «Macao», de Austin Coates, que analisámos na primeira parte.

---

<sup>594</sup> *CBP*, p. 283.

<sup>595</sup> *Ibidem*, p. 2. O prólogo descreve os microespaços do exílio no Sul da China através de adjetivos como “inhospitable” e substantivos como “lawlessness” (*ibidem*, p. 3).

<sup>596</sup> *Ibidem*, p. 3. O narrador repete essas palavras de Thomas “[...] remote Cathay [...] distant and curious places [...]” (*ibidem*, pp. 1 e 2, respectivamente).

<sup>597</sup> *Ibidem*, pp. 87, 124, 180. Também na literatura portuguesa a caracterização realista do espaço doméstico de Macau apresenta semelhanças com a de *CBP*, como o pavimento das casas e os vasos de flores, nomeadamente em Deolinda Conceição, que, no conto «A Feiticeira», in *Cheong-Sam: A Cabaia*, 1995, p. 101, descreve a “[...] frontaria rústica, janelas de um verde brilhante, um pátio de ladrilhos encarnados onde numerosos vasos de flores punham um colorido exótico.”

<sup>598</sup> *CBP*, p. 11: “China fashion-for years had toned him [Biddle] into the landscape [...]”.

Com o passar do tempo também Thomas se apercebe do esbater da sensação do exótico, à medida que a cidade se torna um local cada vez menos desconhecido. Após cada regresso de Cantão, o *jamaís vu* inicial torna-se *dejá vu*, desaparecendo o ambiente misterioso que envolve as sensações auditivas das conversas entre chineses, as sensações olfactivas do sândalo e do incenso chinês, o vestuário, o corte de cabelo dos cules, o *C.P.E.* e as casas rasas do bazar chinês. O exótico torna-se, assim, sinónimo de novos saberes e do enriquecimento da experiência pessoal, como refere o narrador:

Familiar now with the magnificence of Chinese residences in Canton, Thomas was no longer impressed by the ornate Chinese seats and carved 'horsebox' doors, nor even by the indoor flowering plants, all of which had formerly pleased his eye, but which now seemed plebeian. This time what he noted was a Portuguese atmosphere, the typical orange tiles from Macao, the partly European construction of the building<sup>599</sup>.

O residente europeu assimila a diferença cultural através da comparação com o familiar, tornando-se o discurso sobre a alteridade uma estratégia narrativa ao serviço da caracterização do espaço, das personagens e dos contrastes sociais, o que chama a atenção para o facto de os ingleses enfrentarem em Macau dois Outros, o chinês e o português. Por seu lado, a fisionomia oriental, o vestuário e os gestos europeus de Martha e Ignatius, bem como o *patois* e a culinária macaenses, materializam a cultura crioula e a dualidade do território que Christina Miu Bing Cheng denomina *cultural Janus*<sup>600</sup>.

Devido à intensidade e à recorrência das descrições da flora local, esta é um dos motivos literários mais associados à estética do diverso. As plantas do jardim de Martha, tal como os *half-casts*, simbolizam o contacto entre as diferentes etnias do Império Português na urbe, adensando-se os campos semânticos do exotismo e da diversidade:

[...] a *varied* display of flowers [...] *numerous rarer* blooms *exquisitely* flowering entirely out of season [...] seasonal narcissi, foxgloves, begonias, asters, *African violets*, and daisies, tearoses and carnations of the *Chinese spring* [...] *rare* orchids from the *South Seas* dangled from hanging pots and [...] *coconut shells*. *Dwarf trees*, each with a high market value, were being twisted into *weird* shapes, and highly *unusual* plants *seldom seen* in South China were flourishing as if in their natural habitat<sup>601</sup>.

<sup>599</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>600</sup> Christina Miu Bing Cheng, *Macau: A Cultural Janus*, 1999.

<sup>601</sup> *CBP*, pp. 122-123; itálicos nossos.

A enumeração, a adjectivação e os advérbios de modo<sup>602</sup>, enquanto artifícios da poética da alteridade, suportam o campo semântico da abundância associado ao exotismo da “multiracial Macao”<sup>603</sup>, também habitada por uma comunidade mercantil cosmopolita constituída, entre outros, por europeus, africanos, timorenses e chineses. A descrição da flora e da fauna do território repete-se quando da visita de Martha e Ignatius ao jardim e aviário de Abraham Biddle, no final da acção, momento em que a protagonista já goza de liberdade para observar a exótica e afamada construção: “[...] a row of structures made of fine strips of wire, a rarity in Macao [...]. It was the aviary, which she had so often heard of, but never seen. Swings and perches bearing remnants of their once gay colours were suspended within the frames [...]. From a nearby house wafted the heavy perfume of incense [...]”<sup>604</sup>. O exotismo, enquanto estratégia narrativa, serve também de metáfora para a decadência económica de Biddle e uma vez mais o campo semântico do espanto e da diversidade enriquece o texto e veicula de forma económica o sentimento de novidade e o aspecto singular dos espaços exteriores da Macau setecentista. Este episódio prepara o leitor para a descrição da paisagem natural e ainda mais exótica da China profunda, na qual a protagonista se aventura, alargando-se os planos de perspectiva, do próximo para o longínquo, através da mobilidade física e visual:

Before them the land fell away into open countryside, dotted here and there with small Chinese villages. Away to their left flowed the West River, to their right the grander expanse of the Pearl River, each descending southward from the same panorama of isolated hills and mountains rising from the flat green rice land. [...] Once away from the streets there was an unexpected sense of isolation. On the slopes that fell gently before them were hundreds of Chinese tombs, low ovals of stone and plaster [...] <sup>605</sup>.

O passeio, a sensação de isolamento e a observação afectiva de Martha na China mais profunda permitem ao leitor acompanhar o séquito da personagem pelo mundo

---

<sup>602</sup> As atitudes e os gestos das personagens ao longo do romance são caracterizados pelas centenas de advérbios de modo, que geram uma rima interna constante (“\_\_ly”).

<sup>603</sup> *Ibidem*, p. 135. O adjectivo “multiracial”, juntamente com a abordagem de temas como a miscigenação, a alteridade e o género, demonstra a sensibilidade do narrador relativamente a conceitos e objectos de estudo da antropologia, como vimos nos últimos capítulos.

<sup>604</sup> *Ibidem*, pp. 285-286.

<sup>605</sup> *Ibidem*, p. 287.



recém-descoberto, sendo vários os retratos pitorescos e elementos paisagísticos descritos pelo narrador, pois fora da urbe o alcance visual da paisagem natural dilata-se, enquanto a protagonista encontra uma liberdade e um espaço vizinho até então desconhecidos.

O problema de comunicação entre os chineses de Macau que falam cantonense e a etnia Hoklo remete quer para a distanciação espacial e cultural, quer para o problema da interação entre as próprias etnias sínicas, tornando-se o exotismo linguístico uma presença constante no texto também através do *C.P.E.* e do episódio em que o calígrafo chinês redige o apelido de Martha no barco desta última<sup>606</sup>. A mútua sensação de exotismo entre europeus e orientais é igualmente descrita através da perspectiva espacial<sup>607</sup> quando da inauguração do *Merop*, pois os cerimoniais religiosos chineses e portugueses encontram-se lado a lado, provando que ambas as comunidades aceitam e apoiam a vitória de Martha<sup>608</sup>. Todos esses elementos, bem como as demais práticas e marcas culturais observadas pelas personagens concorrem para a representação exótica (de um espaço regional e de um tempo pretérito) da qual *CBP* retira grande parte da sua originalidade, sobretudo ao conferir predominância às vozes do Outro oprimido na sua própria terra, jovens chineses ou macaenses como Martha, Fong e Ignatius, que se expressam de forma legítima e não apenas como *outsiders*, não se limitando o romance a apresentar a visão euro/etnocêntrica do patriarca ocidental<sup>609</sup>. O exótico torna-se, assim, também uma forma de crítica cultural no contexto histórico específico da Macau setecentista.

Quanto ao espaço português do entreposto, mais familiar para a personagem e para o leitor ocidentais, a confraternização das diversas comunidades dá-se sobretudo em bailes, jantares e saraus oferecidos por membros da elite local, bem como em passeios pelas sinuosas ruas<sup>610</sup>. A imagem ‘sonolenta’ da cidade que Thomas descreve

<sup>606</sup> *Ibidem*, p. 300: “He contemplated the barbaric simplicity of foreign language.”

<sup>607</sup> *Ibidem*, p. 306: “Before her [Martha] lay the low, house-covered hills of Macao [...]. Behind her rose the masts and rigging, and beyond this the pale green, grass-covered hills of China”.

<sup>608</sup> *Ibidem*, pp. 301-303.

<sup>609</sup> Sobre o romance exótico, vejam-se Denise Brahimi, «Enjeux et Risques du Roman Exotique Français», in Alain Buisine e Norbert Dodille (eds.), *L'Exotisme: Cahiers Centre de Recherches Littéraires et Historiques*, n.º 5, 1988, pp. 11-18; Jean-Claude Carpanin Marimoutou, «L'Exote Exotique. Entre “Récit Exotique” et “Roman Colonial”, le “Roman Réunionnais”», in *idem, ibidem*, pp. 259-266; Tzvetan Todorov, *Nous et les Autres*, pp. 409-445 e Graham Huggan, *op. cit.*, pp. 71-82.

<sup>610</sup> O intrincado tecido urbano do enclave, nomeadamente o da Penha, é representado através da descrição das estreitas vias de comunicação: “The Ridge was a maze of narrow cobbled streets, with mounting and descending calçadas twisting among high walls and shuttered houses [...]” (*CBP*, p. 65).

à sua chegada<sup>611</sup>, e que é recorrente nas literaturas de expressão inglesa<sup>612</sup>, acentua-se durante as *trading seasons*, pois, nos períodos de ausência dos sobrecargas, as ruas do território ficam mais calmas, como podemos verificar através da repetição da expressão “quiet streets”, na página 129 de *CBP*. O pitoresco é sugerido através da descrição dos canhões obsoletos e enferrujados, também presentes no poema «Macao», bem como da pintura esbatida das casas que adornam as calçadas do estabelecimento, enquanto o aspecto decadente das habitações leva Thomas a pensar que a urbe tem sempre o mesmo ar: “[...Thomas] looked out at the street. Nothing had changed. For thirteen years nothing had changed except, occasionally, the paint”<sup>613</sup>. O tempo e o espaço<sup>614</sup> caracterizam-se mutuamente, e o cronótopo urbano que inicia o romance, quando da chegada do sobrecarga, contrapõe-se mais tarde, de acordo com o mesmo, ao desenvolvimento quase nulo ou imperceptível da cidade, como se o único movimento obser-

---

<sup>611</sup> *Ibidem*: “[...] no one seems to be in any haste here [...]” (p. 8) e “[...] the siesta [...] an air of somnolence [...]” (p. 16), imagem repetida na caracterização do espaço e do tempo nocturnos do enclave: “It was past midnight, Macao lampless and silent, every shutter of the house closed [...]” (p. 35).

<sup>612</sup> Vejam-se George W. Long, «Macao, a Hole in the Bamboo Curtain», *The National Geographical Magazine*, vol. 103, n.º 5, Maio de 1953, p. 679: “Over all lies the spell of sunny Portugal. Except among the Chinese, life is unhurried; there is a forever-*siesta* atmosphere [...]” (itálico nosso). O narrador do conto «In Macao», de Charles A. Gunnison, representa a pacata vida e a inércia social do enclave, associando o espaço e o tempo de forma profunda: “[...] Macao, a feast of colour, red roofs, many-hued walls, green trees and brilliant gardens [...]”. *Sleepy Macao* [...]. The drowsy city [...]” (*idem, ibidem*, in *Wright American Fiction*, vol. 3, 1892, pp. 17, 24, 33, respectivamente; itálicos nossos), tal como o poema «Macao», de Gerald H. Jollie (1921-1950): “A city *somnolent* with noontday heat/Transformed and shadowed with romance by night” (Gerald H. Jollie, «Macao», in *op. cit.*, p. 26; itálico nosso). Sobre o carácter sonolento do enclave, consultem-se ainda Jonathan Porter, *op. cit.*, pp. 78 (“perpetual somnolence and decay”), 93, 136; Frank Lei, «Photo. Frank Lei. The Sleeping City», *China Perspectives: Macau*, n.º 26, Novembro-Dezembro de 1999, pp. 66-71 e J. H. Parry, *op. cit.*, p. 87.

<sup>613</sup> *CBP*, p. 174. Esta sensação é repetida mais tarde, quando Thomas regressa ao escritório de Biddle, primeira casa em que a personagem entrara em Macau e que se mantém inalterável ao fim de tantos anos, tal como o resto do lar dos Sequeira (*ibidem*, pp. 180-181). A afirmação inicial dos colegas do sobrecarga é então recordada: “Time moves more slowly here than it does in England [...] and we tend to be left behind [...]” (*ibidem*, p. 33), sensação acentuada pela ausência de mulheres europeias no enclave.

<sup>614</sup> Jean Molino, «Qu’Est-ce Que le Roman Historique», *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, vol. 75, n.º 2-3, Março-Junho de 1975, p. 215, estabelece uma forte relação entre espaço e tempo no romance histórico: “Cette précision extrême, aussi bien topographique que chronologique, donne naissance aux deux éléments de récit constitutifs de l’ouverture du roman historique; les topos de la date et le topos du lieu. La signification fonctionnelle de ces éléments est double; il s’agit en même temps de situer et d’éloigner [...]”, processo que se torna duplo em *CBP*, pois a acção histórica tem lugar num espaço exótico.

vável fosse o dos vagarosos *fastboats* para Cantão. No entanto, essa imagem altera-se ao longo da acção através de episódios que marcam o progresso social, como o incidente do *Lady Hughes*, a chegada das primeiras mulheres inglesas ao território, a crise do ópio e a vitória de Martha.

O exotismo e a vivência multicultural tornam-se questões gnoseológicas, apontando para formas diferentes de observar, inquirir e construir mundos-Outros. O confronto com a alteridade permite ao viajante conhecer melhor o mundo em geral, tendo o processo de formação de Martha lugar num espaço que exige um esforço diferente do que é exigido por uma cidade mais familiar aos níveis cultural e étnico, como a Londres do século XVIII. Como veremos na última parte deste estudo, *CBP* é, assim, também um *Bildungsroman* feminino, cuja acção ganha forma no espaço exótico e duplamente desafiante da Macau setecentista.

## 10. “THE BABEL OF THE CHINESE MARKET”<sup>615</sup>: AS DIMENSÕES POLIFÓNICA E POLIGLOTA DO ROMANCE

Se a representação das línguas ou dos dialectos regionais no discurso directo das personagens é uma das estratégias narrativas mais referidas relativamente aos romances históricos de Sir Walter Scott<sup>616</sup>, também *CBP* utiliza os diferentes sotaques e línguas que se ouvem em Macau como símbolos do passado ficcionalizado e marcas do sentimento de pertença que distinguem quer as comunidades, quer o pensamento de personagens específicas, como acontece quando Cuming se dirige a Martha utilizando termos pejorativos como “gentle harlot”<sup>617</sup>, que o narrador jamais utilizaria, ou os empregados chineses se referem a Urquhart como “Uk hak”, adaptando sons estrangeiros à fonética chinesa<sup>618</sup>. As personagens autocaracterizam-se através do seu registo linguístico, e

---

<sup>615</sup> *CBP*, p. 68.

<sup>616</sup> Veja-se Virginia Woolf, *The Moment and Other Essays*, 1947, p. 57; Harold Ovel, *op. cit.*, p. 8; Mary Lascelles, *op. cit.*, pp. 136-160 e David Lodge, *After Bakhtin*, pp. 30-31. Georg Lukacs, *op. cit.*, p. 42, afirma que a componente dramática do romance, as línguas e os falares das personagens representam a realidade histórica e “concentram” a caracterização do espaço e do tempo, fenómeno também associado à representação do exótico (*idem, ibidem*, pp. 205-231).

<sup>617</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>618</sup> *Ibidem*, p. 44.

Inez compara-se a um búfalo, retirando, assim, o texto partido da simbologia de expressões idiomáticas chinesas como “[...] she had worked like a buffalo (to use her own phrase) [...]”<sup>619</sup>.

O narrador aproveita os momentos de tensão para, também através do nome das personagens, demarcar a esfera cultural a que estas pertencem, como acontece com o nome próprio Dominie, que, anglicizado ao ser utilizado pelo narrador e pelas personagens inglesas<sup>620</sup>, se transforma em “Dominica” quando proferido por portugueses<sup>621</sup>, sendo a nacionalidade e o ponto de vista de quem ‘fala’ identificados através da metonímia. Já os chineses conhecem Martha pelo nome comercial com que a protagonista assina a sua conta na firma de Pedro da Silva, *Number Two*, ou em chinês *Dai I*, e caracterizam a sua astúcia e a sua perícia comercial através da metáfora sínica “fingers of gold”<sup>622</sup>. Os diversos termos que o narrador emprega para se referir à jovem identificam a focalização das diferentes personagens e a forma como estas a vêem: o eufemismo *pensioner*<sup>623</sup> transforma-se no ‘disfemismo’ *prostitute*<sup>624</sup> nas falas do bispo e do secretário da firma Gonçalves Sequeira, deixando transparecer a moral vigente no espaço da acção e, conseqüentemente, as diferentes fases de evolução e da imagem pública da protagonista. Macau – “a society [of] covert publicity”<sup>625</sup> – é considerada uma cidade de eufemismos pelo narrador<sup>626</sup> quando refere a prática discursiva, a falsa moral e as diferentes perspectivas e ângulos de visão dos residentes ingleses, que mantêm amantes tratadas na prática quase como prostitutas e socialmente como *pensioners*, sobretudo nos documentos e na contabilidade oficial da E.I.C. Essa informação manipulada é enviada do enclave e da Índia para Londres e oculta os jogos locais de interesses, a corrupção<sup>627</sup> e a hipocrisia de homens como o presidente do Comité Selecto, que evidencia as diferentes versões da história que os interessados podem pro-

---

<sup>619</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>620</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>621</sup> *Ibidem*, p. 231. Esta prática é comum nas referências a ingleses em fontes portuguesas. Por exemplo, na documentação relativa ao episódio que envolve Francis Scott, acusado de assassinar um chinês, o primeiro é referido como “Francisco” [Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 1, doc. 24, p. 75].

<sup>622</sup> *CBP*, pp. 195-196 e 116-117, respectivamente.

<sup>623</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>624</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>625</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>626</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>627</sup> Veja-se a referência aos subornos dos agentes alfandegários chineses pelos ingleses quando das viagens ilegais a Cantão entre as *trading seasons* (*ibidem*, p. 47).

duzir ao comentar: “[...] many things Macao knew about the East India Company which England never knew”<sup>628</sup>. O comentário da personagem aproxima-se de um outro, da autoria do viajante russo Hermann Ludwig Löwenstern (1777-1836), que, em Macau, afirma sobre os britânicos que aí residem no início do século XIX: “The Bengali splendor shoots through the bones of all the English here and makes them unsociable. They appear also to have other basic laws here than in England”<sup>629</sup>.

O narrador de *CBP*, para além de descrever os pensamentos das personagens através do processo que Mitchell A. Leaska denomina pontos de vista interiores múltiplos<sup>630</sup>, recorre à percepção que elas têm dos estados emocionais ou psicológicos das demais para as caracterizar directa e indirectamente: “Her words were completely unreasonable, and it showed him [Thomas] the depth of her unexplained mental disarray”<sup>631</sup>. Após a partida final de Thomas, acumulam-se no romance longas pausas narrativas constituídas pelas reflexões de Martha, que veiculam a sua tensão psicológica num período de extrema importância para a vida da futura viúva, enquanto o narrador apresenta, na página 250, através de um processo de *mise-en-abyme*, os pensamentos de Pedro da Silva através dos da protagonista, que os equaciona e avalia para poder agir num momento de tensão.

Os gestos e tiques que materializam o estado de espírito das personagens e que lhes conferem uma existência mais ‘comum’ e natural, bem como as interjeições<sup>632</sup> e o registo específico das mesmas, como o *C.P.E.* ou *patois*, enriquecem a caracterização espaço-temporal da acção, enquanto os diálogos – que ocupam cerca de 30% do romance – caracterizam as personagens e intensificam o efeito dramático do texto<sup>633</sup>. A construção do discurso directo ou ‘representado’ assenta muita da sua expressividade nos sons, nas expressões e pausas durante conversas (in)formais, nomeadamente

---

<sup>628</sup> *Ibidem*, p. 283. Ronald Hyam, *Empire and Sexuality*, 1992, p. 108, aborda esta questão, inclusive após a fundação de Hong Kong: “The presence of colonial society always imposed the need for discretion, as gossip was rife [...]”, funcionando Macau como local de retiro para o prazer anónimo dos ingleses.

<sup>629</sup> Hermann Ludwig von Löwenstern, *The First Russian Voyage around the World: The Journal of Hermann Ludwig von Löwenstern, 1803-1806*, 2003, p. 382.

<sup>630</sup> Mitchell A. Leaska, «The Concept of Point of View», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *op. cit.*, p. 170.

<sup>631</sup> *CBP*, p. 161.

<sup>632</sup> *Ibidem*, p. 67: “Tut-tut”.

<sup>633</sup> Sobre o discurso directo no romance inglês, vejam-se N. Page, *Speech in the English Novel*, 1973 e David Lodge, *After Bakhtin*, pp. 75-86.

os termos de iniciação de diálogos como “well” ou os *stopgap noises* como “er”<sup>634</sup>, as pausas e os vazios nas falas em momentos de tensão, marcados por travessões e reticências, como acontece nas páginas em que o leitor assiste ao casamento simbólico do casal Van Mierop, as mais ricas em discurso directo<sup>635</sup>. Como já vimos no subcapítulo 7.1, a informação que nos é inicialmente transmitida pelo narrador é modificada e recontada através das falas das personagens, que veiculam novos dados e pontos de vista sobre acontecimentos passados. Esta estratégia concorre para a dimensão polifónica da narrativa, que se encontra constantemente em aberto.

O uso do *C.P.E.*<sup>636</sup> por parte dos empregados chineses reflecte a relação de *master-servant* num ambiente de contacto comercial, enquanto o recurso aos diversos registos e modelos de escrita veicula o grau de (in)formalidade de determinadas situações como, por exemplo, a transcrição da nota que Cuming envia a Biddle<sup>637</sup> e a mensagem deste último para Martha<sup>638</sup>, distinguidos graficamente da ‘voz’ do narrador através de letras maiúsculas, tal como a carta que Alexander Duncan<sup>639</sup> dirige a Cuming e na qual se pode observar a focalização protestante face à autoridade dos “Romish priest[s]”<sup>640</sup> no enclave setecentista.

As missivas e os registos situacionais, como a linguagem ‘legal’ utilizada pelo presidente da Companhia<sup>641</sup>, tornam-se elementos essenciais da intriga ao veicular mensagens e ideologias subjacentes às atitudes e aos pontos de vista das personagens e ao enfatizar o carácter polifónico e as circunstâncias históricas da acção, enquanto rentabilizam as capacidades comunicativas dos modelos de escrita presentes no romance. Se a redacção de diários e narrativas de viagem é uma prática comum entre os sobre-

---

<sup>634</sup> *CBP*, pp. 39, 93.

<sup>635</sup> *Ibidem*, pp. 213-216.

<sup>636</sup> Para um estudo sobre a origem do termo *pidgin* e das diferentes teorias da formação dos *pidgins*, bem como da influência do português no *C.P.E.*, vejam-se Loretto Todd, *Pidgins and Creoles*, 1974, pp. 1-41, 70-99, o texto anónimo «Art. VII. Jargon Spoken in Canton: How it Originated and Has Grown into Use», *The Chinese Repository*, vol. 4, Janeiro de 1836, n.º 9, pp. 428-435 e o nosso capítulo seguinte.

<sup>637</sup> *CBP*, p. 171. A teoria mais aceite em relação à origem etimológica do termo (do inglês *business*) demonstra o contexto comercial em que o *pidgin* surge (vide Robert A. Hall, «Chinese Pidgin English Grammar and Texts», *Journal of the American Oriental Society*, vol. 6, n.º 3, 1944, p. 95).

<sup>638</sup> *CBP*, p. 177.

<sup>639</sup> A personagem tem como referente histórico o médico da Companhia das Índias mencionado na documentação oficial da instituição (B.L.-O.I.O.C., R/10/18, fl. 138).

<sup>640</sup> *CBP*, pp. 214-215.

<sup>641</sup> *Ibidem*, p. 265.

cargas, o registo autobiográfico de Thomas Van Mierop é utilizado enquanto estratégia geradora da sensação de verosimilhança – processo que Coleridge denomina *willing suspension of disbelief*<sup>642</sup> – e enfatiza a estética realista do texto através quer do chamado efeito do real, conseguido pelo recurso à descrição atenta de detalhes, quer da caracterização de uma época específica da história de Macau que o narrador comenta e descreve, aproximando *CBP* do romance histórico tradicional, no qual a caracterização das personagens é fortemente influenciada pelo contexto histórico da acção. Dando continuidade a esta estratégia, o narrador corrige as suas próprias palavras quando refere as medidas de peso chinesas: “[...] He [Biddle] counted what he had (or rather, weighed it) [...]”<sup>643</sup>, artifício premeditado, uma vez que a correcção poderia ser facilmente omitida.

A língua, carregada de sentimento de pertença<sup>644</sup>, e as barreiras linguísticas tornam-se questões proeminentes numa zona comercial de fronteira partilhada por diversas nacionalidades e etnias com padrões sociolinguísticos específicos. Na sua viagem à China em busca de Biddle, Martha tem de recorrer a um intérprete para comunicar com uma família Hoklo<sup>645</sup>, etnia chinesa com língua própria, episódio que caracteriza a diversidade do país que se estende para além das Portas do Cerco através de um olhar esguio sobre as populações chinesas vizinhas. Já George Cuming, sobrinho de Biddle educado por uma família abastada de Londres, esconde as suas baixas origens sociais para melhor se movimentar na estrutura hierárquica da E.I.C., enquanto o tio, devido ao sotaque *cockney*, não consegue esconder o facto de ser um humilde “Billingsgate boy”<sup>646</sup>, apresentando as suas falas algumas das características do sotaque londrino de cuja expressividade o romance tira partido<sup>647</sup>. No discurso do agente comercial, a grafia representa alguns fenómenos linguísticos como o *h dropping*, que é veiculado através

---

<sup>642</sup> Coleridge, *Biographia Literaria. Chapters I-IV, XIV-XXII*, 1920, p. 52.

<sup>643</sup> *CBP*, p. 135; itálico nosso.

<sup>644</sup> *Ibidem*, p. 60. A língua francesa aproxima emocionalmente M. Auvray de Martha e não de Dominie, que apenas fala o *patois* macaense. Sobre o crioulo de Macau, vejam-se: Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense*; *idem*, *Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense-Novas Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*, 1988; Isabel Tomás, «O Crioulo Macaense (Algumas Questões)», *Revista de Cultura*, ano 2, vol. 2, n.º 5, 1988, pp. 36-48; *idem*, «Os Filhos de Caliban: Língua e Identidade nos Crioulos Portugueses do Oriente», *Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*, Universidade Nova, 1995, pp. 4-31 e João Carlos Oliveira, «Sociedade e Quotidiano», pp. 406-407.

<sup>645</sup> *CBP*, p. 289.

<sup>646</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>647</sup> *Vide ibidem*, pp. 12-18, 40-42, 69-70, 77, 86-87, 95-96, 144, 197, 250-251, 269, 277-288.



da substituição do grafema h por um apóstrofo<sup>648</sup>, acontecendo o mesmo com os grafemas f [«o'» (of)], th [«'em»: them], e d [«an'»: and]<sup>649</sup>. A grafia marca também o afastamento da pronúncia-padrão em vocábulos como “yer” (you); “meself” (myself); “me parents”<sup>650</sup> (my) e na famosa supressão do grafema g na terminação ‘-ing’ (‘nothin’)<sup>651</sup>. De acordo com o narrador, as falas de Biddle demonstram que a personagem se refinou ao privar com ingleses educados em Macau, sendo a sua gramática e o seu vocabulário os do inglês-padrão, ou seja, o agente comercial denuncia a sua origem social e geográfica principalmente através do sotaque, permitindo-lhe o enclave fazer fortuna e relacionar-se com membros de grupos sociais ingleses superiores ao seu.

Juntamente com o apelido, que, como veremos na quarta parte, Martha procura com determinação, a língua é uma das principais formas de manifestação identitária pessoal<sup>652</sup> e, para além do *C.P.E.*, as personagens portuguesas, chinesas e inglesas comunicam ainda através do *patois* de Macau, também utilizado em romances portugueses cuja acção tem lugar no enclave<sup>653</sup>. Biddle, Cuming e Urquhart falam com a *pensioner* e os demais chineses em “Macanese”, embora com sotaque inglês<sup>654</sup>, e a própria Martha e Pedro da Silva, políglotas que se movimentam em todas as comunidades do território, comunicam com as autoridades portuguesas, as mulheres da cidade e os europeus em português, francês, *patois* e inglês, e em cantonense com as personagens chinesas, cabendo ao narrador a tarefa da tradução destas falas para a língua inglesa<sup>655</sup>.

<sup>648</sup> Fenómeno que corresponde à ausência do fonema [h] na oralidade: “[...] ‘is [...]’ (his)/“[...] ‘e [...] (he) /“[...] ‘avin [...]’ (having).

<sup>649</sup> *Ibidem*, p. 277.

<sup>650</sup> *Ibidem*, pp. 281, 280, 279, respectivamente.

<sup>651</sup> *Ibidem*, p. 277.

<sup>652</sup> Cf. João de Pina Cabral e Nelson Lourenço, *op. cit.*, p. 13. Veja-se *idem, ibidem*, pp. 46, 60-69, para a relação entre género, grupo social/classe e etnia em Macau. Na página 60, os autores definem o conceito de “estigma de humilhação”, que surge nos excluídos sociais, no caso os macaenses “filhos da terra”, e que poderemos aplicar a uma das fases do processo formativo de Martha, como veremos na quarta parte (subcapítulo 3.2).

<sup>653</sup> Vejam-se Jaime do Inso, *A Caminho do Oriente*, p. 183, e Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 6, 10, 20-21, 32, 38, 42-43, 49-50, 101, 301, 351.

<sup>654</sup> *CBP*, pp. 199, 83, 71, respectivamente.

<sup>655</sup> *Ibidem*, pp. 166, 233 e 290, respectivamente: “In the phraseology of the mandarins, a ‘great threatening’ was in progress [...]”; “[...] a man called in Portuguese [...]” e “[...] foreign devils [...]”. A última expressão, que os súbditos do imperador usam para designar os estrangeiros e sobretudo os ingleses, transmite a imagem (negativa) chinesa dos europeus que chegam ao Império do Meio.



No início do romance, a protagonista começa por se dirigir a Thomas em *C.P.E.*, (“You like?”), perguntando-lhe posteriormente “*O senhor fala português [...]*”, para regressar ao *pidgin* (“No savvy [...]”) <sup>656</sup>, acabando por espantar o seu mestre ao falar em francês com sotaque luso: “*Le Seigneur sait parler français?*” <sup>657</sup>. Antes de aprender inglês, Martha informa ainda o seu novo amo de que, tal como todos os habitantes do estabelecimento, também fala o *patois* local e cantonense <sup>658</sup>. A noção de *code-switching* torna-se, portanto, relevante ao analisarmos a utilização estratégica das diversas línguas pela jovem e pelas personagens chinesas para enfatizar relações de poder, exprimir solidariedade entre elas ou excluir terceiros que não falam cantonense, estratégia relacionada com a dimensão poliglota e polifónica de *CBP*. A personagem principal domina também a ‘linguagem legal’ <sup>659</sup>, utilizando-a ao conversar com os oficiais da companhia para defender os seus interesses e direitos.

Os estrangeirismos, destacados graficamente a itálico, caracterizam o estilo da escrita de Austin Coates nos seus dois romances e nas restantes obras de cariz historio-gráfico, enriquecendo o léxico, a expressividade e até a caracterização das personagens, que utilizam expressões latinas, francesas e portuguesas para conferir um tom mais erudito ao texto <sup>660</sup>. A língua caracteriza as comunidades e personagens multifacetadas em interacção na urbe cosmopolita, informando o narrador que Dominie, aí nascida no seio de uma família portuguesa, tem como primeira língua o crioulo de Macau, o chamado *doci papiâçam di Macau* <sup>661</sup>, como acontece nas famílias dos ‘filhos da terra’. No entanto, a jovem finge ser reinol ao imitar o sotaque e os temas de conversa dos recém-chegados de Portugal, país onde nunca esteve, procurando ‘elevar-se’ ao nível dos europeus quando afirma não suportar o clima local, como se tivesse conhecido

---

<sup>656</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>657</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>658</sup> *Ibidem*, p. 24. Martha comunica com Cuming e outros oficiais ingleses nessa mesma língua, enquanto ainda não domina o inglês (*ibidem*, pp. 122, 261), ou para se fazer entender junto das mulheres e dos guardas da cidade (*ibidem*, pp. 241, 272), recorrendo Biddle também ao *patois* para falar com portugueses (*ibidem*, p. 199).

<sup>659</sup> Martha conhece e emprega “legal words” como “limited probate” (*ibidem*, p. 267), “Probate Officer” (*ibidem*, p. 262), “compromisso” (*ibidem*, pp. 113, 115, 186), “provisos” (*ibidem*, p. 267), “affidavit” [*ibidem*, pp. 185, 267, termos igualmente utilizados no testamento real de Thomas Mierop (PROB 11/1267, fls. 57-57v)] e “blue-grey papers used by the Portuguese” (*CBP*, pp. 117-118, 212).

<sup>660</sup> A título de exemplo, refiram-se, em francês: “*de rigueur*”; “*corps d’élite*”; “*bien entendre*”; “*impuissance*”; “*connaissance*”; “*Adieu*” e “*mystique*” (*ibidem*, pp. 27, 71, 132, 146, 193, 225, 302).

<sup>661</sup> Veja-se a obra poética de José Santos Ferreira (*Doci Papiâçam di Macau*, 1990) redigida em crioulo.

outro, o que acontece em conversa com Duncan, médico da E.I.C. que, por sua vez, fala “Scottish Macanese”<sup>662</sup>. A língua, as características fisionómicas, o estatuto social, a religião e a nacionalidade são temáticas associadas à da etnia em *CBP*, pois na cidade setecentista interagem habitantes chineses, na sua maioria de reduzido estatuto social, portugueses nascidos em Macau e emigrados da metrópole (reinois) e detentores do poder administrativo e comercial, macaenses ou ‘filhos da terra’, que ocupam uma posição intermédia na hierarquia social entre chineses e lusos, e ainda a comunidade estrangeira composta por diversas nacionalidades. Esses grupos apresentam imagens dos demais com base em estereótipos culturais, valores sociais e interesses económicos, que se relacionam com a representação do género, pois no seio da esfera das personagens colectivas chinesa e portuguesa a mulher tem um estatuto inferior ao do homem, acabando Martha por se destacar ao tirar partido das diversas línguas do poder na Macau setecentista, o cantonense, o *patois*, o português e o inglês.

Ao longo do texto abundam nomes próprios e diversos termos portugueses<sup>663</sup> que servem para designar tipos de vias de comunicação e locais públicos como “calçadas”, “largo” e “travessa”<sup>664</sup>, sugerindo esses elementos estruturadores do espaço urbano a cor local da esfera lusa da acção. O termo “fidalgo”<sup>665</sup> caracteriza as atitudes e vivências sociais da sociedade portuguesa de Macau demasiado presa à glória do passado, enquanto o “[vinho] tinto”<sup>666</sup> sugere um dos hábitos europeus no enclave<sup>667</sup>.

Expressões e vocábulos chineses<sup>668</sup> e latinos<sup>669</sup> são utilizados pelo narrador e por personagens como o presidente da E.I.C., que após a morte de Thomas, recorre à

<sup>662</sup> *CBP*, p. 272.

<sup>663</sup> Para além de Martha, Dominica e Pedro da Silva existem ainda personagens como Alberto e Barros (*ibidem*, pp. 241, 185, 103).

<sup>664</sup> *Ibidem*, pp. 165, 66, 216, 218, 82, respectivamente.

<sup>665</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>666</sup> *Ibidem*, pp. 181-182.

<sup>667</sup> O narrador descreve o facto de os portugueses não se dedicarem a qualquer trabalho manual, que é executado por cules, ocupando-se exclusivamente do comércio e da administração da cidade. Num dos relatos da embaixada de Lord Macartney à China, em 1792-1794, George Staunton, *op. cit.*, pp. 385-386, refere: “They [the Portuguese] are too proud and indolent, to descend to the lower occupations of husbandmen, or artificers. There is not, perhaps, throughout their territory a single labourer, or artist, or shopkeeper, who is a Portuguese, either by birth, or descent. [...] The Portuguese are above pursuing any other industry than that of commerce and navigation”.

<sup>668</sup> Expressões e termos chineses: “*mui tsai*” e “Dai I [...] Number two” (*CBP*, pp. 56, 195-196).

<sup>669</sup> *Ibidem*, pp. 179, 241: “in absentia”.

máxima “*De mortuis nil nisi bonum*”<sup>670</sup> para exprimir a sua opinião. O latim é associado por Martha à religião católica, uma vez que na sua infância ouvira missas e aprendera orações nessa língua, que considera ser a falada por Nossa Senhora<sup>671</sup>.

O termo “senhora”, dirigido à protagonista como sinónimo do seu poder, é utilizado cerca de 20 vezes para caracterizar o processo de aprendizagem e o estatuto da mesma, complementando, enquanto vocábulo estrangeiro, o tom erudito e a ambiência portuguesa da narrativa, tal como acontece com palavras inglesas de origem latina<sup>672</sup>. A forma de tratamento “senhor” é também utilizada em português e francês pelos empregados quando se dirigem aos seus mestres e reconhecem a sua autoridade.

Os *trade jargons* marcam presença no conjunto de falares e registos utilizados no romance, pois Ignatius, ao acompanhar Thomas na viagem de regresso, aprende o “sailors['] slang”<sup>673</sup>, a que Biddle recorre apenas nos momentos de tensão em que se afasta do inglês-padrão utilizado por questões de pressão e prestígio social. A dimensão linguística de *CBP* assume-se quer como estratégia que caracteriza o tempo, os espaços, as comunidades e personagens ao adensar a cor local, quer como um testemunho etno-histórico da vivência multicultural da Macau setecentista veiculado através da metonímia que utilizamos no título deste subcapítulo, a torre de Babel, que ganha forma no burburinho incessante do mercado chinês e ao longo da Praia Grande. Essa sensação é descrita por vários viajantes ocidentais na cidade através do mesmo símile, como é o caso da jovem norte-americana Harriett Low, que afirma, em 1829, durante uma corrida de cavalos em que ingleses, portugueses, indianos e chineses conversam: “[...] to hear the mixture of languages, none of which I understood, made me think of the confusion of Babel [...]”<sup>674</sup>.

Como veremos de seguida, a dimensão (socio)linguística do romance encontra-se associada ao exotismo e à representação da Macau setecentista.

<sup>670</sup> *Ibidem*, p. 262.

<sup>671</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>672</sup> Por exemplo, “recourse” e “recompense” (*ibidem*, pp. 34 e 90).

<sup>673</sup> *Ibidem*, p. 281.

<sup>674</sup> Harriett Low, *op. cit.*, vol. 1, p. 79. Para um estudo sobre este diário, utilizado por Austin Coates em alguns dos seus estudos (*China Races*, pp. 8-12), veja-se Rogério Miguel Puga, «A Vivência do Género de Macau Oitocentista no Diário de Harriet Low (Hillard)», pp. 605-664.

### 10.1 O *Chinese Pidgin English* como símbolo do intercâmbio multicultural fruto do *China trade*

Desde o século XVIII que os *pidgins* e os crioulos marcam presença no romance inglês, concorrendo para a sensação de verosimilhança no processo de caracterização de espaços-Outros, encontrando-se o *C.P.E.*<sup>675</sup> presente em romances como *Colonel Jacque* (1722), de Daniel Defoe<sup>676</sup>, *Tai-Pan*, de James Clavell, *An Insular Possession*, de Timothy Mo, e em narrativas de aventuras como *I Sailed with Chinese Pirates* (1930), de Aleko E. Lilus<sup>677</sup>. Os diferentes falares e línguas de *CBP* colocam em evidência as estruturas socioculturais em que os falantes mantêm relações de amizade e de negócio<sup>678</sup>, recorrendo os empregados sínicos e os comerciantes ingleses ao *C.P.E.* – língua de contacto principalmente comercial – para comunicar em áreas multilíngues como Macau e as feitorias estrangeiras de Cantão. Os nativos, perante a dificuldade de dominarem a gramática e o vocabulário ingleses, utilizam ainda onomatopeias como auxílio comunicativo, nomeadamente “quh”<sup>679</sup> e “Tom”<sup>680</sup>, associando esta última humoristicamente o nome de Thomas ao som do sino da igreja característico da Macau católica, como Robert Bennet Forbes descreve por carta, em 1839, à sua família: “You have never been in a Catholic Town have you? – the bells are going all day & half the night – ding dong – ding dong – this is a great annoyance”<sup>681</sup>.

Como vimos na segunda parte, as autoridades chinesas proibem os estrangeiros de aprender cantonense, e os portugueses estabelecidos em Macau há cerca de 200 anos tiram partido dos seus conhecimentos culturais e linguísticos, fazendo com que os

---

<sup>675</sup> Enquanto a expressão ‘Canton English’ é utilizada para designar a ‘língua comercial’ falada em Cantão e Macau por ingleses e chineses, a expressão ‘Pidgin English’ só é utilizada por volta de 1859, sendo a designação ‘Chinese Pidgin English’ cunhada já no século XX (Philip Baker e Peter Mühlhäusler, «From Business to Pidgin», *Journal of Asian Pacific Communication*, vol. 1, 1990, pp. 92-94).

<sup>676</sup> Para um estudo sobre a imagem de Macau e sobretudo do Império Colonial Português na obra ficcional de Daniel Defoe e de Jonathan Swift, veja-se Rogério Miguel Puga, «A Imagem dos Navegadores Portugueses na Literatura Inglesa Setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton, e Gulliver na Senda das Rotas Marítimas Portuguesas», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 8, 1999, pp. 47-79.

<sup>677</sup> Aleko E. Lilus, *I Sailed with Chinese Pirates*, 1991, pp. 33, 37, 43, 89-90.

<sup>678</sup> Sobre esta temática, veja-se Rogério Miguel Puga, «Chinese Pidgin English as a Narrative Strategy», pp. 103-112, e o subcapítulo 4. 2 da nossa segunda parte.

<sup>679</sup> *CBP*, p. 44, som utilizado pelo empregado Number One e que significa cortar o pescoço.

<sup>680</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>681</sup> Robert Bennet Forbes, *op. cit.*, p. 165.

ingleses dependam inicialmente das suas traduções no enclave e em Cantão, onde o contacto com os nativos é ainda mais restrito. Janet Holmes enumera três características dos *pidgins* em geral que se aplicam à nossa análise do uso do *C.P.E.* em *CBP*, a saber: a sua utilização numa localização específica e função restrita em ambiente comercial, a estrutura simplificada comparativamente às línguas europeias e o facto de o seu baixo prestígio acarretar atitudes negativas para uma das partes falantes<sup>682</sup>, neste caso a chinesa. O *C.P.E.* surge por volta de 1715 e a sua história divide-se em quatro períodos principais<sup>683</sup>, situando-se o momento da acção de *CBP* no chamado período clássico (1748-1842). O *pidgin*, que no romance de Coates remete para o espaço e o tempo históricos, surge no contexto comercial que estudámos na segunda parte<sup>684</sup> e, enquanto marca do diálogo intercultural, torna a presença das personagens chinesas mais proeminente. Ao listar as *dramatis personae* da génese do *C.P.E.*, George Lang acaba por contemplar as personagens-tipo referidas em *CBP*: “Chinese: Hong merchants, interpreters, compradors (or suppliers), subalterns; English: supercargoes or trade agents, ship crews [...]”<sup>685</sup>, enumeração semelhante à que o narrador do romance elabora para apresentar os empregados domésticos e os agentes activos do comércio da Macau setecentista, também eles falantes de *pidgin english*: “[...] the comprador [...] the servants [...], pensioners, country traders, security, [...] and linguists [...]”<sup>686</sup>.

Ao chegar ao enclave, Thomas é confrontado com o *pidgin*, que levará tempo a entender, tornando-se os diálogos com os empregados que residem no *compound*<sup>687</sup> das traseiras da sua casa cada vez mais compreensíveis. As falas em *C.P.E.* que se acumulam no discurso directo das personagens não são utilizadas só para representar

---

<sup>682</sup> Janet Holmes, *An Introduction to Sociolinguistics*, 2001, p. 85. Vejam-se também Jean Aitchison, *Language Change: Progress or Decay*, 1993, pp. 181-190 e Alastair Penny Cook, *The Cultural Politics of English as an International Language*, 1999, pp. 73-106.

<sup>683</sup> Cf. Robert A. Hall, «Chinese Pidgin English», p. 95: 1) origem em Cantão e Macau (c. 1715-1748); 2) período clássico, sobretudo em Cantão (1748-1842); 3) período de expansão e de maior utilização no Sul da China (1842-c. 1890), e 4) período de declínio (1890-até à actualidade).

<sup>684</sup> Veja-se também George Lang, «“Hardly More Inteligible than Chinese Itself”: A Brief Account of Chinese Pidgin English», *Asian Englishes*, vol. 3, n.º 1, 2000, pp. 21-38.

<sup>685</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 27.

<sup>686</sup> *CBP*, pp. 19 e 49, respectivamente.

<sup>687</sup> Termo utilizado pelo narrador para descrever o quintal das traseiras onde habitam os empregados chineses, e que Carl Crow, *Foreign Devils in the Flowery Kingdom*, 1941, p. ix, descreve como “[...] grounds of a factory, business house or residence enclosed by a high brick wall”. Também o romance *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 23, 105 utiliza esse espaço para caracterizar a esfera doméstica das famílias macaenses e os seus empregados.

a cor local, pois, como afirma Carl Crow<sup>688</sup>, termos ou expressões específicos como *Amah*, *Joss* e *Maskee* (todos de origem portuguesa), entre outros, são usados pelos autores de obras sobre a ‘vida’ ocidental no Sul da China porque a sua utilização é inevitável, uma vez que fazem parte do quotidiano específico dessa vivência regional, não havendo outros vocábulos que tenham o mesmo significado.

Diversas características do *pidgin* são reveladas indirectamente ao leitor durante o processo de descoberta da dimensão linguística que concorre para a construção polifónica e poliglota do texto. As dezenas de frases e expressões utilizadas no texto em *C.P.E.* produzem um efeito sonoro humorístico nas falas dos empregados sínicos através das principais características do *broken English*, nomeadamente a ‘simplicidade’ sintáctica e lexical e o reflexo da relação *master-servant* entre os comerciantes ingleses e os empregados/mercadores locais: “Morning Master [...]. My velly solly, Master, you good flen Uk Hak Master him die. Velly bad joss pidgin”<sup>689</sup>. Esta fala do comprador contém vocabulário específico do chamado *business English* que é emprestado quer de línguas asiáticas, quer do português, nomeadamente o termo *joss*, que significa ‘ídolo’ (corruptela do português “Deus”)<sup>690</sup>. A expressão “bad joss”<sup>691</sup> (má-sorte) é igualmente utilizada por Biddle, prova de que alguns vocábulos são adoptados por membros da comunidade inglesa, mesmo quando falam entre si. Tal como acontece com muitos outros *pidgins*, a simplicidade não significa que o *C.P.E.* não tenha complexidades próprias, pois o vocabulário e a fonologia simples dão origem a um certo nível de polissemia<sup>692</sup>, adquirindo algumas palavras significados diversos, conforme o contexto, como acabámos de ver relativamente ao termo *joss*. A característica esteotipada mais saliente do *C.P.E.* no romance é a ausência do grafema *r*, normalmente substituído pelo *l*<sup>693</sup> (*very*-‘*velly*’; *sorry*-‘*solly*’), transformação fruto também de uma apócope (“*friend*”-“*flen*”), existindo na seguinte fala do comprador – “Him open the

---

<sup>688</sup> Carl Crow, *op. cit.*, p. ix.

<sup>689</sup> *CBP*, p. 18.

<sup>690</sup> Cf. Henry Yule e A. C. Burnell, *op. cit.*, pp. 463-464. Vejam-se também Samuel Wells Williams, *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language*, 1874, pp. 278-279, e O. M. Green, «Pidgin-English», *The Fortnightly*, vol. 136, Julho-Dezembro de 1934, p. 333.

<sup>691</sup> *CBP*, p. 277.

<sup>692</sup> Vide Jean Aitchison, *op. cit.*, p. 188.

<sup>693</sup> Cf. Dingxu Shi, «Chinese Pidgin English: Its Origins and Linguistic Features», *Journal of Chinese Linguistics*, vol. 19, n.º 1, Janeiro de 1991, p. 12 e Philip Baker e Peter Mühlhäusler, *op. cit.*, pp. 87-116.

door when Master come back nightee time. But him velly fool. No talk talk. [...] No savvy [...]”<sup>694</sup> – duas paragoges (*night*-“nightee”, *sav*-“savvy”).

As construções frásicas do *pidgin* de que nos ocupamos são simples, uma vez que este surge das necessidades de diálogo básico entre mercadores ocidentais e chineses, sendo o pronome pessoal na primeira pessoa do singular quase sempre *my*<sup>695</sup> e as perguntas construídas apenas através da repetição do núcleo do predicado<sup>696</sup>, como podemos verificar nas falas do comprador de Thomas (“My savvy. Master like him come?”)<sup>697</sup> e do *fool boy* [“Why you angry me, missie?”<sup>698</sup> Fool boy have [...] responsibility [...]”]<sup>699</sup>. O *C.P.E.* é também utilizado pelo comprador quando se dirige ao sobrecarga pela primeira vez, encontro contextualizado pelo narrador: “It was Thomas’ first encounter with business English [...] spoken at speed it was something breath-taking [...]”<sup>700</sup>, enquanto as falas dos empregados que se sucedem<sup>701</sup> contêm termos como “My savvy” e “But no savvy China fashion”<sup>702</sup>. O verbo *savvy* é emprestado de uma terceira língua até então *franca* no Oriente, o português (do verbo “saber”) <sup>703</sup>, tal como o é o vocábulo *mandarin*, que entra no inglês através da língua portuguesa<sup>704</sup>.

No final da acção, os antigos empregados de Thomas dirigem-se a Martha em *C.P.E.*, transmitindo, assim, a aceitação desta como mestre da casa, papel até então reservado aos homens da E.I.C.: “Master number one good man [Martha] [...]. All Macao him [Martha] number one”<sup>705</sup>. Nesse momento, o próprio narrador comenta a

<sup>694</sup> *CBP*, p. 19.

<sup>695</sup> Cf. Philip Baker, «Historical Development in Chinese Pidgin English and the Nature of the Relationships between the Various Pidgin Englishes of the Pacific Region», *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 2, n.º 2, 1987, p. 165.

<sup>696</sup> Cf. Robert A. Hall, «Chinese Pidgin English», p. 102.

<sup>697</sup> *CBP*, p. 20.

<sup>698</sup> De acordo com Wm. T. Dobson, «Pidgin-English», *The Argosy*, vol. 73, Janeiro-Março de 1901, p. 105, a inserção do “ey” final (*talkey*, *walkey*) é característica do *C.P.E.*

<sup>699</sup> *CBP*, p. 256. A última palavra da frase do *fool boy* é proferida em cantonense, indicando que o vocabulário inglês das personagens chinesas é limitado.

<sup>700</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>701</sup> *Ibidem*, pp. 19-22, 27, 34-35, 42-45, 108, 145-146, 243, 256, 309.

<sup>702</sup> *Ibidem*, pp. 20 e 22, respectivamente; itálicos nossos.

<sup>703</sup> Cf. Robert A. Hall, «Chinese Pidgin English», p. 143.

<sup>704</sup> *Vide* Williams E. Lea, «The Portuguese Contribution to the Former Trade Language of the China Coast», in *Vice-Almirante A. Teixeira da Mota: In Memoriam*, vol. 1, 1986, pp. 223-228.

<sup>705</sup> *CBP*, p. 298. Os empregados já antes se dirigiam a Martha em *C.P.E.* (*ibidem*, pp. 243, 256), mas é a mudança no interior da fala do Number One de cantonense para *pidgin* que simboliza a aceitação da protagonista como patroa e dona da casa novamente em ordem.



atitude das personagens, bem como a simbologia da estratégia narrativa: “His transposition from Cantonese to business English was symbolic and final [...] the house was at last hers [...]”<sup>706</sup>, artifício que se estende à utilização do itálico como forma de marcar a entoação premeditada que as personagens dão a algumas das suas palavras: “[...] you are the *owner*”, he stressed [...]”<sup>707</sup>. A língua remete, assim, para uma situação histórica específica associada pelo leitor ao período da consolidação da presença inglesa em Macau e Cantão através dos episódios e das descrições que se acumulam ao longo de *CBP*.

## 11. O FALATÓRIO E A MÁ-LÍNGUA COMO DISCURSOS (ANTI)OFICIAIS E ‘ARMAS’ SOCIAIS

No romance de Coates, o fenómeno sociocultural a que chamamos falatório ou má língua (*gossip*) apoia o discurso oficial e moral das autoridades da Macau setecentista, facto de que Martha tira partido para levar a cabo os seus planos. Como veremos, a ‘coscuvilhice’, prática transversal a todas as sociedades<sup>708</sup>, dramatiza histórias que se vão ouvindo e exagerando progressivamente pela cidade. O ‘mexerico’ assume o estatuto de voz pública ao envolver a reputação da vítima do falatório e, como Margaret Strobel afirma num estudo sobre o género no Império Britânico, nos séculos XIX-XX, “[...] social control of the behaviour of other Europeans through gossip or ostracism helped maintain the sense of security of the outnumbered European community”<sup>709</sup>.

Em *CBP*, a opinião pública de Macau, “Portuguese to the core”<sup>710</sup>, e a *gossip* permitem uma maior compreensão do comportamento e do *ethos* da sociedade local e são também armas utilizadas quer por Thomas, como estratégia para forçar a amante

---

<sup>706</sup> *Ibidem*, p. 298.

<sup>707</sup> *Ibidem*, p. 305.

<sup>708</sup> Cf. Ralph L. Rosnow e Gary Alan Fine, *Rumor and Gossip: The Social Psychology of Hearsay*, 1976, p. 52.

<sup>709</sup> Margaret Strobel, «Gender and Race in the Nineteenth and Twentieth-Century British Empire», in Renate Bridenthal *et alii* (eds.), *Becoming Visible: Women in European History*, 1987, p. 381.

<sup>710</sup> *CBP*, p. 202.



a contar-lhe os seus segredos<sup>711</sup>, quer por Martha, quando se apercebe da importância desta prática na tomada de decisões e na construção de imagens e opiniões. A má-língua funciona como antidiscurso quando as personagens subvertem a verdade de forma premeditada em prol dos seus interesses pessoais e quando afirmam em privado o contrário do que confessam oficialmente.

De acordo com Nigel Rapport<sup>712</sup> existem três abordagens antropológicas para estudar o falatório ou a má-língua, podendo todas elas ser aplicadas a *CBP*, uma vez que descrevem dimensões diferentes dessa prática social. A abordagem funcionalista define o fenómeno como processo de sanção culturalmente determinado, que ajuda a manter a união, a moral e a história de um grupo ao julgar e controlar o indivíduo de acordo com as expectativas tradicionais; daí que funcione também como marca de pertença a um determinado grupo. Martha é desde cedo rejeitada como prostituta pelas mulheres portuguesas e chinesas, imagem que muda apenas quando a protagonista se serve do falatório para espalhar a falsa notícia do seu casamento com Thomas, revelando tais atitudes algumas das características do género no espaço e no tempo da acção do romance, como, por exemplo, o papel e o baixo estatuto social das nativas amantes dos ocidentais.

A segunda abordagem referida por Nigel Rapport, a transaccionalista, encara o falatório como uma forma de os indivíduos manipularem as regras culturais devido a interesses rivais, a jogos de poder, à amizade e à riqueza que tentam proteger ao ‘coscuvilhar’ sobre aspirações individuais e não colectivas, ou seja, a má-língua serve também para manipular a ordem moral, com base em interesses pessoais, sendo exactamente o que Martha e Teresa fazem, a primeira quando espalha a notícia do seu suposto casamento e a segunda ao tentar vingar-se da jovem, acusando-a publicamente de ser prostituta, para que esta seja degredada para Timor. Na página 73 do romance, Teresa é demovida, por um primo senador, de se vingar de Martha, pois tal acarretaria um confronto com as autoridades sínicas. O Senado detém o poder administrativo do território, enquanto o governador português representa a esfera militar e régia, sendo com

---

<sup>711</sup> *Ibidem*, p. 188: “[...] I heard it in town [...]”. Jorge R. Bergmann, *Discreet Indiscretions: The Social Organization of Gossip*, 1987, p. 15, afirma que locais masculinos como barbearias e tabernas são tão propícios para a intriga como os espaços considerados femininos (as lojas), remetendo a afirmação de Thomas para pontos de encontro masculinos onde os segredos se tornam armas sociais, temática que se relaciona com a representação do género e da ideologia em *CBP*, na medida em que o esquadrinhar se torna discurso de poder para as personagens de ambos os sexos.

<sup>712</sup> Nigel Rapport, s.v. «Gossip», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *op. cit.*, pp. 266-267.

os vereadores que os mandarins interagem; daí que se observe uma maior presença do Senado como fonte de poder luso em *CBP*.

Ambas as teorias sintetizadas por Nigel Rapport, orientadas uma para o grupo e a outra para o indivíduo, convergem numa terceira, a simbólico-interaccionista, cuja ênfase recai sobre a forma como a realidade cultural e as relações sociais são representadas e debatidas em conversas diárias, pois, através do falatório, os indivíduos especulam sobre a sua vida e o mundo, providenciando a si mesmos um mapa do ambiente social das formas de ser/agir de terceiros e permitindo formular um programa de negociação sobre os comportamentos sociais que regem a sua conduta moral.

A *gossip* é, portanto, um processo metacultural que permite examinar e discutir em conjunto as regras e convenções que pautam a vida em sociedade, não sendo a interpretação das ‘novidades’ sempre consensual; daí que o falatório avalie e desconstrua constantemente o quotidiano, sendo também associado à mentira, como se verifica em *CBP* quando Alexander Duncan legitima as suas afirmações dizendo: “This is not mere hearsay”<sup>713</sup>. A má-língua é um processo sempre em acção, e tal facto pode ser verificado no romance, pois as personagens relacionam-se com terceiros e comportam-se conforme as ‘notícias’ que ouvem e as que querem tornar públicas, nem que distorcidas, pelo que a protagonista teme pela sua segurança perante a ameaça de Teresa espalhar o boato de que ela é prostituta. Thomas, ao aperceber-se do interesse da portuguesa pela sua casa, parte do princípio de que ela é apenas curiosa, mas, como o leitor descobre, a viúva de Monsieur Auvray muda-se para a Rua do Hospital para se tentar vingar de Martha<sup>714</sup> ao ter conhecimento de que Pedro está apaixonado por ela e é seu parceiro comercial. Martha, tal como acontece com outras personagens de romances ingleses<sup>715</sup>, retira partido desse discurso ‘marginal’ na vida pública de Macau, por exemplo quando utiliza Inez para saber novidades da casa de Teresa e quando notícias do seu casamento com Thomas se espalham pelo “mundo português”<sup>716</sup>, estabelecendo-se um paralelismo entre os rumores e a narrativização de percursos pessoais,

---

<sup>713</sup> *CBP*, p. 215.

<sup>714</sup> *Ibidem*, pp. 174, 195.

<sup>715</sup> Veja-se Jan B. Gordon, *Gossip and Subversion in the Nineteenth-Century Novel: Echo's Economies*, 1996 e Patricia Meyer Spacks, *Gossip*, 1985, pp. 5-22. Em *CBP*, p. 98, também Cuming faz uso de boatos nos seus elaborados esquemas de especulação imobiliária ao espalhar informações falsas em proveito próprio, prejudicando rivais e rentabilizando os seus investimentos. É igualmente através das novidades que correm de boca em boca que as notícias da crise de ópio se espalham por Macau (*ibidem*, p. 104).

<sup>716</sup> *Ibidem*, pp. 137, 230.

como o da própria Marta da Silva Van Mierop, enquanto ficções ou meias-verdades<sup>717</sup>. A órfã, ao decidir integrar-se no mundo chinês no início da acção, afirma que os nativos têm olhos pequenos e os portugueses grandes<sup>718</sup>, associando as características anatómicas dessas comunidades às práticas sociais de ambas, sendo a portuguesa detentora de forças repressivas e de vigia mais acentuadas na cidade cristã, como se verifica, mais tarde, através das medidas moralistas tomadas pela Igreja com o intuito de erradicar a prostituição do enclave<sup>719</sup>, onde impera “um clima de santidade e decadência”<sup>720</sup>, imagem de Macau comum na literatura inglesa, como podemos verificar através do soneto «Macao», de W. H. Auden: “A town of such indulgence need not fear/Those mortal sins by which the strong are killed”<sup>721</sup>.

Teresa da Silva tenta tirar partido dos boatos, que muitas vezes funcionam como ‘palavra de justo’, para se vingar de Martha, ao ser mal informada pela sua rede de informantes (“by rumour [...] a vague report”)<sup>722</sup> de que a jovem e Pedro têm um caso amoroso, pois os rumores, enquanto veículo da moral vigente, percorrem a urbe e geram novas opiniões, ora verídicas, ora deturpadas, sobre determinadas personagens, como acontece com Biddle “[...] whom Macao gossips considered to be the father of the boy Ignatius. [...] There was something about the story as the gossips had it which did not make sense”<sup>723</sup>. Neste caso, a má-língua funciona como arma social, veículo de vingança e ainda conveniente deturpador da verdade embaraçosa que a moral obriga a ocultar, co leitor conclui ao descobrir que o filho que a ‘voz do povo’ afirma ser de Biddle é fruto da violação de Fong por Cuming, o suposto respeitável sobrecarga da E.I.C. Os rumores constituem uma ameaça para Martha, na medida em que são motores e fruto de acontecimentos exteriores à sua casa, assumindo-se a *gossip* como prática transversal às três comunidades da Macau setecentista, onde os segredos não se podem ocultar do padre Montepardo, da sede da Companhia das Índias, e do mercado chinês, contribuindo as falsas informações para o pânico durante a crise do anfião, quando se temem as represálias e o suposto ataque das autoridades chinesas.

---

<sup>717</sup> Veja-se Ross Chambers, «Gossip and the Novel: Knowing Narrative and Narrative Knowing in Balzac, Mme de Lafayette and Proust», *Austrian Journal of French Studies*, n.º 22-23, 1985-1986, pp. 212, 220.

<sup>718</sup> *CBP*, p. 49.

<sup>719</sup> Vide António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, pp. 141-144, 168-169.

<sup>720</sup> *CBP*, p. 158; tradução nossa.

<sup>721</sup> W. H. Auden, *op. cit.*, p. 176.

<sup>722</sup> *CBP*, p. 195.

<sup>723</sup> *Ibidem*, p. 201.

As mulheres que perpetuam a tradição local da cidade-fronteira são descritas como repositório do *modus vivendi*, do *ethos* e da história da mesma<sup>724</sup>, contrastando a onzenice com o registo ‘oficial’ das fontes dos arquivos históricos, pois os mexericos trazem para a arena pública a intimidade das personagens, que é revelada perante o olhar externo; daí o perigo que essa prática social representa para a *pensioner* e a sua preocupação em recolher “outside information”<sup>725</sup> que a informe e defenda. A ‘coscuvilhice’ não conhece fronteiras de género, pois muitas das novidades são veiculadas durante conversas entre homens – como revelam os *speech tags* como “[...] men said [...]”<sup>726</sup> –, que tentam viciar a realidade em prol dos seus interesses comerciais. Por essa mesma razão, quando rebenta a crise do ópio no décimo terceiro ano da estada de Thomas no Sul da China, o sobrecarga teme que Cuming espalhe propositadamente o boato infundado de que Martha traficou a droga, manchando a honra do oficial que perderia, assim, a face. É aliás um rumor, como muitos dos que têm origem na Praia Grande, onde chegam os botes e as lorchas<sup>727</sup> com europeus vindos dos barcos ancorados na Taipa, a qual noticia as novas medidas de Lisboa, que anulam a repressão do bispo contra as mulheres da cidade<sup>728</sup>, mesmo antes de as ordens régias chegarem. A frequência quotidiana dessa prática social no espaço (*waterfront*) e no tempo (*ever running*) encontra-se claramente presente na expressão “The rumour ever running along the waterfront”<sup>729</sup>, e Martha faz uso desse mecanismo para tornar público o seu (pseudo)casamento, sendo a verosimilhança da artimanha da protagonista reforçada pela loucura de inveja que a novidade provoca na sua prima Dominie. Os boatos, enquanto práticas discursivas, relacionam-se, assim, com a utilização dos restantes discursos e fontes de arquivo no romance, contribuindo para a dimensão polifónica de *CBP* e para a caracterização do espaço histórico e das atitudes e motivações pessoais das personagens. Esta estratégia observa-se também em *Amor e Dedinhos de Pé*, romance no qual a “bisbilhotice”

---

<sup>724</sup> Ana Maria Amaro, *Filhos da Terra*, 1988, pp. 1-10, 57, afirma que as histórias orais partilhadas pelas mulheres macaenses com os seus filhos são, ao longo dos tempos, o principal vector da preservação da cultura macaense, incluindo o *patois*.

<sup>725</sup> *CBP*, p. 137.

<sup>726</sup> *Ibidem*, p. 172.

<sup>727</sup> Pequenas embarcações com casco ocidental e mastro e velas chineses (*vide* Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, vol. 1, 1982, p. 533 e Samuel Couling, *The Encyclopaedia Sinica*, 1991, p. 316).

<sup>728</sup> *CBP*, p. 293.

<sup>729</sup> *Ibidem*, p. 297.

e a “maldicência”, também chamadas “diz-que-disse”<sup>730</sup>, assumem um papel importante no desenrolar da acção, despoletando reacções das mais diversas personagens do “burgo” ou “cidade pequena [...] onde tudo se sabia”<sup>731</sup>; daí as inúmeras referências à “imaginação popular” e aos “exageros de mexeriquices”<sup>732</sup> que caracterizam o quotidiano cristão macaense em ambos os romances.

## 12. A (POLÉMICA) RECEPÇÃO INICIAL DE *CITY OF BROKEN PROMISES* EM MACAU: A “AUTÓPSIA” DA AUTORIA DO PADRE MANUEL TEIXEIRA

Relativamente à recepção de *CBP* e do romance histórico em geral, os factos que a narrativa ficcionaliza e o enredo inventado são por vezes interpretados exclusivamente à luz do rigor científico que pauta a historiografia, como se verifica através da polémica que tem lugar no final dos anos 60 em torno de *CBP*, em Macau, pela mão do padre Manuel Teixeira, embora Austin Coates nunca tenha respondido directamente às posições tomadas pelo primeiro<sup>733</sup>, que exporemos de forma sumária para demonstrar que o romance histórico, enquanto subgénero híbrido, acarreta, desde os tempos de Sir Walter Scott, problemáticas específicas ao nível das suas recepção e classificação.

Num estudo sobre a relação entre a estética da recepção e o romance histórico, Richard L. Stein revê a teoria de Wolfgang Iser sobre a resposta estética do leitor

---

<sup>730</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 41-57, 82, 111, 150-154, 177, 192-194, 214, 225, 361-375.

<sup>731</sup> *Idem, ibidem*, p. 218.

<sup>732</sup> *Idem, ibidem*, pp. 104, 121, respectivamente. Vejam-se ainda expressões sinónimas como: “mór-bida curiosidade” (p. 218), “calúnias” (pp. 231, 257, 299, 303), “bocas do mundo” (p. 253), “línguas do mundo” (p. 287), “zunzuns [...] boatos desencontrados” (pp. 204-205) e “boatice” (p. 304), entre outras.

<sup>733</sup> Conforme o padre Manuel Teixeira nos informou duas vezes, por carta, a 07-01 e 14-02-2001. A primeira missiva informa: “Fui íntimo amigo de Austin Coates. Mas, quando ele publicou *City of Broken Promises*, publiquei 3 largos artigos contra ele na imprensa local. Ele não replicou e continuou amigo como dantes [...]”, continuando a segunda (14-02-2001): “Quando Austin Coates, meu íntimo amigo, publicou o seu romance, foi homenageado aqui em Macau com um banquete, cujo convite eu recusei [...]” [cf. Padre Manuel Teixeira, carta dirigida a Rogério Miguel Puga (07-01-2001), Macau, 1 p. manuscrita e *idem, ibidem* (14-02-2001), Macau, 1 p. manuscrita].

perante acontecimentos históricos e estratégias narrativas de Walter Scott, e afirma que a ‘moldura’ do romance histórico confere ao leitor a capacidade e a obrigação de julgar as ilusões e escolhas das personagens, constituindo os conhecimentos históricos uma importante parte desse processo, pois o público sabe muitas vezes o que aconteceu na acção histórica ‘real’<sup>734</sup>. As expectativas do leitor baseadas na história poderão levá-lo a criticar o ‘desvio’ do romance em relação à mesma e a relegar para segundo plano o estatuto predominantemente ficcional, os exercícios de paródia e de questionamento da própria história existentes no texto, como acontece com a leitura-autópsia que analisamos neste capítulo.

Alguns meses após a publicação de *CBP*, o padre Manuel Teixeira torna pública a sua reacção à obra numa série de três artigos intitulada «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», no jornal *O Clarim*, propriedade da diocese de Macau. O substantivo “autópsia”, bem como os adjectivos utilizados nesses textos remetem, desde logo, e através de uma carga semântica negativa, para a crítica pouco favorável da obra a ‘autopsiar’, com base no confronto dos episódios históricos ficcionalizados e das invenções do romanista com o conteúdo verificável das fontes históricas. O termo ‘autópsia’ supõe ainda a morte simbólica da obra, afirmando o padre Manuel Teixeira:

[...] o meio social e as intrigas dos serventuários da *East India Company* em Macau são retratados com vivo realismo [...]. Quanto ao resto deixa muito a desejar. Marta Merop sai desta novela completamente poluída. E é só para a defender de tão abjectas calúnias que pegamos na pena. A Igreja, os padres, e os portugueses de Macau não merecem ao autor a menor simpatia, pois só pedradas lhes atira. Ainda se ele se baseasse nalgum documento histórico, vá lá; mas, apesar da roupagem e todo o aparato histórico com que pretende e consegue iludir um público ignorante, não há ali um fiozinho de verdade [...]<sup>735</sup>.

O autor refere-se decerto a excertos do romance como “The place is priest-ridden. I have never seen so many churches for so small a population”<sup>736</sup>. The Portuguese population of Macao at this time was about 3,000 [...]. *To minister to the spiritual needs of*

---

<sup>734</sup> Richard L. Stein, «Historical Fiction and the Implied Reader: Scott and Iser», *Novel: A Forum on Fiction*, vol. 14, n.º 3, 1981, pp. 213-231.

<sup>735</sup> Padre Manuel Teixeira, «Martha Merop: Autópsia de um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, p. 6.

<sup>736</sup> A população total de Macau, entre 1745 e 1793, ronda os 25 000-30 000 habitantes (António M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau*, p. 120),

*this small community were some 90 priests [...]*<sup>737</sup>, afirmações que, por seu lado, apresentam semelhanças, ao nível temático e estilístico, com a descrição que o protestante George Staunton faz da cidade durante a primeira embaixada inglesa à China em 1793, como revelam os nossos itálicos no primeiro excerto: “To minister the devotion of little more than four thousand of Portuguese laity, there are thirteen churches, or chapels, and above fifty ecclesiastics [...]<sup>738</sup>.

Coates e Teixeira continuam a colaborar na investigação da história de Macau, tendo o último pedido ao romancista para corrigir a versão inglesa de um estudo que escrevera sobre a Gruta de Camões<sup>739</sup>. O padre José Barcelos Mendes afirma, após uma visita de Austin Coates ao território:

Noticiou a Imprensa local a presença, em Macau, do Sr. Austin Coates, que dizem ser pró-português, historiador, jornalista e escritor. Não contestamos que o seja. Mas não enfileiramos no número daqueles que dão demasiada importância ao facto de um sujeito ser amigo dos portugueses. É tempo de nos deixarmos destes complexos que reputamos de inferioridade. [...] Quanto ao Sr. Coates, julgamos que foi infelicíssimo em deslustrar e atirar para a lama uma figura histórica de Macau, Marta Merop, quando esta dama não foi nada do que ele disse no seu livro «City of Broken Promises», como ficou provado com uma série de artigos do Pe. Manuel Teixeira, publicados neste jornal. Se o autor queria fazer ficção, que não escolhesse figuras históricas. O respeito pela fama alheia ultrapassa as lajes dum sepulcro [...]. Além de que é indigno difamar com “ficções” quem já não se pode defender [...]

<sup>740</sup>.

O autor do artigo acusa o romancista de recorrer à ficção para difamar uma ilustre figura de Macau; no entanto, a ficção histórica confere a este último liberdade total para se (re)apropriar dos factos históricos que ficcionaliza ao construir um mundo ‘possível’, pois, como afirma Georg Lukacs, “il n’importe donc pas dans le roman historique de répéter le récit des grands événements historiques, mais de ressusciter *poétiquement* les êtres humains qui ont figuré dans ces événements”<sup>741</sup>. Já Naomi Jacobs afirma sobre

<sup>737</sup> CBP, p. 8; itálico nosso.

<sup>738</sup> George Staunton, *op. cit.*, p. 396; itálico nosso.

<sup>739</sup> Cf. carta dactilografada de Austin Coates para o padre Manuel Teixeira (Hong Kong, 16-01-1978), espólio de Monsenhor Manuel Teixeira, C.C.C.M., cota: Corr. Rec. 97, cx. 2, 4048.

<sup>740</sup> Padre José Barcelos Mendes, «Noticiou a Imprensa Local a Presença em Macau», *O Clarim*, ano 21, n.º 6, 19-05-1968, p. 1.

<sup>741</sup> Georg Lukacs, *op. cit.*, pp. 43-44. Vejam-se também Avrom Fleishman, *op. cit.*, pp. 16-101 e Patrick Swinden, *The English Novel of History and Society 1940-80*, 1984, p. 12.

a recepção do romance histórico: “the reception of these books has sometimes been confused by attempts to judge them on historical grounds, and they have been attacked for the “lies” they penetrate. But such critiques ignore the authors’ foregrounding of the fictional nature of their histories [...]”<sup>742</sup>, fenómeno que se aplica à recepção de *CBP* em Macau nos anos 60, sobretudo por parte dos clérigos, a única de que temos registo através das críticas de José Barcelo Mendes e da ‘autópsia’ de Manuel Teixeira. Este último autor continua a sua crítica, que encontra eco no já citado editorial do padre José Barcelos Mendes: “[...] se ele tivesse inventado os nomes do seu romance, nada teríamos a objectar. Mas apresentar nomes verdadeiros e aspergi-los com a baba da calúnia, dando-lhe um aparato de história verídica, é o que não podemos tolerar”<sup>743</sup>. Num estudo posterior, o padre Manuel Teixeira afirma ainda que a personagem Martha nada tem de verídico a não ser a sua existência<sup>744</sup>, o que, de facto, e como já afirmámos<sup>745</sup>, não é totalmente verdadeiro, pois esta partilha diversas características, embora ficcionalizadas, com o seu referente histórico, nomeadamente o facto de se tornar armadora, as doações que faz à cidade e a relação com Thomas Van Mierop.

Se, por um lado, e como já vimos, a caracterização de actos e atitudes das personagens, através do recurso a figuras de estilo, e as personagens e episódios anacrónicos enfatizam o carácter ficcional da narrativa, por outro, a dimensão histórica da mesma é reforçada através de estratégias como a referência à pesquisa nos arquivos, à cor local, e à utilização de figuras históricas das comunidades portuguesa e inglesa da Macau setecentista, a par de todos os episódios, factos e personagens inventados. Por outro lado, algumas personagens, embora tenham referentes reais anacrónicos, assumem-se como ‘personagens à clef’ – por exemplo, Biddle<sup>746</sup> e o juiz com quem este se envolve no comércio transatlântico e que já associámos ao ouvidor Arriaga a partir da proxi-

---

<sup>742</sup> Naomi Jacobs, *The Character of Truth: Historical Figures in Contemporary Fiction*, 1999, p. xviii.

<sup>743</sup> Padre Manuel Teixeira, «Martha Merop: Autópsia de Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, p. 6.

<sup>744</sup> *Idem*, *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, p. 33.

<sup>745</sup> Subcapítulo 3.1.2, *supra*.

<sup>746</sup> As figuras históricas enquanto personagens literárias podem aparecer sob o disfarce de um nome diferente ou semelhante ao do seu referente extratextual e que o leitor informado identifica facilmente, o que acontece com Biddle (referente ficcional de Thomas Beale); daí que o designemos por “personagem à clef”, pois o *roman à clef* ficcionaliza traços biográficos de pessoas reais sob o disfarce de personagens, desvendando o leitor a ‘chave’ escondida do romance quando descobre a verdadeira identidade destas últimas [cf. William Weaver, s.v. «Roman à Clef», in Paul Schellinger (ed.), *op. cit.*, vol. 2, p. 1106].



midade que existe entre o episódio ficcional do romance, os traços biográficos e os negócios dessas figuras históricas<sup>747</sup>.

Ao longo dos três artigos-autópsia, o padre Manuel Teixeira lista inúmeras inexactidões históricas presentes no romance e que sintetizamos no anexo n.º 8, relacionadas sobretudo com a presença da religião católica em Macau e com as figuras históricas nomeadas ao longo da obra. Cerca de 10 anos após essas críticas, Austin Coates responde ao historiador num artigo do jornal de Hong Kong *South China Morning Post*, epitexto público<sup>748</sup> de *CBP* que resume algumas das técnicas de construção do romance e a investigação subjacente a essa tarefa. O Autor refere a sua preocupação em dar voz a figuras silenciadas da história do enclave, estratégia característica do romance histórico pós-moderno:

From the first moment I heard of Martha Merop, in 1949<sup>749</sup>, I was fascinated by her. There she was immured in the house of an Englishman in Macau, a total prisoner, not allowed to be seen when visitors came [...] and certainly not on any account allowed out. She was a pensioner, if any more absurd word could be found for it. By the laws of China, no European expatriate was allowed to bring a wife with him [...] marry a local girl. [...] Out of these extraordinary conditions, Martha became an international trader in her own right, owned her own ocean-going trading vessel, [...] and left to charity what in today's money would run into millions. I found this story irresistible. I had to write her life. But this was easier said than done. Even when a millionairess, she remained illiterate [...]. There is so much we do not know about them [Martha and Thomas], and never will know<sup>750</sup>.

As cartas trocadas entre Coates e J. M. Braga durante a redacção do romance<sup>751</sup> funcionam como epitextos públicos do mesmo, assim como o folheto publicitário que

---

Só estabelecendo a comparação entre Biddle e Thomas Beale o leitor estabelecerá também um paralelo entre o juiz da acção ficcional, o ouvidor Arriaga e os episódios históricos (anacrónicos) das crises do ópio (1815, 1821) para os quais a acção ficcional de *CBP* remete o leitor informado.

<sup>747</sup> Sobre as duas personagens históricas, vejam-se Austin Coates, *A Macao Narrative*, pp. 66-69, 75 e Jean Crouch-Smith *et alii*, *Macau Protestant Chapel: A Short History*, 1997, pp. 36-38.

<sup>748</sup> Conceito definido por Gérard Genette, *Seuils*, pp. 10-11, 316-341, como todo o elemento paratextual que não se encontra materialmente anexado ao texto, tal como as entrevistas, a informação publicitária e os artigos sobre uma dada obra.

<sup>749</sup> Como já afirmámos, de acordo com Fung-kwai Yim, é J. M. Braga que conta a Coates a história de Marta e Thomas Van Mierop, quando ambos visitam a Santa Casa da Misericórdia de Macau.

<sup>750</sup> Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

<sup>751</sup> Sobre a correspondência trocada entre os autores, veja-se *supra*, subcapítulo 8.3.

a primeira editora que publica *CBP* (Frederick Muller) distribui em 1967 a anunciar a obra e no qual Coates afirma que o texto se encontra o mais próximo possível de um estudo historiográfico ou de uma biografia de Marta da Silva Van Mierop, ambos impossíveis de realizar por falta de fontes:

‘I have written it as a novel,’ the author states, ‘because, even when a millionairess, Martha remained illiterate, and none of her Macao associates were the kind of people who kept diaries or wrote interesting letters. The material for a proper biography does not exist. The book comes as close as can be to authentic history. [...] I have tried to present as faithful a portrayal as possible of the life and times of a remarkable woman, whose success story must surely rank among the strangest in any part of the world, at any time’<sup>752</sup>.

A grande proximidade entre a ficção e a “história autêntica” ou a biografia não é exigida ao romance histórico, mas o Autor confessa que recorre à ficção para se aproximar o mais possível do tempo e do espaço da Macau setecentista. A temática das fontes e dos arquivos históricos esbate propositadamente o estatuto ficcional de *CBP*, como podemos verificar através do aproveitamento literário dos testamentos das figuras históricas que partilham o nome e alguns traços biográficos com as personagens principais do romance. Num outro texto, Coates continua a descrever as diversas etapas ao longo das quais acumula informação histórica para redigir *CBP*:

Then one day, going through an obscure shipping list of the year 1780, I found the lover [...] Thomas Kuyc van Mierop. Within seven minutes of entering the historical section of Sommerset House, London, I had his will in my hands. Marta, and the entire relationship between the two of them, came magically to life. [...] Since my novel was published, I have found out some more about her [...]’<sup>753</sup>.

---

<sup>752</sup> Austin Coates, folheto publicitário *Frederick Muller Ltd. Announce*, 4 pp (vide anexo n.º 3). Também Sigmund Freud atribui à versão manuscrita da sua obra *Moses and Monotheism* (1934) o subtítulo «Ein Historischer Roman», decisão que, de acordo com Y. H. Yerushalmi, «Freud on the ‘Historical Novel’: From the Manuscript Draft (1939) of *Moses and Monotheism*», *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 70, parte 3, 1989, pp. 375-395, se deve ao facto de o Autor não ter conseguido provas históricas suficientes para apoiar a sua reconstrução. Esta estratégia encontra-se, como já vimos, próxima da motivação de Coates para redigir *CBP*.

<sup>753</sup> Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

A descrição da vida de Marta que Coates apresenta neste artigo não difere em muito da que é ficcionalizada no romance, sem que o romancista identifique a fonte histórica dessa informação, adiantando apenas que o registo médico que declara Thomas doente com disenteria se encontra nos arquivos da E.I.C., o que podemos confirmar ao longo da nossa investigação, como referimos no início do capítulo 3. No que diz respeito à actualização e à reescrita de figuras históricas ou personagens literárias no romance histórico pós-moderno, as palavras de Maria de Fátima Marinho revelam muita da importância da (re)escrita ficcional dos factos conhecidos sobre a vida de Marta: “[...] muito mais interessante do que a reposição da biografia de um escritor, como acontecia no romance histórico tradicional, é a transformação, a subversão do que sabemos sobre ele, permanecendo esse saber numa estrutura profunda e representando a estrutura de superfície a construção que sempre convoca o hipertexto [...]”<sup>754</sup>, no caso da armadora macaense as fontes portuguesas que Coates utilizou e que nos permitem desvendar uma ponta do véu da existência da mesma.

Em relação à data do casamento do casal, o romancista discorda da tradição oral de Macau que o situa dias antes da partida do inglês, especulando para justificar a sua teoria de que Thomas e Marta nunca casaram, apesar de as figuras históricas se declararem casadas nos seus testamentos. Coates afirma que o sobrecarga, no seu testamento, refere Marta sem utilizar o apelido Van Mierop, mas sim ‘da Silva’:

Marta’s will [...] states that she married him “in the face of Holy Church” [...]. But by that time the whole of Macao knew about the secret marriage, and the clerk who made the will is quite likely to have written this down without being asked, because secret marriages are exciting. Thomas’ will, signed two days before he left the coast, refers to “my beloved wife Martha da Silva”, which means they were not married [...] <sup>755</sup>.

No entanto, e de acordo com fontes históricas de Macau, datadas de 1822, Marta da Silva é inserida numa lista de benfeitores da cidade com o apelido “Merope”<sup>756</sup>, provando essa ocorrência que a armadora utiliza o apelido de Thomas e é posteriormente reconhecida como viúva do inglês.

---

<sup>754</sup> Maria de Fátima Marinho, *Um Poço sem Fundo*, p. 197.

<sup>755</sup> Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

<sup>756</sup> *Abelha da China*, n.º 15, 24-12-1822, p. 58.

Já no final do artigo, o romancista conclui, em uníssono com o padre Manuel Teixeira, em relação a Marta Van Mierop: “[...] she was a woman of honour [...]”<sup>757</sup>, afirmando que recria parte da vida da mesma com base nos escassos conhecimentos que detém e na utilização livre da história. Coates confessa ainda que a tradição oral de Macau pouco nos informa acerca do casal, pois no enclave setecentista as comunidades portuguesa e inglesa encontram-se separadas por fronteiras socioculturais e religiosas, como verificámos na segunda parte. Enquanto os testamentos de Marta e Thomas afirmam que eles casaram, em *CBP* as personagens nunca chegam a consumir o matrimónio à face da Igreja, e a protagonista finge que tal acontece sobretudo por uma questão de segurança, provando a narrativa que a inter-relação entre a história e a ficção biográfica tende a tornar-se cada vez mais intensa<sup>758</sup>. John F. Keener enfatiza o facto de o romance histórico revelar um *self* historicamente situado e de a vivência do sujeito da biografia parcial ser sugerida como um todo através da sua divisão em partes<sup>759</sup>, realidade semelhante à construção do percurso formativo de Martha Merop com base em analepses externas e internas; daí que *CBP* se aproxime também de uma biografia ficcional parcial ao representar 30 anos da vida da protagonista de forma não linear.

Na ausência de documentação que prove o contrário e mesmo perante o facto de os funcionários da E.I.C. estarem oficialmente proibidos de casar com nativas<sup>760</sup>, o leitor interessado poderá basear-se, tal como o padre Manuel Teixeira e J. M. Braga<sup>761</sup>, nos documentos históricos, nomeadamente nos testamentos dos membros do casal, até porque a documentação legal redigida em Macau após a morte de Marta a proclama também “viuva do Inglez Tomáz Meroup” [*sic.*]<sup>762</sup>. No entanto, tal facto não

<sup>757</sup> Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

<sup>758</sup> John F. Keener, *Biography and the Postmodern Historical Novel*, 2001, p. v.

<sup>759</sup> *Idem, ibidem*, p. 1.

<sup>760</sup> Cf. J. M. Braga, «A Seller of ‘Sing-Songs’», p. 78.

<sup>761</sup> Numa carta que nos envia, a 14-02-2001, de Macau, o padre Manuel Teixeira afirma: “[...] publiquei até o seu testamento [de Marta], em que diz que casou com ele [Thomas...] à face da igreja”. J. M. Braga, que fornece informações sobre a Macau setecentista a Austin Coates durante a redacção de *CBP*, afirma, num estudo anterior à publicação do romance (J. M. Braga, «A Seller of ‘Sing-Songs’», p. 79, n. 52), que a *pensioner* Marta casa em segredo com Thomas Van Mierop, referindo, desde logo, que Coates encontrara informação sobre o sobrecarga em Londres. Braga menciona ainda a fortuna que Thomas deixa a Marta e a doação desta à Santa Casa da Misericórdia, adiantando: “She was not very well educated and seems to have experienced difficulty about the spelling of her husband’s name, for when, later in life, she built a ship she called it the Martha Merope [...]” (*idem, ibidem*).

<sup>762</sup> C.C.C.M., MCAHM/AC/157/824/B. G2, «Cópia dos lançamentos respeitantes aos legados deixados por Marta Merop», p. 1 (veja-se *supra*, subcapítulo 3.1.2.1).

implica que imputemos ao romance em questão o dever ou sequer a pretensão de ser uma reconstrução fiel da realidade histórica. Doležel<sup>763</sup> distingue a ficcionalização de mundos possíveis da narrativização de factos históricos verificáveis, podendo estes últimos ser incorporados no tecido do texto ficcional, como acontece em *CBP*, por exemplo, relativamente à compra do direito de ser construtor naval pelos chineses para poderem residir livremente na cidade<sup>764</sup>, assim como os muitos outros elementos históricos que apresentámos nos quadros relativos ao exercício de intertextualidade temática entre o romance e as obras de cariz historiográfico de Coates. Aliás, em *Os Comedores de Pérolas* (1992), de João Aguiar, romance cuja acção decorre em Macau, encontramos uma explicação premeditada do narrador sobre a função e a responsabilidade do texto ficcional no que diz respeito à representação fiel do passado, como que respondendo previamente à crítica literária que o acuse de ‘inventar’, mesmo que seja exactamente isso que faz: “[...] Ninguém pode saber o que ia na cabeça do ajudante-de-campo quando saiu do Palácio [...]. Só posso recorrer à imaginação, porque as próprias gravuras não merecem inteira confiança. É com os olhos da imaginação que vejo Mesquita [...]. A Macau dessa época desapareceu completamente”<sup>765</sup>. Este comentário metafictional responde às afirmações e críticas do padre Manuel Teixeira e da restante comunidade interpretativa<sup>766</sup> em relação a *CBP*, sendo a ficcionalidade do enredo do romance marcada por estratégias narrativas que geram uma zona cinzenta entre as duas instâncias da interpenetração da história na ficção definidas por Lubomír Doležel – a ficção histórica<sup>767</sup> e a ficção contrafactual<sup>768</sup> –, demonstrando *CBP* também

---

<sup>763</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», pp. 247-276.

<sup>764</sup> *CBP*, pp. 127-128.

<sup>765</sup> João Aguiar, *Os Comedores de Pérolas*, 1992, p. 57.

<sup>766</sup> Sobre o conceito de comunidade interpretativa (de leitores), veja-se David Bleich, «Epistemological Assumptions in the Study of Response», in Jane P. Tompkins (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, 1994, pp. 134-163.

<sup>767</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», p. 264: “[...] in this case the historical migrants adjust to the semantic and pragmatic conditions of the fictional environment [...] and are] transform[ed] into fictional counterparts [...]” (consulte-se Walter Moser, «The Factual in Fiction», *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, 1984, pp. 411-428).

<sup>768</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», pp. 265-267, parafraseando Trevor-Roper, afirma: “At any given moment in history there are real alternatives, and to dismiss them as unreal because they were not realized [...] is to take the reality out of the situation. How can we ‘explain *what* happened and *why*’ if we only look at what happened and never consider the alternatives, the total pattern of forces whose pressure created the event? [...] The precariousness of certain historical situations comes to the fore only if counterfactual outcomes are taken into account. [...] Counterfactual history is a thought

características desta última no que diz respeito ao facto de Martha e Thomas não terem casado à face da Igreja, questão que não é resolvida pela historiografia e, sendo abordada no romance, é levantada pelo padre Manuel Teixeira.

Wolfgang Iser, ao estudar a recepção dos romances históricos de Scott, conclui que nas narrativas ficcionais a história se relaciona com a estética e a imaginação, transformando-se a “realidade factual” em “cenar imaginadas”, como acontece em *CBP*, pois:

[...] the reality conceived in the novel is fictitious – it is not a chronicle [...]. The fiction is based on the reflections and reactions of the individual characters, whose subjective transformation of an historical situation gives rise to the reality of the novel. [...] It is only this fiction that enables Scott to produce the illusion of historical reality. [...] Historical consistency can only be a fiction [...] <sup>769</sup>.

Um romance histórico como *CBP* não exige ou sugere, portanto, uma análise a partir exclusivamente da realidade histórica que a ficção sugere como referente extra-textual <sup>770</sup>, mas sim um estudo da forma como os elementos históricos, enquanto estratégias literárias, se encontram ao serviço da construção da narrativa. Ao contrário do que os padres Manuel Teixeira e José Barcelos Mendes concluem, o facto de o romance de Coates não ser totalmente fiel à história não lhe retira qualquer valor, pois a história é sobretudo matéria da ficção <sup>771</sup>, podendo a primeira ser utilizada livremente pelo romancista sem as preocupações científicas do historiador.

---

experiment: by changing or eliminating a factor of factual history it tests this factor's significance. [...] The link to fiction-making is thus established.” Também David Lowenthal, *The Past Is a Foreign Country*, 1999, p. 215, afirma: “As the past no longer exists, no account can ever be checked against it, but only against accounts of that past. [...] Historical narrative is not a portrait of what happened but a story about what happened [...]”, situação que permite a carnavalização de épocas, costumes e práticas passados. Sobre o conceito de história contrafactual ou alternativa, vejam-se ainda Carl Tighe, «*Pax Germanica in the Future-Historical*», in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *op. cit.*, pp. 451-467; Karen Hellekson, *The Alternate History: Refiguring Historical Time*, 2001, pp. 1-31 (que aborda a “alternate history science fiction”) e o conjunto de estudos de historiadores contemporâneos que imaginam desfechos diferentes para grandes acontecimentos da História Mundial: Robert Cowley (ed.), *More What If? Eminent Historians Imagine What Might Have Been*, 2003.

<sup>769</sup> Wolfgang Iser, *The Implied Reader*, pp. 92-93.

<sup>770</sup> Para exemplos de análises de um romance histórico como *O Código Da Vinci* exclusivamente a partir da realidade exterior ao texto, vejam-se Amy Welborn, *De-Coding Da Vinci: The Facts Behind the Fiction. The Da Vinci Code*, 2004.

<sup>771</sup> Expressão de Wolfgang Iser, *The Implied Reader*, p. 81; tradução nossa.

Se o romance histórico é por vezes interpretado apenas à luz da historiografia, também o *Bildungsroman* é lido como “[...] indissociável da experiência pessoal do escritor [...]”<sup>772</sup>, posição da qual nos afastamos, devendo o contrato de leitura estabelecido por ambos os subgéneros basear-se no “[...] sinal de ficção [...], cuja regulamentação o texto comprova não como discurso, mas sim como discurso encenado [...]”<sup>773</sup> e do qual o exercício metaficcional, nem que breve, os jogos anacrónicos e as figuras de estilo que descrevem acções das personagens fazem parte em *CBP*. O próprio exercício da paródia em torno da realidade histórica só é identificável tendo como referência a transformação desta última. De acordo com Lubomír Doležel, “[...] the fiction maker’s counterfactual history is a parody of classical historical fiction; the historical past provides actors and the stage for its ‘carnavalization’ [...]”<sup>774</sup>, processo presente, embora de forma ténue, em *CBP*, no que diz respeito ao suposto casamento de Marta e Thomas Van Mierop e à utilização anacrónica de personagens e episódios históricos.

Tendo em mente também o que afirmámos na segunda parte, podemos concluir que o conhecimento da história da presença inglesa em Macau facilita o estudo do aproveitamento que *CBP* faz da mesma. Se, por um lado, é verdade que os elementos históricos não se sobrepõem à dimensão ficcional e estética do romance de Coates, por outro, analisar este último sem recorrer à história seria uma tarefa lacunar, pois, como já afirmámos, muito da sua riqueza e do seu significado se perderiam, uma vez que a essência do subgénero em questão reside na hibridez que surge da fusão premeditada da história com a ficção.

### 13. A RECEPÇÃO DO ROMANCE E A SUA ADAPTAÇÃO AO TEATRO NO MUNDO ANGLÓFONO

Como acabámos de ver, a história narrada em *CBP* é ficcionalizada com base no conhecimento lacunar de Coates sobre as vidas de Thomas e Marta, uma vez que pouco se sabe acerca destas figuras históricas para além da informação veiculada pelos seus

---

<sup>772</sup> Teresa Martins Marques, «Introdução: A Construção do Universo Ficcional n’«A Escola do Paraíso», de José Rodrigues Miguéis», in José Rodrigues Miguéis, *A Escola do Paraíso*, 1995, pp. vii-viii.

<sup>773</sup> Wolfgang Iser, «Os Atos de Fingir ou o Que É Fictício no Texto Ficcional», in L. Costa Lima (ed.), *Teoria da Literatura em Suas Fontes*, vol. 2, 1983, p. 397.

<sup>774</sup> Lubomír Doležel, «Fictional and Historical Narrative», p. 267.

testamentos e as escassas referências na documentação coeva. Mary Lascelles afirma que a “história fictícia” (representação de um acontecimento histórico que nunca aconteceu) descreve aquilo que poderia ter sido<sup>775</sup>, fazendo eco das seguintes palavras de Aristóteles: “[...] não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verosimilhança e a necessidade. [...] Diferem [o poeta e o historiador] em que [o historiador] diz as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”<sup>776</sup>. Estas afirmações podem ser aplicadas ao processo de construção de *CBP*, ou seja, à recriação ficcional que Coates, na ausência de informação concreta sobre a vida das figuras históricas principais, tenta levar a cabo para representar, de forma verosímil, o tempo e o espaço históricos em que Marta da Silva Van Mierop vive<sup>777</sup>.

O romance recupera o casal semi-anónimo da periferia dos Impérios Português e Britânico para as ‘luzes da ribalta’, aplicando-se esta expressão ao fenómeno de popularidade de que os protagonistas são alvo após o lançamento da obra, sobretudo em Macau, Hong Kong e nas comunidades macaenses dos Estados Unidos da América. Para além de os direitos de autor para a adaptação do romance em filme estarem vendidos há largos anos, o enredo do mesmo é transposto, em forma de musical, para o palco, em Hong Kong, cerca de 11 anos após a sua publicação, durante o Arts Festival de 1978. A adaptação do texto, da autoria de Brenda Davies (guião), June Armstrong-Wright (letras das canções) e Judi Elman (música), levada a cabo em dois meses, a partir de Agosto de 1977, é representada pelo grupo de teatro europeu de Hong Kong Garrison Players, fundado em 1948, encontrando-se o texto dactilografado e manuscrito de «City of Broken Promises: A Musical Play in Two Acts» na British Library<sup>778</sup>. A peça conta com o aval de Austin Coates, que resume a sua colaboração na redacção dos dois actos que compõem o novo texto: “Authors are a perfect nuisance in such matters when in any way connected with their book”<sup>779</sup>. Num estudo sobre o teatro de língua inglesa produzido em Hong Kong, Mike Ingham enfatiza o valor da

---

<sup>775</sup> Mary Lascelles, *op. cit.*, p. 114.

<sup>776</sup> Aristóteles, *op. cit.*, 1451 a e b, p. 115.

<sup>777</sup> Sobre o conceito de verosímil na tradição do romance histórico, veja-se David Brown, *Walter Scott and the Historical Imagination*, 1979, pp. 173-209.

<sup>778</sup> Título completo: «City of Broken Promises: A Musical Play in Two Acts Based on the Book by Austin Coates», 84 pp. Cota da British Library: X.435/444 (84 pp. em tamanho A3). Veja-se o nosso anexo n.º 10.

<sup>779</sup> Gregory Leong, *op. cit.*, p. 17.



peça devido ao facto de ser um dos dois únicos musicais escritos em Hong Kong e de fazer parte da história do teatro da cidade:

The amateur scen has relied heavily on the Hong Kong Singers and before them the Garrison Players to provide regular doses of Western musical theatre with productions of earlier classics by Rogers and Hammerstein and Cole Porter. However, two local musical productions are notable for being written or devised for the Hong Kong context. One was an almost exclusively expatriate 1977 musical based on Austin Coates' book on Macau, *City of Broken Promises*, one of the first productions at the new Hong Kong Arts Centre in Wan Chai<sup>780</sup>.

Nesta adaptação livre, a acção começa já após a agressão física de Martha a Teresa da Silva, sendo o ambiente nocturno da prostituição na Rua da Felicidade predominante. O texto dramático termina com o diálogo de Martha, Abraham Biddle e Ah Sum antes do baptismo do *Merop*, episódio que demonstra a liberdade com que o romance é adaptado, pois Biddle, em *CBP*, morre antes desse momento<sup>781</sup>. A leitura do guião revela a economia 'dramática' conseguida através da síntese de episódios e da inclusão de factos e sentimentos das personagens nas didascálias e nas letras das canções<sup>782</sup>, afirmando Brenda Davies que as principais modificações consistem na omissão de inúmeros subenredos e de algumas personagens, enquanto descreve Abraham Biddle como "[...] a slightly Dickensian character – shady but definitely likeable"<sup>783</sup>.

A publicação anual *Hong Kong Arts Festival* informa: "[...] the Garrison Players' production of *City of Broken Promises* is a 'first' in many ways. It was the first original musical play to be presented at the Hong Kong Arts Festival. It is also the first time that an attempt has been made to bring together Chinese and Western drama groups in one production [...]"<sup>784</sup>, fazendo-se o espírito multicultural do próprio romance sentir no

---

<sup>780</sup> Mike Ingham «Hong Kong-Based English-Language Theatre», in Mike Ingham e Xu Xi (eds.), *City Stage: Hong Kong Playwriting in English*, 2005, p. 4.

<sup>781</sup> A peça termina com a fala que Ah Sum dirige à sua mestre, em *C.P.E.*: "[...] Missy, your ship ready. Everyone wait for you" («City of Broken Promises: A Musical Play in Two Acts», II, v, p. 84).

<sup>782</sup> A didascália que abre a segunda cena do segundo acto informa: "Biddle's Shop, Six Months Later. Shop in Larkness. Figures Crossing and Recrossing. Front of Stage – Company Men, Whores [...]", seguindo-se uma canção intitulada "Rumours" (temática por nós abordada relativamente ao romance no capítulo 11, *supra*), que sintetisa a tensão e os factos da crise do ópio (*ibidem*, II, ii, p. 61).

<sup>783</sup> *Hong Kong Arts Festival*, 1978, p. 43.

<sup>784</sup> *Ibidem*, p. 43.

musical. A peça atravessa oceanos e é também apresentada em San Jose, na Califórnia, em Novembro de 1979, perante uma audiência composta sobretudo pela comunidade macaense radicada nos Estados Unidos da América <sup>785</sup>.

Como vimos nestes dois últimos capítulos, a recepção de *CBP* em Macau prende-se sobretudo com a dimensão histórica do texto, enquanto a sua adaptação em musical remete principalmente para a vida e *Bildung* da protagonista, que estudaremos de seguida, uma vez que nenhuma recensão do romance o classifica como *Bildungsroman*, permitindo-nos a análise de *CBP* enquanto romance de formação feminino estudar as esferas feminil e simbólica do espaço em que o processo formativo de Martha tem lugar, ou seja, o da Macau setecentista.

---

<sup>785</sup> Cf. CM., «'Broken Promises' a Smash», *South China Morning Post*, vol. 35, n.º 312, 11-11-1979, p. 14. Veja-se também Sheila Gibbs, «The Girl Bringing Marta to Life», *ibidem*, vol. 33, n.º 335, 04-12-1977, p. 4.

PARTE QUARTA

***CITY OF BROKEN PROMISES***  
**ENQUANTO *BILDUNGSROMAN* FEMININO:**  
**O ESPAÇO SIMBÓLICO DA FORMAÇÃO**  
**DE MARTHA VAN MIEROP**



## 1. *A BUNDLE OF RAGS: AS ESPECIFICIDADES DO BILDUNGSROMAN FEMININO E A FORMAÇÃO DE MARTHA MEROP*

Como verificámos na terceira parte, *CBP* presta-se a várias leituras e, parecendo ser inicialmente um romance de viagem, a de Thomas Van Mierop em direcção à China para se iniciar no *China trade*, assume-se gradual e simultaneamente como romance histórico e *Bildungsroman* feminino<sup>1</sup> ao apresentar o processo formativo<sup>2</sup> de Martha da Silva, que o sobrecarga encontra e protege na Macau setecentista.

De acordo com a definição clássica de Wilhelm Dilthey, o *Bildungsroman* descreve “[...] a regulated development within the life of the individual [...], each of its stages has its own intrinsic value and is at the same time the basis for a higher stage. The dissonances and conflicts of life appear as the necessary growth points through which the individual must pass on his way to maturity and harmony”<sup>3</sup>. Palavras que Martin Swales considera datadas, uma vez que nem sempre o romance de formação apresenta a vitória e a harmonia que Dilthey descreve como requisitos do subgénero,

---

<sup>1</sup> O termo *Bildungsroman* é cunhado por Karl von Morgenstern (1770-1852) em 1810, num curso por ele leccionado [«On the Spirit and Coherence of a Series of Philosophical Novels» («Ueber den Geist und Zusammenhang einer Reihe Philosophischer Romane»), in *Dörptsche Beyträge für Freunde der Philosophie. Literatur und Kunst*, vol. 3, n.º 1, 1816, pp. 180-195] e em duas comunicações intituladas «On the Essence of the *Bildungsroman*» («Ueber das Wesen des Bildungsroman», 1820) e «Toward a History of the *Bildungsroman*» («Zur Geschichte des Bildungsromans», 1824), e não por Wilhelm Dilthey na sua biografia de Friedrich Schleiermacher, *Leben Schleiermachers* (Berlim, 1870), como durante muito tempo se julgou, devido à maior projecção dos estudos deste último. Em 1824 *Morgenstern* define o romance de formação e destaca a sua função didáctica: “[...] it represents the *Bildung* of the hero in its beginning and progress to a certain stage of completion; [...] just this depiction promotes the *Bildung* of the reader more than any other sort of novel” (in *Todd Kontje, The German Bildungsroman*, 1993, pp. 15-16). Sobre a definição, ainda não absolutamente consensual, de *Bildungsroman*, vejam-se também Martin Swales, *The German Bildungsroman from Wieland to Hesse*, 1978, pp. 12-13; Randolph P. Shafner, *op. cit.*, pp. 3-15 e Fritz Martini, «*Bildungsroman: Term and Theory*», in James N. Hardin (ed.), *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*, 1991, pp. 1-10.

<sup>2</sup> Requisito proposto por Jack Hendriksen, *This Side of Paradise as a Bildungsroman*, 1993, p. 24.

<sup>3</sup> Wilhelm Dilthey, *Das Erlebnis und die Dichtung*, 1913, p. 394, tradução de Martin Swales, *op. cit.*, p. 3.

pois o *Bildungsroman* é escrito com base na ‘viagem’ evolutiva (*Bildungsreise*) do protagonista e não no final feliz para o qual esta concorre<sup>4</sup>, encontrando-se a auto-reflexividade em torno da *Bildung* (formação)<sup>5</sup> presente não nas fases pelas quais a personagem principal passa, mas no discurso do narrador em torno das mesmas<sup>6</sup>. Michael Minden<sup>7</sup> define o subgénero com base quer no conceito de *Bildung*, quer nas características e especificidades do conteúdo dos textos, enquanto James N. Hardin<sup>8</sup> defende, tal como Fritz Martini, que a acção e a reflexão activas por parte do protagonista são componentes essenciais do *Bildungsroman*. Vários autores, entre os quais Martin Swales<sup>9</sup>, Annie Eysturoy<sup>10</sup> e Carlota Dias Pinto<sup>11</sup>, relacionam a função pedagógica do subgénero com a formação, enquanto Benjamin C. Sax afirma:

---

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 34; Luísa Maria Rodrigues Flora, «De Olhos Abertos para a Espiral dos Tempos: Aprendizagem do Romance de Doris Lessing», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade de Lisboa, 1987, pp. 131-132; *idem*, s.v. «*Bildungsroman*», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>> e Thomas L. Jeffers, *Apprenticeships: The Bildungsroman from Goethe to Santayana*, 2005, pp. 55-88, que define o conceito de “self-cultivation”.

<sup>5</sup> Sobre a evolução do conceito de *Bildung* e as especificidades dos termos ‘formação’ e *Bildungsroman*, sobretudo no espaço anglófono, por comparação ao conceito original alemão, vejam-se Susan Ashley Gohlman, *Starting Over: The Task of the Protagonist in the Contemporary Bildungsroman*, 1990, pp. 21-31; Richard A. Barney, *Plots of Enlightenment: Education and the Novel in Eighteenth-Century England*, 1999, pp. 26-29 e Thomas L. Jeffers, *op. cit.*, pp. 35-54. Na página 26, o último autor afirma que o termo-chave alemão *Bildung* é entendido como uma “entidade” cultural e holística que resulta do cultivo do *self*, adquirindo diferentes significados no resto da Europa; daí que este aborde o romance de formação inglês enquanto uma forma cultural de discurso (*idem, ibidem*, p. 30) que, de acordo com Richard A. Barney, *op. cit.*, pp. 37-80 e 301-322, emerge por influência do discurso educacional do Iluminismo. Sobre o conceito e o significado cultural e histórico específico de *Bildung* na Alemanha setecentista e oitocentista (baseado na noção religiosa e secular da formação como um processo interior, o potencial que o ser humano tem para se desenvolver), vejam-se: Susan L. Cocalis, «The Transformation of *Bildung* from an Image to an Ideal», *Monatshefte*, vol. 70, n.º 4, 1978, pp. 339-414; Georg Luckacs, *La Théorie du Roman*, 1989, p. 131; Marc Redfield, *Phantom Formations: Aesthetic Ideology and the Bildungsroman*, 1996, pp. 46-59 e Michael Minden, s.v. «*Bildungsroman*», in Paul Schellinger (ed.), *op. cit.*, vol. 1, pp. 118-119, que afirma: “[...] in the term *Bildung* itself is the post-Enlightenment ambition to harmonize the modern rational State with the autonomy of the individual”.

<sup>6</sup> Martin Swales, *op. cit.*, p. 4. Vide Todd Kontje, *op. cit.*, pp. 1-22.

<sup>7</sup> Michael Minden, *The German Bildungsroman: Incest and Inheritance*, 1997, p. 1.

<sup>8</sup> James N. Hardin (ed.), *op. cit.*, p. xiii.

<sup>9</sup> Martin Swales, *op. cit.*, pp. 14-15.

<sup>10</sup> Annie O. Eysturoy, *op. cit.*, p. 6.

<sup>11</sup> Carlota Lourenço Almeida Miranda Dias Pinto, «A Cartilha do Aprendiz Insurrecto: *Auslöschung. Ein Zerfall*, de Thomas Bernhard, na (Des)continuidade do *Bildungsroman*», dissertação de mestrado em Estudos Alemães apresentada à Universidade de Lisboa, 2002, pp. 13-15.

[...] *Bildung* was more than a type of education or even self-formation, for it was a way by which the individual came to know himself by knowing his world and its traditions [...], emphasized the finitude of the individual's will as well as his knowledge [...]. It was a return to the image of the active individual of Antiquity before the division between the *via activa* and the *via contemplativa* was formulated, but in another sense it emphasised a type of inner life and self-consciousness as well as understanding and appreciation of the uniqueness of each individual life [...]<sup>12</sup>.

Marc Redfield descreve o *Bildungsroman* como um subgénero “fantasma” e estuda a sua ideologia estética<sup>13</sup>, pois o romance de formação narra a aculturação/integração inicial de um *self* específico na subjectividade de uma comunidade e posteriormente na subjectividade universal da humanidade. O autor recorda a interligação dos termos alemães *Bild* (representação) e *Bildung* (formação), que relaciona a pedagogia e a estética presentes no subgénero, ou seja, a educação do sujeito e a figuração do texto, que, por sua vez, se torna um constructo estético. O conteúdo do *Bildungsroman* torna-se, então, uma questão de forma “[...] precisely because the content is the forming-of-content, ‘Bildung’ – the formation of the human or the producer of itself as form [...]”<sup>14</sup>.

Martin Swales sintetiza as várias classificações atribuídas ao romance de formação por diferentes teóricos, a saber *Entwicklungsroman* (“any novel having one central figure whose experience and whose changing self occupy a role of structural primacy within the fiction”) e *Erziehungsroman* [“explicitly (and narrowly) pedagogic in the sense that it is concerned with a certain set of values to be acquired, of lessons to be learned”]<sup>15</sup>, enquanto Michael Minden utiliza a primeira designação para classificar narrativas que representam a formação inicial de jovens e a segunda para romances ‘preocupados’ com teorias ou práticas educativas<sup>16</sup>, afirmando que as fronteiras entre

---

<sup>12</sup> Benjamin C. Sax, *Images of Identity: Goethe and the Problem of Self-Conception in the Nineteenth Century*, 1987, p. 250. Denis Pernot, *Le Roman de Socialisation 1889-1914*, 1998, p. 9, define o subgénero como o “[...] roman de ceux qui ont vingt ans [...]”, chamando-lhe romance de socialização.

<sup>13</sup> Marc Redfield, *op. cit.*, pp. vii-65.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p. 42.

<sup>15</sup> Martin Swales, *op. cit.*, p. 14.

<sup>16</sup> Michael Minden, s.v. «*Bildungsroman*», p. 121. Já o termo *Künstlerroman* designa romances que representam a formação de um artista (vejam-se: Maurice Beebe, *Ivory Towers and Sacred Founts: The Artist as Hero in Fiction from Goethe to Joyce*, 1964; Grace Stewart, *A New Mythos: The Novel of the Artist as Heroine 1877-1977*, 1979 e Linda Huf, *A Portrait of the Artist as a Young Woman: The Writer as Heroine in American Literature*, 1983).

estas classificações são ténues, pois as mesmas dependem, muitas vezes, de uma leitura crítica pessoal das obras<sup>17</sup>. Ao longo dos tempos, e sobretudo na bibliografia anglófona, o termo *Bildungsroman* surge ainda associado a outros vocábulos e expressões, especialmente adjectivos, dando origem a diversas subclassificações, com o objectivo de transmitir o percurso e a origem social do protagonista, bem como espaços e temas específicos dos mais variados romances, nomeadamente: “fiction of Humanity”, “proletarian *Bildungsroman*”, “young adult science fiction novel”, “*Bildungsroman* of the sea”, “black *Bildungsroman*”, “Postcolonial *Bildungsroman*”, “ghetto *Bildungsroman*”, “autobiographical *Bildungsroman*”, “*Bildungsroman* of belonging/unbelonging” e “Philosophy as *Bildungsroman*”<sup>18</sup>.

A designação de *Bildungsroman* não é pacífica nem inviolável, tal como as classificações de outros subgéneros romancísticos, que servem sobretudo para agrupar obras num *corpus* que facilite o seu estudo, pois, como recorda Terry Eagleton, o romance é

---

<sup>17</sup> Para uma distinção dessas variantes do *Bildungsroman*, vejam-se ainda: Susanne Howe, *Wilhelm Meister and His English Kinsmen: Apprentices to Life*, 1930, p. 6; G. B. Tennyson, «The *Bildungsroman* in Nineteenth-Century English Literature», in Rosario P. Armato e John M. Spalek (eds.), *Medieval Epic to the “Epic Theater” of Brecht: Essays in Comparative Literature*, 1968, p. 138; Jerome Hamilton Buckley, *Season of Youth: The Bildungsroman from Dickens to Golding*, 1974, p. 13; Susan Rubin Suleiman, *Authoritarian Fictions: The Ideological Novel as a Literary Genre*, 1983, pp. 64-74; Paola Cabibbo (ed.), *Sigfrido nel Nuovo Mondo. Studi sulla Narrativa d’Iniziazione*, 1983, p. 41; Giuseppe Nori, «Iniziazione e Formazione: il Bildungsroman», in Paola Cabibbo (ed.), *op. cit.*, pp. 117-120; Franco Moretti, *The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture*, 1987, pp. 16-17; María de los Angeles Rodríguez Fontela, *La Novela de Autoformación*, 1996, pp. 318 e François Jost, *op. cit.*, pp. 137-138, que chama ao romance de formação também *growing-up novel*.

<sup>18</sup> Michael Beddow, *The Fiction of Humanity: Studies in the Bildungsroman from Wieland to Thomas Mann*, 1982; Barbara Foley, *Radical Representations: Politics and Form in the U. S. Proletarian Fiction, 1929-1941*, 1993, pp. 321-361; Michael M. Levy, «The Young Adult Science Fiction Novel as *Bildungsroman*», in Charles W. Sullivan (ed.), *Young Adult Fiction*, 1999, pp. 99-118; Raymond L. Burt, s.v. «The *Bildungsroman*», in Margaret Jolly (ed.), *Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms*, vol. A-K, 2001, p. 106; J. S. F. Vasquez, «Recharting the Geography of Genre; Ben Okri’s *The Famished Road* as a Postcolonial *Bildungsroman*», *Journal of Commonwealth Literature*, vol. 37, n.º 2, Agosto de 2002, pp. 85-106; Cesare Casarino, *Modernity at Sea: Melville, Conrad in Crisis*, 2002, pp. 6-9; Jerry H. Bryant, *Born in a Mighty Bad Land: The Violent Man in African American Folklore and Fiction*, 2003, pp. 63-88; Pádraigin Riggs e Noran Vance, «Irish Prose Fiction», in Joe Cleary e Claire Connolly (eds.), *Cambridge Companion to Modern Irish Literature*, 2005, p. 253; Feroza Jussawalla, «Postcolonial Novels and Memories», in Brian W. Shaffer (ed.), *Companion to the British and Irish Novel 1945-2000*, 2005, p. 102 e Christopher Voparil, «On the Idea of Philosophy as *Bildungsroman*: Rorty and His Critics», *Contemporary Pragmatism*, vol. 2, n.º 1, 2005, pp. 115-134, respectivamente.



um género que resiste a uma definição exacta<sup>19</sup>. Frederick Amrine questiona a própria classificação, ao afirmar “[...] if one takes “Bildung” in its strict and limited historical sense, then nothing is a *Bildungsroman* – not even *Wilhelm Meisters Lehrjahre*; but if one takes it in the loose sense, something like “development of the protagonist”, then *everything* is a *Bildungsroman* [...]”<sup>20</sup>, sendo esta questão clarificada se juntarmos ambos os critérios, em vez de os separar, definindo o romance de formação como a representação do processo formativo informal do protagonista até à sua fase adulta. Geta Leseur e Michael Minden<sup>21</sup> referem classificações alternativas como romance pedagógico, filosófico e psicológico, ou romance de vida, desenvolvimento (individual), *self-cultivation*, educação, aprendizagem, socialização, infância, adolescência, juventude e iniciação. Embora estas designações sejam aplicadas ao romance de formação de forma generalizada, cada uma delas apresenta especificidades que, muitas vezes, não nos permitem classificar como *Bildungsromane* narrativas que apenas descrevam a infância sem que se observe nas mesmas um processo de formação pessoal ao longo do tempo, preferindo a maioria dos estudiosos do ‘romance de formação’<sup>22</sup> esta mesma tradução do termo alemão, que veicula não apenas a aprendizagem do protagonista, mas todo o longo processo cumulativo da sua ‘formação’ para o qual o termo *Bildung* remete; daí que Alfred J. Lopez se refira ao subgénero como “narrative [...] of progress”<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> Terry Eagleton, *The English Novel: An Introduction*, p. 1.

<sup>20</sup> Frederick Amrine, «Rethinking the *Bildungsroman*», *Michigan Germanic Studies*, n.º 13, 1987, p. 127.

<sup>21</sup> Geta Leseur, *Ten Is the Age of Darkness: The Black Bildungsroman*, 1995, p. 2, n.º 1 e Michael Minden, s.v. «*Bildungsroman*», p. 118.

<sup>22</sup> O tema do processo de formação do protagonista é um dos critérios de classificação do *Bildungsroman*, optando a maioria dos estudiosos por traduzir este último termo como ‘romance de formação’ (vide Marianne Hirsch, «The Novel of Formation as Genre: between *Great Expectations* and *Lost Illusions*», *Genre*, n.º 12, 1979, pp. 293-311; Randolph P. Shaffner, *The Apprenticeship Novel: A Study of the «Bildungsroman» as a Regulative Type in Western Literature with a Focus on Three Classic Representatives by Goethe, Maugham, and Mann*, 1984, p. 4; Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, p. 730; María Pilar Rodríguez, *VIDAS IM/PROPRIAS: Transformaciones del Sujeto Femenino en la Narrativa Española Contemporánea*, 1992, p. 2; Fernanda Gil Costa, «De Felix Meister a Felix Krull. Perspectivas para Uma Redefinição de *Bildungsroman*», *Runa: Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 20, 1993, pp. 173-182; João Barrento, «Prefácio», in Johann W. Goethe, *Os Anos da Aprendizagem de Wilhelm Meister*, 1998, pp. 7, 9, 13, 15 e Ande Locatelli, *La Lyre, la Plume et le Temps: Figures de Musiciens dans le «Bildungsroman»*, 1998, p. 27).

<sup>23</sup> Alfred J. Lopez, *op. cit.*, p. 97.

A partir da análise que Sax<sup>24</sup> elabora no excerto por nós já citado, podemos concluir que a vida de Martha na Macau setecentista se divide em duas fases: um período inicial, antes da chegada de Thomas, de relativa ‘contemplação’, devido aos obstáculos socioculturais da cidade, e um período de intensas actividade e liberdade, após o início do romance com o sobrecarga. O processo inicial de socialização da protagonista tem lugar na esfera privada da acção, por sua vez inserida na dimensão pública, política e histórica da vida do enclave, pois, como veremos, a jovem tira partido das oportunidades geradas pelas relações anglo-portuguesas na China Meridional na segunda metade do século XVIII, à medida que os seus movimentos são influenciados pelos interesses e actividades das autoridades e comunidades portuguesa, sínica e inglesa.

Ao ser encontrada por Madre Clemencia em 1766, nos degraus da Igreja do Convento de São Domingos<sup>25</sup>, envolta por trapos, numa cidade empobrecida e a lutar contra a prostituição, a bebé chinesa recebe simbolicamente o nome de Martha “[...] “because,” said the Abbess, “[...] poor child, she will have to work as soon as she is able, and be trained to work”<sup>26</sup>. O significado bíblico do nome da órfã, apoiado pelo uso do verbo *work*, torna-se evidente, uma vez que Santa Marta é associada ao desempenho das tarefas domésticas<sup>27</sup> e transforma o nome da personagem num aptrónimo que sustenta a sua caracterização inicial desta através de um jogo semântico entre a personalidade, as futuras características da jovem, as expectativas das religiosas de Macau e o nome da recém-nascida abandonada próximo do Convento de Santa Clara<sup>28</sup> e, mais tarde, expulsa e afastada da figura maternal de Madre Clemencia, ao ser adoptada por uma família franco-macaense. Com base na vivência da protagonista na casa de Monsieur Auvray e Teresa da Silva, podemos estabelecer um paralelismo temático entre esse episódio de *CBP* e o conto tradicional «Cinderela», uma vez que a criança cedo se torna escrava da madrasta e da ‘irmã’ mais velha, que tentam obscurecer também a sua beleza rival. Na Macau da segunda metade do século XVIII, Dominie sente-se superior a Martha por ser um ano mais velha, filha da dona da casa e portuguesa<sup>29</sup>. A pró-

<sup>24</sup> Benjamim C. Sax, *op. cit.*, p. 250.

<sup>25</sup> Sobre a igreja e o convento, veja-se Pedro Dias, *op. cit.*, pp. 157-162.

<sup>26</sup> *CBP*, p. 54.

<sup>27</sup> Cf. David Hugh Farmer, *The Oxford Dictionary of Saints*, 1987, pp. 286-287.

<sup>28</sup> Austin Coates, *A Macao Narrative*, p. 34, informa “[...] among the poorer class of Chinese [...] girls were often unwanted children, the lore of China being that a girl had to be fed and clothed for fifteen years or so, yet to no profit, since on marriage she goes to her husband’s family [...] it became a charitable act to adopt Chinese infant girls, bringing them up as Christians”.

<sup>29</sup> *CBP*, p. 60.

pria vítima descreve a sua situação através de uma imagem que remete para o referido conto: “[I] never dared to say so for fear of being told to scrub the kitchen floor [...]”<sup>30</sup>, acabando por fugir da tirania matriarcal para encontrar o ‘príncipe’ que lhe proporciona o seu processo de formação, rumo a uma vida independente. Ao longo da segunda parte do romance reconhecem-se no trio feminino algumas das funções ou formas fixas<sup>31</sup> que Vladimir Propp identifica nos contos tradicionais russos<sup>32</sup>, nomeadamente a situação inicial de desequilíbrio causado pelas oponentes *sister* Grace, Teresa e Dominie, catalisadoras do percurso da protagonista ao influenciar as suas atitudes, sobretudo após a transgressão desta última ao reivindicar o dinheiro que o seu protector lhe legara e ao mutilar a viúva, marcando-lhe a face para sempre.

Apesar da relação de inimizade que Martha mantém com Dominie, o facto de esta última ser europeia dá à protagonista a oportunidade, que ela reconhece e aproveita imediatamente, de aprender com a ‘irmã’, recordando essa aprendizagem, mais tarde, quando tem de se comportar como uma verdadeira *coquette*: “These were phrases remembered from Dominie’s fancies of life [...]”<sup>33</sup>. A memória individual é, assim, associada à educação e ao arguto raciocínio de Martha, como o próprio narrador descreve através da repetição de orações que levam o leitor a concluir que a adolescente aprende observando e toma, posteriormente, decisões no momento adequado: “Martha had long observed [...] Martha had long observed [...] and she suspected [...]”<sup>34</sup>.

A partir da classificação de Berta Vias Mahou dos diferentes tipos de mulher representados na literatura ocidental, podemos definir a protagonista de *CBP* como uma mulher lutadora<sup>35</sup>, cujos silêncio e vulnerabilidade iniciais dão lugar à voz e à coragem adquiridas ao longo de vários anos de aprendizagem. Expulsa de casa por Teresa da Silva depois da morte de Auvray, Martha entra ao serviço da E.I.C. como *pensioner*<sup>36</sup>

<sup>30</sup> *Ibidem*, pp. 148-149.

<sup>31</sup> Expressão de Frederic Jameson, «The Political Unconsciousness Narrative as a Socially Symbolical Act», in Michael McKeon (ed.), *A Critical Anthology: Theory of the Novel*, 2000, p. 404.

<sup>32</sup> Para Vladimir Propp, *Morphology of the Folktale*, 1968, p. 21, função é “[...] an act or character, defined from the point of view of its significance for the course of the action [...]”.

<sup>33</sup> *CBP*, p. 121.

<sup>34</sup> *Ibidem*, pp. 124-125.

<sup>35</sup> Vide Berta Vias Mahou, *La Imagen de la Mujer en la Literatura Occidental*, 2000, pp. 83-88.

<sup>36</sup> Numa outra obra de carácter historiográfico, Austin Coates, *Macao and the British*, p. 105, bem como em Alain Le Pichon, *Aux Origines de Hong Kong. Aspects de la Civilisation Commerciale à Canton: les Fonds de Commerce de Jardine, Matheson & Co., 1827-1839*, 1998, p. 258, informam que na Macau setecentista as amantes nativas dos sobrecargas são designadas por *pensioners* sobretudo na correspondência oficial da E.I.C., para ocultar as práticas sociais, sexuais e morais dos ingleses longe de ‘casa’.

do sobrecarga William Urquhart, com uma função meramente sexual, não podendo desempenhar outras funções domésticas de forma a não ultrajar as demais empregadas chinesas do lar. No entanto, apesar do epíteto eufemístico *pensioner*, uma leitura atenta do romance revela que a imagem de prostituta que as demais personagens elaboram da adolescente é errada, uma vez que esta ainda é virgem quando Thomas chega, pois Urquhart era alcoólico e impotente e Pedro da Silva fora interceptado por Biddle ao assediar a adolescente nas ruas do mais pequeno de todos os territórios do ultramar português<sup>37</sup>. A forma como a protagonista consegue, mais tarde, escapar às duas tentativas de violação de Cuming – descrito por Thomas como um homem frio<sup>38</sup> – realça a auto-determinação e singularidade desta na esfera feminina do universo ficcional<sup>39</sup>, estratégia que é reforçada por um duplo exercício de ironia, pois Martha, quando consegue embriagar Cuming, pergunta-lhe: “Must you really [leave], senhor? [...]”, continuando o narrador “[...] Martha asked, heartbroken [...]”<sup>40</sup>, sabendo que a jovem sente exactamente o contrário, de forma a rentabilizar, como que por empatia para com a personagem, a ironia que caracteriza o estado psicológico e a atitude da mesma. Quando da entrada da nova ‘aquisição’ da E.I.C. na casa da Rua do Hospital pelas mãos de Abraham Biddle, o narrador resume a vida da protagonista, na altura com um estatuto menor que o de uma escrava<sup>41</sup>, através da enumeração que revela o comportamento rebelde e a personalidade forte de uma adolescente que deseja a independência a todo o custo:

All her life she had to struggle for the most rudimentary necessities of life, for food [...], for pieces of cloth [...], for sacks to cover herself with to keep warm in winter, for a needle [...], for pieces of thread no one wanted. Perhaps as a result, more

---

<sup>37</sup> A violação ou moléstia das mulheres é uma constante em *CBP*, nomeadamente nos casos de Fong e de Martha, que são alvos de avanços sexuais de portugueses e ingleses. Sobre esse tema nos romances de formação de mulheres ‘étnicas’ em ambientes coloniais, vejam-se Gunilla Theander Kester, *Writing the Subject: Bildung and the African American Text*, 1995, pp. 91-92 e Pin-Chia Feng, *The Female Bildungsroman by Toni Morrison and Maxine Hong Kingston: A Postmodern Reading*, 1997, pp. 3-9.

<sup>38</sup> *CBP*, p. 2.

<sup>39</sup> Ann L. Stoler, «Carnal Knowledge and Imperial Power: Gender, Race, and Morality in Colonial Asia», in Micaela di Leonardo (ed.), *Gender at the Crossroads of Knowledge: Feminist Anthropology in the Postmodern Era*, 1991, p. 55, afirma que o controlo sexual é não apenas uma metáfora conveniente para o domínio imperial, mas também um marcador fundamental de raça e grupo social inserido numa elaborada relação de poderes, imagem igualmente presente no romance de Coates.

<sup>40</sup> *CBP*, p. 124.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 37.

than anything else in the world she wanted to stand on her own, independent. What she most despised in Dominie was the girl's insipid wish to submit to others, to be led [...] <sup>42</sup>.

Após a chegada de Thomas, o percurso de autodescoberta da empregada chinesa altera-se com o início da relação amorosa, que, desde cedo, assume contornos de um casamento, baseando-se na confiança mútua quase plena. Se Martha pensa que o sobrecarga a abandonará e por isso se defende acumulando fortuna, este apenas suspeita da jovem no que diz respeito à sua misteriosa vida anterior e ao seu comércio. Num desses momentos de dúvida e confronto, o narrador, através da repetição e da aliteração, veicula a obsessão, a dúvida e o desespero do inglês, que deseja destapar o véu da Macau obscura a que não tem acesso: “[...] he wanted to threaten her with an injury unless she obediently told him all – all – all the things about Macau which he did not wish to hear” <sup>43</sup>. O comportamento de Martha, diferente do das restantes mulheres da cidade setecentista, acaba por lhe causar problemas, nomeadamente a suspeita e o desagrado do seu companheiro, sem que tal reacção a demova de conseguir os seus objectivos.

### 1.1 O *Bildungsroman* tradicional e *City of Broken Promises* enquanto romance de formação feminino

Respectivamente em 1983 e 1993, Elizabeth Abel *et al.* <sup>44</sup> e Todd Kontje <sup>45</sup> referem a quase inexistência de estudos sobre a relação entre género literário e género (*gender*) nos romances de formação escritos por ou sobre mulheres comparativamente ao *Bildungsroman* masculino, tendência que se encontrava, no entanto, em inversão <sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>44</sup> Elizabeth Abel *et al.* (eds.), *THE VOYAGE IN: Fictions of Female Development*, 1983, p. 5. Nesse conjunto de estudos, Susan J. Rosowski, «The Novel of Awakening», pp. 49-50, define o *novel of awakening* e refere os processos de autodescoberta e luta contra as limitações impostas por sociedades repressoras que protagonistas como Emma Bovary enfrentam ao amadurecer e que também Martha desafia na Macau patriarcal. No entanto, *CBP* não será satisfatoriamente classificado apenas como *novel of awakening*, uma vez que a protagonista não só desperta para as limitações patriarcais que lhe são impostas como luta contra elas ao longo do seu processo de formação, paralelo aos processos de autodescoberta e afirmação, todos eles com final feliz.

<sup>45</sup> Todd Kontje, *op. cit.*, p. 89.

<sup>46</sup> Como o comprovam os seguintes estudos: Ellen Morgan, «Humanbecoming: Form and Focus in the Neo-Feminist Novel», in Susan Koppelman Cornillon (ed.), *Images of Women in Fiction: Feminist*

Partindo do percurso formativo da protagonista e da proeminência da sua focalização, classificamos *CBP* como *Bildungsroman* feminino, afastando-nos, no entanto, da classificação do subgénero adoptada por alguns autores que se inserem na chamada ginocrítica e que, insurgindo-se contra a abordagem demasiado ou exclusivamente androcêntrica do mesmo, caracterizam o *Bildungsroman* feminino como um romance de formação/desenvolvimento/educação redigido por uma romancista, especialmente para a formação de leitoras<sup>47</sup>. Independentemente do sexo do/a autor/a, preferimos adoptar como um critério de classificação o género da protagonista<sup>48</sup>, as suas atitudes, aprendizagens, personalidade e o seu percurso em “[...] busca de um desenvolvimento

---

*Perspectives*, 1972, pp. 183-185; Bonnie Hoover Braendlin, «Alther, Atwood, Ballantyne, and Gray: Secular Salvation in the Contemporary Feminist Bildungsroman», *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 4, n.º 1, 1979, p. 18; Cristina Ferreira Pinto, *O Bildungsroman Feminino: Quatro Exemplos Brasileiros*, 1990 e Pin-Chia Feng, *op. cit.*, pp. 1-49.

<sup>47</sup> Elizabeth Abel *et al.* (eds.), *op. cit.*, pp. 3-19; Bonnie Hoover Braendlin, «Bildung in Ethnic Women Writers», *Denver Quarterly*, vol. 17, n.º 4, 1983, pp. 75-87; Rita Felski, «The Novel of Self-Discovery: A Necessary Fiction?», *Southern Review*, n.º 19, 1986, pp. 137-148; Esther Kleinboard Labovitz, *The Myth of the Heroine: The Female 'Bildungsroman' in the Twentieth Century*, 1988, pp. 7, 251; Cristina Ferreira Pinto, *op. cit.*, pp. 9-32, 147-150; Eve Tavor Bannet, «Rewriting the Social Text: The Female Bildungsroman in Eighteenth-Century England», in James Hardin (ed.), *op. cit.*, pp. 195-227; Dorothea E. von Mücke, *Virtue and the Veil of Illusion: Generic Innovation and the Pedagogical Project in Eighteenth-Century Literature*, 1991, *passim*; Geta Leseur, *Ten Is the Age of Darkness*, p. 19 e Annie O. Eysturoy, *op. cit.*, pp. 15-16, 19-21. De acordo com Todd Kontje, *op. cit.*, p. 17, o facto de o subgénero ser inicialmente associado à formação de jovens do sexo masculino relega para segundo plano os *Bildungsromane* femininos, inclusive a partir do já citado estudo de Morgenstern, que os considera *Familienroman*.

<sup>48</sup> Na senda de estudos vindos à luz desde o início dos anos 70: Ellen Morgan, *op. cit.*, pp. 183-185; Bonnie Braendlin, «Alther, Atwood, Ballantyne, and Gray», p. 18; Charlotte Goodman, «Women Novelists and the Male-Female Double Bildungsroman», in Leon Golden (ed.), *Transformations in Literature and Film*, 1983, pp. 9-16; Patricia Alden, *Social Mobility in the English Bildungsroman*, 1986, p. 1; John H. Smith, «Cultivating Gender: Sexual Difference, Bildung, and the Bildungsroman», *Michigan Germanic Studies*, vol. 13, n.º 2, 1987, pp. 206-225 e Laura Sue Fuderer, *The Female Bildungsroman in English: An Annotated Bibliography of Criticism*, 1990, pp. 1-4. Jeannine Blackwell, «Bildungsroman mit Dame: The Heroine in the German Bildungsroman from 1770 to 1900», tese de doutoramento apresentada à Universidade de Indiana, 1982, pp. 14-15, define o romance de formação feminino de acordo com o sexo da protagonista e não a partir do sexo do/a autor/a: “[...] I use the term *Bildungsroman* with respect to heroines to denote a sympathetic third person narration of the growth of one central female character from youth to the fruition of her talents, through which her internal development expresses itself outward and is in turn reshaped by the environment she affects [...]” (*apud* Todd Kontje, *op. cit.*, p. 104).

feminino autêntico [...]”<sup>49</sup>, comparativamente ao *Bildungsroman* tradicional, cuja personagem principal é um jovem também a caminho da ‘vida’ adulta. Esse processo psicológico, no caso de Martha Merop, exige o confronto com o meio circundante (a Macau setecentista) e a resolução de problemas socioculturais e económicos<sup>50</sup>, definindo Elizabeth Abel *et alii* como característica essencial dos *Bildungsromane* femininos a vitória pessoal e a integração social da protagonista forçada a lutar frequentemente pelas suas aspirações<sup>51</sup>. Charlotte Goodman distingue os romances de formação masculino e feminino, classificando uma terceira possibilidade – o *double Bildungsroman*<sup>52</sup> –, que apresenta simultaneamente o crescimento de um rapaz e de uma rapariga, mas, se em *CBP* Martha se desenvolve interiormente, a personalidade de Thomas já se encontra formada, enquanto o amadurecimento de Ignatius não é caracterizado com a mesma intensidade do da protagonista. Aliás, no índice do romance fica, desde logo, apresentado o percurso da personagem principal até ao último capítulo, intitulado “Martha Merop”, e, de acordo com Jack Hendriksen:

[...] the true action of the *Bildungsroman* consists of the internal changes taking place in the hero [...]. This focus on ‘inner action’ instead of on causally linked external events, separates the *Bildungsroman* from novels that employ traditional plots [...], the internal process itself becomes the story, which, as we shall see, exerts a strong influence on how plot is used in the genre [...]<sup>53</sup>.

Daí que, ao nível temático, o romance de Coates se aproxime dos grandes exemplos *Die Geschichte des Agathon* (1766-1767), de Christopher Martin Wieland, *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (1795-1796) e *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (1821), de Johann

---

<sup>49</sup> Expressão de Annie O. Eysturoy, *op. cit.*, pp. 3-4, que define o percurso da protagonista como um “[...] purposeful [...] process of becoming [...]”.

<sup>50</sup> Sobre a questão dos elementos formativos no *Bildungsroman*, como as coordenadas espaço-temporais, a família, os vizinhos e a escola, veja-se Ana Ribeiro, *A Escola do Paraíso de José Rodrigues Miguéis: Um Romance de Aprendizagem*, 1998, pp. 32-62 e Mascha Gemmeke, *Frances Burney and the Female Bildungsroman: An Interpretation of The Wanderer: Or, Female Difficulties*, 2004, *passim*.

<sup>51</sup> Elizabeth Abel *et al.*, *op. cit.*, pp. 5-7; tradução nossa.

<sup>52</sup> Charlotte Goodman, *op. cit.*, *passim*. Sobre as possibilidades do subgénero enquanto forma literária feminina e contemporânea, veja-se Leasa Y. Lutes, *Allende, Buitrago, Luiselli: Aproximaciones Teóricas al Concepto del “Bildungsroman” Femenino*, 2000, pp. 1-14, 67-107.

<sup>53</sup> Jack Hendriksen, *op. cit.*, pp. 23 e 24, respectivamente. Também Martin Swales, *op. cit.*, p. 17, afirma que o conteúdo do *Bildungsroman* se prende sobretudo com o percurso biográfico do protagonista e, embora a um nível mais reduzido, de outras personagens com ele intimamente relacionadas.



Wolfgang von Goethe, traduzido para inglês por Thomas Carlyle, em 1824, e *Der Zauberberg* (*The Magic Mountain*, 1924), de Thomas Mann, entre outros, tendo as obras de Goethe influenciado Benjamin Disraeli quando da redacção de *Vivian Grey* (1826-1827) e *Contarini Fleming* (1832)<sup>54</sup>, que foram enriquecendo o *corpus* do romance de formação inglês. Obras como *Der Zauberberg* afastam-se da convenção tradicional do subgénero<sup>55</sup>, tal como *CBP* enquanto *Bildungsroman* feminino<sup>56</sup> e romance histórico, encontrando-se a temática da ‘iniciação na vida’ em obras de Sir Walter Scott como *Waverley* (1814) ou *Quentin Durward* (1823), sem que estas possam ser consideradas *Bildungsromane*<sup>57</sup>. Marian H. Cusac afirma que a maior pre-

---

<sup>54</sup> Cf. François Jost, *op. cit.*, p. 141. O autor lista ainda *David Copperfield* (1849-1850) e *Great Expectations* (1860-1861), de Charles Dickens, *Pendennis* (1848-1850), de William Makepeace Thackeray, *The Ordeal of Richard Fevere* (1859), de George Meredith, e *The Mill on the Floss* (1860), de George Eliot, como exemplos de romances de formação da literatura inglesa de Oitocentos, e *Sons and Lovers* (1913), de D. H. Lawrence, *Of Human Bondage* (1915), de Somerset Maugham e *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1914-1915), de James Joyce, como exemplos do século XX, rol ao qual juntaríamos *CBP*, na tradição de *The Voyage Out*, de Virginia Woolf, considerado o protótipo do *Bildungsroman* feminino inglês por Elizabeth Abel *et al.*, *op. cit.*, p. 3. Sobre o *Bildungsroman* inglês, veja-se ainda W. Witte, «Alien Corn: The ‘Bildungsroman’: Not for Export?», *German Life and Letters*, n.º 33, 1979-1980, pp. 87-96.

<sup>55</sup> Vide Theodore Ziolkowski, *Dimensions of the Modern Novel*, 1969, pp. 88-90 e Erich Heller, *Thomas Mann: The Ironic German*, 1979. Franco Moretti, *op. cit.*, pp. 9-12, não define o *Bildungsroman* em termos de género (*gender*) do autor, ao apresentar *Pride and Prejudice*, de Jane Austen, e *Wilhelm Meister*, de Goethe, simultaneamente como modelos, definindo os mesmos como autores-balizas temporais para o início do subgénero e *Sentimental Education* (1848), de Flaubert, e *Felix Holt the Radical* (1866) e *Middlemarch* (1871-2/1874-6), de George Eliot, para o fim. No entanto, a crítica, quer feminista, quer ‘geral’, defende a continuidade do *Bildungsroman* desde *Wieland* até à actualidade, tendo o subgénero adquirido um novo vigor e novas características com a dimensão feminina/feminista da protagonista. Henry Hatfield, *Crisis and Continuity in Modern German Fiction: Ten Essays*, 1969, p. 64, afirma que, no século XX, o romance de formação parece ser uma forma saturada, pois, associada ao Romantismo e à burguesia, muitos dos importantes romancistas alemães a haviam utilizado, mas Thomas Mann e Hermann Hesse reavivam-na ao introduzir, nas suas obras, abordagens e estratégias inovadoras como a paródia, o mito e, no caso específico de Hesse, o simbolismo jungiano. Também Susanne Howe, *op. cit.*, p. 295, afirma que o *Bildungsroman* se foi adaptando às mudanças do *Bildungsprozess*, tornando-se, por essa razão, cada vez mais significativo, sobretudo a partir das Guerras Mundiais. O subgénero tem sofrido alterações ao logo dos tempos, tal como o conceito de *Bildung*, não significando essas mudanças a ‘morte’ dos mesmos, mas a sua revitalização e/ou evolução.

<sup>56</sup> Anne White, *Growing up Female: Adolescent Girlhood in American Fiction*, 1985, p. 195, ao estudar a influência da corrente neofeminista no *Bildungsroman*, afirma que o subgénero é a forma mais popular de ficção feminista.

<sup>57</sup> Cf. Marian H. Cusac, *Narrative Structure in the Novels of Sir Walter Scott*, 1969, pp. 78-82.



ocupação de Scott não é o indivíduo, mas sim a sociedade<sup>58</sup>, sendo as esferas individual e social relevantes em *CBP*, enquanto Avrom Fleishman aproxima o percurso dos protagonistas do *Bildungsroman* e do romance histórico<sup>59</sup>. De acordo com Patricia Alden, o desejo de ascensão social é recorrente no romance de formação inglês, no qual o processo de maturação moral, espiritual e psicológica do indivíduo se relaciona com a melhoria dos aspectos socioeconómicos da sua vida<sup>60</sup>, preocupando-se o subgénero com a mobilidade social e a actividade profissional das personagens, princípios identificadores que, segundo Susanne Howe<sup>61</sup>, distinguem a tradição inglesa da alemã e que podemos encontrar, como veremos, em *CBP*, na figura de Martha.

## 2. O CARÁCTER BIOGRÁFICO DE *CITY OF BROKEN PROMISES* E A CONDIÇÃO FEMININA DA MACAU SETECENTISTA

Macao itself, a world in which it was prudent to keep shutters closed.

*CBP*, p. 16

Relativamente aos diferentes significados do conceito alemão de *Bildung* (formação da personalidade, educação informal), o agente da mesma no *Bildungsroman* é geralmente o mundo social circundante, no caso de *CBP* as diferentes comunidades da Macau setecentista, usufruindo a heroína das lições desse ambiente para iniciar a sua vida adulta no fim do romance; daí que *CBP*, após o clímax da vitória de Martha, apresenta um final em aberto<sup>62</sup> que remete, com base na aprendizagem realizada, para uma

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, p. 79, n.º 47.

<sup>59</sup> Avrom Fleishman, *op. cit.*, pp. 92, 138-145, 165.

<sup>60</sup> Patricia Alden, *op. cit.*, p. 2, que apresenta como exemplo *Pamela* (1740), *Tom Jones* (1749) e *Pride and Prejudice* (1813).

<sup>61</sup> Susanne Howe, *op. cit.*, pp. 10-11.

<sup>62</sup> Para um sumário das possibilidades do final em aberto no *Bildungsroman*, vejam-se: Franco Moretti, *op. cit.*, pp. 7-8 e Todd Kontje, *op. cit.*, pp. 80-81. Recorde-se que Georg Luckacs, *op. cit.*, p. 66, define o *Bildungsroman* como um romance em permanente devir, “[...] como um processo [...]”, à semelhança do que acontece com a vida do protagonista activo, e equipara o subgénero a um “[...] meio educativo [...]” (p. 135; tradução nossa), concluindo: “Syntagmatiquement on peut définir une histoire d’apprentissage (de ‘Bildung’) par deux transformations parallèles affectant le sujet: d’une part, la transformation ignorance (de soi)-connaissance (de soi); d’autre part, la transformation passivité-activité [...]” (p. 82).

vivência e uma experiência no futuro, o tempo da não-história. Annie O. Eysturoy afirma que os romances de formação femininos redigidos em países e culturas diferentes foram transformando o conceito de *Bildung* (de início exclusivamente associado ao mundo masculino) e, consequentemente, a definição do subgénero<sup>63</sup>.

O *Bildungsroman* é uma forma narrativa caracterizada e definida sobretudo pelo seu conteúdo, sendo a perspectiva do protagonista, bem como o seu desenvolvimento interior, e não uma estrutura específica, que definem o subgénero, cuja principal característica é a atenção prestada quer à formação da personagem principal, a partir da interacção com o mundo, quer à inter-relação entre as forças sociais e psicológicas que determinam a direcção do processo de autodesenvolvimento do indivíduo; daí que a quarta parte do nosso trabalho se assuma como essencial para a caracterização do local da educação de Martha, a Macau do século XVIII. Esta relação entre o *self* – indivíduo susceptível de se distanciar criticamente de terceiros e de se lhes opor – e o mundo é revelada, não através do relato de toda a vida da protagonista, mas a partir de acontecimentos ou experiências que têm uma influência específica na sua formação, o que explica a relevância das analepses em *CBP*, que revelam o passado (recuado) de Martha, os seus receios e atitudes, enfatizando a quase impossibilidade de a personagem singrar inicialmente e as suas determinação e vitória final. Como afirma François Jost, embora sempre em relação ao herói masculino:

[...] in the adventure novel, events test, punish, or reward the hero; in the apprenticeship novel, they mark him, mature him, or form him in a definite way, and finally crystallize his character. [...] The genre, therefore, must be defined as the representation of the interaction between the self and the world, with special reference to the presence of the education of the self<sup>64</sup>.

O carácter biográfico de *CBP* prende-se com a representação da aprendizagem de Martha num espaço isolado geográfica e politicamente até ao momento em que esta

<sup>63</sup> Annie O. Eysturoy, *op. cit.*, pp. 4, 6-11.

<sup>64</sup> François Jost, *op. cit.*, p. 136; definição semelhante às apresentadas por diversos estudiosos do subgénero em relação ao protagonista do sexo masculino, nomeadamente W. Witte, *op. cit.*, p. 90, James N. Hardin, *op. cit.*, pp. i-ii e Roy Pascal, *The German Novel*, 1956, p. 11, que apresenta o *Bildungsroman* como “[...] the story of the formation of a character up to the moment when he ceases to be self-centred and becomes society-centred, thus beginning to shape his true self [...]”, conceito alargado por Jerome Hamilton Buckley, *op. cit.*, p. 18, ao listar como temas principais do subgénero: a infância; o conflito de gerações; a sociedade de massas; a busca de uma vocação; a autoformação; o amor como prova a ultrapassar e a presença da província como espaço de acção, todos eles presentes em *CBP*.

adquire o apelido de origem holandesa, bem como algum do poder e do estatuto do seu mestre e ‘marido’. O narrador-biógrafo, ao representar parte da vida dos protagonistas, explica e contextualiza acontecimentos históricos relevantes para a sua compreensão, relacionando-se, assim, as características de *CBP* enquanto *Bildungsroman* e romance histórico. De acordo com Luísa Maria Rodrigues Flora, desde a obra de Goethe que o contexto histórico e o processo de amadurecimento do protagonista do romance de formação se encontram intimamente relacionados, sendo o tempo histórico filtrado pelo tempo interior através das sucessivas experiências das personagens<sup>65</sup>. Em *CBP* os espaços e tempos ‘interiores’ ou domésticos da heroína não são predominantes em relação aos públicos, fazendo sim parte destes últimos<sup>66</sup>, pois o processo formativo da jovem chinesa tem lugar no contexto geral da acção e ela sente necessidade de aceitação social; daí o jantar final no lar Van Mierop com as figuras mais importantes da edilidade macaense.

Martha torna-se uma mulher independente, feito singular se considerarmos, tal como o narrador, o contexto patriarcal e adversário à órfã em que a acção tem lugar. O esforço acrescido das protagonistas do *Bildungsroman* feminino reforça, assim, a importância da conquista da heroína, que “acorda para as suas limitações”<sup>67</sup> sociais como mulher chinesa e logo duplamente oprimida. A experiência de cada ser humano é única devido também a factores da cultura em que ele se insere<sup>68</sup>, o que, no caso de Martha, será fácil de entender, pois a personagem encontra-se inicialmente dividida entre as sociedades portuguesa e chinesa. A jovem, devido às suas autodeterminação e inteligência, acaba por ultrapassar os obstáculos sociais, tornando-se, ao longo de um período de cerca de 16 anos, a mulher mais rica<sup>69</sup> e poderosa de Macau, processo que se relaciona com a definição de *Bildungsroman* feminino de Esther Kleinboard Labovitz:

[...] the role of patriarchy and its rejection in the heroines’ quest for self is decisive [...]. As rebels, and feminists, the heroines of the female *Bildungsroman* chal-

<sup>65</sup> Luísa Maria Rodrigues Flora, «De Olhos Abertos», pp. 132, 134, 157, 160-162, 186-187.

<sup>66</sup> Sobre a relação do espaço interior/doméstico (estático) com a representação da cidade (em movimento), veja-se Morag Shiach, «Modernism, the City and the “Domestic Interior”», *Home Cultures*, vol. 2, n.º 3, Novembro de 2005, pp. 151-168.

<sup>67</sup> Expressão de Susan J. Rosowski, *op. cit.*, p. 49; tradução nossa.

<sup>68</sup> Geta Leseur, *Ten Is the Age of Darkness*, p. 1.

<sup>69</sup> Esta expressão é repetida três vezes em *CBP* [pp. 275, 293, 301: “[...] the richest and now the most famous woman in Macao [...]”].

lenge the very structure of society, raising questions of equality, not only of class, but of sexes as well [...]. Consequently, the female *Bildungsroman* is further defined by this most revolutionary characteristic [...]<sup>70</sup>.

O contexto histórico de *CBP* singulariza os feitos de Martha, que, com o auxílio de Thomas, Pedro e outros aliados, derrota os oponentes humanos e os obstáculos materiais que a confinam ao espaço doméstico, complexificam o seu itinerário e geram os inúmeros conflitos e tensões da intriga, nomeadamente Teresa da Silva, a Igreja Católica, o racismo, o sexismo e o preconceito de grupo social<sup>71</sup>, pois, como afirma Bonnie Hoover Braendlin, “[...] the female *Bildungsroman* delineates women’s self-development toward a viable present and future existence, free from predetermined, male-dominated societal rules, which in the past have yielded a fragmented rather than a satisfactorily integrated personality [...]”<sup>72</sup>. O mundo masculino manipula a esfera de

---

<sup>70</sup> Esther Kleinboard Labovitz, *op. cit.*, pp. 249 e 251, respectivamente.

<sup>71</sup> Martin Swales, *op. cit.*, pp. 34-35, afirma, ao comparar o ‘romance de adolescência’ inglês ao alemão: “[...] the English novel of adolescence (*Great Expectations*, *The Way of All Flesh*, *Jude the Obscure*, *Clayhanger*, *Portrait of the Artist as a Young Man*) operates with a precisely articulated documented sense of the specific pressures – societal, institutional, psychological – which militate against the hero’s quest for self-fulfillment [...]”. Sobre os obstáculos a enfrentar pelas protagonistas, vejam-se Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, *The Mad Woman in the Attic*, 1979, pp. 338-339 e Sondra O’Neale, *op. cit.*, p. 25. Wangarĩ Wa Nyatetũ-Waigna, *The Liminal Novel: Studies in the Francophone-African Novels as Bildungsroman*, 1996, p. 1, afirma “[...] completeness of *Bildung* need not entail accommodation with society, but rather the moment when the protagonist is sufficiently equipped to choose an individual stance in life”. Mais um dos temas que *CBP* partilha com a tradição do *Bildungsroman* feminino e que se desenvolve ao longo do texto, acompanhando o crescimento de Martha, característica a que Benjamin Sax, *op. cit.*, p. 2, junta a visão crítica do mundo, igualmente presente, como veremos, nas inúmeras críticas que a protagonista de *CBP* tece à presença inglesa em Macau e à sociedade do território.

<sup>72</sup> Bonnie Hoover Braendlin, «Alther, Atwood, Ballantyne, and Gray», p. 18, ideia também referida no estudo de Ellen Morgan, *op. cit.*, p. 185: “[...] [the woman] is a creature in the process of becoming, struggling to throw off her conditioning, the psychology of oppression [...]”, características que marcam a personalidade de Martha em *CBP*. Por sua vez, Esther Kleinbord Labovitz, *op. cit.*, pp. 6-7, afirma que o *Bildungsroman* feminino surge apenas no século XX, quando a formação pessoal se torna uma realidade para as mulheres, argumento que perde alguma força se pensarmos em *Bildungsromane* femininos como *Camilla: Or, A Picture of Youth* (1796), de Fanny Burney, *Emma* (1816), de Jane Austen, *Jane Eyre* (1857), de Charlotte Brontë, e *Little Women* (1868), de Louisa May Alcott. Veja-se Laura Sue Fuderer, *op. cit.*, pp. 34-43, para uma lista de cerca de 290 romances de formação femininos publicados desde o século XVIII até 1987.

acção feminina, e Martha assinala a mudança do seu estatuto ao comprar roupa nova que metaforiza o seu poder e a sua riqueza ascendentes:

From her meagre childhood, from the austerity and hardness of life with the Franciscan sisters, from never being allowed by Teresa to look pretty lest she spoil Dominie's chances, Martha longed to wear dresses finer and more wonderful than any Dominie ever dreamed of. She was sick of her little black Macao dresses. They were symbolic of hopelessness and sorrow<sup>73</sup>.

O narrador interpreta a mobilidade social da protagonista, que acaba por ser tratada por “senhora” como marca do respeito e do estatuto conquistados na Macau setecentista<sup>74</sup>, enquanto a simbologia do vestuário acompanha o seu processo de desenvolvimento, também económico, voltando esta ideia a ser repetida: “From her left arm dangled a purse heavy with sycee [...] her black *dó* thrown back from her head [...], symbols of her right to do as she would [...]”<sup>75</sup>. O *dó*, tal como a cadeirinha – marcadores culturais específicos de Macau – permitem à jovem deslocar-se incógnita na rua, enquanto o dinheiro lhe confere assertividade e segurança para se mover livremente, acabando ela por descrever, perante Thomas, através da sinédoque e da repetição, quer o seu passado, quer a condição de muitas mulheres chinesas no enclave: “I have been thrown in the street, [...] I have been given away. I have been sold. And you ask me to listen to you – you or any man! I listen to no one!”<sup>76</sup>. A bolsa da protagonista é igualmente símbolo da sua ‘traição’ em relação ao mestre, pois este desconhece a actividade comercial secreta da amada e a misteriosa “[...] Macao life [...]”<sup>77</sup> que acaba por invadir o seu lar. O vestuário reforça a caracterização do multifacetado espaço feminino, e o *dó* materializa quer a reclusão e o anonimato iniciais ao esconder a jovem, quer a liberdade adquirida ao longo da acção, permitindo à mesma movimentar-se incógnita em público. Essa peça de vestuário, que a protagonista também enverga no baptismo do seu barco, consiste num pano preto que cobre a cabeça e a parte superior do corpo da mulher macaense quando esta sai à rua, nomeadamente para ir à missa, como refere Ana Maria Amaro:

---

<sup>73</sup> *CBP*, p. 138.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 236. A situação de Fong contrasta com a posição de Martha e Thomas: “He [Fong’s husband] had never cared for her; he had deserted her; his clan had thrown her out. None of this mattered [...]” (*ibidem*, p. 242).

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 158.

[...] era um atavio que [...] substituíra, na rua, as tradicionais janelas de reixas das casas macaenses, através das quais a menina recatada poderia ver quem passava sem ser vista. [...] Estas meninas podiam, assim, sem escândalo, andar sozinhas pelas ruas ou ir, por exemplo, sem serem reconhecidas, espreitar um casamento para o qual não haviam sido convidadas [...]<sup>78</sup>.

Esta descrição aplica-se aos usos que Martha faz da indumentária, a qual se relaciona com as janelas e portas, símbolos por excelência da reclusão inicial da personagem<sup>79</sup>. O pano preto funciona como um meio-termo entre as portas cerradas no início da acção e a liberdade que a protagonista conquista no final, simbolizada pelo seu barco em viagem, rumo ao mundo exterior. São várias as descrições de viajantes que, entre os séculos XVIII e XIX, descrevem a mulher macaense a caminho da missa, coberta pelo curioso ‘pano’, nomeadamente o viajante italiano Gemelli Careri que, em 1695, refere o isolamento e a estranha indumentária das senhoras locais transportadas em cadeirinhas:

The women's apparel is strange, the whole consisting of two pieces of silk, without the help of taylor, scizars or needle. One they wrap about their waist, and serves for a peticoat; the other covers the head and breast, the legs being left out with no other stockings than nature provided, and the feet with a sort of slippers. This habit, tho' not convenient, is very modest. But the ladies are better, and more decently clad<sup>80</sup>.

Cento e quarenta e um anos depois, e à semelhança do narrador de *CBP*, o médico norte-americano W. S. W. Ruschenberger descreve igualmente a condição feminina macaense através do dó:

The females, seen on their way to and from church, have strongly the appearance of being grand-mammas, and to judge alone from their costume, so far is it in the rear

---

<sup>78</sup> Ana Maria Amaro, *O Traje da Mulher Macaense: Da Saraça ao Dó das Nhonhonha de Macau*, 1989, p. 165.

<sup>79</sup> Também na literatura portuguesa a indumentária feminina chinesa, nomeadamente a cabaia, é associada à condição social e étnica da mulher. Onze anos antes da publicação de *CBP*, Deolinda da Conceição apresenta, na sua antologia de contos *Cheong-Sam: A Cabaia* (1956), esta peça de vestuário como fio condutor das diversas narrativas em que a exótica mulher chinesa é uma presença constante, o que aproxima esta estratégia narrativa da utilização do dó no romance de Coates. No conto «Fome», e tal como para Martha, Macau representa para a protagonista uma “[...] terra de promessa, o cantinho onde poderia desfrutar duma relativa paz e talvez conseguisse um meio de vida [...]” (*idem, ibidem*, p. 118).

<sup>80</sup> John Francis Gemelli Careri, *op. cit.*, pp. 392-393.

of fashion that one might imagine no innovation had been made for a hundred years. They wear loose figured calico gowns and mantos or scarfs over their heads, and are usually followed by a slave bearing an umbrella [...] <sup>81</sup>.

Tal como estes autores, o narrador apresenta a silenciosa comunidade feminina portuguesa do enclave através da descrição da imagem do dó colectivo que vira as costas a Martha quase até ao final do romance <sup>82</sup>. Quando corre a notícia de que Thomas deixou as suas fortuna e casa à órfã chinesa, esta peça de vestuário macaense serve para estabelecer uma comparação por dissemelhança que distingue Martha das mulheres lusas, mostrando o poder e o estatuto social conseguidos pela protagonista junto de todas as comunidades da Macau setecentista:

The mere fact that Surgeon Duncan had responded to her call – for to be commanded by a Macao woman, whatever the circumstances, was an insult to a Briton – showed that he too had heard the news about the will. The crossing of the street – such a simple action – was an event. With fear and respect the women in the street drew aside before the incredible sight of a young woman like themselves, a woman wearing a dó conducting a surgeon of the East India Company into a Portuguese house, a house like their own, explaining to him as she went (in English, which the Macao Portuguese ladies did not understand) the nature of the case he had been called to attend <sup>83</sup>.

A importância simbólica deste episódio, em termos do estudo quer do género, quer do percurso de Martha, é apenas superada pela de um outro, quando essas mesmas mulheres macaenses observam o presidente da E.I.C. a estender a mão à jovem chinesa na rua <sup>84</sup>. Através da contextualização histórica da vivência cultural da Macau setecentista por parte do narrador, podemos aproximar o dó quer da situação da mulher em casa, quer do seu relacionamento com o exterior, no anonimato, nomeadamente com os vendedores ambulantes: “[...] unseen from the streets the lady of the house would call down through the lattices for what she wanted, and lower a basket tied to a cord” <sup>85</sup>. Ironicamente, a protagonista utiliza esse sistema, que a deveria manter em reclusão,

---

<sup>81</sup> W. S. W. Ruschenberger, *op. cit.*, pp. 203-204.

<sup>82</sup> *CBP*, p. 268: “[...] a group of long black mantles facing away in silence [...]”.

<sup>83</sup> *Ibidem*, pp. 270-271.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 273.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 129.

para comunicar com o seu parceiro comercial, Pedro da Silva, enviando-lhe mensagens escritas. O facto de Martha conquistar o jovem português representa mais uma vitória, nem que indesejada, pois se todas as jovens do enclave sonham casar com ele, é pela órfã que ele se apaixona, pedindo-a, em vão, duas vezes em casamento.

Como podemos verificar no excerto que transcrevemos de seguida, a estrutura repetitiva das orações indica o ciclo vicioso em que Martha vive, inclusive no passado recuado, até adquirir a fama e o dinheiro que lhe proporcionam o conforto e a segurança que lhe eram, até então, desconhecidos. O narrador acaba por descodificar a simbologia dos actos da protagonista para que nada escape ao leitor cada vez mais ciente dos feitos e da nova posição da mesma. Através de uma breve analepse e da enumeração, o narrador-historiador descreve o auge da carreira comercial da jovem e compara-a a Abraham Biddle, de quem depende muito do tráfico de ópio, alertando o leitor para a imagem do agente inglês até então construída:

A nucleus of hidden friends, linked by the strong bond of kindred financial interest, began to grow up around her. There was Chin Fui, reputed the richest Chinese in Macao. There was Ah Wing and a number of others like him who [...] were actually business men. There was the invaluable Inez. And there was to be others. It was a circle Martha cultivated with appropriate small gifts when babies were a month old or daughters were being married<sup>86</sup>. Through it she came to develop an intelligence system which, though not dealing with quite the same matters, came to rank in efficiency with that of Abraham Biddle<sup>87</sup>.

O sucesso honesto da armadora é oposto à queda moral, social e económica de Biddle, que conquistara a sua fortuna através dos obscuros negócios do *country trade* com a conivência dos sobrecargas<sup>88</sup>, demonstrando a actividade comercial a ruína do agente inglês, e a ascensão social de Martha as oportunidades e os riscos que a Macau setecentista proporciona a residentes empreendedores. Enquanto a viagem de Thomas é sobretudo física e de cariz comercial, a de Martha é também espiritual e quase sempre solitária, como fica claro no episódio final da partida do seu barco, corolário das inúmeras provas ultrapassadas que leva inscrito o nome da personagem principal.

---

<sup>86</sup> Gesto da personagem que é uma prática cultural chinesa, assim incorporada indirectamente na acção do romance.

<sup>87</sup> *CBP*, p. 138.

<sup>88</sup> Sobre a interdependência económica entre o *country trade* e o comércio da Companhia das Índias, veja-se o quinto capítulo da segunda parte.



A figura histórica Marta Van Mierop torna-se uma famosa armadora no Sul do Império do Meio, e Michael Greenberg, num estudo sobre o comércio inglês do século XIX na China, menciona o *Merop*, pertença da mulher mais rica do enclave, e informa que o comerciante James Matheson ordena, em 1823, à embarcação que se dirija de Lintim para Cantão<sup>89</sup>. Também Alfred Basil Lubbock refere que, entre 1821 e 1824, “[...] the notorious *Merope* [...] acted as an opium godown without the confines of the port, lying under the shelter of Lintin during the winter months [...]”<sup>90</sup>, actividade que se coaduna com a imagem da embarcação apresentada no romance *Red Barbarian*, de Margaret Gaan (1984), como veremos de seguida. Lubbock afirma ainda que, à data, a enorme costa marítima da China é relativamente desconhecida dos ocidentais, sendo o *Merope* um dos primeiros barcos a explorá-la, nomeadamente quando o capitão Parkyns tenta em 1821 estabelecer relações comerciais a norte de Cantão, sob o comando de Matheson, deslocando-se a Taho, três anos depois, embora sem quaisquer resultados<sup>91</sup>. No Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)<sup>92</sup> e no Public Record Office (Londres) encontram-se diversos documentos relativos ao envolvimento do *Merope* no tráfico inglês de ópio em 1821 e 1822<sup>93</sup>.

James Matheson comercia em Macau, onde, de acordo com os seus livros de contabilidade, recorre aos nomes e barcos de comerciantes locais, nomeadamente de Marta da Silva “Meirop”<sup>94</sup>, cujos espírito empreendedor e caridade encontram paralelo numa outra figura histórica feminina, Catarina de Noronha, armadora proeminente de Macau nos últimos 30 anos do século XVII. Catarina herda os barcos e bens do marido,

---

<sup>89</sup> Cf. Michael Greenberg, *op. cit.*, p. 138; veja-se também Austin Coates, «Millionairess», p. 16.

<sup>90</sup> Basil Lubbock, *The Opium Clippers*, 1933, p. 51.

<sup>91</sup> *Idem*, *ibidem*, pp. 60-61.

<sup>92</sup> Numa carta do ouvidor Miguel de Arriaga Brum da Silveira (04-01-1822; A.H.U., *Macau*, cx. 48, doc. 3, fls. 1-2) sobre os problemas entre ingleses e chineses devido ao tráfico de ópio, encontra-se uma referência ao barco de Marta, “o *Merope*”, que participa no comércio entre a Índia e o Sul da China.

<sup>93</sup> Vejam-se, em chinês, as cartas dos magistrados Nan-hai e P’na-yü, bem como do vice-rei de Cantão (1821) para os mercadores *hongs* sobre o facto de o *Merope* traficar ópio (P.R.O., FO 1048/21/12 e 16), a missiva destes últimos para a E.I.C. (Dezembro de 1820) relativamente à proibição de o *Merope* regressar ao Sul da China (P.R.O., FO 1048/21/19) e a ordem do vice-rei (07-12-1821) sobre esse assunto (P.R.O., FO 1048/21/20). Acerca do fretamento do *Merope* e do *Eugenia* por James Matheson e o seu associado Yrissari (1822-1823) e da viagem comercial das embarcações a Amoy, consultem-se: Roundell Palmer Selborne, *Statement of Claims of the British Subjects Interested in Opium*, 1840, pp. 13, 16; Nathan Allen, *The Opium Trade*, 1853, p. 13 e Anne Bulley, *The Bombay Country Ships 1790-1833*, 2000, pp. 160-161, 164.

<sup>94</sup> Cf. Alain Le Pichon, *op. cit.*, p. 256.

o magnata Francisco Vieira de Figueiredo, falecido em Larantuca, no ano de 1667, e chega ao enclave três anos depois. A proprietária de vários navios morre em 1701, deixando parte da sua fortuna aos Jesuítas da cidade. A mercadora, tal como Marta, herda os seus estatuto e poder económico-social do marido e destaca-se pelas suas caridade e capacidade empresarial<sup>95</sup>. Curiosamente, em 2006, a estudiosa de Macau Maria Helena S. R. do Carmo publica o romance histórico *Uma Aristocrata Portuguesa no Macau do Século XVI: Nónha Catarina de Noronha*, no qual ficcionaliza, tal como Coates faz em relação a Martha, o processo de formação e a vida da “nónha” e aristocrata macaense, informando no «Prefácio»:

Na impossibilidade de fazer um trabalho estritamente científico, devido à escassez de dados documentais [...] decidi não cruzar os braços face ao desafio de revelar um pouco da vida desta macaense do século XVII, apesar das poucas referências a seu respeito, como de qualquer outra senhora do Antigo Regime [...]. Em estilo romaneado, por permitir maior liberdade literária, foi possível forjar situações e criar algumas hipotéticas personagens capazes de preencher o enredo. [...] A descrição dos eventos históricos, que fazem parte do conteúdo deste livro, respeita a documentação encontrada nos Arquivos Históricos de Macau, de Goa, da Torre do Tombo e da Biblioteca da Ajuda [...]. A maior parte das personagens principais e secundárias deste romance são reais, como reais e verídicas são a datas e os lugares referidos. Porém, por se tratar de uma obra onde a realidade recorre à fantasia e com ela se mistura a preencher os espaços em branco das lacunas da História, não serão feitas quaisquer referências documentais em nota de rodapé<sup>96</sup>.

O contexto e o processo de construção desta narrativa ficcional aproximam-se assim dos de *CBP*, cujo autor conclui que o caminho a seguir, face à inexistência de fontes sobre uma figura histórica feminina tão intrigante como misteriosa, é o romance.

A descrição do processo formativo e da consequente vitória de Marta faz com que a sua vida adquira uma relevância histórica em Macau, transformando-se a sua embarcação num motivo literário em romances ingleses cuja acção tem lugar no Sul

---

<sup>95</sup> Vide A.M., 3.<sup>a</sup> série, vol. 1, n.º 1 e 2, 1964, pp. 43, 107; B. A., *Jesuítas na Ásia*, 49-V-22, fls. 98-98v, 49-V-24, fls. 75v-76; A.H.U., *Macau*, cx. 2, doc. 19 e Charles Ralph Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-Adventurer in South East Asia, 1624-1667*, 1967.

<sup>96</sup> Maria Helena S. R. do Carmo, *Uma Aristocrata Portuguesa no Macau do Século XVI: Nónha Catarina de Noronha*, 2006, pp. 7-8.

da China, como podemos verificar em *Red Barbarian*<sup>97</sup>, que remete o leitor informado quer para a acção histórica de *CBP*, quer para o apelido de Martha e o seu barco, como indica a oração “[...] *Merope’s ancient timbers* groaning in response [...]”<sup>98</sup>. A referência ao barco constitui, assim, uma anaforização interdiscursiva indirecta relativamente à narrativa de Coates, pois, apesar de o narrador de *Red Barbarian* não referir directamente Marta Merop ou *CBP*, essa ligação é, como já referimos, estabelecida pelo leitor informado.

Em *CBP*, o episódio que relata a inscrição do nome da jovem no seu barco por um calígrafo chinês pretende justificar, de forma poética, a queda do ‘i’ no apelido que a jovem herda de Thomas Van Mierop<sup>99</sup>, uma vez que ainda hoje, em Macau, a figura histórica é referida como Marta Merop(e) e não Mierop, facto sugerido pelo narrador através da queda da vogal vertical que o calígrafo/poeta Kwai-Suk provoca deliberadamente ao interpretar a exótica escrita ocidental, substituindo a “simplicidade bárbara da língua estrangeira”<sup>100</sup> por um carácter chinês mais elegante. Em *CBP* encontramos a imagem do calígrafo como filósofo e da caligrafia chinesa como arte visual e sistema linguístico ideográfico e pictórico que não deve ser apenas lido, mas também apreciado, encontrando-se essa arte “[...] profundamente imbuída pela filosofia taoista [...] como] harmonização de todos os elementos no espaço [...]”<sup>101</sup>. Este é um dos inúmeros momentos de focalização multicultural do romance<sup>102</sup>, através dos quais o Oriente e o Ocidente são descritos implícita e explicitamente ao longo de um jogo de contrastes e comparações que ajuda a caracterizar as diferentes comunidades de Macau, processo semelhante ao que Edward Said refere em *Orientalism*: “[...] the Orient has helped to define Europe (or the West) as its contrasting image, idea, personality, experience [...]”<sup>103</sup>.

---

<sup>97</sup> Ao longo do romance, o *Merope* é referido como meio de transporte de chá e ópio, ou seja, como peça estratégica do comércio inglês em Cantão no século XIX (Margaret Gaan, *op. cit.*, pp. 24-29, 33-35, 40, 51-53, 61-70, 81, 107-109).

<sup>98</sup> *Idem, ibidem*, p. 81; itálico nosso.

<sup>99</sup> Este facto é referido por Austin Coates, «*Millionairess*», p. 16: “[...] she [Marta] claimed she had married him [Thomas], and used his surname, though because she could not read it was spelt wrong, and she became Merop instead of Mierop”.

<sup>100</sup> *CBP*, p. 300; tradução nossa.

<sup>101</sup> Rui Rocha, «A Caligrafia Chinesa», *MacaU*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 66, Outubro de 1997, p. 56.

<sup>102</sup> A título de exemplo, referimos um dos momentos em que o narrador apresenta a cosmovisão de uma das civilizações presentes em Macau (a europeia), recordando o leitor que cada povo tem as suas formas de pensar e viver: “[...] handsome in the European sense [...]” (*ibidem*, p. 181).

<sup>103</sup> Edward Said, *Orientalism*, 1978, pp. 1, 43, 70.

É, aliás, o contexto europeu que leva Martha a autodefinir-se como ocidental quer no início da acção, quer quando Thomas adoece e ela pede a Deus que ele recupere rapidamente<sup>104</sup>. A propósito do episódio do calígrafo, Christina Miu Bin Cheng defende que Thomas, o intruso ocidental, é castigado por Martha, significando a queda da vogal ‘i’ que a protagonista transcende a sombra do inglês:

[...] Martha has also attained a new identity as **Martha Merop** by dropping the phallic ‘I’ in Mierop, which is a sign of posthumous castration of Mierop. In addition, the ‘I’ represents Martha’s first person pronoun and it is detached from Mierop. Martha is now independent and is not a parasite on Mierop any more. As Mierop is inadvertently and unconsciously ‘killed’ by the painter, Martha is ‘reborn’ with a renewed identity<sup>105</sup>.

Apesar de a jovem ter forçosamente de mudar a sua postura após a morte do sobrecarga, afastamo-nos desta leitura psicanalítica, pois nem o calígrafo pensa no inglês, mas sim no valor estético da vogal ‘i’, que desconhece, nem Martha deixa de amar Thomas, em quem pensa enquanto é aceite socialmente e que reconhece como mentor dos seus próprios estatuto e poder actuais, sem nunca ter sido “parasita” do mesmo. A mudança de nome (Mierop-Merop) que, na realidade, se observa em Macau ao longo dos tempos<sup>106</sup>, poderá simbolizar o completar da formação de Martha, agora sozinha no enclave apenas porque Thomas falece e lhe ‘deixa’ o seu apelido. Aliás, na página 131 do romance, a protagonista dedica ao oficial inglês a mesma lealdade que dedicara a Madre Clemencia e a Monsieur Auvray (“Little Papa”)<sup>107</sup>, as três pessoas que a amam incondicionalmente, tendo as duas últimas sido os seus modelos materno e paterno. O próprio narrador afirma, quase no final do texto, para caracterizar Martha: “[...] she who had given a man more fidelity than many a married woman [...]”<sup>108</sup>.

O longínquo espaço ocidental é também fruto da imaginação da protagonista, a partir de descrições de terceiros, enquanto o vestuário e as diversas práticas culturais

<sup>104</sup> *CBP*, p. 209.

<sup>105</sup> Christina Miu Bin Cheng, *op. cit.*, pp. 145-146. Veja-se também *idem*, «Colonial Stereotyping and Cultural Anthropology», in Theo D’haen, *Colonizer and Colonized*, 2000, pp. 135, 148, estudo no qual a autora generaliza esta interpretação através do binómio colonial: Oriente (como figura feminina e infantil, “recipiente” do Ocidente, Martha)/Ocidente (figura paternal, Thomas).

<sup>106</sup> Veja-se o subcapítulo 3.1.2 da terceira parte.

<sup>107</sup> *CBP*, p. 60.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 293.

das esferas oriental e europeia do enclave materializam as fronteiras étnicas e sociais<sup>109</sup> que distinguem e definem as comunidades que partilham a cidade. A perspectivização dos acontecimentos resulta, assim, do confronto de várias formas de encarar situações e filtrar interesses, dando lugar a uma focalização mista, perfeitamente adequada à representação do espaço multicultural da acção, enquanto a estratégia narrativa que Umberto Eco denomina passeios inferenciais<sup>110</sup> caracteriza a astúcia e o percurso da protagonista, sobretudo nas linhas finais de diversos (sub)capítulos ou secções do romance<sup>111</sup> em que o leitor é forçado a inferir desenlaces de situações que, apesar de sugeridos, ficam ‘em aberto’, participando ele na (re)interpretação do texto através de um processo dedutivo.

O contexto sociocultural confere ao percurso formativo de Martha uma especificidade que advém do facto de a personagem se sentir inicialmente dividida entre as suas identidades portuguesa e chinesa, como o provam quer o vestuário, quer os locais por onde ela se vê forçada a passear em sucessivos exílios até que, finalmente, se decide pela identidade europeia e a religião católica, tornando-se igualmente significativa a ronda que leva a cabo no final do romance, ao procurar Biddle, na senda das pegadas dos “[...] European shoes [...]”<sup>112</sup> que, afinal, toda a sua vida seguiu.

A língua inglesa, símbolo da autonomia e da importância crescente da adolescente, funciona como passaporte para a sua iniciação no mundo do poder, permitindo-lhe interagir com a comunidade britânica, para além da chinesa e da portuguesa. Esse conhecimento linguístico é, desde logo, encarado como uma proeza única para uma nativa na Macau setecentista, tal como Cuming e Browne reconhecem<sup>113</sup>, enfatizando a força de vontade de Martha em ir muito para além do que a sociedade do enclave à partida lhe permite. O próprio narrador comenta o facto de a língua inglesa distinguir a personagem analfabeta e poliglota da iletrada população feminina portuguesa da cidade<sup>114</sup>, respondendo a primeira perante o espanto das personagens masculinas: “I am not educated. I just learned [...]”<sup>115</sup>, afirmação que sintetiza o processo de forma-

---

<sup>109</sup> Sobre o conceito antropológico de fronteira étnica, veja-se Hans Vermeulen e Cora Govers (eds.), *Antropologia da Etnicidade: Para Além de Ethnic Groups and Boundaries*, 2004, pp. 45-100.

<sup>110</sup> Umberto Eco, *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, 1997, p. 56.

<sup>111</sup> Sobretudo os capítulos 3 e 4, bem como as páginas 138, 211 do romance.

<sup>112</sup> *CBP*, p. 291.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 223. Na página 243, Cuming confessa a Martha: “[...] what immense relief [...] to be able to speak to a local woman in English [...]”.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 271.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 24.

ção informal da *self made woman* chinesa, ao longo do qual a aprendizagem é rentabilizada através da memorização e da posterior recordação de atitudes, conhecimentos e reacções a ter em conta em determinadas situações, como, por exemplo, a designação e a proveniência das diversas especiarias consumidas em Macau, que Auvray lhe ensinou e que a jovem recorda, mais tarde, aos 19 anos, para levar a cabo o seu próprio comércio de flores, vinho e madeira, acumulando, tal como Thomas através do *private trade*<sup>116</sup>, a sua própria fortuna. O narrador reforça, assim, a importância da memória e do acumular de experiências na formação de Martha através de frases como: “[...] she did her utmost to recall Thomas’ maxims about introducing people, another thing she had never done before [...]”, e “[...] she surveyed it [the table] with an *experienced* eye. She had learned the way from Thomas”<sup>117</sup>. O adjectivo que destacámos na citação anterior veicula o sucesso da aprendizagem da protagonista, identificando vários autores<sup>118</sup> a memória e o poder imaginativo da *Bildungsheldin* como factores cruciais na sua busca de identidade e estatuto social.

### 3. O ESPAÇO SIMBÓLICO DA FORMAÇÃO DE MARTHA

Os espaços abertos e públicos do enclave que se acumulam no final do romance contrastam com o cubículo escuro que Martha ocupa inicialmente nas traseiras da casa até à chegada de Thomas, no qual permanece isolada da sociedade, sem qualquer poder de decisão e para onde se retira simbólica e imediatamente após a partida do sobrecarga. A personagem principal reconhece assim que o poder e a segurança lhe advêm, em grande parte, do seu mestre e amante, não acreditando que ele cumpra a sua pro-

---

<sup>116</sup> Sobre o comércio privado dos sobrecargas nos barcos da companhia, consulte-se o subcapítulo 8.1 da segunda parte.

<sup>117</sup> *CBP*, pp. 274, 309, respectivamente; itálico nosso. Vejam-se ainda outros momentos de aprendizagem através da memorização e da posterior recordação em *ibidem*, pp. 60-61, 123.

<sup>118</sup> Annie O. Eysturoy, *op. cit.*, p. 6; Michele C. Dávila Gonçalves, *El Archivo de la Memoria: la Novela de Formación Femenina de Rosa Chacel, Rosa Montero, Rosario Castellanos y Elena Poniatowska*, 1999, pp. vii-viii, 13-19, 24-26; Tony Morrison e Maxine Hong Kingston, *The Female Bildungsroman: A Postmodern Reading*, 2000 (que estuda o papel das mulheres não caucasianas reprimidas que questionam a sociedade, e a importância das memórias recalcadas das suas histórias/experiências pessoais) e Christy Rishoi, *From Girl to Woman: American Women's Coming-of-Age Narratives*, 2003, pp. 63-65.

messa de voltar a Macau para a proteger. A divisão sombria em que a protagonista se aprisiona contribui para a sua caracterização indirecta, ao funcionar como metonímia do seu estatuto num momento de solitária tensão, tal como acontece no romance *Amor e Dedinhos de Pé*, no qual o cubículo caracteriza o opressivo espaço chinês dos empregados e o estado solitário de Francisco Frontaria, exilado da “cidade cristã”<sup>119</sup>. A órfã chinesa abandona a cela, resiste a pressões exteriores e interiores e demarca o seu território social nos espaços privados e públicos da cidade, acentuando-se a simbologia do espaço, que é marcada pelo género, pela etnia e pelo grupo social<sup>120</sup>, através desse compartimento e da experiência que Fong partilha com Martha. O cubículo simboliza a separação dupla quer do mestre da casa, quer dos restantes empregados e recorda ao leitor o mundo das sombras de que a jovem se ergue ao longo do romance até acabar por ser respeitada pelos concidadãos que a rejeitam no início como a prostituta que Thomas, o narrador e o leitor sabem que a órfã não é.

O percurso de Martha após abandonar o Convento de Santa Clara (infância) e a casa de Auvray (adolescência), momentos em que o seu processo de formação se intensifica, culmina no lar da Rua do Hospital, e as viagens para fora dos dois espaços iniciais dão lugar ao contacto com o perigoso mundo exterior, alargando-se os horizontes e a aprendizagem da jovem progressivamente, como podemos verificar através do quadro da página seguinte<sup>121</sup>.

Como podemos verificar através do quadro, a jovem heroína mantém as cortinas do seu lar fechadas como medida de segurança, abrindo-se as demais fronteiras domésticas (a janela, os veda-luzes e o cubículo das traseiras) de forma plena apenas no final do romance, altura em que a paisagem exterior preenche a ‘moldura’ das janelas e a escuridão desaparece. Essa mudança é também reforçada pelo desaparecimento da

---

<sup>119</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 23, 82-86, 105, 276-277.

<sup>120</sup> Susan Fraiman, *op. cit.*, pp. 13-31, defende que a formação das protagonistas de “romances de desenvolvimento” não é una, mas sim plural e deve ser interpretada à luz de elementos sociais determinantes como o grupo social, a etnia, a localização geográfica e temporal da acção e o género, pressuposto que seguimos igualmente para o estudo de *CBP*, também na senda de Jacqueline Banerjee, *op. cit.*, pp. 109-178, 205-210 e Julia A. Kushigian, *Reconstructing Childhood: Strategies of Reading for Culture and Gender in the Spanish American Bildungsroman*, 2003, *passim*, que abordam a representação da infância e da adolescência em termos da etnia e do género das personagens. Já Raymond L. Burt, *op. cit.*, p. 106, enfatiza a importância da etnia do protagonista no subgénero preocupado com a integração de uma minoria desenraizada. Sobre a reformulação de características do subgénero a partir do ponto de vista do sujeito africano, vejam-se Pin-chia Feng, *op. cit.*, 1-50, 77-106 e J. S. F. Vasquez, *op. cit.*, pp. 85-106.

<sup>121</sup> Para uma análise do espaço (mais alargado) da formação de Martha, veja-se o quadro n.º 2, *infra*.



**Quadro n.º 1 – Simbologia espacial do percurso de formação de Martha  
no lar Van Mierop e na cidade**

<b>Espaço</b>	<b>Simbologia e função</b>
1) Cubículo sombrio nas traseiras (arrecadação).	Símbolo das origens e do estatuto inicial de Martha, onde Thomas a encontra inicialmente exposta ao olhar e ao sarcasmo dos demais empregados e para onde ela regressa após a partida do amante (metáfora da opressão e da ausência de segurança, bem como do poder da protagonista) <sup>122</sup> .
2) Quarto no piso superior.	Símbolo da autoridade, do estatuto e do amor do sobrecarga pela protagonista, que, após a sua ascensão, acaba por partilhar com o primeiro a gestão da casa. No remate da acção, a jovem leva os empregados para o piso superior de forma a conquistá-los como a nova mestre da casa.
3) Toda a casa e o barco.	Martha adquire gradualmente a liberdade de se movimentar pela casa e, com o baptismo do seu barco, pela cidade, respeitada por todos. A embarcação comercial, rumo a Calcutá, enquanto extensão do universo doméstico, simboliza a conquista final do espaço e o ultrapassar de medos e inseguranças.
4) Mundo exterior de Macau e abertura do espaço doméstico.	No auge do seu percurso, a <i>Bildungsheldin</i> abre finalmente todas as cortinas, gelosias, portas e janelas do lar, onde oferece um jantar à edilidade local.

da ameaçadora cicatriz na face do cadáver de Teresa da Silva, prova física e inscrição corporal da revolta e da maturação da protagonista, tal como o são as marcas do tempo que modificam o corpo de Martha durante o seu desenvolvimento físico. O corpo, ao ser envolvido em todas as práticas sociais, torna-se objecto-alvo das mesmas<sup>123</sup>; daí a importância da temática e dos símbolos da liberdade e da progressiva expansão do campo de acção da órfã.

<sup>122</sup> A simbologia do espaço e do movimento ascendente/descendente da protagonista é veiculada pelo narrador ao afirmar que, após a partida de Thomas, os empregados aguardam o dia em que ela descerá ao piso térreo para dormir ao nível deles (*CBP*, p. 240), verticalidade também presente no final do romance, quando Martha sobe livremente o Monte e observa o mastro do seu barco a afastar-se.

<sup>123</sup> Cf. Mary Douglas, *Natural Symbols: Explorations in Cosmology*, 1970, p. 65; Peter Brooks, *Body Work: Objects of Desire in Modern Narrative*, 1993, pp. 1-35; R. W. Connel, *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*, 1993, pp. 64, 77-78 e Russell McDougall, «The Body as Cultural Signifier», in Bill Ashcroft *et al.* (eds.), *A Post-Colonial Handbook*, 1995, p. 336.



Após a partida de Thomas, a protagonista esquece todas as suas conquistas e aspirações e desiste de lutar até ganhar novas forças através das possibilidades financeiras que o comércio lhe proporciona. O poder masculino inglês em Macau possibilita à jovem um espaço-sombra de liberdade no qual ela opera com maior margem de acção, sobretudo ao tentar culminar o seu processo de autodefesa pedindo ao sobrecarga que case com ela, pois assim conquistará o apelido dele e o estatuto de mulher de um poderoso inglês, membro do Comité Selecto na Macau setecentista. O facto de o sexo feminino necessitar do ‘empréstimo’ do poder masculino leva Elaine Hoffman Baruch a considerar que não existem romances de formação femininos autênticos, uma vez que o desenvolvimento da heroína se encontra associado ao casamento, que restringe a mulher<sup>124</sup>. No entanto, Thomas possibilita à jovem chinesa maior liberdade e dignidade humana, aproveitando Martha essa possibilidade com todas as suas forças para se tornar, mesmo contra a vontade do sobrecarga, comerciante, ou seja, o percurso da protagonista afasta-se da ideia de casamento-prisão de Elaine Baruch, como o próprio narrador indica quando a personagem, prestes a casar, assiste à Missa do Galo na catedral, envolta pelo dó, “[...] to enjoy in advance the almost unimaginable freedom which as a married woman would be hers [...]”<sup>125</sup>. A *Bildungsheldin* decide e age por si mesma, adquirindo poder através do estatuto que o comércio e a riqueza lhe conferem, como se pode verificar logo no segundo ano da acção principal, quando o escriturário de Pedro lhe pede dinheiro emprestado e Martha se comporta já como uma mulher independente e ativa<sup>126</sup>. Aliás, a história ‘real’ ou extratextual em que a acção verosímil do romance histórico se baseia, e que Austin Coates afirma seguir de perto<sup>127</sup>, poderá ter influenciado o romancista nesse sentido.

### 3.1 A determinação singular de Martha

A protagonista é agente activo do seu próprio percurso através de uma série de escolhas, estratégias e de um *savoir faire* que a distinguem das demais mulheres sínicas e portuguesas com as quais a sua forte personalidade é comparada por disseme-

---

<sup>124</sup> Elaine Hoffman Baruch, «The Feminine Bildungsroman: Education through Marriage», *Massachusetts Review*, n.º 22, 1981, p. 357.

<sup>125</sup> *CBP*, p. 216.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>127</sup> Austin Coates, in *Frederick Muller Ltd. Announce*, p. 1 (anexo n.º 3) e *idem*, «Millionairess», p. 16.

lhança, servindo Fong, assassinada pelo marido<sup>128</sup>, e Dominie, que quase enlouquece no final, como extremos opostos e referentes de comparação por dissemelhança para os feitos heróicos da jovem num espaço onde impera o poder masculino e no qual o sexo feminino, embora represente a maioria da população, goza de pouco poder ou espaço de manobra, remetendo o título do romance para a memória colectiva e para a focalização das mulheres locais, facto que singulariza a vitória da protagonista nessa sociedade patriarcal<sup>129</sup>.

A experiência do tempo e do espaço femininos intensifica-se em momentos de tensão e espelha o estado de espírito das personagens, como acontece quando Martha é expulsa por Teresa, encontrando-se perdida nas ruas do território, sozinha pela primeira vez no labiríntico mundo exterior: “It was the last half-hour of daylight, and before dark Martha had to find the only other place in Macao she knew: the Convent”<sup>130</sup>. Esse momento é determinante no processo de formação da órfã chinesa, que se vê forçada a enfrentar o desconhecido, a tentar compreender a cidade, bem como a sua própria identidade. Num estudo sobre a mulher nos romances citadinos enquanto *flâneur*, turista ou prostituta, Deborah L. Parsons aborda a consciência feminina no *Bildungsroman* de ambiente urbano através de um ponto de vista que elucida a viagem de Martha: “[...] travel and journey are common literary metaphors for a search for identity or self-discovery [...]. In the modern urban environment [...] the *Bildungsroman* shifted from its traditional form of exotic travel of the Grand Tour to travel within the city, the journey becoming orientated inwards as searching of the consciousness and self”<sup>131</sup>. A protagonista de *CBP* deambula sozinha pelas ruas do enclave e acaba por ser resgatada como prostituta ao serviço dos sobrecargas ingleses, inserindo-se, no final da acção e de forma plena, nesse espaço social que acaba por dominar ao afastar-se da figura da mulher anónima na multidão da urbe. A Macau setecentista, relativamente isolada

---

<sup>128</sup> De acordo com Judith Kegan Gardiner, «The Heroine as Her Author's Daughter», in Cheryl L. Brown e Karen Olson (eds.), *Feminist Criticism: Essays on Theory, Poetry and Prose*, 1978, p. 250, o suicídio é, muitas vezes, a única forma de a mulher conseguir liberdade do marido e das imposições a que o seu papel social a limita. Em *CBP*, Martha deseja suicidar-se ao concluir que se colocou nas mãos dos empregados chineses; no caso de Fong, é o marido que, após abandonar a jovem, regressa para a encontrar com um filho que não é seu, assassinando-a. O único suicídio da acção do romance é masculino (Biddle), uma vez que a protagonista, que inicialmente pensou suicidar-se, sai vitoriosa.

<sup>129</sup> W. H. Bruford, *The German Tradition of Self-Cultivation: 'Bildung' from Humboldt to Thomas Mann*, 1975, p. 103, afirma que a sociedade de *Wilhelm Meisters Wanderjahre* é fortemente autoritária e patriarcal, facto que se observa igualmente em *CBP*, ultrapassando Martha esse obstáculo.

<sup>130</sup> *CBP*, p. 65.

<sup>131</sup> Deborah L. Parsons, *Streetwalking the Metropolis: Women, the City, and Modernity*, 2000, p. 70.

da China e de Portugal, assume-se como manifestação espacial da viagem da adolescente, que se sente também isolada na sociedade patriarcal, enquanto os becos, as ruas e vielas simbolizam os inúmeros caminhos pelos quais Martha poderá enveredar nos espaços públicos e domésticos do tecido urbano ficcionalizado. Tratando-se de uma mulher na Macau do século XVIII, o espaço inicial da acção teria forçosamente de ser o doméstico, alargando-se posteriormente à esfera pública.

Após a morte de Thomas, a personalidade e os testemunhos da honestidade deste e de Martha levam Henry Browne, presidente da E.I.C., a confessar a sua própria hipocrisia à ‘viúva’, prestes a receber a fortuna e a casa do ‘marido’, estendendo-se a falsidade de Browne em relação à sua amante chinesa e à edilidade inglesa da Macau setecentista a muitos dos sobrecargas através de um processo de metonímia: “I too am leaving money to someone here, enough for herself and her children. But she’s a very simple woman. [...]”<sup>132</sup>. A conjunção adversativa utilizada para caracterizar a amante do presidente por oposição a Martha distingue esta última, mais uma vez, das demais chinesas, descrevendo-a indirectamente, pois ela não é uma mulher simples. Algumas destas analogias, tal como a estrutura da narrativa, assentam em capítulos analépticos que descrevem a infância da personagem principal e contribuem para a sua caracterização física e psicológica de forma cumulativa, desde o momento da sua rebeldia contra a corrupção e o materialismo das freiras<sup>133</sup> e de Teresa nas suas infância e adolescência até à revolta contra a relativa passividade a que se vê forçada ao querer singrar, enquanto amadurece e se protege a todo o custo.

Por seu lado, Teresa, ao enviuar, procura um marido europeu quer para si, quer para a sua filha Dominie, bem como o seu momento de vingança da jovem chinesa, pelo que se torna uma ameaça constante para Martha, acabando o falecimento da opo-nente por ajudar a libertar a sua própria filha e a protagonista. A morte torna-se um tema recorrente na obra e marca o percurso da órfã, pois Urquhart, o seu primeiro ‘dono’, Mr. Auvray, o primeiro homem e mentor que lhe transmite algum carinho e saber, Thomas, o seu primeiro amante e segundo mentor<sup>134</sup>, Teresa, a sua maior inimiga,

---

<sup>132</sup> *CBP*, p. 284.

<sup>133</sup> A irmã Grace rouba dinheiro do Convento das Clarissas para pagar o dote de casamento de uma sobrinha, facto contra o qual Martha se revolta, sendo por isso castigada e expulsa do convento. A importância do pagamento do dote (inclusive das adolescentes e jovens órfãs) é referida nas fontes de Macau como uma preocupação constante da comunidade portuguesa (*vide* Padre Manuel Teixeira, *Macau no Século XVIII*, pp. 136, 184, 291).

<sup>134</sup> Relativamente à figura do mentor por oposição à do pedagogo no romance de formação, veja-se María de los Angeles Rodríguez Fontela, *op. cit.*, pp. 320-323, 379-380.

Biddle, que se suicida apesar de ela o tentar salvar, e o filho (recém-nascido) do casal Van Mierop morrem ao longo da acção, tal como Fong, assassinada pelo marido. Estas mortes dão lugar a momentos intensos de aprendizagem na vida da *Bildungsheldin*, que depende, para o bem e para o mal, dessas personagens, sendo o avanço do seu percurso e as suas conquistas enfatizados por esses falecimentos.

A maioria das personagens femininas são oponentes da jovem, que apenas consegue aliados do sexo masculino. Dominie, desde cedo em busca de um marido socialmente à sua altura, acaba por quase enlouquecer no remate do romance, levando Martha a chamar Duncan, o médico da E.I.C., perante o qual a primeira finge ser uma coquete reinol<sup>135</sup>, comportando-se como uma recém-chegada de Portugal. Com o início da relação amorosa entre Dominie e Duncan no final da acção, começa a história de uma outra mulher de Macau, adquirindo o texto um pendor cíclico ao nível temático<sup>136</sup>, como o próprio narrador informa através de um breve exercício metaficcional apoiado por uma humorística insinuação amorosa: “For with every tale that ends another begins, and the age-old story of the women of Macao had not yet ended. Though not from Portugal, Dominie’s officer had come at last; and the maladroit surgeon had proved himself not incapable of curing a patient”<sup>137</sup>. A auto-reflexividade, associada às inovações pós-modernas do romance histórico<sup>138</sup> e presente no início deste comentário, remete simultaneamente para a sequencialidade própria da narrativa tradicional e para a voz audível e o destaque que o texto pretende dar às mulheres chinesas de Macau. A metaficção em *CBP* relaciona-se assim quer com o processo de formação da protagonista num passado recuado, quer com a recuperação ficcional desse período, funcionando a história tradicional e oral das mulheres subjugadas do enclave como um discurso auto-etnográfico, como a própria Martha parece afirmar ao aconselhar Thomas: “Ask any grandmother [...]”<sup>139</sup>.

---

<sup>135</sup> Veja-se o nosso glossário final.

<sup>136</sup> Sobre a história das mulheres como área de estudo relativamente recente, veja-se Joan W. Scott, «Women’s History», in Peter Burke (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, 2001, pp. 43-70.

<sup>137</sup> *CBP*, p. 299. A procura incessante de um reinol por parte de Dominie poder-se-á entender melhor, tal como a vivência feminina de Martha, da irmã Grace e de Fong, à luz da seguinte afirmação de George Bryan de Souza, *A Sobrevivência do Império*, p. 49: “Os reinos procuravam casar com mulheres solteiras que possuíssem dotes. [...] Aqueles reinos que não encontravam uma mulher, e mesmo muitos que o faziam, eram susceptíveis de ter relações sexuais com criadas e escravas”.

<sup>138</sup> Relativamente à metaficção e auto-reflexividade, vejam-se Linda Hutcheon, *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*, 1980; Patricia Waugh, *Metafiction*, 1984, pp. 2, 18-19; Mark Currie (ed.), *Metafiction*, 1995, e Elisabeth Wesseling, *op. cit.*, pp. 82-89.

<sup>139</sup> *CBP*, p. 149.

Tal como o próprio romance, personagens como Martha e Ignatius encontram-se em permanente construção, tornando-se o quotidiano da Macau setecentista um domínio em que elas descobrem o que os mundos chinês, inglês e português têm para oferecer, enquanto enriquecem a sua identidade cultural, como se pode verificar na descrição que Ignatius faz da viagem em que acompanha Thomas e que funciona como um rito de passagem ou iniciação<sup>140</sup> para o jovem, cujos conhecimentos e personalidade se desenvolvem como nunca, estabelecendo-se assim um corte com o passado, como acontece com Martha cada vez que muda de lar ou quando ‘casa’ com o sobrecarga e se torna a senhora Van Mierop. O carácter cronotópico da viagem e da cidade, bem como as experiências sensoriais e intelectuais enriquecem assim o saber que Ignatius adquire sobre o mundo adulto também através da relação amorosa dos seus mestres, pois a sua aprendizagem, tal como a da protagonista, sem qualquer influência da educação formal ou escolar<sup>141</sup>, é igualmente a dos afectos.

Ignatius, Fong, Dominie, e Teresa da Silva desaparecem e reaparecem ao longo da acção, acompanhando o percurso de Martha, e *CBP*, enquanto *Bildungsroman* feminino, apresenta a história de uma aprendizagem e não a história de toda uma vida, afastando-se do objectivo principal da biografia tradicional<sup>142</sup>. O processo formativo da órfã chinesa é dificultado pelo facto de esta ter inicialmente duas ‘famílias’ adoptivas, a da Madre Superiora e a de Mr. Auvray, ambas com elementos femininos hostis, Sister Grace e Teresa, e, como afirma Eve Tavor Bannet em relação ao crescimento das protagonistas do romance de formação inglês longe das suas famílias, “[...] one way that the female *Bildungsroman* could exploit the conventional exemplar narrative to rewrite

---

<sup>140</sup> Cf. *ibidem*, p. 288. Vide Arnold van Gennep, *The Rites of Passage*, 1960, p. 3: “[...] transitions from group to group and from one social situation to the next are looked on as implicit to the very fact of existence, so that a man’s life comes to be made up of a succession of stages with similar ends and beginnings: birth, social puberty, marriage, fatherhood, advancement to a higher class, occupational specialization, and death. For every one of these events there are ceremonies whose essential purpose is to enable the individual to pass from one defined position to another that is equally well defined [...]”.

<sup>141</sup> De acordo com Jeffrey L. Sammons, «The Mystery of the Missing *Bildungsroman*, or: What Happened to Wilhelm Meister’s Legacy?», *Genre*, vol. 14, 1981, p. 231 e Charles R. Reitz, *Art, Alienation, and the Humanities: A Critical Engagement with Herbert Marcuse*, 2000, p. 32, a escola e a educação escolar ou se encontram ausentes do romance de formação ou são periféricos e irrelevantes na formação do protagonista. Já John O. Lyons, *The College Novel in America*, 1962, pp. 68-70 e Stephen Christopher Wiegstein, «The Contemporary Academic Novel: A Study in Genre», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade do Missouri, 1987, p. 27, associam a formação do protagonista do *Bildungsroman* à aprendizagem das personagens do romance académico no *campus*.

<sup>142</sup> Sobre esta temática, veja-se Patricia Alden, *op. cit.*, p. 1.

the social text [...] was by orphaning the idealized heroine, displacing normal family constraints, and replacing them with alternative forms of familial relationship [...]”<sup>143</sup>, estratégia que se encontra presente em *CBP* no âmbito da representação realista da Macau dos finais do século XVIII, como já vimos nas segunda e terceira partes, através das temáticas do abandono de filhas pelos chineses, da caridade de instituições religiosas, da adopção e das questões do dote e da prostituição.

### 3.2 A educação formal da protagonista face às pressões sociais

I have found out about myself many things I did not know at all.

*CBP*, p. 116

A educação de Martha – apresentada pelo narrador, que nos transmite, inclusive, o que as personagens não confessam verbalmente ou desconhecem<sup>144</sup> – é predominantemente informal, tal como a definimos, por relativa oposição à educação/instrução formal ou escolar<sup>145</sup>, uma vez que é Ah Sum que a ensina a pesar *sycee*<sup>146</sup>, Henry Browne a investir dinheiro, Thomas a falar inglês e Auvray os nomes dos santos cristãos e a proveniência das exóticas especiarias com que eles cozinham em segredo, desempenhando essas personagens masculinas a função de *guide-figures*, identificadas como

<sup>143</sup> Eve Tavor Bannet, *op. cit.*, p. 213.

<sup>144</sup> Para uma definição da *detached awareness* do narrador, que filtra e comenta atitudes e falas das personagens, bem como factos dos quais estas não se dão conta, expressando assim a consciência das mesmas, vejam-se Robert Highbie, *Character & Structure in the English Novel*, 1984, pp. 176-177 e Jon-K. Adams, *Pragmatics and Fiction*, 1985, pp. 16-23. A *detached awareness*, quando vista à luz da distanciação temporal típica do romance histórico, torna-se um artifício relevante sobretudo através dos comentários, sendo as personagens de *CBP* caracterizadas através da apresentação dos seus *outer* e *inner selves*, que Highbie, *op. cit.*, pp. 181-182, identifica como técnica, respectivamente, dos romances tradicional e modernista ingleses.

<sup>145</sup> Sobre o conceito de educação informal, vejam-se Tony Jeffs e Mark Smith (eds.), *Using Informal Education*, 1990, pp. 1-23 e *idem*, *Informal Education-Conversation, Democracy and Learning*, 1999, pp. 5-7, 108-116. Relativamente à representação da juventude e da educação informal na literatura anglófona, consulte-se Robert Googins, «Reflections on Delinquency, Dickens and Twain», in Thomas P. Gullotta *et al.* (eds.), *Delinquent Violent Youth: Theory and Interventions*, 1998, pp. 1-12.

<sup>146</sup> Veja-se o glossário final.

essenciais no *Bildungsroman* por Jack Hendriksen<sup>147</sup>. A atitude opressiva e ameaçadora de Cuming e outros homens para com Martha fazem que a sua relação com Auvray, Thomas e Ah Sum se torne especial, sendo estes os únicos a respeitá-la. A maior parte da aprendizagem da órfã é feita por ela mesma, deambulando pelas ruas, vielas e pelos quintais de Macau, à medida que o espaço físico e social se abre, tal como acontece durante as viagens geograficamente mais abrangentes dos protagonistas de *Bildungsromane* como os de Goethe. A jovem aprende ao observar e imitar terceiros, recordando-se, mais tarde, de situações das quais retira partido, sobretudo para lidar com os europeus, pois depressa se apercebe de que pode influenciar quer pessoas, quer o rumo de diversos acontecimentos à sua volta. Thomas jamais consegue parar ou evitar a luta pela segurança que Martha leva a cabo e, no final do romance, esta última, inicialmente uma *outcast*, encontra-se perfeitamente integrada moral, económica e socialmente na sociedade europeia do enclave também em mudança.

Podemos, assim, incluir *CBP* no quinto tipo de *Bildungsroman* definido por Mikhail Bakhtin, no qual a formação do ser humano se efectua num tempo marcadamente histórico, com um carácter profundamente cronotópico<sup>148</sup>, uma vez que também a sociedade europeia de Macau se modifica com a chegada das primeiras mulheres inglesas, situação inédita, tal como a de Martha, que altera a vivência social, moral e do género de uma ‘zona de contacto’<sup>149</sup>, ou seja, o desenvolvimento da jovem dá-se no início da formação de uma nova ‘sociedade’ no Sul da China, funcionando o tempo histórico da acção ficcional como fronteira entre duas épocas. Bakhtin apresenta como característica do *Bildungsroman* o facto de o processo de formação do protagonista revelar mudanças históricas<sup>150</sup>, acabando *CBP* por se assumir simultaneamente como romance histórico e de formação, representando um ambiente relativamente colonial<sup>151</sup> e exótico para o leitor europeu. Ao estudar o grau de assimilação entre o tempo histórico e o indivíduo no romance de formação, bem como a importância primordial desse

---

<sup>147</sup> Jack Hendriksen, *op. cit.*, pp. 34-35.

<sup>148</sup> M. Bakhtin, «O Romance de Formação», p. 239.

<sup>149</sup> O conceito de *contact zone* é desenvolvido por Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, 1992, pp. 6-7, como sinónimo de fronteira cultural, invocando a co-presença temporal e espacial de sujeitos previamente separados geográfica e historicamente.

<sup>150</sup> M. Bakhtin, «O Romance de Formação», pp. 238-239.

<sup>151</sup> Jin Guo Ping, «Lusofonia: História e Realidade», *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 16, n.º 61, 2003, pp. 1061-1067, afirma que Macau nunca chega a ser uma verdadeira colónia portuguesa, pois não existe um domínio exclusivo imposto por uma minoria exterior e a cultura/língua portuguesa nunca se impõe no seio da comunidade chinesa.



tempo no romance histórico, Bakhtin defende que ambos os subgéneros acarretam consigo o cronótopo, pois o Homem, situando-se na fronteira de duas épocas, reflecte em si a formação histórica do mundo e “é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem, ainda inédito. É precisamente a formação do novo homem que está em questão”<sup>152</sup>.

A heroína autodidacta de *CBP* funciona como contra-exemplo da submissa condição feminina na Macau setecentista, sendo o seu percurso apresentado numa determinada conjuntura histórica; daí a relevância quer da organização temporal não linear, devido à simultaneidade de acontecimentos, quer do espaço na análise deste romance de formação que ficcionaliza o contexto em que uma mulher nativa ascende a um nível próximo daqueles que detêm o poder político e económico do enclave. A redefinição da relação da personagem principal com as comunidades sínica, portuguesa e inglesa tem um papel preponderante na busca da mesma, alterando inicialmente a sua noção de espaço e de sentimento de pertença, como, por exemplo, quando, num momento de dúvida e incerteza, se sente humilhada e rejeitada pelos ‘diabos’ portugueses e decide por momentos deixar-se vender como ajudante de uma chinesa, num templo local. A analogia entre as situações vulneráveis de Martha e Fong reforça a singularidade da vitória e do percurso da primeira, distinguindo-se o romance de Coates dos *Bildungsromane* cuja acção tem lugar na Europa ou num espaço com uma só vivência cultural predominante, pois a jovem tem de lidar com as três comunidades diferentes em que se movimenta: a do mandarim da Casa Branca, a do Senado e a do Comité Selecto. *CBP* torna-se gradualmente um romance poliglota, polifónico e de vivência multicultural, estatutos veiculados pelos diferentes registos que caracterizam as culturas e comunidades em interacção no enclave setecentista<sup>153</sup>, o qual, por sua vez, funciona como duas ou três cidades culturais paralelas. Jonathan Porter refere esta dualidade cultural de Macau, bastando uma rápida leitura do índice do seu estudo para termos uma ideia da teoria em torno de Macau como limiar entre dois mundos: “The Imagi-

---

<sup>152</sup> M. Bakhtin, «O Romance de Formação», p. 240. De acordo com Elizabeth Abel *et al.* (eds.), *op. cit.*, p. 4, na introdução do estudo pioneiro sobre “ficções de formação feminina” e feminista: “Development is a relative concept colored by many interrelated factors, including class, history, and gender. [...] The desire to translate these interrelationships into a coherent narrative has produced a distinctive genre, the *Bildungsroman*, or novel of apprenticeship”.

<sup>153</sup> Nomeadamente, o registo intimista da diarística, o discurso historiográfico do narrador, as mensagens e missivas formais trocadas pelos membros da E.I.C. e o registo oral das personagens, no qual se insere, por exemplo, o sotaque *cockney* de Biddle. Atente-se na própria divisão humana/geográfica do enclave, através do bazar chinês e da cidadela cristã, realidade que abordámos nas segunda e terceira partes, ao estudar Macau como espaço histórico da acção do romance.



nary City/Two Worlds/Boundaries [...]”<sup>154</sup>. À dimensão dupla de Porter acrescentamos uma terceira, nos séculos XVIII e XIX: a anglófona, que, com um poder económico e comercial supremo, não se mistura com nenhuma outra. A interação entre os diversos grupos não é tão generalizada quanto à primeira vista poderia parecer, uma vez que os habitantes sínicos e estrangeiros não convivem muito para além da relação que existe entre empregados, patrões e parceiros comerciais<sup>155</sup>, como informa o narrador ao longo do romance através de afirmações como “Everyone of every race knew Biddle, the oldest English resident [...]”<sup>156</sup>, ou seja, o agente inglês é conhecido em todas as esferas da cidade apenas devido à sua actividade mercantil e ao facto de ser o mais velho residente estrangeiro.

O *locus* do sucesso educativo normalmente atingido no *Bildungsroman* é, no caso de *CBP*, o pequeno território ultramarino português, descrito também a partir do ponto de vista do autóctone, mais especificamente da mulher duplamente oprimida pelo poder masculino europeu e chinês, sendo a história posta ao serviço principalmente da voz nativa, até então pouco audível inclusive nos anais da história de Macau; daí o facto de a protagonista deter um foco de consciência privilegiado no romance. O narrador aborda, nas entrelinhas, questões actualmente consideradas típicas da literatura pós-colonial, nomeadamente a representação do espaço marginal, longínquo e simbólico, bem como o deslocamento de identidades<sup>157</sup> resultante da saída de Martha do convento e da casa de Auvray rumo à alteridade da dimensão chinesa de Macau que a faz repensar-se através do confronto com o Outro, como podemos verificar através quer do seu processo de maturação e dos comentários do narrador em torno da miscigenação, da qual Ignatius é fruto, quer da atitude etnocêntrica dos ingleses ao recriarem um ambiente

---

<sup>154</sup> Jonathan Porter, *op. cit.*, p. 88.

<sup>155</sup> Um poema chinês coevo do tempo da acção do romance, intitulado «Poesia Feita por Uóng após a Sua Chegada a Macau», in Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-lâm, *op. cit.*, p. 55, descreve a prática do jogo no enclave: “[...] chineses e bárbaros em grupos separados, encostados ombro a ombro [...]”, imagem que poderemos alargar à situação geral do território, pois a ‘simbiose’ cultural não é predominante, havendo grandes distâncias sociais, culturais e físicas entre portugueses, chineses e ingleses.

<sup>156</sup> *CBP*, p. 286. Veja-se também *ibidem*, pp. 189, 261.

<sup>157</sup> Sobre a teoria do *displacement*, veja-se Susan Ireland, «Displacement and Identity in the *Beur* Novel», *Romance Languages Annual*, vol. 9, 1998, pp. 72-78. Lisa Love, *op. cit.*, pp. 96-128, aproxima os termos deslocamento, exílio, nomadismo e desterritorialização no que diz respeito ao conceito geográfico de território e às noções espaciais de casa/lar, bem como de pertença e identidade no contexto dos estudos pós-coloniais, servindo os dois primeiros para descrever o processo que Martha sofre ao confrontar as suas identidade e educação portuguesas com o facto de ser de etnia chinesa.

inglês em Macau. Aliás, num momento de tensão, a jovem chinesa acusa os súbditos de George III de serem um grupo fechado de comerciantes, através do recurso à comparação dos britânicos a deuses e à repetição do pronome pessoal *you*, criticando a atitude destes para com os chineses, palavras que, no entanto, não se aplicam a Thomas: “You come from another world. You descend like a god out of the sky. You reside and move about like a god-remote, aloof, with the other gods, your friends. What do you know of us who were born and must live here?”<sup>158</sup>. O próprio presidente do Comité Selecto sustenta a acusação de Martha ao afirmar: “[...] I dislike dealing with [...] matters involving locals [...]”<sup>159</sup>, enquanto a documentação da E.I.C. corrobora essa caracterização ficcional dos sobrecargas ingleses<sup>160</sup>. Apesar de Christina Miu Bing Cheng afirmar que em *CBP* os ingleses são vistos como protectores e defensores de Macau<sup>161</sup>, outras personagens acusam os oficiais da E.I.C. de serem visitantes de passagem e de terem uma postura etnocêntrica, pelo que, partindo do sugestivo título de René Étiemble, «De la Sinophilie à la Sinophobie»<sup>162</sup>, podemos estabelecer uma aproximação entre estes dois termos (com a atitude de, por exemplo, Thomas Van Mierop, interessado pelas ‘coisas da China’) e a postura da maioria dos sobrecargas da companhia, que, para além das amantes locais e dos filhos que abandonam ao regressar à Europa, recusam interagir com os nativos a não ser numa relação de mestre-empregado e de parceiros comerciais. Essa atitude dialoga com o título da narrativa enquanto a voz feminina quebra o silêncio, transformando-se o discurso do romance num “double-voiced discourse”<sup>163</sup> que representa a posição não só do dominador, mas também do dominado até então relativamente silenciado. Se a ‘arte do silêncio’ é definida como uma das estratégias de escape da *Bildungsheldin*<sup>164</sup>, Martha utiliza o seu próprio silêncio como arma para levar a cabo os seus projectos, assumindo a sua voz uma assertividade incontestável no momento em que ela percebe que está livre de perigo e pressões típicas da Macau setecentista.

---

<sup>158</sup> *CBP*, p. 189.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 261.

<sup>160</sup> B.L.-O.I.O.C., G/12/59, fl. 34.

<sup>161</sup> Christina Miu Bing Cheng, *Macau*, p. 143.

<sup>162</sup> René Étiemble, «De la Sinophilie à la Sinophobie», *Corps Écrit*, n.º 25, 1988, pp. 135-144.

<sup>163</sup> Expressão de Elaine Showalter, *A Literature of their Own. British Women Novelists from Brönte to Lessing*, 1977, pp. 30-32.

<sup>164</sup> *Vide* Annie Eysturoy, *op. cit.*, p. 24.

Os enredos (políticos) secundários como os conflitos sino-britânicos, nomeadamente os episódios da embarcação *Lady Hughes*<sup>165</sup> e da crise do ópio, adquirem especial relevância à luz da Guerra do Ópio, que tem lugar cerca de 50 anos após o período da acção de *CBP* e durante a qual a Grã-Bretanha mede forças com a China. O próprio título do romance, veiculando ironicamente o tipo de relação que os ingleses mantêm com as suas amantes chinesas, exige uma leitura do contexto do poder e da relação *master-servant* também presente na ameaça (patriarcal) que Pedro, Cuming e Biddle representam inicialmente para Martha e que o jovem macaense recorda a esta última, em tom de ameaça, através de um desenho cuja função o aproxima da *ekphrasis* enquanto discurso ou narrativa visual. Pedro da Silva, ciente de que a sua amada não sabe ler, encontra forma de comunicar com ela e utiliza a representação pictórica quer da submissão da órfã, quer do amor que o macaense sente por ela, desenhando ora um jovem europeu ajoelhado aos pés de uma chinesa com vestido típico de Macau, ora o mesmo jovem a exercer o seu poder apontando para uma chinesa de rabo de cavalo<sup>166</sup>, imagens que o narrador descreve ao representar a história da cidade das promessas masculinas por cumprir. Estes elementos demonstram a utilidade de se estudar *CBP* enquanto *Bildungsroman* através da análise do contexto histórico-social da acção ficcional, pois, como vimos nas segunda e terceira partes, a formação de Martha tem lugar num período específico da história do enclave.

O envelhecimento da personagem principal é veiculado ao longo da narrativa através das mudanças físicas que Thomas observa nela e através do crescendo das suas fama e imagem pública. Se inicialmente a jovem não passa de uma prostituta aos olhos de chineses e europeus, cedo se torna uma excelente negociante. No desenrolar da acção observa-se também um paralelismo entre as vivências interiores e exteriores das várias personagens, pois as esferas das vidas privada e pública interpenetram-se e influenciam-se mutuamente, como se verifica através da vocação<sup>167</sup> que Martha descobre e desenvolve, nomeadamente o comércio de flores, de especiarias e de produtos europeus, tornando, inclusive, Pedro da Silva dependente da sua arte de negociar. O jovem macaense acaba também por amadurecer através do contacto e da aprendi-zagem com a armadora, que o aconselha quer sobre a vida pessoal, quer sobre os negócios da firma Gonçalves Sequeira.

---

<sup>165</sup> Sobre este episódio histórico, veja-se o subcapítulo 4.1 da segunda parte.

<sup>166</sup> *CBP*, p. 130.

<sup>167</sup> Pedro, ao referir a informação que Martha apreende e utiliza no comércio, bem como as suas ingenuidade e iliteracia, confessa a Thomas: “[...] she leaves me aghast at the extraordinary muddle of what she knows and what she doesn’t know [...]” (*ibidem*, p. 185).

O momento em que a protagonista decide iniciar o comércio de plantas em vasos é apresentado como um ponto de viragem no seu percurso, referindo o narrador repetidamente a observação atenta através da qual esta faz a sua aprendizagem gradual: “It was a turning point. Martha had long observed the head gardener’s cleverness with potted plants. [...] She had also long observed that the number of potted plants [...]; and she suspected [...]”<sup>168</sup>. Num outro momento, a personagem recorre à memória das lições que aprendeu com Auvray sobre vinhos para dar a entender que conhece bem essa mercadoria, mesmo não entendendo o significado das suas próprias palavras<sup>169</sup>, estratégia utilizada também em relação aos locais de origem das especiarias que o seu tutor francês enumerara<sup>170</sup>. A heroína, à semelhança dos protagonistas do *Bildungsroman* vitoriano e eduardiano<sup>171</sup>, procura a sua vocação, não se lhe aplicando o estereótipo da dona de casa e mãe tradicional, uma vez que a sua suposta função é inicialmente a de ‘prostituta residente’, estando-lhe vedadas quaisquer ocupações domésticas desempenhadas por outras mulheres chinesas. Relativamente à maternidade, Martha não se deixa perturbar tanto quanto Thomas quando o seu bebé morre à nascença<sup>172</sup>, apesar de a situação transformar a intimidade do casal, como o narrador afirma recorrendo, de forma repetitiva, às chamadas *wh-words*: “[...] neither of them knew any longer how to speak to each other, what would please, what would wound, and why each was filled with such appalled sorrow which had nothing whatever to do with the lost child”<sup>173</sup>. Como já afirmámos, a cultura chinesa, de uma forma geral, não confere tanto valor à rapariga (filha) quanto ao rapaz (filho), uma vez que apenas este pode prestar culto aos seus antepassados e não parte do seu lar para se inserir na família da noiva quando está na idade de começar a trabalhar na terra<sup>174</sup>. Esta desvalorização relaciona-se com a história de Martha, que é abandonada à nascença, e ilustra a condição feminina chinesa na Macau setecentista em geral, levando-nos a concluir que a protagonista, embora se (re)veja e comporte como europeia, adota atitudes tipicamente sínicas, sendo também influenciada pela cultura chinesa, a dos seus progenitores.

---

<sup>168</sup> *Ibidem*, pp. 124-125.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>171</sup> Cf. Susanne Howe, *op. cit.*, pp. 10-11, Pin-Chia Feng, *op. cit.*, p. 5 e Patricia Alden, *op. cit.*, pp. 2-5.

<sup>172</sup> *CBP*, pp. 146-147.

<sup>173</sup> *Ibidem*, p. 146.

<sup>174</sup> Cf. Lloyd E. Eastman, *op. cit.*, pp. 20-28.

#### 4. EM DEMANDA DE UM NOME

A procura de um apelido ‘legal’, “a name for writing down”<sup>175</sup>, e de uma identidade pessoal e étnica tornam-se temáticas constantes ao longo do romance, acompanhando as diferentes fases emotivas do percurso da protagonista, que muda de nome três vezes. De simplesmente Martha, a adolescente passa a chamar-se Martha da Silva e, no final, Martha Merop, funcionando esses nomes e os epítetos “prostituta”, *pensioner*, “viúva van Mierop” e “(master) Number One” como fios condutores da narrativa. Carol P. Christ afirma que a mulher, durante a sua busca espiritual no *Bildungsroman*, sofre, por vezes, um processo de “new naming”<sup>176</sup>, transformação que simboliza a mudança interior da personagem, que de adolescente passa a jovem e finalmente a mulher adulta, sendo essas três fases representadas por nomes diferentes e marcadas pela necessidade de amor e independência que levam Martha a escolher o rumo da sua vida de entre um leque de possibilidades. Esta escolha, tal como a atitude positiva em relação à vida, são consideradas temáticas do romance de formação<sup>177</sup>, ilustrando os diferentes capítulos de *CBP* os sucessivos períodos da vida de Martha, conforme o índice demonstra, e terminando a narrativa com um capítulo-epílogo intitulado “Martha Merop”, que veicula o facto de a protagonista ter conseguido os seus objectivos e ser finalmente encarada como um membro adulto e produtivo da sociedade macaense.

Martha, ainda criança, reage contra a autoridade repressiva até encontrar o seu lugar e o autocontrolo que diminuem a autoridade exterior, confrontando-a Dominie com o primeiro dilema no mundo real – “[the] extra-convent existence of which she knew nothing [...]”<sup>178</sup> –, longe da defesa do cenóbio: o facto de não ter um apelido e a consequente ausência de identidade e estatuto sociais: “You must [have a name].

---

<sup>175</sup> *CBP*, pp. 94, 112-113.

<sup>176</sup> Cf. Carol P. Christ, *Diving Deep and Surfacing: Women Writers on Spiritual Quest*, 1980, p. 7.

<sup>177</sup> Randolph P. Shafner, *op. cit.*, pp. 16-17. Esther Kleinboard Labovitz, *op. cit.*, p. 8, lista alguns dos temas recorrentes no *Bildungsroman* feminino e que encontramos em *CBP* relacionados com a busca social e espiritual de Martha, como fica claro ao longo desta última parte: “[...] self-realization (including identity questions, self-discovery, and self-knowledge); sex roles (including male/female roles and role models); education [...]; inner and outer directedness (psychological, sexual, ideological, societal); religious crisis [...]; career; attitude toward marriage; philosophical questions (thoughts of life and death); and autobiographical elements. The foregoing themes are related to the heroine’s personal or a spiritual quest which manifests itself either as a social or a spiritual quest”.

<sup>178</sup> *CBP*, p. 58.

You're not a real person if you haven't"<sup>179</sup>. A questão da importância e da simbologia do nome é, portanto, levantada por uma outra criança que se encontra numa relação de poder relativamente à protagonista pelo facto de ter um apelido, e esta última não esquece essa lição, pois no final da acção sabe que, mesmo sendo a mulher mais rica de Macau, ainda continua a ser a simples “woman da Silva”<sup>180</sup>, adoptando, então, estratégica e publicamente o apelido de Thomas.

O facto de a *Bildungsheldin* receber inicialmente o apelido de Teresa da Silva pode ser interpretado à luz da prática de as crioulas em Macau utilizarem os apelidos dos padrinhos para se distinguirem das escravas, a quem, de acordo com Ana Maria Amaro, é atribuído apenas nome próprio<sup>181</sup>, tal como a Martha no início da acção. Tentando conferir à adolescente algum espaço de manobra, Auvray atribui-lhe o apelido português da sua mulher, que a adolescente rejeita ao sentir-se abandonada pela comunidade lusa, tentando assumir por momentos uma não-identidade e posteriormente as suas ‘identidades’ chinesa e portuguesa, afirmando: “I have no name [...]”<sup>182</sup>.

O narrador enfatiza esse sentimento quando descreve o fenómeno que o antropólogo C. Stallaert, ao estudar a nacionalidade dupla de filhos de emigrantes europeus, denomina de difusão de identidade sociopsicológica<sup>183</sup>. A relação entre ‘ser alguém’/ter uma identidade e um nome é uma presença constante na literatura desde a Antiguidade Clássica, como se pode verificar através da resposta que Ulisses dá a Polifemo<sup>184</sup>, para que não possa ser identificado e consequentemente castigado. Em *CBP* esta questão é abordada quando Dominie diz a Martha que se ela não tem nome não é ninguém. Também Ignatius afirma que, durante a viagem final de Thomas, a tripulação europeia nem sequer sabe o seu nome, relegando-o para um estado de quase inexistência a bordo<sup>185</sup>.

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 292.

<sup>181</sup> Ana Maria Amaro, *Filhos da Terra*, p. 33. A crioula de Macau marca também presença na ficção portuguesa, nomeadamente no romance *Amor e Dedinhos de Pé*, pp. 147, 168, no qual uma crioula, que fora, tal como Martha, criada na Casa de Beneficência das Madres Canossianas, é empregada por uma família ‘ocidental’ como ama. Na página 118, o narrador informa, através de uma nota de rodapé, que a crioula é uma “[...] rapariga enjeitada ou abandonada, recolhida e criada em casas particulares macaenses [...]”, tal como a protagonista de *CBP* no lar de Auvray e Teresa da Silva.

<sup>182</sup> *CBP*, p. 71.

<sup>183</sup> C. Stallaert, «Second-Generation Spanish Return Migration from Belgium», in Eugeen Roosens (ed.), *Migration*, n.º 15: *The Insertion of Allochthonous Youngsters in Belgian Society*, 1992, pp. 39-54.

<sup>184</sup> Homero, *Odisseia*, canto X, ls. 366-370, 2003, p. 155: “Ninguém”.

<sup>185</sup> *CBP*, p. 258.

A protagonista, ao encontrar-se prestes a ser vendida no templo chinês para fugir do mundo europeu, confronta-se pela primeira vez com a sua nova identidade oriental ao vestir um *samfoo* – “as roupas da sua raça”<sup>186</sup>–, e ao olhar-se ao espelho não se reconhece a si mesma nem à sua identidade chinesa, funcionando o vestuário como marcador cultural:

When she saw herself in the hall mirror she thought at first it was Fong, who was beside her. [...] She, who had been brought up to fear the Chinese, was a Chinese girl like any other. She repudiated, feared what she saw. She had lost her identity. This was not she, Martha. Yet she had said she had no name. She had never been inside a Chinese temple [...] <sup>187</sup>.

Posteriormente, a heroína olha-se no espelho e confronta-se com a sua identidade durante conversas sobre o seu falecido bebé e Teresa da Silva<sup>188</sup>, vendo Thomas a sua amada no espelho através do reflexo que constitui uma das máscaras da mesma<sup>189</sup>. Por outro lado, a jovem observa a imagem de Duncan quando este lhe diz, mentindo, que poderá ficar com a casa de Thomas<sup>190</sup>. Os espelhos enfatizam, assim, o ‘reverso’ do biombo presente no índice da obra e as diferentes máscaras e poses que as personagens assumem e vêem reflectidas nessas superfícies. Estes episódios remetem para a imagem literária da “woman-with-mirror” estudada no âmbito dos *gender studies*<sup>191</sup> e descreve um dos estádios do desenvolvimento de Martha em busca da sua identidade bicultural. De acordo com Jacques Lacan, o estádio do espelho nas crianças “[...]é entendido] como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem [como sua...]”<sup>192</sup>, ou seja, a *Bildungsheldin* não assume o reflexo chinês do espelho,

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 79; tradução nossa.

<sup>187</sup> *Ibidem*, pp. 79-80.

<sup>188</sup> *Ibidem*, pp. 110, 188.

<sup>189</sup> *Ibidem*, p. 160.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 234.

<sup>191</sup> Sobre a relação da mulher com os “espelhos social e individual” da sua imagem, veja-se Diana T. Meyers, *Gender in the Mirror: Cultural Imagery and Women's Agency*, 2002, pp. 35-72.

<sup>192</sup> Jacques Lacan, «O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu», in AA.VV., *O Sujeito, o Corpo e a Letra: Ensaios de Escrita Psicanalítica*, 1977, p. 22. Martha vê as suas duas faces no espelho, a real e o seu reflexo, tornando-se o observador na coisa (auto-)observada – “[...] its reversal in the mirror [...]” (*CBP*, p. 160) –, pois a jovem sabe que omite a Thomas a sua movimentação pelos bastidores

regressando à sua identidade anterior, à sua educação e ao *background* cultural portugueses. Já Fong funciona inicialmente como referente de comparação civilizacional para a adolescente em formação, o que volta a acontecer, anos mais tarde, quando a primeira aparece de novo em casa da protagonista com um filho nos braços: “[...] Martha was shocked to see her, so much older, rougher, hardened by suffering. It was like looking at herself as she might have been, had it not been for her Englishman”<sup>193</sup>. Paralelos que ganham nova ênfase após o assassinato de Fong, quando Martha recebe em casa “[...] a small bundle of Chinese women’s clothes [...]”<sup>194</sup>, semelhante à trouxa de farrapos em que se encontrava enrolada ao ser encontrada por Madre Clemencia e àquelas com que sai do convento e da casa de Teresa. Essa imagem é uma reincidência circular associada, tal como em *Amor e Dedinhos de Pé*<sup>195</sup>, ao estereótipo da mulher chinesa pobre que carrega os seus pertences, e funciona como metáfora da situação de Fong e de outras nativas, que não têm qualquer protecção masculina na Macau setecentista.

As experiências e os confrontos entre as diferentes comunidades da cidade fornecem à personagem principal conhecimentos que lhe possibilitam continuar o seu processo de desenvolvimento até encontrar a sua liberdade e o seu lugar na sociedade, simbolizados pelo “bundle of material” que se liberta do cimo do seu barco no remate do romance<sup>196</sup>. William Bloom afirma sobre a identidade pessoal e comunitária:

[...] identification is an inherent and unconscious behavioural imperative in all individuals. Individuals actively seek to identify in order to achieve psychological security, and they actively seek to maintain, protect and bolster identity in order to maintain and enhance this psychological security. [...] Identifications can be shared, with the result that individuals who share the same identification will tend to act in concert in order to protect or enhance their shared identity<sup>197</sup>.

Esse processo encontra-se presente ao longo da formação de Martha, quando esta tenta, à vez, inserir-se nas comunidades chinesa e portuguesa e, por fim, na inglesa

---

do comércio de Macau. John H. Smith, *op. cit.*, p. 211, refere o desejo pelo Outro e pelo desconhecido que surge no protagonista do *Bildungsroman* após a descoberta de si mesmo.

<sup>193</sup> *CBP*, p. 203.

<sup>194</sup> *Ibidem*, p. 241.

<sup>195</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, p. 255.

<sup>196</sup> *CBP*, p. 307.

<sup>197</sup> William Bloom, *Personal Identity, National Identity and International Relations*, 1990, p. 53.



para ser reconhecida como a viúva Van Mierop. O dilema da protagonista em torno das suas identidades e a duplicidade cultural de Macau tornam-se evidentes quando a personagem compara as igrejas católicas que visitou com Auvray ao templo chinês que descobre pela primeira vez, concluindo o narrador: “[...she] knew with fearful conviction how Christian she was [...]”<sup>198</sup>. O verdadeiro lado do espelho é agora revelado, possibilitando à adolescente, mais assertiva, anular o que de ambíguo existe na sua identidade; daí que Thomas, quando volta de Cantão após o primeiro ano de ausência, encontre uma empregada mais adulta, assertiva e, conseqüentemente, mais sedutora. Já próximo do final da acção, quando o sobrecarga adoece, a protagonista assume uma pose deveras católica, ao construir um altar em honra de Nossa Senhora e recordar orações que aprendeu no Convento das Clarissas, gestos que reforçam a ‘face’ europeia que se reflecte no espelho permanente da sua identidade.

A passagem do tempo e os sucessivos reencontros do casal após as *trading seasons* pautam o período de amadurecimento da *Bildungsheldin*, como o demonstram os substantivos e os adjetivos que compõem o campo semântico das duas fases contrastivas da personagem principal, já vestida à europeia, aos olhos de Thomas: “He had left her six months ago, a simple, modest Macao *girl*. He returned to find her a *young woman* of strange sophistication and style [...]”<sup>199</sup>; e, mais adiante, “[...] a *young lady* in the wine trade [...]”<sup>200</sup>, mudança e assertividade que Pedro também considera “[...] an exciting but uncomfortable miracle [...]”<sup>201</sup>. A própria jovem vai-se autodescobrindo através da relação com o sobrecarga, com os mercadores chineses e Pedro da Silva<sup>202</sup>, sendo a sua vocação para o negócio tão intensa que rapidamente se torna consultora dos negociantes sínicos, “[...] in the manner of an impresario [...]”<sup>203</sup>. Mais um degrau no processo de ‘ascensão’ social que a órfã iletrada vai consolidando a tempo

---

<sup>198</sup> *CBP*, p. 80.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 101; itálicos nossos.

<sup>200</sup> *Ibidem*, p. 134; itálico nosso.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 116. Martha confessa: “[...] I have found out about myself many things I did not know at all [...]. They [the Chinese] say I have fingers of gold [...]”, qualidade a que o narrador (ocidental) chama “business sense” (*ibidem*, p. 125). De acordo com Rhona Martin, *Writing Historical Fiction*, 1989, p. 5, os chineses descrevem como dourado algo que é especial e de grande valor para eles, atitude transmitida pelo narrador de *CBP* através dessa expressão idiomática sinica.

<sup>203</sup> *Ibidem*, p. 123.

inteiro quando Thomas parte para Cantão<sup>204</sup> e ela fica à sua própria mercê, confinada ao espaço doméstico, afastando-se a sua pragmática busca de segurança das demandas filosófica de Wilhelm Meister e outras protagonistas letradas de *Bildungsromane*, como Martha Quest na série *Children of Violence*, de Doris Lessing<sup>205</sup>.

Enquanto personagens como Cuming nunca chegam a tratar Martha pelo seu nome, esta última procura um ‘nome legal’ com o qual assine documentos que tenham reconhecimento público, possibilidade que surge com o primeiro pedido de casamento que Thomas lhe faz. A jovem reconhece o desejo de ser uma ‘senhora’ através da repetição gradativa: “[...] would I have a name? [...] a writing-down name [...] a real legal name! [...]”<sup>206</sup>, satisfação que o inglês lhe proporciona antes de falecer e que se encontra presente numa das suas reflexões veiculadas pelo narrador, igualmente em forma de gradação: “The woman – his mistress, almost his wife”<sup>207</sup>. A repetição e a gradação encontram-se, portanto, ao serviço da representação do processo de formação cumulativo da protagonista, sendo uma das estratégias narrativas que concorrem para a construção de *CBP* enquanto *Bildungsroman* feminino.

A adolescente chinesa cresce na Macau setecentista em busca de um apelido, bem precioso que lhe traz a tão esperada segurança e que se torna um motivo literário recorrente até à última linha do texto<sup>208</sup>. Thomas, moribundo durante a viagem para Inglaterra, pede a Ignatius que transmita a Martha a mensagem: “[...] USE MY NAME [...]”<sup>209</sup>, oração no imperativo parafraseada pelo jovem à sua mestre, que, por sua vez, a repete no momento epifânico que termina o romance, descrito pelo narrador através de um paradoxo que revela as sensações contraditórias e o esclarecimento que a descoberta provoca<sup>210</sup>. Esta temática pode ser resumida através das expressões “[...] a name of her own [...] on the great sea”<sup>211</sup>, que ecoam também nas palavras

---

<sup>204</sup> Na documentação da Companhia das Índias, encontramos referência às inúmeras viagens da figura histórica Thomas Van Mierop para Cantão (veja-se, por exemplo, B.L.-O.I.O.C., G/12/77, fl. 100).

<sup>205</sup> Vide Maria Luísa Rodrigues Flora, «De Olhos Abertos», p. 155.

<sup>206</sup> *CBP*, p. 112.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>208</sup> A demanda ou busca é, de acordo com Northrop Frye, *Anatomy of Criticism*, 1957, p. 215, um dos motivos literários mais universais, temática também analisada por Luísa Maria Rodrigues Flora, «De Olhos Abertos», pp. 137-138, 155.

<sup>209</sup> *CBP*, p. 258.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 313: “Gazing [...], with wonder she *murmured aloud* into the wind [...]”; *italico* nosso.

<sup>211</sup> *Ibidem*, pp. 139 e 67, respectivamente.

que Cuming dirige a Martha – “[...] You are an unusual woman. You want a life of your own [...]”<sup>212</sup> – e que se relacionam fonética e semanticamente com o famoso título do ensaio feminista de Virginia Woolf *A Room of One's Own* (1929)<sup>213</sup>.

## 5. “A WOMAN ALONE”<sup>214</sup>: O GÉNERO E O ESPAÇO SIMBÓLICO DA *BILDUNG*

O género, representação simbólica e culturalmente relativa da masculinidade e da feminilidade<sup>215</sup>, encontra-se presente em *CBP* através dos mais variados pontos de vista, desde a visão masculina europeia à visão feminina chinesa, pois a forma como os seres humanos interagem simbolicamente entre si muda de comunidade para comunidade, variando a construção social do ‘masculino’ e do ‘feminino’ de acordo com diversos factores relacionados com a emotividade, a interacção e a reprodução social<sup>216</sup>. Antes de analisar a representação do género da Macau setecentista em *CBP*, utilizemos as palavras de Kathleen M. Brown para definir esse mesmo conceito, bem como os de etnia, classe ou grupo social e sociedade patriarcal:

[...] by gender I mean the historically specific discourses, social roles, and identities defining sexual difference and frequently deployed for the purposes of social

---

<sup>212</sup> *Ibidem*, p. 247.

<sup>213</sup> Existe intertextualidade, ao nível temático, entre os títulos e o conteúdo de diversos *Bildungsromane* femininos e o ensaio de Virginia Woolf, nomeadamente *Voyage Out* (1915), da romancista, Evelina: *Or, A Young Lady's Entrance into the World* (1778), de Fanny Burney, *The Awakening* (1900), de Kate Chopin, *An Unsuitable Job for a Woman* (1972), de P. D. James, *How to Save your Own Life* (1977), de Erica Jong, *The Woman Warrior* (1977), de Maxine Hong Kingston, e, sobretudo, *The Women's Room* (1977), de Marilyn French. Sobre o exercício de intertextualidade temática no *Bildungsroman* feminino, veja-se Emilie Bergman, «Reshaping the Canon: Intertextuality in Spanish Novels of Female Development», *Anales de la Literatura Española Contemporánea*, vol. 12, n.º 1-2, 1987, pp. 141-156.

<sup>214</sup> *CBP*, p. 247.

<sup>215</sup> Cf. Rogério Miguel Puga, «O Olhar Através do Género. A Imagem do Índio Brasileiro na Literatura Portuguesa de Quinhentos», in Fernando Cristóvão (coord.), *O Olhar do Viajante: Dos Navegadores aos Exploradores*, 2003, pp. 179-180.

<sup>216</sup> Cf. R. W. Connel, *op. cit.*, p. 284; Roger N. Lancaster e Micaela di Leonardo, *The Gender Sexuality READER: Culture, History, Political Economy*, 1997, p. 5 e Theresa A. Meade e Merry E. Wiesner Hanks (eds.), *A Companion to Gender History*, 2004, pp. 1-6.

and political order. Race is similarly constituted by the social meanings attached to physical appearance – itself a highly mediated phenomenon contingent upon culture – and used in the service of economic and imperial goals. Class includes the power deriving from material inequities [...] and the symbols of that power commonly recognized by a society. [...] Patriarchy [...] I define it as the historically specific authority of the [man] over its household, rooted in his control over labor and property, his sexual access to his wife and dependent female laborers [...] <sup>217</sup>.

Se a estrutura narrativa do *Bildungsroman* facilita a ficcionalização de temáticas como a etnia, o género, os papéis e as relações sociais através da imagem que as personagens transmitem sobre a sua própria identidade e a de terceiros, a representação do género em *CBP* encontra-se associada à descrição do contexto histórico <sup>218</sup> em que a acção ficcional tem lugar e às relações de poder nas sociedades patriarcais ocidental e oriental, que formam diversas frentes de opressão a ultrapassar pela mulher <sup>219</sup>, nomeadamente a intolerância étnica e os estereótipos que vitimam mulheres como Martha e Fong, cujas relações ou contactos sexuais forçados com europeus são semelhantes. O romance de Thomas e da jovem chinesa, bem como o poder que o primeiro confere à segunda, fogem, portanto, à regra geral das relações interétnicas na Macau setecentista apresentadas em *CBP* e tornam-se símbolos proeminentes do género na narrativa, pois, como afirmam Judith Gerson e Kathy Peiss, “[...] since gender involves the accentuations of human difference into dichotomous categories of femininity and masculinity, the social divisions between women and men constitute the primary boundary of gender relations” <sup>220</sup>.

A interacção entre as personagens revela a hierarquia que existe no interior de uma mesma etnia ou dos mesmos grupo social e género. Exceptuando os casos de assédio sexual de Pedro e Cuming, os conflitos de Martha são sobretudo com o sexo feminino,

---

<sup>217</sup> Kathleen M. Brown, *Wives, Nasty Wenches & Anxious Patriarchs: Gender, Race and Power in Colonial Virginia*, 1996, pp. 3-5.

<sup>218</sup> Sobre a relação entre sexo, género e cultura, denominada “grammaire sexuelle” por N. C. Mathieu, «Sexes (différenciation de)», in Pierre Bronte e Michel Izard (eds.), *op. cit.*, p. 660, vejam-se Stephanie Garrett, *Gender*, 1992, p. vii e Nancy Holmstrom, «Race, Gender, and Human Nature», in Dina Anselmi et al. (eds.), *Questions of Gender: Perspectives and Paradoxes*, 1998, pp. 97-105.

<sup>219</sup> Cf. Henrietta Moore, «The Cultural Constitution of Gender», in AA.VV., *The Polity Reader in Gender Studies*, 1994, pp. 14-21 e R. W. Connell, «Gender as a Structure of Social Practice», in Linda McDowell e Joanne P. Share (eds.), *Space, Gender, Knowledge, Feminist Readings*, 1997, pp. 44-52.

<sup>220</sup> Judith Gerson e Kathy Peiss, «Boundaries, Negotiation, Consciousness: Deconceptualizing Gender Relations», in Michael Kimmel (ed.), *The Gender Society Reader*, 2004, p. 117.

a irmã Grace no convento, Dominie e Teresa da Silva na casa de Auvray, Fong e as criadas chinesas no lar de Thomas e as mulheres portuguesas nas ruas de Macau, pois a protagonista recusa ser a tradicional e obediente filha ou empregada. A estada inicial no espaço masculino da casa da E.I.C. representa um intenso período formativo num local de reclusão (esferas chinesa e lusa) e simultaneamente de protecção (esfera britânica) para Martha, após ter sido recolhida das ruas por Biddle, não acabando assim como *mui tsai*<sup>221</sup> no mundo da prostituição da Rua da Felicidade<sup>222</sup>, preferindo estrategicamente a escravidão temporária, enquanto não chega o momento certo para se libertar, decisão que advém da aprendizagem já efectuada pela adolescente:

Turning her back on the convent, Martha had for a few moments stood alone; and her passage through the Chinese market had taught her a lesson. [...] In a world dominated by men, for a woman to act prematurely, to attempt to stand alone before the time is ripe, is infinitely worse than being a slave. Stepping into the litter to follow Biddle she resigned herself to such slavery as he might choose to design for her. Slavery she knew it would be<sup>223</sup>.

A adolescente procura assim um refúgio melhor que o mundo da prostituição, ciente de que está prestes a tornar-se escrava sob a protecção da comunidade masculina inglesa, estatuto preferível à vulnerabilidade do mercado chinês, onde estaria à mercê dos desígnios de clientes como Pedro. A decisão que inicialmente parece uma atitude de desânimo e fraqueza é, afinal, uma estratégia premeditada que, mais tarde, lhe pro-

---

<sup>221</sup> Termo chinês utilizado no romance como sinónimo de escrava doméstica ou prostituta (CBP, p. 56). De acordo com Ana Maria Amaro, «A Mulher Macaense Essa Desconhecida», *Revista de Cultura*, n.º 24, 2.ª série, Julho-Setembro de 1995, p. 11, n.º 8, este vocábulo cantonense significa “[...] irmãzinha mais nova. É um tratamento carinhoso que oculta a situação de criança chinesa do sexo feminino, adquirida geralmente por compra”. Vejam-se também Charles Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente. 1550-1770*, 1990, pp. 227-245 e, sobretudo, Isabel Nunes, *op.cit.*, p. 69, que descreve a *muichai* como a escrava que ocupa o nível mais baixo das empregadas de uma casa, o que se coaduna com a caracterização de Martha e com a sua relação inicialmente subalterna com as freiras, Teresa, Dominie e as demais mulheres chinesas empregadas no lar Van Mierop. Sobre a prostituição na Macau setecentista, veja-se Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «Mendicidade e ‘Maus Costumes’ em Macau e Goa na Segunda Metade do Século XVIII», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe F. Reis (dir.), *As Relações entre a Índia Portuguesa*, pp. 55-82.

<sup>222</sup> Quanto à simbologia da Rua da Felicidade, veja-se César Guillén-Nuñez, *Macao Streets*, pp. 92-93.

<sup>223</sup> CBP, p. 70.

porciona a sua independência, apresentando o narrador quer os movimentos, quer o pensamento simultâneos da personagem para, logo a seguir, definir a sua situação através de um disfemismo reforçado pelo recurso à conjunção adversativa: “[...] but the fact was that she had become a prostitute at the age of thirteen”<sup>224</sup>. A expressão “prostitute” adquire sinónimos como “little harlot” e “whore”<sup>225</sup> através da focalização dos empregados chineses e de Cuming, caracterização desconstruída ao longo do texto pelo narrador e por Thomas, enquanto os estereótipos formados pelas demais personagens se associam ao processo de formação de Martha, pois as relações de género e de poder mudam durante a ascensão social e o amadurecimento da protagonista. A hierarquia do género, enquanto categoria cultural e experiência subjectiva no seio das relações sociais, é assim enfatizada em *CBP* através da experiência pessoal das personagens, da violência e da opressão de que as mulheres da Macau setecentista são vítimas por parte dos sobrecargas e habitantes chineses e portugueses.

O termo “senhora”, bem como outras formas de saudação e tratamento cordial ou cerimonial utilizadas ao longo do romance, por vezes em posição de vocativo, veiculam quer a relação de intimidade e poder existente entre as personagens, quer o estatuto e o estado de espírito das mesmas. De acordo com Carol Replogle<sup>226</sup>, as funções dramáticas das formas de saudação são, entre outras, localizar a acção no espaço e no tempo, assinalar a relação afectiva entre as personagens e servir de indicadores sociais, funções igualmente presentes em *CBP* em relação ao desenvolvimento gradual de Martha e ao facto de os epítetos que as personagens recebem marcarem o seu estatuto social. Enquanto a maioria dos empregados chineses não tem nome e é identificada com números<sup>227</sup>, a jovem vai sendo interpelada através da utilização dos mais variados substantivos e adjectivos integrantes da focalização das personagens que se lhe dirigem, caracterizando-a. *CBP* apresenta, assim, diversas formas de cordialidade que marcam as relações interpessoais na Macau setecentista:

---

<sup>224</sup> *Ibidem*.

<sup>225</sup> *Ibidem*, pp. 74 e 84, respectivamente.

<sup>226</sup> Carol Replogle, «Shakespeare’s Salutations: A Study in Stylistic Etiquette», in Vivian Salmon e Edwina Burness (eds.), *A Reader in the Language of Shakespearean Drama*, 1987, p. 102. Sobre a função das formas de saudação, vejam-se Geoffrey N. Leech e Michael H. Short, *op. cit.*, pp. 309-317; Penelope Brown e Stephen C. Levinson, *Politeness: Some Universals in Language Usage*, 1987, pp. 91-94, 108-112 e Roman Kopytko, «Linguistic Politeness Strategies in Shakespeare’s Plays», in Andreas H. Jucker (ed.), *Historical Pragmatics. Pragmatic Developments in the History of English*, 1995, pp. 515-540.

<sup>227</sup> *CBP*, p. 19: “[...] Number One, Number Two, Number T’ree, Number Four [...]”.

- antropónimos como Martha e Thomas;
- laços de parentesco que expressam:
  - a) carinho e respeito (*aunt, uncle*)<sup>228</sup>;
  - b) a situação vulnerável partilhada por Martha e Fong (*sister*)<sup>229</sup>;
  - c) a idade semelhante e a cumplicidade comercial entre a protagonista e Pedro da Silva (*cousin*)<sup>230</sup>;
- nomes genéricos ou expressões (*child, boy, woman, dear lad*), que funcionam também como alcunha (*fool boy*)<sup>231</sup>;
- profissões ou ocupações (*Senator, Mr President, pensioner*)<sup>232</sup>;
- insultos que remetem para a nacionalidade, a fisionomia e a religião do Outro exótico, por exemplo, quando Martha agride Teresa da Silva (*Chinese waif, black-souled Chinese devil, stinking heathen, harlot*)<sup>233</sup> ou quando Cuming tenta ofender a jovem solteira, recordando-lhe a sua precária situação através do adjectivo que adquire uma carga pejorativa (*little miss*)<sup>234</sup>, tratamento que contrasta com o do presidente do Comité Selecto ao despedir-se de Martha no final da acção: “[...] my dear young lady [...]”<sup>235</sup>.

As formas reverenciosas de tratamento civil (senhor, *Master, Mr, Seigneur, esquire*)<sup>236</sup> e religioso (*Mother, Father*)<sup>237</sup>, isoladas ou acompanhadas de outros termos,

---

<sup>228</sup> *Ibidem*, pp. 119 e 277. Martha, ao dirigir-se à mulher de Ah-sum, e as crianças chinesas ao dialogarem com Biddle utilizam esses termos por respeito pelos mais idosos, de acordo com a tradição sínica.

<sup>229</sup> *Ibidem*, pp. 75, 85.

<sup>230</sup> *Ibidem*, pp. 140-142, 253.

<sup>231</sup> *Ibidem*, pp. 58, 87, 224, 259, 35, respectivamente.

<sup>232</sup> *Ibidem*, pp. 181, 179, 151, respectivamente.

<sup>233</sup> *Ibidem*, pp. 63, 64, 65, 131, respectivamente. Elaine Yee Lin Ho, *Contemporary World Writers: Timothy Mo*, 2000, p. 154, n.º 4, numa breve referência a *CBP*, afirma que o romance é uma das únicas narrativas ficcionais que oferece um olhar sobre as tensões étnicas da Macau portuguesa, não explicando de que forma.

<sup>234</sup> *CBP*, p. 251.

<sup>235</sup> *Ibidem*, pp. 266, 282.

<sup>236</sup> *Ibidem*, pp. 22, 18, 12, 23, 214, respectivamente. O próprio narrador, ao referir-se pela primeira vez ao poderoso presidente do Select Committee, fá-lo com alguma reverência ao recorrer à expressão “Mr Pigou”, utilizando o termo “Mr” também ao nomear membros da respeitável edilidade local portuguesa (“Mr Barros”: *ibidem*, p. 104), bem como a forma reverenciosa de tratamento portuguesa: “[...] His Honour Dom Pedro Mascarenhas Pereira [...]” ao falar do juiz da cidade (*ibidem*, p. 197).

<sup>237</sup> *Ibidem*, pp. 54, 58, respectivamente.

marcam a estrutura social o género e a relação de respeito e poder entre as personagens, enquanto determinados termos e expressões compostos por substantivos e adjetivos qualificativos com carga positiva (*petite, child, my little daughter, my beloved Martha*)<sup>238</sup>, veiculam quer sentimentos carinhosos, quer a ingenuidade da protagonista (*my dearest child*)<sup>239</sup> em português e francês, indicando o narrador que ela e Thomas comunicam inicialmente através desta última língua<sup>240</sup>.

Adjectivos como *young* e *fool* caracterizam as personagens, como acontece quando Biddle se dirige a Pedro da Silva e Thomas a Ignatius<sup>241</sup>, enquanto Cuming, ao chamar “Achilles van Mierop” a Thomas<sup>242</sup>, pretende avisá-lo, através da alusão mitológica, que descobriria a sua fraqueza, ou o seu ‘calcanhar’, para assim o poder derrotar e humilhar publicamente no seio da comunidade inglesa de Macau. Relativamente à utilização de antropónimos sem formas reverenciosas como *Mr* ou *Master*, o facto de Thomas pedir a Martha, então sua empregada, que o trate pelo nome próprio ou pelo diminutivo Tom<sup>243</sup> indica o grau de intimidade e os sentimentos que eles nutrem um pelo outro. Até então, o mestre da casa não utilizara qualquer forma de tratamento ao dirigir-se à jovem chinesa, limitando-se a dar-lhe ordens. Martha recorre ainda ao apelido do seu amante para se lhe dirigir<sup>244</sup> com seriedade, tal como o faz em relação a “Pedro Gonçalves” ao ordenar-lhe que não lhe toque<sup>245</sup>, ou seja, o poder e a liberdade cada vez maiores da órfã chinesa conferem-lhe autorização para utilizar novas palavras e um tom de voz altivo que expressam as suas crescente independência e aprendizagem no seio das diversas comunidades da Macau setecentista, como acontece quando se dirige a Thomas criticando a atitude egoísta dos ingleses: “[...] you Englishmen in Macao [...]”<sup>246</sup>. A jovem sonha com o dia em que, após casar com o sobrecarga, será a “Senhora [...] Mrs van Mierop [...]”<sup>247</sup>, símbolo fonético da sua liberdade, sendo tratada por Pedro como “senhora”<sup>248</sup> desde o meio da acção e pelas populações portu-

<sup>238</sup> *Ibidem*, pp. 23, 58, 59, 225, respectivamente.

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 164; Pedro utiliza esta expressão para dar a entender a Martha que é ingénua.

<sup>240</sup> *Vide ibidem*, pp. 24-26, 38-39, 92.

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>242</sup> *Ibidem*, pp. 87, 107.

<sup>243</sup> *Ibidem*, pp. 94, 101.

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 112: “‘That’s fine talk, Thomas van Mierop!’ she said in a mock deep voice”.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>246</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>247</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 184.



guesa e chinesa no final da mesma<sup>249</sup>, mudança de atitude que marca a sua fama e o seu estatuto cada vez maiores.

O género é, portanto, uma das formas principais de nos auto/heterodefinirmos; daí o facto de a sua representação em *CBP* se relacionar quer com os ‘espaços de memória’<sup>250</sup>, quer com o momento histórico da acção, pois, como o próprio narrador informa, as autoridades chinesas não autorizam a entrada de mulheres estrangeiras no seu país<sup>251</sup>, informação complementada pelo diário de Thomas: “The China Government insists that no foreigner may become permanent resident. It is for this reason we are not allowed to bring women into China”<sup>252</sup>. Esta realidade é ainda referida uma terceira vez com o intuito de criticar subtilmente a hipocrisia que pauta o *modus vivendi* dos sobrecargas: “An enclave of *supposed* celibates. For in addition to bring European women to China, Company officers were absolutely forbidden by the Company to marry local women”<sup>253</sup>. Como afirmámos nas segunda e terceira partes, devido à ausência de mulheres europeias, as relações amorosas com nativas são comuns entre os sobrecargas, tornando-se os casamentos inter-raciais motivo de segregação no interior da comunidade inglesa em *CBP*, sobretudo após a chegada das primeiras mulheres ao enclave, acontecimento descrito como o fim de uma era para os europeus e, por arraste, para as mulheres chinesas de Macau. O tema da mudança social, característico do romance histórico, marca assim presença em *CBP*, surgindo no território “uma nova sociedade”<sup>254</sup>, enquanto a falsa moral leva os ingleses a excluírem completamente um *country trader*, não sujeito às leis da companhia, quando este decide constituir família com uma mulher nativa, acabando, de acordo com o diário de Thomas, inúmeros europeus por se suicidar ou desaparecer no ‘mundo chinês’ devido ao ostracismo de que são

---

<sup>249</sup> *Ibidem*, pp. 256, 298, 311-313.

<sup>250</sup> De acordo com Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire*, tomo 1, 1984, pp. vii-xlii, objectos, monumentos e documentos como diários, entre outros textos, constituem a memória colectiva histórica da humanidade, sendo designados por ‘locais de memória’. Sobre a função da memória (associativa, social, legal e fragmentária) no romance histórico, veja-se Catherine Jones, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative*, 2003, pp. 11-48, 154-178.

<sup>251</sup> *CBP*, p. 3.

<sup>252</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 34; itálico nosso. Também as feitorias estrangeiras de Cantão são descritas como um mundo exclusivamente masculino, que recorre aos serviços das prostitutas dos bordéis flutuantes (*ibidem*, p. 89).

<sup>254</sup> *CBP*, p. 154, tradução nossa. Sobre a temática da mudança social no romance histórico inglês, veja-se Avrom Fleishman, *op. cit.*, pp. 28-29, 41-46.

vítimas<sup>255</sup>. O referido mercador desafia as convenções sociais e vê-se forçado a deslocar-se para uma ilha adjacente à península, vivendo como *outcast*, situação que serve quer de referência analógica e exemplo para Thomas quando este assume, mais tarde, a sua relação com Martha, quer de prenúncio que a jovem recorda: “Like everyone else in Macau she knew the invariable fate of any Englishman who openly married his pensioner, knew that among the English this was one step which would neither be countenanced nor forgiven. Like everyone else in Macao she knew of the man who had been driven out to sell vegetables [...]”<sup>256</sup>. A estrutura sintáctica repetitiva acentua a culpa que a protagonista sente ao saber que condenará Thomas ao ostracismo devido à honestidade deste, pois os ingleses mantêm relações encobertas com nativas. A mudança histórica que se verifica na comunidade britânica e que dá origem a uma nova vivência social leva o narrador a utilizar símbolos associados também à solidão e ao medo de Martha, como os biombos, a sombra e os veda-luzes, para descrever simbolicamente a situação dos homens rejeitados pela nova sociedade ocidental, mais heterogénea em termos do género. Por sua vez, as mulheres portuguesas mantêm relações com mercadores europeus, nomeadamente Teresa, que, após enviuvar, tem como amante um espanhol de Manila, que visita Macau frequentemente<sup>257</sup>, acumulando-se assim informações que caracterizam quer a vivência do género, quer o espaço multicultural da Cidade do Santo Nome de Deus no século XVIII, neste último caso relativamente ao comércio regular com as Filipinas<sup>258</sup>.

A protagonista, para além de uma ocupação profissional que lhe proporcione a sua independência, procura a sua realização pessoal quer ao nível financeiro, quer ao nível amoroso e social<sup>259</sup>, passando a relação com o sexo oposto a ser encarada positivamente apenas depois da chegada de Thomas. O ambiente histórico-social circundante influencia o rumo que a formação da jovem toma ao serem-lhe incutidos papéis e limitações sociais que são barreiras para o sexo feminino, mas que são ultrapassadas progressivamente por Martha, pois esta acaba por se tornar alvo de admiração na cidade,

---

<sup>255</sup> *CBP*, p. 98.

<sup>256</sup> *Ibidem*, p. 223.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>258</sup> *Vide* Benjamim Videira Pires, *A Viagem do Comércio*, *passim*. Para referências na documentação da E.I.C. a esse comércio, veja-se, a título de exemplo, B.L.-O.I.O.C., G/12/88, fl. 1-10.

<sup>259</sup> Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 2, p. 9, exemplifica a forma como a intriga e as personagens se influenciam entre si no *Bildungsroman* através do facto de a complexidade social e psicológica do protagonista se ‘expandir’ às custas da intriga.

cuja comunidade chinesa, nomeadamente os empregados da casa de Thomas, a reconhece como uma mulher pouco convencional e uma nova *master*. Se os empregados sínicos são, no geral, caracterizados como uma personagem colectiva, *CBP* assume-se como um romance inovador ao apresentar Martha, cujo estatuto é inicialmente inferior ao da criadagem das casas ocidentais de Macau, como protagonista da acção, pois, como Bruce Robbins refere ao analisar o romance do século XIX, “[...] in most western literature, ordinary people have been figured, or defigured, like [...] servants, mere appendages of their masters”<sup>260</sup>. A órfã chinesa é uma empregada doméstica que acaba por se tornar patroa dos seus até então superiores chineses.

Fong, ao ser abandonada pelo marido, é relegada para um “dark cubicle”<sup>261</sup> pelo seu próprio clã, vindo a ser violada por Cuming e, ao ter um filho ilegítimo, assassinada pelo marido quando este regressa. Também a protagonista, quando Thomas parte, pensa que o sobrecarga a abandonou e recolhe-se, tal como a amiga, no seu próprio “cubículo escuro”<sup>262</sup>, espaço simbólico que sempre lhe pertenceu enquanto *pensioner* e de onde o inglês a retirou. Após a partida deste último, Martha, sentindo-se um fantasma na casa onde já foi ‘senhora’, fica mais exposta ao perigo, e a sua ida para o local opressivo das traseiras implica uma pausa no seu processo de afirmação. O espaço escuro para onde as jovens chinesas são relegadas encontra um paralelo simbólico no sótão onde se encontra a mulher louca, motivo literário que tem origem no romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e que é utilizado no título do famoso estudo feminista *Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (1979), de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, encontrando-se essa imagem invertida em romances como *Wide Sargasso Sea* (1966), de Jean Rhys, e *CBP*. O cubículo é mais um obstáculo que Martha ultrapassa antes da sua vitória final, altura em que abandona definitivamente esse espaço, tal como a situação opressiva associada ao mesmo, e se torna senhora do lar Van Mierop.

Quando Thomas deixa Macau, os empregados passam a tratar a protagonista com desprezo, confrontando-a com a “verdadeira natureza da sua posição”<sup>263</sup>, mas ela regressa para o seu quarto no piso superior quando os pertences do sobrecarga chegam de volta, ou seja, o espaço doméstico encontra-se marcado simbolicamente em termos de género e de poder, como veremos no quadro n.º 2 do subcapítulo 5.2. De acordo

---

<sup>260</sup> Bruce Robbins, *The Servant's Hand: English Fiction from Below*, 1993, p. x.

<sup>261</sup> *CBP*, p. 200.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 237; tradução nossa.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 233; tradução nossa.

com Gaston Bachelard, a casa funciona como extensão do corpo<sup>264</sup>, e no lar do casal os sons humanos e as funções de cada residente marcam humana e simbolicamente o espaço. É também na casa que recebe como herança do patrão-amante, e que constitui um símbolo material de independência, que a ‘viúva’ se vê forçada a conquistar os empregados como súbditos para ter realmente segurança em relação ao mandarim da Casa Branca, o que vem a acontecer após um constrangedor confronto entre a nova mestre e a personagem colectiva sínica, sendo Martha comparada a um contador de histórias chinês devido à sua eloquência e aos artifícios retóricos por si utilizados. O facto de a casa da *Bildungsheldin* ser visitada em termos amigáveis pelos poderosos ingleses e se tornar palco dos episódios mais importantes no final da acção expressa o poder já conquistado pela mesma. A personagem principal desafia também as convenções morais e sociais de Macau ao envolver-se no comércio, ocupação predominantemente masculina, e ao afastar-se da corrupção que rodeia a mercancia do estabelecimento, enquanto o género remete para a articulação simbólica de categorias antropológicas presentes no tecido ficcional de *CBP*, como a etnia, o poder e o grupo social das personagens<sup>265</sup>. Tal como o narrador recorda, o facto de Martha ser mulher não lhe permite conquistar logo o nível de liberdade desejado<sup>266</sup>, pois, embora o seu estatuto se tenha elevado, a personagem pertence ainda à esfera feminina e chinesa da cidade. Partindo do conceito de *mimic man* de Homi K. Bhabha<sup>267</sup>, concluímos que a jovem, enquanto chinesa abastada e iletrada, é uma presença parcial e ambígua no seio da comunidade patriarcal da Macau setecentista, pois, apesar de se ter familiarizado com as línguas e culturas inglesas e portuguesas, representa, aos olhos do europeu, o Outro, cujo poder lhe advém em parte de um apelido e um património estrangeiros, ou seja, a jovem é uma *mimic woman*, com todas as consequências positivas e negativas que tal estatuto acarreta.

Antes da vitória da protagonista, o peso da moral católica recai sobre ela, que, ao ser considerada prostituta, pode ser castigada e recolhida no asilo de Maria Madalena, fundado para acolher *entertainers*, e enviada para Timor devido às novas leis criadas

---

<sup>264</sup> Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, 1978, p. 18.

<sup>265</sup> Vide Maurice Bloch, «Gender», in Alan Bernard e Jonathan Spencer (eds.), *op. cit.*, p. 253.

<sup>266</sup> *CBP*, p. 275: “[...] she was still a woman, after all [...]”.

<sup>267</sup> Homi K. Bhabha, *op. cit.*, pp. 44, 60, 68, define o *mimic man* (no contexto colonial) como o nativo educado na língua e na cultura do colono, mas que ocupa uma posição ambígua de diferença e semelhança, sendo portanto uma presença parcial e intermédia.

pelo severo bispo Marcelino José da Silva<sup>268</sup>. De acordo com o narrador, as mulheres de má conduta são ‘corrigidas’ neste asilo e aprendem a coser roupa. As reclusas incorrigíveis são enviadas para a prisão timorense<sup>269</sup>, encontrando-se subjacente a esta medida a representação do papel, das funções sociais e do género da mulher europeia de boa conduta, que se deve dedicar à vida doméstica. Como informa o próprio narrador: “She did not have to be told that she, the most prosperous woman of the floating world<sup>270</sup>, who had dared flout convention by engaging in honest commerce, would be a cherished prize in a ship bound for Timor [...]”<sup>271</sup>; daí a súbita urgência de Martha em casar-se com Thomas, recorrendo ao matrimónio como arma e fonte de segurança, o mesmo não podendo fazer em relação a Pedro da Silva, que também a pede em casamento, pois psicologicamente tal seria impossível, uma vez que a mestre dos negócios dá constantemente ordens ao macaense, ou seja, as próprias convenções do género da sociedade patriarcal inviabilizam tal alternativa. A emancipação que o comércio asiático proporciona a Martha evita, após a morte de Thomas, que ela seja entregue, como um objecto ou mobília da casa, a um outro sobrecarga, tendo a personagem de vencer os grandes senhores da companhia, por exemplo Cuming, com quem trava uma batalha simbolizada pela medição de forças dos carregadores das cadeirinhas de ambos, que formam dois exércitos, do qual as ‘tropas’ da protagonista saem vitoriosas<sup>272</sup>, uma vez que, de acordo com a mesma, o seu oponente cometera um erro pouco comum entre os ingleses: descera ao nível e ao mundo dos chineses, tornando-se vulnerável até perante uma mulher. Este episódio enfatiza a aprendizagem cumulativa de Martha<sup>273</sup>, o auge do seu poder e a morte metafórica de Cuming, que é levado para casa escondido

---

<sup>268</sup> Na terceira parte (subcapítulo 8.2), abordámos a situação histórica e a fundação do recolhimento na Macau setecentista que serve de referente extratextual para este episódio ficcional.

<sup>269</sup> *CBP*, p. 194.

<sup>270</sup> Imagem metafórica do comércio marítimo e fluvial do Sul da China.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>272</sup> *Ibidem*, pp. 252-254.

<sup>273</sup> Mal chega à casa de Thomas, Martha conclui que Pedro nada pode fazer nesse espaço inglês, lição que lhe é útil quando enfrenta Cuming no escritório de Biddle (*ibidem*, pp. 254) e o sobrecarga, desprovido de qualquer poder, desce ao seu nível, nas esferas chinesa e portuguesa da cidade. O leitor vai assim acompanhando o desenvolvimento da protagonista a partir da primeira reflexão desta sobre as diferentes esferas do poder em Macau [“Europeans were powerful only in the sphere in which they moved, to which she herself did not belong” (*ibidem*, p. 78)]; daí a necessidade de dinheiro, de um apelido e da segurança sentida pela jovem, que acaba por conseguir obtê-los.

num caixão. O pseudo-cortejo fúnebre do número dois da E.I.C. parodia<sup>274</sup> o poder inglês em Macau, carnalizando-o<sup>275</sup>, ao inserir o sobrecarga, indefeso, na esfera das comunidades portuguesa e chinesa. A parodização da posição ‘colonial’ inglesa é levada a cabo através do ambiente fúnebre que metaforiza o destronar de Cuming por Martha, acto característico do exercício de carnalização<sup>276</sup>, conceito que Bakhtin desenvolve ao referir-se à vida festiva e popular da Idade Média e do Renascimento. A escrita carnalizada tira proveito do espírito carnavalesco para reproduzir as inversões e a paródia próprias do Carnaval<sup>277</sup>, sendo a descrição da derrota e do enfraquecimento do poder de Cuming passível de ser analisada à luz deste conceito bakhtiniano, uma vez que a ordem do poder, do grupo social, da etnia e do género parece estar de pernas para o ar durante a crise do ópio, de forma a criticar a fraca posição dos ingleses. O referido momento de tensão presta-se, portanto, ao exercício da paródia, também rentabilizado na descrição dos fidalgos lusos presos à glória do passado, passeando-se de espada à cintura. A cidade imponente e envelhecida, bem como a utilização da espada por Pedro da Silva funcionam como adereços simbólicos desse passado, do orgulho e do sentimento de honra apresentados como característicos dos portugueses carnalizados e cujo *ethos* se relaciona com a riqueza da cidade até ao final do comércio com o Japão (1639). Como afirma Martin Kuester, o leitor terá então de reconhecer o “modelo” imitado ou visado, neste caso um elemento histórico, para de o exercício da paródia possa funcionar<sup>278</sup>.

O poder ‘colonial’ português é referido com o auxílio de uma imagem geográfica, quando os ingleses distinguem Londres enquanto centro do seu império emergente, Calcutá como sede do mesmo na Ásia e a periferia em que Macau se encontra, onde os sobrecargas não têm qualquer poder legal, tentando, juntamente com os portugueses, ultrapassar a crise do ópio, o que passa por ignorar, até certo ponto, as leis dos respectivos reinos: “The Chinese [...] have no bankruptcy laws [...] and] the precise extent of their legal powers in Macao is not known. We cannot turn to the Portuguese, because to do so would oblige the Governor of Macao to recognize the fact that we are estab-

---

<sup>274</sup> Para uma definição da discursividade paródica enquanto jogo de traição premeditado do sentido de textos preexistentes, veja-se Carlos Ceia, *O Que É afinal o Pós-Modernismo?*, pp. 48-68.

<sup>275</sup> Cf. M. Bakhtin, *Rabelais and His World*, p. 19.

<sup>276</sup> *Idem*, *Problems of Dostoevsky's Poetics*, p. 124.

<sup>277</sup> *Idem*, *Rabelais and His World*, p. 19.

<sup>278</sup> Martin Kuester, *Framing Thruths: Parodic Structures in Contemporary English-Canadian Historical Novels*, 1992, p. 17.

lished here as a company, contrary to the laws of Portugal”<sup>279</sup>. Quando do assassinato de Fong, também o poder das autoridades cantonenses se faz sentir em Macau através da figura do mandarim da Casa Branca<sup>280</sup>. A geografia da diferença<sup>281</sup> opõe o Outro ao Eu cultural e a paisagem da alteridade torna-se uma metáfora também para as relações de poder entre etnias e géneros num espaço histórico, ficando claro que as diversas comunidades têm campos de acção e poder restritos. É a partir deste contexto regional que o narrador comenta a evolução e a aprendizagem da protagonista, que, por sua vez, identifica a retórica e os medos tipicamente ingleses: “Not for nothing had Martha for years listened from the rear landing to those parties of Tom’s. She knew their [English] fear of losing caste”<sup>282</sup>. O comentário veicula, mais uma vez, o *ethos* da comunidade britânica na Macau setecentista. De acordo com Donna J. Harraway, e como podemos observar em *CBP*, “[...] gender is always a relationship, not a performed category of beings or a possession that one can have [...], differentiated by nation, generation, class, lineage, color, and much else. [...] Gender and race have never existed separately [...]. To be unmanly is to be uncivil [...]”. These metaphors have mattered enormously in the constitution of what counts as knowledge [...]”<sup>283</sup>. Relativamente à representação do género, da etnia e do grupo social no romance, Thomas compara a solidão de Martha durante os seis meses das *trading seasons* à que as suas irmãs sentem em Twickenham<sup>284</sup>, aproximando a vivência e os sentimentos femininos orientais dos ocidentais, que são, até certo ponto, universais, adquirindo o espaço e o género feminis um estatuto predominante na narrativa, como veremos de seguida.

---

<sup>279</sup> *CBP*, p. 179.

<sup>280</sup> *Ibidem*, pp. 241, 292.

<sup>281</sup> Expressão de Bill Ashcroft *et al.*, *Key Concepts in Post-Colonial Studies*, 1999, p. 36.

<sup>282</sup> *CBP*, p. 254.

<sup>283</sup> Donna J. Harraway, *Feminism and Technoscience*, 1997, pp. 28 e 30, respectivamente. Já Miguel Vale de Almeida, *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, 1995, p. 15, defende que “[...] as relações entre os géneros [são], na base, relações de poder, assimetria e desigualdade, e não simplesmente relações simétricas e complementares [...]”.

<sup>284</sup> *CBP*, p. 116. Na documentação da Companhia das Índias relativa ao período da estada de Thomas no Sul da China, encontramos várias referências ao comércio privado do sobrecarga, bem como aos presentes (chás e porcelana) por ele enviados a familiares e amigos, nomeadamente à sua mãe, em Twickenham (B.L.-O.I.O.C., R/10/19, fls. 135-136). Em 1786, Thomas despacha presentes para o seu “contractor”, para Arthur Gore e para o “bispo real”, entre os quais chá (*ibidem*, G/12/85, fl. 260).



### 5.1 “I shall find the means”:<sup>285</sup> a vitória de Martha e a sua posição andrógina numa sociedade patriarcal

O sucesso de Martha só é possível após a morte de Thomas, quando ela se torna gradualmente a única responsável pelo seu próprio destino, não sendo, enquanto ‘viúva’ de um inglês, vítima total da estrutura social vigente em Macau, da qual já faz parte, compreendendo os preceitos de ambas as culturas predominantes na cidade. No final, a protagonista torna-se um exemplo de virtude para as mulheres do estabelecimento ao conquistar um estatuto, “uma identidade e um *self*”<sup>286</sup> diferentes de personagens femininas com atitudes autodestrutivas como *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e de jovens alegres que se transformam em esposas subservientes, como acontece em *Pride and Prejudice* (1813) e *Emma* (1816), de Jane Austen<sup>287</sup>; daí que, de acordo com a tipologia avançada por Rita Felski, o percurso de Martha Merop torne *CBP* um *Bildungsroman* feminino quer de autodescoberta, quer de *awakening* com um final optimista e feliz, ao traçar o processo de auto-reconhecimento e pleno desenvolvimento ou crescimento pessoal da jovem chinesa na Macau setecentista<sup>288</sup>.

Através da perseverança e do constante desafio às leis e aos costumes impostos pela sociedade do enclave, como demonstra a citação que serve de epígrafe/título a este

---

<sup>285</sup> Resposta de Martha quando Thomas afirma que ela não tem dinheiro para ir ao Brasil (*CBP*, p. 26).

<sup>286</sup> Expressão de Esther Kleinboard Labovitz, *op. cit.*, 1988, p. 7.

<sup>287</sup> Vide Elizabeth Abel *et al.* (eds.), *op. cit.*, pp. 7-15.

<sup>288</sup> Rita Felski, *op. cit.*, p. 141; tradução nossa. Sobre as classificações romance feminino de desenvolvimento, auto-descoberta, despertar e emancipação como alternativas ao *Bildungsroman* masculino por este primeiro ser mais negativo e devido à representação do acordar para as limitações que o sexo feminino enfrenta, vejam-se *idem, ibidem*, pp. 131-148 e Elaine Martin, «Theoretical Soundings: The Female Archetypal Quest in Contemporary French and German Women’s Fiction», *Perspectives on Contemporary Literature*, n.º 8, 1983, pp. 51-52; Susan J. Rosowski, *op. cit.*, pp. 49-68 e Maria Francisca Llantada Díaz, «Dorothy Richardson’s *Pilgrimage*: A Modernist Female Bildungsroman», *Anglo-Saxónica: Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*, 2.ª série, n.º 8/9, 1998, pp. 51-52. Podemos verificar que, tal como no caso da tentativa de tradução do termo *Bildungsroman* tradicional [romance de educação, (auto)formação, desenvolvimento, iniciação, aprendizagem, socialização], também para o romance de formação feminino a crítica tem cunhado diversas denominações que visam determinar temáticas específicas do subgénero. Como já afirmámos, adoptamos a classificação *Bildungsroman*/romance de formação feminino cientes das especificidades (já enumeradas) que a ‘experiência’ feminina origina no subgénero.



subcapítulo, a jovem assume uma pose andrógina<sup>289</sup>, especialmente quando se dirige ao presidente Henry Browne e afirma que encarna o papel do escrivão da E.I.C., repetindo essa estratégia ao enfrentar os oficiais durante a doença de Thomas e incorporar uma pose próxima da masculina, recordando a Cleópatra de Shakespeare<sup>290</sup>, ao comunicar a Cuming que “será” o médico da companhia e cuidará de Thomas<sup>291</sup>. Aliás, o percurso e a mobilidade vertical da personagem acabam por aproximá-la do mundo e do poder masculinos, ao contrário do que acontece nos romances de formação femininos estudados por Annis Pratt, Barbara White e ainda Barbara Frey Waxman, nos quais o sentido do processo de crescimento das protagonistas é descendente (*growing down*)<sup>292</sup>. A figura de Martha, inicialmente em conflito com a sociedade patriarcal de Macau, aproxima-se, portanto, da de Antígona representada por Sófocles a confrontar Creonte no que diz respeito à luta entre os interesses políticos e os desejos e as motivações individuais.

A deambulação urbana da jovem rumo à liberdade consiste num processo transversal às diversas esferas espaciais da ação do romance – a chinesa, a inglesa e a portuguesa – nas quais esta se movimenta de forma cada vez mais eficaz, aprende com os seus erros (a denúncia da irmã Grace e o ferimento de Teresa da Silva) e se torna cada vez mais providente e menos impulsiva. A protagonista acaba também por expulsar os inimigos (Cuming e Duncan) da casa de Thomas, momento em que o narrador critica os ingleses no Extremo Oriente, comparando-os, pela negativa, à monarquia: “The English were like royalty, never contradicted, far less ordered about, and they had the same mental processes as royalty when their dignity is challenged. The pedestal rocked. There was air beneath the football instead of ground”<sup>293</sup>. Assertiva como nunca,

---

<sup>289</sup> Michael Minden, *The German Bildungsroman*, pp. 3-5, afirma que a androginia é um tema importante no romance de formação tradicional, pois o protagonista encontra-se marcado por traços femininos, apresentando como exemplos *Wilhelm Meisters Lehrjahre* e *Der Zauberberg*.

<sup>290</sup> Veja-se William Shakespeare, *Anthony and Cleopatra*, 1975, V, ii, 237-239, p. 212: “Cleop: My resolutions plac’d, and I have nothing/of woman in me: now from head to foot/I am marble-constant”.

<sup>291</sup> *CBP*, p. 224. Em Robert Highbie, *op.cit.*, pp. 23-24, encontramos algumas observações que se coadunam com a importância simbólica atribuída quer à relação espiritual e cultural das personagens ocidentais e orientais em *CBP* quer ao processo de amadurecimento de Martha, ao longo do qual ela perde muitos dos seus medos e inseguranças: “Cultural and psychological influences are not independent, since the individual psychology is largely influenced by culture, while at the same time cultural influences only exist for the mind as they are internalized and transformed by the individual psyche”.

<sup>292</sup> Veja-se Annis Pratt e Barbara White, *Archetypal Patterns in Women’s Fiction*, 1981, p. 14 e Barbara Frey Waxman, «From *Bildungsroman* to *Reifungsroman*: Aging in Doris Lessing’s Fiction», *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, n.º 68, 1985, pp. 320-321.

<sup>293</sup> *CBP*, p. 224.

Martha desafia, mais uma vez, as convenções sociais do género e da etnia, demonstrando a sua autodeterminação em momentos como aquele em que recusa casar-se com Pedro da Silva, medida que simboliza o culminar do seu processo de afirmação, uma vez que, como já afirmámos, o casamento entre a mestre do comércio e o seu aprendiz macaense é psicologicamente impossível. Essa situação revela a inversão dos papéis sociais que pautam a vivência do género na Macau setecentista, como podemos observar também através da transformação física de Abraham Biddle, após ter perdido todo o seu dinheiro e a confiança da E.I.C., apresentando, então, a suavidade e as feições de uma mulher idosa sem autoridade, numa posição oposta à de Martha, cuja atitude é cada vez mais semelhante à que, no enclave do século XVIII, se espera de um homem. A pose andrógina da protagonista, tudo o que ela aprende com o sexo masculino e o facto de os seus empregados a apelidarem de ‘senhor’ da casa podem ser vistos à luz do conceito antropológico de incorporação, ou seja, “[...] o processo inconsciente [...] de aprendizagem pela imitação de posturas corporais, gestos, reacções psicossomáticas, que têm um significado nas relações sociais, estabelecendo hierarquias entre as quais a dos géneros, e que constitui ainda uma das formas mais resistentes da memória social [...]”<sup>294</sup>. Perante a necessidade de se defender da sociedade patriarcal, Martha aprende a reagir com(o) os seus mestres, sobretudo Auvray e Thomas, ao longo de um processo formativo que se torna consciente e premeditado por parte da jovem, que de amante do dono da casa passa a mestre do lar, mudança simbolizada pelo facto de os empregados se lhe dirigirem em *C.P.E.* e pelo tratamento que esta recebe no masculino por parte de Shek<sup>295</sup>. Este artifício é introduzido e preparado páginas antes, quando o narrador afirma que a protagonista, ao regressar da China profunda, entra em casa como uma “[...] perfect Chinese edition of a tomboy [...]”<sup>296</sup>, pose intensificada durante o confronto com os empregados, cujas mulheres se mantêm à escuta fora da casa, longe dos assuntos masculinos, conferindo à nova patroa o estatuto e o poder equivalentes aos de um homem ao longo de um processo que a própria Martha descreve como inédito: “It is the first time it has ever happened”<sup>297</sup>.

*CBP*, enquanto *Bildungsroman* feminino e romance histórico, descreve as mudanças sociais que ocorrem em Macau durante o período da acção ficcional, nomeadamente a humorística chegada das primeiras mulheres britânicas ao território e as conse-

---

<sup>294</sup> Miguel Vale de Almeida, *op. cit.*, p. 69, n.º 10.

<sup>295</sup> *CBP*, p. 298.

<sup>296</sup> *Ibidem*, p. 295.

<sup>297</sup> *Ibidem*.

quentes mudanças no comportamento da comunidade estrangeira, até então exclusivamente masculina. O disfarce sexual é utilizado como arma pela primeira mulher inglesa para poder entrar na cidade e aí permanecer com o marido e, de acordo com o narrador, a aventureira disfarça-se de homem para desembarcar no enclave, desafiando a lei chinesa: “Never was a woman so feted. She slept all day and danced all night. [...] Socially it was a hilarious summer”<sup>298</sup>. A máscara e a identidade trocada invertem os papéis sociais relacionados com o género, assim parodiados; chegam posteriormente outras mulheres à Macau setecentista, dando início a uma nova era (social e moral) na esfera britânica da qual Martha faz também parte.

## 5.2 O género e a paisagem urbana

Se o espaço influencia o género, este primeiro é também caracterizado pela vivência quer do género, quer do poder, desenvolvendo-se o percurso de Martha em diferentes locais que lhe conferem maior ou menor segurança. A esfera das suas evolução e progressiva liberdade pode, assim, ser esquematizada da seguinte forma:

Quadro n.º 2 – Espaços do processo de libertação de Martha

1)	Rua (abandono à nascença);
2)	reclusão no convento de Santa Clara;
3)	semiclausura na casa de Monsieur Auvray (Penha);
4)	rua (segundo abandono)/Rua da Felicidade <sup>299</sup> ;
5)	isolamento na casa de Urquhart, na Rua do Hospital (cubículo escuro nas traseiras);
6)	casa arrendada por Thomas: quarto no piso superior/utilização do gudão <sup>300</sup> ;
7)	saída voluntária para a rua/catedral (missa do Galo)/casa comercial de Biddle;

<sup>298</sup> *Ibidem*, pp. 152-153.

<sup>299</sup> O ambiente agressivo da Rua da Felicidade é o primeiro contacto (negativo) que Martha tem com o mundo chinês da Macau setecentista.

<sup>300</sup> Quando se envolve no comércio de produtos alimentares, a protagonista torna-se a comerciante mais conhecida da Praia Grande, acumulando lucros que guarda no gudão de Thomas. Os gudões (“godowns”: *CBP*, p. 114) são caves nas casas orientais onde se guardam valores (cf. Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. 1, pp. 445-446), simbolizando, em *CBP*, a ocupação desse espaço a ascensão económica da órfã.

8)	regresso ao cubículo <sup>301</sup> ;
9)	retorno ao quarto no piso superior da casa quando a bagagem de Thomas regressa;
10)	ruas de Macau/casa de Biddle/China profunda;
11)	a casa na sua totalidade;
12)	cidade/porto interior/barco/Monte/mar/liberdade final.

A relação entre género, poder e espaço materializa-se na ascensão de Martha, quando esta passa a habitar o piso superior da casa e observa, no Monte, o espaço horizontal e marítimo através da verticalidade do mastro do seu barco (quadro n.º 2). A liberdade dos espaços abertos substitui a reclusão simbolizada através de locais fechados a que a personagem se vê inicialmente forçada pelo plano de vingança de Teresa. Sobre a reclusão da protagonista, Christina Miu Bing afirma que “[...] the imagery of concealment is a constant recurring theme. It also signifies Martha’s agoraphobia and social ostracism. She is literally, culturally, and metaphorically the captive, the colonized Other”<sup>302</sup>. No entanto, a personagem principal não sofre de agorafobia, mas apenas teme Teresa, que a ameaça da janela no lado oposto da rua e, tal como as demais mulheres de Macau, encontra-se fechada no espaço doméstico, passeando-se pelas vias públicas da urbe no final do romance, quando se sente livre de ameaças. Christina Cheng desenvolve uma teoria com contornos feministas e pós-coloniais que designa de “[...] punishment of the western intruder [...]”<sup>303</sup>, afirmando que o romance representa a vitória da Macau oriental sobre a Inglaterra ocidental, e que Martha, simbolizando o Oriente, acaba por castigar e abafar metaforicamente Thomas Van Mierop, que morre de disenteria, doença que, segundo a autora, simboliza a vulnerabilidade física do transgressor ocidental no Oriente. Trata-se, no entanto, de uma doença comum de que muitos ocidentais sofrem nos trópicos, como informam quer as próprias personagens do romance<sup>304</sup>, quer a documentação da E.I.C., na qual encontramos descritas as enfermidades de George Cuming, Edward/Charles Pigou e Henry Browne, figuras históricas que dão nome a personagens de *CBP*<sup>305</sup>. Ao atentarmos nos referentes (histó-

<sup>301</sup> Martha pensa que acaba de sofrer o seu terceiro abandono.

<sup>302</sup> Christina Miu Bing Cheng, *Macau*, p. 143.

<sup>303</sup> *Idem, ibidem*, pp. 144-146.

<sup>304</sup> *CBP*, p. 47.

<sup>305</sup> BL. -O.I.O.C., R/10/13, fls. 181-183 e R/10/17, fl. 59. Vejam-se ainda *ibidem*, R/10/11, fl. 107; G/12/77, fl. 177; G/12/98, fl. 28; G/12/101, fl. 118; G/12/103, fls. 117-118, 166-167, 177, 206, 249, 258; G/12/105, fls. 73, 79; G/12/106, fls. 20, 79; G/12/108, fls. 39, 141, 153-154 e G/12/112, fl. 18.

ricos) extratextuais da narrativa, esta questão deve ser contextualizada também historicamente e não apenas em termos de leituras pós-coloniais ou psicanalíticas. O facto de Martha se tornar independente depois da morte de Thomas deve-se, ao contrário do que Christina Cheng afirma, sobretudo ao seu processo de formação e à força de vontade que demonstra junto do amado, que, por sua vez, respeita as decisões e atitudes de Martha como comerciante. Aliás, a *Bildungsheldin* recolhe-se no seu cubículo original mal o sobrecarga parte para a Europa, reconhecendo, no final, que a ele deve tudo o que conquistou. A protagonista não é uma “[...] submissive mistress in *City of Broken Promises* [...]”, como Christina Cheng afirma na página 189 do seu estudo, no qual a interpretação literária de acontecimentos meramente históricos origina análises anacrónicas, por exemplo, quando o apelido de origem holandesa de Thomas (Kuyck Van Mierop) é associado à derrota dos holandeses quando estes tentam invadir Macau em 1622, mais de um século antes da chegada do sobrecarga inglês ao enclave<sup>306</sup>.

Roger Scruton afirma que o lar não é apenas o espaço físico da casa, mas também tudo o que aí acontece, os hábitos que domesticam esse local e o transformam em lar<sup>307</sup>, sentimento que Martha transmite a Thomas quando, rodeada de fortes ameaças e ciente de que seria o Outro exótico na Europa, recusa viajar com o sobrecarga para Inglaterra, respondendo-lhe através de uma comparação botânica que veicula o sentimento de pertença, o desejo de segurança e o apego ao seu ‘lar’ (Macau): “Women are like flowers that are hard to transplant [...]”<sup>308</sup>. Fora de casa, na catedral da cidade, a protagonista tem de respeitar a ordem de um espaço religioso marcado pelo género, uma vez que a nave da igreja se encontra dividida de acordo com o sexo dos fiéis, reflectindo a divisão e os costumes morais do enclave setecentista, onde as mulheres de elevado estatuto social se escondem por detrás de gelosias, dós e cortinas, e dentro de cadeirinhas. A geografia, os objectos e símbolos que se repetem no romance tornam-se metáforas do género e relacionam-se quer com o erotismo da nativa, quer com o exotismo da vivência chinesa, por entre dependências de poder económico e sexual na Macau setecentista.

---

<sup>306</sup> Christina Miu Bing Cheng, *Macau*, p. 159.

<sup>307</sup> Roger Scruton, *England: An Elegy*, 2000, p. 9. Sobre a ‘afinidade local’ na cultura chinesa, veja-se Boye Lafayette De Mente, *op. cit.*, pp. 408-409.

<sup>308</sup> *CBP*, p. 213.

### 5.3 *Englishness* e ‘a room of her own’

Ao longo de *CBP* é construída uma imagem da longínqua Inglaterra, enquanto o regresso de Thomas a Londres acentua o conceito de *Englishness* no imaginário da narrativa através da representação sensorial e física de uma forma de vida diferente da de Martha no enclave, junto aos jardins, aos salgueiros e às papoilas à beira do Tamisa, apresentação que é ilustrada pelos sons de cucos e cotovias na natureza verdejante, comparada por dissemelhança à ‘aridez’ das flores que apenas crescem em vasos na Cidade do Santo Nome de Deus<sup>309</sup>. Esta estratégia é reforçada pela referência às pinturas de paisagens britânicas que adornam a sede da E.I.C., tal como os retratos de George III e da rainha Charlotte, que representam o poder e a lei vigentes na sede britânica do enclave<sup>310</sup>, sendo o espaço-outro assim apropriado pelos ingleses, que o transformam numa pequena Inglaterra.

A natureza relaciona-se com a paisagem cultural, tornando-se, como afirma David Matless, “[...] a vehicle of social and self identity, as a site for the claiming of a cultural authority, [...] a space for different kinds of living [...]”<sup>311</sup>, pois, de acordo com Thomas, saudosos da sua terra-natal, os jardins de Twickenham<sup>312</sup> nas noites de Verão são locais mais acolhedores e femininos que Macau, desconfiando Martha dessa descrição que, por seu lado, intensifica, através da criação do binómio cá/lá, quer a cor local, quer o exotismo experienciados na China, por oposição ao conforto que os lucros do *China trade* providenciam na metrópole britânica. Se Twickenham funciona como a imagem típica de Inglaterra<sup>313</sup>, Biddle recorda a sua humilde origem em locais

---

<sup>309</sup> *Ibidem*, pp. 154, 213.

<sup>310</sup> *Ibidem*, pp. 31-32, 260.

<sup>311</sup> David Matless, *Landscape and Englishness*, 1998, p. 12. Consultem-se também: Peter Taylor, «The English and Their Englishness», *Scottish Geographical Magazine*, vol. 107, 1991, pp. 146-161; David Gervais, *Literary England*, 1993; Stephen Daniels, *Fields of Vision: Landscape Imagery and National Identity in England and the United States*, 1993 e W. J. T. Mitchell (ed.), *op. cit.*, pp. 1-2.

<sup>312</sup> *CBP*, p. 116. Sobre Twickenham no século XVIII, vejam-se Nicholas Lawrence (ed.), *Six Views of Twickenham in the Eighteenth Century*, 1972 e AA.VV., *Twickenham 1600-1900: People and Places*, 1981. Twickenham, à beira Tamisa, torna-se uma das áreas de residência favoritas de londrinos abastados a partir da segunda metade do século XVII, como acontece com Alexander Pope, Horace Walpole, Henry Fielding e Richard Owen.

<sup>313</sup> Sobre a imagem da Inglaterra ‘pura’ como predominantemente rural, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, veja-se Roger Scruton, *op. cit.*, pp. 234-238 e, relativamente à *Englishness* como *locus communis* no discurso literário, consulte-se Krystina Stamirowska *et al.* (eds.), *Images of English Identity 1800-1960*, 1998, pp. 13-25.

londrinos, algo dickensianos, como as tabernas de Billingsgate e Shoe Lane e as igrejas católicas de Aldgate, espaços do passado histórico europeu representado no romance e marcados, à distância, por sons como o sotaque *cockney* do comerciante. O narrador recorre ainda a uma comparação geográfica para descrever o impacto da chegada do presidente do Select Committee durante o primeiro jantar dos sobrecargas em que Thomas participa, afirmando que a sua entrada na sala de jantar da sede não causa mais emoção entre os convivas do que a de um visitante londrino que chega a Tunbridge Wells<sup>314</sup>. A pacata vida social desta localidade inglesa é também comparada ao quotidiano de Calcutá por Coates num dos seus estudos sobre Macau<sup>315</sup>.

O narrador de *CBP* serve-se amiúde de *reported thoughts*<sup>316</sup> veiculados através de expressões como “Biddle concluded”, “Biddle noted”, “he [Thomas] wondered”, “Thomas first thought”<sup>317</sup>, relacionando-se a representação do tempo e do espaço históricos com a temática da (construção da) memória enquanto “função activa e criativa do cérebro humano”<sup>318</sup>, pois se Martha recorda frequentemente o seu passado em Macau, o sobrecarga evoca a saudosa Inglaterra, dando origem a uma certa distância entre o cá oriental e o lá ocidental.

A especificidade do espaço inglês setecentista nas memórias do sobrecarga caracteriza, através da visão e da audição, a noção geográfica e paisagística da *Englishness* como elemento da memória da terra-natal, para onde o sobrecarga deseja levar Martha, que, por sua vez, lhe responde: “[...] I cannot leave my own place [...]”<sup>319</sup>, ecoando as condições que permitiriam a Judith Shakespeare – criação ‘feminista’ de Virginia

<sup>314</sup> *CBP*, p. 32. A cidade de Tunbridge Wells, uma *spa resort* situada em West Kent, a cerca de 48 quilómetros de Londres, é conhecida pela sua elegância, tendo recebido de Eduardo VII o título de *royal* (1909) devido à popularidade de que os seus castelos, jardins e casas senhoriais são alvo entre a aristocracia e a realeza inglesas (vide <<http://www.visittunbridgewells.com>>).

<sup>315</sup> Austin Coates, *Macao and the British*, p. 105.

<sup>316</sup> Paul Ricœur, *Time and Narrative*, vol. 2, p. 103. Sobre a psiconarração, também designada por *speech and thought report*, veja-se ainda Dorrit Cohn, *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*, 1978, p. 14.

<sup>317</sup> *CBP*, pp. 12, 26, 47, respectivamente. Na página 12, o verbo “to note” é sinónimo de reparar/pensar.

<sup>318</sup> Susanne Kleinert, «La Construction de la Mémoire dans le Nouveau Roman Historique et la Métafiction Historiographique des Littératures Romances», in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *op. cit.*, p. 137; tradução nossa. Veja-se também D. L. Schachter, *Searching for Memory: the Brain, the Mind and the Past*, 1996, pp. 36, 69-71, 217.

<sup>319</sup> *CBP*, p. 214.

Woolf em busca de *A Room of [Her] Own*<sup>320</sup> – a realização pessoal e a independência que, como já afirmámos, Cuming reconhece perante a jovem chinesa: “[...] You want a life of your own [...]”<sup>321</sup>. A imagem da Inglaterra rural e distante serve assim o propósito de caracterizar o quotidiano feminino da Macau setecentista através da comparação por dissemelhança.

#### 5.4 Os símbolos domésticos como materialização do género e do espaço cerrado do *Bildungsroman*

Os espaços humano e natural que circundam o universo de Martha simbolizam também o seu estado de espírito, servindo inúmeros objectos para a proteger, como acontece com a mobília atrás da qual a personagem se refugia, por duas vezes, da presença masculina repressora<sup>322</sup>, especialmente nas ausências e após a morte de Thomas. Tal como acontece às demais amantes chinesas da Macau setecentista, na ausência do sobrecarga Martha fica inicialmente à mercê dos restantes oficiais da companhia, e Cuming visita a jovem para lhe oferecer protecção. Ela esconde-se atrás de um divã e toca na roupa de Fong, recém-assassinada pelo marido, dando origem a um outro paralelo entre as amigas de adolescência através da repetição do conteúdo de uma frase, estratégia que evidencia a condição feminina (chinesa) de Macau: “Fong, like herself, a woman alone. Fong, like herself, a woman with no one to turn to”<sup>323</sup>. A protagonista encontra-se consciente da sua busca e do seu percurso, partilhando o leitor dessa consciência, uma vez que o narrador veicula os pensamentos, as atitudes e jogadas da personagem principal através de afirmações que a caracterizam psicológica e cumulativamente: “Martha, instantly adapting herself to the situation [...]”<sup>324</sup>, ou “[...] she [...] wondering what woman’s resource she could resort to next”<sup>325</sup>.

---

<sup>320</sup> Embora num contexto diferente, podemos adaptar as palavras de Woolf ao caso de Martha, mesmo que esta última, ao contrário da irmã ficcional de Shakespeare, não possa nem deseje escrever, mas sim (sobre)viver de forma autónoma: “[...] a woman must have money and a room of her own [...]” (Virginia Woolf, *A Room of One’s Own*, 1977, p. 6).

<sup>321</sup> CBP, p. 156. Sobre as temáticas da busca e do amadurecimento no *Bildungsroman*, veja-se Wulf Koepfe, «Quest, Illusion, Creativity, Maturity, and Resignation: The Questionable Journey of the Protagonist of the *Bildungsroman*», *Helios*, vol. 17, n.º 1, 1990, pp. 129-143.

<sup>322</sup> CBP, pp. 242, 247.

<sup>323</sup> *Ibidem*, pp. 247-248.

<sup>324</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>325</sup> *Ibidem*, pp. 251-252.



Segundo Esther Kleinbord Labovitz, “[...] by breaking into the old genre, the female heroine has brought new meaning to *Bildung* and the *Bildungsroman* [...]”<sup>326</sup>, podendo este fenómeno ser aproximado do que acontece com a presença feminina chinesa na historiografia (portuguesa) de Macau, pois Martha, enquanto figura histórica ficcionalizada, é uma das únicas mulheres a figurar nos anais da história do enclave, sobretudo a partir da publicação de *CBP*. Austin Coates afirma não ter encontrado nos arquivos de Macau uma dimensão feminina da história local (“History is so boring – it’s all about men”)<sup>327</sup>, mas sim figuras masculinas, razão pela qual decide dar voz ficcional a Marta da Silva Merop, uma presença feminina ainda hoje recordada, mas relativamente silenciada na cultura do território; daí que o final feliz do romance de Coates se afaste do remate que Cristina Ferreira Pinto<sup>328</sup> define como típico do *Bildungsroman* feminino clássico e que resulta sempre no fracasso ou num “sentido de coerência pessoal” que se torna possível somente com a não-integração da personagem no seu grupo social. Devido ao seu *happy end*, *CBP* aproxima-se mais do romance de formação masculino clássico do que dos primeiros *Bildungsromane* femininos, que negam à mulher a possibilidade da auto-afirmação, singularidade que confere originalidade à narrativa e possibilita uma leitura mais positiva das possibilidades das protagonistas da maioria dos romances de formação femininos publicados até meados do século XX.

Através dos apartes do narrador, o leitor acompanha o processo de formação de Martha, nomeadamente através das inúmeras pausas narrativas em que o primeiro analisa e sumaria o percurso da mesma na Macau setecentista: “Impelled by her new-found freedom, she was no longer the diminutive little pensioner hiding behind the scenes in the world of the mighty English. She was a well-to-do lady trader of the inner harbour waterfront, who would stand no nonsense from anyone; [...] abandoning discretion [...]”<sup>329</sup>. A viagem da jovem não é apenas a da sua formação, mas também a do seu sucesso como mulher chinesa e comerciante na sociedade patriarcal e europeia do enclave, acabando a sua educação informal por se afastar da das protagonistas ‘estáticas’ de outros *Bildungsromane* anteriores ao romance neofeminista<sup>330</sup>, que,

---

<sup>326</sup> Esther Kleinbord Labovitz, *op. cit.*, pp. 257-258.

<sup>327</sup> Austin Coates, em entrevista a Gregory Leong, *op. cit.*, p. 17.

<sup>328</sup> Cristina Ferreira Pinto, *op. cit.*, p. 27.

<sup>329</sup> *CBP*, p. 221.

<sup>330</sup> Ellen Morgan, *op. cit.*, p. 185, define o romance neofeminista como sendo movido pelo intensos desejos de atingir a “authentic selfhood”, bem como de mudança e de um futuro melhor. Patricia Waugh, *Feminist Fictions: Revisiting the Postmodern*, 1989, p. 22, afirma que os romances de formação escritos

segundo Ellen Morgan, são educadas para casar e ensinar os filhos no lar<sup>331</sup>. O prestígio social conquistado pela órfã é materializado pela edilidade portuguesa presente no almoço que a primeira oferece em sua casa e pela sua *entourage* quando do baptismo do *Merop*, que universaliza o seu nome pelos portos orientais, momento que leva a personagem a poder olhar, pela primeira vez, de um ponto elevado da cidade (Monte), para além da geografia local, permitindo-lhe novas aprendizagens: “She was beginning to understand this new element of ocean, of which she had traded so long without ever knowing what it was like [...]. The world was so much vaster than she had thought”<sup>332</sup>. O passeio vertical simboliza a ascensão social de Martha, enquanto o barco faz a viagem inversa à de Thomas, possibilitando-lhe iniciar-se na vida do mar, da qual o sexo feminino se encontra excluído, tal como do mundo das letras<sup>333</sup>. No entanto, a protagonista não entra no interior da sua embarcação com o séquito masculino, pois as convenções sociais e a vivência do género assim o exigem: “As a woman she was not expected to go with them”<sup>334</sup>. O baptismo do *Merop* coroa a formação e a vitória da órfã, que, ao ver um sobrecarga recém-chegado, tal como Thomas 16 anos antes, recorda o seu percurso e deseja ter sabido antes o que sabe nesse momento, prova irrefutável do seu amadurecimento e da sua aprendizagem informal. O retorno torna-se

---

por mulheres nas décadas de 1960-1970 são “[...] novels of liberation [...]” que representam as mulheres em busca de um *self* unificado, desejo que Martha apresenta desde cedo.

<sup>331</sup> Ellen Morgan, *op. cit.*, p. 184 “[...] women have tended to be viewed traditionally static rather than dynamic [...]”. Vide Elaine Showalter, *op. cit.*, p. 180 e Esther Kleinboard Labovitz, *op. cit.*, pp. 4-6.

<sup>332</sup> *CBP*, p. 312.

<sup>333</sup> Em *CBP* são várias as alusões ao facto de a escrita e a leitura serem exclusivas do mundo masculino (*ibidem*, pp. 24, 41, 45-46, 60, 190, 205, 207-209) e que Thomas relaciona com o nível de educação pouco elevado nas crianças de Macau sem futuro promissor, sobretudo os *halfcasts*: “[...] neither Portuguese, nor Chinese, and certainly not English, born between two worlds, trusted by neither, brought up by illiterate women and thus themselves unlettered, what future could there possibly be for such boys but to become petty criminals of some kind, or one of the elegantly tailored, English-speaking beggars sometimes encountered, hawking their sisters?” (*ibidem*, p. 110). A voz humanitária do sobrecarga critica a miséria a que os filhos de mercadores ingleses são votados pelos pais, dedicando-se ao proxenetismo e à prostituição. No final do romance, o leitor descobre que este comportamento é geral, como demonstra o caso de Henry Browne (*ibidem*, pp. 155-156). Também Cuming viola Fong (*ibidem*, pp. 252, 254) e expulsa da sua casa uma empregada grávida (*ibidem*, p. 153), salvando assim a sua imagem social, nem que à custa de inocentes. No entanto, e como já afirmámos, com a chegada das mulheres inglesas a Macau, dá-se o início de uma nova era, em que os amantes das nativas as abandonam ou se escondem com elas, longe da sociedade ocidental (*ibidem*, p. 153).

<sup>334</sup> *Ibidem*, p. 306.

um dos motivos literários mais recorrentes ao longo da obra, uma vez que o perigo de personagens como Madre Clemencia e Thomas não regressarem de terras longínquas associa-se aos sucessivos desaparecimentos e regressos de personagens como o marido de Fong, Biddle e Ignatius.

O fim da narrativa remete para a sociedade portuguesa de Macau, na qual a personagem se encontra já inserida, esbatendo-se a presença inglesa, sempre passageira na cidade, como sugere a mensagem implícita no título da obra, que abordaremos de seguida. Martha continua a querer compreender o mundo que a rodeia, enquanto um grupo de figuras proeminentes a espera em sua casa para almoçar e, apesar de a acção terminar, a vida da armadora continua e os seus pensamentos regressam do mar distante para o seu lar e para a vida da urbe.

## 6. “MEN WHO COME IN SHIPS ALSO GO IN SHIPS”<sup>335</sup>: A CONOTAÇÃO DO TÍTULO E A VIVÊNCIA FEMININA DE MACAU

Englishmen were clever at making untrue things sound true.

*CBP*, p. 247

Enquanto as demais amantes chinesas dos sobrecargas acatam ou ignoram as promessas que sabem que estes nunca irão cumprir, Martha opta por uma atitude desconfiada e activa ao lutar pelos direitos de mulheres como Dominie e Fong, sendo o título do romance desconstruído ao longo da acção no que diz respeito à protagonista, uma vez que Thomas respeita todos os seus juramentos; daí que as últimas palavras da jovem repitam as do inglês moribundo e ponham fim à procura e às preocupações da primeira, nomeadamente a busca de um apelido e um estatuto que lhe confirmem segurança: “My name!”<sup>336</sup> O narrador comenta este momento epifânico no fim da acção: “Placed together, what he [Thomas] had given her assumed the coherence of a complete design [...]”<sup>337</sup>, o que é corroborado posteriormente através de mais um aparte:

---

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>336</sup> *Ibidem*, p. 313. Estas palavras recordam à personagem o estatuto e a segurança que conquistou.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 293.

“[...] the richest and now the most famous woman in Macao [...]”<sup>338</sup>. O apogeu da liberdade materializa-se assim no solilóquio final da *Bildungsheldin*, que usufrui dos resultados do seu processo de formação na Macau setecentista.

O título do romance adquire gradualmente significado enquanto a narrativa avança, acumulando-se inúmeras afirmações e símbolos que constroem a rede de conotações subjacentes a esse elemento paratextual. Os ‘visitantes’ ingleses afirmam que permanecem na China com o objectivo de acumular fortuna, e a prática comprova-o, à excepção do caso de Thomas, um dos únicos sobrecargas a respeitar e a deixar em segurança a sua companheira, como o próprio afirma antes de partir, ao confessar que abandoná-la em condições desfavoráveis seria pior que morrer<sup>339</sup>. Numa fala de Martha surge a expressão que dá título à obra, pois a protagonista teme um destino igual ao das suas conterrâneas, criticando a atitude materialista e cruel dos ingleses que abandonam as suas amantes secretas quer devido ao medo do ostracismo social, quer para voltarem às famílias, na Europa:

Many, many have *promised* to others what you are *promising* now to me. None, Tom, *none has ever kept his word*. This is a *city of broken promises*. I know. I was born here. [...] In Macao we know this, that when the time comes it is always otherwise. [...] When an Englishman goes it is alone<sup>340</sup>.

Esta opinião colectiva é fruto da experiência feminina de Macau, relacionando-se intimamente com a representação do género ao longo do romance. Devido a “cem anos de convenções”<sup>341</sup>, a conservadora Companhia das Índias proíbe os seus oficiais de casar com nativas<sup>342</sup> e a jovem acusa os sobrecargas de apenas quererem receber sem nada retribuir. O título representa, portanto, a condição da mulher chinesa, que nada pode fazer para lutar contra a opressão e os interesses dos poderosos europeus, sendo Martha a única excepção, como Henry Browne lhe comprova ao afirmar que poderia ter protegido a sua amante como Thomas a protegera a ela. Todos estes episódios e frases dialogam constantemente com o título da obra, apoiando o jogo conotativo que

---

<sup>338</sup> *Ibidem*, p. 301.

<sup>339</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>340</sup> *Ibidem*, p. 149; itálicos nossos. Esta imagem é enfatizada ao ser repetida após a partida de Thomas (*ibidem*, pp. 236, 239).

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 161; tradução nossa. Ideia demarcada ao ser repetida na p. 234.

<sup>342</sup> *Ibidem*, p. 262. Essa proibição encontra-se expressa na documentação da companhia (1778): “The supra cargoes were not allowed to marry in China [...]” (B.L.-O.I.O.C., G/12/11, fl. 127).

se desenvolve ao longo da mesma e se baseia na representação do género e no projecto de dar voz aos silenciados, este último associado ao paradigma pós-modernista. A cidade, símbolo feminino das promessas inglesas por cumprir, acaba por ser benéfica para Martha, cujo percurso desmente o título ao caracterizar a singularidade dos seus feitos e determinação, bem como da relação do casal Van Mierop. Thomas honra a sua palavra, isolando-se dos demais ingleses, tal como faz em relação ao comércio ilegal de ópio num enclave conhecido exactamente pelo contrário, como a própria Dominie responde à personagem principal, ao saber que esta pretende casar com o sobrecarga em segredo<sup>343</sup>.

O tema do abandono da mulher nativa quando o oficial da E.I.C. regressa à Europa marca presença numa outra obra inglesa, existindo um paralelismo intertextual temático entre a acção de *CBP* e o poema *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao, In Rhyme, by an Officer in China* (1842). Muito anterior ao romance de Coates, esta obra, anónima e redigida em Hong Kong após a Guerra do Ópio, representa quer a relação amorosa entre um oficial inglês e uma jovem chinesa em Macau até à hora da partida deste, quer alguns costumes chineses, como o abandono de bebés do sexo feminino. No início das 40 sextilhas decassilábicas que compõem o primeiro e único canto do poema inacabado, o sujeito lírico apresenta Edmund e contextualiza a acção:

[...] beyond the gate  
of that old Christian settlement, Macao,  
Where a long while the Lusitanian state  
Held timid sway [...]  
Walked a young English sailor, blithe and free [...]<sup>344</sup>.

Edward percorre as ruas da urbe sem ver qualquer jovem nativa, pois todas elas se encontram, à semelhança de Martha, fechadas em casa<sup>345</sup>. Após uma luta com chineses para lá das Portas do Cerco<sup>346</sup>, o soldado britânico é recolhido por um padre irlandês,

<sup>343</sup> *CBP*, p. 219: “Surely you know that when they go, they never come back”.

<sup>344</sup> Anónimo, *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao*, VI-VII, 1842, pp. 2-3.

<sup>345</sup> De acordo com Carlos Jacinto Machado, *A China e os Chineses*, 1926, p. 23: “As mulheres de distinção vivem isoladas: nunca se expõem a serem vistas pelos homens. [...] A mulher sai à rua duas vezes por ano, para visitar seus parentes”. Se no início da acção Martha é caracterizada como prisioneira do lar de Thomas, embora por força das circunstâncias e da sua vulnerabilidade, no final adquire a liberdade que lhe permite percorrer a cidade e visitar a China profunda.

<sup>346</sup> As lutas entre oficiais ingleses e a população chinesa quando os primeiros atravessam as Portas do Cerco, em passeio, e entram em território chinês são comuns ao longo dos séculos XVIII-XIX, como

apaixonando-se por Kathleen, a exótica e educada jovem chinesa de pés enfeixados que se ocupa dele até ao momento da partida, que se dá após um romântico e solitário passeio:

To leave Macao – He bowed to stubborn fate;  
But when he told poor Kathleen he must sail,  
To paint her grief what language can avail<sup>347</sup>?

O padre Dillon, tal como Madre Clemencia em relação a Martha, salvara a abandonada Kathleen da morte, resgatando as suas vida e alma, como ela confessa ao oficial. O tutor teme o sofrimento da jovem e tenta protegê-la do visitante, que, como todos os outros, acaba por partir de Macau, sendo, portanto, o abandono descrito no poema idêntico ao que as mulheres chinesas têm como certo em *CBP*.

Também na literatura portuguesa encontramos paralelismos temáticos ou intertextuais que se podem estabelecer com *CBP*, nomeadamente em relação aos sons e às personagens-tipo do mundo duplo de Macau e principalmente à vivência do género feminino, metaforizado na cabaia envergada pela mulher nativa, face à sociedade patriarcal. Para além do conto «A-Chan, A Tancareira» (1950), de Henrique de Senna Fernandes<sup>348</sup>, e do romance *Histórias de Macau* (1987), de Altino do Tojal<sup>349</sup>, nos quais os oficiais e funcionários públicos portugueses abandonam mulheres chinesas ao regressar à Europa, na antologia de Deolinda Conceição, *Cheong-Sam: A Cabaia* (1956), anterior à publicação de *CBP*, o conto «Cheong Sam»<sup>350</sup> representa o homicídio de uma mulher pelo marido que deseja defender a honra, mesmo quando a violação sexual da primeira resulta do abandono por parte dele, exactamente como acontece a Fong no romance de Coates. No conto «Calvário de Lin Fong»<sup>351</sup> um europeu que prometeu levar a amante chinesa para a Europa abandona-a grávida, quando lhe fez vislumbrar uma vida melhor, situação que dá título a *CBP*, narrativa em que os ingleses

---

se pode verificar nas chapas do procurador do Senado para o mandarim da Casa Branca, em 1816 e 1822 [Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *op. cit.*, vol. 5, doc. 148 e vol. 6, doc. 40].

<sup>347</sup> Anónimo, *The Fair Chinese Maid*, CXVIII, p. 34.

<sup>348</sup> Henrique de Senna Fernandes, *Nam-Van: Contos de Macau*, 1997, pp. 18-19.

<sup>349</sup> Altino do Tojal, *Histórias de Macau*, 1998, p. 7. As palavras iniciais do taxista português, que estivera em Macau, estabelecem uma relação de intertextualidade com o título e o conteúdo de *CBP*: “Portei-me como um bom sacana, fartei-me de lhe [namorada chinesa] fazer promessas [...]. Regressei a Portugal, casei-me com uma costureira de Odivelas [...]” (*ibidem*, itálico nosso).

<sup>350</sup> Deolinda Conceição, *op. cit.*, pp. 13-21.

<sup>351</sup> *Idem, ibidem*, pp. 23-26.

são considerados “[...] birds of passage [...]”<sup>352</sup>. «A Esmola»<sup>353</sup> ganha forma e sentido a partir de temas como a miscigenação, a vida cultural dupla e o casamento interétnico em Macau, tal como acontece no romance relativamente a Ignatius e a Martha, e a esta última e Thomas. «Arroz e Lágrimas»<sup>354</sup> ficcionaliza a miséria da mulher oriental que carrega os filhos às costas, pede esmola e fala diferentes dialectos chineses, à semelhança de Martha, Fong e das demais mulheres de Macau e da China profunda e do casal de etnia Hoklo no romance de Coates. «Conflito e Sentimentos»<sup>355</sup> representa uma viagem para fora da Cidade de Santo Nome de Deus, semelhante ao percurso espiritual de Martha no final da acção através da expedição do seu barco. «O Romance de Sam-Lei»<sup>356</sup> é um conto de formação que traça o percurso de uma jovem sínica pela sua relação amorosa e a segurança conseguida através do matrimónio, vivência próxima da de Martha. Nos contos «Aquela Mulher» e «Os Sapatinhos Bordados de Anui»<sup>357</sup> marcam presença temas como a adopção, a miséria feminina, a venda de filhas e a valorização do filho varão, situações e temáticas igualmente presentes no romance de que nos ocupamos. Em «O Casamento de Vong Mei»<sup>358</sup> o desprezo da madrasta e o dote de casamento são temáticas predominantes, enquanto em *CBP* Sister Grace e Dominique tentam, a todo o custo, arranjar dotes para familiares ou para si mesmas, e Teresa acaba por desempenhar a figura da temível madrasta de Martha. Uma outra autora portuguesa, Maria Pacheco Borges, ficcionaliza igualmente a condição feminina de Macau ao longo de sete contos, cujos títulos remetem para essa temática<sup>359</sup>, afirmando a Autora na introdução que explora o exotismo da China para aproveitar o “colorido do [...] folclore [...], as coisas típicas, uma atmosfera e um cenário diferente”<sup>360</sup>, tal como Austin Coates.

Em *CBP*, a vivência infantil da cidade, associada à esfera feminina, é também afectada pela miséria que resulta do abandono dos filhos por parte dos ingleses quando voltam à Europa e encaram o enclave como um mero local de passagem, imagem e

---

<sup>352</sup> *CBP*, p. 56.

<sup>353</sup> Deolinda Conceição, *op. cit.*, pp. 27-29.

<sup>354</sup> *Idem, ibidem*, pp. 31-35.

<sup>355</sup> *Idem, ibidem*, pp. 39-41.

<sup>356</sup> *Idem, ibidem*, pp. 43-46.

<sup>357</sup> *Idem, ibidem*, pp. 47-49 e 55-57, respectivamente.

<sup>358</sup> *Idem, ibidem*, pp. 71-73.

<sup>359</sup> Maria Pacheco Borges, *op. cit.*: «A Viúva-Noiva», «A Órfã», «Mulher Pequena», «A Tancareira», «O Casamento de Pak-lin», pp. 13-16, 17-20, 25-30, 31-40 e 45-49, respectivamente.

<sup>360</sup> *Idem, ibidem*, p. 9.

crítica que Pedro da Silva metaforiza na figura de um pássaro migrante. O espaço do território é contraposto por Martha a outros locais cruéis que são evocados<sup>361</sup>, como o Brasil e a Inglaterra, onde a personagem perderia todos os referentes culturais e geográficos e para os quais as mulheres de Macau nunca são levadas pelos europeus que jamais voltam à China. A recorrência da expressão “one of those places”<sup>362</sup> (distantes) adquire significados distintos ao longo dos diversos momentos da narrativa e enfatiza o medo que se esbate na mente da protagonista em relação à *terra incognita*, da qual as pessoas de quem gosta, como Madre Clemencia, não regressam, chamando também a atenção para a dimensão reduzida do enclave. No final, a armadora conquista e ultrapassa esses espaços assustadores do mundo desconhecido através do seu barco, rumo a Calcutá, porto que remete para os impérios coloniais e para o comércio europeus no Oriente. O “pensamento geográfico”<sup>363</sup> de Martha contrasta, assim, formas diferentes de viver e de estar no mundo, sendo a imobilidade e as incapacidades iniciais da personagem ultrapassadas através do poder que esta adquire ao tornar-se comerciante.

A ‘denúncia’ da protagonista em relação aos europeus que fogem das mulheres de Macau, e que serve de epígrafe a este subcapítulo, é reforçada por um comentário de contextualização histórica do narrador ao longo do qual as comparações e imagens conferem ao excerto uma carga lírica próxima da das falas da personagem principal:

Englishmen came and went, and their women, like flowers whose bloom is over, were cast away. The very best they could expect was dingy penury, outside the pale of society, with their half-caste children [...]. It was the aged-old story of the women of Macao, known to every woman, feared by many. [...] But if she herself was to survive when the time of departure came, she would need that most precious of all things, a name of her own<sup>364</sup>.

A conjunção adversativa *but* informa desde logo o leitor da condição *sine qua non* para que a protagonista seja livre em Macau após a partida de Thomas. O título da obra

---

<sup>361</sup> *CBP*, pp. 25, 67-68, 147-149, 212, 312 (“one of those places”).

<sup>362</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>363</sup> Expressão de Paul Claval, *La Pensée Géographique*, 1972, pp. 11-13, que chama a atenção para o sentimento de pertença em relação à ‘terra-mãe’ ou país natal.

<sup>364</sup> *CBP*, p. 139; itálico nosso. Algumas páginas depois, Martha volta a referir que toda a cidade sabe que os ingleses partem e abandonam as amantes e os filhos bastardos na rua (*ibidem*, pp. 155-156, 252-254). Veja-se também a já referida comparação botânica que Martha utiliza para aproximar as mulheres de plantas enraizadas (*ibidem*, p. 213).



é, mais uma vez, convocado, concorrendo para a representação da história das mulheres macaenses e para a crítica do fingimento inglês além-mares. A focalização feminina é, portanto, predominante, pois essa voz oprimida adquire uma intensidade psicológica que marca o processo de caracterização das mulheres do território, e a repetição da expressão “[...] the women of Macao [...]” enfatiza o desejo íntimo de cada uma delas: (“[...] security and solace [...]”)<sup>365</sup>. Como refere Jack Hendriksen<sup>366</sup>, a estrutura e o ponto de vista são as principais estratégias de que o romance de formação se serve para representar eficazmente a progressiva *Bildung* da heroína, e é exactamente a focalização de Martha, bem como os comentários do narrador que ajudam o leitor de *CBP* a formar uma imagem coerente a partir dos diversos acontecimentos ‘soltos’ que compõem a acção narrada de forma não linear, sobretudo no que diz respeito aos subenredos como a infância da protagonista, o incidente do *Lady Hughes*, as histórias de Fong e Biddle e as intrigas políticas da E.I.C.

O enclave sob administração portuguesa onde os ingleses fogem às suas promessas é o espaço que a protagonista reconhece como seu por excelência, enquanto o título da obra adquire contornos irónicos ao remeter para a esfera feminina da Macau setecentista e para a formação de Martha, que se destaca devido quer ao poder e à sabedoria que os seus tutores masculinos lhe legam ao cumprir as suas promessas, quer também às suas próprias autodeterminação, inteligência e coragem.

## 7. A VITÓRIA DE MARTHA E A SUA VIAGEM POR ENTRE COMUNIDADES E TRADIÇÕES POPULARES

Ao longo do percurso de formação da protagonista, as personagens colectivas da Macau setecentista, nomeadamente as comunidades chinesa, inglesa e portuguesa, são caracterizadas através de comportamentos, estereótipos, retratos psicológicos, ângulos de visão específicos e a atitude que têm quer para com membros de grupos de fraca presença (soldados, empregados chineses, africanos e parses)<sup>367</sup>, quer para com as

---

<sup>365</sup> *Ibidem*, pp. 239-240.

<sup>366</sup> Jack Hendriksen, *op. cit.*, p. 38.

<sup>367</sup> A presença africana no Império Português do Oriente é referida nas páginas 7, 199, 200, 241 do romance, enquanto os parses são referidos na página 170.

demais comunidades, todas elas relativamente isoladas, tal como refere o narrador: “It was typical of the hazy knowledge one community had of another in multiracial Macao”<sup>368</sup>. A caracterização dessas personagens insere-se assim na descrição do espaço etno-histórico da acção em que o processo formativo da protagonista tem lugar.

Aos habitantes de origem portuguesa, quer nascidos em Macau, quer reinos, são associadas a esfera católica, que se manifesta nas construções de prestígio da cidade, a honra e o apego à glória do passado e ao luxo, bem como a ignorância e a apatia<sup>369</sup>. Aos britânicos, isolados na feitoria em Cantão e sem poder adquirir imóveis no enclave, são associados a falta de escrúpulos e os interesses meramente comerciais, enquanto a superstição, o desejo de ordem, a venda de filhos e o apego à tradição caracterizam a comunidade chinesa, composta por diversas etnias<sup>370</sup> e estratos sociais, como vimos nas segunda e terceira partes. O tecido urbano e a área circundante contemplam um número diverso de personagens chinesas, todas elas com importância e estatutos diferentes: o mandarim da Casa Branca<sup>371</sup>; a personagem colectiva dos empregados, composta por uma hierarquia especializada de chineses com funções específicas; o comprador Chin Fui, caracterizado através de um estereótipo associado ao Oriente, o velho *sage*<sup>372</sup>; as

---

<sup>368</sup> *CBP*, p. 135. Cuming trata os nativos com uma atitude de “divertimento tolerante” (*ibidem*, p. 188; tradução nossa), tendo a companhia, enquanto instituição política e comercial, direito à sua posição oficial veiculada pelo narrador (*ibidem*, p. 166). É ainda referida a “forma puritana” com que os ingleses encaram os chineses e portugueses em Macau (*ibidem*, p. 266; tradução nossa).

<sup>369</sup> *Ibidem*, pp. 135 e 50, respectivamente. O narrador caracteriza as sucessivas gerações de macaenses, bem como o ideal de linhagem da família de Pedro da Silva e, através da sinédoque, as demais células sociais portuguesas: “[...] a family accustomed to money and position, a family afflicted with two peculiarly Portuguese tendencies – an inability to give a negative answer to anyone’s face, and a belief that the word miser was about the worst in the dictionary. To each generation the distribution of largesse was a cherished ideal [...]” (*ibidem*, p. 135), caracterização legitimada pelas atitudes e palavras dos membros da família Gonçalves Sequeira.

<sup>370</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>371</sup> O mandarim exerce simultaneamente pressão sobre os chineses e as autoridades portuguesas. Como já vimos, durante a acção do romance as autoridades cantonenses exigem o cadáver de Fong, ordenando ao clã da vítima assassinada a entrega de um membro do mesmo para ser executado, de acordo com a tradição da justiça imperial, tal como se observa no conflito entre o mandarim da Casa Branca e os comerciantes ingleses quando do incidente do *Lady Hughes* (veja-se o subcapítulo 4.1 da segunda parte). Teresa da Silva é ainda demovida de se vingar de Martha por um seu primo senador, pois, sendo esta última chinesa, tal situação envolveria forçosamente o mandarinato, podendo originar desnecessariamente um conflito luso-chinês (*CBP*, p. 72).

<sup>372</sup> *Vide* Boye Lafayette De Mente, *op. cit.*, pp. 358-359.

lavadeiras; as floristas; o *boy* (empregado) e os diversos cules<sup>373</sup>, que, para além de outras tarefas manuais, transportam os patrões nas cadeirinhas, seguindo instruções destes quase sem autonomia própria, característica que evidencia o dinamismo e a determinação de Martha. Os estereótipos e as imagens que associamos aos chineses, fruto da literatura de viagens, da pintura e do cinema ocidentais, marcam assim presença na obra através de imagens como a do chinês de rabo de cavalo, meio-vestido e descalço<sup>374</sup>, e a da população marítima do Sul da China, em juncos e sampanas<sup>375</sup>.

Em *CBP* os chineses, tal como o narrador, referem-se aos ingleses como “red hair[s]”<sup>376</sup>, sendo do conhecimento geral que estes últimos são designados por “Fan-Kwei” (“foreign devils”)<sup>377</sup> e os lusos por “semi-devils”<sup>378</sup>. Por seu lado, as autoridades religiosas portuguesas vêem os protestantes como uma má influência social e fonte da degeneração moral no enclave<sup>379</sup>, funcionando estes, até certo ponto, como bode expiatório para os males locais, visão semelhante à que a comunidade chinesa tem sobre o vestuário feminino europeu, que Martha enverga e que é encarado como indumentária de prostituta. Os jogos de olhares entrecruzados e justapostos ao longo do romance são veiculados indirectamente através das atitudes e dos comentários das personagens e directamente pelo narrador, sendo, por essa razão, recorrente o verbo “to see”, entre outros sinónimos, chamando a atenção para o ângulo de visão de determinadas personagens: “[...] as Inez *puts* it [...]”, ou “[...] as Thomas *saw* it [...]”<sup>380</sup>. Para além da visão, a audição é um dos outros sentidos que permite distinguir membros das diferentes comunidades, uma vez que os passos dos empregados chineses são uma marca distintiva dos mesmos, estratégia acentuada pelas inúmeras situações descritas através

<sup>373</sup> Homi K. Bhabha, «The Other Question: Difference, Discrimination and the Discourse of Colonialism», in Francis Barker *et al.* (eds.), *op. cit.*, pp. 164-169, afirma que o estereótipo, enquanto forma de representar o Outro, é essencial para o sistema colonial, pois a imagem do colonizado é produzida como uma realidade fixa, identificável e visível; daí que Cuming se admire ao ouvir Martha falar em inglês, acumulando-se as imagens estereotipadas da comunidade chinesa em *CBP*.

<sup>374</sup> *CBP*, pp. 81-82.

<sup>375</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>376</sup> *Ibidem*, 224. Veja-se a segunda parte deste estudo (subcapítulo 2.1).

<sup>377</sup> *Ibidem*, p. 290. *Vide* James Orange, *op. cit.*, p. 218 e Morse, *The Chronicles*, vol. 1, p. 21.

<sup>378</sup> *CBP*, p. 75.

<sup>379</sup> Situação com referentes históricos, como vimos na segunda parte (subcapítulo 3.3).

<sup>380</sup> *CBP*, pp. 201 e 96, respectivamente; itálicos nossos.

dos sons que as personagens ouvem<sup>381</sup>, especialmente os ruídos das ruas de Macau que invadem o lar da protagonista, que aprende sobretudo através da imitação e dos (cinco) sentidos, reunindo, assim, os dois tipos de formação associados por Susan Ashley Gohlman, respectivamente, aos *Bildungsromane* dos séculos XIX e XX<sup>382</sup>.

Do convívio, por vezes forçado, entre os membros das três comunidades surgem relações amorosas e filhos ilegítimos como Ignatius, filho de pai inglês (Cuming) e mãe chinesa (Fong), demonstrando que as diferentes nacionalidades não interagem apenas nos locais públicos<sup>383</sup>, sendo esses outros contactos mantidos em segredo. Apesar de ser chinesa, Martha apresenta, devido à sua educação, gestos e atitudes típicos de uma europeia, à semelhança da decoração e do *design* mistos das casas da Macau setecentista, sendo Inez comparada fisicamente a uma camponesa lusa<sup>384</sup>. O ângulo de visão, a cultura e o pensamento das personagens caracterizam as diversas comunidades do enclave setecentista, sendo as presenças mediadoras de Martha e de Biddle transversais a todos esses microcosmos sociais; daí a recorrência do símbolo da janela ao longo do romance quer como espaço intermédio que liga o privado ao público, quer como materialização da liberdade da jovem, por sua vez apoiada pelo jogo de luzes e sombras e pela abertura final do lar Van Mierop ao mundo exterior.

A janela é também uma fronteira sociocultural e a protagonista retira muito do seu poder da posição que ocupa nas diferentes comunidades, levando os empregados chineses a informarem-na dos gostos dos seus patrões europeus para que possa importar produtos mesmo fechada em casa, como o próprio narrador afirma recorrendo à expressão “[...] outside information [...]”<sup>385</sup>, que destaca o espaço de manobra da personagem. A armadora integra-se na única comunidade de Macau que engloba membros de

---

<sup>381</sup> *Ibidem*, pp. 162, 242, 291. Quanto aos sons, vejam-se, por exemplo, o momento em que Thomas entra no escritório de Biddle e ouve os movimentos do agente (*ibidem*, p. 139) e o episódio em que Ignatius, na escuridão do quarto de Martha, escuta a oração do casamento simbólico do ‘casal’ Van Mierop (*ibidem*, pp. 227-228).

<sup>382</sup> Susan Ashley Gohlman, *op. cit.*, p. 31, afirma que o protagonista do romance de formação do século XIX aprende através do exemplo e da imitação de terceiros, observando e reagindo perante situações e pessoas, enquanto o protagonista do *Bildungsroman* do século XX aprende através dos sentidos.

<sup>383</sup> *CBP*, p. 178: “[...] Macao. With its different linguistic and racial communities, each almost watertight from its neighbours, despite daily commingling in the market, along the warves, and in the houses of international commerce”.

<sup>384</sup> *Ibidem*, pp. 136-137.

<sup>385</sup> *Ibidem*, p. 137.

todos os grupos nacionais – a mercantil<sup>386</sup> –, sendo significativo o facto de o narrador distinguir os portugueses dos restantes europeus, pois os primeiros nascem e residem permanentemente em Macau há mais de dois séculos, exercendo o poder administrativo na urbe, como vimos na segunda parte. Entre todas estas comunidades, bem como entre homens e mulheres, as relações são, na sua esmagadora maioria, pautadas por interesses pessoais, o que torna singular o amor desinteressado de Martha e Thomas e a amizade entre esta, Mr. Auvray e Ah Sum. O sobrecarga é caracterizado como um humanitário num espaço de negócios quase amoral onde imperam as conveniências económicas, enquanto a heroína da cidade das promessas por cumprir demonstra a sua singularidade ao ser a única personagem a preocupar-se com a desgraça de Biddle e ao colocar a sua vida em perigo para o seguir, rumo à China, de forma a evitar que ele se suicide, demonstrando que partilha com Thomas não apenas o apelido, mas também os ideais humanitários.

A vivência chinesa acumula-se no romance através de atitudes e diálogos das personagens do Império do Meio, nomeadamente as referências ao luto marcado pelo cabelo comprido<sup>387</sup>, ao hábito de chamar ‘tio/a’ aos mais idosos<sup>388</sup> e às leis dos clãs<sup>389</sup>, que segregam as mulheres vítimas da opressão masculina, como acontece com Fong, que, sozinha “in her own Chinese world”<sup>390</sup>, se vê forçada a pedir ajuda a Pedro da Silva para sobreviver. Já Ignatius observa a Bíblia na casa de Martha, não apreendendo a obra da mesma forma que os ocidentais: interpreta-a apenas como um livro-objecto sem a carga religiosa que os cristãos, como a órfã, lhe atribuem. A diversidade cultural distingue, assim, as diferentes comunidades, sendo essa caracterização contextualizada pelos apartes do narrador, que se assume como *connoisseur* e mediador da cultura chinesa e sobretudo da dimensão emotiva e feminina da Macau setecentista, relativamente desconhecida dos sobrecargas da companhia.

A protagonista em formação representa, até certo ponto, a China desconhecida e misteriosa que os ingleses se vêem forçados a conhecer cada vez melhor, acompa-

---

<sup>386</sup> *Ibidem*, p. 170: “[...] Europeans, Americans, Parsis, Portuguese, Chinese [...]”.

<sup>387</sup> *Ibidem*, p. 201. O Dr. Jin Guo Ping informou-nos de que o luto na China durava cerca de três anos e os familiares deixavam de cuidar do seu aspecto físico, o que fazia que não apenas o cabelo, mas também a barba e o bigode dos homens crescessem, sendo o vestuário também elaborado a partir de tecidos baratos. Tal atitude era sinal de elevada concentração no luto pelos familiares, bem como de distância do mundo material e aproximação do espiritual.

<sup>388</sup> *Ibidem*, p. 277.

<sup>389</sup> *Ibidem*, pp. 74, 200.

<sup>390</sup> *Ibidem*, p. 202.

nhando o leitor o processo de familiarização de Thomas com a cultura e as práticas locais. Biddle refere o hábito de o recém-chegado sobrecarga ‘herdar’ do colega que substitui “the pensioner”, com o qual o jovem concorda de imediato por pensar tratar-se de um gesto caridoso, apercebendo-se, mais tarde, ao ver Martha pela primeira vez, que “the pensioner” não é mais do que a amante chinesa residente nas casas da E.I.C., ou seja, “he [...] understood the China fashion meaning of the word pensioner”<sup>391</sup>; daí a utilização inicial do pronome *him* quando o sobrecarga se refere, pela primeira vez, ao suposto *pensioner*<sup>392</sup>. No final do romance, também a personagem principal entende melhor os mundos ou as formas de viver que a rodeiam e descobre o significado do seu processo cumulativo de aprendizagem multicultural. A própria linguagem da protagonista demonstra a mutação<sup>393</sup> durante a qual aprende gradualmente a dominar as línguas inglesa e portuguesa, conhecimento que lhe permite sair do espaço doméstico, o único para muitas protagonistas de *Bildungsromane* femininos. Por outro lado, enquanto a jovem se liberta da reclusão na casa de Thomas, Teresa e Dominie da Silva tornam-se, pouco a pouco, prisioneiras do seu lar, até à morte da primeira e à semiloucura da segunda, que acaba por ser salva por Martha.

Quando do lançamento do *Merop* ao mar, junta-se a maior multidão de todos os tempos no Porto Interior, afirmando o narrador: “For every woman, married or unmarried, it was in some inexplicable way an event of personal significance [...]”<sup>394</sup>, como se existisse uma cumplicidade entre a multidão feminina (ocidental e chinesa) na praia, orgulhosa do sucesso de um dos seus membros, funcionando esse facto como prova da aceitação social da *Bildungsheldin* pelas mulheres de Macau, enquanto a natureza sorri para a protagonista através de nuvens personificadas, pelo que a focalização deste último episódio é sobretudo feminina, tal como a do título do romance.

Mesmo fechada, Martha governa o lar, o seu comércio asiático, a casa comercial de Pedro da Silva, e prepara a sua ascensão através de uma elaborada rede de colaboradores, que depressa se torna economicamente dependente dela. Tal facto recorda-nos uma das primeiras imagens que Thomas forma da jovem e que é veiculada através

---

<sup>391</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>392</sup> *Ibidem*, pp. 15, 19-21.

<sup>393</sup> Jack Hendriksen, *op. cit.*, p. 133, afirma que uma simples cronologia não representa, de forma satisfatória, o crescimento do protagonista; daí que, como vimos na terceira parte, o narrador de *CBP* recorra a um elaborado jogo de analepses internas e externas para descrever o percurso de Martha desde o seu abandono, à nascença.

<sup>394</sup> *CBP*, p. 303.

da adjectivação dupla e da conjunção adversativa que caracteriza a hibridez cultural e psicológica da mesma: “[...] orientally composed yet occidentally impudent [...]”<sup>395</sup>; daí a predominância de advérbios de negação<sup>396</sup> quando do contacto inicial e do processo de descoberta dessas duas personagens, uma vez que a aparência da jovem é chinesa, ao contrário dos seus modos e vestuário. A vida inicial da protagonista é também marcada pela negativa, caracterizando as partículas de negação a sua situação inicial<sup>397</sup>, pois ela é vítima de dois mundos civilizacionais e de três comunidades num período representado como histórico e culturalmente específico, advindo a sua singularidade das suas conquistas nesse mesmo contexto. Martha não é espectadora passiva dos acontecimentos históricos da acção e, sobrevivendo inicialmente graças à caridade das religiosas de Macau, reconhece a importância dessa oportunidade e auxilia Ignatius, Dominie e Fong em momentos de crise, tornando-se também ela agente de caridade, gestos que a personagem ficcional partilha com a figura histórica Marta da Silva, como vimos na terceira parte (subcapítulo 3.1.2.1).

Determinadas características de *CBP* afastam o romance de alguns dos traços distintivos do *Bildungsroman* tradicional, nomeadamente a representação de perspectivas múltiplas, a ocidental e a nativa, a masculina e a feminina, a opressora e a oprimida. Como verificámos na terceira parte, a cronologia linear do *Bildungsroman* e do romance histórico tradicionais é fragmentada e a acção principal intercalada com sucessivas analepses e episódios reiterativos que são revisitados através de um novo ponto de vista, sobretudo o feminino. A narrativa apresenta, assim, uma configuração multidimensional premeditada<sup>398</sup> que dificulta a interpretação rápida e imediata por parte do leitor que se quer atento, informado e alerta para o facto de a obra poder ser interpretada de diversas formas. A partir dos conceitos de função de Vladimir Propp, que definimos no início desta parte, e de polivalência funcional de Doložel<sup>399</sup>, Emma Kafalenos aborda a pluralidade como forma de subverter leituras únicas<sup>400</sup>, servindo a

---

<sup>395</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>396</sup> *Ibidem*, pp. 20-21: “[...] neither [...] nor [...] neither [...]”.

<sup>397</sup> *Ibidem*, p. 48: “[...] none [...] no [...] not [...] neither [...]”.

<sup>398</sup> Expressão de Paul Ricoeur, *Time and Narrative*, vol. 2, p. 81. O autor afirma que o *Bildungsroman* apresenta uma estrutura linear, sendo, portanto, a descontinuidade de *CBP* mais uma das suas características inovadoras relativamente aos exemplos tradicionais do subgénero.

<sup>399</sup> “One event can represent different functions” [síntese de Emma Kafalenos, «Not (Yet) Knowing: Epistemological Effects of Deferred and Suppressed Information in Narrative», in David Herman (ed.), *op. cit.*, p. 33].

<sup>400</sup> *Idem, ibidem*, p. 40.

repetição de um mesmo episódio através do ângulo de visão de diferentes personagens esse mesmo objectivo em *CBP*.

O romance representa ficcionalmente o percurso de Martha historicamente contextualizado, bem como a sua transformação em figura pública de Macau<sup>401</sup>; daí a importância da análise do texto quer como romance histórico, quer como *Bildungsroman*, que termina no momento inicial da vida adulta da protagonista como famosa armadora, fase que permanece em aberto, tal como o texto<sup>402</sup>. Como verificámos na terceira parte (subcapítulo 7.1), o narrador descreve, através de um elaborado jogo de analepses, apenas os três períodos iniciais da vida da jovem chinesa e a conquista do seu elevado estatuto social<sup>403</sup>, altura em que tem início um novo período quer da vida, quer da projecção social da personagem, agora uma senhora respeitada e reconhecida como a mulher mais rica do Sul da China, já sem grandes medos e inseguranças. O poder e a influência socioeconómicos da *Bildungsheldin* são agora reconhecidos publicamente na Macau setecentista, enquanto o seu poder informal<sup>404</sup> se torna formal, ao ser reconhecido pela edilidade local durante o baptismo do *Merop* e o almoço final. Se durante o seu processo de amadurecimento a protagonista exerce o seu poder discretamente a partir do ambiente doméstico, ao aconselhar Thomas a comprar a casa e os mercadores chineses e Pedro sobre os seus negócios, ao levar Cuming a torná-la a fornecedora de flores da E.I.C. e ao criar em seu redor uma elaborada rede de colaboradores e parceiros comerciais masculinos, no final da acção a “senhora” Van Mierop rentabiliza o seu poder formal. Esse poder é reconhecido publicamente quando ela tem estatuto suficiente para chamar um médico da companhia, gesto vedado a qualquer

---

<sup>401</sup> *CBP* aproxima-se assim da definição de romance histórico biográfico e, embora em menor grau, do romance biográfico de Naomi Jacobs, *The Character of Truth: Historical Figures in Contemporary Fiction*, 1999, p. xv: “The biographical novelist collects and interprets facts of personal history, the historical novelist facts of social history [...]”. Veja-se também Carlos García Gual, *Apología de la Novela Histórica y Otros Ensayos*, 2002, p. 130.

<sup>402</sup> François Jost, «La Tradition du *Bildungsroman*», *Comparative Literature*, vol. 21, n.º 2, 1969, p. 100, afirma que o desenlace do romance de formação é sempre provisório.

<sup>403</sup> Esses períodos abarcam a infância e a adolescência desprotegidas da personagem, bem como o seu percurso de formação e ascensão social na casa de Thomas (juventude).

<sup>404</sup> O poder que a mulher tem e exerce a partir do espaço doméstico, nos bastidores da vida social e política, enquanto mãe/educadora, dona de casa, conselheira, mecenas cultural e religiosa [vide Margaret Alston, *Women on the Land: The Hidden Heart of Rural Australia*, 1995, p. 25 e Clarissa Campbell Orr, «Introduction», in Clarissa Campbell Orr (ed.), *Queenship in Europe 1660-1815: The Role of the Consort*, 2004, pp. 9-15].



outra mulher de Macau, quando faz ofertas à catedral, quando o presidente do Comité Selecto lhe beija a mão em público, a cidade festeja a primeira viagem do *Merop* e a edilidade local se desloca à sua casa. Como vimos no capítulo 11 da terceira parte, a *gossip* é também uma forma de a mulher exercer o seu poder informal na esfera pública (do poder formal) manipulando as decisões e os comportamentos masculinos, ou seja, apesar de não lhe ser inicialmente reconhecida qualquer autoridade, Martha acaba por usufruir do seu poder informal através da capacidade que tem para influenciar o mundo que a rodeia.

A órfã chinesa, à semelhança das protagonistas do *Bildungsroman* feminino tradicional, acomoda-se inicialmente à ordem social estabelecida<sup>405</sup>, indo, no entanto, além dessa mesma aceitação, pois a sociedade multicultural da urbe, composta por chineses, portugueses, indianos, africanos e ingleses, entre outras nacionalidades e etnias, acaba por aceitá-la não como a típica dona de casa, mas como uma armadora com direito a lar, património e apelido próprios que partilha da validade da ordem estabelecida<sup>406</sup> e se afirma como cidadã de plenos direitos e membro produtivo da sociedade<sup>407</sup>. A viagem inicial da protagonista é sobretudo interior e exterioriza-se gradualmente até ao momento da partida do seu barco, remetendo as recordações do passado para o facto de o tempo pretérito das suas infância e adolescência explicar muitas das suas atitudes, dos seus medos e das reacções para com Thomas e as demais personagens. A criança isolada do início da acção acaba por se tornar um membro abastado da edilidade da Macau setecentista, feito que se torna singular se tivermos em conta o contexto pluricultural e patriarcal que caracteriza o entreposto luso-chinês de então.

Quer a imagem heterogénea que *CBP* apresenta do espaço da acção, quer o percurso da jovem chinesa conferem uma especificidade própria a temáticas como o género, a história local, a liberdade, a etnia e a ascensão social, pois a experiência feminina e oriental é obviamente diferente da masculina e ocidental, como demonstra o título do romance ao remeter para a leitura feminina das promessas que dificilmente se cumprem na Cidade do Santo Nome de Deus e que tornam a relação do casal Van Mierop e a vitória de Martha únicas, relacionando-se, assim, a história da protagonista com a história do enclave, uma vez que a *Bildung* e a vitória da jovem também fazem parte do progresso histórico de Macau, como verificámos ao longo deste estudo.

---

<sup>405</sup> Característica da protagonista do *Bildungsroman* feminino definida por Annie Eysturoy, *op. cit.*, p. 8.

<sup>406</sup> Expressão de Margaret Scholl, *The Bildungsroman of the Age of Goethe*, 1976, p. 7.

<sup>407</sup> Característica da *Bildungsheldin* apresentada por Benjamin Sax, *op. cit.*, p. 3.



## CONCLUSÃO



Ao longo das quatro partes que constituem este trabalho foram sendo apresentadas conclusões parcelares, tornando-se forçoso apontar finalmente as principais linhas de rumo da investigação e da nossa contribuição para o estudo da obra de cariz anglo-português de Austin Coates, pois é principal objectivo desta tese demonstrar que essa mesma obra, até à data pouco ou nada estudada, se revela um projecto multifacetado e de capital interesse no âmbito dos estudos anglo-portugueses, nomeadamente no que diz respeito à representação ficcional e histórica de Macau e das relações luso-inglesas no Extremo Oriente, na qual se insere também a ficcionalização da vida e dos feitos de Marta da Silva Van Mierop em *CBP*. A análise das estratégias literárias e temáticas, bem como dos elementos culturais da paisagem humanizada da cidade no romance e no poema «Macao», permite-nos realçar a importância desses textos enquanto representações da importância de Macau e das relações anglo-portuguesas nesse espaço urbano, tarefa que exige uma incursão pela desconhecida história da presença inglesa no enclave, área de investigação para a qual pensamos ter contribuído através do cruzamento de um variado leque de fontes portuguesas, inglesas e chinesas, e das conclusões que apresentámos sobretudo nas segunda e terceira partes.

Como verificámos na primeira parte, Coates considera Macau um local histórico único no mundo, veiculando o poema e o romance que estudámos essa imagem ao chamar a atenção do leitor para a especificidade cultural e humana do território e para o seu estatuto no seio do património da humanidade, pois aí convergem interesses, gentes e culturas de todos os continentes, desde a sua fundação portuguesa até à actualidade. Aliás, a representação de cariz realista de Ou-Mun é predominante na obra literária do Autor, levando-nos a análise da mesma a estudar também a relação entre literatura e história.

A partir do século XVIII os interesses económicos britânicos e lusos na China entram em conflito, sendo, tal como se observa em *CBP*, as relações anglo-portuguesas influenciadas pela política de isolamento das autoridades sínicas, que confinam os sobrecargas às feitorias de Cantão, sob forte vigilância, e a Macau entre as *trading seasons*, à mercê dos portugueses, até que a Inglaterra consegue, após a primeira Guerra do Ópio, o seu próprio estabelecimento no Sul da China, após ter permanecido

no enclave cerca de um século e meio. Os ingleses passam assim a residir e comerciar numa *Macao of their own*, tornando-se impossível compreender as relações sino-ocidentais desde o século XVII sem estudar a importância e o papel dos portugueses enquanto mediadores culturais entre o Império do Meio e o Ocidente. Como o romance de Coates ilustra, o comércio da E.I.C. acaba por trazer lucros à população local, modificando também a relação de Macau com o Trono do Dragão, na medida em que o território é utilizado pelos chineses para controlar e afastar os mercadores estrangeiros da China ‘profunda’. As relações anglo-portuguesas no enclave caracterizam-se por uma multiplicidade de aspectos devido às condições políticas e económico-sociais em que os velhos aliados europeus actuam na China Meridional, sob a vigilância das autoridades mandarínicas, contexto histórico no qual a formação de Martha Merop tem lugar.

*CBP* concilia características temático-formais e princípios identificadores do romance histórico e do *Bildungsroman* feminino, subgéneros que surgem em contextos culturais diferentes e apresentam inicialmente características díspares<sup>1</sup>, mas que Coates relaciona ao dotar a personagem principal de uma vida e de um percurso simultaneamente privado e público, ou seja, tal como o tempo histórico da acção, a autodeterminação e o processo de socialização de Martha também estruturam o romance. O contexto da Macau setecentista tem uma influência extrema na formação e no sucesso da armadora, à medida que os micro-espacos físicos e simbólicos (cubículo/casa/barco) se abrem, conferindo à protagonista uma maior liberdade no macro-espaco urbano e patriarcal. A estrutura da cidade histórica associa-se à estrutura do processo de aprendizagem de Martha enquanto as esferas doméstica e pública se abrem perante a protagonista. A história pessoal, local e nacional, bem como a memória e a formação da jovem concorrem para a representação da Macau setecentista, urbe, por sua vez, apresentada como intemporal no poema «Macao». *CBP*, ao funcionar como veículo de tradução cultural por parte do narrador, apresenta-se como *Bildungsroman* feminino exótico com um final positivo, pois não representa apenas o percurso formativo da jovem, mas também todo um processo de conquista de liberdade, permitindo a nossa abordagem ir além da classificação do texto apenas como romance histórico avançada em diversas recensões críticas quando da publicação do mesmo.

---

<sup>1</sup> Cf. Todd Kontje, *The German Bildungsroman*, p. 18: “The translation of Walter Scott’s *Ivanhoe* into German in 1820 sparked widespread interest in the historical novel throughout the decade. With its focus on a broad panorama of a particular period rather than on the development of a single protagonist, this type of novel stood in direct opposition to the German tradition of the *Bildungsroman*”.

A vida, a formação e a importância social de Martha são apresentadas à luz do contexto regional de Macau, permitindo a representação descontínua do trajecto da protagonista e do passado do enclave enfatizar o próprio fluxo histórico ao relacionar os episódios da acção ficcional *per se*, bem como a relação destes com outros acontecimentos simultâneos, anteriores ou posteriores. A personagem principal dá voz ao discurso da comunidade feminina chinesa, cujo ponto de vista dá nome à obra – a cidade das promessas por cumprir –, enfatizando as ilusões e os desejos que os sobrecargas despertam nas mulheres nativas com quem se envolvem no Sul da China, para depois as abandonarem de filhos nos braços, ao regressarem a Inglaterra. Se Jack Hendriksen afirma que a verdadeira acção do *Bildungsroman* consiste nas transformações interiores do herói e não nos acontecimentos exteriores que têm lugar à sua volta<sup>2</sup>, podemos concluir que *CBP*, relativamente às transformações interiores da protagonista, é um *Bildungsroman* feminino, assumindo-se simultaneamente como romance histórico no que diz respeito aos “acontecimentos exteriores”, sendo ambos os subgéneros tradicionalmente retrospectivos. Daí que a obra nos apresente justapostos a história individual de Martha e a vivência e os episódios históricos da Macau setecentista, tornando-se o tempo também biográfico, pois o quotidiano urbano é o pano de fundo do crescimento e da conquista gradual do espaço pela órfã chinesa, que no final da acção se integra plenamente no colectivo social.

Tal como vimos nas terceira e quarta partes, *CBP* filia-se na tradição realista, apresentando, no entanto, características associadas ao paradigma pós-moderno, tais como a auto-reflexividade e a reescrita da história a partir de pontos de vista até então negligenciados, como é o caso da voz silenciada de Marta Mierop, tornando-se o género, a alteridade, o tempo e o espaço históricos temáticas preponderantes. Se a representação da urbe setecentista é realista ou verosímil, as figuras históricas anacrónicas, a mistura de enunciados ficcionais e referenciais no corpo do romance, nomeadamente o diário de Thomas e os testamentos do casal Van Mierop, bem como os ténues exercícios meta-ficcionais, marcam a ficcionalidade do texto. Como verificámos nas segunda e terceira partes, alguns episódios e personagens principais do romance, como os protagonistas e a maioria das personagens inglesas, têm referentes históricos, enquanto a *Bildung* de Martha e a maioria dos subenredos são ficcionais, enfatizando a hibridez que caracteriza o romance histórico. Ao representar uma imagem realista da cidade<sup>3</sup>, *CBP* tira partido quer de uma temporalidade complexa e não linear, quer das personagens histó-

---

<sup>2</sup> Jack Hendriksen, *op. cit.*, p. 23.

<sup>3</sup> Vejam-se a introdução, os capítulos 8 e 9 da segunda parte e o primeiro capítulo da terceira parte.

ricas anacrônicas, como Biddle e o juiz Pereira, bem como dos inúmeros acontecimentos históricos ficcionalizados que enriquecem a dimensão simbólica da presença anglo-portuguesa no território numa época em que se iniciam os confrontos que levariam às Guerras do Ópio e à consequente fundação de Hong Kong. Estes últimos episódios transformam a forma de viver e a importância internacional de Macau, sendo, portanto, sugestiva a vitória da facção pró-ópio e contrária à de Thomas Van Mierop no final do romance, como que abrindo caminho para o futuro conflito sino-britânico. Temos assim presentes no texto três planos temporais num mesmo espaço: o passado recuado da infância de Martha, o período de amadurecimento da adolescente, sobretudo a partir do momento em que esta conhece Thomas no início da acção principal, e o tempo ulterior da escrita do romance, que possibilita ao narrador tecer comentários e avançar interpretações só possíveis *a posteriori*. A complexidade de *CBP* surge quer da interacção entre a ficção e a história, quer da consciência do narrador de estar a representar um passado distante a que temos acesso sobretudo através de textos escritos. Um dos objectivos do romance histórico é, pois, remeter para além das fronteiras da ficção sem nunca deixar de ser ficção. A expressão/citação “a world of euphemism” no título do nosso estudo remete, assim, para as diversas representações e caracterizações de Macau apresentadas pelas diversas comunidades que interagem na cidade, nomeadamente a chinesa, a portuguesa e a inglesa. Os sobrecargas recorrem a expressões eufemísticas como “pensioner” para esconder, na contabilidade da E.I.C., as amantes que relegam para o mundo das sombras referido pelo narrador, onde também se desenvolvem os interesses de chineses e europeus, enquanto Cuming e comerciantes como Biddle escondem o seu comércio de ópio. O misterioso e eufemístico mundo da Macau setecentista é, desta forma, revelado ao leitor através dos pontos de vista quer de Martha da Silva, quer de Thomas Kuyck Van Mierop.

O leitor não esquece que se encontra constante e simultaneamente entre quatro mundos agrupados em dois binómios, o pretérito e o presente, este último implícito nos apartes e comentários do narrador, e os espaços ocidental e oriental, materializados nas diversas comunidades de Macau; daí que a ausência de uma interpretação (também) historicista do romance, com toda a riqueza semântica que esta acarreta e o ‘esforço’ interpretativo que exige do leitor informado, empobreça a análise de *CBP*. A focalização das personagens, as elipses e a reapresentação de um mesmo acontecimento através de diferentes pontos de vista enriquecem a natureza ficcional e a estrutura da narrativa e enfatizam o papel do género, do grupo social, da alteridade e dos poderes masculino e feminino na Macau setecentista, categorias que condicionam a relação entre as personagens, bem como o seu espaço de manobra. O leitor apercebe-se gradual-



mente de que a informação que apreende depende do ângulo de visão da personagem que a veicula, sendo essa estratégia também enfatizada pela constelação de discursos presentes no texto polifónico, nomeadamente os registos falado e escrito como, por exemplo, o diário (ficcional) de Thomas e as cartas dos oficiais da E.I.C., modalidades que contribuem quer para a representação da cor local, quer para a sensação de contacto directo com o passado, sem a mediação do narrador. Ao contrário do que acontece com muitos outros romances históricos que ficcionalizam episódios bem documentados e/ou estudados, o autor de *CBP*, no que diz respeito à representação da vida do casal Van Mierop, não tem qualquer versão historiográfica a que recorrer, oferecendo ao leitor uma imagem diferente da realidade histórica, dando essa leitura alternativa lugar a polémicas como a que envolve o padre Manuel Teixeira.

Em função do exposto, parece-nos claro que as duas obras historiográficas de Austin Coates que abordámos na primeira parte facilitam o estudo quer das relações anglo-portuguesas em Macau, quer das representações ficcionais dessas relações e do território na literatura inglesa, nomeadamente no romance histórico e no poema do Autor. O sujeito lírico de «Macao», que transcrevemos e estudámos nas primeira e terceira partes e cujo imaginário remete para os Descobrimentos portugueses e para a duplicidade luso-chinesa da cidade que lhe dá título, descreve uma Macau pitoresca, arquitectonicamente decadente e sonolenta, imagem que se aproxima, como vimos nas primeira, segunda e terceira partes, da de *CBP* e de alguns romances e relatos de viagem anglófonos.

A ficcionalização do passado com base em dados verídicos reflecte a natureza híbrida que confere ao romance histórico algumas das suas especificidades, sendo o tempo e o espaço da acção caracterizados de forma realista a partir dos conhecimentos do Autor acerca da Macau setecentista, actuando a história como fonte de energia dramática<sup>4</sup>, uma das especificidades atribuídas ao subgénero em questão, pois o tempo histórico é predominante no romance. Como verificámos nas segunda, terceira e quarta partes, são inúmeros os dados históricos e etnográficos comprováveis avançados pelo narrador, entre os quais a descrição da ilha da Taipa e do *hopu*<sup>5</sup>, o tráfico de ópio através de Macau e o comércio da cidade<sup>6</sup>, o funcionamento da E.I.C. na China, a estada dos sobrecargos no enclave e os contactos destes com os chineses<sup>7</sup>, o *private*

---

<sup>4</sup> Expressão de Maria de Fátima Marinho, *O Romance Histórico em Portugal*, p. 26.

<sup>5</sup> *CBP*, pp. 2-3.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 29, 126, 133.

<sup>7</sup> *Ibidem*, pp. 46, 49, 81, 90, 105, 155.

*trade*<sup>8</sup>, as relações e os confrontos anglo-portugueses no território, a acção do mandarinato e do governador português, o isolamento da cidade pelas autoridades chinesas como retaliação<sup>9</sup>, a condição feminina, o poder eclesiástico<sup>10</sup> e a actividade da Santa Casa da Misericórdia<sup>11</sup>, entre outros elementos que são incorporados no tecido ficcional de *CBP* e identificados pelo leitor informado como específicos da história da Cidade do Santo Nome de Deus. Já «Macao» descreve um enclave luso e elogia a sua importância e o papel dos Descobrimentos na história da humanidade. Como concluímos ao longo deste estudo, a obra literária de Coates reflecte uma imagem realista do enclave, recorrendo a estereótipos associados, nas literaturas portuguesa e inglesa, ao espaço histórico em questão.

O romancista recorre à ficção para dar voz a Thomas e principalmente a Marta, figuras pouco referidas na historiografia de Macau e cujas vidas e experiência se encontram silenciadas, inserindo uma dimensão histórica na narrativa através da qual o leitor é exposto predominantemente ao discurso não do ‘mestre’ ocidental, mas da vulnerável nativa que se auto-eleva ao nível social e económico do primeiro. Se Harry E. Shaw<sup>12</sup> afirma que *Waverley*, de Sir Walter Scott, não é um *Bildungsroman* porque a sua preocupação dominante é o tempo histórico e não o carácter psicológico da formação do protagonista, a nossa classificação dupla de *CBP* apoia-se no facto de as características e temas de ambos os subgéneros se justaporem e influenciarem mutuamente para representar a *Bildung* de Martha contextualizada pelo momento histórico da acção, sendo curioso que nenhuma das recensões do romance o aborde ou sequer classifique como *Bildungsroman* feminino.

Face ao exposto, passamos a apresentar um resumo da nossa contribuição para a questão tratada. Perante a inexistência de uma biobibliografia de Austin Coates, começámos por estudar a vida e a obra do autor quer em termos gerais, quer especialmente no que diz respeito à sua dimensão anglo-portuguesa, tarefa que nos permitiu estudar os contextos de produção e recepção de *CBP* e «Macao», bem como a relação do escritor com a cidade que dá nome a ambos os textos. Transcrevemos e estudámos o poema inédito «Macao», comparando-o tematicamente a *CBP*, narrativa que aproximámos também do primeiro romance de Coates, *The Road*, e de outros *Cantonese novels*

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, pp. 96-97.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 73, 241-242, 255, 292.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>12</sup> Harry E. Shaw, ‘The Hero as Instrument’ in *The Form of Historical Fiction*, 1985, p. 178.

ingleses e textos literários portugueses em que Macau marca presença. A narrativa de que nos ocupámos e os dois estudos de Coates sobre o enclave são das obras mais referidas e conhecidas por sinólogos portugueses e estudiosos da história de Macau e Hong Kong, tendo a ausência de estudos sobre *CBP* e «Macao» funcionado como centro catalisador deste nosso trabalho.

Na segunda parte passámos em revista o que de mais importante tem sido escrito sobre a presença britânica na China. No entanto, essa bibliografia raramente se ocupa de Macau, reduto considerado mero local de descanso e retiro dos sobrecargas que desenvolvem a sua actividade comercial em Cantão. Face à inexistência de uma história sobre os ingleses no enclave, consultámos um leque variado de documentação portuguesa, inglesa e chinesa que nos permitiu reconstituir as especificidades, o estatuto e a importância dos sobrecargas na cidade, bem como as suas relações com as autoridades portuguesas e chinesas sobretudo no século XVIII, tarefa que nos permitiu analisar de forma aprofundada *CBP* enquanto romance histórico e contextualizar o processo de formação de Martha Merop na Macau setecentista. O estudo da presença britânica no território (1635-1793) permitiu-nos, no final da segunda parte, e com esse contexto histórico em mente, abordar a imagem realista de Macau em *CBP* e na literatura inglesa, do século XVI à actualidade, projecto de investigação que iniciámos no curso da nossa pesquisa e que estará sempre longe de se encontrar terminado.

Ao longo das duas últimas partes revimos a bibliografia dedicada ao romance histórico e ao *Bildungsroman* feminino, reavaliando algumas abordagens dos subgéneros à luz de *CBP*<sup>13</sup>, bem como considerações pontuais de alguns autores sobre a obra<sup>14</sup>. Apesar de inúmeras recensões críticas e breves artigos de divulgação do romance o classificarem como histórico, não existia nenhum estudo académico sobre o mesmo

---

<sup>13</sup> Quanto ao romance histórico enquanto subgénero híbrido (fruto da fusão criativa da ficção e da história), abordámos a relação entre história e literatura, definindo o subgénero como ficcional na sua essência; daí o recurso à teoria do ‘mundo possível’. Durante a análise da obra, recorremos também ao estudo do contexto histórico representado na obra, a Macau setecentista, revelando, assim, o carácter duplo da narrativa de Coates. No que diz respeito ao romance de formação feminino, estudámos a questão da sua classificação a partir do género da protagonista e não da autora, o final feliz que se afasta do desenlace dos primeiros *Bildungsromane* femininos e o contexto exótico em que a formação da personagem principal tem lugar e que introduz no romance temáticas diferentes das que existem em narrativas cuja acção tem lugar no Ocidente.

<sup>14</sup> Nas terceira e quarta partes, recorremos a breves referências a *CBP* em estudos do padre Manuel Teixeira, de Benjamim Videira Pires, Christina Miu Bing Cheng e Patrícia Drumond Borges Ferreira, entre outros, de forma a apresentar o contexto em que o romance foi recebido/estudado até à actualidade.

que pudesse evidenciar o seu valor literário, antropológico e histórico. Em relação ao poema inédito «Macao», não existem, tanto quanto sabemos, estudos sobre o texto, pelo que o transcrevemos e analisámos na primeira parte.

A análise do tempo, do espaço e das figuras históricas que partilham traços biográficos com personagens de *CBP* permitiu-nos analisar quer as especificidades da narrativa enquanto romance histórico, que partilha características com o romance-diário e os romances regional e etnográfico, quer a forma como o narrador representa a formação de Martha num território-fronteira, onde se cruzam os interesses e as expectativas das comunidades portuguesa, chinesa e inglesa, assumindo-se a história da Macau setecentista como estratégia narrativa. Abordámos ainda a recepção e o sucesso da obra em Macau e no mundo anglófono, nomeadamente em Hong Kong e nos Estados Unidos da América, onde ela foi transformada em musical.

Na última parte, e após a análise do tempo e do espaço históricos da acção de *CBP*, partimos da definição de romance de formação tradicional para abordar o texto como *Bildungsroman* feminino, pois o mesmo não havia sido classificado como tal, justificando-se assim que estudássemos o processo formativo de Martha inserido no contexto sociocultural e no espaço simbólico representado na obra através de temáticas como o género e a alteridade, e de conceitos chineses como a ‘face’ e o conservadorismo, estratégias narrativas que o narrador utiliza para veicular a cor local do pitoresco enclave e evidenciar a singularidade da personagem principal, que tem como referente extraliterário uma das maiores benfeitoras de Macau. O estudo das representações desse espaço urbano foi, assim, levado a cabo através da análise dos subgéneros de que nos ocupámos, tendo as especificidades de cada um deles permitido abordar a Cidade do Santo Nome de Deus como *locus* da acção histórica e da *Bildung* da protagonista.

Quanto mais nos aproximamos do final do nosso estudo, maior é a sensação de incompletude, pois entrevemos novas abordagens através de ligações possíveis com outras temáticas ou pesquisas que complementarão um ou outro aspecto de que não nos podemos ocupar de todo ou de forma mais aprofundada. O presente trabalho levou-nos a reconstituir a história da presença inglesa em Macau (1635-1793), encontrando-se esse estudo no prelo. Esperamos continuar a abordar as temáticas tratadas na segunda parte, ao estudar episódios das relações anglo-portuguesas no enclave, bem como o envolvimento de comerciantes norte-americanos no *China trade* durante a primeira metade do século XIX, alargando assim o período histórico em questão.

Um dos eixos de futuras pesquisas suscitados ao longo deste trabalho é a análise aprofundada de *The Road*, o primeiro romance de Coates, e a representação da Hong Kong colonial e da presença britânica no Sul da China no século XX, problemática que

aponta para uma outra questão: o estudo da importância das comunidades portuguesa e macaense durante a fundação de Hong Kong, a partir de 1841.

Uma terceira possibilidade para futuras investigações será a comparação de *CBP* com romances cuja acção tem lugar em Macau, como *Noble House* (1981), de James Clavell, e *A Trança Feiticeira* (1993), de Henrique de Senna Fernandes. Há ainda outros autores ingleses e portugueses cuja obra gostaríamos de vir a estudar no que diz respeito à representação do enclave; por exemplo, João Aguiar (*Os Comedores de Pérolas*, 1992), Gail Tsukiyama (*Night of Many Dreams*, 1998) e Agustina Bessa-Luís (*A Quinta-Essência*, 1999), entre outros. No que diz respeito à poesia inglesa, será de todo o interesse a publicação bilingue e a análise do poema anónimo *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao, In Rhyme, by an Officer in China* (1842), por nós abordado como intertexto de *CBP*.

Referimos ainda a possibilidade do estudo do uso do *C.P.E.* em Macau e Cantão, privilegiando uma abordagem sociolinguística com base na análise da informação fornecida por narrativas de viagem inglesas e norte-americanas dos séculos XVIII-XIX, tarefa que se pode estender à representação das relações sino-britânicas em romances anglófonos<sup>15</sup>. Investigações vindouras poderão debruçar-se sobre as temáticas antropológicas levantadas por *CBP*, nomeadamente as que se relacionam de forma mais específica com a cultura sínica, como as relações familiares, as crenças, e questões linguísticas em torno dos nomes das personagens e de expressões idiomáticas chinesas que, para serem estudadas de forma aprofundada e sem o recurso à tradução de terceiros, exigem o domínio fluente do cantonense.

Um outro tema que continuaremos a aprofundar é a representação (ou representações) de Macau na literatura inglesa, quer em romances, quer em narrativas de viagem, uma vez que o estudo destas últimas fontes tem sido privilegiado no âmbito dos estudos anglo-portugueses. A presente investigação demonstrou, assim, o interesse da obra de Coates para os estudos anglo-portugueses, perspectivando pistas de trabalho e novos caminhos que poderão surgir nessa área científica e ser percorridos por nós ou por terceiros, uma vez que qualquer projecto de pesquisa representa o início de um processo que tem continuidade nos estudos posteriores a que eventualmente dá origem.

---

<sup>15</sup> Na sequência da investigação desenvolvida no âmbito da tese, apresentámos em Junho de 2006 a comunicação «O Desenvolvimento e o Uso do *Chinese Pidgin English* em Macau (Séculos XVIII-XIX)», no Congresso Anual da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, na Universidade de Coimbra.

Esperamos ter deixado entrever a riqueza de possibilidades que se abrem a uma pesquisa neste âmbito, pois *CBP*, embora relativamente ignorado pela crítica académica, é o primeiro *Cantonese novel* em língua inglesa que representa as relações luso-britânicas em Macau e a interacção dos oficiais da E.I.C. não apenas com as autoridades do território, mas também com as mulheres chinesas. O estudo da presença inglesa em Macau permite-nos, assim, contextualizar a representação realista da cidade na literatura anglófona e sobretudo na obra de Coates, na qual o território se assume como um espaço histórico e simbólico da convivência secular de lusos, chineses e ingleses no Oriente, até onde se estende a aliança anglo-portuguesa.


Quanto à representação de Macau na obra de Coates, a ficcionalização da presença dos sobrecargas não em Cantão, mas sim no espaço luso-chinês durante as *trading seasons*, torna o romance inovador, sendo tal tarefa conseguida, como pudemos verificar, através do recurso às estratégias narrativas que aproximam o romance histórico e *Bildungsroman* em questão do romance etnográfico e do romance-diário, comunicando o seu conteúdo com o do poema «Macao» no que diz respeito à esfera portuguesa do território. A Macau representada por Austin Coates enquanto cidade de eufemismos é, portanto, um legado histórico caleidoscópico repleto de promessas por cumprir e leituras por desvendar.

## **ANEXOS**





## ANEXO n.º 1

Particulars of husband/wife		Full Name (if dead state so)		Address (if dead state last address)	
Particulars of father (If Chinese, full name should also be given in Chinese characters)		Eric Coates, deceased.		2 Mansfield Street, London, W. 1.	
Details of membership of any Clubs, Associations or Societies		Occupation/profession		Place of birth	
None.		Composer.		Hitchball.	
Character referees, Name two persons, their address, occupation and the period each has known you.		Name		Name	
To, Desmond Naill,		Dr. James Cook			
Address		Address		Address	
P.O. Box 853, Singapore		Glenagles Hospital, Singapore			
Occupation		Years Known		Occupation	
Company Secretary		13		Surgeon	
Name and address of a College, Tutor/Director of Studies/Professor to whom reference may be made		Dr. J. S. Cummins,			
Professor of Special History and Literature, University College, London					
Please answer the following questions by inserting "Yes" or "No" in the boxes in the right hand margin. If "Yes", give details on a separate sheet of paper.					
Have you been, or are you, suffering from any physical impairment or disease?				No.	
Have you ever been convicted in a Court of Law in any Country?				No.	
Have you ever been discharged or dismissed from the service of any Government of the States of Malaysia or of the Federal Government or of any Statutory Board in Singapore?				No.	
Have you ever resigned the service of any Government of the States of Malaysia or of the Federal Government or of any Statutory Board in Singapore?				No.	
I declare that the particulars in this application *and the sheets attached hereto, are true to the best of my knowledge and belief, and that I have not wilfully suppressed any material fact.					
		Postal address (in block letters)		Signature	
		7 PEIRCE DRIVE, SINGAPORE, 10.		Austin Coates	
Tel./No. (if any)		Date		Name in BLOCKS	
642074		23. 7. 65.		AUSTIN COATES	
(Note: If you are appointed as a result of this application arrangements will be made for you to complete the following statutory declaration)					
STATUTORY DECLARATION					
I, <u>Austin Coates</u> of <u>Singapore</u>					
do hereby solemnly and sincerely declare that the above statements *and those on the sheets					



AUSTIN COATES, born 1922, London, England.

Son of Eric Coates, composer, Fellow of the Royal Academy of Music.

Educ.: Stowe; privately in Paris; Royal Academy of Dramatic Art.

Royal Air Force, 1942-7:

commissioned Intelligence, 1944;  
served in India, Burma, Singapore (1945-6), Indonesia;  
demobilized Flight Lieutenant, 1947.

Colonial Administrative Service, Hong Kong, 1949-56:

Asst. Secretary, Secretariat, 1949-52;  
District Officer and Magistrate, New Territories, 1953-5;  
Asst. Secretary, Secretariat, 1955-6.

Chinese Affairs Officer and Magistrate, Sarawak, 1957-9:

concurrently (1957-8) District Officer, Kuching, and Chairman,  
Kuching Rural District Council;  
(1958-9) Secretary to Sir Anthony Abell, Governor  
of Sarawak.

Senior Information Officer, British High Commission, Kuala Lumpur  
and Penang, 1959-62.

Free-lance travel writer, resident in London since August 1962.

Books include:

INVITATION TO AN EASTERN FEAST, Hutchinson, London, and Harper,  
New York, 1953.

PERSONAL AND ORIENTAL? London and New York, 1957.

THE ROAD (novel), London and New York, 1959.

THE PORTUGUESE PRESENCE IN AFRICA (1965), a survey of Angola  
and Mozambique commissioned by the Anglo-American  
Corporation of South Africa Ltd.

Appearing shortly:

BASUTOLAND, H.M.S.O. London, commissioned by the Colonial Office  
London.

PRELUDE TO HONGKONG, Routledge and Kegan Paul, London.

Scheduled in 1966 to undertake a 3-month lecture tour of the United  
States on the subject of Malaysia, under the auspices of the  
English-Speaking Union of the Commonwealth.

In 1948-9 did a special course in the principal media of advertising  
at Messrs. Samson Clark Ltd. London, then Britain's largest  
advertising agency. Throughout government service has been  
closely connected with government publicity. Member of Hong  
Kong Govt. Publicity C'ttee from 1949 onwards; responsible for  
all HK Govt. publications, 1949-52 and 1955-6; has advised on  
(and on occasion devised and executed) publicity campaigns in  
various languages.

## ANEXO n.º 2

**Curriculum de Austin Coates dactilografado pelo próprio  
(do espólio do autor)**

International Congress on Rizal, held in the centenary year 1961. On this occasion he resolved to undertake a full-length biography, and three years later the outline of it was written in London. He then decided he must live in Asia, and early in 1966 returned to Hongkong to live as a private citizen. Hongkong was to be his home for the next 27 years.

At this point he accepted a commission from the British Government to write a book on the islands of the Western Pacific, and was absent for five months of travel. After this Rizal, Philippine Nationalist and Martyr was completed, published by Oxford University Press in 1968.

Western Pacific Islands led to further extensive travel and to the book Islands of the South, dealing with Pacific pre-history and Pacific influences on East Asia (London and New York 1974).

With this Austin Coates felt he had said what he wanted to say as a writer, and began making arrangements to live in Europe and in his preferred country, Portugal, about whose people and works in Asia and Africa he had written a good deal. Ten days after a visit to Lisbon a revolution convulsed Portugal, and a writing commission from a personal friend begged him to come back to Hongkong.

He went back, and a succession of writing commissions kept him there for another 19 years, writing on a great range of subjects and travelling widely. He finally moved to Portugal in 1993, living near Lisbon in the district of Cintra.

He is a Fellow of the Royal Asiatic Society, London, and a Knight Grand Officer of the Order of Rizal, Philippines.

## ANEXO n.º 3

**Panfleto publicitário da editora Frederick Muller  
quando da primeira edição de *CBP* (1967)**

**FREDERICK MULLER LTD.**

announce the forthcoming publication  
of a new novel

by

**AUSTIN COATES**

**CITY OF BROKEN PROMISES**

Chinese by birth, abandoned on the steps of a Macao church when a few days old, Martha Merop was sold into prostitution at the age of thirteen. Illiterate, born with nothing, and by the rigid conventions of the times obliged to remain perpetually immured in the house of her owner, not even permitted to come near an open window, lest she be seen—by decent people she was supposed not to exist,—she became the richest woman on the China coast, and Macao's greatest public benefactress.

How she did so is narrated in this fascinating and absorbing account, in which the author reconstructs, from oral traditions and from an exceptional knowledge of China coast history, the crucial years in Martha's life, from 1780 to 1795, during which she was owned by an East India Company officer who was a cousin of Jeremy Bentham, and the son of the first Chairman of Lloyd's.

'I have written it as a novel,' the author states, 'because, even when a millionairess, Martha remained illiterate, and none of her Macao associates were the kind of people who kept diaries or wrote interesting letters. The material for a proper biography does not exist. The book comes as close as can be to authentic history. Nearly all the characters, down to the boy Ignatius, are people who actually lived. I have tried to present as faithful a portrayal as possible of the life and times of a remarkable woman, whose success story must surely rank among the strangest in any part of the world, at any time.'

320 pages 25/-

*Expected date of publication: October 1967*

## ANEXO n.º 4

## Carta de J. M. Braga para Austin Coates (24-05-1951)

J. M. BRAGA  
8 DE V. ROAD CENTRAL  
FLOOR  
TELE. AMS: "AGARB"  
TELEPHONE: 37592

P. O. BOX 951

Hong Kong 24th May, 1951

Dear Austin,

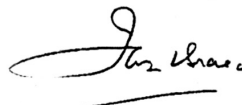
I am sending you some notes, of a very tentative nature, on the lines of what I should like you to talk at a joint session of the Sino-British Club and the Portuguese Institute.

The notes are no more than preliminary observations and I should like to have an opportunity of meeting you, over a "cup" of tea at my house, to talk over the possibilities, if you agree. It could be dinner, if you have no objection.

Kindly set a date convenient to your goodself.

With all good wishes and best regards. .

Yours sincerely,



An account of life  
in a City of Portuguese Asia  
as experienced by men and women  
from the British Isles  
who from 1600 onwards  
were either  
~~have been either~~ residents or in  
or ---

An account of life in the  
Portuguese city of Macao in Asia  
as experienced by men and women  
from the British Isles  
who from 1600 onwards  
~~have been residents or visitors.~~  
~~have visited it or resided there.~~  
have been there as visitors or residents.

An informal account  
of the  
British connexion  
with the  
Portuguese city of Macao in Asia  
1600-1750.

## ANEXO n.º 5

Original do poema «Macao» (1950), dactilografado e assinado por Austin Coates.  
Biblioteca Nacional da Austrália, Camberra. *Jack M. Braga Papers*, cota: MS 4331

M A C A O

Here is the end of all men's journeyings,  
The charted limit of their venture, where the springs  
Of enterprise are mudded in the flow  
Of calm fulfilment, and where lie enmeshed below  
Weed-plaited prows round which the races swirled  
That once bore witness to a Lusitanian world.

Here life has let its proudest fortress pass  
To weather-humbled mounds of castellated grass  
Where sentinel blue moths assail the wind  
On ramparts legioned by the light-leaved tamarind,  
And nostrils of old cannon nerve the air  
To seaward, and the foe who will no more appear.

Here Latin arches grace a Chinese court,  
And on Renaissance tiles Confucius' laws are taught;  
Each transept where a Roman censor swings  
Is acrid-scented with ancestral offerings,  
Within, the hand-blown diapason swells:  
Outside, a choir of crackers, clogs and pewter bells.

Here lies the catafalque of a crusade  
Whose cross and stone oblivion's evergreen will shade,  
Yet which, as shadows draw penultimate,  
Extends its shape and, merging into night, grows great,  
As in their death the poorest richly lie,  
Calm on their lips the rumour of eternity.

*Austin Coates.*

This Week, Manila.  
April 1950.







**Sumário do documento: 15 de Outubro de 1795: *Testamento de Thomas Kuyck Van Mierop, membro da Companhia das Índias Orientais, residente em Cantão***

**Localização:** The Family Records Centre/Public Record Office (Londres)

**Cota:** PROB11/1267, fls. 56-59, com a indicação “*pts*” (morreu no estrangeiro) no índice de testamentos [PROB 12/169 (K-Z), f. 200]

**Data do traslado:** 15 de Outubro de 1795.

**Local do traslado:** Prerogative Court of Canterbury («Calendar of P. C. C. Registered Copy Wills»).

### Normas Gerais de Transcrição do Treslado do Testamento <sup>1</sup>

Respeitou-se a ortografia do texto original com as seguintes alterações:

- a) Desdobraram-se as abreviaturas;
- b) Omitem-se as palavras repetidas e riscadas, mas indicam-se em nota de rodapé;
- c) Quando há omissão de uma ou mais letras/palavras, estas são inseridas no texto entre parêntesis rectos;
- d) Os aditamentos feitos nas entrelinhas transcrevem-se no lugar próprio do texto entre parêntesis angulosos;
- e) Os erros no original são assinalados da forma habitual [*sic.*];
- f) Os termos ou as expressões ilegíveis nos aditamentos são indicados através de reticências entre parêntesis angulosos <...>;
- g) A escassez de pontuação levou-nos a fazer algumas alterações, nomeadamente a inserção de pontos finais, conservando sempre que possível a pontuação original.

---

<sup>1</sup> Ao transcrever o documento, seguimos Padre Avelino de Jesus da Costa, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 1993. Agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Mafalda Moura Pereira (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra) o apoio concedido quando da transcrição do testamento.

## DOCUMENTO

....., ..... , fls. 56 a 59.

[fl. 56] In the name of God amen. I Thomas Kuyck van Mierop supra cargo in the honorable East India Company's service now residing at Canton being sick in body but of sound mind memory and understanding praised be God for the same do make this my last will and testament in manner and form following. I give devise and bequeath unto my beloved wife Martha da Silva, native of the city of Macao in China and there residing, ten thousand pounds sterling lawful money of Great Britain. I do also give devise and bequeath unto the aforesaid Martha da Silva the dwelling house in Hospital Street Macao where she now resides together with all furniture there to belonging but the aforementioned bequeathing of ten thousand pounds sterling is only to be paid her with the following proviso that is in case she does not attach her self in marriage with any portugueze that is to say native of Portugal of any portugueze born either on this or on the other side of the cape of good hope, or natives of portugueze India settlements called Mintices<sup>2</sup> Canarius<sup>3</sup> et cœtera but to people of any other country I heartily give my consent she may marry and thereby become the proprieter of the above sum her being a widow also doth entitle her to the aforementioned and farther I do declare that it the aforesaid Martha da Silva persists no longer in her wish and determination to reside all her life at Macao but will consent to live in England or any european country I bequeath the sum of three thousand pounds sterling more to her which sum is at this period employed in the public funds of three per cent annuities in default of the aforementioned compliance of Martha da Silva to marry agreeable to my wishes she is only to have half that sum which being five thousand pounds sterling she may possess and do as she pleases with and in this case of her marrying a portugueze and opposing my wishes she is not to possess the above mentioned sum of three thousand pounds sterling. I give devise and bequeath unto my eldest sister [fl. 56v] Martha Kuyck van Mierop the<sup>4</sup> sum of four thousand pounds sterling lawful money of Great Britain and in case of her death to devolve upon her sister Cornelia Mierop.<sup>5</sup> I give devise and bequeath unto my youngest sister Cornelia Kuyck <van> Mierop the sum of four thousand pounds sterling lawful money of Great Britain

---

<sup>2</sup> Este adjectivo é adulterado do latim tardio *mīxtīciū*.

<sup>3</sup> Designação que encontra o seu significado no termo *canarim* (indivíduo natural da Índia Portuguesa, como afirmámos no subcapítulo 3.1.2.1 da terceira parte).

<sup>4</sup> Repete *the*.

<sup>5</sup> Casa, em Janeiro de 1795, com o reverendo George Owen Cambridge, na Igreja de St. Mary-Le-Bone (cf. *Sun*, n. 717, 14-01-1795, p. 4). O testamento de Thomas e os bens dele recebidos pelos seus familiares, bem como os testamentos das suas irmãs e mãe, são referidos em Francis Vesey e J. C. Perkins, *Reports of Cases Argued and Determined in the High Court of Chancery, from the Year MDCCLXXXIX to MDCCCXVII*, 1844, secções vol. 8, 12-26.

and in case of her death to devolve upon her sister Martha Kuyck van Mierop. I give devise and bequeath unto my cousin Thomas Bentham one thousand pounds sterling lawful money of Great Britain and in case of his death to devolve upon his sister Elizabeth Bentham. I give devise and bequeath unto my cousin Elizabeth Bentham one thousand pounds sterling lawful money [*sic.*] of Great Britain and in case of her death to devolve upon her brother Thomas Bentham. I give devise and bequeath unto Thomas Bates Rous Esquire for his kindness in acting for me in my affairs of the Honorable Company, after he shall have liquidated all my accounts with the Company and paid to the aforementioned <persons mentioned> in this my will and testament the sums bequeathed them I sayd bequeath to him one thousand pounds sterling lawful money of Great Britain. I devise and bequeath unto Thomas Bates Rous Esquire the sum of five hundred pounds sterling lawfull [*sic.*] money of Great Britain to be disposed of to five poor distressed families he shall in the course of his life find agreeable to his own proper judgment objects meriting such charitable relief one hundred pounds sterling to be given to each, that is to be placed in some secure fund or employment for them so that each family become possessed of one hundred pounds principal this money on the death of either father or mother of a family to devolve on their children and on the devise of perhaps father, mother and child or father and child or mother and child or the children remaining who have lost their father and mother to continue employed [*sic.*]<sup>6</sup> as Thomas Bates Rous Esquire shall think fit in charitable reliefs. I give devise and bequeath unto Thomas Bates Rous Esquire five hundred pounds sterling lawful money of Great Britain for the purpose of defraying all necessary funeral expences et cœtera three hundred pounds sterling of which sum to be employed herein and the other two hundred pounds sterling to discharge expences of mourning and mourning rings for Thomas Bates Rous Esquire and his wife Amelia Rous, George Rous Esquire and his wife, Mr. Petre and his wife Mrs. van Mierop, Miss Martha Mierop and Miss [fl. 57] Cornelia Mierop, Mr. Thomas Bentham and Miss Elizabeth Bentham such rings should he purchased as are elegant and rather costly that is much superior to common mourning rings. I give devise and bequeath unto my servant who ever he may be on my decease one hundred pounds sterling lawful money of Great Britain and twenty pounds to buy mourning et cœtera. I give devise and bequeath all my books, all furniture, plate watch, et cœtera, ring and wearing apparel, prints, wines and any musical instruments or other curious articles to my beloved wife Martha da Silva whether she conforms to my wishes in matrimonial concerns or not, also my gold snuff box to Martha da Silva. The rest of my fortune whatever it may be I give devise and bequeath unto Martha da Silva my beloved wife with the provisos aforementioned that she does not marry any portugeuze and I do thereby nominate constitute and appoint Mrs. van Mierop of Twickenham in the Country of Middlesex widow to be my sole executrix of this my last will and testament. In witness wherest I have here unto set my hand and seal this fifteenth day of January in the year of our Lord one thousand

---

<sup>6</sup> *Leia-se employed.*

seven hundred and ninety five. Signed, sealed in the presence of us who at Thomas Kuyck van Mierop's request and in his presence we have subscribed our names there to.

Witnesses. 15<sup>th</sup>. October 1795.

Appeared personally Thomas Bates Rous of Moor Park in Country of Hertford Esquire and made oath that he was the lawful attorney and had the sole management of the estate and affairs in England of Thomas Kuyck van Mierop late of Canton in the East Indies, but on board the East India merchant ship the Taunton Castle on his passage to Great Britain deceased who died as this deponent hath been informed and believes in about the twenty second day of the month of February last past and this<sup>7</sup> deponent further made oath that on the arrival of the trunks and other effects belonging to the said deceased at the East India House from on board the said ship this deponent in the month of September last <past> at the request of Martha <Kuyck> van Mierop the mother of the said deceased and his sole executrix attended at the East India House in order to look over the said deceased papers to see if he had left any will that this deponent on opening a trunk in which was contained a variety of books and papers of moment and concern belonging to the said deceased found the paper writing here unto annexed containing a copy of the last will and testament of the said deceased and bearing date the [fl. 57v] fifteenth day of the month of January last past and this deponent further made oath that on reading a book containing various accounts and copies of letters entered there in by the said deceased the whole whereof are of the the hand writing of the said deceased <this .....a copy of a letter written by the said deceased> to a Mr. Turnley his attorney at Canton but without a date in which letter is the following extract: "I wish to address you without ceremony in form of a letter to communicate freely every thing I am desirous your kindness I am persuaded will not deem a trouble but execute for me in my absence first then I beg or upon to take charge of my will and in case of any accident to me or the ship to have it opened [*sic.*] and two attested copies taken there of transmitting the same by different ships to my attorney Thomas Bates Rous Esquire Moor Park Hertfordshire thereby meaning him this deponent <and the deponent> on reading a book intituled a diary kept by the said deceased and also in his hand writing he found the following entry there in bearing date the 23.<sup>d</sup> day of <the> month of January last past to wit. Left Turnley as my agent in all concerns and also with bond of palms and another bond of mine against scilicet meaning Shykingua and with my will a copy of which I have kept and this deponent further made oath that he know and was well acquainted with the said deceased manner and character of hand writing having seen him write and also write and subscribe his name prior to his leaving Great Britain and since which time the deponent hath been in the habit of constantly keeping up a correspondence with him and that having now with care and attention viewed and perused the annexed paper writing beginning this: "In the name of God amen.

---

<sup>7</sup> Riscoe *this*.

I Thomas Kuyck van Mierop supra cargo in the honorable East India Company's service now residing at Canton being sick in body but of sound mind memory and understanding praised be God for the same do make this my last will and testament in manner and form following" and ending this "In witness whereof I have here unto set my [hand]<sup>8</sup> and seal this fifteenth day of January in the year of our Lord one thousand seven hundred and ninety five" and<sup>9</sup> the following interlineations there in to wit the words "called Mustices Canarias [*sic.*]<sup>10</sup> et cœtera", interlined between the sixteenth and seventeenth lines of the first side of the said will also the words "her being a widow also doth entitle her to the aforementioned", interlined between the eighteenth and nineteenth lines of the said side also the words "Martha Kuyck van Mierop", interlined between the eighth and nin[e]th lines of<sup>11</sup> the second side of the said will reckoning as aforesaid also the word "remaining", interlined between [fl. 58] the eighteenth and nineteenth lines of the third side of the said will reckoning as aforesaid also the words "of which sum", interlined over the first line of the fourth side of the said will also the words "such rings should be purchased as are elegant and rather costly that is much superior to common mourning rings", interlined between the eighth and nin[e]th lines of the said side and also the words "beloved wife Martha da Silva whether she conforms to my wishes in matrimonial concerns or not also my gold snuff box to Martha da Silva", interlined and written in part over an obliteration between the twenty fifth, twenty sixth and twenty <seventh> lines of the said side this deponent doth verily and in his conscience believe the said recited beginning and ending of the said annexed paper writing and the interlineations there in and the whole body series and contents thereof to be all of the proper hand writing and to have been wholly written and interlined by the said Thomas Kuyck van Mierop deceased last by this deponent made oath that it will be many months before the said original will of the said deceased or an authentick copy thereof can be obtained and that it is materially necessary for the benefit and preservation of the estate of the said deceased that a representative should be immediately appointed this deponent having accepted bills drawn by the said deceased to the amount of one thousand eight hundred pounds sterling which will become due in the months of December and January next ensuing and must then be paid together with sundry other sums due from the said deceased and <...> this deponent was to have received from the honorable the East India Company the sum of between four and five thousand pounds due from the said Company to the said deceased. Thomas Bates Rous. The day aforesaid the said Thomas Bates Rous Esquire was duly sworn to the truth of the within written affidavit before me. John Fisher surrogate present Nath.<sup>e</sup> Hostling notary public.

15<sup>th</sup> October 1795

---

<sup>8</sup> Incluiu-se a palavra *hand* existente noutra parte do testamento (cf. fl. 57).

<sup>9</sup> Riscou *having*.

<sup>10</sup> Ver notas 1 e 2.

<sup>11</sup> Riscou *of*.

Appeared personally John Wilkinson of Fenchurch Street London wine merchant and John Crosthwaite of the same place wine merchant and made oath that they have transacted business as wine merchants with Thomas Kuyck van Mierop late of Canton in the East Indies but on board the East India merchant ship the Taunton Castle on his passage to Great Britain deceased for ten years and upwards before and to the tune of his death which happened as they have been informed and beleive [*sic.*] in the month of February last past and these deponents further made oath that during the aforesaid period [fl. 58v] they have been constantly in the habit of receiving letters written and signed by the said deceased whereby they are become well acquainted with his manner and character of hand writing and of writing and subscribing his name and having now with care and attention viewed and perused the paper writings here unto annexed being or purporting to be and contain a copy of the last will and testament of the said deceased the said paper writings beginning thus: “In the name of God amen. I Thomas Kuyck <van> Mierop supra cargo <in> the honorable East India Company’s service now residing at Canton being sick in body but of sound mind memory and understanding praised be God for the same do make this my last will and testament in manner and form following” and ending thus “In witnesses whereof I have here unto set my hand and seal this fifteenth day of January in the year of our Lord one thousand seven hundred and ninety five”, and having the following interlineations there in to wit the words called “Mustices Canarios [*sic.*]<sup>12</sup> et cœtera”, interlined between the sixteenth and seventeenth lines of the first side of the said will also the words “her being a widow also doth entitle her to the aforementioned”, interlined between the eighteenth and nineteenth lines of the said side also the words “Martha Kuyck van Mierop”, interlined between the eighth and nin[e]th lines of the second side of the said will reckoning as aforesaid also the word “remaining”, interlined between the eighteenth and nineteenth lines of the third side of the said will reckoning as aforesaid also the words “of which sum”, interlined over the first line of the fourth side of the said will also the words “such rings should be purchased as are elegant and rather costly that is much superior to common mourning rings”, interlined between the eighth and nin[e]th lines of the said side and also the words “beloved wife Martha da Silva whether she conforms to my wishes in matrimonial concerns or not also my gold snuff box to Martha da Silva”, interlined and written in part over an obliteration between the twenty fifth, twenty sixth and twenty seventh lines of the said side these deponents do verily and in their consciences believe the said recited beginning and ending of the said annexed paper writings and the interlineations therein and the whole body series and contents there of to be all of the proper hand writing and to have been wholly written and interlined by the said Thomas Kuyck van Mierop deceased. John Wilkinson. John Crosthwaite. The day aforesaid <John Wilkinson and> the said John Crosthwaite were duly sworn to the truth of the [fl. 59] within written affidavit before me. John Fisher surrogate present Nath.<sup>e</sup> Hostling notary public.

---

<sup>12</sup> Ver notas 1 e 2.

This will was proved at London the twenty first day of October in the year of our Lord one thousand seven hundred and ninety five before the worshipful John Fisher doctor of laws and surrogate of the right honorable <sup>13</sup> Sir William Wynne Knight doctor of laws master keeper or commissary of the prerogative court of Canterbury lawfully constituted by the oath of Martha Kuyck van Mierop widow the mother <of the deceased> and the executrix named in the said will to whom admonish was granted of all and singular the goods chattels and credits of the said deceased limited untill the original last will and testament of the deceased or a more authentic copy there of shall be brought into and left in the registry of the prerogative court of Canterbury but no further or otherwise having been first sworn duly to administer.

On the 27.<sup>th</sup> day of November 1800 admonish with a copy of the will annexed of the goods chattels and credits of Thomas Kuyck van Mierop late of Canton in the East Indies but on board the East India merchant ship Taunton Castle on his passage to Great Britain deceased left and administred by Martha Kuyck van Mierop widow deceased whilst living the mother and sole executrix named in the said will was granted to Cornelia Cambridge wife of the Reverend George Owen Cambridge clerk here to fore Kuyck van Mierop the sister and a legatee named in the said will limited until the original will of the said deceased or a more authentic copy thereof shall be brought into and left in the registry of the prerogative court of Canterbury but no further or other wise having been first sworn only to administer Martha da Silva widow the relict of the said deceased and the residuary legatee named in the said will having been first duly cited and intimated to accept or refuse the letters of administration with the copy of the said will annexed of the goods of the said deceased, but she in no wise appeared as by acts of court appear.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Riscou *right house able*.

<sup>14</sup> Este texto foi redigido posteriormente na margem superior direita do fólio.

## ANEXO n.º 7

**Testamento de Marta da Silva Van Mierop<sup>15</sup>**

“*Cópia* – Registo de Testamento de Martha da Silva Merop – Mil oitocentos vinte e oito. Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, Tres Pessoas, e Um só Deus Verdadeiro, em quem firmemente creio por ser christã, e Catholica Romana, saibam quantos este testamento virem que no anno de mil oitocentos vinte e oito em três de Março, Eu Martha da Silva Merop, viuva de Thomaz Merop, moradora n’esta cidade de Macau, estando em perfeito juizo, e temendo a morte repentina, e achando-me agora molesta, e desejando por isso deixar a minha alma, que Deus me deu, em estado da salvação, e por ignorar o instante, que o mesmo Senhor será servido levar a minha alma para si, ordeno este presente Testamento, e esta minha última vontade, da maneira seguinte: primeiramente, encomendo a minha alma ao Padre Eterno, remida com o preciosissimo Sangue do seu Unigenito Filho Jesus Christo Nosso Senhor meo Salvador, e invoco a Maria Santissima por minha Advogada, aos Anjos da minha guarda, e Santo da minha devoção, e a todos os mais Anjos e Santos da Corte Cellestial, que intercedão por mim a Deus. Declaro que sou moradora e natural d’esta Cidade do Santo Nome de Deus na China filha de Pae e Mai gentios. Item declaro que fui casada com Thomas Merop ora defundo in facie Ecclesiae segundo manda a Santa Igreja. Item declaro que deste Matrimonio não tive filho algum. Item declaro que não tenho herdeiros descendentes nem ascendentes. Item declaro que deixo por ora para bem da minha alma e suffragio d’ella mil patacas para mil missas de pataca cada uma.

Tres officios solemnnes, no dia de obito, septimo dia e trigesimo dia, e para mais gastos de enterro 400 quatrocentas patacas. Item deixo mil patacas pobres recolhidas, meia pataca a cada uma d’ellas.

Item deixo quatrocentas para pobres de porta.

Item declaro que tenho no Senado desta Cidade seis mil patacas a ganhos de dez por cento por sete anos, e depois de sete annos a sete por cento, deixo mais tres mil patacas para ajuntar aquellas seis mil no Senado para todos os seus ganhos serem entregues ao Reverendo Padre Cura da Sé para elle e mais dois Sacerdotes que elle escolher fazerem as festas seguintes:

De Nossa Senhora da Vida, setenta patacas.

De Santa Martha e Santa Anna, cento e cincoenta patacas.

De Senhor Jesus, trinta e cinco patacas.

De Nossa Senhora da Saude em Sam Domingos, vinte e cinco patacas.

---

<sup>15</sup> Transcrição do testamento por Padre Manuel Teixeira, «Marta Merop», *O Clarim*, 24-03-1968, p. 5.



De tres dias de quarenta horas, cento e cinquenta patacas. Todas estas festas devem ser feitas todos os annos, assim como eu tenho feito todos os annos, dos ditos ganhos do Senado, e a quantia que restar se distribuirá em Missas de meia pataca para minha alma e para alma do meo marido Thomaz de Merop; declaro mais, as cento e cincoenta patacas da festa de quarenta horas também são para as festas do Espirito Santo e Santissima Trindade.

Item deixo mais para a Santa Casa da Misericordia vinte mil patacas, com obrigação da dita Santa Casa fazer todos os annos um officio solemne para minha alma dos seus ganhos e o restante para orfaons e viuvas.

Item deixo para Mosteiro de Santa Clara cinco mil patacas.

Item deixo para o Convento de Sam Francisco cinco mil patacas.

Item deixo para as minhas afilhadas Antonia Marcellina mil patacas. Anna Catharina de Castro duzentas patacas. Aguida Eulalia de Espirito Santo trezentas patacas. Antonia Candida da Cruz duzentas patacas. Anna Maria Fernandes duzentas patacas. Barbara Angelica da Costa trezentas patacas. Victoria Ignacia de Portaria duzentas patacas. Antonia Maria Magalhaens quatrocentas patacas. Efigenia Rita de Mesquitta quatrocentas patacas. Constancia, filha de Paulo Bello, cem patacas. Mariana Francisco Xavier quinhentas patacas.

Item deixo para minha orfã Maria dos Remedios duas mil patacas para serem postas no Cabido, e os seus ganhos para ella e depois da sua morte para os seus suffragios.

Item deixo para todas as minhas escravas duzentas patacas a cada uma dellas, e aos meus escravos cem patacas a cada um, toda esta quantia será também posta no Cabido e os seus ganhos para os ditos escravos e escravos nas suas vidas e na morte delles para os seus suffragios.

Item declaro que dou liberdade para todos os meus captivos e captivas.

Item declaro digo deixo vinte mil patacas para as meninas que forem educadas na recolhida para os seus sustentos e dotes, que será de duzentas patacas a cada uma que casar.

Item declaro por minha herdeira universal de todos os meus bens, que restarem tanto em dinheiro como em fatos e casas a Luzia da Silva que era minha escrava mas agora livre em tudo e por tudo.

Item declaro que he da minha última vontade que Luzia da Silva, mais escravos e escravas agora livres fiquem na companhia de Anna Filipa Madornado. E aqui dou fim a este meu testamento e se nelle faltar alguma clauzura ou clauzuras de Direito para a sua inteira vallidade, as hei todas aqui propostas, expressas e declaradas, e peço a Justiça de S. Magestade Fidelissima, que em caso da minha morte o faça cumprir, e guardar, por ser esta a minha última vontade. Peço a Carlos José Pereira, José Gomes Brandão e Raimundo Nicolao Vieira queirão ser meus testamenteiros, todos com eguaes poderes. Macau era ut supra.

Declaro que, como não posso assignar roguei a Antonio de Sena que da minha parte assignasse.

Por mandado da testadora por ella não saber assinar – (a) Antonio de Sena.

## ANEXO n.º 8

**Quadro-síntese das inexactidões históricas identificadas e corrigidas  
pelo Padre Manuel Teixeira em *CBP***

Ao longo dos três artigos em que tornou pública a sua opinião de *CBP*<sup>16</sup>, o padre Manuel Teixeira cita excertos do romance por si traduzidos para português, tendo nós optado por citar na tabela seguinte o romance na língua original. Adicionámos ao quadro, em itálico, outros excertos da obra para os quais as “correções” históricas e os juízos de valor do padre Manuel Teixeira remetem (in)directamente e que não se encontram citados nos artigos do jornal *O Clarim*. As omissões nos excertos do romance são da nossa autoria. Este mesmo quadro tem também como objectivo apresentar os principais momentos/episódios relativos à história de Macau presentes no romance.

Excertos de <i>City of Broken Promises</i>	Respectiva correcção de Padre Manuel Teixeira (síntese)
“The Portuguese population of Macao at this time was about 3, 000, nearly all of them of mixed race, born and bred in Macao. Only the Governor and a few senior officials were Portuguese from Portugal. To minister to the spiritual needs of this small community were some 90 priests” ( <i>CBP</i> , p. 8);	“É falso: em 8 de Agosto de 1777, o bispo-governador de Macau D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães informava: – «Os chinas [...] são perto de 22 000, e todos os cristãos [...] não chegarão a 6000. Quanto aos padres também é falso que fossem 90 [...] haveria cerca dum terço do número apresentado por Coates”.
“Fourteen years earlier-the records of [...] the Santa Casa da Misericórdia, suggest it must have been on or about the 12 <sup>th</sup> of January 1766 – the Reverend Mother Clemencia, Abbess of the Convent of Santa Clara, was returning home [...], she noticed a bundle of rags [...]. Though the Convent looked after a certain number of orphans, Mother Clemencia’s main concern in Macao was prostitution, a matter in which [...] a succession of Governors and Bishops [...] had failed to take any interest, due, she suspected, to	“Aqui os dislates são como cerejas em canastra. 1 – Fala de Registos da Sta. Casa, que não existem e inventa a data de 12 de Janeiro de 1766. [...] Os [registos] da Sé, onde Marta deveria ter sido baptizada, vão apenas até 1815; portanto, não se pode conhecer a sua idade nem o dia do seu baptismo. 2 – Pôr a abadessa a passear pelas ruas da cidade com uma criada é ignorar as regras elementares duma ordem contemplativa como era a das Clarissas [...]. Depois, pôr a mesma madre a tomar uma refeição de chocolate no seu quarto [...p. 56] é revelar

(continua)

<sup>16</sup> Padre Manuel Teixeira, «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, pp. 5-6; *idem, ibidem*, n.º 88, 21-03-1968, pp. 4-6; *idem, ibidem*, n.º 89, 24-03-1968, pp. 5-6.

(continuação)

<p>their belief that the large number of entertainers, as they were politely called, was one of the factors attracting foreigners-and with them money [...]" (CBP, pp. 53);</p> <p>"[...] <i>Sister Grace was secretly putting money aside from what the Abbess gave her to spend on food for the Convent inmates, in order to provide a dowry for a niece [...]"</i> (p. 56);</p>	<p>supina ignorância da regra. 3 – Não podendo sair do Convento, também não podia ter achado o bebé à porta de S. Domingo. Tudo pura fantasia. 4 – Afirmar que o Convento educava órfãs é dar um pontapé na história e outro nas regras da Ordem. As Clarissas nunca educaram órfãos em Macau<sup>17</sup>. [...] Portanto, todos os episódios da infância de Marta nesse convento são pura invenção, que se transforma em calúnia ao dizer que a <i>Sister Grace</i>, encarregada das órfãs, roubava dinheiro [...] a fim de arranjar um dote para o casamento duma sua sobrinha. Ora isto é grave. Coates é primeiro a atirar pedradas a um Convento, que nos dois séculos da sua existência (1634-1835), só mereceu louvores, até do poeta Bocage<sup>18</sup>, que censurou tudo o resto em Macau. 5 – Dizer que os bispos nada faziam contra as prostitutas, porque estas atraíam os estrangeiros a Macau [...] é outra vil calúnia, pois deu-se precisamente o contrário [...]. 6 – Coates depois de inventar o episódio de que Martha atirou uma faca à cara da <i>Sister Grace</i> [...]</p>
<p>"<i>There remained the French [...] Monsieur Auvray, on leaving France, must already have been married.</i>" (p. 57);</p> <p>"<i>The Ridge was a maze of narrow cobbled streets, with [...] calçadas [...]"</i> (p. 65);</p>	<p>diz que a abadessa a foi entregar a um francês Auvray, que vivia na Rua da Penha amancebado com a macaísta Teresa da Silva. Mais fantasia. O senso comum revolta-se ao pensar que a madre iria entregar a criança a um amancebado; depois, nessa época, havia apenas o Mato da Penha sem ruas; a Rua da Penha é moderna [...], é ignorar a história e a topografia [...]"<sup>19</sup>.</p>

(continua)

<sup>17</sup> Jorge Manuel dos Santos Alves, s.v. «Macau», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 2001, p. 162, informa que as Clarissas foram as primeiras religiosas a instalar-se em Macau, vindas das Filipinas em 1635, afirmando António M. Martins do Vale, *op. cit.*, p. 149, ao contrário do padre Manuel Teixeira, que estas religiosas aí se instalaram com a condição de receberem, no convento, de cinco em cinco anos, uma órfã da cidade, apresentando António Martins Vale diversas fontes históricas nas quais apoia a sua afirmação.

<sup>18</sup> Alusão ao soneto satírico de Bocage «Um governo sem mando, um bispo tal», sobretudo aos primeiros dois versos: "Um governo sem mando, um bispo tal/de freiras virtuosas um covil [...]" (*apud* Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 2, p. 283).

<sup>19</sup> *Idem*, «Martha Merop», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, pp. 5-6.

(continuação)

<p>“[...] In January 1793, His Excellency Dom Marcelino José da Silva, Bishop of Macao, after weeks of arguing and persuading, had obtained the signature of the Governor and Captain-General on his special measures to improve the city’s reputation and the morals of its inhabitants by stamping out prostitution in all its forms [...]” (p. 193);</p>	<p>“Temos dois erros neste período: 1 – O bispo não pediu nem obteve licença alguma para o seu projecto. 2 – Fundou o reformatório por sua própria autoridade em 1791 e não em 1793 [...]”.</p>
<p>“The place of internment was a disused stables which the Bishop had walled in [...] piously renamed the Asylum of St. Mary Magdalene. Here the unfortunate women [...] incapable of reform [...] were to be sent [...] to the penal settlement on Timor [...]” (p. 194);</p>	<p>“Novos dislates: O recolhimento não [...] poderia ser estrebaria, pois não haviam cavalos nem bois em Macau [...]. 2 – Nenhuma delas foi deportada para Timor. Quem ameaçou degradar para Timor não foi D. Marcelino em 1793, mas D. Alexandre Pedrosa Guimaraes, 19 anos antes [...]”.</p>
<p>“[...] the priests [...] shadowed their suspects and made arrests [...]” (p. 202);</p>	<p>“[...] Os padres nada tinham com a prisão das prostitutas nem com as recolhidas no reformatório; este estava sob a administração duma Regente [...]. Quem prendia as prostitutas eram os meirinhos, ou seja empregados leigos do Juízo Ecclesiástico”.</p>
<p>“[...] the Father [...] looked like Satan dressed as an old priest [...]” (p. 216);</p>	<p>“Ao Pe. [António José] Nogueira, a quem Coates dá o pseudónimo de «Montepardo» e que era o digníssimo vigário geral, chama-lhe Satanás [...]. É claro que o autor tem o direito de inventar pseudónimos; mas se deu o nome correcto do bispo e do asilo, também podia dar o nome correcto do padre. Se não o deu, é porque talvez o ignorasse, pois é mero hóspede na história de Macau”.</p>
	<p>“Tomás e Marta Merop só têm ódio e desprezo aos Portugueses e Martha renega a sua fé. [...]. Ora Marta mostrou pela vida fora o seu muito amor à Igreja, a quem deixou quase toda a sua fortuna e a Portugal. Basta dizer que, quando, a 18 de Outubro de 1805, se fez em Macau uma subscrição para auxiliar Portugal, Martha deu 1000 patacas e o governador 500”.</p>

(continua)

(continuação)

<p>“<i>Pedro had suggested that the Judge [Paulo Pereira] might [...] meet Abraham Biddle</i>” (p. 197);</p>	<p>“Coates mete o juiz de Macau, D. Paulo Mascarenhas Pereira, a traficar ilegalmente com o vilão inglês Abraham Biddle. [...] Ora nessa época o desembargador era o integérrimo Lázaro da Silva Pereira [...]. Mas o autor gosta de esparrinhar lama sobre tudo o que é português”.</p>
	<p>“Mierop deixou riquíssima a sua «beloved wife», que não casou de novo. No seu próprio testamento, Marta diz que ela casara pela Igreja com Tomás Mierop, de quem não teve filhos, apesar de Coates dizer falsamente que teve um, mas que morreu”<sup>20</sup>.</p>

---

<sup>20</sup> *Idem*, «Martha Merop», *ibidem*, n.º 88, 21-03-1968, pp. 4-6.

## ANEXO n.º 9

Excertos de dois fólhos das *consultations* do Comité Selecto da East India Company na China, nos quais se encontra a assinatura de Thomas Kuyck Van Mierop. British Library, Oriental and India Office Collection, R/10/18, fls. 34, 51 (1790), respectivamente

John Harrison Esq. President  
of Select Committee of Supracargoes

Gentlemen,  
In my last I had the honor of acquainting you  
that the Barnwell had delivered all the Private Cotton but omitted  
dating the letter; therefore beg leave to inform you that the  
date was the 21<sup>st</sup> of August 1790

I have the Honor to be

Gentlemen

your very Humble Serv<sup>t</sup>

Canton  
22<sup>d</sup> Aug<sup>t</sup> 1790

(Signed)

W. Meladice

Thos. Freeman John Harrison jun<sup>r</sup>  
Thomas Kuyck Van Mierop Gburning  
Alex. Bruce  
Charles Edward Digby

Thomas Kuyck Van Mierop

## ANEXO n.º 10

Excertos do texto e da pauta da adaptação de *CBP* para musical (*musical play*) em Hong Kong e nos Estados Unidos da América: «City of Broken Promises: A Musical Play in Two Acts» (British Library, X.435/444), pp. 24, 61, e duas páginas não numeradas

Page 24.

(AH FONG FLEES. MARTA HAS JUMPED UP, ASTONISHED AND AFRAID.  
HE FACES HER IN DOORWAY)

AH SUM.... And you, number nothing! You no good anything.  
Master no like supper, no like you - you bring  
bad joss. Better you no come here. Master  
plenty angry - plenty shout. He no want you  
go bedtime, you no-use girl! You number nothing!  
(AH SUM STRIDES OFF IN DISGUST).

(MARTA IS ALONE. SINGS Song No. 3, ROOM WITHOUT WINDOWS)

I will never see a rainbow,  
I will never see the sun go down,  
I will never hear a love song of my own.

All the foolish dreams I'd follow,  
Looking for the promise of tomorrow,  
In my room is only sorrow -  
This I know, yes I know.

When there's a room without windows  
There's a life without love,  
When there's a room without windows,  
The dreams are not enough.....

I will never know the sweetness,  
I will never know the reasons why -  
Just the bitter thought of knowing that I tried.

All the foolish dreams I'd follow,  
Looking for the promise of tomorrow,  
In my room is only sorrow -  
This I know, yes I know.

When there's a room without windows  
There's a life without love,  
When there's a room without windows,  
The dreams are not enough.....

(AH FONG CREEPS TO MARTA'S ROOM AND ENTERS)

AH FONG..... Why you stay here? What Ah Sum say?

MARTA..... (STUNNED) He said the new master doesn't like  
me - that I should never have come to this  
house.

AH FONG.... (MATTER OF FACTLY) Maybe he right. If Master  
no want you, all house no happy. Plenty bad  
joss. - Where you go?  
(MARTA SHRUGS HOPELESSLY)

ACT II - Scene 2.

BIDDLE'S SHOP, SIX MONTHS LATER.  
 SHOP IN LARKNESS. FIGURES CROSSING AND RECROSSING. FRONT  
 OF STAGE - COMPANY MEN, WHORES.

Song - "RUMOURS"

Rumours, Rumours, Rumours, Rumours.  
 Keep it down. Keep it down.  
 It won't help it if you shout it.  
 Have you heard what they're saying on the Praya  
 There's a crisis in the trade,  
 The talk is spreading like a fire.

No-one knows the facts,  
 Rumours, Rumours, Rumours, Rumours.  
 Keep it down. Keep it down.  
 It won't help it if you panic.

A Chinese trader got arrested in Canton.  
 He was frightened in the court  
 To save himself he must have named everyone.

No-one knows the facts,  
 Rumours, Rumours, Rumours, Rumours.  
 Keep it down. Keep it down.  
 It won't help it if you shout it.

If the Mandarins are in danger  
 The danger of losing face  
 Then anything can happen in this goddamn place.

No-one knows the facts,  
 Rumours, Rumours, Rumours, Rumours.  
 Keep it down. Keep it down.  
 It won't help it if you panic.

I've just heard it - they're searching all the st  
 But if they find it  
 You mean they found it - the opium? Sssh!

Rumours, Rumours, Rumours, Rumours.  
 Keep it down, keep it down.  
 It won't help it if you shout it.

I tell you this is bad  
 We could lose  
 All our cash, all our cash  
 It's time we know the facts!

Tell us Biddle!

SONG ENDS WITH LIGHTS UP ON SHOP, BIDDLE AT TOP OF STAIRS.  
 BELOW ARE MEN, PEDRO, CLERKS, AH SUM AND GARDENER. OTHER  
 WHORES EXEUNT.

BIDDLE.... (CALMLY) Alright, gentlemen, alright. What is  
 it you want to know?



## BIDDLE AND Co.

Gm (with an added 2nd - A -  
in the rhythm shown)  
Repeat as necessary.

INTRO



acc. comp. rhythm Gm Gm Gm Gm → Union with voice →

When I set my eyes on this par-a-dise On that hap-py day, it was

→ | Gm Gm Gm → Union with voice

So long a-go. I had quit the sea with al-a-crity Rakhar thoughtlessly. There was

→ | F7 Bb D7 D7/A Gm -

no - where to go BRIDGE But that ain't turned out to be - Such a golden opportunit-y -

Eb | r - Dm | r - D (Bass rhythm) etc over spoken voice

Dm I've got the feel here I find the way to deal (Spoken) I don't break any laws

I just bend 'em a little When you're looking for business Who do you go to? You're

CHORUS

G E7 Am D7 Gm

looking for profit, It's Biddle and Co. - that's who! Biddle - Biddle and Co.

TEN HAPPY YEAR IN THIS HOUSE

CUE: Ah Sum "Like Missy - Missy"  
Before she come this house very different

*d: 6/8*  
A<sup>b</sup> A<sup>b</sup>

(spoken) "Like, Missy - Missy; Before she come, this house ① So many masters that  
very different"

A<sup>b</sup> A<sup>b</sup> A<sup>b</sup> A<sup>b</sup> A<sup>b</sup>

Live here Not even call me by name. "Hay boy, come here, come here do this."

A<sup>b</sup> 3 Gm<sub>7</sub> C<sub>7</sub> F

They speak always the same, but ..... CHORUS I was here, I was

Dm Gm<sub>7</sub> C<sub>7</sub> F Dm

here long be-fore they came here; I be-long in this house, I be-long here

B<sup>b</sup> A<sub>7</sub> Dm Am Dm

now, <sup>spoken</sup> ~~became~~ I'm number one - I'm number one -  
Not any - Only someone

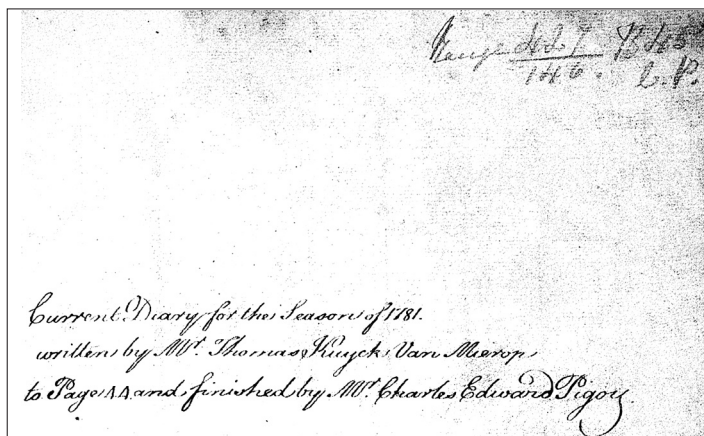
Am Gm<sub>7</sub> C

in this house

© Brenda Davies, June Armstrong-Wright, and Judi Ellen 1978

## ANEXO n.º 11

**Current Diary** relativo ao ano de 1781, redigido até ao fl. 44 por Thomas Kuyck Van Mierop. British Library, Oriental and India Office Collection, G/12/74, respectivamente: fls. de abertura e 1, que apresenta os membros do Comité Selecto



Manuscript page showing the title 'Canton 1781' and a list of names, followed by a table of stock and sales.

*Canton 1781*

*Diary of M<sup>r</sup>s James Bradshaw, George Rogers, Abraham Rockwell, Henry Brown, John Harrison, George Cuming, Alexander Bruce, Charles Edward Pigou, David Lance, Thomas Freeman, Thomas Kuyck Van Mierop, and William Fitzhugh, appointed Resident Supra Carpo, by the Honble Court of Directors of the United East India Company, containing the Current Business of the Year*

January 26.	Our Stock, as received from the President, and Select Committee.	
	Silver, in the Treasury	1051215. 897
	Bohea 1700 Chests. Peuls 4452. 14	66782. 100
	Sales	1117997. 997

31. Packed at Runkheguas for Ship A. B. Bohea 200. Chests



## **GLOSSÁRIO**



**Amah:** mulher empregada pelas famílias estrangeiras e pela edilidade macaense para servir de ama às crianças.

**Amoy** (Amói): região da baía de Amoy, no litoral do Fukien.

**Anção:** localidade a cerca de 10 léguas a norte de Macau.

**Ayuthia** (ou Ayutthaya): também designada por Sornau; capital do reino do Sião desde a sua fundação, nas margens do rio Menan, em 1350, até à sua conquista pelos Birmaneses, em 1767.

**Boca de Tigre** (em inglês *Bocca Tigris*): topónimo português (a partir do chinês *Hu-mên*) que designa a estreita entrada situada no estuário do rio das Pérolas entre Macau e Cantão onde alguns barcos aportam antes de entrarem nessa última cidade.

**Canarins** (Canarias): termo aplicado aos naturais do distrito de Canara, utilizando os portugueses o vocábulo para se referirem quer aos habitantes de Goa (cristãos e hindus), quer aos euro-asiáticos.

**Casa Branca:** residência do oficial chinês (mandarim) sob cuja alçada jurídica Macau se encontra. O edifício, visível do porto interior do enclave, encontrava-se inicialmente pintado de branco, facto que dá origem à denominação do mesmo.

**Chapa** (*chop*): termo com vários significados, podendo designar, de acordo com o contexto: sinete, carimbo, selo, chancela, mandado, ordem e provisão.

**(Old) China trade:** expressão que designa o comércio anglófono na China até meados do século XIX (Guerra do Ópio).

**Chinchéu:** designação portuguesa da região litoral da província chinesa de Fukien, que tem origem no nome de uma cidade dessa província, Chang-chou.

**Chussan:** ilha no litoral da província de Chekiang, a norte de Macau, próximo da cidade de Ningpó.

**Co-hong:** corporação comercial dos mercadores *hong* de Cantão regulamentada pelo governo imperial.

**Comprador:** termo de origem portuguesa que designa o empregado chinês responsável pela casa, pela feitoria e pelos barcos dos comerciantes estrangeiros, tendo também a função de superintender os empregados chineses (cules) nesses mesmos espaços e de servir de intérprete ou mediador (cultural) entre ocidentais e chineses.

**Country trade:** comércio privado, sob licença da E. I. C., levado a cabo entre o Sul da China e a Índia nos *countrymen*, e que transporta, nos séculos XVIII-XIX, sobretudo ópio, sendo os lucros da venda (em troca de prata) essenciais para a aquisição de chá pela companhia, em Cantão.

**Cule:** empregado doméstico chinês que trabalha nas feitorias e casas estrangeiras.

**Cumshaw:** direitos de tonelagem cobrados nos portos chineses de Macau e Cantão, tornados distintos da medição dos barcos em 1727. Presente e/ou dinheiro pago em troca de favores a e entre chineses, muitas vezes visto pelos estrangeiros como suborno das autoridades sínicas.

**Dó:** véu/pano preto com o qual as mulheres portuguesas de Macau se cobrem para sair à rua, de rosto e corpo encobertos, também em caso de luto/dó.

**East Indiamen (Indiamen):** termo que designa colectivamente os barcos utilizados pela Companhia das Índias inglesa.

**Filho do céu:** expressão que designa metaforicamente o imperador da China, com base na crença de que é o Céu, a divindade suprema, que lhe confere o poder e a autoridade.

**Filhos da terra:** expressão que designa o euro-asiático, normalmente filho de pai português e mãe chinesa, nascido em Macau e, portanto, designado filho da terra; símbolo da miscigenação que tem lugar no enclave ao longo dos séculos do contacto cultural entre portugueses e povos orientais. A expressão é, por vezes, substituída pelo termo “macaense”.

**Godown** (gudão, do malaio *gudang*): edifício ou cave onde são armazenados bens e mercadorias (armazém).

**Guzerate:** sultanato na Índia Ocidental fundado em 1396. A sua importância estratégica no comércio asiático é reconhecida pelos portugueses logo no século XVI. Em 1534, estes estabelecem-se em Baçaim, no ano seguinte fortificam Diu e em 1559 adquirem Damão.

**Hong:** armazém comercial ou fileira de estabelecimentos comerciais. Termo que designa também os mercadores chineses que, sob licença imperial, regulam o comércio com os estrangeiros, assegurando-se de que estes pagam os impostos ao imperador.

**Hopu** ou **Hoppo** (upo): superintendente da alfândega marítima chinesa que supervisiona o comércio com os ocidentais e cobra os direitos de tonelagem no porto de Macau. O termo designa também a própria alfândega chinesa.



**Interlopers:** comerciantes ingleses que operam em nome individual e que, por essa mesma razão, fogem, mais facilmente, ao preceito da lei da East India Company em Macau e Cantão.

**Joss:** termo que, em *Chinese Pidgin English*, significa divindade (chinesa), Deus, ou sorte. Corruptela do termo português ‘Deus’.

**Joss house:** termo que, em *Chinese Pidgin English*, significa templo (casa de Deus ou da divindade).

**Jurubaça** (do malaio *jurubahasa*): tradutor-intérprete no Oriente.

**Lampacau:** ilha no estuário do rio das Pérolas.

**Liampó:** estabelecimento português nas ilhas de Shuangxu (arquipélago de Zhusan), próximo da cidade chinesa de Ningbo.

**Lintim:** ilha no estuário do rio das Pérolas, situada a 32 quilómetros a nordeste de Macau, utilizada como centro de operações do tráfico de ópio pelos ingleses, a partir dos finais do século XVIII. O grupo de barcos que aí atraca é conhecido como “Lintin fleet”.

**Mandarim** (do sânscrito *mantrim*, através do malaio *mantari*): magistrado no Extremo Oriente. Termo que os portugueses utilizam ao referir-se aos funcionários civis e militares chineses, e que vem a ser adoptado pelos ingleses.

**Maskee:** termo de origem portuguesa que, em *Chinese Pidgin English* significa, de acordo com o contexto: está bem, não importa, no entanto, mas e embora.

**Medição** (*measurage*): direito de tonelagem que os estrangeiros pagam aos chineses após a medição do barco.

**Nhon e nhona:** designam, em Macau, senhor e senhora.

**Patois de Macau** (*doce papiaçam de Macau*): crioulo, também denominada língua macaísta, que se desenvolve em Macau e que desaparece no início do século XX. Crioulo falado sobretudo pelos ‘filhos da terra’ e chineses que interagem com portugueses, sendo utilizados termos do português, do chinês e ainda do inglês.

**Pico** (pikul): unidade de peso (valor aproximado: 60-62 kg).

**Reinol:** designa, em Macau, o residente oriundo, e sobretudo recém-chegado, de Portugal ou da Europa, e que desconhece os costumes locais.

**Sampana:** pequena embarcação chinesa com um só leme.

**Sanchoão:** ilha de Shangzhuan (litoral da província de Guangdong), a sudoeste do delta do rio das Pérolas.

**Savy:** termo que em *Chinese Pidgin English* significa saber, compreensão (do português ‘saber’).

**Select Committee** (Comité Selecto): órgão que regulamenta o comércio na China da Companhia das Índias inglesa.

**Singsongs:** termo que, em *Chinese Pidgin English*, designa um presente de valor considerável oferecido às autoridades chinesas e cuja origem etimológica se deve ao facto de muitos dessas ofertas consistirem em relógios, adornos e sistemas mecânicos com música.

**Sobrecarga:** oficial/comissário da E.I.C. que tem como função inicial representar os interesses dos donos da mercadoria que este acompanha na embarcação, supervisionando quer a mercadoria, quer a sua comercialização na China. O termo acaba por ser aplicado a qualquer agente comercial que se estabeleça em países estrangeiros e aos oficiais que, após a fundação do Select Committee, se estabelecem no eixo Macau-Cantão e que desempenham também as funções de escriturários, tradutores, médicos, levando também a cabo comércio privado.

**Sunda:** antigo reino da parte ocidental da ilha de Java, cuja capital era Bantem.

**Suntó:** vice-rei ou governador geral chinês.

**Sycee:** lingotes de prata que pesam sensivelmente cinco, dez, vinte e cinco ou cinquenta taéis e que são avaliados de acordo com a sua pureza e o seu peso.

**Trading season:** estação ou temporada comercial. As autoridades chinesas apenas autorizam os barcos e mercadores estrangeiros a permanecerem em Cantão durante seis ou sete meses a partir de Setembro, período após o qual os oficiais da E.I.C. regressam a Macau.

**Tufão:** ciclone dos mares da China na época das monções de Verão.

**Vampu** (Wampu, em inglês *Whampoa*): ancoradouro de medição situado 12 km antes de Cantão, no rio das Pérolas, após a segunda barra, e no qual os barcos estrangeiros ancoram para serem medidos antes de entrar no empório comercial, aí permanecendo os que não podem seguir até Cantão. Também é designado por *Anpu* e até *Hoang pû* [topónimo cantonense (*Uóng-P’ou*) que dá origem ao termo português].

## **BIBLIOGRAFIA**



## **CrITÉRIOS de constituição e apresentação**

Expandindo as observações feitas na «Introdução» geral, apresentamos de seguida os critérios subjacentes à elaboração e à apresentação da «Bibliografia»:

1. Optámos por indicar na bibliografia todas as obras referenciadas quer no corpo do texto, quer em nota de rodapé, inclusive aquelas cuja evocação é circunstancial. Procurámos que a bibliografia utilizada e fornecida reflectisse, de forma representativa, o debate académico em torno dos diferentes domínios abordados ao longo deste trabalho para complementar e apoiar as nossas interpretações.
2. A edição referenciada é sempre a que utilizámos, sendo indicado, no caso das fontes históricas, o ano da primeira edição ou redacção do manuscrito original entre parêntesis rectos quando o mesmo não se encontrar explícito no título da obra.
3. Os textos de autor anónimo são ordenados no início da respectiva secção temática, pela ordem alfabética do título.
4. As diversas obras de um mesmo autor são ordenadas pelo ano da sua publicação, sendo as publicadas no mesmo ano ordenadas pela ordem alfabética do título.
5. As obras sem autor ou cujo autor é indicado como sendo uma instituição são apresentadas por ordem alfabética sem letras maiúsculas.
6. As contribuições em publicações periódicas são referenciadas sem a partícula *in* antes dos respectivos títulos, prescindindo-se ainda da indicação da editora e do local de edição. A data é indicada de forma simplificada (por exemplo, 21-05-1994). Quando quer a série, quer o volume de revistas e jornais não forem indicados, tal facto deve-se à omissão dos mesmos nas respectivas publicações.
7. Para uma melhor sistematização das temáticas em que se divide a bibliografia apresentamos de seguida uma lista das mesmas.

## LISTA DAS SECÇÕES TEMÁTICAS DA BIBLIOGRAFIA

### I. BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

### II. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

#### 1. Fontes

- 1.1. Fontes manuscritas
- 1.2. Fontes impressas
  - 1.2.1. Fontes portuguesas e chinesas traduzidas
  - 1.2.2. Fontes inglesas e estrangeiras

#### 2. A obra de Austin Coates

- 2.1. Sobre Austin Coates
- 2.2. Monografias e artigos de Austin Coates
- 2.3. Obras de Austin Coates traduzidas para português
- 2.4. Documentos manuscritos e dactilografados inéditos de Austin Coates
- 2.5. *City of Broken Promises*
- 2.6. *The Road*

#### 3. Estudos

- 3.1. Macau. Relações luso-sínicas
- 3.2. China
- 3.3. A expansão inglesa, a East India Company, as relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente e a fundação de Hong Kong
- 3.4. *Chinese Pidgin English*
- 3.5. História de Inglaterra
- 3.6. História de Portugal e da presença portuguesa no Extremo Oriente
- 3.7. Crítica e teoria literárias
  - 3.7.1. Romance histórico
  - 3.7.2. *Bildungsroman*
    - 3.7.2.1. Educação informal
  - 3.7.3. Exotismo literário e antropológico
- 3.8. Género
- 3.9. Estudos antropológicos e sociológicos

#### 4. Obras literárias

#### 5. Obras de referência

#### 6. Webibliografia geral

## I. BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

COATES, Austin, «Macao», poema inédito, existente no espólio de Jack M. Braga, Biblioteca Nacional da Austrália, Camberra. Cota: MS 4331, 1 p. dactilografada e assinada, 1950.

—, *The Road*, Oxford University Press, Oxford, 1987.

—, *City of Broken Promises*, Oxford University Press, Oxford, 1990.

## II. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

### 1. FONTES

#### 1.1. Fontes manuscritas

**British Library – Oriental and India Office Collections IOR** (Londres):

B (*Minutes of the East India Company's Directors and Proprietors, 1599-1858*): B/95-100.

G/12 (*Factory Records, China and Japan, 1596-1840*): G/12/1-112, 195-198.

G/40/1

I/3 (*The French, Dutch and Portuguese in India, 1475-1824: Transcripts and Translations of Dutch and Portuguese Records, 1475-1793*): I/3/43, 1.<sup>a</sup> série, vol. 3.

R/10 (*China: Canton Factory Records, 1623-1833*): R/10/5-8, 10-21.

**The Family Records Centre/Public Record Office** (Londres):

*Calendar of P. C. C. [Prerogative Court of Canterbury] Registered Copy Wills 1795*: PROB 11/1267, fls. 56 - 59 [testamento inédito de Thomas Kuyck Van Mierop].

**National Maritime Museum - Caird Library** (Londres):

«Diary as Kept in a Voyage to Port Jackson, New South Wales, a Short Residence on that Settlement, and Passage to China, with Return by the Way of Manilla, Batavia, and Sta Helena, Interspersed with Remarks and Observations in the Years 1794, 5, 6, 7 and 8 by Daniel Paine» [cota: JOD/172, *Manuscript*].

«Official Papers of Sir Samuel Hood, 1st Bt, Vice-Admiral, 1762-1814»; secção «Miscellaneous Government 1812-1813-1814: *Calendar of Correspondence of Rear-Admiral William O'Brien Drury at Macao*, 4-12 October 1808» [cota: MKH/237, *Manuscript*].

**New York Historical Society** (Nova Iorque):

BUTLER, Caroline Hyde (Laing), «Journal on a Trip to China 1836-1837», versão dactilografada anexa ao original, New York Historical Society, Nova Iorque, 1836-1837.

**Public Record Office** (Londres):

*Chancery*

C 12/1006/35.

*Foreign Office*

FO 233/189;

FO 1048/12, 16, 19, 20, 21.

*State Papers*

SP 46/151;

SP 89/3-4, 9-10, 12, 17, 28, 31, 50, 67, 80.

*E 140/9/4:*

«Journals of Robert Parker, Agent of the English East India Company, Trading in Miscellaneous Commodities at its Factory in Bantam (Banten), Java, with Details of Trading Ventures to Siam (Thailand), Amoy (Hsia-men), Macau, Surat, Manila and Elsewhere. 1678-1682», 3 vols.

**Arquivo Histórico de Macau** (Macau) e **Centro Cultural e Científico de Macau** (Lisboa):

*Legado de Marta da Silva Van Mierop* (cota: MCAHM/AC/157/824/B. G2):

«Ofício n.º 258 da Repartição Superior da Fazenda da Província de Macau dirigido ao Secretário Geral do Governo de Macau, em 16 de Fevereiro de 1914», assinado pelo Inspector da Fazenda, Tito Afonso da Silva Poiães, 2 pp.

«Ofício n.º 109 do Delegado do Procurador da República (Comarca de Macau/Delegação da Procuradoria da República) dirigido ao Secretário Geral do Governo da Província de Macau», 10 de Junho de 1914, 4 pp.



«Cópia do lançamento que figura na “Relação das dívidas passivas da Fazenda Pública de Macau até 30 de Junho de 1847. Livro Balanço da receita e despesa da Junta de Fazenda Pública 1844 a 1850 (folhas 97v)», assinado pelo subinspector da Repartição Superior de Fazenda da Província de Macau (João Quirino Pacheco de Sousa), a 12 de Maio de 1915, 1 p.

«Ofício n.º 452 do Inspector da Fazenda, dirigido ao Secretário Geral do Governo», a 14 de Maio de 1915, 4 pp.

«Cópia de ofício da Secretaria Geral do Governo da Província de Macau», redigido pelo inspector de Fazenda (Tito Afonso da Silva Poiães), a 12 de Maio de 1915, e assinado pelo chefe da repartição (José Francisco de Salles da Silva), a 17 de Maio de 1915, 4 pp.

«Cópia dos lançamentos respeitantes aos legados deixados por Marta Merop, que figuram no “Livro destinado a registar as contas gerais intituladas balanço da receita e despesa da Real fazenda, que administra o Leal Senado da Câmara de Macau” (1825 a 1835, pag. 50v). Receita na Real Caixa», redigido pelo subinspector de Fazenda (João Quirino Pacheco de Sousa) e assinado pelo chefe da repartição (José Francisco de Sales da Silva), a 17 de Maio de 1915, 2 pp.

«Cópia do ofício da Secretaria Geral do Governo da Província de Macau», assinado pelo chefe da repartição (José Francisco de Sales da Silva), a 17 de Maio de 1915, 2 pp.

«Ofício n.º 36 do Governador de Macau (José Carlos da Maia), dirigido ao Ministro das Colónias», a 17 de Maio de 1915, 1 p.

#### **Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa):**

*Macau*, caixas: 1-2, 4-8, 11-15, 17-24, 26-29, 31-32, 37, 39-46, 48-49, 55-56, 60, 62-64.

*Macau*, Maço José das Torres, VI, maço 540.

#### **Archivum Romanum Societatis Iesu (Roma):**

«Carta do Procurador da *Propaganda Fide* em Macau, Padre Raffaele Umpieres, 1823» [sem indicação de dia e mês], *Archivio Storico della Sacra Congregazione per l'Evangelizzazione dei Popoli: Cina e regni adiacenti*, vol. 5.

**Biblioteca da Ajuda (Lisboa):**

*Manuscritos Avulsos (Ms. Av.):* 54-X-19, n.º 19; 54-XIII-7, n.º 4.

*Jesuítas na Ásia:* cód. 49-IV-56; 49-V-22, 24; 51-VII-31, 34.

**Biblioteca Nacional de Lisboa:**

*Fundo Geral,* cód. 7640.

*Jesuítas na Ásia,* cód. 49-V-29.

**Filmoteca Ultramarina Portuguesa** [microfilmes do «Arquivos Históricos de Goa», (Lisboa)]:

*Livros das Monções,* 19-D.

*Livros dos Segredos,* cód. 1.

**Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa):**

*Livros das Monções:* livros 27, 29, 31, 33-35, 38, 41, 43-45, 48, 50, 57.

*Manuscritos da Livraria: State Papers,* liv. 2604.

*Ministério do Reino:* maço 499.

**1.2. FONTES IMPRESSAS****1.2.1. Fontes portuguesas e chinesas traduzidas**

ANÓNIMO, «Descrição da Cidade de Macau ou a Cidade de Macau Reivindicada» [c. 1693], in Artur Teodoro de Matos, «Uma Memória Seiscentista», *MacaU*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 92, Dezembro de 1999, pp. 194-204.

*A Abelha da China. 1822-1823. Edição do Exemplar Original do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro*, Centro de Publicações da Universidade de Macau – Fundação Macau, Macau, 1994.

*Arquivos de Macau*, Arquivo Histórico de Macau-Imprensa Nacional, Macau: 1.<sup>a</sup> série, vol. 1; 3.<sup>a</sup> série, vols 1, 3, 4, 6-10, 14-19; 4.<sup>a</sup> série, vol. 8, tomo 1.

- BIKER, Júlio Firmino (ed.), *Colecção de Tratados e Concertos de Paz que o Estado da Índia Portuguesa Fez com os Reis e Senhores com Quem Teve Relações nas Partes da Ásia e África Oriental desde o Princípio da Conquista até ao Fim do Século XVIII*, 3 tomos, edição facsimilada da edição de 1881, Asian Educational Services, Madrastra, 1995.
- BLANCO, Maria Manuela Sobral, «O Estado Português da Índia: Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)», vol. 2: *Apêndice Documental*, tese de doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.
- BOCARRO, António, *Década 13 da História da Índia Composta por António Bocarro Cronista daquele Estado*, introdução e notas de Bulhão Pato, 1.<sup>a</sup> edição dirigida por Rodrigo José da Lima Felner, Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1876 [c. 1635].
- CASTRO, José Ferreira Borges de (org.), *Colecção dos Tratados, Convenções, Contratos e Actos Públicos Celebrados entre a Coroa de Portugal e as mais Potências desde 1640 até ao Presente*, 8 vols., Imprensa Nacional, Lisboa, 1856-1858.
- D'INTINO, Raffaella (ed.), *Enformação das Cousas da China: Textos do Século XVI*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1989.
- LÂM, Tcheong-Ü- e Ian-Kuong-Iâm, *Ou-Mun Kei-Leok: Monografia de Macau*, tradução de Luís Gonzaga Gomes, Quinzena de Macau, Lisboa, 1979 [c. 1751].
- LINHARES, Conde de, *Diário do 3.º Conde de Linhares, Vice-Rei da Índia*, 2 vols., Biblioteca Nacional, Lisboa, 1937-1943 [1631-1634].
- PING, Jin Guo e Wu Zhiliang (eds.), *Correspondência Oficial Trocada entre as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em Português (1749-1847)*, 8 vols., Fundação Macau, Macau, 2000.
- SALDANHA, António Vasconcelos de e Jin Guo Ping (eds.), *Para a Vista do Imperador: Memórias da Dinastia Qing. Sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau (1808-1887)*, Instituto Português do Oriente, Macau, 2000.
- SANTARÉM, Visconde de (ed.), *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo desde o Princípio da Monarquia Portuguesa até aos Nossos Dias*, vols. 14-18, Tipografia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1858-1865.

- , «Memória sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau na China», in Carlos Pinto Santos e Orlando Neves (org.), *De Longe à China: Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, vol. 1, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988, pp. 343-369.

### 1.2.2. Fontes inglesas e estrangeiras

- ANÔNIMO, *A Voyage to the East Indies in 1747 and 1748. Containing an Account of the Islands of St. Helena and Java; of the City of Batavia; of the Government and Political Conduct of the Dutch, of the Empire of China, with a Particular Description of Canton, and of the Religious Ceremonies, Manners and Customs of the Inhabitants*, Tully's Head, Londres, 1762.
- , *A List of Company's Covenant Servants, at Their Settlements, in the East Indies, and Island of St. Helena, and China*, 4 vols., East India Company, Londres, 1780-1795.
- ABEEL, David, *Journal of a Residence in China, and the Neighboring Countries with a Preliminary Essay on the Commencement and Progress of Missions in the World*, J. Abeel Williamson, Nova Iorque, 1836 [1834].
- ALCOCK, Sir Rutherford, *The Capital of the Tycoon: A Narrative of a Three Years' Residence in Japan*, Longman, Roberts and Green, Londres, vol. 1, 1863.
- ANDERSON, Aeneas, *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy: With Account of the Customs and Manners of the Chinese and a Description of the Country, Towns, City, &c*, J. Debrett, Londres, 1795.
- ASKARI, Syed Hasan (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto (Foreign, Secret and Political)*, vol. 16: 1787-1791, National Archives of India-Controller of Publications: Government of India, Déli, 1976.
- BALL, B. L., *Rambles in Eastern Asia, Including China and Manilla, during Several Years' Residence. With Notes of the Voyage to China, Excursions in Manilla, Hong-Kong, Canton, Shanghai, Ningpoo, Amoy, Fouchow, and Macao*, James French, Boston, 1856 [1855].
- BANERJEE, I. B. (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto*, vol. 11: 1789-92, The Controller Publications: National Archives of India-Government of India, Déli, 1974.

- BARROW, John, *Travels in China, Containing Descriptions, Observations, and Comparisons, Made and Collected in the Course of a Short Residence at the Imperial Palace of Yuen-Min-Yuen, and on a Subsequent Journey through the Country from Pekin to Canton. In which it Is Attempted to Appreciate the Rank that This Extraordinary Empire May Be Considered to Hold in the Scale of the Civilized Nations*, T. Cadell e W. Davis, Londres, 1806 [1804].
- BENNETT, George, *Wanderings in New South Wales, Batavia, Pedir Coast, Singapore, and China; Being the Journal of a Naturalist in Those Countries, during 1832, 1833, and 1834*, 2 vols., Richard Bentley, Londres, 1834.
- BETAGH, William, *A Voyage Round the World Being an Account of a Remarkable Enterprize, Begun in the Year 1719, Chiefly to Cruise on the Spaniards in the Great South Sea Relating the True Historical Facts of the Whole Affair: Testified by Many Employed Therein and Confirmed by Authorities from the Owners*, T. Combes, J. Lacy, J. Clake, Londres, 1728.
- BIRDWOOD, Sir George e William Foster (eds.), *The First Letter Book of the East India Company: 1600-1619; The Register of Letters &c. of the Governour and Company of Merchants of London Trading into the East Indies 1600-1619*, Bernard Quaritch, Londres, 1893.
- BOURNE, William, *A Regiment for the Sea and Other Writings on Navigation*, transcrição, introdução e notas de E. G. R. Taylor, Hakluyt Society-Cambridge University Press, Cambridge, 1963 [1574].
- BRASSEY, Lady Anna, *Around the World in the Yacht 'Sunbeam': Our Home on the Ocean for Eleven Months*, Henry Holt, Nova Iorque, 1889.
- CARERI, John Francis [Giovanni Francesco] Gemelli, *A Voyage round the World in Six Parts*, traduzido anonimamente do italiano para inglês, in *Collection of Voyages and Travels, Some now First Printed from Original Manuscripts, Other now First Published in English – With a General Preface, Giving an Account of the Progress of Trade and Navigation, from Its First Beginning*, vol. 4, Thomas Osborne, Londres, 1752 [1726].
- Collection of the Private Acts of Parliament, Passed 14th George 2nd. Arranged in Numerical Order; According to the Authorized Table*, Dezembro 1858, seção “14 GEO.2. C. 2.”, alínea Private 20, British Library: microfilme S. P. R. Mic. P. 13. BS Ref. 2 1739-1742.
- DAVIS, Sir John Francis, *The Chinese: A General Description of the Empire of China and its Inhabitants*, 2 vols., Charles Knight, Londres, 1836.

FARRINGTON, Anthony, *The English Factory in Japan, 1613-1623*, 2 vols., The British Library, Londres, 1991.

FORBES, Robert Bennet, *Letters from China: The Canton-Boston Correspondence of Robert Bennet Forbes, 1838-1840*, compilação de Phyllis Forbes Kerr, Mystic Seaport Museum, Mystic-Connecticut, 1996.

FOSTER, Sir William (ed.), *The English Factories in India: 1618-1669*, 13 vols., Oxford at the Clarendon Press, Londres, 1906-1927.

GILBERT, Humphrey, «A Discourse Written by Sir Humphrey Gilbert Knight, to Prove a Passage by the Northwest to Cathaia, and the East Indies», in Richard Hakluyt, *Voyages in Eight Volumes*, vol. 5, introdução e notas de John Masefield, Dent, Londres, 1962 [1598], pp. 92-120.

GILBERT, Thomas, *Voyage from New South Wales to Canton, in the Year 1788, with Views of the Islands Discovered*, impresso por George Stafford para J. Debrett, Londres, 1789.

GRAY, John Henry, *China: A History of the Laws, Manners and Customs of the People*, Macmillan, Londres, 1878.

GUPTA, Hira Lal (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto*, vol. 8: 1777-81, The Controller Publications: National Archives of India-Government of India, Déli, 1981.

GUPTA, P. C. (ed.), *Fort William-India House Correspondence*, vol. 13: 1796-1800, Manager of Publications-National Archives of India, Déli, 1959.

HAKLUYT, Richard, *Voyages in Eight Volumes*, introdução e notas de John Masefield, 8 vols., Dent, Londres, 1962 [1598-1600].

HAMILTON, Alexander, *A New Account of the East Indies*, 2 vols., notas e introdução de Sir William Foster, The Argonaut Press, Londres, 1930 [1727].

HARRISON, William, *The Description of England: Folger Documents of Tudor and Stuart Civilization*, Cornell University Press, Nova Iorque, 1968.

HICKEY, William, *Memoirs of William Hickey (1774-1775)*, vol. 1, notas e introdução de Alfred Spencer, Hurst & Blackett, Londres, 1913.

- HOLMES, Samuel, *The Journal of S. Holmes, Sargent-Major, during His Attendance as One of the Guard on Lord Macartney's Embassy to China and Tartary, 1792, 3*, notas e introdução de Sir W. Young, W. Bulmer, Londres, 1798.
- KINSMAN, Rebecca Chase, «Life in Macao in the 1840's: Letters of Rebecca Chase Kinsman to Her Family in Salem. From the Collection of Mrs. Rebecca Kinsman Munroe», *The Essex Institute Historical Collection*, selecção de Mrs. Frederick C. Munroe, vol. 86, Janeiro de 1950, pp. 15-40.
- , «The Daily Life of Mrs. Nathaniel Kinsman in Macao, China. Excerpts from Letters of 1844», *The Essex Institute Historical Collection*, selecção de Frederick C. Munroe, vol. 86, Outubro de 1950, pp. 311-330.
- LAPÉROUSE, Jean-François, *Voyage de Lapérouse autour du Monde pendant les Années 1785, 1786, 1787 et 1788*, prefácio de Pierre Sabbagh, Club des Libraires de France-Edito-Service S. A., Genebra, 1970 [1791].
- LJUNGSTEDT, Anders, *An Historical Sketch of the Portuguese Settlement in China and of the Roman Catholic Church and Mission in China & Description of the City of Canton*, Viking Hong Kong Publications, Hong Kong, 1992 [1835].
- LOW, Harriett, *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriett Low, Travelling Spinster, Part One: 1829-1832/Part Two: 1832-1834*, 2 vols., introdução, transcrição e notas de Nan P. Hodges e Arthur W. Hummel, The History Bank, Woodinville, 2002.
- LÖWENSTERN, Hermann Ludwig von, *The First Russian Voyage Around the World: The Journal of Hermann Ludwig von Löwenstern, 1803-1806*, tradução de Victoria Joan Moessner, University of Alaska Press, Fairbanks, 2003.
- MACARTNEY, Lord, *An Embassy to China: Lord Macartney's Journal, 1793-1794*, Routledge, Londres, 2000.
- MICHIE, Alexander, *The Englishman in China during the Victorian Era as Illustrated by the Career of Sir Rutherford Alcock, K. C. B., D. C. L. Many Years Consul and Minister in China and Japan*, William Blackwood and Sons, Londres, 1900.
- MORRISON, John Robert, «A Glossary of Words and Phrases Peculiar to the Jargon Spoken at Canton», in John Robert Morrison (ed.), *A Chinese Commercial Guide Consisting of a Collection of Details Respecting Foreign Trade in China*, Albion Press, Cantão, 1834.

MORRISON, Robert, *Vocabulary of Canton Dialect*, East India Company's Press, Macau, 1828.

MORTIMER, George [*Lieutenant of the Marines*], *Observations and Remarks Made during a Voyage to the Islands of Teneriffe, Amsterdam, Maria's Islands near Van Dieman's Land: Othaheite, Sandwich Islands; Owhyhee, the Fox Islands on the North West Coast of America, Tinian, and from Thence to Canton, in the Brig Mercury, Commanded by John Henry Cox, Esq.*, edição do autor, Londres, 1791.

MUNDY, Peter, *The Travels of Peter Mundy (1608-1667)*, transcrição, introdução e notas de Sir Richard Carnac Temple e L. Anstey, 5 vols., Hakluyt Society, Londres, 1907-1936.

OUTCHERLONY, John, *The Chinese War: An Account of All the Operations of British Forces from the Commencement to the Treaty of Nanking*, Saunders and Otley, Londres, 1844.

PURCHAS, Samuel, *Hakluytus Posthumus or Purchas His Pilgrimes Contayning a History of the World in Sea Voyages and Lande Travells by Englishmen and Others*, 20 vols., James MacLehose and Sons, Glasgow, 1905 [1625].

*Records of St. George: Despatches from England 1681-1747*, 2 vols., Superintendent-Government Press, Madrastra, 1916-1931.

*Records of St. George: Diary and Consultation Book of 1686-1713*, 17 vols., Superintendent-Government Press, Madrastra, 1913-1929.

*Records of St. George: Diary and Consultation Book of 1746*, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1931.

*Records of St. George: Letters from Fort St. George to Subordinate Factories 1689*, vol. 3, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1916.

*Records of St. George: Letters from Fort St. George for 1689*, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1916.

*Records of St. George: Letters from Fort St. George 1763*, vol. 37, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1953.

*Records of St. George: Letters to Fort St. George 1682-1763*, vols. 2-43, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1916-1943.

*Records of St. George: Letters to Tellicherry 1741-46*, vols. 6-8, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1934.



*Records of St. George: Letters to Fort St. David 1748-49*, vol. 3, Superintendent-Government Press, Madrastra, 1935.

*Records of St. George: Public Despatches to England 1719-1740*, 5 vols., Superintendent-Government Press, Madrastra, 1929-1931.

RUSCHENBERGER, W. S. W., *Narrative of a Voyage round the World during the Years 1835, 36, and 37; Including a Narrative of an Embassy to the Sultan of Muscat and the King of Siam*, 2 vols., Richard Bentley, Londres, 1838.

SAINSBURY, Ethel Bruce (ed.), *A Calendar of the Court Minutes etc. of the East India Company 1671-1673*, introdução e notas de W. T. Ottewill, Oxford at the Clarendon Press, Londres, 1932.

SAINSBURY, Ethel Bruce e William Foster (eds.), *A Calendar of the Court Minutes etc. of the East India Company 1635-1663*, 6 vols., Oxford at the Clarendon Press, Londres, 1907-1922.

SAINSBURY, W. Noël (ed.), *Calendar of State Papers, Colonial Series, East Indies, China and Japan, 1513-1624, Preserved in Her Majesty's Public Record Office*, 3 vols., Longman, Londres, 1862-1878.

—, *Calendar of State Papers, Colonial Series, East Indies and Persia, 1630-1634, Preserved in the Public Record Office and the India Office*, Her Majesty's Stationery Office, Londres, 1892.

SALETORÉ, B. A. (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto*, vol. 9: 1782-85, The Controller Publications: National Archives of India-Government of India, Déli, 1959.

SARIS, John, *The First Voyage of the English to Japan*, introdução e notas de Takanobu Otsuka, Tokyo Bunko, Tóquio, 1941.

SHAW, Samuel, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author*, introdução e notas de Josiah Quincy, Che'eng-wen Publishing Company, Taipé, 1968 [1784-1790].

SHELVOCHE, Captain George [*the elder*], *A Voyage round the World, Begun in 1719-22*, introdução e notas de W. G. Perrin, Cassell, Londres, 1928 [1726].

SINH, Raghubir (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto*, vol. 10: 1786-1788, The Controller Publications: National Archives of India-Government of India, Déli, 1972.

STAUNTON, George, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; Including Cursory Observation Made, and Information Obtained in Travelling through that Ancient Empire and a Small Part of Chinese Tartary*, 2 vols., P. Wogan, R. Cross, P. Byrne, J. Rice, J. Haplin e N. Kelly, Dublin, 1798 [1796].

TRIPATHI, Amalls (ed.), *Fort William-India House Correspondence and Other Contemporary Papers Relating thereto*, vol. 12: 1793-95, The Controller Publications: National Archives of India-Government of India, Déli, 1978.

WATHEN, James, *Journal of a Voyage in 1811 and 1812, to Madras and China; Returning by the Cape of Good Hope and St. Helena; in the Hope*, J. Nichols, Son and Bentley, Londres, 1814.

## 2. A OBRA DE AUSTIN COATES

### 2.1. Sobre Austin Coates

ANÔNIMO, «Morreu Austin Coates», *A Capital*, 2.<sup>a</sup> série, ano 30, n.º 9102, 18-03-1997, p. 40.

—, [obituário] «Austin Coates: Composer's Son Who Explored the Islands of the South Seas», *Daily Telegraph*, vol. 44, n.º 994, 26-03-1997, p. 27.

ALDRICH, Robert e John Connell, *Last Colonies*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.

APPLEYARD, Mandie, «Coates Captures Colonial Spirit», *Hong Kong Standard*, 11-04-1988, p. 15.

BAARK, Erik, *Lighting Wires: The Telegraph and China's Technological Modernization, 1860-1890*, Greenwood Press, Westport, 1997.

BRAGA, Jack M., «Carta dactilografada dirigida a Austin Coates, desde Hong Kong, convidando-o para apresentar uma comunicação sobre a presença inglesa em Macau no Sino-British Club e no Instituto Português de Hong Kong (24-05-1951)», 1 p. (espólio pessoal de Austin Coates, cedido por Fung Kwai-yim).

- , «Texto dactilografado descrevendo as presenças portuguesa e inglesa em Macau para futura discussão entre o autor e Austin Coates, antes da comunicação sobre o tema por este último no Sino-British Club e no Instituto Português de Hong Kong», 8 pp. (espólio pessoal de Austin Coates, 1951, cedido por Fung Kwai-yim).
- BUD, Robert, *The Uses of Life: A History of Biotechnology*, Cambridge University Press, Cambridge, 1994.
- CAIRNS, Stephen, *Drifting: Architecture and Migrancy*, Routledge, Londres, 2004.
- CHUN, Allen, *Unstructuring Chinese Society: The Fictions of Colonial Practice and Changing Realities of “Land” in the New Territories of Hong Kong*, Routledge, Londres, 2002.
- COATES, Austin, «Currículo dactilografado por Austin Coates», 2 pp. (espólio pessoal de Austin Coates).
- COATES, Eric, *Suite in Four Moments: An Autobiography*, William Heinemann, Londres, 1953.
- COUTINHO, Paulo, «Austin Coates: As Calçadas do Futuro», *Ponto Final*, ano 2, 2.<sup>a</sup> série, n.º 67, 14-01-1994, pp. 18-19.
- CUMMINS, James, «Carta para Austin Coates, 9 de Abril 1968, Londres», 1 p. dactilografada (espólio pessoal de James Cummins, Departamento de Espanhol, Universidade de Londres).
- , «Austin Coates’s Books», inventário dactilografado da biblioteca pessoal de Austin Coates (elaborado em Colares, 18-05-1997), 1 p. dactilografada (espólio pessoal de James Cummins).
- , «Inventário de manuscritos e textos dactilografados inéditos no espólio pessoal de Austin Coates, elaborado em Colares (18-05-1997)», 2 pp. dactilografadas (espólio pessoal de James Cummins).
- GUEDES, João, «The Gentleman of Colares», *MacaU*, ed. especial inglesa, 1997, pp. 132-139.
- HAYES, James W., «The Old Popular Culture of China and Its Contribution to Stability in Tsuen Wan», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, 1990, pp. 1-25.
- JONES, J. R., «President’s Report for 1966», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 7, 1967, pp. 4-8.

- LEE, Leo Ou-fan, «Shangai Modern: Reflections on Urban Culture in China in the 1930s», in Dilip Parameshawar Gaonkar (ed.), *Alternative Modernities*, Duke University Press, Durham, 2001, pp. 86-122.
- LOCHER, Frances C., s.v. «Coates, Austin 1922-», in Frances C. LOCHER (ed.), *Contemporary Authors: A Bio-Bibliographical Guide to Current Writers in Fiction, General Nonfiction, Poetry, Journalism, Drama, Motion Pictures, Television, and Other Fields*, vol. 102, Gale Research Company, Detroit, 1981, p. 113.
- RULE, Paul, «Email pessoal dirigido a Rogério Miguel Puga», 30-04-2002.
- SALA, Ilaria Maria, «Austin Coates: Macao and the British, 1637-1842, Prelude to Hong Kong, City of Broken Promises, A Macao Narrative», *China Perspectives: Macau Special*, n.º 26, Novembro-Dezembro de 1999, p. 98.
- SENG, Tan Kok, *Son of Singapore: The Autobiography of a Coolie, Rendered into English by the Author in Collaboration with Austin Coates*, Heinemann Educational Books, Hong Kong, 1972.
- , *Eye on the World, Rendered into English by the Author in Collaboration with Austin Coates*, Heinemann Educational Books, Hong Kong, 1975.
- SELF, Geoffrey, *In Town Tonight: A Centenary Study of Eric Coates*, Thames, Londres, 1986.
- SELF, Geoffrey, s.v. «Coates, Eric», in H. C. G. MATHEW e Brian HARRISON (eds.), *Oxford Dictionary of National Biography*, vol. 12, Oxford University Press, Oxford, 2004, pp. 52-253.
- SHARP, Ilsa, «Coates: A Remarkable Man, Without an Air of Superiority», *The Straits Times*, 31-03-1997, p. 30.
- SINN, Elizabeth, «The Study of Local History in Hong Kong: A Review», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 34, 1994, pp. 147-169.
- SLACK, Charles, *Charles Goodyear, Thomas Hancock, and the Race to Unlock the Greatest Industrial Secret of the Nineteenth Century*, Hiperion Books, Nova Iorque, 2002.
- SUNG, Chan Kwee, «Mr. Lion Dance: Late Austin Coates Helped to Promote Chinese Lion Dance», *The Straits Times*, 26-03-1997, p. 30.

TEIXEIRA, Padre Manuel, «Carta dirigida a Rogério Miguel Puga», a 07-01-2001, desde Macau, 1 p. manuscrita.

—, «Carta dirigida a Rogério Miguel Puga», a 14-02-2001, desde Macau, 1 p. manuscrita.

UPTON, Stuart, *Eric Coates: A Biographical Discography Covering All Known 78 Recordings, plus a Listing of All Important LP Releases*, Vintage Light Music, Londres, 1980.

WATERS, Dan, «Hong Kong Hongs with Long Histories and British Connections», *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 30, 1990, pp. 219-254.

WHITE, Nicholas J., *Decolonisation: The British Experience Since 1945*, Longman, Londres, 1999.

WIARDA, Iêda Siqueira (ed.), *Handbook of Portuguese Studies*, Xlibris Corporation, Filadélfia, 2000.

WINTERTON, Bradley, *A Season in Macau*, Fairfield Books, Hong Kong, 1999.

## **2.2. Monografias e artigos de Austin Coates (edições por nós utilizadas)**

COATES, Austin, *Invitation to an Eastern Feast*, Harper and Brothers, Nova Iorque, 1953.

—, *Personal and Oriental*, Hutchinson, Londres, 1957.

—, «Portuguese Roots in Africa», *Optima: A Quarterly Review. Published in the Interests of Mining, Industrial, Scientific and Economic Progress*, vol. 15, n.º 1, Março de 1965, pp. 1-15.

—, *Basutoland*, Her Majesty's Stationery Office, Londres, 1966.

—, *City of Broken Promises*, 1.ª edição, Frederick Muller, Londres, 1967.

—, *Rizal: Philippine Nationalist and Martyr*, Oxford University Press, Oxford, 1968.

—, *Western Pacific Islands*, Her Majesty's Stationery Office, Londres, 1970.

—, *China, India and the Ruins of Washington*, The John Day Company, Nova Iorque, 1972.

- , *A Mountain of Light: The Story of the Hongkong Electric Company*, Heinemann, Londres, 1977.
- , *A Macao Narrative*, Oxford University Press, Oxford, 1978.
- , *Numerology*, Mayflower Books-Granada Publishing, Nova Iorque, 1978.
- , *Whampoa, Ships on Shore*, South China Morning Post, Hong Kong, 1980.
- , *China Races*, Oxford University Press, Oxford, 1983.
- , *The Commerce of Rubber: The First 250 Years*, Oxford University Press, Oxford, 1987.
- , *The Road*, Oxford University Press, Oxford, 1987.
- , *Macao and the British 1637-1842, Prelude to Hong Kong*, Oxford University Press, Oxford, 1989.
- , *City of Broken Promises*, 3.<sup>a</sup> edição, Oxford University Press, Oxford, 1990.
- , *Myself a Mandarin*, Oxford University Press, Oxford, 1990.
- , *Quick Tidings of Hongkong*, Oxford University Press, Oxford, 1990.
- , *Islands of the South*, Heinemann International, Oxford, 1991.

### **2.3. Obras de Austin Coates traduzidas para português**

COATES, Austin, *Macau: Calçadas da História [A Macao Narrative]*, tradução de Luísa Guedes, Gradiva/Instituto Cultural de Macau, Lisboa, 1991.

### **2.4. Documentos manuscritos e dactilografados inéditos de Austin Coates**

COATES, Austin, «Canton Masquerade», documento dactilografado por Austin Coates sobre os mercadores privados de Cantão que fazem frente ao monopólio da Companhia das Índias Orientais, s./d., 2 pp. (espólio pessoal de Austin Coates).

—, «Macao in 1600», documento inédito dactilografado por Austin Coates sobre a presença inglesa em Macau durante o século XVII, s./d., 14 pp. (espólio pessoal de Austin Coates).

- , «Currículo Dactilografado Anexo à Carta de Apresentação para Cargo de Director dos Serviços de Turismo de Singapura», listando as funções exercidas e a experiência profissional do autor até 1949, 1 p. dactilografada (espólio pessoal de Austin Coates).
- , «Application for Appointment in Divisions I & II» (Serviços de Turismo de Singapura), formulário de candidatura manuscrito por Austin Coates quando do concurso para director desses serviços, 1965, 2. pp. (espólio pessoal de Austin Coates).
- , «Carta para a Comissão de Serviços Públicos de Singapura», enviada de Singapura (23-07-1965), 1 p. dactilografada (espólio pessoal de Austin Coates).
- , «Carta dactilografada de Austin Coates para o padre Manuel Teixeira (Hong Kong, 16-01-1978)». Anexo: três páginas corrigidas do estudo de padre Manuel Teixeira [«espólio pessoal de Monsenhor Manuel Teixeira», Centro Cultural e Científico de Macau, em Lisboa (2 pp. A5). Cota: Corr. Rec. 97, cx. 2, 4048].

## 2.5. *City of Broken Promises*

- ANÓNIMO, «*City of Broken Promises*: Adapted from the Book by Austin Coates», *Hong Kong Arts Festival*, 1978, p. 43.
- , «Correspondence from the Garrison Players: «Interview: Brenda Davies Who Wrote the Script for “City of Broken Promises”, the Garrison Players’ Production», *Hong Kong Arts Centre*, vol. 1, Fevereiro de 1978, p. 11.
- , *Frederick Muller Ltd. Announce of the Forthcoming Publication of a New Novel by Austin Coates City of Broken Promises*, folheto publicitário anterior à publicação do romance, Frederick Muller, Londres, 1967, 4 pp.
- BROOKSHAW, David, «Introduction», in Henrique de Senna Fernandes, *The Bewitching Braid [A Trança Feiticeira]*, tradução de David Brookshaw, Hong Kong University Press, Hong Kong, 2004, pp. i-x.
- COATES, Austin, «Millionairess ‘Pensioner’ of Macau», *South China Morning Post*, vol. 33, n.º 335, 04-12-1977, p. 16.
- CM, «‘Broken Promises’ a Smash», *South China Morning Post*, vol. 35, n.º 312, 11-11-1979, p. 14.
- FORÊT, Philippe, «Globalizing Macau: The Emotional Cost of Modernity», in Fulong Wu (ed.), *Globalization and the Chinese City*, Routledge, Londres, 2005, pp. 108-124.

GIBBS, Sheila, «The Girl Bringing Martha to Life», *South China Morning Post*, vol. 33, n.º 335, 04-12-1977, p. 4.

INGHAM, Mike, «Hong Kong-Based English-Language Theatre», in Mike Ingham e Xu Xi (eds.), *City Stage: Hong Kong Playwriting in English*, Hong Kong University Press, Hong Kong, 2005.

LEONG, Gregory, «Austin Coates... Caught out on One Word», *Hong Kong Arts Centre*, vol. 1, Janeiro de 1978, pp. 16-17.

MENDES, Padre José Barcelos, «Noticiou a Imprensa Local a Presença em Macau», *O Clarim*, ano 21, n.º 6, 19-05-1968, p. 1.

TEIXEIRA, Padre Manuel, «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 17-03-1968, pp. 5-6.

—, «Martha Merop: Autópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 88, 21-03-1968, pp. 4-6.

—, «Martha Merop: Austópsia a Um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 89, 24-03-1968, pp. 5-6.

—, «O Herói de Um Romance [Thomas Beale]», manuscrito de 31 pp. sobre a figura histórica e literária Thomas Beale (Abraham Biddle), s./d. [c. 1970]. Espólio pessoal de Monsenhor Manuel Teixeira, Centro Cultural e Científico de Macau (Lisboa). Cota: MAN. A. 72, cx. 16, 496.

## 2.6. *The Road*

COATES, Austin, «Foreword», in *The Road*, Oxford University Press, Oxford, 1987, pp. 1-4.

## 3. ESTUDOS

### 3.1. Macau

#### Relações luso-sínicas

AA.VV., *Catálogo da Exposição Histórico-Documental: Macau e a Presença Portuguesa no Oriente, Junho 1986*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Arquivo Histórico Ultramarino, Serviços de Educação de Macau, Macau, 1986.



- ADAMS, W. H. Davenport, *Famous Caves and Catacombs: Described and Illustrated*, T. Nelson, Londres, 1886.
- ALVES, Jorge Manuel dos Santos, s.v. «Macau», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P, Círculo de Leitores/Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2001, pp. 159-163.
- AMARO, Ana Maria, «Vendilhões Chineses de Macau», *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano 1, n.º 4, Outubro de 1965, pp. 49-62.
- , *Filhos da Terra*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.
- , *O Traje da Mulher Macaense: Da Saraça ao Dó das Nhonhonha de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1989.
- , «A Mulher Macaense: Essa Desconhecida», *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 24, Julho-Setembro de 1995, pp. 5-12.
- , *Das Cabanas de Palhota às Torres de Betão, assim Cresceu Macau*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas-Livros do Oriente, Macau, 1998.
- ARESTA, António, «O Professor Luís Gonzaga Gomes e a Divulgação Pedagógica da Cultura Chinesa», *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 14, n.º 54, Dezembro de 2001, pp. 1535-1558.
- BARREIRA, Ninélio, *Ou-Mun: Coisas e Tipos de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1994.
- BARRETO, Luís Filipe, «Cultural Frontier», *MacaU*, 2.ª série, edição especial inglesa, 1997, pp. 58-72.
- BATALHA, Graciete Nogueira, *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas: Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, vols. 15, 16 e 17, 1977 (edição revista dos três artigos numa só publicação).
- , «Este Nome de Macau», *Revista de Cultura*, 1.ª série, n.º 1, Abril-Junho de 1987, pp. 7-15.
- , *Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense: Novas Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.

—, *Bom Dia S'tora! Diário duma Professora em Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1991.

BOXER, Charles Ralph, *South China in the Sixteenth Century*, Hakluyt Society, Londres, 1953.

—, *The Great Ship from Amacaon*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1963.

—, *Portuguese Society in the Tropics, The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda*, Madison, University of Wisconsin Press, 1965.

—, *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-Adventurer in South East Asia, 1624-1667*, Martinus Nijhoff, Gravenhage, 1967.

—, *Fidalgos no Extremo Oriente. 1550-1770*, Fundação Oriente-Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, Macau, 1990.

—, *Macau na Época da Restauração/Macao Three Hundred Years Ago*, Fundação Oriente, Lisboa, 1993.

BRAGA, Paulo Drumond, «A Vida Quotidiana», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor. O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 464-491.

BROWN, A. E., s.v. «Macau», in Trudy Ring et alii (eds.), *International Dictionary of Historic Places*, Fitzroy Dearborn, Londres, 1996, pp. 542-546.

CABRAL, João de Pina e Nelson Lourenço, *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1993.

CALDEIRA, Carlos José, *Macau em 1850: Crónica de Viagem*, prefácio de Susan J. Henders, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa/Quetzal Editores, Lisboa, 1999.

CASTRO, Aníbal Pinto, «Introdução», in Fernão Mendes Pinto, *A Peregrinação*, Lello & Irmãos, Porto, 1984, pp. i-xlix.

CHENG, Christina Miu Bing, *Macau: A Cultural Janus*, Hong Kong University Press, Hong Kong, 1999.

—, «Colonial Stereotyping and Cultural Anthropology», in Theo D'haen, *Colonizer and Colonized*, Rodopi, Amesterdão, 2000, pp. 135-150.

- CHEONG, Fok Kai, «The Macao Formula: A Study of Chinese Management of Westerners from the Mid-Sixteenth Century to the Opium War Period», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade do Hawai, Honolulu, 1978.
- , *Estudos sobre a Instalação dos Portugueses em Macau*, Gradiva, Lisboa, 1996.
- CLEMENS, John, *Discovering Macau: A Visitor's Guide*, Hong Kong, 1977.
- COELHO, Rogério Beltrão, *Macau: Retalhos. Passado. Presente. Futuro*, Livros do Oriente, Macau, 1990.
- , *Casa Garden: The Casa Garden*, Fundação Oriente, Macau, 1991.
- COLLIS, Maurice, *Foreign Mud: Being an Account of the Opium Imbroglia at Canton in the 1830's and the Anglo-Chinese War that Followed*, Faber and Faber, Londres, 1956.
- COSTA, Francisco Lima da, *Fronteiras de Identidade: Macaenses em Portugal e Macau*, Fim de Século, Lisboa, 2005.
- COSTA, João Paulo Oliveira e, «Os Portugueses na China», in Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo*, vol. 4, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 180-196.
- , «Macau e o Japão nos Séculos XVI e XVII», *MacaU*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 67, Novembro de 1997, pp. 190-197.
- , «A Route under Pressure. Communication between Nagasaki and Macao (1597-1617)», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1, Dezembro de 2000, pp. 75-95.
- CRANMER-BYNG, J. L. (ed.), *Britain and the China Trade, 1635-1842*, selecção de Patrick Tuck, vol. 8: *An Embassy to China: Lord Macartney's Journal, 1793-1794*, Routledge, Londres, 2000.
- CROW, Carl, *Foreign Devils in the Flowery Kingdom*, Hamish Hamilton, Londres, 1941.
- DAVIES, Shann, *Chronicles in Stone*, Departamento de Turismo, Macau, 1985.
- , *Macau*, Times Editions, Singapura, 1986.
- DIAS, Alfredo Gomes, *Macau e a I Guerra do Ópio*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1993.

- , *Sob o Signo da Transição: Macau no Século XIX*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1998.
- , *Portugal, Macau e a Internacionalização da Questão do Ópio (1909-1925)*, Livros do Oriente, Macau, 2004.
- DIAS, Pedro, *A Urbanização e a Arquitectura dos Portugueses em Macau 1557-1911*, Portugal Telecom, Lisboa, 2005.
- DOLING, Annabel, *Macau on a Plate: A Culinary Journey*, Roundhouse Publication, Hong Kong, 1994.
- DOWNING, C. Toogood, *The Fan-Quy in China in 1836-7*, vol. 1, Irish University Press, Shannon, 1972.
- DOWNS, Jacques M., *The Golden Ghetto: The American Commercial Community at Canton and the Shaping of American China Policy, 1784-1844*, Lahig University Press, Bethlehem, 1997.
- DYSON, Verne, «A Hong Kong Governor and His Famous Hymns», *The Macao Review*, vol. 2, n.º 2, Agosto de 1930, pp. 48 e 69.
- FERREIRA, José Santos, *Docí Papiáçam di Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990.
- FIGUEIREDO, Fernando, «Os Vectores da Economia», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 3: *Macau e Timor. Do Antigo Regime à República*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 95-296.
- FLORES, Jorge Manuel, «Macau e o Comércio da Baía de Cantão (Séculos XVI e XVII)», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe F. Reis Thomaz (dir.), *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, s./e., Macau, 1993, pp. 21-48.
- , «Comunicação, Informação e Propaganda: os “Jurubaças” e o Uso do Português em Macau na Primeira Metade do Século XVII», in *Actas do Encontro Português: Língua de Cultura*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1995, pp. 107-121.
- , «Macau: De Surgidouro a Cidade», in A. H. de Oliveira MARQUES (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 237-264.

- , «Macau: No Fio da Navalha», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 215-236.
- , «Macau: O Tempo da Euforia», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 179-213.
- , «Macau: Os Anos da “Gestação”», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 151-176.
- , «Introdução», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor: O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 15-65.
- , «Macau: Os Eventos Políticos. 1», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor: O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 71-155.
- FRANÇA, Bento da, *Subsídios para a História de Macau*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1888.
- , *Macau e os Seus Habitantes: Relações com Timor*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1897.
- GOMES, Artur Levy, *Esboço da História de Macau 1511-1849*, Tipografia Soi Sang, Macau, 1957.
- GOMES, Luís Gonzaga, *Chinesices*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1994.
- , *Macau: Factos e Lendas*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1994.
- GUEDES, João, «O Património Esquecido», *Macau*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 14, Junho de 1993, pp. 58-74.
- GUIMARÃES, Ângela, «A Conjuntura Política: antes de Hong Kong», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 3: *Macau e Timor. Do Antigo Regime à República*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 13-33.
- , *Uma Relação Especial: Macau e as Relações Luso-Chinesas (1780-1844)*, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa, 2000.

HAO, Yen-Ping, *The Comprador in Nineteenth Century China: Bridge between East and West*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1979.

HUNTER, William C., *Bits of Old China*, Kegan Paul, Trench, Londres, 1885.

—, *The 'Fan Kwae' at Canton before the Treaty Days 1825-1844*, Ch'eng-wen Publishing Company, Taipé, 1970.

INSO, Jaime do, *Cenas da Vida de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1997.

JESUS, Montalto C. A., *Historic Macao*, Kelly & Walsh, Hong Kong, 1902.

JORGE, Cecília e Rogério Beltrão Coelho, «Introdução», in Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho (eds.), *Viagem por Macau: Comentários, Descrições e Relatos de Autores Estrangeiros*, 2 vols., Governo de Macau: Gabinete do Secretário-Adjunto para a Comunicação, Cultura e Turismo-Livros Oriente, Macau, 1997, pp. 5-12.

LACH, Donald F., *Asia in the Making of Europe*, vol. 1, tomo 1, The University of Chicago Press, Chicago, 1993.

LEI, Frank, «Photo. Frank Lei. The Sleeping City», *China Perspectives: Macau Special*, n.º 26, Novembro-Dezembro de 1999, pp. 66-71.

LONG, George W., «Macau, A Hole in the Bamboo Curtain», *The National Geographic Magazine*, vol. 103, n.º 5, Maio de 1953, pp. 679-687.

LOPES, Maria de Jesus dos Mártires, «Mendicidade e 'Maus Costumes' em Macau e Goa na Segunda Metade do Século XVIII», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe F. Reis Thomaz (dir.), *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, 1993, s./e., Macau, pp. 55-82.

LOUREIRO, Rui Manuel, «Mentira e Experiência na Peregrinação», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 167, 17-09-1985, p. 5.

—, *Fidalgos, Missionários e Mandarins: Portugal e a China no Século XXI*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000.

—, «Camões em Macau. Um Mito Historiográfico», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 7, Julho de 2003, pp. 108-125.

*Macao Review (The)*, vol. 1, n.º 2 e vol. 2, n.º 3, Janeiro-Setembro de 1930.

MACHADO, Carlos Jacinto, *A China e os Chineses*, Editora Padre José da Silva Lucas, Macau, 1926.

MACHADO, Herlander, *Macau de ontem e de hoje: Síntese Histórica*, Bloco Gráfico, Porto, 1981.

MARIA, Frei José de Jesus, *Ásia Sínica e Japónica*, 2 vols., prefácio e notas de Charles Ralph Boxer, Instituto Cultural de Macau/Centro de Estudos Marítimos de Macau, Macau, 1988.

MARTINI, Edith Jorge de, *The Wind Amongst the Ruins: A Childhood in Macao*, Vintage Press, Nova Iorque, 1993.

MAXWELL, Kenneth R., *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues*, Routledge, Londres, 2003.

MORAES, Wenceslau de, *Traços do Extremo Oriente. Siam-China-Japão*, Livraria Barateira, Lisboa, 1946.

MÚRIAS, Manuel (ed.), *Instrução para o Bispo de Pequim e Outros Documentos para a História de Macau*, reedição fac-similada, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.

MURRAY, Dian H., *Pirates of the South China Coast 1790-1810*, Stanford University Press, Stanford, 1987.

NUNES, Isabel, «The Singing and Dancing Girls of Macau: Aspects of Prostitution in Macau», *Review of Culture*, 2.ª série, n.º 18, Janeiro-Março de 1994, pp. 61-84.

—, *Vendilhões de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1998.

NUÑEZ, César Guillén, *Macao Streets*, Oxford University Press, Oxford, 1999.

OLIVEIRA, João Carlos, «Sociedade e Quotidiano», in A. H. de Oliveira Marques, *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 3: *Macau e Timor do Antigo Regime à República*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 313-480.

OLLÉ, Manel, *La Invención de China: Percepciones y Estrategias Filipinas respecto a China durante el Siglo XVI*, Harrassowitz, Wiesbaden, 2000.

PEIXOTO, Rui Brito, «Boat People, Land People: Approach to the Social Organization of Cultural Differences in South China», *Review of Culture*, edição inglesa, n.º 2, 1987, pp. 9-19.

PEREIRA, António F. Marques, *As Alfândegas Chinesas de Macau*, Tipografia de José da Silva, Macau, 1870.

PING, Jin Guo, «Lusofonia: História e Realidade», *Administração: Revista da Administração Pública de Macau*, vol. 16, n.º 61, 2003, pp. 1057-1075.

PING, Jin Guo e Wu Zhiliang, *Dongxiwangyang: Em Busca de Histórias de Macau Apagadas pelo Tempo*, Associação de Educação de Adultos de Macau, Macau, 2002.

—, «Razões Palacianas na Origem de Macau», *MacaU*, 3.ª série, n.º 14, Maio de 2003, pp. 82-95.

—, «Razões Palacianas na Origem de Macau II», *MacaU*, 3.ª série, n.º 15, Agosto de 2003, pp. 96-107.

—, «Tentativa de Uma Nova Abordagem às Origens Históricas da Presença Portuguesa em Macau», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 8, Outubro de 2003, pp. 70-111.

—, «A Deusa-Amá e o Topónimo Macau», *MacaU*, 3.ª série, n.º 17, Fevereiro de 2004, pp. 95-108.

PIRES, Benjamim Videira, S. J., *A Viagem de Comércio Macau-Manila nos Séculos XVI a XIX*, Centro de Estudos Marítimos de Macau, Macau, 1987.

—, *Os Extremos Conciliam-se (Transculturação em Macau)*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.

—, *A Vida Marítima de Macau no Século XVIII*, Instituto Cultural de Macau/Museu Marítimo de Macau, Macau, 1993.

PITTIS, Donald e Susan J. Henders, *Macao: Mysterious Decay and Romance*, Oxford University Press, Oxford, 1997.

PONS, Philippe, *Macao*, tradução para inglês de Sarah Adams, Reaktion Books, Londres, 2002.

PORTER, Jonathan, *Macau. The Imaginary City: Culture and Society, 1557 to the Present*, Westview Press, Oxford, 1996.



- PTAK, Roderich, «A China Meridional e o Comércio Marítimo no Este e no Sudeste da Ásia entre 1600 e 1750», *Povos e Culturas*, n.º 5, 1996, pp. 199-217.
- PUGA, Rogério Miguel, «A Vivência Social do Género da Macau Oitocentista no Diário de Harriet Low (Hillard)», *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, vol. 15, n.º 56, Junho de 2002, pp. 605-664.
- , «Macau na Poesia Inglesa: Sir John Francis Davis, Sir John Bowring, W. H. Auden, Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres», in Ana Maria Amaro e Dora Martins (coord.), *Estudos sobre a China VII*, vol. 2, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2005, pp. 847-882.
- , s.v. «Hunter, William C.», in Yuwu Song (ed.), *Encyclopedia of Chinese-American Relations*, McFarland & Company Publishers, Jefferson (North Carolina) e Londres, 2006, p. 142.
- , «The Image of Macau in Tudor England: Richard's Hakluyt's Navigations (1589-1600)», *Journal of Sino-Western Cultural Studies*, vol. 2, n.º 12, Dezembro de 2006, pp. 18-32.
- , «A Vida e o Legado de Marta da Silva Van Mierop», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 22, Abril de 2007, pp. 40-51.
- , «Macau nos Anos (18)30: O Diário de Caroline Hyde Butler Laing (1837)», *Revista Portuguesa de Estudos Chineses (Zhongguo Yanjiu)*, vol. 1, n.º 2, segundo semestre de 2007, [Instituto Português de Sinologia, Universidade do Porto], pp. 71-112.
- RIDE, Lindsay e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, introdução de Bernard Mellor, Hong Kong University Press, Hong Kong, 1996.
- REGO, António da Silva, «Macau entre Duas Crises (1640-1688)», *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.ª série, vol. 24, n.º 2, 1977, pp. 307-334.
- REGO, Francisco de Carvalho e, *Cartas da China*, Imprensa Nacional, Macau, 1949.
- REGO, Silva, *A Presença Portuguesa em Macau*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1947.
- SALDANHA, António Vasconcelos de, *A 'Memória sobre o Estabelecimento dos Portugueses em Macau' do Visconde de Santarém (1845): Os Primórdios da Discussão da Legitimidade da Presença dos Portugueses em Macau*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1995.

- , «O Problema da Interpretação do Tratado de 1887 no Respeitante à Questão da Sobe-  
rania Portuguesa em Macau», *Revista Jurídica de Macau*, vol. 3, n.º 2, Agosto de 1996,  
pp. 7-90.
- , «Prefácio», in Jin Guo Ping e Wu Zhiliang (eds.), *Correspondência Oficial Trocada entre  
as Autoridades de Cantão e os Procuradores do Senado: Fundo das Chapas Sínicas em  
Português (1749-1847)*, vol. 1, Fundação Macau, Macau, 2000, pp. 5-6.
- SAMPAIO, Manuel de Castro, *Os Chins de Macau*, Tipografia Noronha e Filhos, Hong Kong,  
1867.
- SANTOS, Carlos Pinto e Orlando Neves, *De Longe à China: Macau na Historiografia e na Lite-  
ratura Portuguesa*, 4 vols., Instituto Cultural de Macau, Macau, 1988.
- SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*, vol. 3, Jornal do Fôro, Lisboa, 1962.
- SCHURHAMMER, Georg, *Francisco Xavier: His Life, His Times*, 4 vols., tradução para inglês de  
M. Joseph, Jesuit Historical Institute, Roma, 1973-1982.
- SHIPP, Steve, *Macau, China: A Political History of the Portuguese Colony's Transition to China  
Rule*, McFarland, Londres, 1997.
- SILVA, Beatriz Basto da, *Cronologia da História de Macau*, vols. 1 e 2: *Séculos XVI-XVIII e  
Século XVIII*, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1992-1997.
- SILVA, Maria Teresa Lopes da, *Transição de Macau para a Modernidade 1841-1853: Ferreira  
do Amaral e a Construção da Soberania Portuguesa*, Fundação Oriente, Lisboa, 2002.
- SIMPSON, Colin, *Asia's Bright Colonies: Hong Kong. Macao. Philippines*, Angus & Robertson,  
Londres, 1962.
- SMITH, Carl T., «Parsee Merchants in the Pearl River Delta», *Revista de Cultura*, edição interna-  
cional, n.º 10, Abril de 2004, pp. 36-49.
- SMITH, Carl T. e Paul A. Van Dyke, «Armenian Footprints in Macao», *Revista de Cultura*, edição  
internacional n.º 8, Outubro de 2003, pp. 20-39.
- SOUZA, George Bryan de, *A Sobrevivência do Império: Os Portugueses na China (1630-1754)*,  
tradução de Luísa Arrais, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991.

- , «Commerce and Capital: Portuguese Maritime Losses in the South China Sea, 1600-1754», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz (eds.), *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: Actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, s./e., Macau, 1993, pp. 321-329.
- TEIXEIRA, Padre Manuel, *Macau e a Sua Diocese*, 16 vols., Imprensa Nacional, Macau, 1940-1961.
- , *Os Macaenses*, Imprensa Nacional, Macau, 1965.
- , «Colégio de Santa Rosa de Lima», *O Clarim*, ano 21, n.º 6, 19-05-1968, pp. 5-6.
- , *As Canossianas na Diocese de Macau: I Centenário (1874-1974)*, Tipografia da Missão do Padroado, Macau, 1974.
- , *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau*, Centro de Informação e Turismo-Imprensa Nacional, Macau, 1974 (parcialmente publicado como «Galeria de Mulheres Ilustres em Macau», *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 24, Julho-Setembro de 1995, pp. 203-228).
- , *George Chinnery no Bicentenário do Seu Nascimento 1774-1974*, Imprensa Nacional, Macau, 1974.
- , *Os Ouvidores em Macau*, Imprensa Nacional, Macau, 1976.
- , *Macau no Século XVII*, Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1981.
- , *Macau no Século XVIII*, Imprensa Nacional de Macau, Macau, 1984.
- , *Toponímia de Macau*, vol. 1: *Ruas com Nomes Genéricos* e vol. 2: *Ruas com Nomes de Pessoas*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1997.
- , *A Gruta de Camões em Macau*, Fundação Macau/Instituto Internacional de Macau, Macau, 1999.
- , *A Imprensa Periódica Portuguesa no Extremo Oriente*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1999.
- , *Residência dos Governadores de Macau*, Gabinete do Governador de Macau, Macau, 1999.

- THAMPI, Madhavi, «Parsis in the China Trade», *Review of Culture*, edição internacional, n.º 10, Abril de 2004, pp. 16-25.
- TOMÁS, Isabel, «O Crioulo Macaense (Algumas Questões)», *Revista de Cultura*, ano 2, vol. 2, n.º 5, 1988, pp. 36-48.
- , «Os Filhos de Caliban: Língua e Identidade nos Crioulos Portugueses do Oriente», provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1995.
- VALE, António M. Martins do, «A População de Macau na Segunda Metade do Século XVIII», *Povos e Culturas*, n.º 5, 1996, pp. 241-254.
- , *Os Portugueses em Macau (1750-1800): Degredados, Ignorantes e Ambiciosos ou Fiéis Vassalos d'El Rei?*, Instituto Português do Oriente, Macau, 1997.
- , «Macau: Os Eventos Políticos. 2», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor. O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 159-227.
- WATTS, Ian E., «Bi-Racial Identity, Bi-Racial Status: Two Chinese Orphans Raised by the Canossian Sisters in Macao», *Review of Culture*, edição inglesa, n.º 31, Abril-Junho de 1997, pp. 71-88.
- WILLS, John E., *Embassies and Illusions. Dutch and Portuguese Envoys to K'ang-hsi, 1666-1687*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1984.
- , «The Survival of Macao, 1640-1729», in Jorge M. dos Santos Alves (coord.), *Portugal e a China: Conferências do II Curso Livre de História das Relações entre Portugal e a China (Séculos XVI-XIX)*, Fundação Oriente, Lisboa, 1999, pp. 111-124.
- ZHILIANG, Wu, *Segredos da Sobrevivência: História Política de Macau*, Associação de Educação de Adultos de Macau, Macau, 1999.

### 3.2. China

- China Briefing: The Practical Application of China Business. Business Guide to the Great Pearl River Delta*, China Briefing Media-Dezan Shira, Hong Kong, 2004.
- CRUZ, Gaspar da, «Cousas da China e do Reino de Ormuz», in Luís de Albuquerque (dir.), *Primeiros Escritos Portugueses sobre a China*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 51-181.

- DOOLITTLE, Justus, *Social Life of the Chinese with Some Account of Their Religious, Governmental, Educational, and Business Customs and Opinions. With Special but not Exclusive Reference to Fuhchau*, 2 vols., Harper & Brothers, Nova Iorque, 1865.
- EASTMAN, Lloyd E., *Family, Fields and Ancestors: Constancy and Change in China's Social and Economic History-1550-1949*, Oxford University Press, Oxford, 1988.
- ÉTIEMBLE, René, «De la Sinophilie à la Sinophobie», *Corps Écrit*, n.º 25: *Vues de Chine*, 1988, pp. 135-144.
- FAIRBANK, John King (ed.), *The Chinese World Order*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1968.
- FAIRBANK, John King e Denis Twitchett (dir.), *The Cambridge History of China*, 15 vols., Cambridge University Press, Cambridge, 1986-1991.
- HO, Louis Kam-tat, *Theological and Cultural Accomodation: Matteo Ricci and the Jesuit Mission in China 1583-1742*, UMI Dissertations, Ann Harbor, 1996.
- HONIG, Emily, *Creating Chinese Ethnicity. Subei People in Shangai, 1850-1980*, Yale University Press, New Haven, 1992.
- HU, Hsien Chin, «The Chinese Concepts of "Face"», *American Anthropologist*, nova série, vol. 46, n.º 1, parte 1, Janeiro-Março de 1944, pp. 45-64.
- IMPEY, Oliver, *Chinoiserie: The Impact of Oriental Styles on Western Decoration*, Oxford University Press, Londres, 1977.
- LEE, Thomas H. C. (ed.), *China and Europe: Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1991.
- LEVY, Howard Seymour, *Chinese Foot Binding*, Neville Spearman, Londres, 1970.
- MARTIN, Robert Montgomery, *China, Political, Commercial and Social*, vol. 2, James Madden, Londres, 1847.
- MOTA, Álvaro Samuel Guimarães da, «Gravuras de *Chinoiserie* de Jean-Baptiste Pillement», 2 vols., dissertação de mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1997.

NAQUIN, Susan e Evelyn S. Rawski, *Chinese Society in the Eighteenth Century*, Yale University Press, New Haven, 1987.

PETERSON, Willard J. (ed.), *The Cambridge History of China*, vol. 9, parte 1: *The Ch'ing Empire to 1800*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002.

RAMSEY, S. Robert, *The Languages of China*, Princeton University Press, Princeton-New Jersey, 1989.

REICHWEIN, Adolf, *China and Europe: Intellectual and Artistic Contacts in the Eighteenth Century*, tradução de J. C. Powell, Kegan Paul, Trench, Trubner, Londres, 1925.

ROCHA, Rui, «A Caligrafia Chinesa», *MacaU*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 66, Outubro de 1997, pp. 48-56.

SHANGHNESSY, Edward L. (ed.), *China: The Land of the Heavenly Dragon*, Duncan Baird, Londres, 2000.

SMITH, Arthur H., *Chinese Characteristics*, F. H. Revell, Nova Iorque, 1894.

SPENCE, Jonathan D., *The Search for Modern China*, W. W. Norton, Nova Iorque, 1990.

—, «Western Perceptions of China from Late Sixteenth Century to the Present», in Paul S. Ropp (ed.), *Heritage of China: Contemporary Perspectives on Chinese Civilization*, University of California Press, Berkeley, 1990, pp. 1-14.

—, *The Chan's Great Continent: China in Western Minds*, W. W. Norton, Nova Iorque, 1998.

WALKER, Richard L. (ed.), *China and the West: Cultural Collision: Selected Documents*, Far Eastern Publications, Yale University, New Haven, 1956.

YANG, Mayfair Mai-hui, *Gifts, Favors & Banquets: The Art of Social Relationships in China*, Cornell University Press, Ithaca, 1995.

### **3.3. A expansão inglesa, a East India Company, as relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente e a fundação de Hong Kong**

AA.VV., *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa: 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, Her Majesty's Government/British Broadcasting Corporation/Canning House, Londres, s./d.

- , *Views of the Pearl River Delta: Macau, Canton and Hong Kong: Catalogue of Exhibition Presented at the Hong Kong Museum of Art (November 1996-February 1997) and the Peabody Essex Museum (June-September 1997)*, Urban Council of Hong Kong, Hong Kong, 1996.
- , *Picturing Cathay: Maritime and Cultural Images of the China Trade*, University Museum and Art Gallery/The University of Hong Kong, Hong Kong, 2003.
- ALLEN, Nathan, *The Opium Trade Including a Sketch of Its History, Extent, Effects, etc, as Carried on in India and China*, James P. Walker, Londres, 1853.
- ANDREWS, Kenneth R., *Trade, Plunder and Settlement: Maritime Enterprise and the Genesis of the British Empire 1480-1630*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991.
- ANTHONY, Ch'en Kuo-tung, *The Insolvency of the Chinese Hong Merchants, 1760-1834*, Academia Sínica, Taipé, 1990.
- APPLETON, William Worthen, *A Cycle of Cathay: The Chinese Vogue in England during the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1951.
- BASSETT, D. K., «Early English Trade and Settlement in Asia, 1602-1690», in Anthony Disney (ed.), *An Expanding World*, vol. 4: *Historiography of Europeans in Africa and Asia, 1450-1800*, Variorum, Aldershot, 1995, pp. 128-153.
- , «The Trade of the English East India Company in the Far East, 1623-84», in Om Prakash (ed.), *An Expanding World – The European Impact on World Economy 1450-1800*, vol. 10: *European Commercial Expansion in Early Modern Asia*, Variorum-Ashgate, Aldershot, 1997, pp. 208-236.
- BENTON, Lauren A., *Law and Colonial Culture: Legal Regimes in World History, 1400-1900*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002.
- BICKERS, Robert A. (ed.), *Ritual & Diplomacy: The Macartney Mission to China (1792-1794): Papers Presented at the 1992 Conference of the British Association for Chinese Studies Marking the Bicentenary of the Macartney Mission to China*, Wellsweep/British Association for Chinese Studies, Londres, 1993.
- BLUSSÉ, Leonard e Femme Gaastra (eds.), *Companies and Trade: Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*, Leiden University Press, Leida, 1981.

- , «Companies and Trade: Some Reflections on a Workshop and a Concept», in Leonard Blussé e Femme Gaastra (eds.), *Companies and Trade: Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*, Leiden University Press, Leida, 1981, pp. 3-13.
- BOXER, Charles Ralph, «Vicissitudes das Relações Anglo-Portuguesas no Século XVII», in AA. VV., *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa: 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, Her Majesty's Government/British Broadcasting Corporation/Canning House, Londres, s./d., pp. 26-30.
- BOWEN, H. V. et al. (eds.), *The Worlds of the East India Company*, The Boydell Press-National Maritime Museum/University of Leicester, Suffolk, 2004.
- BRAGA, José Maria, *Hong Kong and Macao*, Notícias de Macau, Hong Kong, 1951.
- , «A Seller of 'Sing-Songs': A Chapter in the Foreign Trade of China and Macao», *Journal of Oriental Studies*, vol. 6, n.º 1-2, 1961-1964, pp. 61-108.
- BRUCE, John, *Annals of the Honorable East-India Company, from Their Establishment by the Charter of Queen Elizabeth 1600, to the Union of the London and English East-India Companies, 1707-8*, 3 vols., Black, Parry and Kingsbury, Londres, 1810.
- BULLEY, Anne, *The Bombay Country Ships 1790-1833*, Curzon Press, Richmond, 2000.
- CAMERON, Nigel, *Barbarians and Mandarins: Thirteen Centuries of Western Travellers in China*, Oxford University Press, Oxford, 1993.
- CANNY, Nicholas (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 1: *The Origins of the Empire: British Overseas Enterprise to the Close of the Seventeenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001.
- , «The Origins of Empire: An Introduction», in Nicholas Canny (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 1: *The Origins of the Empire: British Overseas Enterprise to the Close of the Seventeenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 1-33.
- CARVALHO, Joaquim Martins de, *A Nossa Alliada!*, Tipografia de António Henriques Morgado, Porto, 1883.
- CHAUDHURI, Kirti N., *The Trading World of Asia and the English East India Company, 1660-1770*, Cambridge University Press, Cambridge, 1978.



- , *Trade and Civilization in the Indian Ocean: An Economic History from the Rise of Islam to 1750*, Cambridge University Press, Cambridge, 1985.
- CHEONG, Wen Eang, *Mandarins and Merchants: Jardine Matheson & Co., A China Agency of the Early Nineteenth Century*, Curzon Press, Londres, 1978.
- , *The Hong Merchants of Canton: Chinese Merchants in Sino-Western Trade*, Curzon Press, Richmond, 1997.
- CONNER, Patrick, *The China Trade 1600-1860*, The Royal Pavillion, Art Gallery and Museum, Brighton, 1986.
- , *George Chinnery 1774-1852: Artist of India and the China Coast*, Antique Collectors' Club, Woodbridge, 1992.
- CRANMER-BYNG, J. L., «The First English Sinologists: Sir George Staunton and the Reverend Robert Morrison», in F. S. Drake (ed.), *Symposium on Historical, Archaeological and Linguistic Studies on Southern China, South-East Asia and the Hong Kong Region*, Hong Kong University Press, Hong Kong, 1967, pp. 247-260.
- CROSSMAN, Carl, *The Decorative Arts of the China Trade: Paintings, Furniture and Exotic Curiosities*, Antique Collector's Club, Woodbridge, 1997.
- CROUCH-SMITH, Jean *et alii*, *Macau Protestant Chapel: A Short History*, Fundação Oriente, Macau, 1997.
- CUNZHONG, Fan, «The Beginnings of the Influence of Chinese Culture in England», in Adrian Hsia (ed.), *The Vision of China in the English Literature of the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1998, pp. 69-86.
- DEYAN, Guo, «The Study of Parsee Merchants in Canton, Hong Kong and Macao», *Revista de Cultura*, edição internacional, n.º 8, Outubro de 2003, pp. 51-69.
- DISNEY, A. R., *Twilight of the Pepper Empire: Portuguese Trade in Southwest India in the Early Seventeenth Century*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1978.
- DUFFY, Michael, «World-Wide War and British Expansion, 1793-1815», in P. J. Marshall (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2: *The Eighteenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 184-207.

DYKE, Paul A. Van, *The Canton Trade: Life and Enterprise on the China Coast, 1700-1845*, Hong Kong University Press, Hong Kong, 2005.

EAMES, James Bromley, *The English in China Being an Account of the Intercourse and Relations between England and China from the Year 1600 to the Year 1843 and a Summary of Later Developments*, Curzon Press, Londres, 1974.

EITEL, E. J., *Europe in China: The History of HongKong from the Beginning to the Year 1882*, Luzac, Londres, 1895.

ENDACOTT, G. B., *A History of Hong Kong*, Oxford University Press, Oxford, 1977.

ERNESTO, Adriano José, «A Cessão de Bombaim à Inglaterra», dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1952.

EYLES, D., «The Abolition of the East India Company's Monopoly 1833», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Edimburgo, Edimburgo, 1955.

FARRINGTON, Anthony, *East India Company Ships, 1600-1833: Based on a Catalogue of the East India Company Ships' Journals and Logs 1600-1834*, The British Library, Londres, 1999.

FAY, Peter Ward, *The Opium War 1840-1842*, The University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1997.

FERREIRA, Patrícia Drumond Borges, *As Relações Luso-Britânicas na China Meridional (Século XVII)*, Centro de Estudos de História do Atlântico/Secretaria Regional do Turismo e Cultura da Região Autónoma da Madeira, Funchal, 2002.

FOSTER, Sir William, *The English Factories in India: 1634-1636*, Clarendon Press, Oxford, 1911.

—, *England's Quest for Eastern Trade*, A & C Black, Londres, 1933.

FRANCIS, A. D., «A Aliança Anglo-Portuguesa no Século XVIII», in AA.VV., *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa: 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, Her Majesty's Government/British Broadcasting Corporation, Londres, s./d., pp. 31-35.

FURBER, Holden, *John Company at Work: A Study of European Expansion in India in the Late Eighteenth Century*, Cambridge University Press, Londres, 1951.

- , *Rival Empires of Trade in the Orient, 1600-1800*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1976.
- GARRETT, Valery M., *Heaven is High, the Emperor far away: Merchants and Mandarins in Old Canton*, Oxford University Press, Oxford, 2002.
- GREENBERG, Michael, *British Trade and the Opening of China 1800-42*, Cambridge University Press, Cambridge, 1951.
- GRIFFITHS, Sir Percival, *A Licence to Trade: The History of English Chartered Companies*, Ernest Benn, Londres, 1974.
- HANCOCK, David, «‘An Undiscovered Ocean of Commerce Laid Open’: India, Wine and the Emerging Atlantic Economy 1703-1813», in H. V. Bowen *et al.* (eds.), *The Worlds of the East India Company*, The Boydell Press/National Maritime Museum/University of Leicester, Suffolk, 2004, pp. 153-168.
- HARLOW, Vincent T., *The Founding of the Second British Empire 1763-1793*, 2 vols., Longman, Londres, 1952-1964.
- HAUDRÈRE, Philippe, *La Compagnie Française des Indes au XVIII<sup>e</sup> Siècle*, 4 vols., Librairie de l’Inde, Paris, 1989.
- HOE, Susanna e Derek Roebuck, *The Taking of Hong Kong: Charles and Clara Elliot in China Waters*, Curzon Press, Richmond, 1999.
- HOWARD, Paul Wilson, «Opium Supression in Qing China: Responses to a Social Problem, 1729-1906», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Pensilvânia, Filadélfia, 1998.
- HOWARTH, David, *A Brief History of British Sea Power*, Robinson, Londres, 2003.
- HSIA, Adrian (ed.), *The Vision of China in the English Literature of the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1998.
- JAMES, Lawrence, *RAJ: The Making and Unmaking of British India*, Abacus, Londres, 2001.
- JANIN, Hunt, *The India-China Opium Trade in the Nineteenth Century*, McFarland, Jefferson, 1999.

- JOHANSSON, Bengt (ed.), *The Golden Age of China Trade: Essays on the East India Companies' Trade with China in the 18th Century and the Swedish East Indiaman Götheburg*, Viking Publications, Hong Kong, 1992.
- KEAY, John, *The Honourable Company: A History of the English East India Company*, Harper Collins, Londres, 1993.
- , *Lost Post: The End of the Empire in the Far East*, John Murray, Londres, 1997.
- KU, Wi-chun, *The Status of Aliens in China*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1912.
- LAWSON, Philip, *The East India Company: A History*, Longman, Londres, 1998.
- LEAL, Cunha, *Portugal e a Inglaterra*, Imprensa Moret, La Coruña, 1932.
- LENMAN, Bruce P., «The East India Company and the Trade in Non-Metallic Precious Materials from Sir Thomas Roe to Diamond Pitt», in H. V. Bowen *et al.* (eds.), *The Worlds of the East India Company*, The Boydell Press/National Maritime Museum/University of Leicester, Suffolk, 2004, pp. 97-109.
- LEVINE, Philippa (ed.), *The Oxford History of the British Empire Companion Series: Gender and Empire*, Oxford University Press, Oxford, 2004.
- LUARD, Evan, *Britain and China*, Chatto & Windus, Londres, 1962.
- LUBBOCK, Basil, *The Opium Clippers*, Charles E. Lauriat, Boston, 1933.
- MADROLLE, Claudius, *Les Premiers Voyages Français à la Chine. La Compagnie de Chine (1698-1719)*, Augustin Challamel, Paris, 1901.
- MANNING, Catherine, *Fortunes a Faire: The French in Asian Trade, 1719-48*, Variorum, Aldershot, 1996.
- MARSHALL, P. J., «Britain and China in the Late Eighteenth Century», in Robert A. Bickers (ed.), *Ritual & Diplomacy: The Macartney Mission to China (1792-1794)*, Wellsweep-British Association for Chinese Studies, Londres, 1993, pp. 11-30.
- (ed.), *The Cambridge Illustrated History of the British Empire*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

- , «Private British Trade in the Indian Ocean before 1800», in Om Prakash (ed.), *An Expanding World – The European Impact on World Economy 1450-1800*, vol. 10: *European Commercial Expansion in Early Modern Asia*, Variorum-Ashgate, Aldershot, 1997, pp. 237-262.
- , «Britain Without America-A Second Empire», in P. J. Marshall (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2: *The Eighteenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 576-595.
- , «The British in Asia: Trade to Dominion, 1700-1765», in P. J. Marshall (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2: *The Eighteenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 487-507.
- , «The English in Asia to 1700», in P. J. Marshall (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2: *The Eighteenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001, pp. 264-285.
- , (ed.), *The Oxford History of the British Empire*, vol. 2: *The Eighteenth Century*, Oxford University Press, Oxford, 2001.
- , «The Portuguese in Asia in British Historiography», *Portuguese Studies*, vol. 20, n.º 1, Setembro de 2004, pp. 38-46.
- MARSHALL, P. J. e Glyndwr Williams, *The Great Map of Mankind: British Perceptions of the World in the Age of Enlightenment*, Dent, Londres, 1982.
- MASSARELLA, Derek, *A World Elsewhere: Europe's Encounter with Japan in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Yale University Press, Londres, 1990.
- MATHEW, K. M., «The Dutch Threat and the Security of the Carreira in India Waters 1595-1664», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz (dir.), *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos: Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, s./e., Angra do Heroísmo, 1998, pp. 779-783.
- MILBURN, William, *Oriental Commerce*, 2 vols., Black, Parry, Londres, 1813.
- MILTON, Giles, *Samurai William: The Adventurer Who Unlocked Japan*, Sceptre, Londres, 2003.
- MORSE, Hosea Ballou, *The Gilds of China*, Longmans, Nova Iorque, 1909.

- , *The International Relations of the Chinese Empire*, vol. 1: *The Period of the Conflict 1834-1869*, Longmans, Green, Londres, 1910.
- , «The Supercargo in the China Trade about the Year 1700», *The English Historical Review*, vol. 36, n.º 142, 1921, pp. 199-209.
- , *Trade and Administration of China*, Longmans, Green, Nova Iorque, 1921.
- , *The Chronicles of the East India Company Trading to China 1635-1834*, vols. 1-4, Clarendon Press, Oxford, 1926.
- MUKHERJEE, Ram Krishna, *The Rise and Fall of the East India Company: A Sociological Appraisal*, Monthly Review Press, Nova Iorque, 1974.
- MUNN, Christopher, *Anglo-China: Chinese People and British Rule in Hong Kong 1841-1880*, Curzon Press, Richmond, 2001.
- NAIDIS, Mark, *The Second British Empire 1783-1964: A Short History*, Addison-Wesley, Reading-Massachusetts, 1970.
- ORANGE, James, *The Chatter Collection. Pictures Relating to China, HongKong, Macao, 1655-1860; with Historical and Descriptive Letterpress*, Thornton Butterworth, Londres, 1924.
- OSBORN, Sherard, *Past and Future of British Relations with China*, s./e., Edimburgo, 1860.
- OWEN, David Edward, *British Opium Policy in China and India*, Yale University Press, New Haven, 1934.
- PAGANI, Catherine, *Eastern Magnificence & European Ingenuity: Clocks of Late Imperial China*, University of Michigan Press, Michigan, 2004.
- PARKER, James Gordon, «The Directors of the East India Company 1754-1790», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Edimburgo, Edimburgo, 1977.
- PARRY, J. H., *Trade & Dominion: The European Overseas Empires in the Eighteenth Century*, Phoenix Press, Londres, 2000.
- PEREIRA, José Costa, s.v. «Inglaterra, relações de Portugal com a», in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Editorial Caminho, Lisboa, 1994, pp. 534-535.

- PEYREFITTE, Alain, *Un Choc de Cultures. La Vision des Chinois*, Fayard, Paris, 1991.
- , *O Império Imóvel*, Gradiva, Lisboa, 1995.
- PICHON, Alain Le, *Aux Origines de Hong Kong. Aspects de la Civilisation Commerciale à Canton: les Fonds de Commerce de Jardine, Matheson & Co., 1827-1839*, L' Harmattan, Paris, 1998.
- PRAKASH, Om, «European Trade and South Asian Economies: Some Regional Contrasts, 1600-1800», in Leonard Blussé e Femme Gaastra (eds.), *Companies and Trade: Essays on Overseas Trading Companies during the Ancien Régime*, Leiden University Press, Leida, 1981, pp. 189-205.
- , (ed.), *An Expanding World – The European Impact on World Economy 1450-1800*, vol. 10: *European Commercial Expansion in Early Modern Asia*, Variorum/Ashgate, Aldershot, 1997.
- , «The English East India Company and India», in H. V. Bowen *et al.* (eds.), *The Worlds of the East India Company*, The Boydell Press/National Maritime Museum/University of Leicester, Suffolk, 2004, pp. 1-17.
- PRESTAGE, Edgar, *As Relações Diplomáticas de Portugal com a França, Inglaterra e Holanda, de 1640 a 1668*, tradução de Amadeu Ferraz de Carvalho, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1928.
- , «The Anglo-Portuguese Alliance», *Transactions of the Historical Society*, 4.<sup>a</sup> série, vol. 17, 1934, pp. 69-100.
- PRITCHARD, Earl H., *Anglo-Chinese Relations during The Seventeenth and Eighteenth Centuries: University of Illinois Studies in the Social Sciences*, vol. 17, n.º 1-2, Março-Junho de 1929, University of Illinois, Urbana, 1929.
- , *The Crucial Years of Early Relations: 1750-1800*, Routledge, Londres, 2000.
- PUGA, Rogério Miguel, «Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy's Travels (1637)», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 1, Dezembro de 2000, pp. 97-109.
- , «Macau enquanto Cronótopo Exótico na Literatura Inglesa», in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *Actas do I Congresso de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 6-8 de Maio de 2001*, Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001, pp. 705-723.

- , «A Dimensão da Alteridade em *The Travels* de Peter Mundy (1637): Contribuição para o Estudo das Relações Anglo-Portuguesas no Extremo Oriente», *Revista de Cultura/Review of Culture*, edição internacional, n.º 3, Julho de 2002, pp. 136-152.
- , «The ‘Lusiads’ at Sea and the Spaniards at War in Elizabethan Drama: Shakespeare and the Portuguese Discoveries», in Holger Klein e José Manuel González (eds.), *Shakespeare Yearbook*, vol. 13: *Shakespeare and Spain*, The Edwin Mellen Press, Lewiston, Queenston e Lampeter, 2002, pp. 90-114.
- , «The Presence of the ‘Portugals’ in Macao and Japan in Richard Hakluyt’s *Navigations*», *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 5, Dezembro de 2002, pp. 81-115.
- , «Os Descobrimentos Portugueses em *The Principal Navigations* de Richard Hakluyt», *Anais de História de Além Mar*, n.º 3, 2003, pp. 63-131.
- , «A Convenção de Goa (1635) e a Primeira Viagem (Luso-)Inglesa a Macau», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 14, 2005, pp. 71-108.
- , «Macau e o *China Trade*: O Estabelecimento Regular da East India Company na China», *Daxiyangguo: Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*, n.º 8, 2.º semestre de 2005, pp. 127-154.
- , «As Primeiras Viagens Inglesas a Macau (1635-1699)», *Anais de História de Além-Mar*, n.º 6, 2005, pp. 159-214.
- , «O Primeiro Olhar Norte-Americano sobre Macau: Os Diários de Samuel Shaw (1754-1794)», in Ana Gabriela Macedo *et al.* (org.), *Intertextual Dialogues, Travel & Routes*, *Actas do XXVI Encontro da APEAA 21 a 23 de Abril de 2005*, Universidade do Minho, Braga, 2007, pp. 227-251.
- , «Macau nos Anos (18)30: O Diário de Caroline Hyde Butler Laing (1837)», *Revista Portuguesa de Estudos Chineses (Zhongguo Yanjiu)*, vol. 1, n.º 2, segundo semestre de 2007, pp. 71-112.
- RAMSAY, George Daniel, *English Overseas Trade during the Centuries of Emergence: Studies in Some Modern Origin of the English-Speaking World*, Macmillan, Londres, 1957.
- RIESS, Ludwig, «History of the English Factory at Hirado (1613-1622)», *Transactions of the Asiatic Society of Japan*, vol. 26, 1898, pp. 1-114.



- ROSE, J. Holland, A. P. Newton e E. A. Benians (eds.), *The Cambridge History of the British Empire*, 8 vols., Cambridge University Press, Cambridge, 1929-1963.
- SARGENT, A. J., *Anglo-Chinese Commerce and Diplomacy (Mainly in the Nineteenth Century)*, Oxford at the Clarendon Press, Londres, 1907.
- SCAMMELL, G. V., *The World Encompassed: The First European Maritime Empires, c. 800-1650*, Methuen, Londres, 1987.
- SELBORNE, Roundell Palmer, *Statement of Claims of the British Subjects Interested in Opium Surrendered to Captain Elliot at Canton for the Public Service*, Pelham, Richardson, Londres, 1840.
- SHIRODKAR, P. P., «*Carreira da Índia and European Rivalry in the Indian Ocean and South China Sea (1510-1641)*», in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz (dir.), *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, s./e., Angra do Heroísmo, 1998, pp. 785-808.
- SINGER, Aubrey, *The Lion and the Dragon: Lord Macartney's Embassy to the Emperor Qianlong, 1792-94*, Barrie & Jenkins, Londres, 1992.
- SOOTHILL, W. E., *China and England*, Oxford University Press, Londres, 1928.
- STIFLER, Susan Reed, «The Language Students of the East India Company Canton Factory», *Journal of the North China Branch of the Royal Asiatic Society*, vol. 69, 1938, pp. 46-82.
- SULLIVAN, Michael, *The Meeting of Eastern and Western Art*, University of California Press, Los Angeles, 1997.
- SWINDOLL, Charles R., *Growing Deep in the Christian Life: Essential Truths for Becoming Strong in the Faith*, Zondervan, Grand Rapids, 1995.
- TROCKY, Carl A. (ed.), *Opium, Empire and the Global Political Economy: A Study of the Asian Opium Trade 1750-1950*, Routledge, Londres, 1999.
- TUCK, Patrick, «Introduction: Sir George Thomas Staunton and the Failure of the Amherst Embassy of 1816», in Patrick Tuck (ed.), *Britain and the China Trade 1635-1842*, vol. 10: *Sir George Thomas Staunton. Notes of Proceedings and Occurrences during the British Embassy to Peking in 1816: George Thomas Staunton*, Routledge, Londres, 2000, pp. vii-xlii.

- VINK, Marcus P. M., «The *Entente Cordiale*: The Dutch East India Company and the Portuguese Shipping through the Straits of Malacca, 1641-1663», *Revista de Cultura*, ano 5, vol. 1, n.º 13-14, Janeiro-Junho de 1991, pp. 289-309.
- WALKER, Richard (ed.), *China and the West: Cultural Collision-Selected Documents*, Far Eastern Publications, Yale, 1956.
- WELSH, Frank, *A History of Hong Kong*, Harper Collins, Londres, 1997.
- WHITE, Ann Bolbach, «The Hong Merchants of Canton», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Pensilvânia, Filadélfia, 1967.
- WILD, Anthony, *The East India Company: Trade and Conquest from 1600*, Harper Collins, Londres, 2000.
- WILLSON, Beckles, *Ledger and Sword or the Honourable Company of Merchants of England Trading to the East Indies (1599-1874)*, 2 vols., Longmans, Green, Londres, 1903.
- WILTSHIRE, Trea, *Encounters with Asia: Merchants, Missionaries and Mandarins*, FormAsia, Hong Kong, 1995.
- WOODCOCK, George, *The British in the Far East*, Weidenfeld and Nicholson, Londres, 1969.
- ZHANG, Shunhong, «British Views on China during the Time of the Embassies of Lord Macartney and Lord Amherst (1790-1820)», tese de doutoramento em História apresentada à Universidade de Londres, Londres, 1990.
- ZHONGSHU, Qian, «China in the English Literature of the Seventeenth Century», in Adrian Hsia (ed.), *The Vision of China in the English Literature of the Seventeenth and Eighteenth Centuries*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1998, pp. 29-68.

### **3.4. Chinese Pidgin English**

- AITCHISON, Jean, *Language Change: Progress or Decay*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
- ANÓNIMO, «Art. VII. Jargon Spoken in Canton: How it Originated and Has Grown into Use; Mode in which the Chinese Learn English; Examples of the Language in Common Use between Foreigners and Chinese», *The Chinese Repository*, vol. 4, n.º 9, Janeiro de 1836, pp. 428-435.

- BAKER, Philip, «Historical Development in Chinese Pidgin English and the Nature of the Relationships between the Various Pidgin Englishes of the Pacific Region», *Journal of Pidgin and Creole Languages*, vol. 2, n.º 2, 1987, pp. 163-207.
- BAKER, Philip e Peter Mühlhäusler, «From Business to Pidgin», *Journal of Asian Pacific Communication*, vol. 1, 1990, pp. 87-116.
- BALESTRIERI, Attilio e Rafaele Bracalenti, s.v. «Pidgin», in Guido Bolaffi *et al.* (eds.), *Dictionary of Race, Ethnicity and Culture*, Sage, Londres, 2003, pp. 217-219.
- BOLTON, Kingsley, *Chinese Englishes: A Sociolinguistic History*, Cambridge University Press, Cambridge, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, *Language and Symbolic Power*, tradução de Gino Raymond e Mathew Adamson, Cambridge Polity Press, Cambridge, 1991.
- CHENG, Chin-chuan, «Chinese Varieties of English», in Braj B. Kachru (ed.), *The Other Language: English Across Cultures*, University of Illinois Press, Chicago, 1992, pp. 162-177.
- COOK, Alastair Penny, *The Cultural Politics of English as an International Language*, Longman, Londres, 1999.
- DOBSON, Wm. T., «Pidgin-English», *The Argosy*, vol. 73, Janeiro-Março de 1901, pp. 105-109.
- GREEN, O. M., «Pidgin-English», *The Fortnightly*, nova série, vol. 36, Julho-Dezembro de 1934, pp. 331-340.
- HALL, Robert A., «Chinese Pidgin English Grammar and Texts», *Journal of the American Oriental Society*, vol. 64, n.º 3, 1944, pp. 95-113.
- HOLMES, Janet, *An Introduction to Sociolinguistics*, Longman, Londres, 2001.
- LANG, George, «“Hardly more Inteligible than Chinese Itself”: A Brief Account of Chinese Pidgin English», *Asian Englishes*, vol. 3, n.º 1, 2000, pp. 21-38.
- LEA, Williams E., «The Portuguese Contribution to the Former Trade Language of the China Coast», in AA.VV., *Vice-Almirante A. Teixeira da Mota: In Memoriam*, vol. 1, Academia da Marinha/Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1986, pp. 223-228.

PUGA, Rogério Miguel, «Chinese Pidgin English as a Narrative Strategy and the Polyphonic Dimension of Austin Coates' *City of Broken Promises* (1967) and Timothy Mo's *An Insular Possession* (1986)», *BELL 2004: Belgium Journal of English Language and Literatures/The Language/Literature Interface*, nova série, n.º 3, 2004, pp. 103-112.

SHI, Dingxu, «Chinese Pidgin English Its Origins and Linguistic Features», *Journal of Chinese Linguistics*, vol. 19, n.º 1, Janeiro de 1991, pp. 1-40.

TODD, Loretto, *Pidgins and Creoles*, Routledge, Londres, 1974.

### 3.5. História de Inglaterra

AA.VV., *Twickenham 1600-1900: People and Places*, Twickenham Local History Society, Londres, 1981.

ANÔNIMO, *Chronological Table of Private Personal Acts 1539-1997*, The Stationery Office, Londres, 1999.

DICKENS JR., Charles, *Dicken's Dictionary of London 1877: An Unconventional Handbook*, Macmillan, Londres, 1887.

*Craftsman or Say's Weekly Journal*, n.º 892, 09-09-1775.

*English Chronicle or Universal Evening Post*, n.º 3273, 10-05-1800.

*Gazetteer and London Daily Advertiser*, n.º 4581, 04-05-1756.

GILL, Conrad, *Merchants and Mariners of the 18th Century*, Edward Arnold, Londres, 1961.

*Graphic (The): An Illustrated Weekly Paper*, n.º 871, 07-08-1886.

JAMES, Lawrence, *RAJ: The Making and Unmaking of British India*, Abacon, Londres, 2001.

JONES, J. R., *Britain and the World 1649-1815*, Harvester-Fontana, Brighton, 1980.

LAWRENCE, Nicholas (ed.), *Six Views of Twickenham in the Eighteenth Century*, Borough of Richmond Upon Thames, Londres, 1972.

*London Chronicle*, n.º 2924, 02-09-1775.

*London Evening Post*, n.º 4137, 16-05-1754; n.º 4288, 03-05-1755; n.º 4380, 04-12-1755; n.º 8155, 02-07-1774; n.º 8339, 31-08-1775.

*London Gazette*, n.º 5528, 09-04-1717.

*London Packet; or, New Lloyd's Evening Post*, n.º 4047, 22-07-1795.

MARTIN, Frederick, *The History of Lloyd's and of Marine Insurance in Great Britain*, Macmillan, Londres, 1876.

*Monthly Chronologer (The)*, vol. 24, Dezembro de 1755, p. 593; vol. 25, Maio de 1756, p. 246.

*Morning Chronicle*, n.º 8043, 25-07-1795.

*Morning Post and Fashionable World*, n.º 7325, 24-07-1795; n.º 7326, 25-07-1795.

*Oracle (The), Public Advertiser*, n.º 19066, 24-07-1795.

*Oracle and Daily Advertiser*, n.º 22286, 14-05-1800.

SMART, Alastair, *Allan Ramsay: Painter, Essayist and Man of the Enlightenment*, Yale University Press, New Haven, 1992.

*Star*, n.º 2162, 23-07-1795.

*Sun*, n.º 717, 14-01-1795.

*Telegraph*, n.º 178, 24-07-1795.

TRUXES, Thomas M., *Letterbook of Greg & Cunningham 1756-1757*, Oxford University Press, Oxford, 2001.

VESEY, Francis e J. C. Perkins, *Reports of Cases Argued and Determined in the High Court of Chancery, from the Year MDCCLXXXIX to MDCCCXVII*, vol. 8, Charles C. Kittle and James Brown, Boston, 1844.

WRIGHT, Charles e Charles Ernest Fayle, *A History of Lloyd's from the Founding of Lloyd's Coffee House to the Present Day*, Macmillan, Londres, 1928.

### 3.6. História de Portugal e da Presença Portuguesa no Extremo Oriente

ARAÚJO, Ana Cristina, s.v. «Morte», in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. J-P, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001, pp. 265-274.

BLANCO, Maria Manuela Sobral, «As Linhas Marítimo-Comerciais Portuguesas no Oriente (Séc. XVI-Meados do Séc. XVIII)», in Luís de Albuquerque e Inácio Guerreiro (ed.), *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa: Actas*, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 1985, pp. 75-99.

—, «O Estado Português da Índia: Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)», vol. 1, tese de doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

BRASÃO, Eduardo, *A Diplomacia Portuguesa nos Séculos XVII e XVIII*, 2 vols., Resistência, Lisboa, 1979-1980.

COSTA, Constâncio Roque da, *Historia das Relações Diplomáticas de Portugal no Oriente*, Livraria Ferin, Lisboa, 1895.

COSTA, João Paulo Oliveira e, «A Colonização Portuguesa na Ásia», in Luís de Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo*, vol. 2, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, pp. 158-179.

—, *Portugal and the Japan: The Namban Century*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993.

—, *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses*, Instituto de História de Além Mar/Instituto Cultural de Macau, Macau, 1995.

—, «O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira», tese de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2 vols., 1998.

—, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI: Ensaio de História Luso-Nipônica*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 1999.

—, «Japão», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 1, tomo 2: *De Macau à Periferia*, Fundação Oriente, Lisboa, 2000, pp. 377-471.

COUTINHO, Valdemar, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, 1999.

DANVERS, Frederick Charles, *The Portuguese in India: Being a History of the Rise and Decline of Their Eastern Empire*, 2 vols., Frank Cass, Londres, 1966.

GONÇALVES, Luís da Cunha, «A Restauração de 1640 no Oriente», *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, vol. 9, 1915, pp. 396-404.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, 2 vols., Editorial Presença, Lisboa, 1997.

MATOS, Artur Teodoro de e Luís Filipe Thomaz (dir.), *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, s./e., Angra do Heroísmo, 1998.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vols. 4-6, Editorial Verbo, Lisboa, 1996-2000.

THOMAZ, Luís Filipe, s.v. «Estado da Índia», in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, vol. 1, Editorial Caminho, Lisboa, 1994, pp. 388-395.

—, *De Ceuta a Timor*, Difel, Lisboa, 1998.

—, «Timor: O Protectorado Português», in A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. 2: *Macau e Timor: O Declínio do Império*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001, pp. 495-526.

### 3.7. Crítica e teoria literárias

ADAMS, John-K., *Pragmatics and Fiction*, John Benjamins Publishing Company, Amesterdão, 1985.

ALBALADEJO, Tomás Mayordomo, *Teoría de los Mundos Posibles y Macroestructura Narrativa*, Universidad de Alicante, Alicante, 1986.

ALLEN, Graham, *Intertextuality*, Routledge, Londres, 2001.

ALTER, Robert, *Partial Magic: The Novel as a Self-Conscious Genre*, University of California Press, Berkeley, 1975.

ARISTÓTELES, *A Poética*, tradução, introdução e comentários de Eudoro de Sousa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1994.

BACHELARD, Gaston, *La Poétique de l'Espace*, Presses Universitaires de France, Paris, 1978.

BAKER, Donald C. e Elizabeth D. Baker, «A Great English Poet on China, Hong Kong and Macao: W. H. Auden and “a Weed from Catholic Europe”», *Review of Culture*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 25, Outubro-Dezembro de 1995, pp. 241-248.

BAKHTIN, Mikhail, *Problems of Dostoevsky's Poetics*, tradução de Caryl Emerson, Manchester University Press, Manchester, 1984.

—, *Rabelais and His World*, tradução de Helene Iswolsky, Indiana University Press, Bloomington, 1985.

—, *The Dialogic Imagination: Four Essays*, introdução e notas de Michael Holquist, tradução de Caryl Emerson e Michael Holquist, University of Texas Press, Austin, 2000.

BAL, Mieke, *Teoría de la Narrativa (Una Introducción a la Narratología)*, Cátedra, Madrid, 1985.

BARRY, Peter, *Contemporary British Poetry and the City*, Manchester University Press, Manchester, 2000.

BARTHES, Roland, «Les Discours de l'Histoire», *Social Science Information*, vol. 6, n.º 4, 1967, pp. 65-75.

—, «L'Effet de Réel», *Communications*, n.º 11, 1968, pp. 84-89.

—, *S/Z*, tradução para inglês de R. Howard, Hill and Wang, Nova Iorque, 1974.

—, «Textual Analysis is Pluralist», in Robert Young (ed.), *Writing the Text: A PostStructuralist Reader*, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1981, pp. 31-47.

BENSTOCK, Shari, «At the Margin of Discourse: Footnotes in the Fictional Text», *PMLA* [Publications of the Modern Languages Association of America], vol. 98, n.º 2, Março de 1983, pp. 204-225.

BHABHA, Homi K., «The Other Question: Difference, Discrimination and the Discourse of Colonialism», in Francis Barker et al. (eds.), *Literature, Politics and Theory: Papers from the Essex Conference 1976-84*, Methuen, Londres, 1986, pp. 148-172.



—, *The Location of Culture*, Routledge, Londres, 1994.

BIASIN, Gian-Paolo, *Literary Diseases: Theme and Metaphor in the Italian Novel*, University of Texas Press, Austin, 1975.

BIRKSTED, Jan (ed.), *Relating Architecture to Landscape*, Routledge, Londres, 1999.

BLACK, Jeremy e Donald M. MacRaild, *Studying History*, Palgrave, Londres, 2000.

BLEICH, David, «Epistemological Assumptions in the Study of Response», in Jane P. Tompkins (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1994, pp. 134-163.

BOOTH, Wayne C., *The Rhetoric of Fiction*, The University of Chicago Press, Chicago, 1983.

—, «Distance and Point of View», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham, Carolina do Norte, 1996, pp. 116-133.

BOVÉ, Paul, «The Poetics of Coercion: An Interpretation of Literary Competence», *Boundary*, vol. 2, n.º 5, Outono de 1976, pp. 263-284.

BRADLEY, Raymond e Norman Swartz, *Possible Worlds: An Introduction to Logic and Philosophy*, Basil Blackwell, Oxford, 1979.

BRAND, Dana, *The Spectator and the City in Nineteenth-Century American Literature*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

BRIDGE, Gary e Sophie Watson (eds.), *A Companion to the City*, Blackwell, Oxford, 2003.

BROOKS, Peter, *Body Work: Objects of Desire in Modern Narrative*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1993.

BROWN, Penelope e Stephen C. Levinson, *Politeness: Some Universals in Language Usage*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.

BUESCU, Helena Carvalhão, *Incidências do Olhar: Percepção e Representação*, Editorial Caminho, Lisboa, 1990.

—, *A Lua, a Literatura e o Mundo*, Cosmos, Lisboa, 1995.

- , «Travelling through Spacetime in Twentieth-Century European Novel», *Yearbook of Comparative and General Literature*, n.º 43, 1995, pp. 86-98.
- , *Grande Angular: Comparatismo e Práticas de Comparação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.
- BUZARD, James, «Ethnography as Interruption: News from Nowhere, Narrative, and the Modern Romance as Authority», *Victorian Studies*, Primavera 1997, vol. 40, n.º 3, pp. 445-473.
- CAWS, Mary Ann (ed.), *City Images: Perspectives from Literature, Philosophy and Film*, Routledge, Londres, 1993.
- CEIA, Carlos, *Textualidade: Uma Introdução*, Editorial Presença, Lisboa, 1995.
- , *A Literatura Ensina-se? Estudos de Teoria Literária*, Edições Colibri, Lisboa, 1999.
- , *O Que É afinal o Pós-Modernismo?*, Edições Século XXI, Lisboa, 1999.
- , «Para a Definição do Conceito de Estudos Anglo-Portugueses», in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001, pp. 97-102.
- , s.v. «Competência Literária», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>.
- CHAMBERS, Ross, «Gossip and the Novel: Knowing Narrative and Narrative Knowing in Balzac, Mme de Lafayette and Proust», *Austrian Journal of French Studies*, n.º 22-23, 1985-1986, pp. 212-233.
- CHATMAN, Seymour, *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*, Cornell University Press, Ithaca, 1978.
- CLARKE, David, *The Cinematic City*, Routledge, Londres, 2002.
- COHN, Dorrit, *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1978.
- , *The Distinction of Fiction*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1999.

- COLERIDGE, *Biographia Literaria. Chapters I-IV, XIV-XXII: Wordsworth Prefaces and Essays on Poetry 1800-1815*, introdução e notas de George Sampson e Sir Arthur Quiller-Couch, Cambridge University Press, Cambridge, 1920.
- CONNOR, Steve, *English Novel in History, 1950-1995*, Routledge, Londres, 2003.
- CRANG, Mike, «Rhythms of the City: Temporalised Space and Motion», in Nigel Thrift e John May (eds.), *Timespace: Geographies of Temporality*, Routledge, Londres, 2001, pp. 187-207.
- CULLER, Jonathan, «Stanley Fish and the Righting of the Reader», *Diacritics*, vol. 5, n.º 1, Primavera de 1975, pp. 26-31.
- , «Literary Competence», in Jane P. Tompkins (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1994, pp. 101-117.
- CURRIE, Mark (ed.), *Metafiction*, Longman, Nova Iorque, 1995.
- DANIELS, Stephen, *Fields of Vision: Landscape Imagery and National Identity in England and the United States*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.
- DIDIER, Béatrice, *Le Journal Intime*, Presses Universitaires de France, Paris, 1976.
- DOLEŽEL, Lubomír, «Mimesis and Possible Worlds», *Poetics Today*, vol. 9, n.º 3, 1988, pp. 475-496.
- DOMÍNGUEZ, Antonio Garrido, «Teorías de la Ficción Literaria: los Paradigmas», in Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la Ficción Literaria*, Arco/Libros, Barcelona, 1997, pp. 11-40.
- DRABBLE, Margaret, s.v. «Decline and Fall of the Roman Empire», in Margaret Drabble (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2000, p. 265.
- DUYFHUIZEN, Bernard, «Diary Narratives in Fact and Fiction», *Novel*, vol. 19, n.º 29, 1986, pp. 171-178.
- EAGLETON, Terry, *Criticism and Ideology: A Study in Marxist Literary Theory*, Verso, Londres, 1980.

—, *The English Novel: An Introduction*, Blackwell, Oxford, 2005.

ECO, Umberto, «Possible Worlds and Text Pragmatics: 'Un Dramme bien Parisien'», *Versus*, n.º 19-20, 1978, pp. 5-72.

—, *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, Difel, Algés, 1997.

—, *Apostillas a El Nombre de la Rosa*, Editorial Lumen, Barcelona, 2000.

ERDINAST-VULCAN, Daphne, «“Sudden Holes in Space and Time”: Conrad's Anarchist Aesthetics in *The Secret Agent*», in Gene M. Moore (ed.), *Conrad's Cities: Essays for Hanz Van Marle*, Rodopi, Amesterdão, 1992, pp. 207-222.

FÄLT, Olavi K., «Introduction», in Kari Alenius, Olavi K. Fält e Seija Jalagin (eds.), *Looking at the Other: Historical Study of Images in Theory and Practise*, Oulun Yliopisto, Oulun, 2002, pp. 7-11.

FIELD, Trevor, *Form and Function in the Diary Novel*, Macmillan, Londres, 1989.

FISH, Stanley Eugene, *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1980.

FOLEY, Barbara, *Telling the Truth: The Theory and Practice of Documentary Fiction*, Cornell University Press, Ithaca, 1986.

FONSECA, Fernanda Irene, *Deixis, Tempo e Narração*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto, 1992.

FOSS, Theodore Nicholas e Donald F. Lach, «Images of Asia and Asians in European Fiction, 1500-1800», in Thomas H. (ed.), *China and Europe: Images and Influences in Sixteenth to Eighteenth Centuries*, The Chinese University Press, Hong Kong, 1991, pp. 165-188.

FREEDMAN, William, «The Literary Motif», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham-Carolina do Norte, 1996, pp. 200-212.

FREUND, Philip, *The Art of Reading the Novel*, Collier Books, Nova Iorque, 1965.

FRYE, Northrop, *Anatomy of Criticism*, Princeton University Press, Princeton, 1957.

FURST, Lilian R., *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*, Duke University Press, Durham, 1995.

GENETTE, Gérard, *Figures III*, Éditions du Seuil, Paris, 1972.

—, *Palimpsestes: La Littérature au Second Degré*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.

—, *Nouveau Discours du Récit*, Éditions du Seuil, Paris, 1983.

—, *Seuils*, Éditions du Seuil, Paris, 1987.

—, «Fictional Narrative, Factual Narrative», *Poetics Today*, vol. 11, n.º 4, 1990, pp. 755-774.

GERVAIS, David, *Literary England*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.

GILBERT, Bernard, «*An Insular Possession* de Timothy Mo: Guerre de l'Opium ou Guerre des Mondes?», *Études Britanniques Contemporaines*, n.º 1, 1992, pp. 17-29.

GORDON, Jan B., *Gossip and Subversion the Nineteenth-Century Novel: Echo's Economies*, Macmillan, Basingstoke, 1996.

GOSSMAN, Lionel, *Between History and Literature*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1990.

GRAFTON, Anthony, *The Footnote: A Curious History*, Faber and Faber, Londres, 1997.

GUSMÃO, Manuel, «Da Literatura enquanto Construção Histórica», in Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão (org.), *Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001, pp. 181-224.

HANDLER, R. e D. Segal, *Jane Austen and the Fiction of Culture: An Essay on the Narration of Social Realities*, Arizona University Press, Tucson, 1990.

HARSHAW, Benjamin, «Fictionality and Fields of Reference», *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, 1984, pp. 227-251.

HERMAN, David (ed.), *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, Ohio State University Press, Columbus, 1999.

HIGHBIE, Robert, *Character & Structure in the English Novel*, University Press of Florida, Gainesville, 1984.

HO, Elaine Yee Lin, «How Not to Write History: Timothy Mo's *An Insular Possession*», *ARIEL: A Review of International English Literature*, vol. 24, n.º 3, 1994, pp. 51-65.

—, *Contemporary World Writers: Timothy Mo*, Manchester University Press, Manchester, 2000.

HOFFMAN, Michael J. e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham, Carolina do Norte, 1996.

HOLDHEIM, W. Wolfgang, *The Hermeneutic Mode: Essays on Time in Literature and Literary Theory*, Cornell University Press, Ithaca, 1984.

HORÁCIO, *Arte Poética*, tradução de R. M. Rosado Fernandes, Editorial Inquérito, Lisboa, 1992.

HUTCHEON, Linda, *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*, Laurier Press, Ontario, 1980.

IRELAND, Susan, «Displacement and Identity in the *Beur* Novel», *Romance Languages Annual*, vol. 9, 1998, pp. 72-78.

ISER, Wolfgang, «Indeterminacy and the Reader's Response to Prose Fiction», in J. Hillis Miller (ed.), *Aspects of Narrative*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1971, pp. 1-45.

—, *The Implied Reader: Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyan to Beckett*, John Hopkins University Press, Baltimore, 1974.

—, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, John Hopkins University Press, Baltimore, 1978.

—, «Os Atos de Fingir ou o Que É Fictício no Texto Ficcional», in L. Costa Lima (ed.), *Teoria da Literatura em Suas Fontes*, vol. 2, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1983, pp. 384-416.

ISHIGURO, Hidé, «Contingent Truths and Possible Worlds», in R. S. Woolhouse (ed.), *Leibniz: Metaphysics and Philosophy of Science*, Oxford University Press, Oxford, 1981, pp. 64-76.

JAMESON, Frederic, «The Political Unconsciousness Narrative as a Socially Symbolical Act», in Michael McKeon (ed.), *A Critical Anthology: Theory of the Novel. A Historical Approach*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 2000, pp. 404-413.

- JAUSS, Hans Robert, *Toward an Aesthetic of Reception*, tradução de Timothy Bahti, University of Minnesota Press, Minneapolis, 1982.
- KAFALENOS, Emma, «Not (Yet) Knowing: Epistemological Effects of Deferred and Supressed Information in Narrative», in David Herman (ed.) *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, Ohio State University Press, Columbus, 1999, pp. 33-65.
- KEITH, W. J., *Regions of the Imagination: The Development of British Rural Fiction*, University of Toronto Press, Toronto, 1988.
- KELLY, Gary, s.v. «Regional Novel: Generic Traits and the Development of the Regional Novel in Britain», in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 2, Fitzroy Dearborn, Londres, 1998, pp. 1081-1084.
- KERMODE, Frank, «Secrets and Narrative Sequence», in W. J. T. Mitchell (ed.), *On Narrative*, The University of Chicago Press, Chicago, 1981, pp. 79-97.
- KING, Bruce, *Internationalization of English Literature 1948-2000*, Oxford University Press, Oxford, 2004.
- KOPYTKO, Roman, «Linguistic Politeness Strategies in Shakespeare's Plays», in Andreas H. Jucker (ed.), *Historical Pragmatics. Pragmatic Developments in the History of English*, John Benjamins, Amesterdão, 1995, pp. 515-540.
- KRISTEVA, Julia, *Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art*, tradução de Thomas Gora et alii, Blackwell, Oxford, 1980.
- LACAN, Jacques, «O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu», in AA.VV., *O Sujeito, o Corpo e a Letra: Ensaios de Escrita Psicanalítica*, Arcádia, Lisboa, 1977, pp. 18-28.
- LAWSON, Hilary, *Reflexivity: The Post-Modern Predicament*, Hutchinson, Londres, 1985.
- LECLAIRE, Lucien, *Le Roman Regionaliste dans les Îles Britanniques 1800-1950*, Les Belles Lettres, Paris, 1954.
- LEECH, Geoffrey N. e Michael H. Short, *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*, Longman, Londres, 1981.
- LE GOFF, Jacques, *O Imaginário Medieval*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

- LEHAN, Richard, *The City in Literature: An Intercultural and Cultural History*, University of California Press, Los Angeles, 1998.
- LODGE, David, *The Novelist at the Crossroads and Other Essays on Fiction and Criticism*, Routledge, Londres, 1971.
- , *Modes of Modern Writing*, Edward Arnold, Londres, 1977.
- , «Analysis and Interpretation of the Realist Text», *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 5-22.
- , *Working with Structuralism: Essays and Reviews on Nineteenth-and-Twentieth-Century Literature*, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1981.
- , *Language of Fiction*, Routledge, Londres, 1984.
- , *Write on: Occasional Essays 1965-1985*, Penguin Books, Harmondsworth, 1986.
- , *After Bakhtin: Essays on Fiction and Criticism*, Routledge, Londres, 1990.
- , *The Art of Fiction*, Penguin Books, Harmondsworth, 1992.
- LUKACS, Georg, *La Théorie du Roman*, tradução para francês de J. C. Clairavoye, Gallimard, Paris, 1989.
- LYNCH, Deidre e William B. Warner (eds.), *Cultural Institutions of the Novel*, Duke University Press, Durham, Carolina do Norte, 1996.
- LYNCH, Kevin, *The Image of the City*, Harvard MIT Joint Center for Urban Studies, Cambridge, Massachusetts, 2000.
- LYONS, John O., *The College Novel in America*, Southern Illinois University Press, Carbondale, 1962.
- MAHOU, Berta Vias, *La Imagen de la Mujer en la Literatura Occidental*, Grupo Anaya, Madrid, 2000.
- MALLON, Thomas, *A Book of Own's Own: People and Their Diaries*, Hungry Mind Press, Saint Paul-Minnesota, 1995.



- MANFERLOTTI, Stefano, *Dopo l'Impero: Romanzo ed Etnia in Gran Bretagna*, Liquori, Nápoles, 1995.
- MARTENS, Lorna, *The Diary Novel*, Cambridge University Press, Cambridge, 1985.
- MARTINS, Adriana Alves de Paula, «História e Ficção: Um Diálogo», dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1992.
- MATLESS, David, *Landscape and Englishness*, Reaktion Books, Londres, 1998.
- MAYER, Robert, «The Illogical Status of Novelistic Discourses: Scott's Footnotes for the *Waverly* Novels», *ELH [English Literary History]*, vol. 66, n.º 4, 1999, pp. 911-938.
- McHALE, Brian, *Postmodernist Fiction*, Methuen, Londres, 1987.
- McKEON, Michael (ed.), *A Critical Anthology: Theory of the Novel. A Historical Approach*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 2000.
- MENDILOW, A. A., *Time and the Novel*, Peter Nevill, Londres, 1952.
- MEYERHOFF, Hans, *Time in Literature*, University of California Press, Berkeley, 1955.
- MITCHELL, W. J. T. (ed.), *On Narrative*, The University of Chicago Press, Chicago, 1981.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, «Prefácio», in Fernão Mendes Pinto, *Páginas da Peregrinação*, Livros RTP, Lisboa, 1972.
- MORRIS, Pam, *Realism*, Routledge, Londres, 2003.
- MORSON, Gary Saul e Caryl Emerson, «Extracts from a Heteroglossary», in Michael Macovski (ed.), *Dialogue and Critical Discourse: Language, Culture, Critical Theory*, Oxford University Press, Oxford, 1997, pp. 256-272.
- MOSER, Walter, «The Factual in Fiction», *Poetics Today*, vol. 5, n.º 2, 1984, pp. 411-428.
- MUMFORD, Lewis, *The City in History*, Penguin Books, Harmondsworth, 1979.
- O'TOOLE, Lawrence M., «Dimensions of Semiotic Space in Narrative», *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, pp. 135-149.

- OYABU, Kana, «Cross-Cultural Fiction: The Novels of Timothy Mo and Kazuo Ishiguro», tese de doutoramento em Literatura Comparada apresentada à Universidade de Exeter, Exeter, 1995.
- PADDISON, Ronan (ed.), *Handbook of Urban Studies*, Sage, Londres, 2001.
- PAGE, N., *Speech in the English Novel*, Longman, Londres, 1973.
- PAGEAU, Daniel-Henri, *La Littérature Générale et Comparée*, Armand Colin, Paris, 1994.
- PAVEL, Thomas, «The Borders of Fiction», *Poetics Today*, vol. 4, n.º 1, 1983, pp. 83-88.
- , *Fictional Worlds*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1986.
- PIKE, Burton, *The Image of the City in Modern Literature*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1981.
- PRESTON, Peter e Paul Simpson-Housley (eds.), *Writing the City: Eden, Babylon and the New Jerusalem*, Routledge, Londres, 1994.
- PRINCE, Gerald, «The Diary Novel: Notes for the Definition of a Subgenre», *Nephilologus*, vol. 59, n.º 4, Outubro de 1975, pp. 477-481.
- , *Narratology: The Form and Functioning of Narrative*, Mouton, Nova Iorque, 1982.
- PROPP, Vladimir, *Morphology of the Folktale*, tradução para inglês de Laurence Scott, University of Texas Press, Austin, 1968.
- PUGA, Rogério Miguel, «A Imagem dos Navegadores Portugueses na Literatura Inglesa Setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na Senda das Rotas Marítimas Portuguesas», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 8, 1999, pp. 47-79.
- , «A Dimensão da Alteridade em *Os Lusíadas*», *Lucero: A Journal of Iberian and Latin American Studies*, vol. 12, Primavera 2001, pp. 73-80.
- , «“Macau” e “Hong Kong” de W. H. Auden: Uma Abordagem Comparativista», *Administração: Revista de Administração Pública de Macau*, vol. 15, n.º 55: 1, 2002, pp. 325-338.
- , «Orlando ou a Paródia em Torno dos Géneros», *Op. Cit. Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos/A Journal of Anglo-American Studies*, n.º 5, 2002, pp. 91-125.

- , «*Os Guarda-Chuvas Cintilantes: o Diário Ficcional de Teolinda Gersão e o Romance-Diário*», in Maria da Penha Campos Fernandes (coord.), *História(s) da Literatura: Actas do 1.º Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas*, Almedina/Departamento de Estudos Portugueses da Universidade de Minho, 2005, pp. 500-512.
- , «Representação de Macau em *Tai-Pan* (1966), *Shōgun* (1975) e *Noble House* (1981), de James Clavell», in Carlos Ceia e Isabel Lousada (coord.), *Novos Caminhos da História e da Cultura, Actas do XXVII Encontro da APEAA, Carcavelos, Abril de 2006*, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Lisboa, 2007, pp. 719-737.
- , «*City of Broken Promises* enquanto Romance Etnográfico: Representações da Macau Setecentista», *Polissema: Revista de Letras do ISCAP*, 2007, n.º 7, pp. 175-202.
- , «Macau na Literatura Inglesa», *Revista de Cultura*, n.º 24, Outubro de 2007, pp. 90-115.
- , s.v. «Romance Regional», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>.
- QUAYSON, Ato, «Postcolonialism and Postmodernism», in Henry Schwarz e Ray Sangeeta (eds.), *A Companion to Postcolonial Studies*, Blackwell, Oxford, 2000, pp. 87-111.
- QUON, Ann, «Young Mo's Epic Effort», *South China Morning Post*, vol. 15, n.º 121, 04-05-1986, p. 18.
- RAMOS, Manuela Delgado Leão, *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001.
- RAOUL, Valerie, *The French Fictional Journal: Fictional Narcissism/Narcissistic Fiction*, Toronto University Press, Toronto, 1980.
- , *Distinctly Narcissistic: Diary Fiction in Quebec*, University of Toronto Press, Toronto, 1993.
- REPLOGLE, Carol, «Shakespeare's Salutations: A Study in Stylistic Etiquette», in Vivian Salmon e Edwina Burness (eds.), *A Reader in the Language of Shakespearean Drama*, John Benjamins Publishing Company, Amesterdão, 1987, pp. 101-115.
- RICOEUR, Paul, «Narrative Time», in W. J. T. Mitchell (ed.), *On Narrative*, The University of Chicago Press, Chicago, 1981, pp. 165-186.

- , *Time and Narrative*, 2 vols., tradução para inglês de Kathleen McLaughlin e David Pellaner, The University of Chicago Press, Chicago, 1985.
- RIEDEL, Dirce Côrtes (ed.), *Narrativa, Ficção e História*, Imago, Rio de Janeiro, 1998.
- RIFFATERRE, Michael, *Fictional Truth*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1993.
- RIGGS, Pádraigín e Noran Vance, «Irish Prose Fiction», in Joe Cleary e Claire Connolly (eds.), *Cambridge Companion to Modern Irish Literature*, Cambridge University Press, Cambridge, 2005, pp. 245-266.
- RIMMON-KENAN, Shlomith, *Narrative Fiction: Contemporary Poetics*, Methuen, Londres, 1987.
- ROBBINS, Bruce, *The Servant's Hand: English Fiction from Below*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1993.
- RONEN, Ruth, «Space in Fiction», *Poetics Today*, vol. 7, n.º 3, 1986, pp. 421-438.
- ROTELLA, Carlos, *October Cities: Redevelopment of Urban Literature*, University of California Press, Los Angeles, 1998.
- ROUSSET, Jean, *Le Lecteur Intime de Balzac au Journal*, Librairie José Corti, s./l. [Paris], 1986.
- RYAN, Marie-Laure, «Mundos Posibles y Relaciones de Accesibilidad: Una Tipología Semántica de la Ficción», in Antonio Garrido Domínguez (ed.), *Teorías de la Ficción Literaria*, Arco/Libros, Madrid, 1997, pp. 181-205.
- SANTOS, Isabel Pedro dos, Jacinta Maria Matos e Maria Teresa Tavares (org.), *Literatura e História: Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, 1987*, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Coimbra, 1989.
- SCHACHTER, D. L., *Searching for Memory: the Brain, the Mind and the Past*, Harper Collins, Nova Iorque, 1996.
- SCRUTON, Roger, *England: An Elegy*, Chatto & Windus, Londres, 2000.
- SHAFFNER, Brian W., *Reading the Novel in English 1950-2000*, Blackwell, Oxford, 2006.
- SIDNEY, Sir Philip, *An Apology for Poetry*, introdução e notas de Geoffrey Sheperd, Manchester University Press, Manchester, 1973.

- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra, 1988.
- SMETHURST, Paul, *The Postmodern Chronotope: Reading Space and Time in Contemporary Fiction*, Rodopi, Amesterdão, 2000.
- SNELL, K. D. M., «The Regional Novel: Themes for Interdisciplinary Research», in K. D. M. SNELL (ed.), *The Regional Novel in Britain and Ireland, 1800-1990*, Cambridge University Press, Cambridge, 1998, pp. 1-54.
- SOSA, Maria Leonor Machado de, «Editorial», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 1, 1990, pp. 7-8.
- (dir.), *Camões em Inglaterra*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1992.
- SPACKS, Patricia Meyer, *Gossip*, Knopf, Nova Iorque, 1985.
- SPEARS, Monroe, *Dionysus and the City: Modernism in Twentieth-Century Poetry*, Oxford University Press, Oxford, 1970.
- SPENCER, Sharon, *Space, Time and Structure in the Modern Novel*, New York University Press, Nova Iorque, 1971.
- STAMIROWSKA, Krystina et al. (eds.), *Images of English Identity 1800-1960*, Prac Naukowych Universitas, Cracóvia, 1998.
- STANZEL, Franz K., *A Theory of Narrative*, Cambridge University Press, Cambridge, 1984.
- STOLER, Ann L., «Carnal Knowledge and Imperial Power: Gender, Race, and Morality in Colonial Asia», in Micaela di Leonardo (ed.), *Gender at the Crossroads of Knowledge: Feminist Anthropology in the Postmodern Era*, University of California Press, Berkeley, 1991, pp. 51-101.
- STRAWSON, Galen, «A Fallacy of Our Age: Not Every Life is a Narrative», *The Times Literary Supplement*, n.º 5298, 15-10-2004, pp. 13-15.
- SWINDEN, Patrick, *The English Novel of History and Society, 1940-1980*, Macmillan, Londres, 1984.
- TAYLOR, Peter, «The English and Their Englishness», *Scottish Geographical Magazine*, vol. 107, 1991, pp. 146-161.

- THÜSEN, Joachim von der, «The City as Metaphor, Metonym and Symbol», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Rodopi, Amsterdão, 2005, pp. 1-12.
- TODD, Richard, «Confrontation within Convention: On the Character of British Postmodernist Fiction», in Theo D'Haen e Hans Berten (eds.), *Postmodern Fictions in Europe and the Americas*, Rodopi, Amsterdão, 1988, pp. 115-125.
- TODOROV, Tzvetan, *Grammaire du Décaméron*, Mouton, Haia, 1969.
- TOKER, Leona, «Towards a Poetics of Documentary Prose: From the Perspective of Gulag Testimonies», *Poetics Today*, vol. 18, n.º 2, 1997, pp. 1187-222.
- TOMPKINS, Jane P., «An Introduction to Reader-Response Criticism», in Jane P. Tompkins (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, The John Hopkins Press, Baltimore, 1994, pp. ix-xxvi.
- , (ed.), *Reader-Response Criticism: From Formalism to Post-Structuralism*, The John Hopkins Press, Baltimore, 1994.
- TYGSTRUP, Frederik, «The Literary City: Between System and Sensation», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Rodopi, Amsterdão, 2005, pp. 225-238.
- VÊSCIO, Luiz Eugénio e Pedro Brum (org.), *Literatura e História: Perspectivas e Convergências*, Editora da Universidade do Coração de Jesus, Bauru, 1999.
- VICE, Sue, *Introducing Bakhtin*, Manchester University Press, Manchester, 1997.
- VILLANUEVA, Mário, *Theories of Literary Realism*, State University of New York Press, Albany, 1997.
- VOLLI, Ugo, «Mondi Possibili, Logica, Semiotica», *Versus*, n.º 19-20, 1978, pp. 123-148.
- WALTER, Eugene Victor, *Placeways: A Theory of Human Environment*, University of North Carolina Press, North Carolina, 1988.
- WANG, David Der-wei, *The Monster that Is History: History, Violence, and Fictional Writing in Twentieth-Century China*, The University of California Press, Berkeley, 2004.

WAUGH, Patricia, *Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction*, Methuen, Londres, 1984.

WEAVER, William, s. v. «Roman à Clef», in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 2, Fitzroy Dearborn Publishers, Londres, 1998, pp. 1106-1107.

WIEGENSTEIN, Stephen Christopher, «The Contemporary Academic Novel: A Study in Genre», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade do Missouri, Columbia, 1987.

WILLIAMS, Raymond, *Writing and Society*, Verso, Londres, 1991.

WINKS, Robin W. e James R. Rush (eds.), *Asia in Western Fiction*, University of Hawaii Press, Honolulu, 1990.

WIRTH-NESHER, Hana, *City Codes: Reading the Modern Urban Novel*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

WOODS, John, *The Logic of Fiction*, Mouton, Haia, 1974.

WOOLF, Virginia, *A Room of One's Own*, Panther Books, Nova Iorque, 1977.

—, *Collected Essays*, vol. 4, introdução de Andrew McNeillie, The Hogarth Press, Londres, 1994.

### 3.7.1. Romance histórico

ARNAUT, Ana Paula, *Memorial do Convento: História, Ficção e Ideologia*, Fora do Texto, Coimbra, 1996.

—, *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne. Máscaras de Proteu*, Almedina, Coimbra, 2002.

BACHNER, Sally, «‘He Had Pushed his Imagination into Buddy’s Brain’, or, How to Escape History in *Coming Through Slaughter*», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 197-220.

BALDERSTON, Daniel (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, Ediciones Hispamerica-Roger Thayer Stone Center for Latin American Studies, Tulane University, New Orleans, 1986.

- BEBIANO, Adriana, «A História como Aventura: Entre o Escapismo e o Questionamento», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 1, Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, 2004, pp. 53-59.
- BERMANN, Sandra, «Introduction», in Alessandro Manzoni, *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, University of Nebraska Press, Lincoln, 1984, pp. 1-59.
- BLOCK, Haskell M., *Naturalistic Triptych: The Fictive and the Real in Zola, Mann, and Dreisden*, Random House, Nova Iorque, 1970.
- BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi et alii (org.), *Actas do Colóquio Romance Histórico: Recorrências e Transformações*, FALE/UFGM, Belo Horizonte, 2000.
- BOWSHER, Kerstin, «(De-)constructing Post-Colonial Identities: A Reading of Novels by Carlos Fuentes and Abel Posse», *Hispanic Research Journal*, vol. 6, n.º 2, Maio de 2005, pp. 131-145.
- BRAUDY, Leo, *Narrative Form in History and Fiction: Hume, Fielding, and Gibbon*, Princeton University Press, Princeton, 1970.
- BROWN, David, *Walter Scott and the Historical Imagination*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1979.
- BUESCU, Helena Carvalhão, «Heróis, Romances e Histórias: A Propósito do Presbítero Eurico», *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, n.º 11, 1992-1994, pp. 193-206.
- BUTTERFIELD, H., *The Historical Novel: An Essay*, Cambridge at the University Press, Cambridge, 1926.
- CAM, Helen Maud, *Historical Novels*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1961.
- CANARY, Robert A. e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, University of Wisconsin Press, Madison, 1978.
- CHAVES, Castelo Branco, *O Romance Histórico no Romantismo Português*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1979.
- COLETTA, Della, *Plotting the Past*, Purdue University Press, West Lafayette, 1996.



- COLLINGWOOD, R. G., *The Idea of History*, Clarendon Press, Oxford, 1946.
- COWART, David, *History and the Contemporary Novel*, Southern Illinois University Press, Carbondale, 1989.
- COWLEY, Robert (ed.), *More What If? Eminent Historians Imagine What Might Have Been*, Pan Books, Londres, 2003.
- CUSAC, Marian H., *Narrative Structure in the Novels of Sir Walter Scott*, Mouton, Haia, 1969.
- DAVIS, Lennard J., *Factual Fictions: The Origins of the English Novel*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 1996.
- DOLEŽEL, Lubomír, «Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge», in David Herman (ed.) *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*, Ohio State University Press, Columbus, 1999, pp. 247-273.
- DURRANI, Osman e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, Rodopi, Amesterdão, 2001.
- ELIAS, Amy, «Metahistorical Romance, the Historical Sublime, and Dialogic History», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 159-172.
- ERMARTH, Elizabeth Deeds, *Sequel to History: Postmodernism and the Crisis of Representational Time*, Princeton University Press, New Jersey, 1992.
- FENOULHET, J., «Towards a Critical Patriotism: The Challenge to Traditional Notions of National Identity Posed by the Dutch Historical Novel in the 1930s», *The Modern Language Review*, Janeiro de 2004, vol. 99, n.º 1, pp. 112-130.
- FERRIS, Ina, *The Achievement of Literary Authority: Gender, History, and the Waverley Novels*, Cornell University Press, Ithaca, 1991.
- FLEISHMAN, Avrom, *The English Historical Novel: Walter Scott to Virginia Woolf*, The John Hopkins Press, Baltimore, 1972.
- GONZÁLEZ, Eduardo, «*Taras Bulba o La Guerra Gaucha*: el Payador en Tiempo de Novela», in Daniel Balderston (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, Ediciones Hispamerica-Roger Thayer Stone Center for Latin American Studies, Tulane University, New Orleans, 1986, pp. 109-110.

GUAL, Carlos García, *Apología de la Novela Histórica y Otros Ensayos*, Península, Barcelona, 2002.

HALSALL, Albert W., *L'Art de Convaincre. Le Récit Pragmatique: Rhétorique, Idéologie, Propagande*, Les Éditions Paratexte, Toronto, 1988.

HATAVARA, M., «History, the Historical Novel and Nation. The First Finnish Historical Novels as National Narrative», *Neophilolugus*, Janeiro de 2002, vol. 86, n.º 1, pp. 1-15.

HELLEKSON, Karen, *The Alternate History: Refiguring Historical Time*, Kent State University Press, Kent, 2001.

HELLER, Agnes, «History and the Historical Novel in Lukács», in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel: Paradigms, Problems and Perspectives*, Berg, Nova Iorque, 1991, pp. 19-35.

HUMPHREY, Richard, *The Historical Novel as Philosophy of History: Three German Contributions: Alexis, Fontane, Döblin*, Institute of Germanic Studies, University of London, Londres, 1986.

HUTCHEON, Linda, *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*, Routledge, Londres, 1988.

—, «“The Pastime of Past Time”: Fiction, History, Historiographical Metafiction», in Michael J. Hoffman e Patrick D. Murphy (eds.), *Essentials of the Theory of Fiction*, Duke University Press, Durham, Carolina do Norte, 1996, pp. 473-495.

IGGERS, George G., «Historiography between Scholarship and Poetry: Reflections on Hayden White's Approach to Historiography», *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, Dezembro de 2000, pp. 373-390.

JACOBS, Naomi, *The Character of Truth: Historical Figures in Contemporary Fiction*, Southern Illinois University Press, Carbondale, 1999.

JONES, Catherine, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative*, Bucknell University Press, Lewisburg, 2003.

KAPLAN, O. Steimberg de, «Le Roman Historique: Interprétation et Connaissance», in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *Genres as Repositories of Cultural Memory*.

*Volume 5 of the Proceedings of the XVth Congress of the International Comparative Literature Association "Literature as Cultural Memory"*, Atlanta GA, Amesterdão, 2000, pp. 7-16.

KEENER, John F., *Biography and the Postmodern Historical Novel*, The Edwin Mellen Press, Lewsiton, Queenston, Lampeter, 2001.

KERR, James, *Fiction against History: Scott as Storyteller*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

KLEINERT, Susanne, «Le Construction de la Mémoire dans le Nouveau Roman Historique et la Métafiction Historiographique des Littératures Romances», in Hendrik van Gorp e Ulla Musarra-Schroeder (eds.), *Genres as Repositories of Cultural Memory. Volume 5 of the Proceedings of the XVth Congress of the International Comparative Literature Association "Literature as Cultural Memory"*, Atlanta GA, Amesterdão, 2000, pp. 137-149.

KUESTER, Martin, *Framing Thruths: Parodic Structures in Contemporary English-Canadian Historical Novels*, University of Toronto Press, Toronto, 1992.

KYOORE, Pascal B. Kyiiripuo, *The African and Caribbean Historical Novel in French: A Quest for Identity*, Peter Lang, Nova Iorque, 1996.

LAMARQUE, Peter e Stein Haugom Olson, *Truth, Fiction and Literature: A Philosophical Perspective*, Clarendon Press, Oxford, 1994.

LARSEN, Neil, «A Note on Lukács' *The Historical Novel* and the Latin American Tradition», in Daniel Balderston (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*, Ediciones Hispamerica/Roger Thayer Stone Center for Latin American Studies, Tulane University, New Orleans, 1986, pp. 121-128.

LASCELLES, Mary, *The Story-Teller Retrieves the Past: Historical Fiction and Fictitious History in the Art of Scott, Stevenson, Kipling, and Some Others*, Clarendon Press, Oxford, 1980.

LEE, Horsley, *Political Fiction and the Historical Imagination*, Macmillan, Londres, 1990.

LOWENTHAL, David, *The Past Is a Foreign Country*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.

LUKACS, Georges, *Le Roman Historique*, tradução para francês de Robert Saille, Payot, Paris, 1965.

- LÜTZELER, Paul Michael, «Georg Lukács and the Historical Novel of the Restoration Period», in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel: Paradigms, Problems and Perspectives*, Berg, Nova Iorque, 1991, pp. 35-48.
- MANZONI, Alessandro, *Del Romanzo Storico: On the Historical Novel*, tradução do italiano para inglês de Sandra Bermann, University of Nebraska Press, Lincoln, 1984.
- MARINHO, Maria de Fátima, *O Romance Histórico em Portugal*, Campo das Letras, Porto, 1999.
- , «O Discurso da História e da Ficção: Modificação e Permanência», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, 2 vols., Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, 2004, pp. 351-363.
- , *Um Poço sem Fundo: Novas Reflexões sobre Literatura e História*, Campo das Letras, Porto, 2005.
- MARINHO, Maria de Fátima e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, 2 vols., Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, 2004.
- MARTIN, Rhona, *Writing Historical Fiction*, A & C. Black, Londres, 1988.
- MCEWAN, Neil, *Perspective in British Historical Fiction Today*, Macmillan, Londres, 1987.
- MCGARRY, Daniel D. e Sarah Harriman White, *World Historical Fiction Guide: An Annotated Chronological, Geographical and Topical List of Selected Historical Novels*, The Scarecrow Press, New Jersey, 1973.
- MCLEOD, John Martin, «Rewriting History: Postmodern and Postcolonial Negotiations in the Fiction of J. G. Farrell, Timothy Mo, Kazuo Ishiguro and Salman Rushdie», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade de Leeds, Leeds, 1995.
- MOLINO, Jean, «Qu'Est-ce Que le Roman Historique», *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, vol. 75, n.º 2-3, Março-Junho de 1975, pp. 195-234.
- MÜHLBERGER, Günter e Kurt HABITZEL, «The German Historical Novel from 1780 to 1945», in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, Rodopi, Amesterdão, 2001, pp. 5-24.

- MÜLLER, Haaro, «Possibilities of the Historical Novel in the Nineteenth and Twentieth Centuries», in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel: Paradigms, Problems and Perspectives*, Berg, Nova Iorque, 1991, pp. 59-69.
- NIELD, Jonathan, *A Guide to the Best Historical Novels and Tales*, Elkin Mathews & Marrot, Londres, 1929.
- NORA, Pierre (dir.), *Les Lieux de Mémoire*, 4 tomos, Gallimard, Paris, 1984.
- OBOE, Annalise, *Fiction, History and Nation in South Africa*, Supernova, Veneza, 1997.
- OVEL, Harold, *The Historical Novel from Scott to Sabatini: Changing Attitudes Towards a Literary Genre, 1814-1920*, Macmillan, Londres, 1995.
- PRIETO, Celia Fernández, «El Anacronismo: Formas y Funciones», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 1, Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, 2004, pp. 249-259.
- PROUD, Linda, «Truth Is no Stranger to Fiction», *History Today*, vol. 54, n.º 11, Novembro de 2004, pp. 30-31.
- PUGA, Rogério Miguel, *O Essencial sobre o Romance Histórico*, col. «Essencial», Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2006.
- QUINN, Edward, *History in Literature: A Reader's Guide to 20<sup>th</sup>-Century History and the Literature it Inspired*, Checkmark Books, Nova Iorque, 2004.
- REIS, Carlos, «Fait Historique et Référence Fictionnelle: le Roman Historique», *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 2, Dezembro de 1992, pp. 141-147.
- REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes, s.v. «Romance Histórico», in *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, 1994, pp. 369-371.
- ROBERTS, David, «The Modern German Historical Novel: An Introduction», in David Roberts e Philip Thomson (eds.), *The Modern German Historical Novel: Paradigms, Problems and Perspectives*, Berg, Nova Iorque, 1991, pp.1-18.
- SANDERS, Andrew, *The Victorian Historical Novel 1840-1880*, Macmillan, Londres, 1978.

SARAMAGO, José, «História e Ficção», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano 10, n.º 400, 06-03-1990, pp. 17-20.

SCARPETTA, Guy, «A Literatura, Espelho da História? O Que só os Romances Podem Dizer», *Le Monde Diplomatique*, ano 4, n.º 48, Março de 2003, pp. 30-31.

SCHULZE, Leonard e Walter WETZELS (eds.), *Literature and History*, University Press of America, Lanham, 1983.

SEIXO, Maria Alzira, «Literatura e História: Poética da Descoincidência em *Peregrinação de Barnabé das Índias*, de Mário de Carvalho», in Maria de Fátima Marinho e Francisco Topa (coord.), *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional*, vol. 2, Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Porto, 2004, pp. 231-241.

SHAW, Harry E., *The Forms of Historical Fiction. Sir Walter Scott and His Successors*, Cornell University Press, Ithaca, 1985.

—, *'The Hero as Instrument' in the Form of Historical Fiction*, Cornell University Press, Ithaca, 1985.

—, «Is there a Problem with Historical Fiction (or with Scott's *Redgauntlet?*)», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 173-195.

SIMMONS, James C., *The Novelist as Historian*, Mouton, Paris, 1973.

SLOTKIN, Richard, «Fiction for the Purposes of History», *Rethinking History*, vol. 9, n.º 2-3, 2005, pp. 221-236.

STEIN, Richard L., «Historical Fiction and the Implied Reader: Scott and Iser», *Novel: A Forum on Fiction*, vol. 14, n.º 3, Primavera de 1981, pp. 213-231.

TIGHE, Carl, «*Pax Germanica* in the Future-Historical», in Osman Durrani e Julian Preece (eds.), *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel*, Rodopi, Amesterdão, 2001, pp. 451-467.

TRUMPENER, Katie, *Bardic Nationalism: The Romantic Novel and the British Empire*, Princeton University Press, Princeton, 1997.

TURNER, Joseph W., «The Kinds of Historical Fiction: An Essay in Definition and Methodology», *Genre*, vol. 12, n.º 3, Outono de 1979, pp. 333-355.

- VANOOSTHUYSE, Michel, *Le Roman Historique: Mann, Brecht, Döblin*, Presses Universitaires de France, Paris, 1996.
- WALPOLE, Hugh, «The Historical Novel in England since Sir Walter Scott», in Herbert John Clifford Grierson (ed.), *Sir Walter Scott To-Day: Some Retrospective Essays and Studies*, Constable, Londres, 1932, pp. 161-188.
- WEINSTEIN, Mark A., «The Creative Imagination in Fiction and History», *Genre*, vol. 9, n.º 3, Outono de 1976, pp. 263-277.
- WELBORN, Amy, *De-Coding Da Vinci: The Facts Behind the Fiction. The Da Vinci Code, Our Sunday Visitor*, Huntington, 2004.
- WESSELING, Elisabeth, *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*, John Benjamins Publishing Company, Amesterdão, 1991.
- WHITE, O. Hayden, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1973.
- , «The Fictions of Factual Representation», in Angus Fletcher (ed.), *The Literature of Fact*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1976, pp. 21-43.
- , «The Historical Text as Literary Artifact», in Robert A. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*, University of Wisconsin Press, Madison, 1978, pp. 41-62.
- , *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, The John Hopkins Press, Baltimore, 1978.
- , «The Value of Narrativity in the Representation of Reality», *Critical Enquiry*, n.º 7, 1981, pp. 5-27.
- , «An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)», *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, Dezembro de 2000, pp. 391-406.
- , *Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 2000.
- WOOLF, Virginia, *The Moment and Other Essays*, Hogarth, Londres, 1947.

YERUSHALMI, Y. H., «Freud on the ‘Historical Novel’: From the Manuscript Draft (1939) of *Moses and Monotheism*», *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 70, parte 3, 1989, pp. 375-395.

### 3.7.2. *Bildungsroman*

ABEL, Elizabeth *et al.* (eds.), *THE VOYAGE IN: Fictions of Female Development*, Dartmouth College, University Press of New England, Londres, 1983.

ABEL, Elizabeth, «Narrative Structure(s) and Female Development: The Case of *Mrs Dalloway*», in Elizabeth Abel *et al.* (eds.), *THE VOYAGE IN: Fictions of Female Development*, Dartmouth College, University Press of New England, Londres, 1983, pp. 161-185.

ALDEN, Patricia, *Social Mobility in the English Bildungsroman: Gissin, Hardy, Bennet, and Lawrence*, UMI Research Press, Dissertation Services, Ann Arbour, 1986.

AMRINE, Frederick, «Rethinking the *Bildungsroman*», *Michigan Germanic Studies*, vol. 13, n.º 2, 1987, pp. 119-139.

BAKHTIN, Mikhail, «O Romance de Educação na História do Realismo», in *Estética da Criação Verbal*, tradução para português de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. 221-276.

BANERJEE, Jacqueline, *Through the Northern Gate: Childhood and Growing up in British Fiction 1719-1901*, Peter Lang, Nova Iorque, 1996.

BANNET, Eve Tavor, «Rewriting the Social Text: The Female *Bildungsroman* in Eighteenth-Century England», in James N. Hardin (ed.), *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*, University of South Carolina Press, Columbia, 1991, pp. 195-227.

BARNEY, Richard A., *Plots of Enlightenment: Education and the Novel in Eighteenth-Century England*, Stanford University Press, Stanford, 1999.

BARRENTO, João, «Prefácio», in Johann W. Goethe, *Os Anos da Aprendizagem de Wilhelm Meister*, tradução para português de Paulo Osório de Castro, introdução, notas e tradução das canções por João Barrento, Relógio d’Água Editores, Lisboa, 1998, pp. 5-18.

BARUCH, Elaine Hoffman, «The Feminine *Bildungsroman*: Education through Marriage», *Massachusetts Review*, n.º 22, 1981, pp. 335-357.



- BEDDOW, Michael, *The Fiction of Humanity: Studies in the Bildungsroman from Wieland to Thomas Mann*, Cambridge University Press, Cambridge, 1982.
- BEEBE, Maurice, *Ivory Towers and Sacred Founts: The Artist as Hero in Fiction from Goethe to Joyce*, New York University Press, Nova Iorque, 1964.
- BERGMAN, Emilie, «Reshaping the Canon: Intertextuality in Spanish Novels of Female Development», *Anales de la Literatura Española Contemporánea*, vol. 12, n.º 1-2, 1987, pp. 141-156.
- BRAENDLIN, Bonnie Hoover, «Alther, Atwood, Ballantyne, and Gray: Secular Salvation in the Contemporary Feminist *Bildungsroman*», *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 4, n.º 1, 1979, pp. 18-22.
- , «*Bildung* in Ethnic Women Writers», *Denver Quarterly*, vol. 17, n.º 4, 1983, pp. 75-87.
- BRUFORD, W. H., *The German Tradition of Self-Cultivation: 'Bildung' from Humboldt to Thomas Mann*, Cambridge University Press, Cambridge, 1975.
- BRYANT, Jerry H., *Born in a Mighty Bad Land: The Violent Man in African American Folklore and Fiction*, Indiana University Press, Bloomington, 2003.
- BUCKLEY, Jerome Hamilton, *Season of Youth: The Bildungsroman from Dickens to Golding*, Harvard University Press, Cambridge, 1974.
- BUESCU, Helena Carvalhão, «A Importância dos Actos V: *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, *L'Education Sentimentale* e *Os Maias*», in AA.VV., *Estudos Portugueses: Homenagem a António José Saraiva*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1991, pp. 123-131.
- BURT, Raymond L., s.v. «The *Bildungsroman*», in Margaret Jolly (ed.), *Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms*, vol. A-K, Fitzroy Dearborn, Londres, 2001, pp. 105-106.
- CABIBBO, Paola (ed.), *Sigfrido nel Nuovo Mondo. Studi sulla Narrativa d'Iniziazione*, Goliardica, Roma, 1983.
- CASARINO, Cesare, *Modernity at Sea: Melville, Conrad in Crisis*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2002.

CHRIST, Carol P., *Diving Deep and Surfacing: Women Writers on Spiritual Quest*, Beacon, Boston, 1980.

COCALIS, Susan L., «The Transformation of *Bildung* from an Image to an Ideal», *Monatshefte*, vol. 70, n.º 4, 1978, pp. 339-414.

COSTA, Fernanda Gil, «De *Felix Meister* a *Felix Krull*. Perspectivas para Uma Redefinição de *Bildungsroman*», *Runa: Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 20, 1993, pp. 173-182.

DÍAZ, Maria Francisca Llantada, «Dorothy Richardson's *Pilgrimage*: A Modernist Female *Bildungsroman*», *Anglo-Saxónica: Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*, 2.ª série, n.º 8/9, 1998, pp. 47-58.

EYSTUROY, Annie O., *Daughters of Self-Creation: The Contemporary Chicana Novel*, University of New Mexico Press, Albuquerque, 1996.

FELSKI, Rita, «The Novel of Self-Discovery: A Necessary Fiction?», *Southern Review*, n.º 19, 1986, pp. 131-148.

FENG, Pin-Chia, *The Female Bildungsroman by Toni Morrison and Maxine Hong Kingston: A Postmodern Reading*, Peter Lang, Nova Iorque, 1997.

FLORA, Luísa Maria Rodrigues, «De Olhos Abertos para a Espiral dos Tempos: Aprendizagem do Romance de Doris Lessing», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

—, s.v. «*Bildungsroman*», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>.

FOLEY, Barbara, *Radical Representations: Politics and Form in the U. S. Proletarian Fiction, 1929-1941*, Duke University Press, Durham, 1993.

FONTELA, María de los Angeles Rodríguez, *La Novela de Autoformación. Una Aproximación Teórica e Histórica al «Bildungsroman» desde la Narrativa Hispánica*, Universidad de Oviedo-Edition Reichenberger, Kassel, 1996.

FRAIMAN, Susan, *Unbecoming Women: British Women Writers and the Novel of Development*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1993.

- FUDERER, Laura Sue, *The Female Bildungsroman in English: An Annotated Bibliography of Criticism*, The Modern Languages Association of America, Nova Iorque, 1990.
- GARDINER, Judith Kegan, «The Heroine as Her Author's Daughter», in Cheryl L. Brown e Karen Olson (eds.), *Feminist Criticism: Essays on Theory, Poetry and Prose*, The Scarecrow Press, Metuchen, 1978, pp. 244-253.
- GEMMEKE, Mascha, *Frances Burney and the Female Bildungsroman: An Interpretation of The Wanderer: Or, Female Difficulties*, Peter Lang, Nova Iorque, 2004.
- GILBERT, Sandra M. e Susan Gubar, *The Mad Woman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*, Yale University Press, New Haven, 1979.
- GOHLMAN, Susan Ashley, *Starting Over: The Task of the Protagonist in the Contemporary Bildungsroman*, Garland Publishing, Nova Iorque, 1990.
- GONÇALVES, Michele C. Dávila, *El Archivo de la Memoria. La Novela de Formación Femenina de Rosa Chacel, Rosa Montero, Rosario Castellanos y Elena Poniatowska*, University Press of the South, New Orleans, 1999.
- GOODMAN, Charlotte, «Women Novelists and the Male-Female Double *Bildungsroman*», in Leon Golden (ed.), *Transformations in Literature and Film: Selected Papers from the Sixth Annual Florida State University Conference on Literature and Film*, University Press of Florida, Tallahassee, 1983, pp. 9-16.
- HARDIN, James N. (ed.), *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*, University of South Carolina Press, Columbia, 1991.
- HATFIELD, Henry, *Crisis and Continuity in Modern German Fiction: Ten Essays*, Cornell University Press, Ithaca, 1969.
- HELLER, Erich, *Thomas Mann: The Ironic German*, Gateway Books, South Bend, 1979.
- HENDRIKSEN, Jack, *This Side of Paradise as a Bildungsroman*, Peter Lang, Nova Iorque, 1993.
- HIRSCH, Marianne, «The Novel of Formation as Genre: between *Great Expectations* and *Lost Illusions*», *Genre*, vol. 12, n.º 3, 1979, pp. 293-311.
- HOWE, Susanne, *Wilhelm Meister and His English Kinsmen: Apprentices to Life*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1930.

- HUF, Linda, *A Portrait of the Artist as a Young Woman: The Writer as Heroine in American Literature*, Frederick Ungar, Nova Iorque, 1983.
- JAPTOK, Martin, *Growing up Ethnic: Nationalism and the Bildungsroman in African American and Jewish American Fiction*, University of Iowa Press, Iowa City, 2005.
- JEFFERS, Thomas L., *Apprenticeships: The Bildungsroman from Goethe to Santayana*, Palgrave Macmillan, Londres, 2005.
- JOST, François, «La Tradition du *Bildungsroman*», *Comparative Literature*, vol. 21, n.º 2, 1969, pp. 97-115.
- , «The “Bildungsroman” in Germany, England, and France», in *Introduction to Comparative Literature*, Pegasus, Indianapolis, 1974, pp. 134-150.
- JUSSAWALLA, Feroza, «Postcolonial Novels and Memories», in Brian W. Shaffer (ed.), *Companion to the British and Irish Novel 1945-2000*, Blackwell, Oxford, 2005, pp. 96-111.
- KESTER, Gunilla Theander, *Writing the Subject: Bildung and the African American Text*, Peter Lang, Nova Iorque, 1995.
- KOEPFE, Wulf, «Quest, Illusion, Creativity, Maturity, and Resignation: The Questionable Journey of the Protagonist of the *Bildungsroman*», *Helios*, vol. 17, n.º 1, 1990, pp. 129-143.
- KONTJE, Todd, *The German Bildungsroman: History of a National Genre*, Camden House, Columbia, 1993.
- KUSHIGIAN, Julia A., *Reconstructing Childhood: Strategies of Reading for Culture and Gender in the Spanish American Bildungsroman*, Bucknell University Press, Lewisburg, 2003.
- LABOVITZ, Esther Kleinboard, *The Myth of the Heroine: The Female Bildungsroman in the Twentieth Century. Dorothy Richardson, Simone de Beauvoir, Doris Lessing, Christa Wolf*, Peter Lang, Nova Iorque, 1986.
- , *Ten Is the Age of Darkness: The Black Bildungsroman*, University of Missouri Press, Columbia, 1995.
- LEVY, Michael M., «The Young Adult Science Fiction Novel as *Bildungsroman*», in Charles W. Sullivan (ed.), *Young Adult Fiction*, Greenwood Press, Westport, 1999, pp. 99-118.

- LOCATELLI, Ande, *La Lyre, la Plume et le Temps: Figures de Musiciens dans le „Bildungsroman“*, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1998.
- LOPEZ, Alfred J., *Posts and Pasts: A Theory of Postcolonialism*, State University of New York Press, Albany, 2001.
- LUTES, Leasa Y., *Allende, Buitrago, Luiselli: Aproximaciones Teóricas al Concepto del “Bildungsroman” Femenino*, Nova Iorque, Peter Lang, 2000.
- MARQUES, Teresa Martins, «Introdução: A Construção do Universo Ficcional n’“A Escola do Paraíso”», de José Rodrigues Miguéis», in José Rodrigues Miguéis, *A Escola do Paraíso*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995, pp. i-xi.
- MARTIN, Elaine, «Theoretical Soundings: The Female Archetypal Quest in Contemporary French and German Women’s Fiction», *Perspectives on Contemporary Literature*, n.º 8, 1983, pp. 48-57.
- MARTINI, Fritz, «*Bildungsroman*: Term and Theory», in James N. Hardin (ed.), *Reflection and Action: Essays on the Bildungsroman*, University of South Carolina Press, Columbia, 1991, pp. 1-25.
- MINDEN, Michael, *The German Bildungsroman: Incest and Inheritance*, Cambridge University Press, Cambridge, 1997.
- , s.v. «*Bildungsroman*», in Paul Schellinger (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, vol. 1, Fitzroy Dearborn, Londres, 1998, pp. 118-122.
- MORETTI, Franco, *The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture*, Verso, Londres, 1987.
- MORGAN, Ellen, «Humanbecoming: Form and Focus in the Neo-Feminist Novel», in Susan Koppelman Cornillon (ed.), *Images of Women in Fiction: Feminist Perspectives*, Bowling Green University Popular Press, Bowling Green, 1972, pp. 183-205.
- MORRISON, Tony e Maxine Hong Kingston, *The Female Bildungsroman: A Postmodern Reading*, Peter Lang, Nova Iorque, 2000.
- MÜCKE, Dorothea E. von, *Virtue and the Veil of Illusion: Generic Innovation and the Pedagogical Project in Eighteenth-Century Literature*, Stanford University Press, Stanford, 1991.

- NORI, Giuseppi, «Iniziazione e Formazione: il Bildungsroman», in Paola Cabibbo (ed.), *Sigfrido nel Nuovo Mondo. Studi sulla Narrativa d'Iniziazione*, Goliardica, Roma, 1983, pp. 80-131.
- NYATETŪ-WAIGNA, Wangarĩ Wa, *The Liminal Novel: Studies in the Francophone-African Novel as a Bildungsroman*, Peter Lang, Nova Iorque, 1996.
- O'NEALE, Sondra, «Race, Sex and Self: Aspects of *Bildung* in Selected Novels by Black American Women Novelists», *MELUS: The Journal of the Society for the Study of the Multi-Ethnic Literature of the United States*, vol. 9, n.º 4, 1982, pp. 25-37.
- ORR, Clarissa Campbell, «Introduction», in Clarissa Campbell Orr (ed.), *Queenship in Europe 1660-1815: The Role of the Consort*, Anglia Polytechnic University, Cambridge, 2004, pp. 1-15.
- OSBORNE, Marianne Muse, «The Hero and Heroine in the British *Bildungsroman*: *David Copperfield* and *A Portrait of the Artist as a Young Man*, *Jane Eyre* and *The Rainbow*», tese de doutoramento em Literatura Inglesa apresentada à Universidade de Tulane, New Orleans, 1972.
- PARSONS, Deborah L., *Streetwalking the Metropolis: Women, the City, and Modernity*, Oxford University Press, Oxford, 2000.
- PASCAL, Roy, *The German Novel: Studies*, Manchester University Press, Manchester, 1956.
- PERNOT, Denis, *Le Roman de Socialisation 1889-1914*, Presses Universitaires de France, Paris, 1998.
- PINTO, Carlota Maria Lourenço Almeida Miranda Dias, «A Cartilha do Aprendiz Insurrecto: *Auslöschung. Ein Zerfall*, de Thomas Bernhard, na (Des)continuidade do *Bildungsroman*», dissertação de mestrado em Estudos Alemães apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.
- PINTO, Cristina Ferreira, *O Bildungsroman Feminino: Quatro Exemplos Brasileiros*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1990.
- PORTUGAL, Francisco Salinas, «A Formação do Herói vs a Formação da Nação: Aproximação ao *Bildungsroman* nas Literaturas Emergentes», in Carlos Mendes de Sousa e Rita Patrício (org.), *Largo Mundo Alumiado: Estudos em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*, vol. 1, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, 2004, pp. 371-386.

- PRATT, Annis e Barbara White, *Archetypal Patterns in Women's Fiction*, Indiana University Press, Bloomington, 1981.
- REDFIELD, Marc, *Phantom Formations: Aesthetic Ideology and the Bildungsroman*, Cornell University Press, Ithaca, 1996.
- REITZ, Charles R., *Art, Alienation, and the Humanities: A Critical Engagement with Herbert Marcuse*, State University of New York Press, Albany, 2000.
- RIBEIRO, Ana, *A Escola do Paraíso de José Rodrigues Miguéis: Um Romance de Aprendizagem*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade de Minho, Braga, 1998.
- RISHOI, Christy, *From Girl to Woman: American Women's Coming-of-Age Narratives*, State University of New York Press, Albany, 2003.
- RODRÍGUEZ, María Pilar, *VIDAS IM/PROPRIAS: Transformaciones del Sujeto Femenino en la Narrativa Española Contemporánea*, Purdue University Press, West Lafayette, 1992.
- ROSOWSKI, Susan J., «The Novel of Awakening», in Elizabeth Abel et al. (eds.), *THE VOYAGE IN: Fictions of Female Development*, Dartmouth College, University Press of New England, Hanover, 1983, pp. 49-68.
- SAMMONS, Jeffrey L., «The Mystery of the Missing *Bildungsroman*, or: What Happened to Wilhelm Meister's Legacy?», *Genre*, vol. 14, 1981, pp. 229-246.
- SAX, Benjamin C., *Images of Identity: Goethe and the Problem of Self-Conception in the Nineteenth Century*, Peter Lang, Nova Iorque, 1987.
- SCHOLL, Margaret, *The Bildungsroman of the Age of Goethe*, Peter Lang, Nova Iorque, 1976.
- SHAFFNER, Randolph P., *The Apprenticeship Novel: A Study of the «Bildungsroman» as a Regulative Type in Western Literature with a Focus on Three Classic Representatives by Goethe, Maugham, and Mann*, Peter Lang, Nova Iorque, 1984.
- SHIACH, Morag, «Modernism, the City and the "Domestic Interior"», *Home Cultures*, vol. 2, n.º 3, 2005, pp. 151-168.
- SHOWALTER, Elaine, *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*, Princeton University Press, Princeton, 1977.

- SMITH, John H., «Cultivating Gender: Sexual Difference, *Bildung*, and the *Bildungsroman*», *Michigan Germanic Studies*, vol. 13, n.º 2, 1987, pp. 206-225.
- STEWART, Grace, *A New Mythos: The Novel of the Artist as Heroine 1877-1977*, Eden Press Women's Publications, St. Albans, 1979.
- SULEIMAN, Susan Rubin, *Authoritarian Fictions: The Ideological Novel as a Literary Genre*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1983.
- SWALES, Martin, *The German Bildungsroman from Wieland to Hesse*, Princeton University Press, Princeton, 1978.
- TENNYSON, G. B., «The *Bildungsroman* in Nineteenth-Century English Literature», in Rosario P. Armato e John M. Spalek (eds.), *Medieval Epic to the "Epic Theater" of Brecht: Essays in Comparative Literature*, University of Southern California Press, Los Angeles, 1968, pp. 135-146.
- VASQUEZ, J. S. F., «Recharting the Geography of Genre; Ben Okri's *The Famished Road* as a Postcolonial *Bildungsroman*», *Journal of Commonwealth Literature*, vol. 37, n.º 2, Agosto de 2002, pp. 85-106.
- VOPARIL, Christopher, «On the Idea of Philosophy as *Bildungsroman*: Rorty and his Critics», *Contemporary Pragmatism*, vol. 2, n.º 1, 2005, pp. 115-134.
- WAUGH, Patricia, *Feminine Fictions: Revisiting the Postmodern*, Routledge, Londres, 1989.
- WAXMAN, Barbara Frey, «From *Bildungsroman* to *Reifungsroman*: Aging in Doris Lessing's Fiction», *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, vol. 68, n.º 3, 1985, pp. 318-334.
- WHITE, Barbara Anne, *Growing up Female: Adolescent Girlhood in American Fiction*, Greenwood, Westport, 1985.
- WITTE, W., «Alien Corn: The 'Bildungsroman': Not for Export?», *German Life and Letters*, n.º 33, 1979-1980, pp. 87-96.
- ZIOLKOWSKI, Theodore, *Dimensions of the Modern Novel: German Texts and European Contexts*, Princeton University Press, Princeton, 1969.



### 3.7.2.1. Educação informal

JEFFS, Tony e Mark Smith (eds.), *Using Informal Education*, Open University Press, Buckingham-Filadélfia, 1990.

—, *Informal Education-Conversation, Democracy and Learning*, Education Now Publishing, Ticknall, 1999.

GOOGINS, Robert, «Reflections on Delinquency, Dickens and Twain», in Thomas P. Gullotta *et al.* (eds.), *Delinquent Violent Youth: Theory and Interventions*, Sage Publications, Thousand Oaks-Califórnia, 1998, pp. 1-12.

### 3.7.3. Exotismo literário e antropológico

AFFERGAN, Francis, *Exotisme et Altérité: Essai sur les Fondements d'Une Critique de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1987.

BRAHIMI, Denise, «Enjeux et Risques du Roman Exotique Français», in Alain Buisine e Norbert Dodille (eds.), *L'Exotisme: Cahiers Centre de Recherches Littéraires et Historiques-Centre Inter-Disciplinaire de Recherches Afro-Indian-Océanique*, n.º 5, Diffusion Didier-Érudition, Paris, 1988, pp. 11-18.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão, *Babel ou a Ruptura do Signo: A Gramática e os Gramáticos Portugueses do Século XVI*, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1983.

—, «Exotismo ou a “Estética do Diverso” na Literatura Portuguesa», in Ana Margarida Falcão *et al.* (org.), *Literatura de Viagem: Narrativa, História, Mito*, Edições Cosmos, Lisboa, 1997, pp. 565-578.

BUISINE, Alain e Norbert Dodille (eds.), *L'Exotisme: Cahiers Centre de Recherches Littéraires et Historiques-Centre Inter-Disciplinaire de Recherches Afro-Indian-Océanique*, n.º 5, Diffusion Didier-Érudition, Paris, 1988.

HUGGAN, Graham, *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*, Routledge, Londres, 2001.

LEE, Mabel e Meng Huas (eds.), *Cultural Dialogue & Misreadings*, Wild Peony Pty, Broadway, 1997.

LONGINO, Michèle, «Politique et Théâtre au XVII<sup>e</sup> Siècle: les Français en Orient et l'Exotisme du Cid», in Dominique de Courcelles (ed.), *Littérature et Exotisme XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> Siècle*, Écoles de Chartes, Paris, 1997, pp. 35-59.

MARIMOUTOU, Jean-Claude Carpanin, «L'Exote Exotique. Entre "Récit Exotique" et "Roman Colonial", le "Roman Réunionnais"», in Alain Buisine e Norbert Dodille (eds.), *L'Exotisme: Cahiers Centre de Recherches Littéraires et Historiques-Centre Inter-Disciplinaire de Recherches Afro-Indian-Océanique*, n.º 5, Diffusion Didier-Érudition, Paris, 1988, pp. 259-266.

MASON, Peter, *Infelicitities: Representations of the Exotic*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1998.

PUGA, Rogério Miguel, s.v. «Exotismo», in *e-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>.

SEGALEN, Victor, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999.

SMITH, Paul Julian, *Representing the Other: Race, Text and Gender in Spanish and Spanish American Narrative*, Clarendon Press, Oxford, 1992.

TODOROV, Tzvetan, *La Conquête de l'Amérique*, Éditions du Seuil, Paris, 1982.

—, *Nous et les Autres: la Réflexion Française sur la Diversité Humaine*, Éditions du Seuil, Paris, 1989.

### 3.8. Género (gender)

ALMEIDA, Miguel Vale de, *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim de Século Edições, Lisboa, 1995.

ALSTON, Margaret, *Women on the Land: The Hidden Heart of Rural Australia*, University of New South Wales Press, Sidney, 1995.

BLOCH, Maurice, «Gender», in Alan Bernard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 353-359.

BRIDENTHAL, Renate et alii (eds.), *Becoming Visible: Women in European History*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1987.

- BROWN, Kathleen M., *Wives, Nasty Wenches & Anxious Patriarchs: Gender, Race and Power in Colonial Virginia*, The University of North Carolina Press, North Carolina, 1996.
- CLAVAL, Paul, *La Pensée Géographique*, Société d'Édition d'Enseignement Supérieur, Paris, 1972.
- CONNEL, R. W., *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*, Polity Press, Cambridge, 1993.
- , «Gender as a Structure of Social Practice (1995)», in Linda McDowell e Joanne P. Share (eds.), *Space, Gender, Knowledge, Feminist Readings*, Arnold, Londres, 1997, pp. 44-52.
- DOUGLAS, Mary, *Natural Symbols: Explorations in Cosmology*, Cresset Press, Londres, 1970.
- DUBE, Leela, *Anthropological Explorations in Gender: Intersecting Fields*, Sage Publications, Londres, 2001.
- FLORA, Luísa Maria, Teresa A. Malafaia e Teresa Cid (eds.), *Cadernos de Anglistica*, vol. 5: *Feminine Identities*, Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Edições Colibri, Lisboa, 2002.
- GARRETT, Stephanie, *Gender*, Routledge, Londres, 1992.
- GERSON, Judith e Kathy Peiss, «Boundaries, Negotiation, Consciousness: Deconceptualizing Gender Relations», in Michael Kimmel (ed.), *The Gender Society Reader*, Oxford University Press, Oxford, 2004, pp. 114-125.
- HARRAWAY, Donna J., *Feminism and Technoscience*, Routledge, Londres, 1997.
- HOLMSTROM, Nancy, «Race, Gender, and Human Nature», in Dina Anselmi *et al.* (eds.), *Questions of Gender: Perspectives and Paradoxes*, McGraw Hill, Londres, 1998, pp. 97-105.
- LANCASTER, Roger N. e Micaela di Leonardo, *The Gender Sexuality READER: Culture, History, Political Economy*, Routledge, Londres, 1997.
- LEONARDO, Michaela di, *Exotics at Home: Anthropologies, Others, American Modernity*, The University of Chicago Press, Chicago, 1998.
- MATHIEU, N. C., «Sexes (Différenciation de)», in Pierre Bronte e Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1992, pp. 660-664.

MEADE, Theresa A. e Merry E. Wiesner Hanks (eds.), *A Companion to Gender History*, Blackwell, Oxford, 2004.

MEYERS, Diana T., *Gender in the Mirror: Cultural Imagery and Women's Agency*, Oxford University Press, Oxford, 2002.

MCDUGALL, Russell, «The Body as Cultural Signifier», in Bill Ashcroft *et al.* (eds.), *A Post-Colonial Handbook*, Routledge, Londres, 1995, pp. 336-340.

MOORE, Henrietta L., «The Cultural Constitution of Gender», in AA.VV., *The Polity Reader in Gender Studies*, Polity Press, Londres, 1994, pp. 14-21.

PUGA, Rogério Miguel, «O Olhar através do Género. A Imagem do Índio Brasileiro na Literatura Portuguesa de Quinhentos», in Fernando Cristóvão (coord.), *O Olhar do Viajante: Dos Navegadores aos Exploradores*, Almedina, Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Coimbra, 2003, pp. 178-229.

SCOTT, Joan W., «Women's History», in Peter Burke (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, Polity Press, Cambridge, 2001, pp. 43-70.

SOUSA, Alcinda Pinheiro de, Luísa Maria Flora e Teresa de Ataíde Malafaia (eds.), *The Cross-roads of Gender and Century Endings*, Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, Edições Colibri, Lisboa, 2000.

STROBEL, Margaret, «Gender and Race in the Nineteenth and Twentieth-Century British Empire», in Renate Bridenthal *et al.* (eds.), *Becoming Visible: Women in European History*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1987, pp. 375-396.

### 3.9. Estudos antropológicos e sociológicos

ALDRIDGE, A. Owen, «Literature and the Study of Man», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, Texas Tech University Press, Lubbock, 1989, pp. 41-63.

BENSON, Paul (ed.), *Anthropology and Literature*, University of Illinois Press, Urbana, 1993.

BERGMANN, Jorge R., *Discrete Indiscretions: The Social Organization of Gossip*, Aldine de Gruyter, Nova Iorque, 1987.

- BLOOM, William, *Personal Identity, National Identity and International Relations*, Cambridge University Press, Cambridge, 1990.
- CHAPMAN, Malcom, *et alii*, «Introduction-History and Social Anthropology», in Elizabeth Tonkin *et al.* (eds.), *History and Ethnicity*, Routledge, Londres, 1989, pp. 1-21.
- COLLARD, Anna, «Investigating ‘Social Memory’ in a Greek Context», in Elizabeth Tonkin *et al.* (eds.), *History and Ethnicity*, Routledge, Londres, 1989, pp. 89-103.
- DANIEL, E. Valentine e Jeffrey M. Peck (eds.), *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*, University of California Press, Berkeley, 1996.
- DENNIS, Philip A. e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, Texas Tech University Press, Lubbock, 1989.
- DOMÍNGUEZ, Antonio Garrido (ed.), *Téorias de la Ficción Literaria*, Arco/Libros, Madrid, 1997.
- EVANS-PRITCHARD, *Anthropology and History*, Manchester University Press, Manchester, 1971.
- FERNEA, Elizabeth, «The Case of *Sitt Marie Rose*: An Ethnographic Novel from the Modern East», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, Texas Tech University Press, Lubbock, 1989, pp. 153-164.
- FIELOUX, M., s.v. «Histoire de Vie», in Pierre Bonte e Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l’Ethnologie et de l’Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1992, pp. 332-333.
- FIRTH, Raymond, «Fiction and Fact in Ethnography», in Elizabeth Tonkin *et al.* (eds.), *History and Ethnicity*, Routledge, Londres, 1989, pp. 48-52.
- GEERTZ, Clifford, *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts, 1988.
- , *Works and Lives: The Anthropologist as Author*, Polity Press, Cambridge, 1989.
- , *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*, Fontana Press, Londres, 1993.
- , *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, Fontana Press, Londres, 1993.

- GENNEP, Arnold van, *The Rites of Passage*, tradução para inglês de Monika Vizedom e Gabrielle Caffé, Chicago University Press, Chicago, 1960.
- GIRARD, René, *Literatura, Mimesis y Antropologia*, Gedisa Editorial, Barcelona, 1997.
- GUERREIRO, Manuel Viegas, *A Carta de Pêro Vaz de Caminha Lida por Um Etnógrafo*, Edições Cosmos, Lisboa, 1992.
- HYAM, Ronald, *Empire and Sexuality: The British Experience*, Manchester University Press, Manchester, 1991.
- ISER, Wolfgang, *Prospecting: From Reader to Literary Anthropology*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1993.
- , *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1993.
- IZARD, M., N. Watchel *et al.*, s.v. «Histoire et Anthropologie», in Pierre Bonte e Michel Izard, *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1992, pp. 334-339.
- KRECH, Shepard, s.v. «Ethnohistory», in Thomas Barfield (ed.), *The Dictionary of Anthropology*, Blackwell, Oxford, 1997, pp. 160-162.
- LEWIS, I. M. (ed.), *History and Social Anthropology*, ASA Monograph-Tavistock, Londres, 1968.
- LORIGGIO, Francesco, «The Anthropology in/of Fiction: Novels About Voyages», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*, John Benjamins, Amsterdão, 1988, pp. 305-326.
- MARCUS, George E. e Michael J. Fischer, *Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*, The University of Chicago Press, Chicago, 1986.
- PIERSON, James C., «Mystery Literature and Ethnography: Fictional Detectives as Anthropologists», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, Texas Tech University Press, Lubbock, 1989, pp. 15-30.
- POYATOS, Fernando (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*, John Benjamins, Amsterdão, 1988.

- , «Literary Anthropology: Toward a New Interdisciplinary Area», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*, John Benjamins, Amesterdão, 1988, pp. 3-49.
- PRATT, Mary Louise, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, Routledge, Londres, 1992.
- RAPPORT, Nigel, s.v. «Gossip», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 266-267.
- , *Transcendent Individual: Towards a Literary and Liberal Anthropology*, Routledge, Londres, 1997.
- ROSNOW, Ralph L. e Gary Alan Fine, *Rumor and Gossip: The Social Psychology of Hearsay*, Elsevier, Nova Iorque, 1976.
- SAID, Edward W., *Orientalism*, Pantheon Books, Nova Iorque, 1978.
- SANJEK, Roger, s.v. «Ethnography», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 193-198.
- SAX, William S., «The Hall of Mirrors: Orientalism, Anhropology, and the Other», *American Anthropologist*, vol. 100, n.º 2, Junho de 1998, pp. 292-301.
- SCARPA, Marie, *Le Carnaval des Halles: Une Ethnocritique du Ventre de Paris de Zola*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 2000.
- SCHMITT, J.-C., «L'Anthropologie Historique», in Pierre Bonte e Michel Izard (eds.), *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1992, pp. 338-339.
- STALLAERT, C., «Second-Generation Spanish Return Migration from Belgium», in Eugene Roosens (ed.), *Migration*, n.º 15: *The Insertion of Allochtonous Youngsters in Belgian Society*, 1992, pp. 39-54.
- STRAHAN, Lachlan, *Australia's China: Changing Perceptions from the 1930s to the 1900s*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.
- THOMAS, Nicholas, s.v. «History and Anthropology», in Alan Bernard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 272-277.

TONKIN, Elizabeth *et al.* (eds.), *History and Ethnicity*, Routledge, Londres, 1989.

WHITAKER, Mark P., s.v. «Relativism», in Alan Barnard e Jonathan Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge, Londres, 1996, pp. 478-482.

WHITLARK, James S., «Vonnegut's Anthropology Thesis», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*, Texas Tech University Press, Lubbock, 1989, pp. 77-86.

WINNER, Thomas G., «Literature as a Source for Anthropological Research: The Case of Jaroslav Hašek's *Good Soldier Švejk*», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*, John Benjamins, Amsterdão, 1988, pp. 51-62.

#### 4. OBRAS LITERÁRIAS

ANDREWS, David J., *Lobster Calypso*, Authors Online, Hertford, 2003.

ANÓNIMO, *The Fair Chinese Maid; a Tale of Macao, in Rhyme, by an Officer in China*, Joseph Thomas, Londres, 1842.

AGUIAR, João, *Os Comedores de Pérolas*, Asa Editores, Porto, 2002.

AUDEN, W. H., *Collected Poems*, introdução e notas de Edward Mendelson, Faber and Faber, Londres, 1991.

BESSA-LUÍS, Agustina, *A Quinta Essência*, Guimarães Editores, Lisboa, 1999.

BETTY, *Intercepted Letters: A Mild Satire on the Hongkong Society*, Kelly & Walsh, Hong Kong, 1905.

BORGES, Maria Pacheco, *Chinesinha*, Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, Macau, 1995.

BROOME, Susannah, *The Pearl Pagoda*, William Heinemann, Londres, 1980.

CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, edição organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1987.



- CARMO, Maria Helena S. R. do, *Uma Aristocrata Portuguesa no Macau do Século XVI: Nónha Catarina de Noronha*, Inquérito/Fundação Jorge Álvares, Lisboa, 2006.
- CEIA, Carlos, *O Professor Sentado: Um Romance Académico*, Edições Duarte Reis, Lisboa, 2004.
- CENCI, Beatrice, *An Historical Novel of the Sixteenth Century*, tradução de C. A. Scott, s./e., Londres, 1858.
- CLARK, Tom, *Empire of Skin*, Black Sparrow Press, Santa Rosa, 1997.
- CLAVELL, James, *Noble House*, Delacorte Press, Nova Iorque, 1981.
- , *Shōgun*, Hodder & Stoughton, Londres, 2002.
- , *Tai-Pan*, Hodder & Stoughton, Londres, 2002.
- CONCEIÇÃO, Deolinda da, *Cheong-Sam: A Cabaia*, Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, Macau, 1995.
- ELWOOD, Muriel, *Heritage of the River: An Historical Novel of Early Montreal*, John Long, Londres, 1948.
- FERNANDES, Henrique de Senna, *Amor e Dedinhos de Pé*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1994.
- , *Nam Van: Contos de Macau*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1997.
- FLEMING, Ian, *Thrilling Cities*, Jonathan Cape, Londres, 1963.
- GAAN, Margaret, *Red Barbarians*, John Murray, Londres, 1984.
- GAMA, Arnaldo, *A Última Dona de S. Nicolau*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1937.
- GOETHE, Johann W., *Os Anos da Aprendizagem de Wilhelm Meister*, 2 vols., tradução para português de Paulo Osório de Castro, prefácio, notas e tradução das canções por João Barrento, Relógio d'Água, Lisboa, 1998.
- GREENE, Graham, *Travels with My Aunt*, Penguin Books, Londres, 1993.

GUNNISON, Charles A., «In Macao», in *Wright American Fiction*, vol. 3, Press of Commercial Publications, São Francisco, 1892, pp. 7-33.

HARDING, Bertita Leonarz de, *Farewell 'Toinette. A Footnote to History*, Bobbs-Merrill, Indianapolis, 1938.

HARRIS, S. M., *Dust of the World. Historical Novel of Belfast in the Seventeenth Century*, George Allen, Londres, 1913.

HARTLEY, L. P., *The Go-Between*, Penguin Books, Harmondsworth, 1998.

HOMERO, *Odisseia*, tradução de Frederico Lourenço, Livros Cotovia, Lisboa, 2003.

INSO, Jaime do, *A Caminho do Oriente*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1996.

JOLLIE, G. H., *The Edge of the World: Translations from the Chinese and Some Additional Poems*, Tipografia Mercantil de Nicolau Tolentino Fernandes & Filhos, Macau, 1949.

JUST, Ward, «The Short War of Mr and Mrs Conner», in *The Congressman Who Loved Flaubert: 21 Shortstories and Novellas*, Houghton Mifflin, Nova Iorque, 1998, pp. 167-177.

LEEUEW, Hendrik de, *Cities of Sin*, Willey Book Company, Nova Iorque, 1945.

LILUS, Aleko E., *I Sailed with Chinese Pirates*, Oxford University Press, Oxford, 1991.

LITTLE, Mrs. Archibald, *The Land of the Blue Gown*, T. Fisher Unwin, Londres, 1902.

—, *A Millioner's Courtship*, T. Fisher Unwin, Londres, 1906.

MAUGHAM, Somerset, *On a Chinese Screen. Sketches of Life in China*, William Heinemann, Londres, 1922.

MO, Timothy, *An Insular Possession*, Picador-Pan Books, Londres, 1987.

—, *The Monkey King*, Paddleless, Londres, 2000.

—, *The Redundancy of Courage*, Paddleless, Londres, 2002.

MOORE, Donald G., *White Lotus*, iUniverse, Lincoln, 2004.

- MORE, Sir Thomas, *Utopia*, tradução, introdução e notas de Robert M. Adams, W. W. W. Norton, Nova Iorque, 1975.
- PRINCE, Jack Harvey, *The Mad Priest of Rome, An Historical Novel or Fictional Documentary*, Minerva, Washington, 1994.
- RAYMOND, Vicky, *Selected Poems*, Carcanet Press, Londres, 1993.
- ROUSE, Anne, *Sunset Grill*, Bloodaxe Books, Newcastle upon Tyne, 1993.
- SCOTT, Sir Walter, *The Waverley Novels*, introdução e notas de Andrew Lang, 24 vols., Macmillan/The Border Edition, Londres, 1901-1930.
- , «Prefatory Letter from the Reverend Doctor Dryasdust of York to Captain Clutterbuck, Residing at Fairy-Lodge, Near Kennaquhair, N. B.», in *Peveril of the Peak*, J. M. Dent, Londres, 1932, pp. 34-44.
- SHAKESPEARE, William, *Anthony and Cleopatra*, notas e introdução de M. Ridley, Methuen, Londres, 1975.
- , *Macbeth*, introdução e notas de Kenneth Muir, Methuen, Londres, 1977.
- STONE, Jeffrey e Louise Little, *Letters to Rainbow: A Romantic Adventure Novel*, iUniverse, Lincoln, 2004.
- SUYIN, Han, *The Enchantress*, Sidgwick & Jackson, Londres, 1985.
- THOMLINSON, Charles, *Skywriting and Other Poems*, Ivan R. Dee, Chicago, 2003.
- THOMSON, J., *The Straits of Malacca, Indo-China and China or Ten Years' Travels, Adventures and Residence Abroad*, Sampson Low, Londres, 1875.
- TOJAL, Altino do, *Histórias de Macau*, Campo das Letras, Porto, 1998.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*, tradução para inglês de Deborah Nickson e revisão de John Freeman, Fundação Oriente, Lisboa, 1995.
- VIZENOR, Gerald, *Hotline Healers*, Wesleyan University Press, Londres, 1997.
- WISE, Michael e Mun Him Wise (eds.), *Traveller's Tales of the South China Coast*, Times Books International, Singapura, 1986.

## 5. OBRAS DE REFERÊNCIA

ALBUQUERQUE, Luís de (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols., Editorial Caminho, Lisboa, 1994.

BREWER, Ebenezer Cobham, *The Wordsworth Dictionary of Phrase and Fable*, Wordsworth Editions, Ware, 1994.

BROWN, Jules e Sophy FISHER, *The Rough Guide to Hong Kong & Macau*, Rough Guides, Nova Iorque, 2002.

CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Robert Laffont/Éditions Jupiter, Paris, 1993.

CLEMENS, Jöcke (org.), *Encyclopedia of Saints*, Alpine Fine Arts Collection, Londres, 1995.

COSTA, Padre Avelino de Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, Instituto de Paleografia e Diplomática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

COULING, Samuel, *The Encyclopaedia Sinica*, Oxford University Press, Oxford, 1991.

DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., introdução de Joseph M. Piel, reimpressão da edição original de Coimbra, 1919 e 1921, feita sobre o exemplar da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Helmut Buske Verlag Hamburg, Glückstadt, 1982.

DINGWALL, A. (ed.), *Traveller's Literary Companion to South-East Asia*, In Print Publishing, Brighton, 1994.

DRABBLE, Margaret (ed.), *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford University Press, Oxford, 2000.

DUNMORE-LEIBER, Leslie (ed.), *Book Review Digest: Author/Title Index 1905-1974*, vol. 1: A-D, The H. W. Wilson Company, Nova Iorque, 1976.

EMBREE, Ainslie T. (dir.), *Encyclopedia of Asian History*, 4 vols., Macmillan Library Reference, Old Tappan-New Jersey, 1988.

FARBERT, Evan Ira et al. (eds.), *Combined Retrospective Index to Book Reviews in Scholarly Journals 1886-1974*, vol. 2, Carrolton Press, Arlington-Inverness, 1980.

FARMER, David Hugh, *The Oxford Dictionary of Saints*, Oxford University Press, Oxford, 1987.

HAYFORD, Charles W., *World Bibliographical Series: China*, Clio Press, Oxford, 1997.

HUCKER, Charles R., *A Dictionary of Official Titles in Imperial China*, SMC Publishing, Taipé, 1995.

KENYON, J. P., *The Wordsworth Dictionary of British History*, Wordsworth Editions, Ware, 1995.

LANIGAN, Jane, s.v. «Burma/Myanmar», in Jennifer Speake (ed.), *Literature of Travel and Exploration: An Encyclopedia*, vol. 1, Fitzroy Dearborn, Nova Iorque, 2003, pp. 144-146.

LEÃO, Francisco G. Cunha, *Macau e o Oriente na Biblioteca da Ajuda*, Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Património Arquitectónico e Biblioteca da Ajuda, Macau, 1998.

LOCHER, Frances C. (ed.), *Contemporary Authors: A Bio-Bibliographical Guide to Current Writers in Fiction, General Nonfiction, Poetry, Journalism, Drama, Motion Pictures, Television, and Other Fields*, vol. 102, Gale Research Company, Detroit, 1981.

MENTE, Boye Lafayette De, *NTC's Dictionary of China's Cultural Code Words*, NTC Publishing Group, Lincoln Wood, 1996.

MORAIS, Carlos Alexandre de, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa 1498-1962*, Editorial Estampa, Lisboa, 1997.

*New Encyclopædia Britannica: Macropædia (The)*, Encyclopædia Britannica, Chicago, 1993.

OLSEN, Brad, *World Stompers: A Global Travel Manifesto*, CCC Publishing, São Francisco, 2001.

PARRY, Melanie (ed.), *Chambers Biographical Dictionary*, Chambers, Edimburgo, 1997.

ROOM, Adrian, *Placenames of the World: Origins and Meanings of the Names for over 500 Natural Features*, MacFarland, Jefferson, 2003.

SANTOS, Isaú, *Macau e o Oriente nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1995.

—, *Macau e o Oriente no Arquivo Histórico Ultramarino*, 2 vols., Instituto Cultural de Macau, Macau, 1997.

SCHELLINGER, Paul (ed.), *Encyclopedia of the Novel*, 2 vols., Fitzroy Dearborn, Londres, 1998.

SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, 6 vols., Livraria Figueirinhas, Porto, 1992.

TARBET, Gary C. e Barbara Beach (eds.), *Book Review Index: A Master Cumulation 1965-1984*, vol. 2, Gale Research Company, Detroit, 1985.

WHITCOMB, Bill, *The Magician's Companion: A Practical Encyclopedic Guide to Magical & Religious Symbolism*, Llewellyn Publications, St. Paul, 2004.

WHITCOMB, Vanessa Lide e Michael Benson, *The Complete Idiot's Guide to Modern China*, Penguin Books, Nova Iorque, 2003.

WILLIAMS, Samuel Wells, *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language*, American Presbyterian Mission Press, Xangai, 1874.

YULE, Henry e Arthur C. Burnell, *Hobson Jobson: The Anglo-Indian Dictionary*, Wordsworth Editions, Ware, 1996.

## 6. WEBIBLIOGRAFIA GERAL

<<http://www.catalogue.nla.gov.au>> (visionado a 03-06-2002).

<<http://www.conted.ox.ac.uk/courses>> (visionado a 12-02-2005).

<<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>> (visionado a 24-09-2005).

<[http://www.ifl.pt/dfmp\\_files/utilitarismo.pdf](http://www.ifl.pt/dfmp_files/utilitarismo.pdf)> (visionado a 13-11-2005).

<<http://www.macauheritage.net>> (visionado a 10-10-2005).

<<http://www.visittunbridgewells.com>> (visionado a 27-06-2004).

<<http://www.willamette.edu/cla/complit>> (visionado a 12-02-2005).

Esta edição de *A WORLD OF EUPHEMISM. REPRESENTAÇÕES DE MACAU NA OBRA DE AUSTIN COATES: CITY OF BROKEN PROMISES* ENQUANTO ROMANCE HISTÓRICO E *BILDUNGSROMAN FEMININO*, de Rogério Miguel Puga, foi composta, impressa e brochada para a Fundação Calouste Gulbenkian nas Oficinas de Artes Gráficas de Barbosa & Xavier, Lda. – Braga.

Maio de 2009

Depósito Legal n.º 292069/09

ISBN 978-972-31-1290-0